UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
INSTITUTO DE ESTUDOS EM SAÚDE COLETIVA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA
DOUTORADO EM SAÚDE COLETIVA

ALAN CAMARGO SILVA

"LIMITES" CORPORAIS E RISCO À SAÚDE NA MUSCULAÇÃO: Etnografia Comparativa Entre Duas Academias de Ginástica Cariocas

Rio de Janeiro

2014

Alan Camargo Silva

"LIMITES" CORPORAIS E RISCO À SAÚDE NA MUSCULAÇÃO: Etnografia Comparativa Entre Duas Academias de Ginástica Cariocas

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito para obtenção do grau de doutor.

Orientadora: Profª. Drª. Jaqueline Ferreira

Rio de Janeiro

2014

S586 Silva, Alan Camargo.

"Limites" corporais e risco à saúde na musculação: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas / Alan Camargo Silva. – Rio de Janeiro: UFRJ / Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, 2014.
446 f.: il.; 30 cm.

Orientadora: Jaqueline Ferreira.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, 2014.

Referências: f. 388-430.

1. Reflexividade. 2. Etnografia. 3. Risco sanitário. 4. Imagem corporal. 5. Educação física . I. Ferreira Jaqueline, orient. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva. III. Título.

CDD 613.7

FOLHA DE APROVAÇÃO

Alan Camargo Silva

'LIMITES' CORPORAIS E RISCO À SAÚDE NA MUSCULAÇÃO: ETNOGRAFIA COMPARATIVA ENTRE DUAS ACADEMIAS DE GINÁSTICA CARIOCAS

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Saúde Coletiva.

Aprovada em 08/12/2014.

Profª. Drª. Jaqueline Terezinha Ferreira, IESC/UFRJ

Profª. Drª. Elaine Reis Brandão, IESC/UFRJ

Prof. Dr. Veriano de Souza Terto Junior, IESC/UFRJ

Prof. Dr. Luiz Fernando Rojo Mattos, PPGA/UFF

Profª. Drª. Sílvia Maria Agatti Lüdorf, PPGEF/UFRJ

DEDICATÓRIA

A Sônia Camargo, pessoa que me deu todo tipo de base: minha mãe.

A Aline Lopez, mulher que reina a minha vida: minha esposa e eterna companheira.

E a todos aqueles que entendem o momento que vivo...

AGRADECIMENTOS

Na verdade, sempre fui acostumado em agradecer mais com “atos” do que com “palavras”, no entanto, aqui é um momento especial...

A Deus por ter me oferecido segurança, serenidade e empenho para enfrentar os momentos adversos da minha vida.

Ao Instituto de Estudos em Saúde Coletiva que atende com “excelência” não somente o âmbito da Pós-Graduação e da pesquisa, mas também o Ensino e a Extensão. Sinto-me extremamente honrado por ter vivenciado este espaço!

A minha orientadora Jaqueline Ferreira por ter me acolhido nesses últimos anos, sempre à inteira disposição para o diálogo e constantemente me apoiando e me ensinando no desenvolvimento da pesquisa. Um “simples” obrigado é pouco para quem ajudou a transformar a minha visão de mundo das “academias”!

A todos os professores da pós-graduação do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva que depositaram confiança em mim e que demonstraram o que é “ser” um professor e um pesquisador em Saúde Coletiva. Em especial, os meus sinceros e carinhosos agradecimentos a professora Elaine Brandão que me fez “tomar gosto” e ter “aberto os meus olhos” para o campo das Ciências Humanas e Sociais em Saúde.

Ao professor Veriano que foi fundamental no meu “olhar” para algumas questões do meu trabalho, bem como aos professores Luiz Rojo e Cesar Sabino que contribuíram sobremaneira para a minha pesquisa no que diz respeito ao “mundo da Antropologia” e aos “ofícios da etnografia”.

Aos funcionários e a equipe técnico-administrativa dedicados nas suas funções e sempre dispostos para o crescimento do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva.

A todos os colegas do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva e do Núcleo de Estudos Sociocorporais e Pedagógicos em Educação Física e Esportes que me apoiaram e acreditaram nos meus desejos pessoais e acadêmico-profissionais. Agradeço as inúmeras “trocas” de experiências!

A minha ex-orientadora do mestrado, professora Sílvia Lüdorf, que desde 2006 lida com as minhas inquietações acadêmicas e de vida. Agradeço o incessante crescimento “pessoal” e as inúmeras parcerias de “pesquisa” que me tornam “melhor” a cada ano que passa.

A todas as Instituições que me acolhem profissionalmente pela vivência prática e pelos auxílios de quando eu precisei.

Por último, porém não menos importantes, aos “pesquisados” que foram solícitos durante o trabalho de campo, contribuindo para elaboração deste estudo.

“O treinamento pode beirar o risco, brincar com o fora de limite, comprometer o ilícito.”

(VIGARELLO, 2008, p. 248)

“Os limites de si mesmo distendem-se com um prazer que é exatamente proporcional ao risco de perecer.”

(LE BRETON, 2009, p. 119)

RESUMO

SILVA, Alan Camargo. **“Limites” corporais e risco à saúde na musculação**: etnografia comparativa entre duas academias de ginástica cariocas. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Pautado pela perspectiva antropológica do interacionismo simbólico, o presente estudo utilizou o método etnográfico com o objetivo de conhecer as concepções e as estratégias relativas aos “limites” corporais de professores de Educação Física e de alunos, no setor da musculação de duas academias de ginástica, onde foi realizada a observação participante durante um ano. Entendendo “limites” corporais como a forma com que os sujeitos lidam com qualquer possível impedimento determinante para a realização da prática corporal, os cenários escolhidos foram, em uma perspectiva comparativa, duas academias de ginástica em bairros distintos socioeconômica e culturalmente na cidade do Rio de Janeiro: uma academia de pequeno porte no bairro popular da Cidade de Deus e outra de grande porte no bairro nobre da Barra da Tijuca. Os achados e as conclusões apontaram alguns aspectos singulares e determinantes que atravessam ambas as academias de ginástica para se compreender a diversidade de concepções entre professores de Educação Física e alunos acerca dos corpos no “limite” e dos possíveis riscos à saúde.

Palavras-chave: Reflexividade. Etnografia. Risco Sanitário. Imagem Corporal. Educação Física.

ABSTRACT

SILVA, Alan Camargo. **Corporal "limits" and risk to health in weight training:** comparative ethnography between two carioca fitness centers. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Based on an anthropological perspective of the symbolic interactionism, this research used the ethnographic method with the aim to know the conceptions and strategies related to corporal "limits" of physical education teachers and students, in aweight training sector at two fitness centers, doing a participate observation through one year. In this study, the terms corporal "limits" are comprehended like a way that people deal with some probable impediment related to the realization of the physical activity. Thus, two fitness centers in two different neighborhoods in Rio de Janeiro were selected and analyzed in a comparative way: a small fitness center located in a popular neighborhood called Cidade de Deus and bigger one in a noble neighborhood called Barra da Tijuca. The results present some unique and important aspects of the two fitness centers, with a variety of conceptions between physical education teachers and students about their bodies and its "limits", and the probable risks to health.

Keywords: Reflexivity. Ethnography. Health Risk. Body Image. Physical Education.

LISTA DE ANEXOS

Anexos		Páginas
1	**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....**	431
2	**PROSPECTO DA ACADEMIA DE GINÁSTICA "P".....**	432
3	**PROSPECTO DA ACADEMIA DE GINÁSTICA "G".....**	434
4	**LETRAS DE MÚSICAS DE APOLOGIA AO USO DE ANABOLIZANTES.....**	435

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras		Páginas
1	**Térreo da academia de ginástica “P”.....**	129
2	**Primeiro andar da academia de ginástica “P”.....**	131
3	**Segundo andar da academia de ginástica “P”.....**	134
4	**Recepção da academia de ginástica “G”.....**	153
5	**Setor aeróbio e musculação da academia de ginástica “G”.....**	155
6	**Hall da academia de ginástica “G”.....**	162

SUMÁRIO

Página

1. CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS.....

1.1 Aproximações etnográficas de um professor de Educação Física e a escolha do objeto de estudo..... 15

1.1.1 Da universidade à vivência teórico-prática no mercado de trabalho..... 18

1.1.2 A iniciação na vida acadêmica..... 20

1.1.3 O exercício de proximidade e de distanciamento no fazer etnográfico.... 22

1.2 Justificativa e os objetivos do estudo..... 27

1.3 Organização geral do estudo: estrutura da tese..... 42

2. "CORPO" TEÓRICO.....

2.1 A Escola de Chicago e o interacionismo simbólico: contribuições para o pensamento e prática na Saúde..... 44

2.2 Enfoques sobre o corpo em exercício..... 52

2.2.1 Corpos "na saúde e na doença"..... 56

2.2.2 Corpos "na beleza e na feiúra"..... 60

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....

3.1 A delimitação do universo empírico..... 65

3.1.1 A seleção das academias de ginástica "P" e "G"..... 65

3.1.2 A seleção dos sujeitos das academias de ginástica "P" e "G"..... 71

3.2 O uso das técnicas de pesquisa..... 73

3.3 Entre corpos nas academias de ginástica: pesquisador-alunos(as) e pesquisador-professores(as)..... 79

3.3.1 Aluno..... 83

3.3.2 Estagiário e professor de Educação Física..... 86

3.3.3 Supervisor da academia de ginástica e da profissão..... 92
3.3.4 “O cara” ou “o boiola”..... 96
3.3.5 “O doutor”..... 100
3.3.6 “O policial”..... 101
3.3.7 “O branquelo”..... 104
3.3.8 “O funcionário da manutenção” e “o *paparazzo*”..... 108

3.4 Aspectos éticos..... 113

4. EU “TÔ” NO “LIMITE” E VOCÊ?.....
4.1 Fábricas, oficinas ou usinas de corpos: do exterior ao interior das academias de ginástica..... 114
4.1.1 Academia de ginástica “P” do bairro popular da Cidade de Deus..... 122
4.1.2 Academia de ginástica “G” do bairro nobre da Barra da Tijuca..... 143

4.2 A construção das noções de “limites” corporais pelos professores de Educação Física e alunos..... 165
4.2.1 Dores corporais..... 172
4.2.1.1 Dores agudas e crônicas: entre a lesão e a cura..... 175
4.2.1.2 Dores de sacrifícios e sofrimentos corporais: entre o malhar e o treinar..... 204
4.2.1.3 Dores de mal-estares: entre o remediar e o prevenir..... 290

4.3 As estratégias utilizadas pelos professores de Educação Física e alunos para superar ou potencializar os “limites” corporais..... 312
4.3.1 Conjugando o verbo “tomar” nas academias de ginástica..... 312
4.3.1.1 Usos de suplementos alimentares: entre a vitalidade do “pó artificial” e o valor do “pó natural”..... 315
4.3.1.2 Usos de anabolizantes: entre a “bomba” e a “reposição “hormonal”..... 341

5. IN(CORPO)RANDO OS “LIMITES” NA SÍNTESE DOS ACHADOS: RUMO ÀS CONCLUSÕES E ÀS RECOMENDAÇÕES DO ESTUDO..... 379

6. REFERÊNCIAS..... 388

7. ANEXOS..... 431

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

1.1 Aproximações etnográficas de um professor de Educação Física e a escolha do objeto de estudo

O delineamento do meu estudo se desenvolve a partir de um professor de Educação Física, enveredado pela linha antropológica em saúde, que constitui uma das subáreas da Saúde Coletiva[1], utilizando-me do método etnográfico; por isso, me denomino em alguns momentos de "etnógrafo". Peirano (1992) frisa que nem todo bom antropólogo é necessariamente etnógrafo tendo em vista o nível de inclinação à pesquisa de campo, imersão ao qual me propus neste trabalho.

O diferencial do trabalho do antropólogo está direta e amplamente relacionado (mas não somente) ao emprego do método etnográfico. De forma ampla, tendo em vista que o termo etnografia une a palavra "etno", que significa "gente" ou "pessoas", e "grafo", que deriva "escrita" (SILVERMAN, 2010), pode-se afirmar que a premissa básica é a capacidade do pesquisador estabelecer relações sociais com determinados grupos de pessoas e descrevê-las. Contudo, a perspectiva intelectual que caracteriza o empreendimento etnográfico deste trabalho parte da elaboração da descrição densa de Geertz (1989) em que é necessário destacar o que o indivíduo está vivenciando em uma leitura interpretativa de dada cultura a partir do ponto de vista do pesquisado. Considero, portanto, que o pesquisador é parte integrante da pesquisa e realiza uma "interpretação de segunda e terceira mão" (GEERTZ, 1989), processo este particular ao ofício antropológico que, para Lévi-Strauss (2003), possui justamente a pretensão de apreender a lógica interna dos nativos.

Dessa forma, ajustar o foco e o ângulo de onde se observa a partir do perfil do pesquisador é uma estratégia interessante, ao menos, evidente e necessária para o trabalho etnográfico. A questão da pertinência ou da possibilidade de "distância" do pesquisador com o seu objeto de estudo como uma condição para a análise antropológica ainda é amplamente discutida (MAGNANI, 2002 e 2009), pois, mais do que uma análise individualista, é

---

[1] Nunes *et al*. (2010) identificaram vinte e nove campos disciplinares na Saúde Coletiva, tendo uma diversidade de temáticas; destacam-se pela frequência: "Epidemiologia (16%); Ciências Humanas e Sociais em Saúde (7,9%); Didática (7,9%); Sistemas e Serviços de Saúde (7,4%); Ambiente e Saúde (7,2%); Políticas de Saúde (6,3%)." (p. 1917). Explicações mais aprofundadas sobre tais subáreas, ver Almeida Filho (2011) e especificamente acerca das Ciências Sociais na Saúde Coletiva, ver Loyola (2008 e 2012).

necessária a compreensão de uma subjetividade coletiva que atravessa a relação entre o pesquisador e seus pesquisados.

Atualmente, para uma pesquisa antropológica, sugere-se que o autor se esforce para explicitar e avaliar, de modo crítico, os possíveis elementos (inter)subjetivos que influenciariam no processo de escolha do seu objeto de estudo, bem como na construção e na análise dos dados, isto é, a capacidade de reflexividade[2] ao longo do desenvolvimento do trabalho (FINLAY, 2002). Desse modo, é imprescindível durante todo o processo etnográfico (antes, durante e depois) o pesquisador exercitar a reflexividade ou autoanálise no estudo. Parte deste processo é realizar uma autocrítica acerca das suas próprias concepções sobre o seu objeto de estudo e as próprias ações no "campo" durante as interações sociais vivenciadas ali.

Embora tal noção já tenha sido delineada e problematizada por diversas perspectivas teóricas tendo a pós-modernidade como pano de fundo (GIDDENS, 2002; BECK, 1986; BARTH, 1989), o presente trabalho se apoia na ideia de reflexividade discutida por Domingues (2002) na medida em que considera o uso do conceito marcado pela aproximação entre sujeito e objeto, visto de forma menos racionalista. Em outras palavras, isso significa que tendo em vista o panorama da contemporaneidade, em que múltiplas identidades se reconstroem a todo instante de forma mais ou menos difusa, fluida, temporária e heterogênea, o etnógrafo durante as suas interações cotidianas no campo de pesquisa se depara simbolicamente com uma complexa rede de lugares sociais. Assim, entendo que a reflexividade como uma espécie individualista de consciência de si e do outro na verdade continua limitada na sua concretude, pois tal processo se estabelece no contexto de diversas relações sociais[3]. No entanto, a perspectiva da reflexividade aqui é iluminar a prática de pesquisa mesmo que seja "[...] um processo em que ideias surgem e desaparecem, formulações sobre a vida e o destino se entrecruzam de formas contraditórias, valores distintos se manifestam, desejos e medos se sobrepõem." (DOMINGUES, 2002, p. 67).

Em termos gerais, Beaud e Weber (2007) apontam que há um consenso atual sobre determinadas condições fundamentais para a realização de uma etnografia, tais como: a

---

[2] Gaskell e Bauer (2010) apontam que o processo de reflexividade pode ser considerado justamente um indicador de confiabilidade da investigação

[3] Minayo e Guerriero (2014) apontam que "A reflexividade da pesquisa antropológica ou qualitativa deve também estar presente no relatório de pesquisa. O estudioso, por razões éticas, precisa incluir nele, além das descobertas sobre o outro ou o fenômeno que pesquisa, uma discussão sobre sua situação na interação com seu objeto. [...] Identificar e explicitar ao leitor a partir de que lugar o autor escreve é reconhecer que não existe uma pessoa que tudo enxerga, nem uma verdade única e essencial." (p. 1107).

questão do interconhecimento, a necessidade de longa permanência do etnógrafo no campo de pesquisa e, principalmente, o processo de autoanálise ou de reflexividade na pesquisa. Sobre este último aspecto, é possível ver aqui, em parte, a minha experiência construída na coletividade como professor-pesquisador face ao espaço de academias de ginástica, tendo como pano de fundo o âmbito da área de Educação Física e, por consequência, o lugar social de um profissional de saúde.

Sabe-se que antes de definir o seu objeto de estudo e, por consequência, estar se aproximando do trabalho etnográfico, o pesquisador, de forma subjetiva, já possui previamente o que Becker (2007) denomina de "quadro mental" ou que Velho (1994) chama de "mapa" sobre o campo, seja em relação aos futuros indivíduos ou aos contextos sociais que serão estudados. É inevitável que o ponto de partida de sua análise esteja relacionado à imagem e às informações prévias sobre o objeto de estudo que queira se debruçar.

Nesse contexto interativo entre sujeito-objeto, é preciso apontar que "[...] sempre atribuímos, implícita ou explicitamente, um ponto de vista, uma perspectiva e motivos às pessoas cujas ações analisamos." (BECKER, 2007, p. 33). Em termos gerais, o "olhar" do pesquisador será determinado em função do grau de distância ou proximidade daquilo que observará, já que o trabalho etnográfico, segundo Clifford (2008), é um meio sensível de produção de conhecimento por intersubjetividades.

Do ponto de vista de DaMatta (1978), pode haver uma transformação do "exótico em familiar", na qual o pesquisador sai do seu contexto social e se depara com uma realidade, a princípio, totalmente atípica, a fim de compreender a vida social (regras, valores, ideias, etc.) do grupo estudado. Em oposição, há outro movimento mais radical de transformar o "familiar em exótico", no qual o pesquisador deve exercitar a entrada na própria cultura realizando igualmente o estranhamento no encontro com o "outro". Cicourel (1980) destaca também que "A diferença entre trabalhar na própria sociedade do observador e numa sociedade estrangeira fornece o ponto de partida básico para se entender as condições nas quais as percepções e interpretações do observador ganham significado" (p. 88).

Nesse sentido, pensando na minha[4] trajetória como professor de Educação Física para o lugar de etnógrafo, estas questões são inteiramente pertinentes, pois como afirma Becker (2007), representações profissionais influenciam o tipo de causalidade que pensamos estar em

---

[4] A redação do texto será desenvolvida na primeira pessoa tanto pelo fato do vínculo indissociável entre pesquisador e objeto de estudo, quanto para ajudar a entender melhor a experiência do autor e suas considerações autorreflexivas, como Olivier de Sardan (2000) problematiza.

operação no trabalho de campo durante as interações sociais. Desse modo, há a necessidade de estranhar as situações sociais do trabalho de campo, refletindo sempre em novas possibilidades.

Antes de qualquer delineamento sobre a proposta da pesquisa, vale registrar o meu interesse pelo tema, haja vista que a identificação com o objeto de estudo perpassa indiscutivelmente de maneira subjetiva e simbólica pela vivência sociocultural do mesmo. DaMatta (1978) já referiu que há uma convergência entre "[...] a biografia com a teoria, e a prática do mundo com a do ofício." (p. 25).

Assim, diante da investigação antropológica sobre a atuação do professor de Educação Física em academias de ginástica, o meu lugar como etnógrafo é atravessado primordialmente pelas minhas experiências acadêmico-profissionais na coletividade e eivado pela "autoridade" biomédica referente à minha posição como um profissional de saúde. Por isso, em primeiro lugar, discutirei aqui o meu processo de construção identitária como pesquisador e apontarei algumas questões que me levaram a optar pelo objeto de estudo em questão[5].

O objetivo deste texto inicial é realizar uma problematização sobre a construção do objeto de estudo em um campo de pesquisa relativamente familiar para mim e a constituição da minha identidade como pesquisador. Conto como foi a minha passagem do âmbito universitário à vivência teórico-prática no mercado de trabalho em Educação Física, sobretudo no espaço da musculação em academias de ginástica. Em seguida, resgato a minha iniciação na vida acadêmica visando discutir, posteriormente, o meu atual lugar de pesquisador. Por último, destaco a constante relação entre se aproximar e se afastar do objeto de estudo a partir do meu duplo papel de professor-pesquisador sem perder de vista o *continuum* do processo de reflexividade durante as interações sociais em "campo".

1.1.1 Da universidade à vivência teórico-prática no mercado de trabalho

Em primeiro lugar, lembro que o curso de Licenciatura Plena em Educação Física ainda é significativamente centrado nos aspectos biológicos do corpo. As poucas inserções da

---

[5] A princípio, esta seção trata da primeira fase de pesquisa que DaMatta (1978) denomina de "teórico-intelectual", isto é, momento anterior da vivência do trabalho de campo de preparação abstrata e teórica do pesquisador na imersão em leituras de livros, ensaios, artigos, etc. Além disso, também suscita reflexões acerca da segunda etapa proposta por ele, intitulada "período prático", caracterizada pelo momento da antevéspera do início da pesquisa em que as teorias mais universais tentavam dar conta da futura situação de investigação. Esta última fase poderia ser traduzida como a organização do pesquisador com a finalidade de adentrar no trabalho de campo, estrategicamente, preparado para lidar com o contexto e com os sujeitos nativos.

área no campo das Ciências Humanas e Sociais me atraíam sobremaneira, pois me permitiam vislumbrar outra perspectiva de perceber os contextos sociais que envolviam a minha futura prática profissional[6]. Aos poucos, eu assumia que o comportamento dos indivíduos também era dependente de um processo de aprendizado cultural que variava de acordo com os grupos sociais (LARAIA, 2001).

Pelo fato da Educação Física possuir uma interface entre o campo da Educação e o da Saúde, a aparente polarização entre as Ciências Humanas/ Sociais e a área biomédica em que o curso se estabelecia nas aulas e na grade curricular me forneceu a possibilidade de questionar como o corpo vinha sendo concebido pelos profissionais da área. Embora recentemente haja mais conhecimentos vinculados às perspectivas socioculturais sistematizados ao longo do curso de graduação em Educação Física (VERENGUER, 2007), uma ênfase biomédica na formação profissional ainda permanece no meio acadêmico da área (DAOLIO, 1995). Constantemente, ao longo da graduação, pude perceber como determinados processos anatomofisiológicos poderiam ser construídos pelos contextos socioculturais.

Envolver-me com todo e qualquer conhecimento da graduação me permitiu ampliar, de certa maneira, espaço no mercado de trabalho depois de ter concluído o curso. Consegui ser aprovado em concursos públicos para o magistério e tive relativa abertura no mercado de trabalho no âmbito de academias de ginástica e como *personal trainer*[7] no setor da musculação. Acredito que essa pluralidade da formação me exigiu também um esforço maior por tentar abarcar múltiplos conhecimentos.

Assim, experienciei este processo de graduando ao profissional com o que Bourdieu (1982) atribui como o rito de instituição: um período de transição conflituoso, um momento liminar que permite ao indivíduo pensar sobre a sua existência face aos princípios disciplinares inerentes a determinadas funções sociais. O esforço em conhecer e trabalhar com o referencial teórico das Ciências Humanas/ Sociais e da área biomédica igualmente possibilitou desenvolver certo olhar crítico sobre a própria prática profissional em Educação Física e, em especial, no campo da Saúde.

---

[6] Embora historicamente a área tenha se ligado, de modo hegemônico, às Ciências Naturais para atuar com o corpo, foi no período da década de oitenta que o referencial das Ciências Humanas e Sociais invadiu a Educação Física proporcionando uma análise mais ampla acerca do corpo e da saúde (DAOLIO, 1998, 2003 e 2004; BAGRICHEVSKY *et al*., 2006; CARVALHO, 2005; OLIVEIRA; DAOLIO, 2011).

[7] Nesse texto, a ideia do trabalho de *personal trainer* se coaduna com perspectiva de Malysse (2007) ao se referir que é um professor de Educação Física que ministra aulas particulares em diferentes locais, no caso, em academia de ginástica, que possui a função de "guia" do corpo com o intuito de individualizar o treinamento e incentivar o aluno à prática corporal.

No contexto acadêmico-profissional em Educação Física, parecia que eu ia de encontro a certas ideias vinculadas ao indiscriminado culto ao corpo ("corpolatria"[8]) que, muitas vezes, os profissionais da área propalavam demasiadamente para seus alunos durante as interações sociais cotidianas. Na época, motivado pelo interesse voltado à saúde, cursei uma pós-graduação *Lato sensu* de Exercício Físico aplicado à Reabilitação Cardíaca e a Grupos Especiais, curso que forneceu elementos importantes para minha atuação profissional, mas ainda restritos a uma perspectiva biomédica.

Neste mesmo período, eu integrava um grupo de pesquisa ancorado nas reflexões sobre a atuação do professor de Educação Física e o corpo pela perspectiva das Ciências Humanas e Sociais. Assim, quando me deparava no cotidiano de trabalho na musculação com os outros profissionais que norteavam as suas práticas eminentemente pelas questões biológicas, questionava a minha inserção como professor de Educação Física no lugar também como profissional de saúde. Em suma, posso afirmar, portanto, que a minha trajetória da universidade à vivência teórico-prática no mercado de trabalho, e ao mesmo tempo, como professor e pesquisador iniciante, se estabeleceu a partir das tensões (ou de pseudo-dicotomias) entre o "biológico" e o "social" na atuação acadêmico-profissional em Educação Física.

1.1.2 A iniciação na vida acadêmica

Como resultado do meu aprendizado em pesquisa, fomentado pelo grupo de estudos supracitado, os trabalhos com foco no professor foram se concretizando. Inicialmente, tive como objetivo conhecer e discutir as concepções de corpo que os graduandos em Educação Física possuíam, procurando investigar de que forma se relacionariam à prática profissional (SILVA *et al*., 2009; SILVA *et al*., 2011). Depois, me dediquei a investigar e discutir de que maneira os professores de Educação Física atuantes em academias de ginástica lidavam com o corpo contemporâneo, especificamente a valorização da estética, tendo em vista as interfaces com a prática profissional (FREITAS *et al*., 2008; FREITAS *et al*., 2011a). Nesse tempo, também participei de trabalhos que focassem as relações entre as noções de corpo e o

---

[8] Significa o exacerbado desejo de cultuar o corpo à luz de modelos físicos ideais, um sistema normativo de valorizar a imagem/ aparência corporal (MALYSSE, 2007; SAUTCHUK, 2007). Castro (2010) esclarece que o "Culto ao corpo é entendido como toda forma de cuidado com a apresentação corporal que busque a aproximação do padrão de beleza estabelecido socialmente, envolvendo não só a prática de atividade física, mas o consumo de cosméticos, alimentos da linha *light* e moda." (p. 161).

professor de Educação Física no âmbito escolar. Minhas produções bibliográficas foram na área de Educação Física se referindo às relações entre corpo e o professor de Educação Física, pesquisas que constantemente cruzaram, de forma inevitável, com o meu olhar como profissional.

Posteriormente, ingressei no curso de Mestrado em Educação Física. Embora a área de concentração do mestrado estivesse vinculada à Biodinâmica do Movimento Humano e, por consequência, implementada com disciplinas eminentemente da área biomédica, tive que buscar referenciais que abordassem o corpo e a saúde na ótica das Ciências Humanas e Sociais. Tal fato se justificou pelo meu objeto de estudo estar associado às questões socioculturais em detrimento do "olhar biologizante" sobre o corpo e a saúde.

Meus estudos neste período eram relativos às minhas indagações sobre o processo de trabalho, mas que, no fundo, o que eu estava buscando (ou ainda busco) era a reflexividade sobre a minha própria prática profissional. A minha intenção inicial de pesquisa no mestrado foi analisar a eventual particularidade de envelhecer na profissão de Educação Física e os significados atribuídos ao corpo (SILVA; LÜDORF, 2010). Na medida em que a dissertação evoluía (SILVA, 2011), meu foco foi se deslocando para investigar como e quais eram os significados atribuídos à saúde que emergiam nas relações entre o envelhecimento do professor de Educação Física e seu próprio corpo (SILVA; LÜDORF, 2012), bem como analisar e discutir de que forma o corpo e a saúde emergiam ou não nas relações entre o envelhecimento do professor de Educação Física e sua prática profissional (SILVA; PALMA; LÜDORF, 2013). Ainda tive a oportunidade de explorar a possível influência do passar dos anos do professor de Educação Física no seu perfil de prática profissional (SILVA; LÜDORF, 2013).

Tais indagações sobre o envelhecimento do professor de Educação Física foram substancialmente construídas a partir de um projeto de pesquisa que estava em curso no grupo de estudos a qual eu era vinculado. Como eu já tinha vivenciado a prática de pesquisas que abordassem o professor de Educação Física ainda em sua formação inicial e na sua atuação profissional em diferentes âmbitos de trabalho, experienciei um momento positivo em entender como tal profissional lidava com as questões relativas ao corpo e à saúde durante o seu processo de envelhecimento.

O contato com o referencial teórico-metodológico das Ciências Humanas e Sociais em outros cursos de pós-graduação me incentivou a continuar com os estudos sobre o corpo, a saúde e a prática profissional do professor de Educação Física. Desde então, estimulado por

determinados achados da pesquisa delineada no mestrado, houve a motivação em me aprofundar em algumas destas questões no Doutorado em Saúde Coletiva.

Contudo, baseando-me em Crapanzano (1994), me deparava com a ideia de que a inserção do etnógrafo em um campo familiar e cujo local dominava, levantaria suspeita da autenticidade, verdade ou da minha capacidade de aplicar o método etnográfico no mesmo. Entretanto ao mesmo tempo, tinha presente a ideia de que "[...] nenhum método científico soberano ou instância ética pode garantir a verdade [...]" (CLIFFORD, 2008, p. 19). Entendo que parte da complexidade do empreendimento etnográfico se deve aos múltiplos lugares do pesquisador em diferentes contextos sociais, o que me permitiram repensar as minhas ações profissionais e acadêmicas.

DaMatta (2010) aponta a importância de buscar questionar a subjetividade e a carga afetiva dentro da rotina intelectualizada da etnografia, isto é, trabalhá-las como um dado sistemático da situação de pesquisa. Mais do que pensar na inviabilidade da pesquisa, era tratar a minha experiência profissional como um dado em diálogo com os achados encarnado no lugar de etnógrafo que, de acordo com Goldman (2005), deveria ser feito com cuidados necessários.

Assim, de forma semelhante à vivência relatada por Mariante Neto e Stigger (2011), percebia que, ao longo do tempo, o espaço profissional onde atuava como professor acabava se tornando, efetivamente, matéria-prima para uma análise científica, fazendo me indagar sobre a minha atuação tanto docente quanto acadêmica. Ainda preocupado com a atuação do professor de Educação Física, resolvi empreender um estudo em academias de ginástica, especificamente nos setores da musculação, pois estes espaços mostram-se como um campo privilegiado para analisar as questões simbólicas sobre o corpo e saúde na interação das relações sociais da contemporaneidade, me atraindo, consideravelmente, como objeto de estudo.

1.1.3 O exercício de proximidade e de distanciamento no fazer etnográfico

As tensões entre o "biológico" e o "social" na atuação acadêmico-profissional em Educação Física vivenciadas por mim iam ao encontro de referenciais bibliográficos: do ponto de vista de Latour (2004), eu teria acabado de descobrir o indivíduo como um ser híbrido entre o natural e o social; ou ainda, de maneira semelhante, seguindo esse sentido, o *homo duplex* de Durkheim (SHILLING; MELLOR, 1998). À esteira desta discussão, talvez

Mauss (2003) também me diria sobre a necessidade de compreender o ser humano como um "homem total".

Assim, em concomitância à minha vida acadêmica, antes de entrar para o curso de doutorado, eu vinha atuando no âmbito de academias de ginástica e como *personal trainer* na musculação até o ano anterior, imerso em discussões, investigações e indagações sobre as relações potenciais que se desenvolvem, especificamente, sobre os valores sociocorporais[9] na atuação do professor de Educação Física. Totalizei seis anos de vivência em academias de ginástica, sendo dois anos de estágios e quatro anos como professor formado no setor da musculação. Vale frisar que nunca tive experiência de ser aluno de academia de ginástica. Sabe-se que se o etnógrafo estiver muito próximo do seu objeto de estudo, privilegia-se certo "afastamento" no sentido de ver "outras coisas" que não necessariamente aquelas atreladas à vivência antes da pesquisa. Por isso, visando obter um estranhamento sobre o meu antigo âmbito de trabalho, optei por romper os vínculos profissionais em academias de ginástica, embora soubesse que tal estratégia não seria plena no que diz respeito a entender aquele espaço de trabalho de modo "totalmente" distanciado.

No exercício de estranhamento e de reflexividade em buscar desconstruir a realidade familiar aparentemente dada, busquei revisar, de modo crítico, e relativizar, de maneira constante, a minha inserção no campo de pesquisa no âmbito de academia de ginástica. Este comportamento de "estranhar o familiar" pode ser visto como um processo de desambientação ou de distanciamento, embora saiba que tal análise calcada na reflexividade não seja tão racional assim (DOMINGUES, 2002). Desse modo, emerge um debate importante a ser feito neste trabalho, pois, se as investigações antropológicas visam compreender o "outro", torna-se fundamental refletir sobre o trabalho etnográfico quando esse "outro" é um "igual", isto é, um "professor de Educação Física pensando um professor de Educação Física". Embora o pesquisador e o nativo possam estar instalados na mesma cultura, as perspectivas de sentidos para determinados fatos serão analisados por óticas diferentes (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Sendo assim, o fazer antropológico composto pela realização de estranhamento e de identificação depende de compreender a realidade partindo do contato do pesquisador com as suas próprias emoções (CRAPANZANO, 1994).

Assim, ao mesmo tempo em que ter a marca social de ser professor de Educação Física ou de um profissional de saúde foi positivo pelo fato de, muitas vezes, entender alguns

---

[9] Aspectos estes inscritos no corpo, imbricados ao social, arraigados na cultura e assimilados, transmitidos, (re)construídos ao longo do tempo (LÜDORF, 2004).

pensamentos e ações que permeiam o "campo"; por outro, a possibilidade de não conseguir atuar como "ex-professor" e incorporar de forma enviesada o atual lugar de etnógrafo me exigiu uma vigilância constante quando eu circulava primordialmente pelos espaços da musculação. As interações sociais vivenciadas por mim nas academias de ginástica, portanto, eram marcadas aparentemente pelo meu duplo lugar de professor-pesquisador.

Nesse contexto, alguns "atalhos" e contatos para se chegar aos nativos, a aparente facilidade em acessar o campo de pesquisa, compreender o vocabulário ou a linguagem profissional[10] e entender relativamente o *modus operandi* de uma academia de ginástica favoreceram a riqueza da construção dos dados. Inclusive, o meu lugar social como professor, muitas vezes, pôde propiciar um diálogo mais simétrico ou horizontal com os profissionais acerca da prática docente, do cotidiano do trabalho e das perspectivas da própria carreira em geral, tirando proveito de possíveis situações em campo. Ademais, outro ponto facilitador na minha interação com os sujeitos foi a possibilidade de participar de situações inusitadas que sendo professor poderia ser mais fácil de vivenciar, como compartilhar dos "bastidores" do trabalho em academias de ginástica[11].

Nesse sentido, embora o estudo possa se enriquecer na medida em que é o próprio profissional de saúde que emprega o método, por já possuir determinada bagagem da profissão (TURATO, 2005), por outro lado, o meu referencial profissional também trazia aspectos limitadores para a pesquisa. Assim, de início, tive a intenção de me relacionar "bem" com os meus pesquisados no sentido de não me olharem apenas como mais um "professor de Educação Física" ou como mais um "profissional de saúde", mas como alguém que não faria "mal" a eles durante as interações sociais. Em muitas ocasiões, por exemplo, via que eu poderia ser considerado por todos ali como um "concorrente" ou "avaliador" das condutas dos meus pesquisados[12].

Desde Malinowski (1986), sabe-se que uma relação amistosa e de empatia entre o etnógrafo e o nativo eleva a credibilidade dos dados etnográficos. Tal situação inerente a

---

[10] O vocabulário de cada meio profissional é produto de toda uma história, transmitida ao longo dos anos de geração a geração. Embora haja uma determinada linguagem utilizada no cotidiano profissional, vejo que, muitas vezes, não se conhecem os porquês ou propriamente como surgiram certos termos ou expressões. Nesse sentido, Becker (1997) chama a atenção em valorizar a linguagem e buscar compreender as palavras nativas, aspectos estes fundamentais em uma pesquisa.

[11] De forma análoga, tais aspectos favoráveis ao trabalho etnográfico podem ser vistos na pesquisa de Chazan (2005) em ambiente médico.

[12] Gomes e Menezes (2008) mencionam que a suposta semelhança com os nativos pode se converter em dificuldade, pois a posição ocupada pelo pesquisador, muitas vezes, é alvo de dúvidas e desconfianças pelos pares. Zenobi (2010) argumenta que o etnógrafo pode ser acusado de "espião" ou de "infiltrado", comprometendo, assim, uma relação harmoniosa com seus informantes.

prática etnográfica ou até mesmo da vida social se coadunava justamente com o que Velho (2008) alerta: "[...] existe uma permanente possibilidade de desentendimento e desencontro nas interações entre atores sociais. Ou seja, os indivíduos desempenhando papéis estão sempre procurando expressar-se [...]." (p. 146). Nesse sentido, ser professor de Educação Física e não atuar como tal nas academias de ginástica propiciava também certo descrédito na minha *performance* durante as interações sociais, pois o meu "real lugar" ali a todo instante era "testado". Desse modo, ocorria como Goffman (2011) demonstra exaustivamente em uma série de riscos de desencontros durante o face a face ou como Strauss (1997) pondera sobre o "jogo perigoso da vida social".

Ademais, ainda existia a questão da transformação do "familiar em exótico" que se caracteriza pelo desligamento emocional devido à inerente coerção social (DaMATTA, 1978). Por exemplo, buscava estranhar todo o processo de montagem de programas de exercícios físicos da musculação, o que para mim, anos atrás, era uma situação rotineira e naturalizada. Esforçava-me para observar sistematicamente como eram as relações sociais entre os alunos, e não mais como professor querendo atendê-los ou ajudá-los na realização dos exercícios físicos; começava a notar os motivos que levavam a própria arrumação dos aparelhos de musculação no espaço físico, etc. Nesse sentido, tentava não atribuir juízos de valor ao que os pesquisados realizavam em academias de ginástica, ou ainda, analisar, de modo equivocado, os comportamentos dos nativos com base, exclusivamente, na minha bagagem pregressa como profissional da área de Educação Física que atuava no setor da musculação.

Confesso que, no início do trabalho de campo nas academias de ginástica, por vezes, achava, por exemplo, que determinado profissional era "antiético" em dadas circunstâncias, que porventura poderiam causar riscos à saúde dos alunos, como o estímulo ou a apatia perante o uso de substâncias ilícitas pelos alunos visando ganhos de massa muscular; ou ainda, a execução de alguns movimentos estapafúrdios distantes do que eu entendia a partir do referencial biomédico – leia-se prescritivo e universalista. Todavia, neste exercício de estranhamento sobre a prática de pesquisa ao longo do tempo, percebia algumas lógicas e argumentos que engendravam tais racionalidades dos sujeitos na musculação, como poderão ser vistos ao longo deste trabalho. Nessa direção, percebia a necessidade de um tempo prolongado no trabalho de campo, pois as conclusões se tornariam mais consistentes pela quantidade e variedade de informações que emergiam das interações sociais, bem como para que os pesquisados se acostumassem com a minha presença e agissem o "mais natural" possível, mesmo sabendo que eu era um participante "de fora" dos grupos (BECKER, 1997; GOLDMAN, 2005).

Outra perspectiva que deveria ser levada em consideração, independentemente da familiaridade ou afastamento do objeto de estudo, seria que as minhas supostas identidades de pesquisador precisariam ser relativizadas na interação com os pesquisados como, por exemplo, a influência do gênero, da orientação sexual, da faixa etária, da etnia, da imagem e do comportamento corporal, da classe social, etc.[13]. A depender do grau da representação sobre a minha pessoa no trabalho de campo na musculação em academias de ginástica, diversas foram as ideias que puderam ser imputadas pelas perspectivas "nativas", o que me "afetavam" diariamente durante as interações sociais. No entanto, reconheço também que "É certo que as identidades modernas se mostram cada vez mais abertas a um trabalho reflexivo que lhes permite servir a formas múltiplas de reencaixe social e contextual." (DOMINGUES, 1999, p. 30).

Dessa forma, a interpretação dos fatos observados fica relativamente atravessada pela identidade do pesquisador. A produção de conhecimento pode se moldar a partir da interação entre o pesquisador e os pesquisados em dadas circunstâncias e contingências locais, sobretudo em sociedades complexas contemporâneas em que inúmeras e complexas identidades coexistem (BARTH, 1989). Ao longo do tempo no campo de pesquisa, é razoável mencionar que a identidade do pesquisador é construída e revisitada continuamente. Assim, para se pensar o objeto de estudo, antes mesmo do trabalho de campo, fui obrigado a rever e ir em direção à ressignificação da atuação do profissional de Educação Física na musculação em academias de ginástica como pesquisador exercitando o processo de reflexividade para o trabalho etnográfico. O propósito central foi tornar o meu antigo espaço de trabalho, um campo de pesquisa, bem como os meus antigos "alunos" nos meus atuais "nativos".

Em suma, registro que a minha perspectiva teórico-metodológica e a seleção do tema passam pelo meu pertencimento sociocultural, sendo um caso de não neutralidade em que eu preciso admitir que o conhecimento é sempre limitado, parcial, relativo e provisório, porém digno de ser estudado em função da minha inserção como pesquisador. Considero, portanto, a ideia de trabalho de campo "multiposicionado", levantado por Marcus (1995), no sentido de refletir criticamente o meu papel pessoal ao longo do estudo em distintas situações com diferentes contextos e grupos sociais. Em consonância com Guedes (1997), penso também

---

[13] Estes aspectos também serão tratados posteriormente neste estudo. Crossley (2006) aponta que a gama de interações realizada em seu estudo em academia de ginástica era "limitada" pela sua "idade e sexo" como, por exemplo, conseguiu apreender, em parte, as "perspectivas femininas" por frequentar o estabelecimento com sua esposa, porém não se relacionava tanto como indivíduos mais jovens, como os adolescentes.

que, independente das minhas experiências acadêmico-profissionais ou de prévia reflexão antropológica sobre o tema, considero que cada trabalho de campo é novo.

De forma resumida, tendo em vista o processo cíclico de ação, reflexão e problematização durante a minha vida acadêmico-profissional, eu pude perceber que houve um entrecruzamento de lugares sociais ao se deparar com o objeto de estudo. Dessa maneira, destaco a importância, o esforço e a obrigatoriedade do processo de reflexividade para o trabalho etnográfico face ao processo contínuo de construção da identidade do pesquisador, no meu caso, principalmente, pelo meu duplo lugar de professor-pesquisador construído na coletividade. As discussões supracitadas concernentes à relação entre o etnógrafo com o seu objeto de estudo e o breve relato da minha trajetória como professor de Educação Física até o ingresso no Doutorado em Saúde Coletiva ilumina consideravelmente o meu trabalho de campo na musculação em academias de ginástica.

Portanto, tal discussão, que não é estranha, mas ainda é cara aos estudos antropológicos, demonstra a relevância de pontuar e tratar, como parte dos achados, o posicionamento do pesquisador em sua inserção na pesquisa. Estar consciente do *continuum* entre se aproximar e se afastar do objeto de estudo encarnado das diferentes identidades que atravessam a minha pessoa não deve ser desconsiderado, mas explorado, sistematicamente, na pesquisa à luz dos referenciais teóricos e da própria empiria delineada por um longo tempo no trabalho de campo.

1.2 Justificativa e os objetivos do estudo

Inicialmente, para apontar a relevância desta pesquisa e como os objetivos foram definidos, é preciso contemplar algumas questões que Beaud e Weber (2007) priorizam como fundamentais para esclarecer um estudo de cunho antropológico: Como surgiu a ideia? Por que estudar isso? Por que esse local? Quais foram os motivos de descartar outros assuntos?

Antes da entrada no campo de pesquisa nas academias de ginástica, algumas questões norteadoras orientavam o meu projeto de tese: de que modo os discursos de saúde e de estética corporal incorporados pelo professor poderiam interferir na sua orientação aos alunos? Ademais, em que medida o professor se posicionaria face aos alunos que porventura estariam assumindo condutas prejudiciais à saúde ao buscarem um ideal estético de corpo? Nessa direção, o objetivo geral do meu estudo era investigar como se articulavam as relações entre saúde e estética corporal para o professor de Educação Física no setor da musculação em academias de ginástica.

Logicamente, esta intenção de pesquisa foi construída a partir da minha vivência profissional pregressa, como pôde ser visto no meu processo de reflexividade antes do trabalho de campo. A minha posição profissional com os outros professores de Educação Física e alunos em academias de ginástica com os quais me relacionei durante alguns anos no setor da musculação já não "serviam" de base para empreender um estudo etnográfico, pois o meu lugar como pesquisador alterava significativamente as minhas relações com tais sujeitos.

No meu trabalho de campo, as dinâmicas das relações sociais não contemplavam as questões e o objetivo supracitados. Ao atuar como uma terceira pessoa na relação entre professores de Educação Física e alunos, seja nos momentos de prescrição de exercícios físicos ou em eventuais orientações cotidianas, percebia, por exemplo, que certas situações sociais, possivelmente elucidativas sobre o que entendiam acerca de "saúde" e de "estética", não eram tão consistentes e regulares, ou ainda, eram de cunho privado. Além disso, grande parte dos contatos entre professores de Educação Física e alunos na musculação se estabelecia para tirar dúvidas pontuais acerca de variáveis de treinamento ou até mesmo não havia qualquer contato[14]. Ademais, indico também que a alta rotatividade de alunos nas academias de ginástica foi outro fator que não favoreceu concretizar essas possíveis relações entre os significados atribuídos à "saúde" e à "estética".

Aos poucos, o meu "olhar" foi se delimitando para aquilo que começou a me chamar a atenção em ambas as academias de ginástica: as formas como os alunos se exercitavam na musculação, se doando corporalmente para a realização de práticas corporais e a atuação do professor de Educação Física neste contexto. Desse modo, o meu interesse de pesquisa foi definido no próprio trabalho de campo[15].

Assim, começava a refletir durante as interações sociais: como os professores de Educação Física e os alunos de academias de ginástica entendiam a noção de "limite" corporal? Em que medida e de que modos os professores de Educação Física e os alunos na musculação em academias de ginástica compartilhavam a ideia de superar ou ultrapassar os possíveis "limites" do corpo? Será que a concepção de "limites" corporais se constituía de

---

[14] Tal fato, para Quelhas (2012), se deve principalmente aos avanços tecnológicos dos equipamentos que dispensam, a princípio, a intervenção do profissional.

[15] O desenvolvimento de hipóteses pode ocorrer depois que já se começou a coleta dos dados (BECKER, 1997 e 2007). Víctora *et al*. (2000) concordam que as mudanças na delimitação do objeto de estudo são viáveis ao longo da pesquisa. Para Minayo (2010), grande parte das perguntas norteadoras do estudo é construída por subjetividades no próprio trabalho de campo. Goellner *et al*. (2010) lembram que "[...] mesmo que o etnógrafo entre em campo com algumas perguntas, hipóteses e teorias, é o universo empírico que vai conduzir uma investigação para saber quais as lógicas que sustentam a sua forma de funcionamento." (p. 58).

modo semelhante em diferentes perfis de academias de ginástica e do público que a frequentava? E quais seriam as possíveis estratégias que levariam a esses "limites" corporais na musculação? Há aspectos simbólicos singulares que perpassam a noção de "limite" corporal entre distintos grupos sociais de diferentes academias de ginástica? Em dado momento, em constantes releituras dos meus diários de campo, pude concluir que o corpo em academia de ginástica, sobretudo na musculação, estava constantemente em certo "limite".

Para pensar na categoria de "limite" tratada neste trabalho, precisei lembrar que desde o século XIX, a *performance* corporal vem sendo colocada como ponto central dos grupos humanos na medida em que havia a perspectiva de construção de um corpo servo de uma nação em pleno desenvolvimento urbano-industrial[16]. Ao mesmo tempo em que se privilegiava a máxima contribuição do corpo para o trabalho industrial, iniciava-se uma busca do cuidado para preservá-lo contra o excesso ou a favor de uma superação de fadiga (GÓIS JUNIOR, 2000). Vigarello (2003) pondera:

> O tema central é certamente o da eficácia mensurável, aquela traduzida pelas forças musculares, pelas velocidades e regularidades. A ginástica é instrumentalizada com a finalidade de multiplicar os números, ela se reestrutura com muita precisão para transformá-los em *perfomances* e melhorar os índices: o corpo deve produzir resultados que podem ser vistos, aferidos entre si, figuráveis no rigor de uma tabela. (p. 13)

Pautada na racionalidade técnico-científica à luz dos pressupostos eminentemente biológicos, a área de Educação Física foi considerada um instrumento de possibilitar o maior rendimento do corpo do trabalhador (MENDES, 2004). A prática corporal proporcionaria mais energia de importância indelével para maior rapidez na produção industrial da época.

No entanto, sugiro que, cada vez mais, no mundo contemporâneo, o corpo também deve ser eficaz e não somente eficiente. Tal busca pelo rendimento máximo corporal emergiu também com o impulso e o impacto do âmbito esportivo na sociedade em geral que, nas palavras de Le Breton (2011), sempre ditou uma nova moda do corpo. Assim, para se pensar nesses corpos no "limite", apropriei-me da ideia de que a área de Educação Física, majoritariamente, ainda concebe o corpo como uma máquina em que é colocado no sentido de superar os limites de recordes esportivos, acarretando em determinadas formas de educação do corpo (SILVA, 1998; VAZ, 2005; GARCIA, 2007). O tempo regido pelo cronômetro buscando a quebra de recordes vinculada à *performance* corporal é uma realidade de como a área de Educação Física lida com os sujeitos (MENDES, 2004). Vaz (2002) afirma que há

---

[16] Com efeito, "O corpo humano era percebido como uma máquina que era preciso fazer funcionar regularmente a fim de poder atingir seu potencial máximo." (VIGARELLO e HOLT, 2009, p. 428).

predominantemente uma "[...] preparação para o mundo da competição, da *performance*, da velocidade, do véu tecnológico e da maquinização do corpo. Os esportes podem ensinar a dominar melhor o corpo, a potencializá-lo para as disputas de imagens, cuja importância atual é inegável." (p. 90).

Dessa forma, durante o trabalho de campo, pude notar que alguns princípios técnico-científicos do treinamento desportivo[17], norteadores da prescrição do professor de Educação Física, eram ressignificados também, em parte, para o plano do culto ao corpo dos alunos na musculação em academias de ginástica, o que pode ser visto na ideia de "limites" corporais. Sabe-se que o treinamento desportivo estimula o corpo a estar sempre próximo de um "limite" conduzido pelos treinadores (GONÇALVES *et al*., 2012). Desse modo, sobre esta associação[18] entre o mundo esportivo e as práticas corporais em academias de ginástica, é possível destacar uma ideia de Fraga (2000):

> Cada quebra de recorde esportivo parece trazer potencialmente inscrita nessa nova marca a possibilidade de superação dos limites físicos impostos pela morte. O poder de penetração dessa assertiva na vida social está diretamente vinculado a sua capacidade de fazer com que se acredite na viabilidade de tal meta e, ao mesmo tempo, de tornar imperceptível o processo de mortificação impresso nos treinamentos, nas competições, no uso de drogas que aliviam a dor ou que ampliam o rendimento. (p. 5)

A emblemática figura do atleta no âmbito do espetáculo das práticas esportivas pode se tornar um exemplo de beleza, de saúde e de *performance* física pela sua expressão de vitalidade e de potência no espaço da musculação em academias de ginástica. De modo simbólico no contexto coletivo representado nas interações sociais, notava que os "limites" corporais na musculação em academias de ginástica compartilhados por professores de

---

[17] Alguns princípios da fisiologia do exercício físico importantes para o trabalho esportivo que, de acordo com Mcardle *et al*. (2003), são determinantes para a orientação da forma de conduzir um treinamento estavam presentes também no âmbito de academias de ginástica: o da sobrecarga, o da especificidade, o da diferença individual ou individualidade biológica e da reversibilidade, isto é, realizar exercícios em intensidades, frequências e durações relativamente acima dos níveis "normais", gerando adaptações corpóreas específicas do que está sendo treinado, considerando a singularidade biológica do sujeito e do seu estado de possível destreino. Nesse caso, o volume (quantidade) e a intensidade (sobrecarga) de treinamento das práticas corporais atravessavam os "limites" corporais, mas, a depender do contexto sociocultural, tais aspectos eram ressignificados no interior das academias de ginástica.

[18] Tal pensamento associativo está em consonância com Vaz (1999) quando alerta que "O tipo de organização das atividades proporcionado pelas teorias do treinamento desportivo não é exclusivo do esporte de alto rendimento [...] Os conhecimentos relacionados ao treinamento também se relacionam a dois outros importantes campos da atividade corporal, o relacionado à saúde e o relacionado ao *body sculpting*." (p. 93).

Educação Física e alunos correspondiam, em parte, ao *ethos* do âmbito esportivo performático de maneira ressignificada[19].

As identidades (re)construídas e (re)negociadas de modo intersubjetivo entre os sujeitos no espaço das academias de ginástica atravessavam a ideia dos limites de superação de si na sociedade contemporânea, concretizando certo marco divisório entre aqueles "vitoriosos" e "derrotados" na dimensão (mas não exclusiva) do corpo. Atualmente, cada vez mais, os sujeitos estão impregnados pelo princípio do rendimento do corpo (VAZ, 1999), pondo o corpo à prova na direção de construir sua identidade pessoal e dar sentido à vida balizada por certos "limites" (LE BRETON, 2009). Ortega (2003) anuncia também que nos dias de hoje é crescente o desejo de "[...] sentir-se bem fisicamente, maximizar os ganhos de prazer, desafiar os limites estabelecidos de satisfação, força ou potência física se tornam os equivalentes das asceses clássicas, as quais visavam atingir a sabedoria, coragem, prudência, bondade, conhecimento de si, superação de si, etc." (p. 69).

Em suma, independente de onde esteja visualizando a questão dos "limites" corporais, argumento que não é o âmbito (esportivo ou de academias de ginástica) que define o que se propõe para o corpo, mas, como destaca Vaz (1999), são os diferentes graus e motivações que se anseiam com a superação ou a potencialização de si. Desse modo, tais racionalidades ligadas aos corpos no "limite" durante as interações sociais não eram raras de se observar no meu trabalho de campo no âmbito das academias de ginástica, ou melhor, faziam parte simbolicamente, mas não somente, do *modus vivendi* desse espaço[20].

Assim, tendo em vista a fundamentação do que seria esse "limite" corporal, esclareço neste trabalho, portanto, o que se entende por tal noção com o intuito de registrar a relevância da presente pesquisa. Em termos gerais, no dicionário, a palavra "limite" significaria uma linha real ou imaginária de demarcação, parte ou ponto extremo caracterizando como um fim no espaço ou no tempo, que não se deve ou não se pode ultrapassar (FERREIRA, 2004). No entanto, as aspas que acompanham o termo na presente pesquisa se configuram pela diversidade de noções do que seria um (ou uns) "limite(s)" do corpo, haja vista que a

---

[19] Gonçalves e Vaz (2012) afirmam que "O esporte representa uma das formas privilegiadas de disciplinamento, domínio e potencialização do corpo, por meio de um conjunto de técnicas cientificamente elaborado, processo que conhecemos como treinamento esportivo. Trata-se de uma forma de educação do corpo" (p. 1).

[20] Sobre o ato de treinar, Vigarello (2008) aponta que, em termos gerais, há um "[...] jogo como limite, em particular instalado no coração da *performance* e do seu motor, essa contradição presente há muito tempo entre a tensão subjacente a inúmeras *performances* e o abandono prometido pelo trabalho sobre si mesmo." (p. 247).

compreensão sociocultural desta categoria pode ser considerada múltipla em seu entendimento[21].

Portanto, entendo que, muitas vezes, os tais "limites" não significam um ponto específico universal de parada ou pausa em se superar ou buscar determinada *performance* do corpo. Além disso, estes "limites" do corpo geralmente devem e podem ser superados e ultrapassados, a depender dos grupos sociais e do contexto sociocultural em que são engendrados. Logo, destaco que os graus de "limites" do corpo são extremamente plurais, complexos, sobrepostos, transitórios e (des)contínuos de acordo com determinadas interações sociais. Mas afinal, neste trabalho, o que caracteriza esses "limites" corporais?

A princípio, "limites" corporais significariam a forma com que os sujeitos lidam com qualquer possível impedimento determinante para a realização da prática corporal. "Limites" corporais estariam relacionados aos aspectos que, em um primeiro momento, obstaculizariam o processo de vivência com o ato de se exercitar associado a determinado objetivo traçado de forma pregressa pelo professor de Educação Física e/ou pelo aluno no setor da musculação nas academias de ginástica.

Assim, o fato de estar se exercitando na musculação traz uma reflexão mais ampla sobre a construção das identidades do homem na contemporaneidade, haja vista que mais do que "corpos em movimento", se torna indelével a apreensão do "movimento dos corpos" face aos seus "limites". Durante as interações sociais, os "limites" corporais ao mesmo tempo em que constituem o "ser" das pessoas, as impedem de algum modo. As diversas concepções simbólicas sobre os corpos no "limite" podem concomitantemente possibilitar e restringir o sujeito que a todo instante se depara com racionalidades como "ser" ou "não ser" durante as múltiplas interações sociais. Para Foucault (1999a), a analítica da finitude demonstra que o "ser" do próprio homem pode ser determinado justamente por ele mesmo, isto é, "[...] à experiência do homem é dado um corpo que é seu corpo." (p. 433).

Nesse sentido, a noção de "limites" corporais na musculação tratada aqui, portanto, pode se remeter a algumas ideias clássicas de Foucault (2004) na medida em que a identidade do sujeito é construída por subjetividades morais ligadas à saúde e à ciência. Aspectos como a tal "vontade de verdade", os múltiplos discursos em tensão baseados nos acontecimentos e a soberania do significante, questionados por Foucault (1999), leva a pensar como os "limites" corporais se situam não somente à ordem da pretensão médico-científica. Sabe-se que, ao

---

[21] Nesse sentido, nem sempre "A ambiguidade do limite está no fato de que ele pode sempre ser empurrado para mais longe, levado para outro lugar em uma superação sem fim." (LE BRETON, 2009, p. 135).

longo da vida, as práticas de saúde e principalmente os valores biomédicos regem o que deve ou pode fazer com o corpo, ou ainda, como deve ser definida a maneira racional[22] de viver (FOUCAULT, 1985).

Foucault (1985) afirma que "Essa preocupação como o meio, lugares e momentos exige uma perpétua atenção a si, ao estado em que se está e aos gestos que se faz." (p. 108). Cria-se, portanto, um automonitoramento moralizante de condutas que supostamente levariam ou não aos riscos à saúde (CASTIEL; ÁLVAREZ-DARDET, 2007). Como consequência dessa vigilância corporal, surge uma série de dispositivos que deveria ser adotada pelo indivíduo para um maior cuidado de si, como se o mesmo fosse imune a outros determinantes sociais. Assim, sobre esse cenário contemporâneo de que Castiel *et al*. (2010) denominaria de "riscofobia à saúde"[23], lembro que Foucault (1985) já apontava que o *logos* médico dita, a cada instante, o que pode ser considerado o "bom regime da vida". Nesse caso, os discursos disciplinares relacionados aos "limites" do corpo em academias de ginástica também se atrelam aquelas coerções elaboradas pelas instituições e pela sociedade em geral que podem definir o controle de si.

O corpo sempre foi regido por poderes que o limita, o proíbe e o obriga, no entanto, distanciando-se da unidade do corpo, cada vez mais, desde o século XVIII, se inicia um processo de detalhar um trabalho do corpo minuciosamente por meio de uma coerção sutil sobre os movimentos, os gestos, as atitudes, etc. (FOUCAULT, 2004). O corpo, nesse caso, também passa a ser objeto do controle, afastando-se do comportamento ou da linguagem corporal[24].

Desse modo, além das tarefas repetitivas, diferentes e graduadas ao corpo trabalhadas a partir do exercício físico na musculação que classificam e legitimam os indivíduos em seu nível físico pela coerção disciplinar, há formas subliminares de poder, por exemplo, no sentido de normalizar os "limites" apenas submetendo o sujeito a determinado campo de visibilidade (FOUCAULT, 2004). Nas palavras de Le Breton (2011), poderia afirmar que ao

---

[22] Castiel *et al*. (2010) apontam que "[...] parece existir coletivamente a percepção de que paira uma aura de ameaça sobre todos nós, podendo nos atingir, de modo particularizado, a qualquer instante." (p. 10).

[23] Nos tempos contemporâneos, lembro que este "riscofobia à saúde" faz parte de um contexto mais amplo marcado, em termos gerais, por uma sociedade de risco (BECK, 1986; LUHMANN, 1992).

[24] Desde o século XVIII já havia "[...] uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. [...] grande atenção dedicada então ao corpo - ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam." (FOUCAULT, 2004, p. 117). É nesse período que o saber positivista dito científico de fato volta-se ao homem (LAPLANTINE, 2007). Marca da revolução industrial, o positivismo se pauta em um cientificismo, isto é, a ciência se caracteriza como o único saber válido para entender a ação humana.

mesmo tempo em que há um "divórcio ou apagamento corporal", fazendo com que o sujeito se autoexplore no sentido de empreender investimentos para domesticar e tornar o corpo como um objeto a ser constantemente manipulado, durante as interações sociais existem tentativas simbólicas de lidar com determinados "limites". Considerando que para Foucault (2004), "É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado." (p. 126), pode-se pensar que ao mesmo tempo em que se aumenta a aptidão do corpo, acentua a dominação sobre o mesmo por meio dos seus "limites".

A noção de corpos no "limite" perpassa, portanto, (in)diretamente pela ideia de risco à saúde, embora saiba que ainda há uma falta de formalização adequada deste conceito (SPINK, 2007; JEOLÁS, 2010), sobretudo na seara das práticas corporais e do culto ao corpo (GUZZO, 2005). Sobre as atividades de professores de Educação Física e de alunos na musculação em academias de ginástica, relativizo a categoria "risco", tradicionalmente fundamentada na epidemiologia, pois a noção de "limites" corporais aqui estaria vinculada a possíveis condutas que podem ser consideradas prejudiciais ou até mesmo benéficas à saúde. A relação entre "risco" e "limite" se pauta em determinadas racionalidades simbólicas constituídas nas interações sociais cotidianas responsáveis, em parte, por representar os grupos sociais a qual pertencem. Nas palavras de Le Breton (2009), "A situação limite em que são mergulhados pretende questioná-los, obrigá-los a interrogar-se sobre si mesmos, a tomar consciência de seu funcionamento no interior de um grupo [...]". (p. 152).

Dessa forma, o risco à saúde sob a perspectiva antropológica em que este texto se baseia significaria abranger um quadro múltiplo de significados culturais e práticas corporais regidas por aspectos socioeconômicos, políticos, históricos, culturais, etc. (BAGRICHEVSKY; ESTEVÃO, 2009 e 2012)[25]. Tendo em vista que Boltanski (1984) e Bourdieu (1983) resgatam justamente a ideia que as próprias noções de corpo e de saúde estão encarnadas e pluralizadas entre diferentes grupos sociais, afirmo que a análise dos "limites" balizam, em parte, o que tais constructos representam para os sujeitos.

Assim, a obrigação moral e a responsabilidade pessoal que atravessam a vida cotidiana do sujeito no sentido de estar alinhado a certos ideais de saúde-estética (BAGRICHEVSKY, 2009) não estão descoladas na medida em que se perseguem determinados "limites" corporais. A construção dos corpos no "limite" problematiza um campo de reflexões do que

---

[25] Rios *et al*. (2007) argumentam que "[...] cada comunidade possui seus saberes próprios em relação a hábitos e crenças para a promoção da saúde, cabe ao pesquisador elucidar os valores e saberes para com eles aprender, vez que há amplos aspectos do senso comum ainda não investigados pelo campo científico." (p. 503).

seria supostamente o risco à saúde para os grupos sociais. Penso que a perspectiva de se investigar os "limites" corporais durante as interações sociais se coaduna com a premissa de Vigarello (2008) no que diz respeito ao "treinar o corpo", isto é, "Trata-se do jogo com o limite, enfim, que parece perfilar-se hoje: o sentimento de um corpo maleável às mudanças indefinidas, se não perigosas." (p. 198).

Nos dias atuais, a noção epidemiológica[26] que se estabelece no âmbito da saúde ainda é a premissa de saber exclusivamente quem está em risco e quais os fatores associados ao risco (SPINK, 2007). Este conceito de risco a partir da noção do homem individual é constantemente criticado ao ter como objetivo central no estudo "[...] inferir a causalidade, avaliando a probabilidade da ocorrência de eventos de doença em indivíduos e/ou populações expostos a determinados fatores." (CZERESNIA, 2008, p. 50). Este automonitoramento corporal rigoroso se atrela a ideia de sucesso individual representado na responsabilidade de si face ao social (SEYMOUR, 1998). Nessa perspectiva, este conceito de risco obscurece os significados culturais explícitos e implícitos que podem influenciar a conduta dos sujeitos, potencializando a autovigilância diante dos próprios comportamentos durante as interações sociais cotidianas.

Desta forma, com este presente estudo não ignoro a importância dos porquês das pessoas optarem por certos riscos[27]. Contudo, os sujeitos interpretam o risco epidemiológico pelo seu contexto sociocultural (FERREIRA, 2009; BARATA, 2009; CASTIEL *et al*., 2010). Por isso, em um sentido antropológico, busco compreender as perspectivas dos sujeitos face ao contexto plural dos "limites" corporais atravessadas pela diversidade de concepções simbólicas referentes ao risco à saúde no setor da musculação. Segundo Le Breton (2009), "O risco é uma noção socialmente construída, eminentemente variável de um lugar para outro e de uma época para outra." (p. 11).

Ademais, para além de entender somente questões ligadas ao corpo, é possível observar como as relações sociais se estabelecem a partir da diversidade de ideias atreladas a esses possíveis "limites" corporais. Analisar os "limites" corporais na musculação possibilita enxergar o modo como determinado grupo humano interage entre si, isto é, na perspectiva de

---

[26] De modo resumido, o risco à saúde no sentido epidemiológico, em termos conceituais, vem sendo definido como uma maneira presente de descrever ou antecipar o futuro, de modo probabilístico, em que o sujeito poderia administrar racionalmente os seus comportamentos (CASTIEL, 2008; FERREIRA, 2009).

[27] Concordo com Castiel *et al*. (2010) que não se pode menosprezar todo o poder do conhecimento acerca do risco à saúde no nível populacional, pois a crítica aqui se deve aos exageros do uso de certos dados quantitativos, por exemplo, e suas implicações na vida social dos sujeitos.

Elias (1992) e Dunning (1992), estudar o "corpo em movimento" de modo contextualizado se torna um problema de pesquisa relevante na medida em que contribui para o conhecimento de dada sociedade. Rojo (2007) lembra que "Estudar o que se passa no beisebol, no golfe, nas corridas, no pôquer, ou em qualquer outro esporte ou atividade, pode ser tão revelador de determinados aspectos da sociedade e permitir tecer interpretações sobre os sentidos de determinadas práticas e valores, quanto qualquer outra temática." (p. 164).

Sob esse prisma de análise acerca dos "limites" corporais na musculação, vale analisar, portanto, que cada vez mais empresas especializadas como as academias de ginástica são consideradas promotoras de saúde e que a ideia de "corpo sarado"[28], muitas vezes, se atrela a uma conquista de saúde. Gomes *et al*. (2010) observaram que a organização do trabalho interno nas academias de ginástica foi afetada por algumas tendências na forma de comercialização e de um novo modelo de gestão, que, do ponto de vista de Furtado (2009), privilegia cada vez mais o que é denominado de *wellness*, ou seja, não somente direcionado ao trabalho vinculado à estética corporal, conhecido como *fitness*[29], mas a incorporação do desenvolvimento da aptidão física voltada à perspectiva de saúde.

A academia de ginástica se configura como um espaço de práticas corporais e de intervenção dos profissionais de saúde, do mesmo modo que outras instituições como, por exemplo, clínicas de cirurgias plásticas, centros especializados de nutrição, consultórios odontológicos, etc.[30]. No campo e no sistema de saúde, o que as enquadra como um serviço de saúde é a forma com a qual se estabelece a relação profissional-instituição-cliente. Tecnicamente, as academias de ginástica estariam relacionadas ao Sistema de Desembolso Direto, isto é, no ponto de vista de Paim (2009), se alinhariam à perspectiva de que "[...] o pagamento é feito diretamente do bolso do consumidor (cliente) ao prestador (médico, dentista, psicólogo, psicanalista, etc.), sem intermediários, seja o governo, sejam as empresas dos planos de saúde." (p. 75).

Esta representatividade da saúde nas academias de ginástica é tão evidente que, no ponto de vista de Haddad *et al*. (2006), percebe-se a necessidade da área de Educação Física

---

[28] Tal termo se remete à ideia de que a boa forma física significa que o corpo está livre de doenças (logo, saudável), ou seja, o sujeito está curado ou sarado (GOLDENBERG, 2010).

[29] Peres (2011) lembra que o verbo "*to fit*", em inglês, demonstra a relação entre a construção do corpo e a identidade do sujeito, representada na boa forma. Correia (2006) esclarece que "*fitt*", em inglês, já significa as variáveis que podem ser manipuladas na prática de exercícios físicos: "*frequency*", "*intensity*", "*time*" e "*type*".

[30] Toscano (2001) menciona que os serviços de saúde são classificados em duas instâncias de acordo com o objetivo a qual se propõem: "[...] a prestação de assistência direta à saúde das pessoas (em hospitais, centros de saúde, consultórios etc.) ou as ações sobre o meio ambiente, a fim de controlar os fatores que exercem efeitos prejudiciais à saúde." (p. 41).

cada vez mais se envolver nas ações integradas especialmente ao Sistema Único de Saúde (SUS). Bagrichevsky e Estevão (2008) e Fraga *et al*. (2012/2013) discutem as perspectivas para a formação profissional em Educação Física no sentido de atuação no SUS[31], o que recentemente já pode ser visto, de certo modo, em algumas academias de ginástica de iniciativa pública (HALLAL, 2011; GUEDES, 2011; COSTA *et al*., 2013; NEVES; ASSUMPÇÃO, 2013).

Embora possam ser considerados âmbitos especiais de realização de práticas corporais, as academias de ginástica, no caso, a musculação, muitas vezes, para os profissionais, não atende todos os grupos sociais na medida em que os "limites" do ideal de beleza do "corpo sarado", por exemplo, pode não corresponder à busca de saúde (PALMA *et al*., 2003; MARTINS; ALTMANN, 2007). Existe um paradoxo na medida em que a finalidade mais comum do que se busca com a prática corporal na academia de ginástica, no caso a estética, pode ser alcançada, muitas vezes, por meios que potencializam o risco à saúde, conforme se discute na área de Educação Física. Baptista *et al*. (2010) aponta que:

> [...] o discurso sobre a função da Academia é aprimorar a saúde do corpo através de exercícios que sejam planejados de acordo com os objetivos e as necessidades de seus alunos, mas, que por outro lado, tem se preocupado com o desenvolvimento de uma estética perversa que assume os valores do modo de produção capitalista em detrimento da própria saúde dos seus praticantes na maioria dos casos. (p. 176)

Em uma sociedade contemporânea, encarnada de uma cultura somática, a "corpolatria" é cada vez mais evidente e compartilhada de maneira intersubjetiva durante as interações sociais cotidianas, muitas vezes, independente dos meios adotados para alcançar certos objetivos nas academias de ginástica, isto é, pondo os corpos no "limite". Tais comportamentos supostamente de risco na musculação não devem se referir apenas aos hábitos e as atitudes consideradas inadequadas que oferecem danos à saúde, mas compreender também o contexto sociocultural que atravessa estas racionalidades do culto ao corpo (PALMA *et al*., 2003)[32].

---

[31] O documento responsável por aprovar a Política de Promoção da Saúde em 2006 foi de suma importância para impactar nas relações entre a relevância das práticas corporais e os princípios do SUS (BRASIL, 2010). Neves e Assumpção (2013) comentam também que "A tentativa de institucionalização e legitimação da educação física no campo da saúde pública é fortalecida a partir de duas resoluções, a resolução 287/98 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a portaria 154 de janeiro de 2008 do Ministério da Saúde (MS)." (p. 5).

[32] Nas palavras de Le Breton (2012), "O termo condutas de risco é um dos mais complexos e engloba uma série de comportamentos díspares que expressam, simbólica ou realmente, a existência do perigo. Ele é comumente relacionado com a exposição deliberada do indivíduo a situações de risco de se ferir ou morrer, de alterar seu futuro pessoal ou de colocar sua saúde em perigo [...]". (p. 34).

Há indícios de que a academia de ginástica, âmbito este que nos últimos anos vem sendo considerado um espaço que ultrapassa o interesse do culto ao corpo ao vislumbrar a saúde dos sujeitos (TOSCANO, 2001), no ponto de vista dos profissionais, pode não propiciar necessariamente à redução do risco à saúde dos seus usuários. Além da busca pela saúde e/ou pela estética corporal, cabe frisar que a prática corporal em academia de ginástica incentivada por motivos como a busca de socialização, de lazer, de entretenimento, etc. (MARCELLINO, 2003; CROSSLEY, 2006; LIN, 2007; FURTADO, 2009) também geram certas noções de como os corpos estariam no "limite" ou em certos "riscos".

Assim, na academia de ginástica, ao mesmo tempo em que o corpo se torna modificável na sua aparência ou como uma forma de sociabilidade, questões relativas à saúde também emergem. Nestes espaços, em especial na musculação, a tensão entre o culto ao corpo e a promoção de saúde se complexifica justamente quando os sujeitos se situam em determinados "limites" corporais durante as interações sociais. Contudo, levando em consideração que toda a estrutura social está presente na interação (BOURDIEU, 1983), a academia de ginástica se configura como algo mais do que "mudar simplesmente o corpo", uma vez que se torna um dos principais "palcos" contemporâneos para a construção de uma vasta gama de identidades dos "atores" que ali encenam seus modos de vida.

Ademais, sabe-se que a saúde pode ser entendida por diferentes pontos de vista, como a posição do profissional de saúde e a da população (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2006). Por isto, afora a importância de cada vez mais empreender estudos sobre as academias de ginástica, entendo que é relevante compreender a própria atuação do professor de Educação Física enquanto profissional de saúde no espaço da musculação em interação com os seus alunos acerca desses possíveis "limites" do corpo. Focar nas atividades dos professores de Educação Física e dos alunos auxilia sobremaneira em desvelar quais e como os tais "limites" corporais se estabelecem no cotidiano da musculação. Investigar a vida social da musculação em academias de ginástica face aos "limites" corporais, onde o professor de Educação Física atua, pode contribuir para aqueles que ainda irão se formar e/ou para os próprios professores que já estão no mercado de trabalho, bem como também para outros profissionais de saúde que se deparam com esses corpos no "limite". A importância de entender o cotidiano profissional do professor de Educação Física diante das possíveis situações de "limites" corporais que os alunos vivenciam com a prática corporal atende relativamente o princípio da aplicabilidade da pesquisa, debatida por Silverman (2010).

Esta análise acerca dos "limites" corporais torna-se, portanto, um debate indelével na área de Educação Física e no campo da Saúde Coletiva ao visualizar que ao mesmo tempo em

que as academias de ginástica são consideradas promotoras de saúde na representação do senso comum, o zelo pela integridade dos sujeitos ainda pode ser questionável, no ponto de vista dos profissionais. Baseando-me em Czeresnia (2008), é indispensável repensar na proposta de recomendações de "boa saúde" à luz dos valores singulares que permeiam determinada realidade e, sobretudo, como os profissionais se situam nesse contexto (BAGRICHEVSKY *et al*., 2006). Além disso, o entendimento sobre um "limite" corporal para um grupo social talvez não corresponda para outros sujeitos; inclusive, a própria atuação do professor de Educação Física fica atravessada por esta ideia múltipla de "limites" corporais a depender das interações sociais estabelecidas, como será desenvolvido neste trabalho.

Em síntese, creio que seja importante para a área de Educação Física compreender as ações relacionadas ao corpo em um sentido intersubjetivo e não somente prescritivo ou biológico, que se constrói ao longo de um processo histórico-social. Portanto, indago-me sobre a postura do professor de Educação Física, profissional de saúde, que se posiciona como o principal responsável em lidar com os sujeitos no cotidiano da musculação em academias de ginástica em uma sociedade essencialmente somática. É preciso pensar o professor de Educação Física inserido na dinâmica das relações da coletividade na academia de ginástica, onde há uma superação ou uma busca exacerbada por certa potencialização dos "limites" do corpo, sobretudo no espaço da musculação onde a todo instante o movimento é normatizado por "séries e repetições" ressignificadas simbolicamente. Baseando-me em Foucault (1999a), tendo em vista que o homem pode ser considerado uma invenção recente pelo desenvolvimento das Ciências Humanas, não pretendo aqui "antropologizar" o conteúdo empírico em si. A ideia é ampliar e complexificar os "limites" do pensamento sobre os "limites" do corpo e dos riscos à saúde, ou melhor, do próprio homem.

A revisão de literatura realizada em bases de dados nacionais e internacionais (SciELO, LILACS, IBECS, MEDLINE, Biblioteca *Cochrane*, ISI, ERIC e SCOPUS), além de outros periódicos não indexados, demonstraram que a atenção dada à atuação do professor de Educação Física de academia de ginástica e as suas relações com seus alunos ainda deve ser significativamente explorada[33]. Detectei poucos trabalhos[34], nacionais ou internacionais, efetivamente de cunho antropológico, que adotaram o método etnográfico no âmbito de academias de ginástica (GOELLNER *et al*., 2010). Da mesma forma, raros foram os trabalhos

---

[33] Minayo (2010) discute sobre essa necessidade de cada vez mais investigar as práticas em saúde para além do âmbito tradicional hospitalar.

[34] Crossley (2006) aponta que há poucos estudos empíricos sendo realizados em academias de ginástica, sobretudo no setor da musculação, lugar este foco do meu trabalho.

que se muniram classicamente dos referenciais teóricos das Ciências Humanas e Sociais, em especial, dialogando com o campo da Saúde Coletiva. Grande parcela desses autores não atuava como professor de Educação Física e/ou não focava suas análises em torno deste profissional[35]. Além disso, escassos eram os estudos que se aproximaram de uma análise comparativa de diferentes perfis de academias de ginástica, abrangendo as relações entre o profissional de Educação Física e sua atuação com seus alunos na musculação, sobretudo com foco nos "limites" corporais.

Portanto, baseando-me na discussão de Iriart e Caprara (2011) acerca dos novos focos de estudos para a antropologia da saúde na contemporaneidade, registro que a minha perspectiva teórico-metodológica e o meu recorte empírico estejam alinhados a um dos objetos emergentes a serem investigados. Geralmente, não menos importantes, as práticas de pesquisa do campo da saúde tendem a buscar temáticas vinculadas ao sofrimento, às urgências ou ao risco do adoecimento (GOMES; SILVEIRA, 2012). Assim, caracterizando-se como uma justificativa de ordem teórica no sentido de uma lacuna no conhecimento, nota-se que a questão específica sobre os "limites" corporais se constitui uma problemática da área de Educação Física e do campo da Saúde Coletiva relativamente não privilegiada nas pesquisas até onde pude observar.

É preciso ressaltar também que embora o presente estudo não esteja alinhado, de modo clássico, aos referenciais do campo da Sociologia do Esporte[36], destaca-se que, nos últimos anos, em várias pesquisas com foco nos esportes de combate[37] com a pretensão de investigar a construção identitária de lutadores, pode-se observar esta questão de se construir um corpo no "limite" associado ao "risco" ou não, tendo em vista o contexto de rendimento contra o adversário (WACQUANT, 2001 e 2002; GASTALDO, 1995; THOMAZINI *et al*., 2008; SPENCER, 2009; CECCHETTO *et al*., 2012 e 2012a; OLIVEIRA; GOMES, 2013), bem como no próprio contexto dos esportes radicais (SPINK *et al*., 2005; LE BRETON, 2009; JEOLÁS, 2010).

---

[35] Diante da crescente representatividade do espaço das academias de ginástica nos últimos anos, proporcionalmente observa-se o aumento no número de pesquisas relativas a este âmbito de práticas corporais. Todavia, em consonância com Mariante Neto e Stigger (2011), identifiquei que a maioria das pesquisas se preocupa em investigar mais a vida social dos frequentadores do que a atuação do professor de Educação Física de academias de ginástica.

[36] Lovisolo (2011) debate sobre alguns temas e problemas do campo da Sociologia do Esporte. Norbert Elias e Eric Dunning são referências fundamentais nestes tipos de estudos. Gregory Stone é uma referência do campo do Esporte pela perspectiva do interacionismo simbólico.

[37] Considero que não há uma homogeneidade plena quanto à identidade dos sujeitos que praticam lutas, como pode ser vista em alguns trabalhos a questão da luta como uma espécie de modalidade de *fitness* (MARIANTE NETO, 2010; MARIANTE NETO *et al*., 2012).

Assim, pelo fato do campo da Saúde Coletiva abranger diferentes saberes e práticas em saúde na perspectiva sociocultural, ampliando o leque de significados e de formas de intervenção, tal campo consegue se articular com outras áreas do conhecimento (CARVALHO, 2006; FARIA; SANTOS, 2011), como a Educação Física[38]. Nessa direção, para Freitas *et al*. (2006), "A interlocução da educação física com a saúde coletiva enriquece a análise dos significados atribuídos às práticas corporais e amplia a maneira de pensar a questão saúde. Para essa aproximação, parte-se de um referencial sociocultural." (p. 172). Enfim, as interdisciplinaridades que constituem o meu lugar como pesquisador entre a Educação Física, a Saúde Coletiva e a Antropologia se tornam ponto-chave deste trabalho durante as interações sociais com os pesquisados.

Destarte, a partir do que foi argumentado acima no que diz respeito à relevância deste trabalho, o presente estudo se pautou nos seguintes objetivos:

Objetivo geral

- Conhecer como são construídas as noções de "limites" corporais pelos professores de Educação Física e alunos no setor da musculação em duas academias de ginástica, uma de grande e outra de pequeno porte.

Objetivos específicos

- Comparar a noção de "limite" corporal nas atividades de professores de Educação Física e de alunos no setor da musculação nestas academias de ginástica.

- Identificar e analisar quais as estratégias utilizadas pelos professores de Educação Física e alunos no setor da musculação nestas academias de ginástica para superar ou potencializar os "limites" corporais.

---

[38] Lembro (e me reconheço aqui) que a inserção de profissionais de Educação Física nos programas de pós-graduação em Saúde Coletiva ocorreu mais significativamente a partir do ano 2000 (HALLAL; KNUTH, 2011).

1.3 Organização geral do estudo: estrutura da tese

Com o intuito de oferecer uma lógica geral de organização entre as seções deste estudo, optei por estruturar a presente tese em grandes capítulos. Desse modo, na tentativa de nortear a leitura de modo sistemático e com a finalidade do texto fazer sentido para o leitor, a proposta da ordem dos capítulos se estabeleceu da seguinte forma: "Considerações introdutórias", "Corpo teórico", "Procedimentos metodológicos", "Eu 'tô' no 'limite' e você?" e "In(corpo)rando os 'limites" na síntese dos achados: rumo às conclusões e às recomendações".

Neste capítulo de "Considerações introdutórias", comecei o texto apontando como a minha trajetória acadêmico-profissional estaria vinculada ao meu ato de pesquisa. Por meio da problematização referente a uma pesquisa etnográfica de um professor-pesquisador de Educação Física, objetivei discutir o meu processo de construção identitária como pesquisador e apontei algumas questões que me levaram a optar pelo objeto de estudo em questão. A seguir, argumentei sobre a relevância do presente estudo no cenário acadêmico-profissional da Educação Física e da Saúde Coletiva, bem como o meu foco de análise, traduzindo-se pelos objetivos da pesquisa e ressaltando as questões norteadoras da tese. Apontei a importância de pesquisar o âmbito da academia de ginástica, em especial a atuação profissional do professor de Educação Física em interação com seus alunos na musculação, a partir dos "limites" corporais, problemática esta ainda incipiente na literatura.

Posteriormente, no capítulo intitulado "Corpo teórico", destaquei os principais referenciais conceituais e teóricos que antes, durante e depois da minha vivência como pesquisador, me estimularam e me subsidiaram no estudo. Assim, no primeiro momento, a partir da ideia de oferecer um panorama da escola de pensamento antropológico que fundamentou este trabalho, comentei sobre a Escola de Chicago e o interacionismo simbólico com o intuito de refletir acerca das suas contribuições para o pensamento e prática na Saúde. Depois explicitei, em termos gerais, a minha perspectiva teórica sobre o corpo em exercício como construção sociocultural para além do referencial biomédico no sentido de compreender os binômios saúde-doença e beleza-feiúra.

Em seguida, no capítulo destinado aos "Procedimentos metodológicos", tive a intenção de esclarecer de modo detalhado e minucioso como foi realizada a pesquisa. Inicialmente, argumentei sobre a escolha das instituições e dos sujeitos com os quais convivi. Em seguida, dissertei sobre o uso das técnicas do estudo com a finalidade de, no momento

posterior, problematizar as diferentes identidades às quais os sujeitos me atribuíram durante as interações sociais. No final, destaquei os aspectos éticos norteadores do presente estudo.

Logo depois, no capítulo "Eu 'tô' no 'limite' e você?", realizei a apresentação e discussão dos achados à luz de objetivos que foram construídos ao longo da pesquisa. Sem desconsiderar que tais achados estariam inter-relacionados, decidi dividir o capítulo em grandes blocos de discussão: primeiro, busquei esclarecer sobre o *modus vivendi* do lócus da musculação das academias de ginástica importantes para compreender os tais corpos no "limite", representado na descrição do exterior ao interior dos locais. Em seguida, apontei como aparentemente são construídas as noções de "limites" corporais nas atividades de professores de Educação Física e de alunos, de forma comparativa entre os estabelecimentos estudados. Por último, identifiquei as estratégias utilizadas pelos mesmos para superar ou potencializar os "limites" corporais.

Por fim, foi criado um capítulo, "In(corpo)rando os 'limites' na síntese dos achados: rumo às conclusões e às recomendações", concatenando os resultados, bem como futuras iniciativas de ordem teórica, metodológica e empírica que podem ser repensadas ou aproveitadas em novos estudos especificamente nessa temática, ou ainda, na própria prática acadêmico-profissional em outros espaços do campo da Educação Física, da Saúde Coletiva e/ou da Antropologia.

2 "CORPO" TEÓRICO

2.1 A Escola de Chicago e o interacionismo simbólico: contribuições para o pensamento e prática na Saúde

Um dos objetivos antropológicos é o alargamento do universo humano por meio do resgate de um sistema entrelaçado de significados interpretáveis em uma realidade específica (GEERTZ, 1989). Por isso, considero que mais do que buscar explicar o mundo de outrem, é demonstrar a multiplicidade ou diversidade das relações sociais que se estabelecem em determinado contexto sociocultural (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), sem perder de vista os aspectos macroestruturais que engendram a realidade estudada. Para isto, este trabalho se pautou em uma das grandes escolas de pensamento[39] da antropologia: o interacionismo simbólico.

Por volta do ano de 1900, a Escola de Chicago, precursora do interacionismo simbólico, foi fundada[40] em uma época de pragmatismo do contexto norte-americano preocupado principalmente com os "problemas sociais" como, por exemplo, as "[...] relações raciais, ecologia urbana, carreiras e profissões, grupos desviantes, arte, minorias étnicas, processos de socialização, instituições totais, imprensa, comunicação de massas, bairros, educação, etc." (VELHO, 2009, p. 12). O perfil urbano-industrial junto à expansão demográfica e a diversidade socioeconômica, cultural, étnica, religiosa, etc. da cidade de Chicago propiciaram um "olhar sociológico" plural sobre diferentes relações sociais. Assim, os primeiros departamentos de sociologia, uma das grandes editoras institucionais (*University of Chicago Press*) e uma das principais revistas da área (*American Journal of Sociology*) foram criados nesta instituição (BECKER, 1996), impactando sobremaneira no pensamento antropológico a partir de uma ampla gama de estudos empíricos[41].

Assim, a relevância, a representatividade e o impacto da formação e do desenvolvimento de gerações de professores e de pesquisadores especificamente da Escola de

---

[39] Na Escola de Chicago, não havia homogeneidade nos interesses de determinados objetos de estudos e de focos teóricos e metodológicos (VELHO, 2008), por isso, por vezes, critica-se tal corrente teórica no sentido de ser tratada como uma "escola de pensamento". Becker (1996) lembra que há diferenças entre uma escola de pensamento e uma escola de atividade.

[40] Acredita-se que tal instituição foi constituída e inspirada por grande parte pelas ideias do sociólogo alemão Georg Simmel que analisava as relações indivíduo e sociedade principalmente em meios citadinos.

[41] No início, pelo fato da Escola de Chicago ter privilegiado eminentemente o trabalho de campo pelas suas ideias relativas à ação social, a instituição sofreu críticas severas por uma suposta falta de "produção teórica".

Chicago foram e ainda são fundamentais para abordagem antropológica de forma em geral[42]. No entanto, a noção de interação simbólica tão propalada historicamente deve ser detalhada na medida em que pode assumir diversas conotações, tornando-a polissêmica.

Embora em meados do século XX, a Escola de Chicago tenha assumido uma perspectiva "menos antropológica" no sentido de se voltar as pesquisas quantitativas, por meio do instrumento metodológico das "estatísticas", foi apenas na década de setenta aproximadamente que alguns autores retomaram a relevância do simbólico e do relacional. Nesse contexto, além dos estudiosos pioneiros no campo do interacionismo simbólico, Erving Goffman, Howard Becker, Olivier Schwartz e William Foote Whyte foram os principais autores que inspiraram o presente estudo; cada um dos supramencionados com a sua contribuição teórico-empírica. Embora não estejam ligados diretamente ao interacionismo simbólico, os estudiosos Pierre Bourdieu, Luc Boltanski e Loïc Wacquant foram articulados nesta pesquisa pelo fato de também trabalharem com temática que se aproxima com o objeto de estudo em questão por pensarem a relação indivíduo e sociedade, sobretudo a partir do corpo.

Para além dos referenciais antropológicos estruturalistas e funcionalistas, o interacionismo simbólico parece equilibrar as tensões ou as dicotomias entre as análises em torno do indivíduo e sociedade. O legado teórico-metodológico da Escola de Chicago consegue reduzir as ênfases das ações atreladas eminentemente ao indivíduo em si e também relativizar o que pode ser denominado de imposição ou de coerção social. Embora as correntes acionalistas teçam críticas ao interacionismo simbólico por aparentemente preferir observar pequenos grupos sociais em situações específicas, a prerrogativa de tal escola de pensamento é relacionar as mediações entre os sujeitos à luz do contexto que as enredam.

Em síntese, o presente trabalho se respalda e privilegia os contatos cotidianos do face a face ao longo do tempo, levando em consideração a premissa de que é necessária a compreensão do contexto em que os fatos são construídos. Embora haja a preocupação com a percepção mais abrangente da totalidade de dada realidade, o ponto de partida de análise microestrutural é representado pela interação social entre um grupo de pessoas que compartilham "as mesmas coisas", isto é:

> [...] os modos de interação, especialmente as interações repetitivas das pessoas, modos estes que permanecem os mesmos dia após dia, semana após semana. Às vezes, esses modos de agir se alteram substancialmente, devido a uma revolução ou

---

[42] Eufrasio (1995) sintetiza a formação da escola sociológica de Chicago ao longo do tempo.

> desastre natural, mas, outras vezes, a mudança se dá muito lentamente, à medida que as circunstâncias se modificam. (BECKER, 1996, p. 186).

Nesse sentido, a noção de um cenário social "encenado", marcado pelo tempo e pelo espaço, onde os atores estabelecem relações intersubjetivas dramatizando atos possíveis de serem interpretáveis durante o cotidiano se coaduna com a perspectiva do interacionismo simbólico (GOFFMAN, 2002). A sociedade é composta de múltiplas interações dinâmicas e plurais entre os indivíduos que são ativos em seus comportamentos ligados aos seus mundos sociais, isto é, são os aspectos situacionais e estruturais que complexificam as relações entre os sujeitos. Destaca-se, portanto, que os comportamentos dos indivíduos são compartilhados em dados grupos sociais e estão conectados aos significados atribuídos a suas realidades do dia a dia, por isso simbolizam e interpretam os objetos sociais de forma constante (GOFFMAN, 2011).

Assim, a busca de desvelar, em parte, os sentidos e principalmente os "significados das coisas" que são construídos e reconstruídos de modo ininterrupto por dado grupo social em determinado contexto sociocultural faz parte da sociologia compreensiva[43], que abrange o interacionismo simbólico. Este compreensivismo permite entender a realidade subjetiva e interpretável de dados grupos humanos de forma sistêmica, uma vez que um conjunto de interações entre sujeitos faz parte de certo fenômeno social mais amplo. Nesse sentido, em suma, destaca-se que o interacionismo simbólico é o estudo da ação social das interações dinâmicas entre sujeitos ativos atuando de modo contínuo e reinventado em dadas redes mais abrangentes da sociedade (VELHO, 2005).

Tendo em vista os aspectos supracitados, mais do que se preocupar com papéis ou posições sociais estáticas, isoladas e separadas em uma rede inflexível de estrutura ou de funcionamento da sociedade, o presente trabalho, por meio das "lentes" teórico-metodológicas do interacionismo simbólico, reconhece a pluralidade e a variação de lugares sociais dos sujeitos analisados. Tratando-se, portanto, de sociedades complexas e, sobretudo de centros urbanos moderno-contemporâneos, a Escola de Chicago pode trazer contribuições para o pensamento e prática na Saúde. Além disso, os autores centrais de tal escola de

---

[43] Abrange também as correntes teóricas da fenomenologia e da etnometodologia. Minayo (2001) comenta que "Em contraposição às correntes estruturalistas no interior do campo das ciências sociais, há algumas que enfatizam o lugar do sujeito e da subjetividade e a partir daí analisam as estruturas sociais. São elas as teorias compreensivas, fenomenológicas e interacionistas e da ação, explicitamente; e no marxismo, algumas correntes." (p. 10).

pensamento antropológico desenvolveram inúmeros trabalhos voltados à saúde-doença que inevitavelmente iluminam o presente estudo.

Vale destacar que apenas durante as últimas três décadas em que a área conhecida como antropologia médica, da doença, da saúde ou do corpo[44], e por consequência o uso do método etnográfico em saúde[45], muitas vezes usado pelos próprios profissionais[46] para investigar o seu âmbito de atuação, veio se consolidando, sobretudo pelo impulso das Ciências Sociais no campo da Saúde (VÍCTORA *et al*., 2000; NAKAMURA, 2011; TRAD, 2012). Embora já existisse na década de cinquenta uma sociologia médica preocupada com o processo saúde-doença e suas relações com dado sistema social, foi apenas na década de setenta que efetivamente o interacionismo simbólico se potencializou no campo da antropologia, principalmente pelos trabalhos de Erving Goffman que se disseminaram em vários campos de saberes (GASTALDO, 2008). Nessa perspectiva, sobre a relação entre a perspectiva interacionista do "situacional" ou do "microscópico" que trata de estruturas gerais de uma organização social, Schwartz (1993) aponta que:

> [...] as orientações do interacionismo são particularmente favoráveis à pesquisa etnográfica. E também é fácil perceber suas implicações para o estatuto epistemológico da etnografia. Graças à uma linguagem conceitual bem analítica, a decomposição dos fenômenos sociais em unidades empíricas isoláveis, o interacionismo proporciona ao mesmo tempo as condições de uma ampla observação dos processos: uma etnografia que se proporciona os meios de angariar quantidades enormes de dados precisos e verificáveis, limitar o lugar da interpretação em seu corpus teórico, e se constituir em conhecimento positivo e cumulativo. (p. 292)

Assim, há uma importância da perspectiva antropológica e do método etnográfico usado no campo da Saúde face ao entendimento de diversas realidades e fenômenos socioculturais (CAPRARA; LANDIM, 2008). O arcabouço teórico-metodológico desenvolvido a partir da realização de trabalhos etnográficos no campo da Saúde sofreu, nos últimos anos, um crescimento significativo, principalmente em análises antropológicas referentes à saúde, ao adoecimento, às estratégias de tratamento e de cura (NAKAMURA, 2011). Duarte (2003) lembra que "Embora cubram um leque muito amplo de focos etnográficos, todos têm em comum a disposição em esclarecer como se processa essa

---

[44] Ferreira (2012) lembra que essas diferentes denominações estão longe de serem apenas variantes para representar este tipo de abordagem antropológica. Há fronteiras epistemológicas e metodológicas entre tais nomenclaturas.

[45] De acordo com Nakamura (2011) e Trad (2012), principalmente, a partir dos anos 2000, as pesquisas em saúde fazem mais referências ao uso de etnografias.

[46] Para Knauth (2010), o uso do método etnográfico deveria explorar mais o contexto do profissional de saúde.

dinâmica de afirmação da racionalização biomédica em contraste com as dimensões holistas da representação ou vivência dos eventos de saúde/doença." (p. 177).

Refletindo sobre essas contribuições teórico-metodológicas da antropologia no campo da Saúde, é preciso apontar que interpretar a condição humana depende de entender a coexistência e o cruzamento entre aspectos biológicos e histórico-sociais, fenômeno complexo e integrado que deve ser considerado nas realidades investigadas. Geralmente, o que se percebe no campo da Saúde, é que embora haja um aumento do uso e do reconhecimento da etnografia como método relevante de pesquisa, as análises dos estudos ainda são incipientes (KNAUTH, 2010).

Assim, a adoção do interacionismo simbólico para este estudo perpassa pela perspectiva de evitar uma análise universalista tão cultuada pelo campo da Saúde ultrapassando uma intervenção eminentemente técnico-prescritiva para se direcionar aos significados que os sujeitos atribuem as suas realidades de modo sistêmico. Distanciando-se do referencial estatístico-biomédico, é preciso relativizar e perceber que há múltiplas racionalidades co-construídas em interações sociais ao longo do tempo em determinado contexto não menos importantes daquelas "biologizantes" propostas por grande parte da autoridade dos profissionais de saúde.

Ainda sobre o espaço da Saúde, em especial na área de Educação Física, pesquisas qualitativas voltadas à atividade física e/ou ao exercício físico podem contribuir de maneira substancial para compreender e explicar como tais práticas corporais atravessam a vida de determinados sujeitos em diferentes contextos socioculturais (PEARCE, 2009). Ademais, a depender da temática do estudo, a pesquisa sob o prisma antropológico pode ajudar ou se tornar mais viável para investigar as relações entre as práticas corporais e as questões de saúde, iluminando o referencial quantitativo de análise epidemiológica ainda hegemônico na literatura (HALLAL; KNUTH, 2011; ALMEIDA FILHO, 2011).

O enfoque antropológico em identificar e analisar "eventos obscuros" de valores, de crenças e de ideologias, a partir do ponto de vista do "nativo", a fim de ter uma noção (ou recorte) de determinada realidade cultural (DaMATTA, 2010), pode contribuir substancialmente para a área de Educação Física cumprir o seu papel no campo da Saúde. Mais precisamente no âmbito acadêmico da Educação Física, o desenvolvimento de pesquisas etnográficas vem crescendo no âmbito do esporte, do lazer e da atuação docente em diferentes locais e com diversos públicos, como algumas revisões de literatura já detectaram (SILVA *et al*., 2008; GOELLNER *et al*., 2010). No entanto, de acordo com Oliveira e Daolio (2007), na área de Educação Física, a etnografia ainda tem sido conceituada de forma simplista como

uma mera descrição cultural ou como um conjunto de técnicas para apreender dados. Talvez, a forma como o fazer etnográfico seja visto ou conduzido nos dias atuais se deva principalmente a sua recente legitimação e reconhecimento da pesquisa de campo (PEIRANO, 1992).

Portanto, a abordagem antropológica aqui, representada pelo referencial teórico-metodológico do interacionismo simbólico, abrange as análises sobre as lógicas do pensar e do agir dos profissionais de saúde (professores de Educação Física) e dos sujeitos (alunos)[47]. Vale compreender sistematicamente os aspectos plurais e dinâmicos que envolvem o conjunto de valores, de crenças, de hábitos, de normas, de condutas e de representações predominantes no bojo dos "limites" corporais e do risco à saúde compartilhado nas interações promovidas por professores e alunos no setor da musculação em academias de ginástica. Considero o que Geertz (1989) denomina de "significados da ação social", ou seja, cabe conhecer, mesmo que parcialmente, os sentidos e os significados das ações atribuídos aos corpos no "limite" por cada sujeito em determinado contexto sociocultural em dado momento histórico. Carvalho e Luz (2009) lembram que:

> A construção de sentidos e significados é parte de um movimento intrínseco às práticas de saúde. As relações possíveis entre os significantes ou elementos de significados expressos nas ações são construídas de acordo com os sentidos a eles atribuídos pelos atores/praticantes nas práticas. (p. 318).

Destaca-se aqui, portanto, o *modus vivendi* do lócus da musculação das academias de ginástica importantes para compreender os tais corpos no "limite" e do risco à saúde, representado na descrição sistemática das relações "corporais" entre professor(a)-professor(a), professor(a)-aluno(a), aluno(a)-aluno(a). O panorama teórico-empírico acerca das interações sociais entre os sujeitos das academias de ginástica sugerem como se concretizam uma densa e complexa rede de relações sociais com que constroem os "limites" corporais e os riscos à saúde no espaço da musculação. Parto da premissa que o encontro[48] de dois ou mais sujeitos são eminentemente corporais, sobretudo no âmbito de academias de ginástica. Desse modo, pensando como pano de fundo a sociedade mais ampla, todos "são corpos" em constante

---

[47] Como uma espécie de "triangulação", conceito este que vem do interacionismo simbólico e é desenvolvido, dentre outras perspectivas, com o intuito de combinar e cruzar múltiplos pontos de vista de dada realidade, ou seja, apreender a diversidade de visões de mundo de diferentes informantes (MINAYO, 2005).

[48] Goffman (2011) destaca que "Todas as pessoas vivem num mundo de encontros sociais que as envolvem, ou em contato face a face, ou em contato mediado com outros participantes. Em cada um desses contatos a pessoa atende a desempenhar o que às vezes é chamado de linha – quer dizer, um padrão de atos verbais e não verbais com o qual ela expressa sua opinião sobre a situação, e através disto sua avaliação sobre os participantes, especialmente ela própria." (p. 13)

interação durante as práticas corporais em vez da premissa que apenas tais sujeitos "possuem corpos" em movimentos nos exercícios físicos.

Logo, para delinear as relações "corporais" entre professor(a)-professor(a), professor(a)-aluno(a) e aluno(a)-aluno(a) nas academias de ginástica, a análise das interações sociais entre os sujeitos visando facilitar o entendimento do contexto que engendra os corpos no "limite" e as representações sobre o risco à saúde poderia ser feita por meio de classificações ou tipologias[49]. No entanto, penso que categorizar os sujeitos é uma forma processual e não o produto do empreendimento etnográfico pautado pelo interacionismo simbólico[50]. Na perspectiva do interacionismo simbólico, a minha presença como pesquisador influi na análise de tendências de como os sujeitos interagiam entre si no setor da musculação[51].

Tal situação de análise é típica de trabalhos antropológico comparativos que propiciam inúmeras interpretações no nível das intrarrealidades e de inter-realidades. Desse modo, é possível seguir a orientação de Becker (1997) ao sugerir que para a construção de modelos de determinadas organizações sociais necessitaria delimitar determinados tipos de interação em dadas situações sociais. Por isso, é preciso levar em consideração o fato de um conjunto de membros só é conformado como um grupo, quando os de dentro e os de fora vêem de tal forma no conjunto de relações (BECKER, 2007). Nos grupos espontâneos, as pessoas interagem conjuntamente partilhando coisas em comuns e tendo interesses e valores relativamente semelhantes[52]. Assim, no contexto da musculação em academias de ginástica, a preocupação aqui se refere às ocasiões sociais, os ajuntamentos e situações sociais, os encontros ou engajamentos de interação, como Goffman (2011) discute.

Os critérios de formação dos grupos e da escolha dos membros no que se referem aos professores de Educação Física e aos alunos devem ser detalhados e justificados em um estudo antropológico pautado no interacionismo simbólico. No entanto, não pretendo especificamente "[...] ver tipos de pessoas como categorias analíticas [...] em vez disso, tipos

---

[49] Lovisolo (2011) menciona que fazer classificações ou construir tipologias é uma atividade básica de qualquer estudo, tendo em vista que tal ato é apenas o começo de entender determinado contexto sociocultural. O processo de elaboração de tipologias precisas norteia significativamente os achados (BECKER, 2007).

[50] Malinowski (1986) menciona que o etnógrafo deve estudar os modos estereotipados de pensar e de sentir nas relações entre os nativos, investigando as marcas socioculturais definidas e incutidas na vida social.

[51] Dessa forma, sei que há "[...] diferenças entre os dados obtidos das pessoas no campo quando elas estão na companhia de outros e quanto estão a sós com o pesquisador de campo. Os observadores relatam que as pessoas dizem uma coisa e fazem outra, ou dizem uma coisa em um ambiente e outra coisa em outro." (BECKER, 1997, p. 78).

[52] Gomes (2005) aponta que uma estratégia para apreender a representatividade e a diversidade seria abordar grupos que se formam "naturalmente", isto é, no dia a dia.

de atividades em que as pessoas se envolvem ocasionalmente." (BECKER, 2007, p. 68). Nesse caso, enquanto o delineamento de certos tipos ideais[53] de relações entre professores(as) e alunos(as) se fixariam mais aos sujeitos no espaço da musculação, no ponto de vista do interacionismo simbólico, seria nas atividades com as quais as pessoas compartilham neste local em constantes relações sociais. Desse modo, posso concordar que "Eu não estou preocupado em saber se um certo indivíduo possui ou não uma característica específica, mas em como noções sobre o caráter funcionam na vida cotidiana." (GOFFMAN, 2011, p. 223).

Destarte, principalmente por meio do referencial teórico-empírico do interacionismo simbólico, não houve a intenção de classificação de certos estereótipos[54] de relações entre professores(as) e alunos(as) das academias de ginástica para compreender as interações sociais no que diz respeito aos "limites" corporais e aos riscos à saúde na musculação. Lembro que "Tipificar pessoas é uma maneira de explicar a regularidade nas suas ações; tipificar situações e linhas de atividade é um caminho diferente." (BECKER, 2007, p. 71). Portanto, o presente estudo se refere às relações estabelecidas entre professor(a)-professor(a), professor(a)-aluno(a) e aluno(a)-aluno(a) na musculação de modo mais flexível do que as identidades dos sujeitos em si[55].

Por fim, vale destacar que por se tratar do interacionismo simbólico, reitero aqui também o meu lugar como pesquisador nessa construção intersubjetiva de sentidos e de significados ligados aos "limites" corporais e ao risco à saúde na musculação. Assim, esforcei-me para falar das minhas emoções e dos meus sentimentos no campo de pesquisa de modo não distanciado e meramente descritivo, estratégia esta importante para se compreender a elaboração de um estudo (DaMATTA, 1978), como já delineei no início deste trabalho.

Portanto, o exercício do pesquisador de se situar, observar e descrever sobre o âmbito da saúde, bem como buscar os sentidos e os significados que atravessam as percepções e as representações relativas ao processo de saúde-doença, ao corpo e à intervenção terapêutica

---

[53] Seria uma espécie de quadro homogêneo orientador de pensamento propício a comparações de múltiplas realidades e atuações dos sujeitos. O tipo ideal não se caracteriza por uma hipótese, mas por um meio para formular hipóteses explicativas: "[...] a construção de tipos ideais não interessa como fim, mas única e exclusivamente como meio do conhecimento." (WEBER, 2008, p. 108). Pensando nos professores(as) e alunos(as) na musculação, considero que o uso do conceito de tipo ideal se situa distante da noção de que corresponderia diretamente à realidade de atuação dos sujeitos, ou ainda, uma classificação esgotada para determinar as relações sociais. A construção dos tipos ideais de ser ou interagir como um(a) professor(a) e um(a) aluno(a) seria apenas uma estratégia para compreender (parcialmente) as realidades investigadas.

[54] Estereotipar faz parte do mecanismo de categorização que não possui relação direta com juízo de valor, mas por um ato de chegar próximo de determinadas identidades (MACHILLOT, 2012).

[55] O delineamento inflexível de estereótipos é temporário, generalizante, imperfeito e caracterizado por um processo de rotulagem do "ser" de um sujeito (MACHILLOT, 2012).

também devem fazer parte do empreendimento etnográfico. As experiências dos sujeitos vinculadas à saúde estão conectadas às estruturas sociais, que devem ser, de maneira constante, revisitadas durante a etnografia na medida em que as interações sociais entre o pesquisador e os pesquisados são também ininterrupta e simbolicamente construídas. Assim, diante do estudo no campo da Saúde na contemporaneidade, o próprio lugar do etnógrafo está encarnado de subjetividades, questão esta que deve ser trabalhada de forma contínua e autoreflexiva na investigação pautada nas interações sociais, sobretudo pelo meu lugar como professor de Educação Física ou como profissional de saúde.

Após ter delineado uma breve análise sobre a Escola de Chicago e o interacionismo simbólico no sentido de esclarecer suas contribuições para o pensamento e prática na Saúde a partir do presente estudo, faz-se necessário pensar nos enfoques sobre o corpo e suas relações especificamente com o exercício físico. Revisitar os diferentes enfoques reflexivos sobre o corpo significa apontar aqui neste trabalho o que se entende por tal noção. Goellner (2010a) aponta que "[...] não há como falar de corpo sem falar de nós mesmos, de nossa subjetividade, daquilo que somos ou que gostaríamos de ser. Quando dizemos corpo, estamo-nos referindo não somente à materialidade biológica que nos constitui, mas a nós mesmos." (p. 72). Por isso, neste trabalho, é fundamental esclarecer e aprofundar as discussões acerca do corpo, pois, o lugar de onde falo como pesquisador é parte integrante ou está implicado no texto.

2.2 Enfoques sobre o corpo em exercício

Le Breton (2011) afirma que, muitas vezes, o corpo é posto em suspensão para ser estudado por si, como se fosse uma realidade autônoma. Nesse sentido, a partir do momento que restrinjo o meu olhar (antropológico) sobre determinada perspectiva teórica de corpo no sentido de pesquisá-lo, mesmo considerando a sua totalidade, inevitavelmente, acabo por reduzi-lo ou objetivá-lo. Nesse caso, a produção do conhecimento está intrinsecamente relacionada às teorias que guiam o pesquisador (RODRIGUES, 2006) e o estudo de determinado cotidiano demanda do pesquisador permear um universo de inúmeras significações.

Tal realidade se complexifica na medida em que, no bojo do referencial teórico-metodológico do interacionismo simbólico, entre o pesquisador e os pesquisados, o corpo é compartilhado de forma plural nos diferentes grupos sociais em determinada época histórica, muitas vezes, a partir de diferentes racionalidades. Contudo, antes da compreensão dos enfoques sobre o corpo em exercício físico durante as interações sociais no espaço da

musculação em academias de ginástica, é preciso resgatar a própria ideia de corpo "do natural ao sociocultural".

Ao longo da história, parte do pensamento filosófico relegou o corpo humano em segundo plano (GAYA, 2005). Há diferentes concepções de homem e de mundo em que ora a evidência do corpo se torna um referencial para o desenvolvimento das sociedades, ora um mero "apêndice" para a vida social do sujeito (LE BRETON, 2003). Embora as tensões reflexivas acerca da representatividade do corpo ainda sejam um assunto complexo e de discussão no mundo atual, é inegável que o corpo não expressa somente a história individual do sujeito, mas também o acúmulo de valores e de crenças que cingem e são influenciados pela sociedade.

No início do século XX, Mauss (2003) foi um dos pioneiros a pensar o corpo como uma construção sociocultural ao definir a noção de técnica corporal: "[...] as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo." (p. 401). Há inúmeras maneiras de o homem usar seu corpo caracterizando um emaranhado complexo de gestualidades diferentemente entre diversos contextos socioculturais em cada tempo histórico. As aprendizagens sociais e culturais sobre o corpo podem ser efetivadas a partir de sujeitos intermediários ou mediadores pela observação, pela co-presença, pela transmissão oral de saberes, pela convivência cotidiana, dentre outros meios que fazem parte do escopo de análise interacionista.

Emerge a ideia de que longe de ser compreendido somente como um dado puramente psicológico e/ou físico-biológico, o corpo é marcado e construído por traços histórico-culturais de maneira constante e singular (LE BRETON, 2011). Pode-se afirmar, portanto, que, ao longo das épocas em determinadas regiões e para grupos sociais específicos, o corpo vem assumindo diferentes atributos e conotações simbólicas compartilhados em tensão pelos sujeitos (LE BRETON, 2003; MAUSS, 2003).

Entretanto, com o intuito de evitar reducionismos e tendo em vista a complexidade que abarca o tema, Boltanski (1984) pondera que, geralmente, há uma tendência em reduzir o corpo a uma de suas dimensões, fenômeno esse que ocorre na perspectiva de um idealismo culturalista. Ortiz (2009) comenta que aqueles conhecidos como culturalistas temem as críticas de que o conhecimento científico não pode se sustentar apenas com o particular. Ao longo da história antropológica, são notáveis algumas análises reducionistas sobre os grupos humanos, como inicialmente visto em modelos pautados em um determinismo geográfico e em seguida o reducionismo racial e econômico (DaMATTA, 2010).

Assim, em muitas ocasiões, há uma tendência de objetividade da análise da cultura (SIMMEL, 1998). Nesse sentido, não é possível conceber, de forma unívoca, que o homem é o resultado ou produto exclusivo do meio cultural em que foi socializado (LARAIA, 2001). Entendo que o ser humano é envolvido concomitantemente (e sem dicotomias) por múltiplos aspectos de ordem físico-biológica, psicológica e social (MAUSS, 2003).

Nesse contexto de inúmeras representações sobre o corpo, sabe-se que, depois das primeiras ideias de Mauss (2003) referentes às técnicas corporais, houve alguns movimentos que contribuíam para as reflexões socioculturais em torno do corpo. De acordo com Le Breton (2006), o campo que poderia ser denominado de antropologia do corpo obteve um significativo impulso com a influência do marxismo e do feminismo. O corpo começou a ser pensado também como um instrumento de trabalho à luz das diferenças entre classes sociais, bem como a ser discutido de forma crescente por pesquisas ligadas às questões de gênero.

Destarte, em termos gerais, com base nas proposições de pesquisa acerca da dimensão simbólica do corpo, posso destacar que o corpo identifica o homem e a existência do homem é corporal (LE BRETON, 2011). Os comportamentos corporais são construídos de maneira dinâmica por meio das relações sociais e seus sistemas de significação de crenças, de expectativas, de valores e de condutas. Assim, o que se pode denominar de natureza humana é em parte singularizada culturalmente, havendo, assim, a ideia não universal de que as práticas e as representações de corpo demonstram indícios de como se caracteriza a estrutura de determinada sociedade (RODRIGUES, 2006).

Nos dias atuais, a concepção de corpo como uma construção sociocultural ainda é posicionada em contraste com os referenciais naturais (LE BRETON, 2011), o que na realidade também se caracteriza por uma visão reducionista já que a integração das Ciências Sociais e Humanas com as Ciências Naturais potencializa um entendimento acerca do homem (CZERESNIA, 2008; ALMEIDA FILHO, 2005 e 2011). Desse modo, ao longo de qualquer trabalho, penso que é necessário evitar o risco entre uma análise "biologicista" ou "culturalista". Embora eu não pretenda construir um saber totalizante ou hierarquizar perspectivas teóricas, posso mencionar que, em síntese, as ideias concernentes ao corpo como dados naturais, individuais e universais passam a se configurar como moldadas pela cultura, diferenciando-se entre grupos sociais tanto no espaço quanto no tempo.

Portanto, indo de encontro à tendência acrítica de estar entremeado a um determinismo cultural, em termos gerais, entendo aqui que o corpo se refere a um local privilegiado para se compreender a cultura de determinado grupo social a partir de interações cotidianas. Assumir o ponto de partida deste trabalho no sentido do referencial sociocultural não significa que irei

correr o risco de objetivar e essencializar a cultura ou ignorar a base biológica do corpo. Sabe-se que "[...] sociologia, psicologia, psicanálise e antropologia, isoladamente, não dão conta de entender e/ou explicar a complexidade da produção de sentidos sobre o corpo." (FERREIRA, 2008, p. 471).

Portanto, nesse contexto sobre o corpo, devo esclarecer o campo das práticas corporais, termo este que deve ser problematizado neste trabalho voltado ao espaço da musculação em academias de ginástica. De acordo com Lazzarotti Filho *et al*. (2010) e Silva (2014), o termo "prática corporal" raramente é definido em termos conceituais nos estudos e quando usado, mais presente na área de Educação Física, é apresentando com vários significados e sentidos[56]. No ponto de vista de Nahas e Garcia (2010):

> É preciso avançar, atualizar os conceitos, entendê-los claramente e utilizar terminologia internacionalmente reconhecida. Esta confusão de "práticas corporais", "cultura corporal", e mesmo "movimento humano" quando se quer dizer atividade física - o termo mundialmente utilizado e compreendido - só dificultam a comunicação e veiculação de mensagens importantes para profissionais e para a população em geral. (p. 140-141).

Nessa perspectiva, discordo da possibilidade de generalizar o termo "atividade física" para todo e qualquer ato de se movimentar. Entendo que a visão de corpo encarnada em termos como "exercício físico", "atividade física" ou práticas "corporais" é tratada diferentemente no âmbito acadêmico, aspecto este que deve ser mais explorado no sentido de entender qual é a noção de corpo delineada neste estudo[57]. Na área de Educação Física, enquanto os dois primeiros termos são mais vinculados à área biomédica, tendo uma concepção de corpo atrelada a aspectos biológicos, o último se vincula mais às Ciências Humanas e Sociais, entendendo o corpo como uma construção sociocultural, muitas vezes, em diálogo com o campo da Saúde Coletiva (LAZZAROTTI FILHO *et al*., 2010).

Enquanto o termo "atividade física" é conhecido como qualquer movimento corporal voluntário capaz de resultar em um gasto calórico acima dos níveis de repouso independentemente de estar relacionada ao *fitness* ou a determinada magnitude da ação muscular, a palavra "exercício físico" é entendida pelo ato de se movimentar de modo planejado, estruturado e repetitivo em vistas de melhorar ou manter os componentes da aptidão física (ARAÚJO; ARAÚJO, 2000; MATSUDO *et al*., 2001; FRAGA, 2006; PEARCE, 2009; NAHAS; GARCIA, 2010). Desse modo, embora eu considere que o

---

[56] Fraga *et al*. (2012/2013) apontam que tal termo é extremamente polissêmico e "Diz respeito ao ser humano em movimento, à sua gestualidade, aos seus modos de se expressar corporalmente." (p. 379).
[57] Palma e Assis (2011) alertam sobre a necessidade de discutir de qual ponto de vista é entendido tais termos.

desenvolvimento da aptidão física se constitui pelo nível de potência aeróbia, *endurance* muscular, força muscular, flexibilidade e composição corporal (ARAÚJO; ARAÚJO, 2000; MATSUDO *et al*., 2001), o meu interesse investigativo está relacionado ao contexto sociocultural que atravessa simbolicamente tais atributos corporais durante dadas interações sociais.

Neste estudo, tais noções de "atividade física" e de "exercício físico" se diferem do que denomino de "práticas corporais", por este termo abranger uma preocupação com os sentidos e os significados atribuídos ao ato de se movimentar por parte dos sujeitos que se exercitam, no caso, na musculação em academias de ginástica. De acordo com o recente glossário temático sobre a promoção da saúde do Ministério da Saúde, o termo "práticas corporais" envolve as:

> Expressões individuais ou coletivas do movimento corporal, advindo do conhecimento e da experiência em torno do jogo, da dança, do esporte, da luta, da ginástica, construídas de modo sistemático (na escola) ou não sistemático (tempo livre/lazer). Notas: i) Manifestações da cultura corporal de determinado grupo que carregam significados que as pessoas lhe atribuem, e devem contemplar as vivências lúdicas e de organização cultural. ii) Existem várias formas de práticas corporais: recreativas, esportivas, culturais e cotidianas. (BRASIL, 2012, p. 28).

Assim, embora eu mencione os termos "atividade física" ou "exercício físico" no que diz respeito ao desenvolvimento da aptidão física, o termo "práticas corporais" é expresso neste texto no seu sentido *lato*, isto é, toda e qualquer prática do corpo delineada pelo aluno na academia de ginástica em constantes interações sociais com a acepção supracitada. Desse modo, a seguir, será apresentado o foco teórico que "desnaturaliza" o corpo a partir de dois eixos de análise relacionais: o binômio da saúde/doença e o da beleza/feiúra.

2.2.1 Corpos "na saúde e na doença"

Com base na discussão sobre as tensões entre a explicação natural e a compreensão sociocultural do corpo, a categoria saúde também se consolida como uma noção a ser analisada em uma perspectiva do interacionismo simbólico. Partindo da premissa de Le Breton (2011) de que o saber biomédico, paradigma oficial da sociedade contemporânea, centra-se no corpo e não no homem, posso mencionar que as condições de saúde e seus supostos riscos ainda são regidos pelos conhecimentos técnico-científicos anatomofisiológicos.

Ainda é notável a hegemonia do saber biomédico universal em moldar as intervenções em saúde, quando se compara com o auxílio das explicações de cunho social e cultural que

podem fornecer esclarecimentos particulares para estratégias preventivas e terapêuticas (SAILLANT; GENEST, 2012). Assim, sob grande parte da perspectiva biomédica, o homem não é o seu corpo; este é dissociado como uma realidade em si à parte do próprio sujeito, como se fosse um objeto que ele porta (LE BRETON, 2011).

O modelo biomédico possui suas raízes históricas vinculadas ao contexto do Renascimento e de toda a sua revolução artístico-cultural (FOUCAULT, 1999). Instaurou-se na sociedade um conjunto pragmático da racionalidade médica sobre o corpo que, como lembra Camargo Júnior (2005), pode ser definida como um sistema que se propõe a ser lógico e estruturado, baseado em cinco elementos teóricos: "[...] a) uma morfologia ou anatomia humanas; b) uma fisiologia ou dinâmica vital humana; c) um sistema de diagnósticos; d) um sistema de intervenções terapêuticas; e e) uma doutrina médica. [...]" (p. 178). O modelo cartesiano de corpo humano o tornou, de modo reducionista, mecanicista e racionalista, uma máquina biológica em que a relações entre as suas partes devem funcionar plenamente (LE BRETON, 2011). Nessa direção, é compreensível que o domínio da noção de natureza[58] sobre o corpo e a saúde ainda seja marcante na sociedade contemporânea, haja vista a representatividade de tais constructos sendo ressignificados desde a Antiguidade.

Paulatinamente, o arcabouço teórico-científico da biomedicina[59] foi se desenvolvendo, em especial, pela evolução tecnológica (BARROS, 2002). Nessa direção, o avanço da ciência a partir dos aspectos de objetividade, de mensuração, de visão fragmentada e especializada ofereceu respostas socialmente aceitáveis às condições corporais face à dinâmica do processo saúde-doença (ORTEGA; ZORZANELLI, 2010). Entretanto, sabe-se que o corpo e a saúde são determinados pela complexa trama de múltiplos referenciais biológicos, socioculturais, econômicos, ambientais, etc. que permeiam o modo de vida dos sujeitos (CZERESNIA, 2007). Nesse sentido, em especial as doenças e suas causas, as práticas de intervenção e os diagnósticos traduzem também o conjunto das relações sociais e os princípios estruturais que as caracterizam (RODRIGUES, 2006).

Assim, as noções de saúde e seus riscos podem variar entre os tempos e estão particularizadas em cada grupo humano que as concebem, tornando também simbólicas na

---

[58] Backes *et al*. (2010) apontam que o termo natureza se estabeleceu na Idade Média, no século XIII, "[...] com o significado de 'fonte', tendo o sentido de 'ser natural', relativo a *natura*, como derivação tardia do verbo nascer em latim (*Nascor, nasceris, natus sum, nasci*)" (p. 730).

[59] Entende-se biomedicina como "[...] o campo de saberes biológicos no qual se baseia a medicina, envolvendo as instituições e as práticas de saúde a ela associadas". (SARTI, 2010, p. 78). Baseia-se primordialmente em procedimentos medicamentosos, cirúrgicos, físicos e dietéticos (CAMARGO JÚNIOR, 2005).

medida em que são compartilhadas em interações sociais. Existe uma cultura somática particular que pode ser detectada quando é possível analisar, por exemplo, as ações dos sujeitos diante da saúde-doença (BOLTANSKI, 1984). Desta forma, a ideia de um corpo saudável será sempre plural em interações sociais já que, de acordo com Rodrigues (2006), "A sociedade codifica o corpo, e as codificações do corpo codificam a sociedade. As relações da sociedade com o corpo são relações da sociedade com ela mesma." (p. 123). Em outras palavras, cada sociedade elege e reconhece o que é estar ou ser saudável (ADAM; HERZLICH, 2001).

Desse modo, as multiplicidades de concepções simbólicas e usos do corpo em interações sociais também se aplicam ao campo das práticas corporais voltadas à saúde. Tal contexto associado ao corpo e à saúde-doença pode ser visto em diversos lugares sociais, como o âmbito de academia de ginástica. Exercitar-se em função de determinados ideais de saúde-doença que são compartilhados entre aqueles que compõem o público de academias de ginástica é um ato cada vez mais frequente na contemporaneidade.

Todavia, os ideais biomédicos hegemônicos da sociedade contemporânea ainda limitam a saúde e seus riscos à sua realidade orgânica em diversos espaços sociais, como as academias de ginástica. Baseando-me em Alves e Rabelo (1998), se a inserção no mundo é corporal, para apreender a saúde é preciso entendê-la como uma construção sociocultural. Por isso, é imperativo desnaturalizar os fenômenos socioculturais relacionados à saúde à luz de uma existência de diferenças culturais (ADAM; HERZLICH, 2001; MINAYO, 2006). As análises aprofundadas, densas e contextualizadas sobre determinada cultura podem auxiliar na elucidação simbólica do processo saúde-doença nas interações sociais no setor da musculação em academias de ginástica, levando em consideração a possibilidade da existência de uma "polissemia de corpos". Entender o corpo como um dado exclusivamente natural, logo universal, significa descartar as múltiplas possibilidades de pensar a saúde e seus riscos pela perspectiva sociocultural no contexto das práticas corporais em academia de ginástica. De acordo com Rabelo e Alves (2004), "Nem exclusivamente natural, nem exclusivamente cultural, o corpo é, ao mesmo tempo, totalmente natural e totalmente cultural." (p. 195).

Nesse contexto do interacionismo simbólico do corpo em exercício físico e as academias de ginásticas, desenvolve-se um questionamento acerca do processo de medicalização da sociedade contemporânea que expressa uma visão reducionista acerca da saúde (ADAM; HERZLICH, 2001) – leia-se eminentemente biológica e interventora de inúmeras dimensões da vida do sujeito. A medicalização descreve um processo pelo qual um problema não-médico venha a ser definido e tratado como problema médico usualmente em

termos de doença e de desordens. Seria um uso abusivo de responsabilizar o saber médico, desconsiderando a capacidade do cuidado das pessoas (CONRAD, 2007; CAMARGO JÚNIOR, 2007). Nos últimos anos, os conceitos atrelados ao meio médico se proliferaram amplamente na sociedade ocidental imputando certos modelos de saúde-doença[60] que, por vezes, são incorporados pelo culto às práticas corporais quando os sujeitos estão em interações sociais no dia a dia no espaço da musculação.

Atualmente, parece que qualquer desvio corporal que porventura pode representar eventos hostis a uma vida dita "normal" deve ser combatido pelo referencial biomédico prescritivo, no caso, podendo ser visto por meio das relações sociais que se configuram no plano das práticas corporais. Le Breton (2003) afirma que "Quando o corpo peca por saúde ruim ou pelos riscos que o sujeito corre por causa dele, às vezes são aplicadas soluções radicais para erradicar qualquer semente de morte. [...] Se o corpo é o lugar da morte, será necessário um dia extirpá-lo do homem." (p. 124).

Assim, pelo fato do caráter generalizante, mecanicista e analítico do modelo da biomedicina não responder ou não dar conta de algumas questões ainda obscuras acerca das relações entre corpo e saúde (CAMARGO JÚNIOR, 2005), outras perspectivas explicativas ganharam notoriedade nos tempos atuais. Atualmente, abordagens pautadas nos referenciais das Ciências Sociais e Humanas em saúde e as Ciências Naturais concorrem no sentido de explicar as condições do corpo. Inúmeras são as contribuições de estudos antropológicos na área da saúde para se pensar o corpo (SAILLANT; GENEST, 2012). Já é possível perceber que o aumento do debate acerca da identidade epistemológica desse campo, por exemplo, suscita mudanças e novas reflexões na produção e no próprio ensino em saúde (CANESQUI, 2003, 2010 e 2011).

Contudo, devo concordar com Sarti (2010) quando menciona que a perspectiva antropológica da saúde ainda enfrenta o lugar de autoridade das ciências biomédicas. Para se ampliar a visão sobre os múltiplos corpos "na saúde e na doença" e entender aspectos macroestruturais de uma sociedade mais ampla, é preciso relativizar os conceitos biomédicos e valorizar a experiência e os discursos dos inúmeros grupos sociais em seu lócus microscópico de interações cotidianas; como o caso da diversidade de representações sobre o risco à saúde no âmbito das academias de ginástica.

---

[60] Brás (2008) afirma que, na verdade, desde o início do século XX tal fenômeno ocorre.

2.2.2 Corpos "na beleza e na feiúra"

O corpo é muitas vezes submetido a um conjunto de elementos impositivos de certos modelos durante as interações sociais, não somente de saúde, mas também o que sugere aos sujeitos alguns tipos corpóreos ideais[61] na sociedade contemporânea. Há uma espécie de etiquetas corporais implícitas de acordo com o que o sujeito deve se enquadrar, ou melhor, há códigos de um saber-viver aceitos socialmente com/para o corpo (LE BRETON, 2011).

Tendo em vista a ideia de Le Breton (2003), de que o corpo pode se tornar um "rascunho" a ser corrigido, percebe-se cada vez mais uma necessidade de reinventá-lo, modificando a imagem do corpo à maneira do que se idealiza. Le Breton (2006) ainda declara que o corpo pode se configurar como um "cartão de visitas" para ser aceito socialmente, como uma "vitrine", conforme Sabino (2004); ou ainda, como um "*outdoor*", segundo Lüdorf e Ortega (2013). Todas essas ideias convergem para a noção de que os sujeitos em suas relações sociais definem determinados tipos de aparências corporais a partir das suas inserções e interações no mundo[62].

Assim, embora haja uma noção de que o indivíduo é "naturalmente livre" em suas ações pelas próprias ideias, vejo que compreender o indivíduo significa inevitavelmente "conhecer" o seu grupo devido às normas sociais reinventadas de modo ininterrupto durante as interações sociais. O sujeito se percebendo na massa ao mesmo tempo em que estimula o movimento social, em parte, é incentivado pelo coletivo (SIMMEL, 2006).

Desse modo, as imagens de corpo que não se associam à saúde ou a determinados padrões de beleza, por exemplo, podem tornar-se uma característica "desacreditável" entre os sujeitos durante as relações sociais. Na perspectiva de Goffman (2008), significaria que, ao interagir com seus pares e outros sujeitos, um traço corporal ofereceria descrédito ao indivíduo, sobretudo se pensar em âmbitos que o corpo fica em evidência. Assim, cria-se uma

---

[61] Ao longo do texto, apontarei essa ideia múltipla de "ideais de corpos" pelo fato de entender que nem todo grupo social, sobretudo na academia de ginástica, privilegiará o que se propala geralmente: "baixos índices de gordura", "músculos em evidência", etc. Além disso, se grande parte dos grupos sociais se espelha realmente em tais modelos de corpo, é preciso considerar que há diferentes sentidos e significados para conceber tais aparências como "ideais".

[62] Nessa direção, Sahaj (2011) lembra que "Na antiguidade, posição e status social de uma pessoa foi avaliada não só pela quantidade de bens materiais de propriedade, mas também pela superioridade de seu corpo e seu nível de condicionamento físico, a forma física. [...] O corpo humano foi tratado como uma espécie de cartão de identificação, o que contribuiu para o desenvolvimento de numerosas divisões sociais. Este paradigma foi apoiado tanto na prática e teoria por tais pensadores pendentes como: Aristóteles, Platão, Sócrates, Hipócrates, Pitágoras e Diógenes de Sinope." (p. 385).

possível "fachada" com inúmeros sinais simbólicos objetivando estimular o que se deseja transmitir para o seu público (GOFFMAN, 2002).

Acrescento ainda outro conceito delineado por alguns autores de "capital físico" ou "capital corporal", que diz respeito à elevação do *status* da aparência do sujeito em determinado meio social (GOLDENBERG, 2010 e 2011; LE BRETON, 2011). O culto de certos capitais corporais acaba angariando alguns lucros sociais (FREW; MCGILLIVRAY, 2005; MONTAGNER, 2006; FERREIRA, 2008; MEDEIROS, 2011), isto é, a imagem do corpo, portanto, pode ser uma forma de capital[63] que é decisiva para transitar facilmente em determinado meio social.

Assim, em um determinado ambiente de interações sociais, como é o caso da musculação em academia de ginástica, pode categorizar de maneira depreciativa o indivíduo pelos seus atributos físicos, o que, de certa maneira, nas palavras de Goffman (2008), poderia estigmatizar padrões de corpo distantes dos ideais estabelecidos socialmente. Há certa política de coerção ininterrupta que se dedica aos processos das atividades à luz do esquadrinhamento do corpo como, por exemplo, pelo regulamento do tempo, do espaço e dos movimentos (FOUCAULT, 2004) que se estabelece nas interações sociais durante as práticas corporais.

Pensando no espaço da musculação em academias de ginástica pela perspectiva de Goffman (2008), devido aos imperativos corporais propalados pela sociedade, alguns alunos podem responder diretamente ao estigma indo de encontro ao "defeito estético" que possuem no sentido de corrigi-lo visando à normalidade. Já outros possíveis alunos estigmatizados tentam ir além do seu "defeito", por meio de um significativo esforço individual, a fim de superar desafios e empreender sucessos inimagináveis nas condições limitantes. Assim, embora o exercício físico possa ser visto como uma forma mais "pessoal ou individual" de autoregulação significando uma realização do eu (LUPTON, 2000), afirmo que os esforços de se aproximar de ideais de beleza são eminentemente relacionais em interações cotidianas.

As ideias de exercício físico, de economia corporal e de eficácia dos movimentos são valorizadas e compartilhadas pela cosmologia contemporânea, principalmente acerca da saúde e da estética. Sabe-se que saúde e estética são apenas alguns dos aspectos que historicamente permeiam as representações de corpo (LOVISOLO, 2006). Muitas vezes, tais atributos se relacionam como, por exemplo, quando se presume categoricamente que a forma física do corpo é classificatória no sentido de julgar a saúde dos sujeitos, "corpo sarado" como

---

[63] Silva (1995) esclarece e sintetiza alguns tipos de "capital" delineados por Pierre Bourdieu.

sinônimo de saudável (LUPTON, 2000). Para Featherstone (1999), pode haver a ideia socialmente estabelecida de que o "corpo interno", referente à saúde e ao funcionamento do corpo, pode ser resultado do aprimoramento do "corpo externo", vinculado à aparência, ao movimento e ao controle do corpo.

Assim, as categorias de saúde e de estética podem denunciar inúmeros significados no qual o corpo é submetido, elucidando, dessa maneira, em que medida os aspectos relativos à noção de "estar ou ser saudável" associado ao "parecer esteticamente agradável" influenciam ou determinam as relações sociais em uma cultura preponderantemente somática. Especula-se que essa noção é derivada da preponderância do aspecto visual do método anatomoclínico que marcou fundamentalmente o diagnóstico dos males corporais (FOUCAULT, 1986; ORTEGA, 2005; ORTEGA; ZORZANELLI, 2010).

Nesse sentido, observa-se que, cada vez mais na atual sociedade, existe um entrelaçamento entre a hegemonia da dimensão visual do corpo e a associação com a saúde (LE BRETON, 2011). Principalmente no século XX, houve uma série de novas ideias e discursos sociais sobre as imagens de corpo (HELMAN, 1988; ORTEGA, 2005). Malysse (2007) afirma que o corpo deixou de ser pensado como uma forma viva e tornou-se uma obsessão da supervisibilidade contemporânea[64].

Assim, em uma sociedade revestida da cultura somática, o cenário da musculação em academia de ginástica é culturalmente estabelecido como formador de modelos de corpos ideais, que são, de certo modo, compartilhados ou não entre aqueles que compõem o ambiente em estudo. Para Damico e Meyer (2006), "O cuidado com o corpo, objetivado em um conjunto de práticas corporais que vão desde as escolhas das dietas, das roupas e da aparência como um todo, configura-se como um estilo, um jeito de ser aprendido e reaprendido de diferentes modos durante toda a vida." (p. 79). Muitas vezes, os discursos de corpo belo que se operam no sentido de corpo saudável conduzem a condutas moralizantes aos sujeitos, ora os diferenciando, ora os igualando (ANDRADE, 2003; COSTA; VENÂNCIO, 2004; LOVISOLO, 2006; DAMICO; MEYER, 2006; POLI NETO; CAPONI, 2007; FERREIRA, 2008; BAGRICHEVSKY, 2009).

Exemplarmente, inúmeras pesquisas analisaram revistas de grande circulação e constataram que o poder do conhecimento biomédico e técnico-científico dos especialistas nas matérias divulgadas legitima a associação entre saúde e estética corporal para o público leigo,

---

[64] Tal fato pode ser visto nos inúmeros estudos com o tema das relações entre saúde e estética corporal que já fazem parte significativamente do cenário acadêmico (SANT'ANNA, 2007).

compreendendo o corpo como objeto de consumo (SERRA; SANTOS, 2003; VASCONCELOS *et al*., 2004; PIRES; MÓL, 2005; FIGUEIRA; GOELLNER, 2005; SIQUEIRA; FARIA, 2007; SUDO; LUZ, 2007; ALBINO; VAZ, 2008; GOETZ *et al*., 2008; SEIXAS, 2010; PALMA *et al*., 2010; VIEIRA; BOSI, 2013). Os meios de comunicação entremeados ao "senso comum" e/ou à exigência mercadológica, bem como, muitas vezes, respaldados cientificamente por saberes de profissionais da saúde, são fundamentais para concretizar as relações entre saúde e estética durante as interações sociais cotidianas, sobretudo no espaço das academias de ginástica em que o corpo fica em evidência. Na atual cultura do consumo, regida pelo aspecto visual[65], a imagem corporal e o "olhar" do outro influenciam preponderantemente as relações sociais (FEATHERSTONE, 2010).

Nesse contexto, percebe-se que, ao longo do tempo, preocupa-se mais com a vida individual do que a coletiva pela cultura do consumo do corpo preponderante na sociedade em geral (LE BRETON, 2011). Inseridos em determinados meio de relações sociais, há um movimento em que os indivíduos cada vez mais autônomos desejam distinguir-se entre si, ser único e distinto (SIMMEL, 1998b). Portanto, atualmente, o corpo reflete uma sociedade marcada pela valorização do individualismo, narcisismo, hedonismo e consumo (FERREIRA, 2008). Cada vez mais emergem múltiplas ideologias de que o sujeito é responsável em fabricar provisoriamente o próprio corpo, isto é, a construção do *self* é hipervalorizado no mundo contemporâneo (FOX, 1998; ORTEGA, 2003; LE BRETON, 2011).

Assim, por outro lado, perder certos ideais de imagem corporal não apenas significa retrocesso e queda de *status*, mas a perda da própria identidade e ser excluído do grupo, isto é, uma morte social (SABINO, 2004). O indivíduo a todo instante se depara com um quadro complexo de múltiplas referências instáveis e transitórias no sentido da reconstrução da sua identidade (HALL, 2011). Assim, "[…] o corpo tende a tornar-se uma matéria-prima a modelar segundo o ambiente do momento." (LE BRETON, 2004, p. 7).

Desse modo, o âmbito das academias de ginástica, em especial, a musculação, no início do século XXI se caracteriza por um dos principais (ou talvez o principal) lócus de transformação do corpo, isto é, na opinião de Le Breton (2004), de mudar constantemente a vida. No campo da Saúde, se o hospital pode ser considerado uma dos ambientes para os ritos de transição social (HELMAN, 1994), as academias de ginástica se encaixam também nesta perspectiva de corroborar com certas construções do corpo. Se antes havia a visibilidade de

---

[65] Segundo Lipovetsky e Serroy (2011), o que não dá imagem não existe.

certo tipo ideal de corpo padrão, hoje há uma multiplicidade de formas de corpo socialmente aceitas determinantes na geração de inúmeras identidades culturais (FRAGA, 2000).

Nesse sentido, uma das vias de compreensão aponta que as modificações corporais são indicadores rituais de *status* em que o indivíduo busca para pertencer ao seu grupo social (TURNER, 1974; SEGALEN, 2000; GENNEP, 2011). A noção de pessoa, tratada por Mauss (2003), é alterada ao modificar o corpo com as práticas corporais, por consequência o seu *status* (SABINO, 2005). Nessa direção, para Malysse (2007), "[...] ao mesmo tempo fator de individualização e fator de identificação, o corpo torna-se o símbolo social da pessoa." (p. 131).

Na perspectiva interacionista, baseando-me em Goffman (2008), menciono que a situação de quase "normalidade" corporal pode elevar o nível de vulnerabilidade e de constante revisão do estigma pelo sujeito na musculação durante as interações sociais, o que retrata de certo modo, aspectos macroestruturais de dada sociedade. Tal fato se acentua quando o sujeito fica próximo aos considerados normais "esteticamente" pelas autoexigências nos contatos mistos – leia-se com corpos vistos como saudáveis e belos.

Portanto, no nível macroestrutural, a partir das concepções simbólicas idealizadas em um corpo considerado são e/ou belo, a sociedade categoriza e classifica os sujeitos que se relacionam em dados universos particulares e concretizados nas interações sociais. O ambiente social delimita os sujeitos pelos seus atributos e forma determinadas categorias na medida em que há normas que marcam essa identidade social (GOFFMAN, 2008). Assim, concordo com a premissa de que as identidades dos sujeitos atualmente são corporizadas (VIGARELLO, 2006; ORTEGA; ZORZANELLI, 2010), ou melhor, no ponto de vista do interacionismo simbólico, julgadas pelo que se estabelecem em termos de uma gama de padrões de corpo "na beleza e na feiúra" durante as suas *performances* nas relações sociais (SCHECHNER, 2011).

Até o momento, dissertei sobre o referencial teórico norteador deste trabalho que, por consequência, iluminará o olhar interpretativo para os achados, isto é, o meu foco a partir do interacionismo simbólico sobre o corpo e o profissional de Educação Física com seus alunos na musculação em academias de ginástica. Neste momento, é preciso compreender detalhada e sistematicamente como foram os procedimentos metodológicos do presente estudo, haja vista que os processos usados e as relações estabelecidas pelo pesquisador devem tornar-se públicos em todas as etapas da pesquisa (CICOUREL, 1980).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 A delimitação do universo empírico

Neste estudo de cunho qualitativo e etnográfico, a delimitação delineada nesta seção se refere aos procedimentos de escolha dos critérios de seleção para configurar o universo empírico comparativo deste trabalho. Dessa forma, em primeiro lugar, argumentei sobre a escolha das duas academias de ginástica analisadas e, posteriormente, explicitei os fatores que levaram a estudar determinados sujeitos no setor da musculação.

3.1.1 A seleção das academias de ginástica "P" e "G"

Tomo o âmbito das academias de ginástica como uma forma de organização social, ou seja, "[...] uma situação em que a maioria das pessoas faz em geral as mesmas coisas, de mesmo hábito, na maior parte do tempo." (BECKER, 2007, p. 65). No entanto, alguns estudos comparativos que fizeram seu trabalho de campo no setor da musculação, como o de Hansen e Vaz (2006) e Sassatelli (2000), conseguiram identificar possíveis peculiaridades nos significados atribuídos ao corpo em relação ao porte da academia de ginástica. Nesse sentido, parto da ideia de que "Nunca devemos pressupor que duas instituições são iguais simplesmente porque pertencem à mesma categoria social convencionalmente definida." (BECKER, 1997, p. 66), no caso, ser apenas um espaço de academia de ginástica, haja vista que as interações sociais de determinados grupos humanos inseridos em dados contextos socioeconômicos e culturais podem ser dinâmicos e plurais.

Nesse sentido, um critério delimitador para a escolha das academias de ginástica a fim de elaborar um trabalho comparativo no setor da musculação foi ser caracterizada de grande ("G") e de pequeno porte ("P"), conforme a classificação de Bertevello (2006)[66]. Em termos gerais, é possível observar que:

> [...] uma academia grande jamais é uma academia pobre e, normalmente, situa-se nos centros mais dinâmicos da cidade. Já nas periferias, proliferam as academias pobres e pequenas. A despeito dos pequenos investimentos e limitada capacidade de inovação, em grande medida, apoiadas ainda numa lógica tradicional de organização

---

[66] Isto é, classificando a academia de ginástica desde uma micro até um megaempresa. De modo semelhante ao trabalho de Pasquali *et al*. (2011), busquei me informar sobre o perfil das academias de ginástica pelos seus preços, número de profissionais empregados, serviços prestados, bem como o tempo de funcionamento da empresa.

> do trabalho, muitas vezes sustentadas pela economia doméstica e familiar, as academias da periferia, estruturalmente limitadas, oferecem um leque de serviços focado em poucas práticas e serviços [...] Assim, sobrevivem e se multiplicam em função do consumo local de moradores circunvizinhos e na prática de preços compatíveis com a renda deste segmento. (PASQUALI *et al*., 2011, p. 13)

Enquanto nas pequenas academias de ginástica tendem a uma administração mais familiar e de menor alcance no que diz respeito à ampliação da empresa, nas grandes academias de ginástica notam-se tecnologias e teorias administrativas mais avançadas do mercado (FURTADO, 2009). Pasquali *et al*. (2011) registram que:

> [...] o crescimento deste setor segue a lógica de desenvolvimento desigual, com a oposição entre grandes academias, que demonstram enorme capacidade de inovação, distribuindo-se pelos centros mais dinâmicos da cidade, e as pequenas academias que proliferam na periferia, baseadas em métodos tradicionais de organização do trabalho e dependentes do consumo local. (p. 1)

Diante de certa polarização entre grandes e pequenas academias de ginástica, outro critério delimitador para a escolha das academias de ginástica se referiu ao local que foi privilegiado no estudo: um bairro de baixo e outro de alto poder aquisitivo da cidade do Rio de Janeiro[67], uma vez que, de acordo com Boltanski (1984) e Bourdieu (1983), os ambientes das classes sociais podem se diferenciar quanto à representação e aos usos do corpo, permitindo, assim, estabelecer comparações ao abranger um universo amplo de sujeitos de pesquisa. Malysse (2007) chega a apontar que a diversidade de classes sociais existente no Rio de Janeiro possibilita enxergar distintos contextos "estético-sociais". No entanto, Santos (2006) alerta que:

> Quando se fala sobre classe social é frequentemente a respeito dessa diferenciação que se está fazendo referência. Essas classes sociais têm formas de viver diferentes, enfrentam problemas diferentes na sua vida social. A diferenciação é, no entanto, mais complexa, pois não se pode dizer que as maneiras de viver sejam homogêneas nem dentro da classe trabalhadora nem dentro da classe proprietária. (p. 51)

Algumas pesquisas já indicaram também que a característica financeira da região e do público da academia de ginástica pode demonstrar distinções na maneira de conceber o corpo (VIGNE, 2005; IRIART; ANDRADE, 2002; FERREIRA; MAGALHÃES, 2006; VIGNE *et. al*., 2008; VOTRE *et al*., 2008; IRIART *et al*., 2009; CHAVES, 2010; FREITAS *et al*., 2011). Assim, na cidade do Rio de Janeiro, optei[68] por delimitar o espaço empírico com uma

---

[67] Malysse (2007) identificou que especialmente na cidade do Rio de Janeiro as academias de ginástica são responsabilizadas por proporcionar a representatividade do culto ao corpo. Por meio da lista telefônica disponibilizada pela internet, Vilhena *et al*. (2012) detectaram seiscentas e trinta e nove academias de ginástica de grande, médio e pequeno porte na cidade do Rio de Janeiro.

[68] Estou ciente que embora tenha me apoiado em determinadas classificações de tipos de academias de ginásticas a serem estudadas, transparecendo certa opção metodológica arbitrária, ao longo do tempo, percebi as nuances

academia de pequeno porte do bairro popular[69] da Cidade de Deus e outra de grande porte do bairro nobre da Barra da Tijuca. Barata (2009) esclarece que "O fato de pertencer a uma determinada classe ou estrato social significa não apenas poder desfrutar de determinadas condições materiais, mas também acaba por moldar toda uma visão de mundo com complexas implicações para a saúde." (p. 104).

No entanto, evitei reduzir a análise somente acerca da variedade de formas de usos do corpo segundo determinadas classes sociais, como alerta Herzlich (2005). Tendo em vista o "olhar" comparativo entre os bairros supracitados, entendo que é possível e comum existir uma diversidade cultural localizada em um mesmo ambiente físico caracterizado por determinada classe social[70], tendo a possibilidade de no interior de cada grupo social conter juízos diametralmente opostos (LARAIA, 2001; BOAS, 2006).

Além disso, há uma complexidade no trânsito dos sujeitos, uma dimensão de multipertencimento e uma heterogeneidade de pensamentos dos grandes centros urbanos moderno-contemporâneos que moldam experiências e comportamentos humanos diversos e relacionais no interior e entre grupos sociais (VELHO, 1994 e 2009; MAGNANI, 2002; ZALUAR, 2009). O sujeito da sociedade complexa hipermoderna ou pós-moderna está entremeado a heterogêneos quadros culturais que o torna híbrido em sua identidade na contemporaneidade (LAHIRE, 2008; HALL, 2011), por isso, no bojo de um mesmo grupo social urbano das grandes cidades, pode haver o delineamento de diferentes estilos de vida, por consequência, a pulverização, a fragmentação e a individualização das ações sociais (KOURY, 2010).

Acrescento ainda que as distinções entre as classes sociais são difíceis de serem realizadas pelas faixas de grupos sociais localizados, muitas vezes, em limites não tão precisos e, mesmo no interior das classes sociais, há variações de visões de mundo (SANTOS, 2006). No ponto de vista de Lipovetsky (2009), na sociedade contemporânea, "A dimensão distintiva de classe, não desaparece, mas perde importância e peso em beneficio dos desejos de novidades, de sedução e de individualidade." (p. 177). Assim, vale frisar que as interações

---

dos dados que emergiam de ambos os estabelecimentos, confirmando a relevância de pesquisar tais espaços de forma comparativa.

[69] Levando em consideração que o termo "popular" é relacional e, por vezes, ligado ao pensamento dualista que se remeteria ao "dominante" ou ao "padrão" (BOURDIEU, 1996), esclareço aqui que a opção de uso do "popular" é no sentido de fazer um contraponto ao bairro "nobre". No caso da Cidade de Deus, é possível afirmar que é um bairro "popular" e de "trabalhadores", como Zaluar (1984) identificou em sua pesquisa.

[70] Segundo Lahire (2008), "Vivemos em sociedades diferenciadas e hierarquizadas, com uma mobilidade social e geográfica mais forte do que muitas sociedades tradicionais, em sociedades altamente escolarizadas [...]." (p. 24).

sociais se conformam constantemente entre conflitos e negociações intersubjetivas durante o cotidiano de forma distinta entre e na mesma classe social.

Contudo, apoiando-me na ideia de *habitus*[71] de Bourdieu (1983), argumento e reitero que há um conjunto de disposições determinantes nos modos de agir e de pensar acerca do corpo, atrelados a possíveis gostos de classe social, como podem ser vistos relativamente em distintas academias de ginástica. Em cada grupo social, há uma educação corporal, ou seja, "Em toda sociedade, todos sabem e devem saber e aprender o que devem fazer em todas as condições." (MAUSS, 2003, p. 420), criando uma espécie de *habitus* de lidar com o corpo. Resumidamente, o *habitus* seria, portanto, uma forma de internalizar a ordem social no corpo humano. Para Boltanski (1984), o que rege preponderantemente os comportamentos é o *habitus* corporal entendido como um:

> [...] sistema de regras profundamente interiorizadas que, sem nunca serem exprimidas na totalidade nem de maneira sistemática, organizam implicitamente a relação dos indivíduos de um mesmo grupo com seus corpos e cuja aplicação a um grande número de diferentes situações permite a produção de condutas físicas diferentes e diferentemente adaptadas a essas situações, mas cuja unidade profunda reside no fato de que elas permanecem sempre conformes com a cultura somática daqueles que as produzem. (p. 176)

Logo, compreendo que há uma demarcação específica que incita determinado grupo social a adotar formas, valores, crenças, gestos e atitudes para/ com/ no corpo necessários para a vida coletiva cotidiana, isto é, a todo instante o sujeito simboliza corporalmente na sua relação com o mundo, como a questão dos "limites" corporais em academias de ginástica. Assim, entendo que o *habitus* se constitui pelas categorias construídas socialmente que incidem sobre o sujeito e ao mesmo tempo pela trajetória e lugar individual que internaliza esses modos de viver (BOURDIEU, 1983, WACQUANT, 2007).

Fatores objetivos e intersubjetivos associados às posições e aos movimentos corporais do cotidiano são ditados, em grande parte, por aspectos culturais, como podem ser vistos, por exemplo, no ato básico de andar, de sentar, de descansar, de comer, etc. (MAUSS, 2003). Se para Bourdieu (1983), o *habitus* é um conjunto de disposições inconscientes classificatórias de preferências explícitas e evidentes que o sujeito adota como válido para a sua vida social, estando inscrito no corpo, é possível concordar com Medeiros (2011), que o corpo não é um saber, mas algo que se é. Vale frisar nesse contexto que "[...] a alteração do ambiente social

---

[71] A antiga noção aristotélica-tomista de *habitus* foi resgatada fundamentalmente por Pierre Bourdieu (WACQUANT, 2006 e 2007). Embora Marcel Mauss (2003) tenha trabalho com este noção em uma visão antropológica relacionando a com a utilização do corpo humano, Pierre Bourdieu avança no sentido de integrar os aspectos corporais às práticas sociais em geral, sobretudo no âmbito simbólico.

pode conduzir a mudança nas disposições corporais, induzindo novas experiências e provocando novas idéias." (RABELO e ALVES, 2004, p. 189).

Nessa direção, há certas tendências de formas temporárias de pensar, de sentir e de agir para/ com/ no corpo, acessíveis empiricamente pela observação metódica (WACQUANT, 2007). Generalizar os usos do corpo, portanto, é ater-se aos aspectos objetivos em detrimento de questões intersubjetivas concretizadas na vida social. Conforme Wacquant (2006), tal inovação conceitual do *habitus* expressa uma forma importante de entender a relação entre os homens, haja vista que tal noção propicia, no ponto de vista de Bourdieu (1983), uma maneira sistemática de observar determinadas condições de existência em dada época. Desse modo, é possível afirmar que o conceito de *habitus* corporal expressa a riqueza da variabilidade das interações humanas e de concepções de corpo no "limite" que se apresentam no campo da musculação em academias de ginástica.

Assim, tendo em vista o âmbito de academias de ginástica, no caso, o setor da musculação, julgo interessante investigar o corpo por meio do referencial antropológico do interacionismo simbólico justamente pela possibilidade de ampliar as variações e as razões com que os sujeitos se inserem no mundo. Os homens respondem de modos específicos a diversos estímulos considerados universais, porém não regidos apenas pela suposta classe social na qual são "classificados".

Em suma, friso que em todas as classes sociais há relativas especificidades culturais (GUEDES, 1997). Ressalto que não pretendo colocar em oposição a cultura erudita e a cultura popular como frutos de determinadas classes sociais, situação esta constantemente ressaltada no senso comum (SANTOS, 2006). A ideia central foi comparar duas realidades teoricamente distintas de academias de ginástica[72] no que diz respeito aos contextos socioeconômicos e culturais no sentido de apreender a possível diversidade de usos do corpo na musculação. Portanto, a realização do meu estudo se coaduna com a perspectiva metodológica em que o

---

[72] Optei por delinear o estudo de modo semelhante à Bouzón (2010) em sua pesquisa etnográfica em salões de beleza: "A idéia era que um deles fosse muito sofisticado, freqüentado por camadas sociais mais elevadas e, preferencialmente, situado em bairros valorizados da Zona Sul da cidade, dada a maior concentração de renda e as representações simbólicas valorativas que certos endereços da região carregam. O segundo estabelecimento deveria ser bastante contrastante. Daí a opção por um salão 'popular', que atendesse a um público economicamente menos favorecido, excluído de certas práticas e representações, porém, participante de outras." (p. 16)

processo comparativo[73] propicia diferenças e semelhanças importantes para uma análise mais ampla do que aquela atrelada somente as classes sociais.

Bertoncelo (2013) afirma que é possível uma investigação empírica que se debruça nas aproximações entre classes e práticas sociais, sem desconsiderar a importância e a utilidade de análise acerca de determinados grupos de *status* em que consiste em dada estrutura de relações. Face ao trabalho comparativo, entendo aqui que as classes sociais não possuem uma relação exclusivamente econômica e não caracterizam de modo essencial e objetivo os sujeitos, no entanto, exprimem determinadas coletividades sociais que possuem dadas peculiaridades nos padrões de interação na sociabilidade cotidiana (BERTONCELO, 2013).

Becker (1997) comenta que para se ter um máximo efeito de uma análise comparativa "[...] os estudos devem ser construídos um a partir do outro, ao invés de serem feitos simultaneamente. O resultado pode ser uma compreensão detalhada da operação de um grande número de fatores e condições à medida que interagem para produzir resultados diferentes." (p. 130). Embora reconheça a premissa do autor que para as mesmas problemáticas, os sujeitos podem desenvolver diferentes soluções (BECKER, 1997), eu discordo da efetiva necessidade de realizar o estudo "um a partir do outro". A vivência simultânea de ambos os campos de pesquisa, no setor da musculação das academias de ginástica "P" e "G", me propiciou um constante *feedback* regular de reflexões comparativas nas minhas interações sociais, o que contribuiu para eu analisar justamente a comparação do costume com o contexto e, posteriormente, com outro grupo social.

Desse modo, antes de confrontar os dois campos de pesquisa, segui a orientação no que diz respeito à necessidade de primeiro analisar meticulosamente o material de um lócus de estudo para depois efetivar a comparação. Os dados de cada realidade estudada devem ser contextualizados de acordo com lócus de onde se originaram, seja na comparação intrarrealidade ou inter-realidades. Nesse contexto, devo lembrar que embora o presente estudo tenha selecionado dois lócus de análise para obter uma comparação, entendo que a essência do trabalho antropológico em si já se configura como uma pesquisa comparativa, não necessitando obrigatoriamente de mais de um "campo". Por isso, pelo fato do presente trabalho, por um lado, ter privilegiado a riqueza e a densidade dos dados inter-realidades, por

---

[73] Maluf (2001) aponta que "Nessa direção da importância da perspectiva comparativa para uma relativização das concepções ocidentais modernas do corpo, um outro conjunto de trabalhos traz uma contribuição inestimável para esta discussão sobre as abordagens antropológicas do corpo." (p. 92).

outro, o aprofundamento das discussões intrarrealidades se tornou um desafio para mim pela diversidade e amplitude dos achados.

Vale lembrar também que o meu olhar investigativo não se construiu somente a partir da premissa "[...] da ligação entre os locais, inscrita no objeto em si mesmo, mas sim o da ligação de cada local com o investigador." (WACQUANT, 2006, p. 21). Muitas vezes, me deparei com uma espécie de pesquisa de campo multisituada pelo fato de utilizar "[...] os mesmos instrumentos de observação e perseguindo questões da mesma natureza em duas comunidades separadas por grandes diferenças culturais e de poder." (WACQUANT, 2006, p. 21). Esta configuração comparativa do estudo se estabeleceu nesta ideia de posição que se refere à experiência da vida do pesquisador com a maior facilidade ou dificuldade em atuar em trabalhos de campo, tendo o etnógrafo a necessidade de questionar a própria posição social com a dos sujeitos pesquisados, sobretudo no mundo contemporâneo de múltiplas identidades (MARCUS, 1995). O meu interesse não foi captar aspectos supostamente universais[74] das academias de ginástica, mas questões particulares de cada contexto estudado nesta pesquisa comparativa com a preocupação de apreender a pluralidade de usos do corpo especialmente na musculação, bem como eu lidei com as múltiplas relações entre os sujeitos que ali interagiam.

3.1.2 A seleção dos sujeitos das academias de ginástica "P" e "G"

A princípio, um critério delimitador para a escolha dos sujeitos foi relativo aos professores possuírem, no mínimo, graduação (pública ou privada) de licenciatura plena ou bacharelado em Educação Física. Não foram inseridos na pesquisa os "profissionais" denominados "práticos" (sem formação acadêmica) ou estagiários com responsabilidades de um professor graduado em atuação nas academias de ginástica, embora durante a pesquisa de campo eu tenha entrado em contato com tais sujeitos no setor da musculação.

Sobre os profissionais da academia de ginástica "P", deparava-me relativamente com o fato de que o "[...] quadro de professores não se tem a mesma uniformidade em relação a formação, ou seja, não são todos professores de Educação Física. A jornada de trabalho varia de 20 até 45 horas semanais na mesma academia [...]." (PASQUALI *et al.*, 2011, p. 12). Neste estabelecimento, ao longo da alta rotatividade dos profissionais, percebia que muitos não

---

[74] No sentido comparativo do trabalho de Sassatelli (1999) quando teve o interesse de generalizar a descrição de um "tipo de ambiente" de academia de ginástica.

eram formados em Educação Física, pois grande parte ainda cursava a faculdade, por vezes, sendo "trancada" por motivos "financeiros". Embora ainda não tivessem concluído o curso, tais sujeitos tinham a total liberdade de orientar os alunos naquele espaço. No setor da musculação, existiam apenas dois ou três profissionais ao longo do dia a depender da época do ano ou do dia da semana: um de sete a meio-dia, outro de meio-dia às dezoito horas e o último de dezoito às vinte e duas horas.

Já na academia de ginástica "G", todos os professores de Educação Física eram formados e os estagiários circulavam pelo espaço da musculação, sempre que possível, orientados. Embora o meu foco fosse os sujeitos formados em graduação de Educação Física, captei e valorizei a prática e os discursos desses outros "profissionais" por atuarem e vivenciarem aquele espaço. Observava também que, em consonância à Espírito-Santo e Mourão (2006), os profissionais "[...] já fizeram ou fazem alguma especialização, o que mostra uma busca pela formação continuada e afirma a competência como um dos vetores relevantes para o trabalho do professor na academia." (p. 44). Sobre os profissionais da academias de ginástica "G", embora também tenha visto que, como Pasquali *et al*. (2011), "Os professores, todos com formação especializada, possuem jornadas de 16 a 25 horas semanais na academia e boa parte trabalham em outros lugares." (p. 10), identifiquei uma sobrecarga laboral no que diz respeito à carga horária muito maior, pois, complementavam a sua renda financeira com os trabalhos de *personal trainer*[75]. Via também que variava muito a quantidade de professores e de estagiários de Educação Física na sala de musculação, pois dependia do horário em que havia mais pessoas frequentando ou da disponibilidade dos profissionais. Em média, nos horários mais frequentados (início da manhã e da noite) era possível ver aproximadamente sete professores e três estagiários, já nos horários menos frequentados o número reduzia para dois ou três professores e um ou dois estagiários.

Outro critério delimitador para a escolha dos sujeitos foi direcionado ao professor que deveria exercer, no mínimo, uma função voltada à Educação Física, excluindo o profissional que atuasse somente em cargos de gestão ou administrativos na academia de ginástica, pois a proposta foi verificar os aspectos simbólicos nas interações sociais com os alunos face aos "limites" corporais. Antes do trabalho de campo, a proposta era investigar o professor de Educação Física que atuasse tanto no setor da musculação, quanto nas aulas coletivas. No

---

[75] Muitos profissionais trabalhavam em torno de dez a doze horas por dia; não era raro encontrar um professor de Educação Física que tenha chegado às seis horas da manhã na academia de ginástica e ia para casa apenas no turno da noite.

entanto, pela dimensão de um trabalho comparativo, pela (não) presença de algumas modalidades entre as academias de ginástica e com a finalidade de focar a análise, durante a inserção no campo de pesquisa, houve a delimitação acerca de uma função de trabalho: professor de sala de musculação. Tal escolha se deve pela proximidade de tais profissionais de Educação Física com seus alunos discutindo as questões que, porventura, estariam atreladas aos "limites" corporais. Assim, embora reconheça que a realização de um trabalho antropológico possa ser capaz de indicar muitas questões universais, transpondo os seus achados para outros universos empíricos das academias de ginástica, vale frisar que optei por apreender os "limites" corporais no setor da musculação[76].

Em suma, a proposta foi delimitar o contexto profissional dos professores de Educação Física de ambos os sexos, de diferentes faixas etárias e de distintos tempos de carreira de ambas as academias de ginástica a fim de contemplar a exploração da multiplicidade de espectros de interações sociais com seus diversos alunos. Embora foque a análise no profissional de Educação Física, os alunos estão no contexto do processo de investigação, dado o processo simbólico de interação social na musculação.

Portanto, foi possível perceber que os espaços físicos escolhidos foram moldados a partir dos meus objetivos de pesquisa e das minhas interações acadêmico-profissionais e a seleção de professores de Educação Física foi estabelecida no decorrer do trabalho de campo. Nesse sentido, a seguir, apresento como foi o uso das técnicas de pesquisa nos espaços da musculação em ambas as academias de ginástica.

3.2 O uso das técnicas de pesquisa

Levando em consideração que a escolha do método é em função da orientação teórica (GASKELL; BAUER, 2010), esta pesquisa antropológica, pautada pelo interacionismo simbólico, utilizou o método etnográfico composto, prioritariamente pela observação participante[77]. Para Schwartz e Schwartz (1955), tal observação se caracteriza pelo

---

[76] Embora durante a apresentação e a discussão dos achados eu tenha me remetido a outros espaços das academias de ginástica para além da musculação, ratifico que o presente trabalho se volta especialmente a este local de práticas corporais. Bridges (2009) afirma que estudos no setor da musculação são ricos para análises antropológicas pelo fato dos "corpos" estarem em constante interação, por serem tratados como um "capital" e simbolizarem relações e identidades sociais.

[77] A princípio, eu havia pensado também em realizar entrevistas, pois, teoricamente, buscaria captar o ponto de vista do profissional de Educação Física sobre o fato, intenção essencial esta que contribuiria para a etnografia (MALINOWSKI, 1986). Durante os meses, sentia que a posição comercial e ideológica nos quais os

pesquisador conviver em situações sociais com os seus pesquisados a todo instante, evitando interferir e modificar as interações sociais e ao mesmo tempo sendo influenciado por este contexto. Em consonância à ideia principal do interacionismo simbólico que a partir de dadas relações sociais em um nível microestrutural é possível entender a configuração do contexto de determinado segmento da sociedade, a observação participante oferece justamente uma análise que oscila entre os acontecimentos singulares e a sua representação em uma realidade mais ampla (CLIFFORD, 2008).

Desse modo, a observação participante se dirigiu ao cotidiano do trabalho do professor de Educação Física na musculação em academias de ginástica e a sua vivência de interação com o aluno no que diz respeito ao exercitar-se com os corpos no "limite". Contudo, a partir do interacionismo simbólico, entendo também que o ponto de vista do nativo se constituiu a partir da relação entre ele e a minha pessoa no ato de pesquisa (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Por isso, ratifico aqui o meu constante processo de exercício metodológico de alteridade e de estranhamento nas minhas interações sociais nas academias de ginástica estudadas pela minha formação como profissional de Educação Física, inserido no campo da Saúde. A perspectiva do que poderia ser chamado por Geertz (1994) de "experiência próxima", ou "de perto e de dentro", conforme Magnani (2002), pelo fato do meu (ex-)lugar de professor definir, de forma "natural" como pesquisador o que os nativos sentiriam, pensariam e/ou fariam, a problematização da minha posição social se tornou um desafio.

Assim, o caderno de campo foi um instrumento de pesquisa onde realizei anotações sobre regularidades (eventos rotineiros) e variações (fatos excepcionais) da vida cotidiana; não somente detalhes de acontecimentos, mas as ações dos sujeitos envolvidos em determinadas situações sociais especialmente na musculação. Os relatórios após o período de pesquisa de campo foram geralmente elaborados no dia seguinte com o objetivo de não perder nenhum detalhe do contexto.

Inicialmente, captava todo o contexto social de ambas as academias de ginástica e registrava nos diários de campo. Eu estava, de certo modo, na fase exploratória da pesquisa, ainda em processo de escolha do tópico de investigação, da delimitação do objeto, da definição dos objetivos e da construção dos referenciais teóricos (GOLDENBERG, 2004; DESLANDES, 2010; MINAYO, 2010). Paulatinamente, ao definir melhor o meu objeto de

---

profissionais estavam envolvidos geraria uma espécie de "fala protocolada", "politicamente correta" e/ou "extremamente institucionalizada" ou "distanciada", o que não me interessava, pois, a informalidade do "bate-papo" cotidiano, sem a presença do gravador, parecia ser mais rica pelos vínculos criados a cada encontro face a face.

estudo, as minhas anotações nos diários de campo tenderam para as questões relacionadas aos possíveis "limites" corporais na musculação[78].

DaMatta (2010) esclarece que quando o etnógrafo consegue se ater a determinado funcionamento de regras constituintes da lógica nativa, antes obscura para o pesquisador, é possível denominar este processo de descoberta etnográfica. Atravessada (mas não somente) a teoria, a descoberta etnográfica se dá efetivamente na vivência da realidade pesquisada (PEIRANO, 1992), que no ponto de vista de Latour e Woolgar (1997), vários fenômenos que pareciam estranhos "de repente" podem ser compreendidos no contexto estudado. Para Magnani (2009), "[...] a 'sacada' na pesquisa etnográfica, quando ocorre – em virtude de algum acontecimento, trivial ou não – só se produz porque precedida e preparada por uma presença continuada em campo e uma atitude de atenção viva." (p. 136).

Nessa direção, a minha "descoberta etnográfica" ou "sacada" se deu pela noção das sensações corporais ou da linguagem do mundo social referente ao corpo no "limite", importantes para entender as questões simbólicas relacionadas ao risco à saúde. No processo etnográfico de estranhamento como professor de Educação Física, aos poucos, comecei a entender que o espaço das academias de ginástica, ou melhor, a musculação se configurava como o principal suprassumo de usos corporais em determinados "limites", que poderiam variar entre distintos e nos mesmos grupos sociais.

Entendia, portanto, que o processo de construção dos dados e de constantes análises durante toda a pesquisa se estabelecia como um processo cíclico contínuo (ALVES-MAZZOTI; GEWANDSZNAJDER, 1999; BRANDÃO, 2007; SHIN *et al*., 2009). Com base em Becker (1997), analisava o material empírico paralelamente ao trabalho de campo, servindo de guia ou direção para as operações futuras durante a pesquisa voltadas as interações sociais que ali ocorriam. Assim, os diários de campo foram elaborados de forma cronológica onde era destacada, por ordem, cada situação social vivenciada, como Cicourel (1980) e Weber (2009) propõem. Baseando-me em Laville e Dionne (1999), realizei observações descritivas no que diz respeito aos registros acerca do que foi observado/ interagido e elaborei notas analíticas que porventura poderiam nortear as minhas futuras ideias acerca de cada fato[79].

---

[78] Whyte (2005) cita que "Então, passamos a viver com os dados – e com as pessoas – até que, quem sabe, algum acontecimento fortuito lance uma luz totalmente diferente sobre eles e comecemos a enxergar um padrão até então não visualizado." (p. 284).

[79] Assim, como o próprio Malinowski (1980) privilegia, a cada anotação (ou conjunto de anotações) referente a uma descrição de dada situação, havia possíveis interpretações para tal fato.

Elaborei dois diários de campo em separado, isto é, referentes às duas academias de ginástica estudadas e, assim, busquei, a princípio, fazer inúmeras releituras de cada dia vivenciado nos campos de pesquisa no setor da musculação. Frequentemente, eu realizava uma série de "leituras flutuantes" para me impregnar do que estava presente nos meus diários de campo, sobretudo pelo fato de eu tentar me "distanciar" como profissional, porém trabalhando este meu lugar social com o que eu interagia no trabalho de campo, isto é, captando "outras racionalidades" que não aquelas ligadas a minha profissão. Aos poucos, identificava aspectos simbólicos que, potencialmente, atravessariam a vida social de ambas as academias de ginástica, tendo como resultado, categorias de análise para os dois âmbitos estudados.

Baseado no trabalho de Malinowski (1997), eu criei esquemas de categorias para visualizar os dados, colocando-as em colunas comparativas entre as academias de ginástica com a finalidade de apreender uma visão geral sobre os locais de estudo. Malinowski (1986) afirma que um dos aspectos principais do método da pesquisa de campo é a construção de dados de inúmeros fatos a fim de obter um "mapa mental" refinado e transformado em um esquema real, "[...] deve materializar-se em diagramas, em planos, em um quadro sinótico exaustivo de todos os casos." (p. 37).

Silverman (2010) menciona que um fenômeno único pode permear contextos variados; ao mesmo tempo em que há uma aparente lógica universal, existem singularidades do contexto. Muitas vezes, percebia que os conceitos aparentemente idênticos eram diferentes entre os grupos sociais (BECKER, 2007). Em um exercício comparativo, as categorias que foram constantemente reelaboradas ao longo do trabalho de campo nas duas academias de ginástica ora possuíam o mesmo sentido e significado, ora aparentemente destoantes. Desse modo, nas palavras de Whyte (2005), "Também deveria presumir que, quaisquer que fossem as diferenças entre indivíduos e grupos, havia semelhanças básicas a serem descobertas." (p. 320). Assim, a minha postura de análise dos dados entremeado as diversas interações sociais na musculação em ambas as academias de ginástica se caracterizava pelo que Ribeiro (1999) chama de um verdadeiro corpo-a-*corpus* no sentido de me ver exposto ao objeto suscitando fatos inesperados, possivelmente novo, no caso, sobre a questão dos "limites" corporais, não somente como profissional, mas como etnógrafo.

Penso que estar familiarizado com os referenciais teóricos e a par dos recentes estudos que se coadunam com a presente pesquisa inspiraram significativamente o meu trabalho etnográfico, no entanto entendo que foi necessário me desprender de ideias preconcebidas sobre a temática analisando, de maneira crítica, o que se construiu no "campo". Assim, tal

análise passava também fundamentalmente pela descrição êmica realizada por mim sobre as academias de ginástica investigadas.

Por se tratar do espaço da musculação em academias de ginástica, onde "papel e caneta" não eram vistos regularmente, com raras exceções na mão dos professores de Educação Física, optei por elaborar meus diários de campo no meu próprio celular. Nas primeiras incursões ao campo de pesquisa, ao estar munido de um papel e uma caneta, houve diversas situações notáveis de que eu estava perturbando aquele ambiente, seja quando podia ser confundido com um estagiário em aprendizagem ou ainda como um avaliador da rotina de exercícios físicos dos alunos ou do trabalho do professor de Educação Física. O fato de estar aparentemente focado na tela do celular sugeria que eu não estava prestando atenção ao que acontecia ao meu redor; deixando, assim, os pesquisados mais à vontade. Além disso, por ser um objeto de uso pessoal, não houve qualquer tentativa de pedirem para ver o que estava escrito no visor do celular[80].

Em ambas as academias de ginástica, eu elaborava breves lembretes, geralmente acompanhados de certas expressões faciais, que fizeram com que algumas pessoas comentassem se eu estava "feliz" ou "triste" com o que supostamente tinha lido ou escrito no celular. A cada situação ou conjunto de situações sociais vivenciadas no trabalho de campo que eu conseguia memorizar, eu me remetia ao celular quase que imediatamente.

O ato de digitar no celular era tão banal nas academias de ginástica que foram raros os estranhamentos desta minha atividade. Inúmeros foram os momentos que me perguntaram, professores de Educação Física e alunos, por qual motivo eu não anotava nada ou como eu conseguia "lembrar de tudo" quando eu fosse para casa escrever "meus relatórios". Em um ano de pesquisa de campo, fui abordado por professores apenas duas vezes no sentido de perguntar se anoto as "coisas" no celular e as minhas respostas foram sempre positivas. Poucos alunos questionaram se eu estaria conversando nas redes sociais ou jogando no celular, situação esta cada vez mais comum atualmente. Durante este trabalho de elaborar os diários de campo no meu celular, aprendi também a "escutar" sem a necessidade de "olhar" para os pesquisados, principalmente em um local que, de modo recorrente, todos "observam uns aos outros": a musculação.

Optei por um celular de "preço mediano" para se enquadrar nas duas realidades socioeconômicas das academias de ginástica. Ao longo das minhas conversas e observações

---

[80] Alguns autores valorizam a estratégia de usar diários de campo com recursos eletrônicos e informáticos (CAPRARA; LANDIM, 2008; FERNANDES, 2011).

registrava quase que diretamente o que foi falado ou visto naquela multiplicidade de interações sociais ocorridas principalmente na musculação. Tal estratégia foi de suma importância para a riqueza da descrição dos "fatos", não precisando ter que contar exclusivamente com a memória[81].

Em contrapartida, tive que aprender em ambas as realidades onde, como e a frequência de vezes que eu poderia usar o meu celular para escrever os meus lembretes. Na academia de ginástica "P", eu retirava meu celular do bolso para fazer as anotações em locais em que os alunos costumavam digitar ou falar no celular, geralmente em sacadas do andar do prédio. No entanto, reduzi as minhas anotações em tal local, pois, ao longo do trabalho de campo, descobri pelos alunos(as) que aquele ponto era um suposto lugar de paqueras, em que "as alunas da aula de dança lá embaixo olhavam para os caras da musculação lá em cima e vice-versa". Na academia de ginástica "G", realizei as minhas anotações principalmente em uma varanda ao ar livre fora do setor de musculação, onde raras as pessoas ficavam, ou ainda, em poltronas adjacentes aos aparelhos de musculação ou nos bebedouros em que havia inúmeras pessoas usando seus celulares. Além disso, notava que os alunos, muitas vezes, usavam o celular na sala de musculação como se fosse uma planilha de treinamento ou um simples cronômetro e os professores, como um "instrumento de trabalho"[82], situações estas que me estimularam a fazer o uso do meu celular como diário de campo. No total, ao longo dos meses, foram usados dois celulares, pois, pela quantidade de informações cotidianas registradas, as teclas não resistiam à intensidade da utilização. Após os primeiros dias de campo, cheguei a ter dores nos dedos e no punho pela frequência do uso do celular.

Como material complementar de análise, em ambas as academias de ginástica, pude acumular também toda fonte textual que, porventura, pudesse auxiliar na interpretação dos achados derivados das interações sociais, estratégia esta de praxe em trabalhos etnográficos, inspirados no trabalho de Malinowski (1986). Assim, coletava todo material escrito que eu tinha autorização para pegar vislumbrando uma futura análise. Na Cidade de Deus, pegava

---

[81] Cicourel (1980) e Becker (1997) afirmam que o registro sobre algo teria que ser realizado em um intervalo curto entre a situação e a anotação com o intuito de não perder a riqueza dos detalhes do fato observado ou vivido. Whyte (2005) relata sobre uma das suas árduas experiências no trabalho de campo no que diz respeito à elaboração das notas de campo: "Eu conseguia tomar algumas notas nas idas ao toalete, porém a maior parte do mapeamento era feito de memória, quando chegava em casa. No início eu ia em casa uma ou duas vezes por noite para fazer os mapas. Contudo, com a prática, fiquei tão bom nisso que podia reter pelo menos dois arranjos completos na memória e fazer todas as anotações no final da noite." (p. 329).

[82] Quelhas (2012) em seu estudo considerou que o celular dos professores de Educação Física de academia de ginástica acaba funcionando "[...] como um 'escritório móvel', já que quase todos trabalhavam como instrutores particulares, também denominados de *personal trainer*." (p. 176).

revistas locais do bairro, *folders* comerciais e prospectos da academia de ginástica "P" que ficavam expostos na recepção. Na Barra da Tijuca, reunia os prospectos, os programas de treinamento impressos deixados pelos alunos no chão ou em cima dos aparelhos de musculação e alguns números da revista interna da própria academia de ginástica "G". Tais materiais me serviram para complementar as informações sobre os públicos e os contextos que eu investigava no sentido de entender amplamente aquelas interações sociais estabelecidas na musculação.

Assim, após oferecer um panorama explicativo sobre o uso das técnicas de pesquisa nos espaços da musculação em academias de ginástica, pretendo discutir, pela ótica do interacionismo simbólico, como foram estabelecidas as relações entre o pesquisador e os pesquisados, a saber.

3.3 Entre corpos nas academias de ginástica: pesquisador-alunos(as) e pesquisador-professores(as).

Tendo em vista o respaldo teórico-metodológico do interacionismo simbólico e a minha necessidade de construir uma alteridade no trabalho de campo, preciso destacar que sou morador do bairro da Barra da Tijuca desde que nasci e um dos meus empregos se situa no bairro da Cidade de Deus, de modo que tenho familiaridade com os locais estudados. Costumam me chamar de "bombado", "sarado" ou "marombeiro" devido ao meu porte físico: cabelo raspado e musculoso graças às minhas atividades físicas. Estes fatores relacionados à minha identidade de residência e de trabalho, bem como a minha aparência física foram relevantes na minha inserção e nas interações em campo, o que será descrito no decorrer desta seção.

A minha aparência sempre suscitou uma imagem de saúde ou não no "outro", incluindo profissionais de saúde: em inúmeras consultas médicas, meus pedidos de exames foram constantemente recusados pela premissa de que eu era "jovem e forte". Por exemplo, ao longo da minha trajetória pessoal, alegar qualquer desconforto orgânico ao médico sempre suscitou dúvidas dos profissionais do tipo: "você usa bomba? O que você está fazendo com seu corpo? É melhor parar!". No meu ponto de vista, tais situações me impossibilitaram ter um relacionamento simétrico com o médico e, por consequência, um tratamento adequado. Sem contar as inúmeras situações em que fui abordado por vendedores de suplementos alimentares ou confundido como um "segurança ou vigilante disfarçado".

No âmbito de academias de ginástica, trabalhava na musculação preponderantemente no horário da noite, período este em que "corpos mais volumosos" transitavam com maior frequência. Quando recorria ao coordenador para me transferir para o turno da manhã pelo fato de estar acostumado em lidar com um público mais idoso, o mesmo, embora tenha aceitado a minha proposta, recusava várias vezes afirmando que eu não tinha o "perfil corporal" do horário, tendo em vista as interações sociais que ali ocorriam.

Tais informações da minha aparência, bem como da minha experiência pessoal e profissional ilustram como as relações sociais podem se estabelecer neste contexto de academias de ginástica, sobretudo no setor da musculação. Da mesma forma, creio que a capacidade de convívio na academia de ginástica da Cidade de Deus e da Barra da Tijuca se deve por eu ter experimentado na minha vida diferentes vivências pessoais e profissionais em diversas regiões cariocas.

Se no início deste estudo destaquei o meu processo de reflexividade antes da entrada no campo de pesquisa, problematizando a minha experiência acadêmico-profissional prévia face ao meu objeto de estudo, neste momento, descreverei sobre a terceira fase delineada por DaMatta (1978), denominada de "pessoal" ou "existencial". Tal fase corresponderia ao prolongamento da formação científica ou acadêmica vivenciada no próprio trabalho de campo, "[...] enquanto o plano teórico-intelectual é medido pela competência acadêmica e o plano prático pela perturbação de uma realidade que vai se tornando cada vez mais imediata, o plano existencial [...] fala mais das lições que devo extrair do meu próprio caso." (p. 25).

Nesse período supracitado, portanto, há a descrição da vivência concreta do pesquisador com as pessoas investigadas. Para além do etnógrafo pensar sobre si, é preciso projetar a construção da sua identidade na interlocução com os seus pesquisados, embora entenda que não há uma divisão entre o processo de reflexividade do pesquisador e as interações com os seus pesquisados (DOMINGUES, 2002). Assim, as perspectivas nativas atribuídas ao pesquisador devem ser abordadas a partir de certas categorias disponíveis no próprio campo das relações sociais estudadas. Desse modo, concordo com Viveiros de Castro (2002) quando aponta que "[...] o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos." (p. 113-114).

Nesse contexto, afirmo que apenas "etnografando" que realmente fui aprendendo alguns saberes especiais do trabalho de campo "[...] como saber estar, saber ver, saber ouvir e saber escrever." (GOELLNER *et al.*, 2010, p. 61). A vivência de estar "entre corpos nas

academias de ginástica" caracterizava-se fundamentalmente como um rito de passagem de um pesquisador, como alguns autores abordam (PEIRANO, 1992). Assim, o meu "olhar etnográfico" se instalava de tal forma que em simples situações de relações sociais do meu cotidiano pessoal e profissional as interpretações sobre o que via e ouvia foram acontecendo "naturalmente". Certamente, nunca mais entrarei em uma academia de ginástica e principalmente no setor da musculação somente como um profissional de Educação Física e de saúde ou como um simples aluno.

Nesse sentido, aponto como foi o meu relacionamento com os coordenadores(as), professores(as) e alunos(as) durante o trabalho de campo ao longo de meses, ressaltando a minha busca como pesquisador de se adaptar à vida social nativa, como propõe DaMatta (2010). Procuro aqui atender uma demanda fundamental do trabalho de campo em saúde que é problematizar, no próprio manuscrito, os limites e as potencialidades das eventuais diferenças de classes sociais, de inserções culturais, de perfis socioeconômicos entre o investigador e o grupo social estudado, além do meu próprio lugar como professor de Educação Física.

A todo instante nas interações sociais no setor da musculação, com o intuito de apreender as lógicas das realidades vivenciadas nos campos de pesquisa, ora ficava em uma situação passiva restringindo-me a observação no seu sentido *strictu*, ora participava ativamente da vida nativa ou de alguns "rituais" para entrar em determinado grupo. Tal situação se caracterizava por uma linha tênue entre o fato de não poder ficar tão à margem ou afastado e nem tão intensivo ou perto com os pesquisados (WHYTE, 1980; CICOUREL, 1980). Sei que muitas vezes o etnógrafo não pode esperar os supostos "dados", integrando-se a certos acontecimentos da vida dos pesquisados (MALINOWSKI, 1980, 1986 e 1997). Beaud e Weber (2007) comentam que "Ora, é preciso 'estar com', ou, melhor ainda, 'fazer com', para compreender o que quer que seja." (p. 32).

Em contrapartida, "estar junto com os nativos" não significava que pretendia me tornar um, inclusive pela impossibilidade de ser um efetivamente. Whyte (2005) destaca, por exemplo, que seus informantes gostavam dele por ser justamente diferente e não um "igual". Embora eu tenha buscado me alinhar aos contextos das academias de ginástica com a finalidade de compreender a visão de mundo dos sujeitos, como me apresentar adequadamente a cada situação, sabia que não seria e nem tentava copiar um "nativo". Como todo encontro com o "outro" durante a etnografia se torna um produto de uma negociação e

de co-construção de (inter)subjetividades, à luz dos objetivos do meu estudo, buscava aproveitar tudo aquilo que me deparava (in)diretamente durante o trabalho de campo[83].

Para deslindar sobre alguns aspectos relativos à minha interação com os "nativos", foi preciso pensar que os lugares sociais destinados a minha pessoa como pesquisador nas academias de ginástica foram se modificando ao longo do tempo. O pesquisador e os grupos sociais analisados acionam diversos sistemas de classificação para um compreender o outro, caracterizando-se por um mútuo reconhecimento. A minha identidade co-construída com os pesquisados foi concebida de modo diferente e se alterou com o passar do tempo no trabalho etnográfico estabelecendo múltiplas impressões da minha pessoa para eles no setor da musculação nas duas academias de ginástica.

Lembro que em nenhuma das academias de ginástica, eu me exercitava nos aparelhos de musculação[84]. Ao estar no coletivo, sempre avisava a minha presença quando eu chegava e, posteriormente, ficava circulando pelo espaço da musculação sem realizar as práticas corporais por alguns motivos: em primeiro lugar, eu realizava a observação após ter ficado grande parte do turno da manhã e da tarde trabalhando em pé no âmbito da Educação Física escolar. A minha "condição corporal" no final da tarde e durante a noite impossibilitava realizar as práticas corporais pelo cansaço laboral do dia a dia. Em segundo lugar, não queria que minha condição de pesquisador fosse confundida com a de aluno e igualmente tinha receio de não ter o afastamento necessário para a pesquisa se me integrasse como tal. Por outro lado, não estar inserido como aluno, me permitia transitar livremente por diferentes espaços. Igualmente temia que a forma como eu treinasse me aproximaria e/ou me afastaria de alguns grupos dentro das academias de ginástica, o que não era a minha intenção, pois gostaria de perpassar por todas as relações sociais que se configuravam no espaço da musculação[85]. Assim, por motivos pessoais, profissionais e de pesquisa, diversos aspectos me levaram a me situar como etnógrafo sem me engajar nas práticas corporais.

---

[83] Todos estes aspectos são prerrogativas fundamentais de uma etnografia, abordadas exaustivamente por autores como Whyte (2005), Becker (2007), Wacquant (2002), etc.

[84] Diferentemente de Monaghan (2000 e 2001), Sabino (2004) e Bridges (2009) que "corporalmente" vivenciaram o âmbito de academia de ginástica se exercitando junto a seus nativos. Outros experienciaram o contexto da academia de ginástica se exercitando em um primeiro momento e apenas depois fizeram o trabalho de campo propriamente dito (SASSATELLI, 1999; CROSSLEY, 2006; CHAVES, 2010). Um exemplo de experiência antropológica no sentido "corporal" são os trabalhos de Malysse (2008 e 2010) que relata uma parte do seu diário de campo e o seu processo de reflexividade na sua entrada e estadia em uma academia de ginástica. Outra pesquisa nesse sentido foi a de Wacquant (2002) que experienciou o contexto do boxe.

[85] Whyte (2005) lembra que "[...] onde existem diferentes grupos com diferentes padrões de comportamento ajustar-se aos padrões de um grupo particular pode ter conseqüências muito sérias." (p. 315).

Tanto na academia de ginástica "P" quanto na academia de ginástica "G", embora eu tenha sido relativamente autorizado a "malhar de graça" no setor da musculação, percebia ao longo do trabalho de campo que não me exercitar era uma estratégia importante. Embora alguns autores tenham privilegiado que o etnógrafo vivencie "corporalmente"[86] o campo de pesquisa, o ato de não se exercitar não excluía tal premissa. Adoto a ideia de Bizerril (2004) quando sugere que o pesquisador tenha atenção na sua experiência corpórea ao longo do trabalho de campo. Assim, penso que o delineamento dos dados se deu pelo tipo de atuação do etnógrafo com seus pesquisados em dadas circunstâncias, pois não era eu somente que os observava, mas também eles que tentavam me classificar, como poderá ser visto a seguir, pelas diferentes identidades que me foram atribuídas ao longo das interações sociais na musculação estabelecidas durante o tempo.

3.3.1 Aluno

Em ambas as academias de ginástica, um papel atribuído a mim era a de "aluno", embora na minha vida nunca tenha sido um. Principalmente nas minhas primeiras visitas nas academias de ginástica "P" e "G" ou nos contatos iniciais com os pesquisados, a primeira ideia de que tinham de mim era de um aluno comum que realizava os exercícios físicos na musculação.

Na academia de ginástica "P", os professores de Educação Física e coordenadores já sabiam que eu não era um aluno pelo fato da minha prévia apresentação como pesquisador, no entanto, durante o cotidiano, os alunos começavam a conversar comigo como se eu fosse um "igual" para eles. Embora eu me aproveitasse de certas situações sociais desse contato inicial, sempre esclarecia qual era o meu lugar naquele espaço. Ser temporariamente considerado um aluno para aqueles que frequentavam aquele espaço era interessante na medida em que estabelecia uma rede de contatos com os pesquisados e de certo modo era uma experiência nova para mim, pois eu apenas frequentei academias de ginástica como um professor.

Os professores de Educação Física da academia de ginástica "P" não usavam uniforme, o que muitas vezes me fazia ter dificuldades nos primeiros momentos da pesquisa de campo de identificar quem era o responsável daquele horário na musculação, situação semelhante esta que presenciava inúmeras vezes com os alunos recém-chegados na academia

---

[86] Wacquant (2002) denomina esse processo de experimentação científica com o corpo.

de ginástica. Os alunos tinham poucas ou um único conjunto de roupas para se exercitar, o que me fazia também seguir tal vestuário para me misturar entre os alunos. Assim, como forma de aproximação com os mesmos, sempre optava pelo mesmo par de tênis, bermudas e blusas básicas que não eram de marcas e nem com cores chamativas. Em especial, os dizeres estampados de forma simples nas blusas dos alunos se remetiam basicamente ao exercício do corpo como, por exemplo, "*I love fitness!*", "*Miss*", "Sintonia do corpo", "Musculação", etc.

Na academia de ginástica "G", os coordenadores estavam cientes da minha pesquisa, no entanto, muitos alunos que, de início, não me conheciam, me tratavam como um aluno e me ignoravam deliberadamente. Os alunos não me cumprimentavam e nem "puxavam" assunto comigo, questão esta comum inclusive no contato com os outros alunos, professores e estagiários de Educação Física daquele espaço, diferentemente do que ocorria na academia da ginástica "P". Ali, eu procurava agir de forma semelhante e aguardar que se habituassem a minha presença para tentar uma aproximação.

Passava por algumas situações constrangedoras sendo considerado supostamente um aluno na academia de ginástica "G", experiência esta que nunca tinha percebido como profissional de Educação Física. Alguns alunos me olhavam aparentemente com raiva porque de algum modo eu poderia ficar na passagem deles quando quisessem transitar pela musculação. Alguns agiam de forma agressiva com "olhares de desafio" ou até mesmo fisicamente, com empurrões; sentiam que eu poderia estar "atrapalhando" os exercícios físicos, como ficar no caminho, estar na fila de uso de algum aparelho de musculação, por exemplo. Dessa forma, a todo instante, eu monitorava a minha posição no espaço físico neste ambiente para não atrapalhar a execução dos exercícios físicos de alguém que, porventura, estaria usando o espelho para se olhar. Parecia que me encaravam como se estivessem me desafiando a todo o momento.

Neste estabelecimento, tanto os professores quanto os estagiários de Educação Física possuíam o mesmo uniforme. Por outro lado, eu tinha dificuldade de me enquadrar naquele contexto de vestuário[87], pois os alunos ostentavam suas condições financeiras com roupas caras[88]. Embora eu tivesse a possibilidade de variar o vestuário com aproximadamente quatro

---

[87] Geralmente, sobre uma espécie de moda *fitness* ou *sportwear*, os homens usavam camisas ou camisetas *dry-fit* e bermudas ou shorts tactel; as mulheres, blusas e camisetas *dry-fit*, top de ginástica e calças *legging* ou macacões. Usando as palavras de Castro (2007), via que a "roupa" na academia de ginástica "G" era a "segunda pele". Sobre a relevância e as relações sócio-históricas entre corpo e roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte, ver Lipovestsky (2009) e Soares (2011).

[88] A tal ostentação era tanta pelo fato de, às vezes, perceber que a roupa para se exercitar era mais para um propósito estético do que funcional. Cansei de observar alunos a todo instante ajeitando suas roupas e seus

pares de tênis de preço mediano, dez bermudas e quinze camisas *dry-fit* de marcas como Fila, Adidas, Nike e Mizuno, ainda ficava muito aquém do padrão de vestimenta e dos acessórios dos mesmos. Os alunos conseguiam ficar alguns meses sem repetir a mesma roupa[89], bem como havia o uso de grifes famosas de um custo altíssimo para mim. Muitas vezes, me sentia constrangido em realizar a pesquisa neste local, onde sempre era julgado pelo "outro" em função do que eu estava vestindo[90]. De modo recorrente, era ignorado no estabelecimento ou fora dele pelos alunos que ali frequentavam, quando eu tentava cumprimentá-los.

Os meus pares de tênis, por exemplo, eram mais semelhantes a dos professores de Educação Física do que dos alunos. Os próprios profissionais me diziam que entre eles "a única coisa que os diferenciava quando usam o uniforme é o que vestem nos pés", questão esta que os distinguem socioeconomicamente naquele espaço. Lembro de alguns episódios em que os profissionais ficavam comparando os seus corpos e suas roupas, em especial, o tênis. De fato, constatava que todos naquele espaço se atentavam primordialmente aos pés, ou melhor, no valor do calçado[91]. Nas interações sociais que ocorriam na musculação da academia de ginástica "G", não era raro escutar elogios ou críticas sobre o que calçavam e via que os "olhares" entre os sujeitos sempre se dirigiam na direção dos "pés à cabeça".

Todavia, isto mudava quando eu usava determinadas roupas caras ou de marcas em harmonia entre a blusa, a bermuda e o tênis[92]. Assim, confirmava que a minha roupa estava relativamente adequada ao ambiente da academia de ginástica "G". Exemplarmente, posso citar que a todo instante eu era parado pelos taxistas na saída do *shopping center* quando

---

acessórios, nitidamente incomodados, enquanto caminhavam e corriam nos aparelhos do setor aeróbio ou quando se exercitavam na musculação.

[89] Chegava a me questionar se as vezes que me deparava com alunos se exercitando com roupas ainda com a etiqueta da loja era uma forma proposital de demonstrar que o vestuário era novo. Além disso, presenciava conversas no sentido de enumerarem o que compraram de roupas para poderem entrar ou continuar se exercitando no estabelecimento sem constrangimentos.

[90] Cito um exemplo quando fui ao estabelecimento de mochila, ao pedir para o roupeiro pegá-la, descrevendo suas características, o mesmo disse que era fácil encontrá-la no meio de tantas, porque ela era diferente de todas que ali estavam. Depois de um tempo, constatei que todas as mochilas eram de grifes famosas, menos a minha. Outra situação que vivenciei foi quando observei duas alunas cochichando que determinado aluno usava uma meia de cada pé com logos de marcas diferentes.

[91] Em um simples passeio pela sala de musculação, eu tinha dificuldade de observar um tênis de custo inferior a quinhentos reais.

[92] A harmonia de cores entre as roupas e os acessórios parecia ter o mesmo valor do que o próprio custo desses itens. Todos ali faziam questão de valorizar a harmonia das tonalidades, como observei, por exemplo, cores da unha e dos cabelos com as calças ou bolsas; fone rosa do aparelho de mp3 com camisa rosa e luva azul com calça azul; cinto laranja e tênis de tom semelhante; *squezze* florido acompanhando uma tatuagem de flores e o uso de macacão com imagens de uma floresta; capa do celular amarelo com tênis dessa cor; líquido do suplemento verde limão com pulseira e tênis da mesma cor, etc. Havia uma tendência das cores "mais escuras" serem usadas em partes do corpo que gostariam de "esconder" e cores "mais claras" em regiões que gostariam de hipervalorizar.

estava bem vestido, rotina comum esta dos alunos; era elogiado quando usava roupas de marca combinando a blusa, a bermuda e o tênis; algumas vezes, os professores de Educação Física comentavam, ironizando, que eu era mais um *playboy* da Barra da Tijuca por usar somente roupas de marca e que o ramo do *fitness* "não dava dinheiro" e sim o âmbito escolar público onde atuo[93].

Os professores de Educação Física que desconheciam a minha pesquisa também me abordavam como se eu fosse um aluno, com sorrisos no rosto, com apertos de mão e sendo solícitos a qualquer ajuda que eu precisasse. Inclusive, às vezes, eu chegava a ter dificuldades de me apresentar pela quantidade de informações que eles me colocavam no momento inicial da abordagem tais como: "o que eu estava malhando", "se eu já tinha feito a parte aeróbia", "onde estava a minha ficha de treino", "se eu queria alguma ajuda", etc.; como aluno, sentia-me "controlado" por eles, pois era visível o interesse deles em demonstrarem o "bom atendimento". Quando eu me apresentava, parecia que toda aquela abordagem ao cliente se desfazia, me tratando diferentemente, isto é, perguntando, de forma direta, sobre o teor do estudo e, por vezes, sobre a minha formação universitária.

3.3.2 Estagiário e professor de Educação Física

Outro lugar social a que os nativos me imputavam era a de "estagiário". Como, de maneira constante, estava conversando e próximo dos professores de Educação Física, a ideia inicial para todos os alunos era de que eu realizava um estágio para ser futuramente um professor ou um estagiário efetivado na musculação das academias de ginástica. Como eu já tinha sido estagiário do ramo do *fitness*, de certa maneira, este lugar social, igualmente a de professor, impactava diretamente sobre o meu "olhar" durante o início do trabalho de campo.

Na academia de ginástica "P", mesmo eu repetindo diversas vezes sobre o meu papel de pesquisador naquele local, os alunos constantemente me perguntavam se faltavam muitas horas para acabar o tal estágio e quando eu seria ou se eu já tinha sido contratado para

---

[93] Soares (2011) lembra que "[...] os processos de distinção e de afirmação de lugares sociais vão sendo também determinados pela roupa, o que contribui para o alto valor que ela ocupa como marcador social, como traço de distinção de classe." (p. 84).

trabalhar na musculação. Percebia nas minhas interações sociais na academia de ginástica "P", ser considerado "estagiário" para os pesquisados tinha certo "tom de prestígio"[94].

Muitas vezes, embora cientes de que eu estava realizando uma pesquisa, os professores de Educação Física tentavam sugerir que eu era um estagiário, me imputando algumas tarefas sem me perguntarem, o que aos poucos fui buscando certo "jogo de cintura" para saber lidar com tais situações. Pelo fato dos professores de Educação Física ficarem sozinhos com dezenas de alunos no setor da musculação, uma ajuda a mais, para eles, era extremamente produtiva em alguns momentos:

> Prof. Cobra: Está vendo essa série aqui? É de iniciante...
> Eu: Hum, entendi, mas por que é considerada de iniciante?
> Prof. Cobra: Porque é bem fraquinha, entende? Faz o seguinte, chegaram dois alunos agora, eu fico com este aluno e você com ela, tudo bem?
> Eu: Como? Não sei como são os aparelhos, será que eu conseguiria? Você vai me mostrar onde são os aparelhos?
> Prof. Cobra: Eu aponto onde é e você leva ela até o aparelho, como se você fosse um estagiário, entende?
> Eu: Tudo bem, conte comigo quando eu puder dar essa força, mas não me pega de surpresa assim, ainda mais como estagiário! Você me apunhalou pelas costas hoje...
> Prof. Cobra: Eu que agradeço a ajuda, sem você aqui hoje não daria para atender os dois alunos, pois o meu horário está terminando.
>
> Profª. Liza: Uma mulher ali rasgou a perna no pedal da bicicleta, tem como você ficar na sala aqui um minuto tomando conta dos alunos?
> Eu: Tudo bem, qualquer coisa eu te chamo.
> Profª. Liza: Qualquer coisa se apresente como meu estagiário.

Desta forma, em muitas situações sociais, não podia me furtar de minha identidade de profissional do ramo[95]. Durante o cotidiano de pesquisa, surgiam inúmeras interações sociais em que eu tinha que "atuar temporariamente" para estabelecer o vínculo com os pesquisados. No entanto, ao mesmo tempo, aos poucos, tentava ao máximo me "desprender" de tais papéis para que os lugares de profissional e de pesquisador não fossem confundidos ali.

Já na academia de ginástica "G", antes do estagiário receber o uniforme para trabalhar na musculação de modo efetivo, o mesmo passava por aproximadamente três horas diárias, durante três semanas para "pegar a rotina de trabalho". Antes de ser contratado, o estagiário recebia um "Cronograma de treinamento pré-estágio" constituído de vinte e uma tarefas a serem cumpridas para se preparar para quatro provas sobre o que aprendia nos primeiros dias de vivência na academia de ginástica "G". O vínculo dos aprendizes recém-chegados na

---

[94] De modo análogo a pesquisa de Chazan (2005), sentia que eu tinha múltiplas "utilidades" para aqueles que constituíam aquele contexto social.

[95] Experienciei uma situação semelhante a Ferreira (2004) quando relata que em muitas situações em sua pesquisa em um centro de saúde humanitário francês não pôde se furtar de sua identidade de médica e ser "obrigada" a realizar exames físicos, opinar sobre diagnósticos, etc.

academia de ginástica “G” seguia as leis trabalhistas para o estágio como a obrigatoriedade de cumprir determinada carga horária, ter direito a férias, a licença, etc. O grau de seriedade da posição de estagiário na academia de ginástica “G” era tão grande que em uma das minhas incursões ao estabelecimento me deparei com um estagiário recém-admitido exibindo a sua bermuda de trabalho, comemorando a sua “promoção”.

Sempre escutava dos professores de Educação Física e dos coordenadores a necessidade de mais estagiários no setor da musculação para atender todos os alunos. Os profissionais diziam que havia um déficit de estagiário porque muitas vezes recebiam mais ou já eram contratados como professores de Educação Física em outras academias de ginástica de menor porte. Os profissionais afirmavam que os estagiários não queriam passar por um “processo seletivo sério”, desejavam “menos trabalho possível” ou “queriam coisas fáceis”, o que era muito “triste” para a profissão.

Era comum presenciar pré-estagiários já sendo orientados pelos professores de Educação Física para realizarem determinadas tarefas na musculação. No início do trabalho de campo, durante as primeiras interações sociais, achavam que eu era um futuro estagiário, pois, em algumas ocasiões, recebia comentários semelhantes a este: “Você está que nem um estagiário de primeiras semanas, o estagiário fica assim mesmo como você está: camisa da Adidas, bermuda da Fila e tênis da Mizuno de 500 reais!”.

Alguns alunos me pediam certos tipos de orientação e de ajuda, que recusava prontamente. Os coordenadores da academia de ginástica “G” eram claros que eu “não trabalhava ali e não tinha motivo para ajudar ninguém, pois já havia os profissionais na musculação”, ao contrário do que acontecia na academia de ginástica “P”. Embora os professores de Educação Física e os coordenadores da academia de ginástica “G” esporadicamente brincassem comigo que eu “nunca aprendia a rotina de trabalho” para pegar a “camisa” – no caso, a de estagiário – nunca sugeriram que eu era ou seria um pela minha própria condição de formado em Educação Física.

Nessa academia de ginástica, a confusão com minha identidade de estagiário contribuía também para que muitos alunos me ignorassem durante as minhas tentativas de interação com eles. Segundo os próprios estagiários do estabelecimento, “um aprendiz que ainda não sabe nada, não poderia ajudar muito por saberem menos!”. De maneira comparativa, apenas como etnógrafo, comecei perceber o valor do saber intelectual naqueles espaços quando eu era considerado um “estagiário”, bem como a hierarquia marcada das ocupações durante aquelas interações sociais.

Por outro lado, os pesquisados, muitas vezes, me consideravam como um (ou promissor) professor formado de Educação Física das academias de ginástica. Confesso que, no início do trabalho de campo em ambas as academias de ginástica, quando alguns alunos chamavam o professor de Educação Física, eu tinha em vários momentos, de "modo reflexo", ímpeto em atendê-los. Devido a este tipo de situação vivenciada no trabalho de campo, me sentia naquela situação liminar entre "professor" e "pesquisador", embora reconhecesse que tais lugares sociais não eram excludentes entre si. Isto foi desaparecendo com o tempo na medida em que começava a perceber que eu não me via mais como um professor de academia de ginástica quando algum aluno gritava de longe "professor". Provavelmente, por eu trabalhar em escolas, a todo instante sendo chamado de "professor", era inevitável responder a um chamado deste nas academias de ginástica pesquisadas durante as minhas interações sociais ali na musculação.

Na academia de ginástica "P", pela ausência e constante mudança de profissionais (não) formados no local, os coordenadores e os funcionários insistiam direta ou indiretamente, de diversas formas, que eu poderia ou deveria trabalhar como um professor de Educação Física contratado:

> Recepcionista Kelly: Aí, disse para o coordenador Nicolas que você poderia dar aula de *Jump*.
> Eu: Mas pô, eu não sei dar aula disso, além disso eu não conseguiria fazer o trabalho também.
> Recepcionista Kelly: Eu sei, falei brincando para ver se você aceitava.
> Eu: Eu nem imagino como eu começaria a dar aula disso.
> Coordenador Nicolas: São as aulas mais difíceis de serem dadas, mas você bem que poderia aceitar, estamos precisando.
>
> Coordenadora Lena: Eu quero assinar a sua carteira, você quase que bate ponto certinho nos dias e horários que se propõe a vir. Quando quiser, é só falar que eu te contrato. Pô, tem professores que faltam e nem avisam, vê se você ou alguém quer trabalhar aqui, lembra que eu te pedi?
> Eu: Lembro e já divulguei lá na internet. Vão te ligar.
> Coordenadora Lena: Ah, então foi você quem indicou o rapaz que me ligou hoje. Obrigadão!

Essas foram algumas situações ilustrativas que eu vivenciava no trabalho de campo em função desta minha dupla identidade. Os professores de Educação Física da academia de ginástica "P" aparentemente não tinham o mesmo interesse na medida em que eu estaria disputando com eles uma vaga no mercado de trabalho. Em nenhum momento no trabalho de campo os professores de Educação Física deram a entender que desejariam ter outro profissional com eles atuando juntos no cotidiano, no limite, um estagiário ajudante.

Já os alunos, visivelmente durante as interações sociais, tinham uma grande necessidade de que eu me tornasse um professor dali pelos seguintes motivos: "eu conhecia e

ajudava geral!", situação esta que ficava mais aguda quando os profissionais da academia de ginástica "P" faltavam:

> Magali: Você ainda não virou professor daqui? Pô, cara, você consegue se relacionar bem com todo mundo aqui, seria um ótimo professor. Vou falar com a coordenadora Lena, água mole em pedra dura tanto bate até que fura, vou pedir para você ser o nosso professor, olha, vou te apresentar para uma amiga aqui, olha, esse aqui é o nosso novo professor!

Na minha interação inicial com os alunos da academia de ginástica "P", de maneira frequente, era solicitado para atividades diversas, além de orientar na musculação. Eram também incontáveis as vezes que me perguntavam sobre quantos exercícios físicos eram bons para tal músculo, se determinado suplemento alimentar era bom, se para crescer era melhor aumentar o peso ou o número de vezes de execução de cada movimento, se havia diferença entre certos aparelhos de musculação, etc. Embora eu evitasse orientar os alunos, constantemente eu ligava os ventiladores, as luzes, socorria alguém, ajeitava uma regulagem, mas apenas como alguém solícito e não como profissional do local, como sempre deixava claro para os pesquisados[96].

Já na academia de ginástica "G", todos que conviviam naquele espaço sabiam que eu não me tornaria um professor de Educação Física: para os alunos, eu não vestia o uniforme do estabelecimento e pelo fato de não ter participado de nenhum processo seletivo para trabalhar efetivamente com os alunos, os profissionais e os coordenadores estavam cientes de que eu estava ali para realizar uma pesquisa.

Os professores de Educação Física me viam mais como "professor" justamente pelo fato de eu ser formado e por vezes discutir "coisas da profissão", estratégia esta que encontrei para me alinhar simetricamente com os pesquisados[97]. Desse modo, demonstrar certo conhecimento como professor de Educação Física ou discutir sobre a profissão me fazia ser aceito substancialmente pelo grupo de professores da academia de ginástica "G". Tanto professores quanto os estagiários de Educação Física conversavam comigo sobre questões técnicas e de mercado de trabalho que no final do assunto, aparentemente, era muito

---

[96] De modo semelhante, vivenciei o que Whyte (2005) experienciou: "Embora tenha evitado influenciar indivíduos ou grupos, tentei ser útil em Corneville da maneira como ali se espera que um amigo ajude o outro." (p. 305).

[97] No caso da pesquisa de Chazan (2005), ela relata que "Com frequência percebia estar falando a 'língua dos nativos', utilizando um jargão que me era familiar, para perguntar e debater assuntos variados dentro do campo médico. Esse comportamento era bem recebido pelos meus informantes e reduzia eventuais inquietações [...]" (p. 19).

produtivo para ambos os lados: para mim, como dados de pesquisa, para eles como um "debate científico e de carreira" que poderia ajudá-los na prática cotidiana[98].

Certamente, sentia também que eu era uma "válvula de escape" de toda sobrecarga laboral que os profissionais tinham durante o cotidiano na academia de ginástica "G". Rotineiramente, desabafavam comigo sobre as condições e as perspectivas de trabalho no ramo do *fitness* uma vez que eu, sendo um professor de Educação Física, entenderia tais problemas, situações estas que me proporcionaram dados para a pesquisa e confiança com os pesquisados:

> Prof. Daniel: No feriado eu vou trabalhar, acredita?
> Eu: Chato, né?
> Prof. Daniel: Estou morto de cansaço, sorte tem você que trabalha em esfera pública e não tem patrão. Professor de academia é assim, você sabe!
>
> Prof. Alfredo: Aí, quero desabafar com você: odeio certos colegas da profissão. Aquele cara ali sempre dá *personal trainer* com a camisa para fora da bermuda, não pode, daí me queima, entendeu? Desculpa, mas coloca isso no seu trabalho aí!
> Eu: O que você fala para mim, morre aqui, não fico de fofoca. Só me interesso por aquilo que tem a ver com a minha pesquisa e ponto.
> Prof. Alfredo: Legal, desabafei porque só poderia ser com você mesmo, um professor que não é daqui.

Ademais, não eram raros os momentos de interações sociais em que estagiários preferiam tirar dúvidas comigo a com os professores de Educação Física que trabalhavam naquele espaço. No entanto, eventualmente, me fazia explicitar o meu papel ali e que deveriam confirmar tudo com os profissionais mais competentes no assunto que ali atuavam. Embora visse a necessidade deles de "aprenderem" a atuar como professores na musculação, como eu vivenciava na época que trabalhava em academias de ginástica, sabia que o meu papel era fundamentalmente de pesquisador.

Em suma, fui visto pelos profissionais da academia de ginástica "G" preponderantemente como um "colega de profissão", pois quando falavam da área de Educação Física, sempre citavam "a nossa profissão" ou "nós, professores de Educação Física", etc., dentre outras situações:

> Prof. Jordan: Acho que já está na hora de você "meter" a camisa de professor! Vem com a gente!
>
> Prof. Reginaldo: E aí, professor Alan, já assinou o ponto de hoje lá?
>
> Prof. Omar: Alan, você gostaria de voltar para academia?

---

[98] Bourdieu (2007) chama a atenção que, muitas vezes, o pesquisador pode e deve colocar questões que ajudem o pesquisado a refletir sobre determinado assunto.

> Eu: A questão não é vontade, a minha vida me levou para outro lado, o da escola, o da universidade, etc. Penso que financeiramente aqui com esse público é interessante, não?
>
> Prof. Jorginho: Quando é que você vai colocar a camisa de professor? Já pode trabalhar com a gente. Você ainda irá trabalhar conosco.

Aparentemente, havia uma demanda de que sendo visto como professor de Educação Física na academia de ginástica "G", ora eu sentia que precisavam de ajuda para atender os clientes, ora pelo fato dos professores de Educação Física tentarem me dar um lugar naquele espaço e também no sentido de diminuir a sensação de sentirem-se observados e eventualmente julgados pela condição da relação pesquisador-pesquisado. Aos poucos, ao longo do tempo, durante as minhas interações sociais com eles, o fato de ser professor de Educação Física parecia se "diluir" durante os contatos face a face.

Os profissionais da musculação da academia de ginástica "G" questionavam também como poderiam entrar em um programa de pós-graduação *stricto sensu*, o que e onde poderiam estudar para passar em um concurso público no magistério, se eu poderia orientar ou revisar o trabalho final de graduação de alguns estagiários, se eu tinha algum outro trabalho para indicar para eles, etc. Tais situações ajudavam a aceitação da minha presença e o reconhecimento do meu papel naquele ambiente, bem como me demonstravam o que pensavam sobre mim, aliviando-me daquele contexto que, por vezes, me parecia "excludente".

3.3.3 Supervisor da academia de ginástica e da profissão

O papel de supervisor da academia de ginástica também me foi atribuído ao longo do tempo, sobretudo na academia de ginástica "G". Em especial, os professores de Educação Física durante grande parte do meu trabalho de campo suspeitavam que eu andava pela academia de ginástica com o intuito de avaliar o trabalho deles com os alunos, sentimento este que lembrava o quão "difícil" era quando eu atuava no ramo do *fitness*, pois os supervisores não perdiam a oportunidade de avaliarem suas condutas[99].

Ainda no início do trabalho de campo, percebia que onde eu ficava mais situado para ter a visão geral da sala de musculação era justamente o local onde o coordenador ficava para

---

[99] Sentia justamente o que Whyte (2005) pontua: "Há um desgaste quando se faz esse tipo de trabalho de campo. Ele é maior quando você é um estranho e está constantemente se perguntando se as pessoas vão aceitá-lo. Por mais que goste do que está fazendo, você deve desempenhar um papel enquanto observa e entrevista, e nunca está completamente descontraído." (p. 299).

monitorar a atuação profissional dos professores de Educação Física, o que me fazia alterar os meus trajetos por aquele espaço. Quando a sala de musculação estava vazia e eu sentia que eu ficava muito em evidência para todos ali pelo fato de não estar me exercitando, eu saía e buscava descrever outros espaços. A minha intenção era reduzir ao máximo esse "desconforto" entre pesquisador e pesquisados.

O início do meu trabalho de campo coincidiu com um momento da academia de ginástica "G" em que 50% do efetivo dos contratados iriam ser mandados embora, isto é, de quarenta passariam para vinte professores de Educação Física na musculação. Muitos professores de Educação Física foram recebendo o aviso prévio e o "clima" de demissões propiciava um "ambiente" tenso entre os profissionais e também na relação comigo, sentindo-me "péssimo" naquela situação. Tal fato também ocorria quando houve a troca da coordenação, o que prejudicou as minhas relações com os pesquisados, como se os professores de Educação Física ali tivessem que render mais no trabalho para demonstrar a mim determinada competência profissional.

Da mesma forma, quando eu chegava à academia de ginástica "G", os professores de Educação Física esforçavam-se para me "mostrar trabalho". Ocasionalmente, os profissionais não ficavam do meu lado pelo fato de indicar que, estando ali comigo "conversando", não estariam atendendo de modo adequado os clientes que circulavam pela musculação. De modo constante, interrompiam o contato comigo para atender os clientes e raramente voltavam a conversar ou ainda comentavam esporadicamente que a sala estava "cheia" demais[100].

O ato de me evitar nas interações sociais era notável nas primeiras incursões ao campo de pesquisa. Os professores de Educação Física frequentemente faziam "piadas" de que eu era um investigador das suas atividades. Pelo mesmo motivo, sempre eram solícitos comigo:

> Prof. Reginaldo: Caraca, você aqui sexta-feira também? Que isso? Você vai saber tudo que se passa por aqui.
>
> Prof. Orlando: Você está perseguindo a gente? Você fica na academia de noite e agora de manhã também?
>
> Estagiário Guga: Se for para conversar com as pessoas, é melhor depois das vinte e uma horas, depois do meu horário, daí você vai conversar com calma e o pessoal é bem legal.
>
> Estagiário Sílvio: Eu acho que você está junto com o coordenador.

---

[100] Bouzón (2010) lembra que no seu estudo etnográfico teve que "[...] lidar com uma grande dificuldade de abordagem dos profissionais, uma vez que na maior parte do tempo estavam absorvidos em suas atividades, atendendo um cliente atrás do outro." (p. 29).

Além disso, inúmeras foram às vezes que os profissionais entre si exigiam certa postura no trabalho e cobravam certa tarefa ainda em pendência, quando eu estava presente, ou faziam críticas de outros profissionais. Os professores de Educação Física possuíam também uma espécie de "fala" direcionada para ressaltar os pontos positivos da academia de ginástica "G", e também da sua atuação como "bom professor" preocupado com a saúde dos alunos, por exemplo, mesmo eu não tendo perguntado absolutamente nada:

> Prof. Luiz: Veja só, sabe por qual motivo eu coloquei esse exercício para este aluno? Fortalecer a musculatura escapular auxilia na prevenção de lesões de ombro.
>
> Prof. Régis: Chega aqui, Alan! Vou orientar um aluno aqui.
> Eu: Oi!
> Prof. Régis: De que o senhor vem se alimentando ao longo do dia?
> Ney: Ah, é bem variado, varia de acordo com o dia.
> Prof. Régis: Veja bem, nós temos que ter uma dieta balanceada. Vou te propor investir em queijo branco, saladas, comidas leves, um franguinho grelhado, sem gordura. Se quiser, posso te sugerir quando, em que turno e a quantidade ideal, gostaria?
> Ney: Depois a gente vê isso.
> Prof. Régis: Viu, Alan? A minha atuação aqui ultrapassa o exercício, tem que saber como é a vida toda do cara, a minha prática é assim, bem ampla para ver o que o cliente precisa.

Preocupar-se no sentido de um cuidado maior com determinado aluno, prestar atenção na arrumação e na limpeza do local, ficar "antenado" em determinados setores da sala de musculação, corrigir demasiadamente os alunos e emitir certas opiniões positivas sobre o estabelecimento, sobre o coordenador ou até mesmo sobre si foram as situações que mais despertaram a minha percepção quanto à ideia de que eu era considerado um supervisor da academia de ginástica "G". A espontaneidade dos discursos dos profissionais quando estavam comigo ia se concretizando ao longo do tempo na medida em que o clima de confiança ia se instaurando.

A minha posição como pesquisador na academia de ginástica "G" começou a ser atribuída a de um supervisor do trabalho dos professores de Educação Física de forma mais aguda quando a coordenadora[101] tecia determinados comentários, provavelmente para chamar a atenção dos profissionais. Visivelmente constrangido, eu negava veemente esta posição que ela me atribuía, como discursos do tipo: "Aqui, já até contrarei um "X9", está vendo?", "Aí, chegou quem vigia vocês!", etc.

---

[101] Um exemplo ilustrativo foi quando a coordenadora pediu que eu enviasse a ela uma síntese da pesquisa para repassar aos professores por *e-mail*, o que eu fiz. Embora eu tenha perguntado para todos os profissionais durante meses, se tinham recebido, percebia que esse repasse nunca tinha sido feito. Depois de praticamente um ano, no dia seguinte da minha última visita, recebi uma resposta dela por e-mail, em tom irônico, perguntando se estava devendo a mim o repasse da síntese da pesquisa.

Em contrapartida, na academia de ginástica "P", poucos foram os momentos que sentia sendo considerado um supervisor da academia ou do trabalho dos professores de Educação Física, pois ali eu era muito mais aceito do que recusado. As relações que estabelecia na academia de ginástica "P" eram mais próximas e afetivas desde o início do trabalho de campo. Posso mencionar poucas situações que presenciava no sentido de desconfiança sobre a minha pessoa no que diz respeito a ser um supervisor do trabalho dos profissionais, principalmente pelo fato daquele local não possuir tanta "pressão de rendimento laboral", quando comparado a academia de ginástica "G".

No entanto, houve uma época também no trabalho de campo na academia de ginástica "P", em especial, que alguns alunos, profissionais e funcionários me consideravam como um supervisor da profissão, mais especificamente algum fiscal do Conselho Regional de Educação Física:

> Funcionário Marcinho: Quando você chegou aqui, pensamos que você era um tipo de fiscal que iria avaliar as condições da aparelhagem aqui. Sabemos que se a fiscalização bater aqui, nós estamos encrencados.
>
> Magali: Vou te falar uma coisa que eu nunca te falei: eu achava que você era algum cara que veio verificar se os aparelhos estão em condições de uso, como se fosse ver se esse espaço seria bom para saúde da população. Já estava bolada com você; sempre perguntava para o pessoal aqui: quem é esse cara hein? Será que vai dedurar como isto aqui está?

Pelas condições infraestruturais da academia de ginástica "P" e pelas condições materiais dos aparelhos de musculação bastante comprometidas, muitos funcionários e alunos achavam que eu estava ali para denunciar as péssimas condições de salubridade que o local apresentava, situação esta que eu inicialmente já suspeitava que iria acontecer pelo meu "olhar" como profissional de Educação Física[102]. Já na academia de ginástica "G", não era este tipo de desconfiança que preponderava, visto que o estabelecimento estava em vigor com o que era regido legalmente. Além disso, este último estabelecimento possuía parcerias com o órgão e com os profissionais que atuam no próprio Conselho Regional de Educação Física.

---

[102] Bouzón (2010) igualmente foi vista com desconfiança nos salões de beleza onde realizou seu estudo, pois havia um medo de que ela fosse uma fiscal da Agência Nacional de Vigilância Sanitária. De forma semelhante ao que percebi na academia de ginástica "P", Benedetti e Ouriques (2007) comentam em sua pesquisa em academias de ginástica que pouco foram observadas leis ou normas que regulamentassem os locais, bem como a inexistência de fiscalização nas questões de obras, edificações, construção de ambientes, etc.

3.3.4 “O cara” ou “o boiola”

Durante as interações sociais no espaço da musculação, o meu porte ou tamanho corporal facilitou mais do que prejudicou o meu acesso a praticamente todos os pesquisados da academia de ginástica “P”[103]:

> Wilson: Aí, Aristides, esse cara aí está malhando escondido, olha o corpo do cara. Ele cresce e não malha aqui.
> Eu: Malho em outro lugar, aqui não dá tempo e nem posso pelo meu trabalho.
> Wilson: Viu? Não falei que ele malhava, está maneiro!
> Eu: Mas você está cada vez melhor, parece que sua camisa a cada dia que passa está ficando mais apertada.
> Wilson: Quando eu chegar em você, eu paro de malhar. Você está bem!
>
> Darlan: Está afim de sair com a minha galera?
> Eu: Vocês curtem sair para onde?
> Darlan: Rio das Pedras, Barra *Music*, festinhas de ruas, etc. Eu só chamo cara carcaça para sair comigo, todos nós chegamos nos ambientes sem camisa para chegar já mostrando o que temos. Não saio com “churriado”!

Assim, uma identidade que me imputavam ao longo do trabalho de campo, graças a minha aparência, era a ideia de que eu era “o cara”[104] no sentido de ser “o fortão”, “o pegador” ou “o modelo”[105], que me “dava bem” na academia de ginástica, situação esta experienciada, essencialmente, na academia de ginástica “P”. Poderia ser resumido na questão de eu ser supostamente um homem heterossexual de sucesso.

No entanto, cometi uma “gafe” no início do trabalho de campo que contribuiu para esta reputação: durante os primeiros meses, conheci uma das alunas mais bem vistas pelos homens da academia de ginástica “P” pelo porte estético dela: Mariana, 19 anos. Embora eu tenha me aproximado de Mariana com o intuito de conseguir mais contatos de outras mulheres da academia de ginástica “P” e principalmente para eu me relacionar mais com uma das professoras do estabelecimento, amiga íntima dela, Mariana entendeu como uma “paquera” e começou um verdadeiro assédio em relação a mim: a mesma procurava

---

[103] Sobre esse (não) lugar do etnógrafo em academias de ginástica, Seixas (2010) relata que “[...] enquanto antropóloga observadora numa academia, nunca aconteceria! Sentia-me constantemente avaliada e julgada de cima a abaixo por ter quadris mais avantajados, parecia sempre muito em evidência e um ser estranho por estar de calça *jeans* e camiseta no meio a tanta lycra. Obviamente o meu desconforto venceu e o trabalho de observação em campo foi descartado e optei por fazer apenas a revisão bibliográfica e a análise de conteúdo das revistas.” (p. 12).

[104] Expressão usada no sentido de sobrevalorização da pessoa para diferenciá-lo superiormente dos outros, como Gastaldo e Braga (2011) identificaram em um trabalho voltado ao âmbito esportivo.

[105] A referência deste “chamado” era pelo fato de algumas vezes eu me situar parado em determinada “pose” em alusão a um ensaio fotográfico.

frequentar a academia nos meus horários, me dava pequenos presentes, chegou a investigar a minha vida pessoal, acadêmica e profissional na *internet* e nas redes sociais, etc.

Começava a sentir que as inúmeras interações sociais do meu trabalho de campo estavam ficando comprometidas significativamente. Em primeiro lugar, porque eu não conseguia mais estabelecer qualquer tipo de vínculo mais íntimo com os outros alunos e alunas por ela estar sempre conversando intensamente comigo. Outro aspecto (e talvez o principal), como alguns alunos me diziam, eu tinha que "pegar e comer logo porque a vontade dela estava descarada". Vale ressaltar que a academia de ginástica, em muitas ocasiões, se configura como um lugar de "paquera".

Quando eu começava a recusá-la pelo fato de estar realizando o estudo e conversando seriamente sobre o meu atual estado civil, Mariana ia deixando de frequentar a academia ou se exercitava em outros horários para não me encontrar. A recusa de não ter "pego" ela fazia com que todos me olhassem como um "viado" e não como um "sujeito-homem", situação esta que tive que aguentar por bastante tempo, o que quase comprometeu a minha identidade naquele espaço, a musculação, onde o "ser masculino e viril" era hipervalorizado.

Ser considerado um sujeito que portaria um corpo ideal na academia de ginástica "P" me possibilitou a interagir mais intimamente com os pesquisados, sobretudo com os alunos e alunas[106]. Tive a experiência de inúmeras trocas de olhares diretas ou indiretas pelos espelhos[107], sorrisos, aproximações de onde eu estava enquanto descansavam ou se exercitavam, encaradas e comentários por parte do público feminino sobre "coisas íntimas", embora, em um primeiro momento, sempre tivesse dificuldades de ser correspondido com um simples "boa tarde/ noite" de uma mulher. Reparava tais situações igualmente com os alunos no cotidiano da academia de ginástica "P". Algumas vezes, havia mulheres que eu desconhecia me perguntando, antes mesmo de saber o meu nome, se eu realmente malhava. Embora professores, alunos e funcionários me falassem do "sucesso" que eu fazia com as mulheres, o que me deixava embaraçado, procurava agir com certa "naturalidade":

> Liliane: Deixa eu te falar porque eu reparei, tá? Você sentou ali para olhar a bunda daquela mulher exibida ali, não foi?
> Eu: Não foi não, sentei ali porque estou horas em pé, antes de vir para cá, eu trabalho em pé.

---

[106] Não vivenciei qualquer comentário ou situação dos professores de Educação Física quanto ao meu corpo.

[107] Ressalto que o uso do espelho como um instrumento de observação de outros locais dos espaços das academias de ginástica me facilitaram substancialmente para ver de diferentes ângulos e, por vezes, de forma distante, algumas situações sociais.

> Morena: Foi sim, eu vi também. Quando você mexeu no celular, ela achou que você estava filmando ela, daí ela fez mais exercícios ainda e ficou olhando pra trás, você viu?
> Liliane: Ridícula!
> Morena: Ela não é humilde, se acha, desfila, cara feia, mas tem um corpo maneiro, ela te deu mole, sabia?

Posso afirmar que fui uma referência de corpo ideal no âmbito da academia de ginástica "P" apenas no início e no meio do tempo do trabalho de campo. Na medida em que todos percebiam que não estava ali na musculação para "paquerar" e que também, no ponto de vista deles, perdia um pouco de massa muscular, estas referências foram mudando. Em suma, o meu *status* como pesquisador ali estava ligado também à minha aparência.

Assim, em contrapartida, começava a ser visto como um homossexual por alguns motivos[108]. Em primeiro lugar, reparava que eu era praticamente o único homem daquele espaço que conversava com as mulheres, o que neste ambiente era um indicativo de "coisa de viado"[109]. Em segundo lugar, como havia uma predominância do gênero masculino naquele ambiente da musculação, eram recorrentes as relações jocosas entre os homens que rotineiramente taxavam uns aos outros de "viado", como uma espécie de reforço da identidade do "ser macho". Igualmente meu modo de agir não correspondia aos atributos de "macho" naquele ambiente: como falar palavrões, demonstrar virilidade, conversar sobre futebol e mulheres, etc. Semelhante à Whyte (2005), percebia que o tipo de associação com as mulheres era um meio de ganhar, manter ou perder prestígio naquele grupo social. Enquanto eles me viam como um homossexual, não conseguia estabelecer vínculos profícuos de relações sociais mínimas para desenvolver um trabalho etnográfico[110]. Assim, em outras palavras, o que me incomodava não era a questão de ser considerado um suposto homossexual, mas o que aquilo estava afetando a minha pesquisa.

Na academia de ginástica "G", também sobre a questão de ser considerado um sujeito forte, no meu ponto de vista, tal atributo foi valorizado em especial pelos profissionais de

---

[108] Beaud e Weber (2007) comentam que "O pesquisador deve levar a sério as tagaralices, os mexericos, os 'casos', as pequenas histórias, pois elas mostram a estrutura do meio de interconhecimento e dos universos de referência que constituem o seu campo." (p. 31).

[109] Ao me apresentar para alguns alunos, recebia relatos que achavam que eu era "viado" por estar com elas em determinados momentos.

[110] Como Vilela (2010), homossexual e "franzino", experienciou em uma etnografia em musculação. Por outro lado, sentia que ser zoado de "gay" naquele espaço era uma forma de ter entrado, relativamente, "no grupo", haja vista que tais "brincadeiras" eram comuns ali. O ponto auge que me fazia pensar nisso foi quando me chamaram de "viado" pelo fato de que, quando eu chegava na academia de ginástica, coincidentemente um travesti também entrava no estabelecimento. Diziam que eu tinha perguntado "que mulher gostosa era aquela" e se eu continuasse perguntando, eu iria encontrar um "brinquedinho", situação esta constrangedora que devolvia quando podia.

Educação Física[111]. No entanto, pelo fato de sempre estar próximo de grande parte dos professores de Educação Física homens, maioria dos profissionais do estabelecimento, reparava que aqueles que mais reforçavam a identidade masculina começavam a me ignorar e fazer comentários a respeito de minha sexualidade. Além disso, somente depois de alguns meses, percebia que o professor de Educação Física que eu tinha mais contato para me ajudar no meu trabalho de campo era homossexual, o que levou a me identificarem também como tal.

Os professores de Educação Física começavam a me chamar de "viadinho" e quando eu citava a existência da minha namorada, perguntavam se era namorada ou namorado. Os poucos alunos que conversavam comigo eram homossexuais assumidos e mal vistos naquele espaço. Assim, tinha que ter cuidado também para que esta identificação com um grupo socialmente estigmatizado não prejudicasse o meu trabalho de campo e passava a tomar cuidado no contato com alguns homossexuais de forma a não gerar mal entendidos, da mesma forma que agia com Mariana na academia de ginástica "P".

Nesse sentido, começava a comentar sobre "mulheres" das academias de ginástica, mostrar foto da minha esposa no celular, pedir dicas de programas para sair com ela à noite, contar sobre situações dos meus ex-relacionamentos, falar alguns palavrões, questionar por meio de brincadeiras a sexualidade dos professores de Educação Física, etc. A partir desse conjunto de estratégias, ao longo do tempo começava a ser visto como heterossexual, o que possibilitava, de modo claro, um maior envolvimento com aqueles meus pesquisados de ambas as academias de ginástica. Ou seja, tive que "provar" que era heterossexual para ser aceito em ambas as academias de ginástica, questões estas que nunca tinha experienciado como professor de Educação Física na medida em que todos os alunos se relacionavam de forma inerente comigo dado o meu lugar como profissional na musculação.

---

[111] Incomodava-me um jeito comum dos profissionais de me cumprimentarem, o que também observava entre eles: sempre havia um aperto de mão seguido de um aperto no braço ou um abraço com a mão na barriga. Parecia uma forma de se avaliarem entre si na medida em que nesses rituais de cumprimentos e despedidas causava certos comentários do tipo: "Que barriga, sarada!", "Tá gordinho, hein?", "O braço do cara está forte, parece pedra!", etc. Essas situações me demonstravam o que a coletividade exigia de um professor de Educação Física de academia de ginástica.

3.3.5 “O doutor”

Outra denominação dada a mim em ambas as academias de ginástica durante as interações sociais era a de “doutor”. Contudo os sentidos e os significados atribuídos a “doutor” foram diferentes nas academias de ginástica “P” e “G”. Becker (1997) lembra que é indispensável averiguar os usos de certos termos pelos pesquisados à luz de determinado contexto de onde foram emitidos.

Na academia de ginástica “P”, em especial os alunos, me chamavam de “doutor” pelo fato de saberem que eu tinha ensino superior, assim, eu podia privilegiar o trabalho intelectual ao braçal. Outros entendiam que eu não precisaria me exercitar porque eu teoricamente estaria supervisionando o lugar vendo o que estava “errado” ou “certo”, ou ainda, que eu “tinha dinheiro” porque eu “gastava o meu tempo ali à toa” em vez de “ganhar dinheiro por aí”. Havia ainda uma ideia de que eu possuía uma superioridade socioeconômica pelo fato de não morar ali na Cidade de Deus, mas para “os lados da Barra da Tijuca” como eu citava quando me perguntavam, bem como por saberem ao longo do tempo que eu era funcionário público do magistério, dentre outros motivos. Na academia de ginástica “P”, pelo fato de eu possuir um capital cultural e econômico superior, a hierarquia foi estabelecida inevitavelmente[112].

Já na musculação da academia de ginástica “G”, os profissionais de Educação Física me chamavam de “doutor” pela titulação acadêmica:

> Estagiário Sílvio: E vem aquele que sabe muito, e aí, doutor?
> Eu: Eu sei muito? Quem trabalha aqui com essa dinâmica toda em sala não sou eu.
> Estagiário Sílvio: Você sabe muito porque está no doutorado.
>
> Prof. Augusto: Tudo bem, doutor?
> Eu: Tudo bem, mas não precisa o “doutor”.
> Prof. Augusto: Faço questão de chamá-lo de doutor, pois quando você acabar a pesquisa você se tornará um doutor, isso é notório para a nossa profissão, você é um exemplo.

Muitos professores de Educação Física ficavam impressionados com o meu curso de doutorado, valorizando a minha situação acadêmico-profissional. Mencionavam o interesse de “voltarem a estudar” ou ainda “que tinham o desejo de fazer um mestrado e um doutorado”,

---

[112] Chaves (2010) em seu estudo em academias de ginástica, por exemplo, para evitar tal situação, chegava a pé ao estabelecimento, deixando o seu carro longe do campo de pesquisa. Passei por situações semelhantes à de Souza (2010) em bares de um bairro suburbano carioca: “O trabalho intelectual, ter estudos, é respeitado, mas ocupa uma posição ambígua nos meios populares. Se por um lado, confere reconhecimento e prestígio, por outro, não é considerada uma atividade para homens viris assim. O pesquisador nestes espaços é tratado com um homem, mas um homem frágil que requer um tratamento diferenciado.” (p. 140).

mas a "correria" do dia a dia os impossibilitavam a realizar atividades acadêmicas[113]. Teriam que arranjar um tempo para trabalharem e estudarem ao mesmo tempo e a vida de *personal trainer* não propiciaria isso. Por outro lado, alguns procuravam legitimar a sua atividade laboral em detrimento do trabalho acadêmico: enquanto eles estavam ali trabalhando e buscando a qualquer custo um aluno para "dar *personal*" com o intuito de ter uma condição financeira ideal, para grande parte dos profissionais, eu estava fazendo um "mero trabalhinho acadêmico que não adiantaria de nada".

Embora diversas vezes eu tenha explicado a natureza antropológica do estudo, os pesquisados não entendiam o porquê de eu estar ali observando e conversando com as pessoas por tanto tempo no setor da musculação, o que de fato era entendível esse estranhamento por parte deles. Os pesquisados exigiam que o meu trabalho tivesse uma utilidade prática ou principalmente que oferecesse um retorno financeiro para eles ou para mim. Nesse contexto, no cotidiano que vivenciava na academia de ginástica "G", muitos professores de Educação Física exigiam os resultados preliminares e finais da pesquisa com a esperança de se aproveitarem do meu estudo para "ganharem dinheiro"[114].

3.3.6 "O policial"

Outro lugar social que me destinavam era a de um suposto policial "infiltrado" no espaço da academia de ginástica "P", com o intuito de investigar a vida de determinados sujeitos[115]. Principalmente os alunos achavam que eu era um policial, pois eu tinha "cara e porte de cana", isto é, cabelo raspado e forte. A cada dois meses, eu raspava o cabelo e os comentários sempre eram que eu tinha entrado para a polícia ou que eu iria servir ao regime militar. Creio que pela minha mania de cumprimentar as pessoas como os militares fazem,

---

[113] Espírito-Santo e Mourão (2005) identificaram que o cotidiano dos profissionais de Educação Física é irregular e cansativo por toda sobrecarga laboral e as diferentes funções que exercem em distintas academias de ginástica.

[114] Ferreira (2004) relatou também a demanda feita aos antropólogos e da expectativa de retorno de dados. Igualmente observou a dificuldade inicial dos informantes em compreender os objetivos de uma pesquisa antropológica. Valladares (2007) comenta que pode haver uma cobrança dos pesquisados sobre o que o estudo pode devolver para eles. De acordo com Becker (2007), geralmente a importância de um problema de pesquisa não estaria atrelado a nenhuma justificativa de ordem dita científica, mas de ordem prática da realidade. Geralmente, os coordenadores e os profissionais me falavam que eu tinha que investigar o interesse dos clientes nos serviços de *personal trainer* para poderem vender mais seus serviços.

[115] Há necessidade de interpretar os mal-entendidos no trabalho de campo e explicitar isto no estudo, pois inúmeras são as pesquisas que omitem os riscos físicos e emocionais dos pesquisadores ao longo do contato com os pesquisados (BEAUD; WEBER, 2007; DICKSON-SWIFT *et al*., 2008).

demonstrando respeito ao outro, isto é, ingenuamente "batendo continência", as pessoas realmente achavam que eu era um policial ou um militar das forças armadas.

Zenobi (2010) registra que "As múltiplas causas que podem levar um antropólogo a ser acusado de 'espião' ou de 'infiltrado' são irredutíveis a um único fator e devem ser contextualizadas e enquadradas em cada situação particular." (p. 471). Nesse sentido, como ninguém da região da Cidade de Deus me conhecia, conversava com todos sem estar trabalhando naquele local, periodicamente visitando aquele espaço com "conversa fiada", gerava desconfiança em muitos alunos. Fonseca (1999) destaca que "A reação do 'nativo' diante de nossa pessoa — seja ela de dissimulação, adulação, hostilidade, franqueza ou indiferença — é um dado fundamental da análise que diz muito sobre relações de desigualdade e dominação." (p. 65).

Em uma das situações mais delicadas que vivenciei em campo, foi quando um dos alunos, visivelmente drogado, como já tinha reparado em outros pesquisados, me chamou de "P2" no centro da sala de musculação:

> Piloto: Cuidado aê hein, irmão! Tu é P2! Tu é P2!
> Eu: O que é isso? P2?
> Piloto: Conheço bem isso, o que você faz é coisa de policial infiltrado! Fica aqui observando a galera, é melhor você ter medo porque um dia vão te apagar aí a qualquer hora, quando você sair da academia.
> Eu: Tenho como provar que não sou polícia, pô!
> Piloto: Como?
> Eu: Tenho carteirinhas e registros que sou professor de Educação Física!
> Piloto: Isso não prova nada, eu faço qualquer tipo de carteirinha para você e ainda posso mentir quem eu sou.
> Eu: Faz um negócio então: fala para a coordenadora da academia que vão matar um colega dela e para avisar naquela escola ali que eu vou morrer; daí vão perder um professor lá, beleza?
> Piloto: hahaha...é sacanagem! Mas é que estão te confundindo com polícia por causa do seu porte e da cabeça raspada. Também me confundem por essas coisas, quando chego perto da "boca", os caras já miram para mim achando que sou P2.

Uma estratégia que sempre utilizava para sair de situações delicadas ou de vulnerabilidade na minha posição como etnógrafo era citar os nomes daqueles que me colocaram nos espaços das academias de ginástica. De certo modo, eu tinha uma autorização de que eu estava ali com o intuito de apenas realizar a pesquisa e não investigar a vida alheia para além dos limites da minha investigação. Nesta situação, começava a perceber que na "favela" o oficioso, como os contatos e as referências pessoais, valiam mais de qualquer documento oficial que eu apresentasse. Outro recurso que eu também usava para me safar

desses tipos de situações era emitir respostas evasivas ou fingir que não estava entendendo o que ocorria diante dos meus olhos[116].

Tinha experiências perigosas semelhantes à Whyte (1980) que, ao interagir com gangues criminosas, era considerado policial e seu informante privilegiado o ajudava na sua inserção no grupo pesquisado. Confesso que em consonância a Zaluar (2009), em parte, "Enfrentei, algumas vezes sem nem perceber, certas situações em que agressões graves poderiam ter acontecido." (p. 573):

> Funcionário Marcinho: Aqui no início, mais os homens da favela, estão acostumados de ficarem com um pé atrás. Diziam que você estava procurando alguém da favela, talvez polícia ou matador. Toda hora diziam que iam te apagar, te encaravam por isso, tiveram uns aí que falaram que iam te jogar da janela daqui de cima.

Embora já tivesse sofrido esses tipos de ameaça de morte em comunidades cariocas, por trabalhar em escolas públicas de regiões consideradas perigosas, às vezes, no meu trabalho de campo, temia ao sair da academia de ginástica "P" pela rua escura e deserta à noite[117]. Tempos depois, soube que a academia de ginástica "P" embora atendesse grande parte do pessoal da "favela" onde os traficantes circulavam, estava localizada também em uma região dominada por milicianos[118]. Recebi o relato de um dos alunos supostamente envolvidos com a rede de milicianos que por não ter passado na "prova da polícia", estava "arranjando um desenrolo" para trabalhar na rua dando "carteirada em geral". Muitos desses alunos com atitudes suspeitas se muniam de mais de um celular a todo instante atendendo ligações com "conversas codificadas" e com um suposto teor de "resolver algum problema", bem como entravam e saíam mais de uma vez do estabelecimento com suas motos argumentando sobre a necessidade de "pegarem um dinheiro"[119].

A recepcionista me disse que apenas uma vez obrigaram a academia de ginástica "P" fechar porque um "bandidão" da Cidade de Deus tinha morrido em confronto com a polícia. Segundo relato dela, há dez anos, quando ela era a coordenadora da academia de ginástica

---

[116] Laplantine (2007) afirma que o etnógrafo deve saber lidar com "[...] o encontro que surge frequentemente com o imprevisto, o evento que ocorre quando não esperávamos." (p. 151).

[117] Em consonância com a premissa de Fernandes e Moreira (2013), não esperava desprezar a minha própria segurança como pesquisador frente aos perigos do trabalho de campo. Em algumas ocasiões, era chamado para entrar na "favela" para participar de festas e encontros, mas recusava por achar uma decisão perigosa, embora soubesse que seria rico para os meus dados.

[118] Um tipo de crime organizado em que alguns "bandidos", geralmente ex-militares, exploram os moradores em várias atividades lucrativas (ZALUAR, 2009a).

[119] Se o *gym* para Wacquant (2002) era um espaço que isolava os sujeitos da rua, sendo um local de proteção contra a insegurança do gueto e das pressões da vida cotidiana "salvando" aqueles que ali frequentavam, a academia de ginástica "P" era invadida ou era mais um espaço onde situações hostis da "favela" se reproduziam. Em outras palavras, o "aqui dentro" da sala de musculação era uma extensão do "lá fora".

"P", a administração do estabelecimento era mais difícil pela alta violência urbana da Cidade de Deus, pois poucos alunos a frequentavam e ainda tinha que pagar altas contas, como o aluguel do espaço de R$ 1300,00 e o custo de água altíssimo. Em determinada época, a recepcionista disse que foram obrigados a trocar as cores azuis e brancas, que remetiam à polícia militar carioca, por cores neutras, como o verde e o amarelo.

Muitos dos alunos da academia de ginástica "P" faziam parte (in)diretamente do tráfico de drogas da Cidade de Deus ou da rede de milicianos da região. Embora alguns deles conversassem comigo aparentemente de modo simétrico ou igual, conseguia detectar algumas inconsistências ou contradições nos seus discursos durante as interações sociais[120]. Em tom de brincadeira ou deboche, ficavam zombando deles mesmos ou dos outros no seguinte sentido: "O pessoal é fogo, se um dia eu morrer aí na rua, ainda vão dizer que sou bandido! É mole?", "Sabe fulano? Desistiu de dar aula, virou bandido! Brincadeira, mas já pensou se é verdade?", etc. Por vezes, entre eles, havia algumas discussões ou ameaças de quem conhecia "fulano ou cicrano" no sentido de se impor naquele local, o que gerava um "clima tenso" temporariamente na academia de ginástica "P" e me fazia ficar atento de "quem era quem" ali.

3.3.7 "O branquelo"

Principalmente na academia de ginástica "P", de modo peculiar, a cor da minha pele era, muitas vezes, determinante nas minhas interações com os pesquisados, sobretudo com os alunos, pois, a todo instante, me chamavam de "russo", "branco", "branquinho" ou "branquelo". Começava a perceber que em dado momento na academia de ginástica "P", por exemplo, de quinze pessoas presentes no setor da musculação, eu era o único que tinha a pele mais clara naquele espaço. Assim, eu ser "branco" no contexto social deste estabelecimento tinha vantagens e desvantagens que puderam ser observadas ao longo do tempo.

Se os alunos me achavam interessante por, dentre outras coisas, ser "branco", a minha interação com eles era facilitada. Em contrapartida, se a cor da minha pele não correspondesse à maioria daqueles que se exercitavam naquele espaço, a minha relação com os alunos ficava

---

[120] Busquei ser visto como uma pessoa justa e "legal" naquele espaço, como Zaluar (2009) vivenciou em sua pesquisa. Zaluar (2009) problematiza a diferença entre versão e verdade em pesquisa de locais perigosos.

prejudicada. Em diversas situações no trabalho de campo, me situava entre ser aceito ou recusado[121] durante as interações sociais cotidianas.

No universo da academia de ginástica "P", as relações sociais no que diz respeito às possíveis paqueras se estabeleciam também pela referência da cor da pele. No caso, pela minha cor não ser comum naquele contexto social, havia uma distinção em que, muitas vezes, escutava: "todos ali são iguais, mas você é branco". Assim, eu na posição de pesquisador tinha a oportunidade de experimentar que ser diferente, no caso, branco, possuiria muitas vezes um *status* superior aquela realidade, talvez por todos os atributos (considerados falsamente como positivos) que historicamente se pensa nas pessoas de cor clara:

> Montanha: Aquela mulher ali é bonita, mas é metida comigo! Ela não é metida com você porque você é branco, entende?
>
> Wilson: Você demora para cortar o cabelo, você corta em dois em dois meses porque você pode se dar o luxo, porque você é branco. Preto tem que cortar o cabelo a cada uma ou duas semanas, senão te chamam de desleixado. Você faz sucesso com elas porque além de pintoso, carcaça e bom de papo, ainda é branco.

No entanto, ser branco foi também um ponto problemático em diversas situações, pois todo o contexto social da academia de ginástica "P" reforçava o que posso denominar de certa identidade negra. Nas conversas informais, na valorização de determinados artistas e celebridades da mídia, nas músicas de *funk*, de charme e de *hip hop* e o valor dado ao público dos bailes sempre se remetiam a uma positividade da negritude:

> Sara: Eu não sabia quem era você, te via aí, mas nunca tive a oportunidade de falar com você. Um dia eu até perguntei para uma amiga: quem é aquele branquelo, magro e feio ali?
>
> Motorista: Você é negão só na cor de fora, porque por dentro você é branco que nem ele, não tem raça!

Na medida em que deixavam explicita ou implicitamente claro que eu não era "negão" ou "preto", a minha proximidade com os pesquisados era prejudicada, acentuando a minha alteridade, ou como alguns diziam, "você não é daqui!". Constantemente, citavam a minha cor como uma referência de distinção, do tipo, "fulano era mais branco do que você, acredita?" ou "Agora temos dois professores: um preto e outro branco!". Lembro também que uma das professoras do estabelecimento era sempre vista de modo depreciativo quando a chamavam de "loirinha" ou "branquinha" e grande parte dos alunos não sabia nem o nome dela, por vezes, criticando-a com estes termos referentes à cor da pele "clara".

---

[121] Ao ser recusado, passava por uma situação semelhante experienciada por Wacquant (2002) que, ao realizar a sua etnografia em um gueto negro, usava o diário de campo para desabafar, pois ele também era praticamente o único "branco" entre seus pesquisados.

Contudo, começava a notar que embora a cor da pele fosse determinante para algumas situações vivenciadas no campo de pesquisa, pelo tempo prolongado vivenciando a rotina deles na academia de ginástica "P" e pelos vínculos de empatia criados entre os pesquisados e eu, muitas vezes, a minha cor ficava em segundo plano durante as interações face a face. Tratavam-me de modo que com o passar do tempo não se remetiam a mim em relação a eu ser "branco".

Por exemplo, eu conseguia saber mais do que os meus pesquisados sobre o cotidiano da Cidade de Deus pelo fato de trabalhar ali próximo da academia de ginástica "P". Compartilhava lembranças da adolescência com os meus pesquisados, o que me aproximava deles na medida em que frequentava os mesmos ambientes de lazer do que eles, como me diziam às vezes: "eu era um deles, eu frequentava o local x, y ou z". Quando as músicas de *funk* antigas tocavam na academia de ginástica "P" e os pesquisados não se lembravam da "letra", eu os ajudava, os surpreendendo em muitos momentos.

Muitas vezes, no momento do ato de cumprimentar ou de se despedir, escutava: "Fala aí negão!" ou "Valeu, negão, até amanhã!". Posso afirmar que estes rituais de encontro face a face ali na musculação eram também uma das formas que percebia de que eu estava sendo aceito pelo grupo. Latour e Woolgar (1997) comentam que o observador começava a se sentir completamente assimilado pelo campo de pesquisa em laboratório quando o chamavam de "doutor". Desse modo, embora "branco", ali eu era um "negão" pelo grau de sociabilidade que adquiria ao longo do tempo.

Os alunos de cor mais clara recém-chegados ao estabelecimento optavam por se dirigirem mais a mim do que os outros na academia de ginástica "P", situação semelhante essa que Jardim (1991) identificou quando pessoas "brancas" procuravam outras da mesma cor de pele com a possibilidade de ser um "igual" dentro dos contextos de bares. Tal situação era rotineira ao longo do trabalho de campo, ao presenciar diversas vezes uma espécie de agressão ao "branco" em um "espaço eminentemente negro", como sofria no início da pesquisa durante as minhas interações sociais no espaço da musculação.

Outro momento do trabalho de campo, ao defender junto a um aluno, de cor escura, que deveríamos pedir a recepcionista para colocar uma música de *hip hop* em vez de ficar escutando rádio, um grupo de alunos de classe média branca recusou a nossa opinião; disseram que estavam cansados dessas músicas "*black music*". Pela minha condição de pesquisador, transitando em diversos grupos sociais que se constituíam na academia de ginástica "P", percebia que era "olhado torto" quando ficava muito tempo falando com um "branco".

Assim, as diferenças de cor entre o pesquisador e os pesquisados nas academias de ginástica serviam significativamente para entender, em parte, as relações sociais entre os sujeitos e o meu lugar como etnógrafo. Talvez a minha cor da pele na academia de ginástica "G" não era considerada um fator de diferença com os pesquisados pela grande parte ser "branca", com exceção dos funcionários de apoio ou de alguns poucos professores de Educação Física que possuíam a pele "escura"[122].

Nesse contexto, notava também que a representação do "ser negro" no espaço de ambas as academias de ginástica, em geral, se atrelava a uma pessoa forte fisicamente em que conseguia superar todos os seus "limites":

> Prof. Jordan: Nunca vi preto ficar gripado! Você, prof. Osiris, não pode ficar resfriado, você é preto cara!
>
> *Personal trainer* Bira: Nem parece que você é negão, só branco que tem pinto pequeno, vai malhar para ficar forte, porra!

Percebia que ao mesmo tempo em que "ser negro" no espaço de ambas as academias de ginástica podia ser configurar como algo positivo, na medida em que "naturalmente" era forte, de modo paradoxo, sofria uma série de interdições preconceituosas nas relações face a face. Presenciei algumas situações de preconceitos em relação à cor escura na musculação da academia de ginástica "G":

> Rick: Só pego preta no escuro, só não pode rir senão os dentes vão aparecer.
>
> Marco Antonio: Aí, pessoal, encontrei o Prof. Osiris na noitada com uma camisa laranja, parecia um bolo de cenoura. Estava ridículo!
>
> Prof. Gilmar: Aparentemente, eu nunca sofri nada de discriminação, mas o prof. Osiris já! Todo mundo zoa ele, desde a outra academia onde ele trabalhava. Acho que ele lida bem com isso, na verdade já se acostumou. Os professores são os que mais zoam ele.
>
> Estagiário Lico: Aqui na academia não há discriminação racial, os professores aqui são negros, mas são bons!

Realizar as práticas corporais em pequenos grupos ou contratar um *personal trainer* da mesma cor foi visto constantemente no meu trabalho de campo com alunos negros. Quando os alunos de cor escura se exercitavam sozinhos, percebia que não havia muitas interações ao longo da estadia deles na academia de ginástica "G". Notava também que geralmente as

---

[122] Bouzón (2010) destacou uma situação parecida no seu estudo etnográfico em salões de beleza: "É possível observar também uma segmentação baseada na cor de pele quando se tratam dos profissionais. No salão do Catete, aproximadamente metade dos funcionários é constituída de pessoas negras. No salão de Botafogo, cinco entre as sete pessoas que compõem a equipe fixa possuem pele branca. Já no salão de Ipanema, os poucos funcionários negros costumam ser assistentes de cabeleireiro, manobristas ou seguranças." (p. 142)

roupas eram de cores fosforescentes e coladas no corpo, e quando estavam em grupo, cumprimentavam-se, reforçando a tal identidade negra, como se referindo a cor da pele no aumentativo "Fala aí, negão!". Presenciava também que os professores de Educação Física negros sempre exaltavam ou admiravam o corpo de um ex-participante do programa da TV Globo, Big Brother, e de uma bailarina do programa do Faustão que se exercitavam frequentemente nos horários deles: todos negros. Inclusive, via e ouvia destes professores que tendiam a direcionar a atenção deles para alunos(as) de cor escura.

Creio que mais do que impossibilitar a pesquisa por causa da cor da minha pele, era possível identificar, pela minha pessoa, alguns significados que atribuíam à cor da pele nas academias de ginástica estudadas. Assim, ser "branco" ou "negro" nestes espaços, mais do que a cor da pele, tratava-se de aspectos relacionais e de posição dinâmica de papéis atribuídos ao outro durante as múltiplas interações sociais que ali ocorriam.

3.3.8 "O funcionário da manutenção" e "o *paparazzo*"

Outras posições me eram atribuídas em menor grau, como a de funcionário de manutenção e a de *paparazzo*. Enquanto a primeira foi vivenciada na academia de ginástica "P", a segunda, nas interações sociais da academia de ginástica "G".

Um lugar social que me destinavam ao longo do trabalho de campo era a de funcionário da manutenção dos aparelhos que porventura estariam quebrados. Pelo fato de constantemente os aparelhos estarem "em manutenção" na academia de ginástica "P" e eu ficar circulando pelo espaço sem orientar os alunos, uma única vez me chamaram para ajeitar as "correntes da bicicleta". Ao me apresentar como pesquisador naquele momento, os alunos me pediram desculpas, pois achavam que eu era o "rapaz da manutenção" dos aparelhos de musculação.

Isto não acontecia na academia de ginástica "G", pois os funcionários da manutenção usavam uniforme específico da marca do aparelho que estaria quebrado ou vestiam uma blusa com o logo do estabelecimento na frente e atrás escrito "manutenção" ou "*staff*". Os funcionários da manutenção realizavam os consertos em horários de baixo fluxo de alunos circulando pelo estabelecimento para evitar possíveis reclamações dos clientes[123].

---

[123] Os dizeres das placas avisando que o aparelho estava impossibilitado para o uso sempre se remetiam a uma espécie de "justificativa ao cliente": "Desculpe o transtorno. Esteira em manutenção pelo seguinte motivo...".

Os funcionários da limpeza da academia de ginástica “G” faziam parte de uma empresa terceirizada que também exigia o uso de uniformes específicos. A equipe terceirizada de funcionários da limpeza possuía hierarquias no sentido de que sempre havia um supervisor com calça *jeans* e uma camisa pólo com o logo da empresa e dois ou três faxineiros com o uniforme circulando pelos espaços do estabelecimento. Era visível a preocupação com a higienização do local.

Pelo fato também de ficar observando e aleatoriamente circulando pelo espaço da musculação, creio que eu tenha sido confundido com um *paparazzo*, no caso, na academia de ginástica “G” em especial. Inúmeros cantores de diversos estilos musicais e artistas da emissora de TV Globo, dentre outras celebridades da mídia, não paravam de me olhar ou encarar durante a realização das práticas corporais.

Confesso que tinha medo de que meu trabalho de campo fosse interrompido ou atrapalhado por qualquer questionamento de uma celebridade sobre o meu papel naquele lugar perante aos coordenadores, pois o meu “simples” celular poderia ser considerado um instrumento de tirar fotos ou filmar os mesmos. Assim, em algumas situações quando isto acontecia, optava por, imediatamente, me retirar da sala de musculação ou ficar longe dos mesmos evitando certos contatos face a face.

Em síntese, destaco que “entre corpos nas academias de ginástica” no que diz respeito à relação entre pesquisador-alunos(as) e pesquisador-professores(as), tive um maior ou menor vínculo com determinados sujeitos, que eu poderia resumir na ordem da maior para a menor afetividade: alunos da academia de ginástica “P”; profissionais de Educação Física da academia de ginástica “P”; coordenadores da academia de ginástica “P”; profissionais de Educação Física da academia de ginástica “G”; coordenadores da academia de ginástica “G” e, por fim, alunos da academia de ginástica “G”.

Contudo, ao longo do trabalho de campo, a minha identidade ia se modificando de acordo com o tempo e com o grau de relação que eu tinha com os pesquisados. Todo esse processo de interações vinculado ao face a face na musculação representava de certo modo o que cada grupo social inserido em determinadas condições socioeconômicas e culturais concebia nas suas relações durante a vida cotidiana. Aqui foi possível analisar metodologicamente que mais do que pensar em grupos humanos distinguidos por determinados marcadores sociais, entendeu-se que os âmbitos de academias de ginástica se configuravam de forma plural em relação aos diversos “corpos”.

O meu maior vínculo com alunos, professores e coordenadores da academia de ginástica “P” se deu principalmente pelo tempo mais prolongando de convívio, pelo espaço da

realização das práticas corporais ser pequeno propiciando um contato mais íntimo com eles[124], bem como pela possibilidade de assuntos em comum entre eles e a minha pessoa. Confesso que ao deixar o campo de pesquisa pela "última vez", contive algumas lágrimas pela dimensão da boa receptividade que tive por grande parte dos pesquisados e por lembrar de todas situações, tristes ou felizes, que passava ali, mesmo com o desconforto físico diante das condições precárias de infraestrutura que ali existiam.

Inúmeras vezes convidaram-me para sair à noite com a "galera" ou participar de uma festa deles. Constantemente, dividia os fones de ouvido com os meus pesquisados para escutar músicas junto a eles. Sem mesmo conhecer algumas pessoas, recebia remédios, amostra grátis de perfumes e pastas de dentes como presentes, materiais estes que os alunos pegavam dos seus trabalhos. Faziam questão de dividirem, compartilharem e me chamarem para escutar as conversas relativas a assuntos íntimos como problemas de saúde, familiares, sexuais, amorosos, financeiros, etc. Embora eu não estivesse todos os dias nesta academia de ginástica e nem morasse naquela região, mesmo quando a sala de musculação estava cheia, muitos pesquisados me cumprimentavam apenas ou saíam de longe para se despedirem de mim, como se eu fosse um velho conhecido[125].

Já na academia de ginástica "G", creio que consegui criar um vínculo mais significativo com os professores de Educação Física, quando comparado aos coordenadores e aos alunos. As estratégias de conhecê-los melhor quando estavam no intervalo de trabalho treinando ou descansando, na frente do computador digitando os exercícios físicos para a planilha de treinamento dos seus alunos ou no momento que estavam supervisionando o setor aeróbio, bem como eu comentando um pouco mais sobre a minha vida pessoal fizeram com que eu me aproximasse destes pesquisados.

Em algumas situações, percebia que eu tinha sido teoricamente aceito por eles, ao longo do trabalho de campo. Contudo, no início da pesquisa, sentia que, às vezes, eles se sentiam "ameaçados", como se eu estivesse os julgando ou avaliando suas condutas. Notava que havia uma pressão de rendimento laboral dos funcionários por parte dos coordenadores. A todo instante, eu recebia questionamentos por parte dos professores de Educação Física e dos coordenadores sobre a etnografia em si, como, por exemplo, como "andava" a pesquisa, se estava dando para fazer a "coleta de dados", qual era a previsão de término, qual a amostra

---

[124] Goffman (2011) destaca que "A proximidade física facilmente implica proximidade social [...]." (p. 104).
[125] Vivenciei as condições de trabalho de campo semelhante à Whyte (2005): "Depois de ter estabelecido minha posição na esquina, os dados vinham a mim sem esforços muito ativos de minha parte." (p. 304).

que eu estava selecionando, etc. Além disso, diariamente, prestavam atenção nos dias e nos meus horários de trabalho de campo: “E aí? Já vai?”, “Já vai nessa?”, “Que horas que você vai embora?”, “Já não deu o seu horário não?”, “Você faltou ontem, né?”, “Ontem não era o seu dia aqui?”, “É a primeira vez que você vem na segunda-feira, não é?”, “Ué, sexta-feira você está aqui também? Achava que era só terça e quarta”, etc.

Pelo fato dos profissionais da academia de ginástica “G” estarem praticamente todos os dias da semana, inclusive finais de semana, em todos os turnos (manhã, tarde e noite), trabalhando, de maneira intensa, reparava também que eles perdiam totalmente a noção de tempo (da semana, do mês e até mesmo do ano), sempre achando que eu estava há dias sem comparecer, mesmo eles sabendo os meus dias e os horários mais frequentados.

Outra dificuldade que enfrentava ao longo do trabalho de campo na academia de ginástica “G” era o meu próprio acesso diário ao estabelecimento. Embora o aspecto relativo ao espaço físico fosse mais favorável para mim pelo ambiente mais *clean* e refrigerado pelo sistema de ar condicionado, como a minha frequência semanal era baixa, quando comparada a dos profissionais de Educação Física e dos alunos, raramente eu era reconhecido pelos recepcionistas para adentrar no local. Em praticamente todas as visitas, eu tinha que me reapresentar aos recepcionistas para entrar na academia de ginástica “G”, causando certa demora ou constrangimento naquele momento na recepção perante aos outros que ali estavam. Para driblar isto, criava estratégias de “brincar” com a situação, o que me facilitava a empatia com os recepcionistas: “Se você lembrar de mim sempre, eu te dou uma caixa de bombom no final do ano” ou “Gostaria de ter uma memória dessas, saber quem é quem aqui nessa roleta”, etc.

Tinha que decorar o nome de cada atendente para quando alguns não estivessem presentes indicar que “Fulano me conhecia e me liberou outro dia”, embora semanal ou mensalmente os recepcionistas eram trocados, situação esta que não conseguia descobrir o porquê. Os coordenadores deixavam claro que eu não poderia ter uma “digital” registrada no sistema de banco de dados da biometria, pois não tinham uma “classificação” para mim: eu não era bolsista, aluno, professor e nem funcionário. Se me acrescentassem no sistema simulando que eu era alguém da academia de ginástica “G”, o controle no final de cada período do fluxo de pessoas daria errado. Isto me fazia perceber o rigoroso controle de sujeitos naquele espaço. Inúmeras foram as vezes que presenciava alunos sendo “barrados” por não terem pagado a mensalidade ou por não terem apresentado o atestado médico.

Outro problema de interação pesquisador-pesquisados, pelo fato dos professores de Educação Física ficarem em determinados setores da sala de musculação, era que eu não tinha

a oportunidade de observar as interações do aluno com um único profissional. Ao se exercitar, o aluno, durante o momento da prescrição de exercícios físicos, ficava pontualmente com vários profissionais ao mesmo tempo, embora tenha gerado outros tipos de dados haja vista a dinâmica que acontecia ali.

Além disso, a minha dificuldade de estabelecer contato com os alunos da academia de ginástica "G" se deu por diversos motivos. Havia uma alta rotatividade dos alunos por poderem realizar as práticas corporais em outras unidades, o que me impedia de acompanhar os mesmos alunos por longo período de tempo; ou ainda, muitos alunos não eram do Rio de Janeiro, estavam treinando temporariamente ali. O amplo setor de musculação me afastava dos sujeitos quando se deslocavam para outro lugar daquele espaço. Ficava impossibilitado de inserção em "grupos fechados" formados previamente fora daquele ambiente; muitos se conheciam de fora da academia de ginástica e não se relacionavam com outros grupos que frequentavam o estabelecimento. O constante uso de fones de ouvido e do uso do celular comprometeu estabelecer um tipo de contato mais aprofundado com os alunos; igualmente, o hábito de não cumprimentar "o outro desconhecido" impedia uma primeira abordagem. Ademais, pela condição de "cliente", eu não podia "atrapalhar" o que ele estava consumindo – leia-se as práticas corporais[126].

Da mesma forma, os assuntos dos alunos que geralmente se voltavam ao teor financeiro eram distantes da minha realidade socioeconômica aumentando o estranhamento entre nós. De início, os alunos aparentemente não se sentiam à vontade de falar de si com os profissionais e com os seus pares quando eu estava próximo. Pela mudança na disposição dos aparelhos de musculação no final do trabalho de campo, eu acabava perdendo também alguns pontos de observação onde eu poderia ficar temporariamente parado, como uma bancada onde os computadores se situavam.

---

[126] Identifiquei-me como o que Bouzón (2010) menciona: "Quando se faz pesquisa de campo em estabelecimentos comerciais, não se pode esquecer que se trata de um negócio, de um ambiente profissional voltado para a prestação de serviços. Dessa forma, é esperado que seus freqüentadores consumam algum dos serviços oferecidos, e não que passem o dia ocupando o espaço físico de outros potenciais clientes. É, ainda, o local de trabalho de muitos profissionais, o que torna a observação direta por parte do pesquisador, por mais discreta que seja, uma intervenção que foge ao cotidiano daquele ambiente, o que pode gerar desconfianças e incômodos não apenas para a equipe de profissionais como também para os próprios clientes." (p. 17).

3.4 Aspectos éticos

Em concordância com os preceitos éticos estabelecidos nas diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, o presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética (CEP) em Pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ) - (CAAE: 01559712.7.0000.5286 / Número do parecer: 203.235). O projeto de pesquisa foi enviado pelo Sistema da Plataforma Brasil da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

A pesquisa possibilitou aos sujeitos o anonimato por meio de pseudônimos e o sigilo das informações registradas durante a construção dos dados. O material coletado foi devidamente armazenado de forma confidencial para fins exclusivamente de pesquisa. No processo de divulgação dos achados, na tese e nos futuros artigos científicos, as instituições e os sujeitos envolvidos não serão identificados.

Os procedimentos do estudo foram apresentados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para anuência e concordância dos participantes da pesquisa (ANEXO 1). Não houve riscos significativos aos sujeitos de qualquer natureza. Vale lembrar que embora eu tenha dado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os professores de Educação Física pesquisados, pouco foi lido atentamente e muitos recusaram a segunda via de tal documento.

4 EU “TÔ” NO “LIMITE” E VOCÊ?

Pelo fato do interesse de pesquisa ter sido delineado no próprio trabalho de campo, as categorias de discussão não foram fixadas no início da pesquisa; tomaram forma ao longo da própria análise. “Eu ‘tô’ no ‘limite’ e você?” representa uma das passagens emblemáticas entre alunos de uma das academias de ginástica que demonstra, de modo ilustrativo, o fato de estar com o corpo no “limite” é eminentemente relacional, isto é, exercitar *performances* não é um ato livre e fácil, mas aprendido de modo prévio e ensaiado de forma meticulosa (SCHECHNER, 2011).

Assim, como foi apontado no início deste trabalho no capítulo relativo à organização geral do estudo, a apresentação e a discussão dos achados foram delineadas da seguinte forma: a) fábricas, oficinas ou usinas de corpos: do exterior ao interior das academias de ginástica; b) a construção das noções de “limites” corporais pelos professores de Educação Física e alunos; c) as estratégias utilizadas pelos mesmos para superar ou potencializar os “limites” corporais.

4.1 Fábricas, oficinas ou usinas de corpos: do exterior ao interior das academias de ginástica.

O âmbito de academias de ginástica é um dos locais privilegiados para se analisar as questões relativas ao corpo pela sua hipervalorização, como Le Breton (2011) pondera. Considerando um “território situacional” por Malysse (2008), pretendo explicitar e ilustrar, brevemente, o contexto desta pesquisa que envolve o cenário das academias de ginástica para se pensar nas interações sociais no plano simbólico dos corpos em exercícios físicos, em especial no setor da musculação.

Pode-se entender que o termo “academia de ginástica”, em termos gerais, se refere a uma entidade de condicionamento físico, de iniciação e de prática esportiva de cunho privado (CAPINUSSÚ, 2006). Historicamente, conhecida também como ginásio, centro, espaço, estúdio, escola ou clube, o simples termo “academia” é derivado das tradições filosóficas gregas que se referia a um local de prática de atividades lúdicas e de ginásticas, como pode

ser percebido em Platão em 378 a.C. responsável por fundar a Academia[127] em uma homenagem ao herói de Atenas Academos (CAPINUSSÚ, 2006).

Contudo, é preciso ressaltar que todo espaço é primordialmente marcado pela dimensão social, local e temporal (SANTOS, 2006a). Faria e Bortolozzi (2009) apontam que o território, palco das relações sociais, é importante "[...] para investigar a apropriação/dominação do espaço e sua relação com a saúde, de outro, torna-se importante para o planejamento de ações que permitam diminuir os impactos dessa apropriação na vida das pessoas." (p. 36). Assim, é preciso pensar que o espaço é construído processualmente no qual sua estrutura se organiza por certas formas e funções passíveis de mudanças ao longo da história em cada sociedade (SANTOS, 2006a).

Desta forma, não se pode considerar a academia de ginástica como um mero espaço físico em que os sujeitos frequentam com a finalidade de apenas se movimentar a partir de um dado objetivo para o corpo. A academia de ginástica precisa ser compreendida como um local em sua totalidade, pois tal espaço comporta sentidos e significados construídos intersubjetivamente em dada época e por cada grupo social; um local de processo e de produto das dinâmicas das relações entre os sujeitos, propiciando uma interação sócioespacial. Desse modo, munir-me do espaço da academia de ginástica, especificamente da musculação, como ferramenta de análise para os grupos sociais significa apropriar-me de modo contextualizado de certos usos de corpo em constantes interações cotidianas.

No Brasil, a academia de ginástica emergiu pela expansão da prática comercial com diferentes iniciativas e modalidades de práticas corporais no início do século XX, principalmente pelo fato de que neste período o espaço público[128] deixou de ser seguro e propício ao movimento dos praticantes (PERES, 2011). Desde o final do século XIX, as primeiras academias passaram a se referir a espaços de ginástica de clubes esportivos, de ensino de natação, de lutas e do modelo atual de práticas de musculação e de exercícios ginásticos formatados a partir da década de quarenta, que prevalece até hoje em dia (CAPINUSSÚ, 2006).

---

[127] O termo originalmente se estabeleceu no sentido de um espaço para "exercitar o saber" e, em um momento posterior, com o intuito de "exercitar o corpo".

[128] Hoje em dia, embora ainda haja essa tendência de uma "fuga" dos praticantes do espaço público para o privado devido à alta violência urbana, é preciso destacar também que, por outro lado, há um movimento de que muitos usuários de academias de ginástica começam a preferir o espaço *outdoor* no sentido de trocar um "ambiente artificial" por um "natural".

A musculação, ou na época conhecida por halterofilismo e culturismo[129], era o carro-chefe das primeiras academias de ginástica que, majoritariamente, levavam o nome[130] do dono do estabelecimento (CAPINUSSÚ, 2006). Geralmente, as atuais empresas de *fitness* surgem do sonho de professores de Educação Física, donos das primeiras academias de ginástica, halterofilistas, atletas ou pessoas que antigamente estavam envolvidas de algum modo em determinadas práticas corporais (FURTADO, 2009; NEVES JÚNIOR; TOURINHO, 2011). As academias iniciaram também com aulas de ginásticas baseadas no modelo sueco em que "partes do corpo" seriam trabalhadas em uma série de exercícios sequenciais, como a musculação vem sendo desenvolvida até os dias atuais (PERES, 2011).

A expansão das academias de ginástica ficou acelerada em todo o Brasil, sobretudo nos grandes centros urbanos, no período entre 1970 a 1990, o que gerou um número crescente de profissionais em Educação Física (BERTEVELLO, 2006). Peres (2011) lembra que quando surgiram as primeiras academias de ginástica nesse período, caracterizavam-se por "[...] pequenos protótipos dos clubes desportivos. Instaladas em casas ou sobrelojas com apenas uma, de que o professor costumava ser o proprietário, seus poucos alunos recebiam um atendimento quase personalizado." (p. 114).

Entre 1960 e 1970, a proposta do Método Aeróbico de Kenneth H. Cooper, calcada na ideia da necessidade do *jogging* pelo seu potencial benefício para a aptidão cardiorrespiratória ou resistência aeróbica e para a composição corporal, foi determinante na divulgação da relação entre se movimentar e a saúde (FRAGA, 2006; NAHAS; GARCIA, 2010). Kenneth H. Cooper, médico fisiologista da Força Aérea Americana, criou tabelas com a finalidade de orientar a prática de corrida, conhecida hoje como *cooper* (QUELHAS, 2012).

Exemplarmente, em uma das publicações da Revista Veja no ano de 1979, com a reportagem "O suor entrou na moda", é possível perceber a coerção social em imputar a necessidade de se movimentar. Estimulando a necessidade do ato de se mexer, mais precisamente o correr, acompanhado de conselhos do próprio Kenneth H. Cooper, a reportagem traz algumas afirmativas como "A cidade grande está empurrando o brasileiro para fora de casa – para correr, andar de bicicleta, fazer ginástica. A forma física está em

---

[129] Furtado (2009) afirma que a substituição do termo por musculação objetivou abranger um público maior que não se interessava por competições ou por elevados ganhos de massa muscular. Um breve histórico sobre musculação pode ser visto em Sabino (2004) e Correia (2006).

[130] De acordo com Furtado (2008), "No estágio inicial as academias tinham nomes imponentes que lembravam o excesso de força e músculos dos halterofilistas. Em um segundo estágio as academias apresentam nomes que lembram uma boa condição atlética ou o *fitness*. No atual estágio, as novas academias apresentam nomes que fazem menção ao bem estar ou ao convívio social [...]." (p. 22).

alta." (p. 50), "A explosão do esporte e do exercício vai se tornando também um fenômeno de massa." (p. 50), "Centenas de milhares de brasileiros, em suma, descobriram que um de seus maiores interesses, quando não é o maior, é o próprio corpo." (p. 50).

Assim, pode-se delimitar aqui que foi na década de sessenta e de setenta que houve o início do modismo da chamada "academia" e uma ênfase de que o desenvolvimento do corpo dependeria somente da vontade do sujeito (SANT'ANNA, 2005). É nesta época que os ideais de corpo começaram a ser vistos como objetos de consumo (VIGARELLO, 2006; LE BRETON, 2009), porém, de acordo com a pesquisa de Siqueira e Faria (2007), mais voltados aos aspectos das formas corporais ditos "naturais".

Já mais precisamente, no final dos anos oitenta[131], principalmente pela influência norte-americana da "cultura da corpolatria", houve a popularização das academias de ginástica e das atividades de *fitness* que serviu de espaço, a princípio, para o culto ao corpo (NOVAES, 2001; FURTADO, 2009). Sant'anna (2000) pondera que o período dos anos oitenta foi visto como um tempo de alienação corporal pelo crescimento vertiginoso da indústria da beleza[132]. Nessa época, o termo "malhação" referente ao ato de modelar o corpo de modo regular começou a ser difundido amplamente no Brasil, passando a fazer parte, de maneira definitiva, da vida social dos sujeitos (CASTRO, 2007; PERES, 2011). Sobretudo em algumas capitais brasileiras, a valorização do corpo desde essa época ganhou proporções de larga amplitude e intensidade dando ênfase ao espaço da musculação. Um exemplo é a cidade do Rio de Janeiro[133], considerada por muitos autores, a capital de obsessão do culto ao corpo dito perfeito (magro, esbelto, jovem, musculoso, etc.) pela sua natureza tropical e litorânea[134]

---

[131] Ory (2008) comenta que "Esse espetáculo da musculatura em todo o seu esplendor [...] encontra sua origem modernas nas práticas (e no comércio) da musculação. Após a Segunda Guerra Mundial, o movimento se beneficia com a entrada em cena do espetáculo popular e, em primeiro lugar, do cinema de aventuras exóticas ou históricas (Johnny Weissmuller, Steve Reeves, Arnold Schwarzenegger...), a partir de dois países que parecem ter dominado o campo, a Itália e os EUA." (p. 183-184).

[132] Siqueira e Faria (2007) exemplificam que "Com o crescimento do 'mercado do músculo', nos anos 1980, e do consumo de bens e serviços destinados a manutenção do corpo, 'impérios industriais', com atividades diversificadas, ocuparam essa fatia do mercado relativa ao ferro, as vitaminas e ao suor, produzindo tanto aparelhos de musculação quanto suplementos nutricionais, ou ainda publicando revistas especializadas sobre boa forma, saúde, regimes alimentares e desenvolvimento corporal." (p. 177).

[133] Quelhas (2012) menciona que a cidade carioca se constitui como um dos locais mais avançados do mercado *fitness*, tanto em quantidade quanto pela diversidade de empresas do segmento, tornando-se referência para outros lugares do país. O autor descreve historicamente o desenvolvimento das academias de ginástica no Rio de Janeiro. O trabalho de Peres e Melo (2014) demonstra o desenvolvimento da ginástica nos clubes do Rio de Janeiro no século XIX.

[134] Outros trabalhos apontam que a característica geográfica e as condições climáticas propiciam certos cultos ao corpo (DUARTE, 2008; LEAL *et al*., 2010).

determinante na exposição da aparência (FREITAS, 1999; GOLDENBERG, 2006; MALYSSE, 2007).

Em uma das edições da Revista Veja, publicada em 1985, uma reportagem intitulada "Os lucros do suor: as academias de ginástica transformaram-se em empresas e disputam um mercado florescente" demonstra claramente a representatividade da visibilidade dada à estética do corpo na época. Para Furtado (2007), "O número de academias aumenta consideravelmente a cada ano. Nos últimos anos, a indústria da beleza tem crescido rapidamente [...] Montar uma academia de ginástica se tornou um negócio promissor." (p. 307).

No entanto, as décadas de oitenta e de noventa[135], caracterizadas pelo domínio do corpo no imaginário social (LE BRETON, 2004), são marcadas pelas práticas de ginástica de academia, multiplicando e ampliando os serviços prestados (PICH *et al*., 2007; MARTINS; ALTMANN, 2007; FURTADO, 2009; QUELHAS, 2012). Gomes *et al*. (2010) destacam que "[...] as academias de ginástica precisam constantemente buscar novos meios ou acrescentar algo novo em seus serviços e produtos para que os consumidores se sintam mais atraídos." (p. 185). Tal variação e modernização dos serviços oferecidos pelas academias de ginástica revelam a alta competitividade mercadológica que cerca esse tipo de comércio, haja vista a necessidade do setor de inovar nessa época do "*boom*" do corpo[136]. Furtado (2008) argumenta que esta situação de mercado tornou as academias híbridas, isto é:

> Essa denominação não diz respeito apenas à racionalização do processo de produção e administração da academia, mas também à presença de uma grande diversificação na produção, ocorrida pela necessidade de criar novas modalidades e oferecer, além do consumo de práticas corporais, o divertimento, o entretenimento e o convívio social. (p. 3)

Na década de noventa, houve também uma extrema preocupação da pesquisa em saúde pública com a questão da necessidade de se movimentar na medida em que a inatividade física começou a ser considerada um fator de risco primário (NAHAS; GARCIA, 2010). Nessa época, a Educação Física começava adentrar também nas questões de saúde, ainda atrelada a pressupostos epidemiológicos de promoção da saúde (NAHAS; GARCIA,

---

[135] Berger (2010) comenta que "No Brasil, o fenômeno do culto ao corpo explode nos anos 1990, ou seja, dez anos após seu início nos E.U.A." (p. 71).

[136] Quelhas (2012) lembra que o avanço do mercado *fitness* nesta época "[...] guarda relação direta com a ampliação de tamanho e de importância do setor serviços nas economias de diversos países, assim como, na brasileira." (p. 90), haja vista que, especificamente após a década de oitenta com o processo de redemocratização política, iniciou-se um processo de liberalização da economia neoliberal no bojo da chamada globalização internacional.

2010). Castiel *et al*. (2010) lembram que discursos como "'Atividade física é saúde, seja ativo' e 'Agite-se, sua saúde agradece' são sentenças encontradas em estratégias de promoção da atividade física comumente adotas no Brasil e no mundo ocidental." (p. 61).

Assim, até os dias atuais, há uma grande repercussão social de que o ato de se movimentar é um dos fatores mais importantes para manutenção da saúde e contra os seus riscos, por consequência, estimulando o fluxo das pessoas para as academias de ginástica[137]. Siqueira *et al*. (2009) detectaram que para a população em geral no sentido da saúde "Os fatores mais freqüentemente indicados pelos adultos foram: alimentação saudável (33,8%), realizar exercício físico (21,4%) e não fumar (13,9%)." (p. 961). Entretanto, pela exacerbada preocupação em se exercitar, inúmeras lesões, traumas, estresses, uso de drogas para aliviar a dor ou aumentar o rendimento começaram a ser questionados no próprio movimento sanitário (FRAGA, 2006). Nesse contexto, as academias de ginástica, incluindo o setor da musculação, também começam a se enquadrar mais efetivamente como um espaço voltado às práticas de saúde.

O corpo substancial de pesquisas vinculadas ao discurso científico de profissionais de saúde e de especialistas em exercícios físico apontou a ligação direta entre se exercitar e a melhora de uma suposta boa saúde, embora ainda não seja de completa evidência a dose-resposta fisiológica de frequência, duração, intensidade e tipo de atividade para determinado objetivo (JOHNS, 2005)[138]. Portanto, para além do culto ao corpo, entende-se que a academia de ginástica nos últimos anos também pretende se voltar à saúde dos sujeitos (TOSCANO, 2001). Com esta crescente preocupação com o corpo e os riscos à saúde, bem como a ampliação do número de academias de ginástica no Brasil, o país está posicionado em quarto lugar no mercado do *fitness* com faturamento anual de aproximadamente US$1,2 bilhões e vinte mil academias, oferecendo cento e quarenta mil empregos diretos e conquistando cerca de três milhões e meio de usuários (BERTEVELLO, 2006; VILHENA *et al*., 2012). O

---

[137] Para Siqueira e Faria (2007), talvez, haja uma síntese de que existia o "[...] corpo 'naturalmente' belo dos anos 1960, passa-se por um corpo de músculos hipertrofiados nos anos 1980 e chega-se aos anos 2000 com um corpo almejado que mescle boa forma física com atividades que gerem bem-estar. Certamente essas três categorias não dariam conta da variedade de corpos que as múltiplas sociedades e culturas contemporâneas comportam." (p. 187).

[138] Alinhando-me a perspectiva de Mira (2003), é preciso ressaltar que "Não pretendemos [...] levantar nenhuma bandeira contra o exercício físico nem contra o cuidado do corpo ou da saúde. Nada disso. O que apenas afirmamos é a necessidade de analisar de uma maneira mais criteriosa o exagerado entusiasmo com que tanto leigos, como especialistas costumam defender o exercício físico como fator de saúde. A prudência, ou simplesmente a boa educação, exige que admitamos que nossos conhecimentos podem estar no mínimo incompletos." (p. 187).

mercado mundial de academias de ginástica é liderado pelos Estados Unidos, seguido da Inglaterra e da Alemanha (QUELHAS, 2012).

No ponto de vista de Waissman (2003), o Brasil é um dos campeões do adestramento de comportamentos no sentido de buscar ideais corporais, isto é, uma escravidão de certa neoeugenia à luz dos pressupostos mercantis capitalistas. Talvez, por isso, a expansão mercadológica de produtos médicos para a saúde, a aparência e o bem-estar, como Conrad (2007) sinaliza, pode ser vista também no ramo do *fitness*, mais precisamente no aumento do número de academias de ginástica[139].

Em virtude desse complexo panorama dos "corpos" em academias de ginástica, destaco aqui que, somente ao longo do trabalho de campo, eu constatei a pertinência de analisar as academias de ginástica "P" e "G" pelas suas aparentes peculiaridades locais. A princípio, foi estabelecido o contato com a gerência da academia de ginástica com o intuito de realizar a apresentação da pesquisa, isto é, solicitar a permissão e esclarecer os procedimentos do estudo. Em uma segunda oportunidade, durante o cotidiano do trabalho de campo, houve a tentativa de articulação da minha apresentação, como pesquisador, aos sujeitos a fim de demonstrar as propostas básicas do estudo. Embora eu tenha solicitado aos coordenadores que me apresentassem ou avisassem aos professores de Educação Física sobre o meu lugar no espaço profissional deles, quase nunca fui apresentado pessoalmente, ou ainda, raramente souberam de antemão sobre quem eu era ali na musculação.

Pelo fato de ter acessado as academias de ginástica pelos coordenadores, teoricamente, entrei de modo "imposto" para aqueles professores de Educação Física e alunos. Nesse sentido, para que os acordos (leia-se oficiosos) ocorressem ao longo das interações do dia a dia, foi criado um período de adaptação ao campo de estudo a fim de eu conhecer a infraestrutura e aspectos operacionais das academias de ginástica. Além disso, eu pretendia criar uma relação amistosa e de empatia entre os profissionais, os alunos e os demais funcionários, estratégia essa que poderia elevar a credibilidade dos dados etnográficos[140].

---

[139] A promoção da atividade física no Brasil serve de modelo para grande parte do cenário mundial, segundo Hallal (2010).

[140] Deslandes (2005) menciona que "A primeira etapa [...] diz respeito aos contatos e negociações com autoridades, chefias e gestores para a autorização e operacionalização do estudo. Contudo, mesmo tendo obtido todas as permissões oficiais, é fundamental construir a aceitação do pesquisador e de seu estudo junto aos vários atores locais." (p. 166). Turato (2011) sugere que em primeiro lugar deve privilegiar justamente a exploração do ambiente, das normas e dos regulamentos institucionais para depois estabelecer, de forma efetiva, os contatos mais próximos com os pesquisados.

Assim, desenhei em uma cartolina o espaço físico de ambas as academias de ginástica para ter uma noção visual de como tais locais eram esquematizados e frequentados. Durante algum tempo, consultava estes "mapas" com o intuito de verificar se eu estava conseguindo circular por todos os espaços com a mesma intensidade e frequência. Como as academias de ginástica se dispõem de uma forma que haja certa homogeneidade de circulação de pessoas por determinados caminhos no espaço físico entre os aparelhos de musculação, buscava, aos poucos, vincular-me a distintos lugares para observar de ângulos diferentes e me deparar com os diversos grupos sociais que ali interagiam[141].

No início, sem perder de vista o foco do estudo, não me preocupei também em realizar perguntas pontuais com questões de campo objetivando não "incomodar os nativos"[142]. A ideia era que todos se acostumassem com a minha presença nos espaços da musculação em ambas as academias de ginástica. No campo de pesquisa, a interação e a relação "simétrica" com os participantes auxiliam e são determinantes na qualidade da construção dos dados (MALINOWSKI, 1986).

A quantidade de tempo totalizada no trabalho de campo mostrou que na medida em que o tempo passava, "eu não era mais" um elemento perturbador do cotidiano dos pesquisados e que a proximidade com os nativos se estabeleceu com empatia e confiança. O trabalho de campo teve a duração de doze meses na academia de ginástica "P" (entre Julho de 2012 e Julho de 2013) e dez meses na academia de ginástica "G" (entre Setembro de 2012 e Julho de 2013). O meu relacionamento em situações sociais rotineiras e excepcionais do cotidiano com os professores (faixa etária entre vinte a trinta anos) e os alunos (faixa etária entre quinze a cinquenta anos) nas academias de ginástica tinha a duração de quatro horas aproximadamente no período da tarde e da noite: das dezessete às vinte e uma horas[143] por duas vezes na semana em cada local. Nos primeiros dois meses, na academia de ginástica "P", antes de ingressar na academia de ginástica "G", cheguei a frequentar entre três a quatro vezes na semana[144].

---

[141] Fernandes (2005) comenta que "[...] as academias de ginástica possuem formas bem específicas de lidar com os espaços, com os aparelhos e com as práticas corporais ali desenvolvidas." (p. 108).

[142] Brandão (2007) sugere que, nas primeiras aproximações etnográficas, o pesquisador seja "contaminado pelo campo"; ou ainda, visando "sentir" por um tempo o contexto a ser estudado, não entrando diretamente em uma relação de pesquisa.

[143] Quando podia visitar o turno da manhã, privilegiava a faixa de horário entre sete e onze horas.

[144] Devo registrar que "[...] o estudo de uma comunidade ou organização não tem um ponto final lógico. Quanto mais você aprende, mais coisas vê para aprender." (WHYTE, 2005, p. 321).

Quantifiquei a frequência de "pico" de alunos a cada hora, ao longo dos meses, para iluminar o fluxo de sujeitos daqueles espaços no tempo. A intenção era buscar a variância e a prevalência de práticas e de rotinas dos pesquisados (SILVERMAN, 2010). Percebia algumas tendências da frequência dos alunos em determinados horários e épocas do ano oferecendo uma visão geral de como os espaços da musculação nas academias de ginástica eram ocupados[145]. Constatava que estar nas academias de ginástica durante meses me traria dados de como as pessoas cultuavam o corpo a depender da estação do ano[146].

Assim, baseando-me na ideia de Rocha e Rodrigues (s/d) que a contextualização é um dos elementos mais importantes para análise dos significados culturais do corpo, creio que seja de suma importância descrever o contexto socioeconômico e cultural que engendra os bairros cariocas da Cidade de Deus e da Barra da Tijuca, onde as academias de ginástica estudadas estão localizadas. No sentido de Magnani (2002), considero que as descrições desses "pedaços" da cidade ajudem a compreender como determinadas referências espaciais possuem características peculiares no que diz respeito às formas como as pessoas interagem entre si. Além disso, vale frisar que "[...] as academias de ginástica possuem uma ambiência que permite indivíduos acionarem alguns sentidos e potencializem um imaginário, amplamente disseminado e propagado, relativo à modelação do corpo." (MAROUN, 2009, p. 1), por isso, tornar-se imperativo descrever e mostrar a distribuição física dos espaços dessas academias de ginástica, muitas vezes, denominados de "fábricas", "oficinas" ou "usinas" de corpos nos trabalhos acadêmicos.

4.1.1 Academia de ginástica "P" do bairro popular da Cidade de Deus

A academia de ginástica denominada de "P" fica localizada no bairro da Cidade de Deus[147], na cidade do Rio de Janeiro. A CDD é uma região, caracterizada por um aglomerado

---

[145] As circunstâncias determinantes em dadas ações dos pesquisados podem mudar ao longo de um tempo e "[...] os dados coletados em épocas diferentes refletem realidades diferentes." (BECKER, 1997, p. 86).

[146] Whyte (2005) comenta justamente sobre esta questão do tempo durante o trabalho etnográfico: "[...] percebia que o tempo, em si mesmo, era um dos elementos-chave de meu estudo. Eu observava, descrevia e analisava grupos à medida que avançavam e mudavam ao longo do tempo. Parecia-me que eu poderia explicar de maneira muito mais efetiva o comportamento de pessoas caso as observasse durante um certo período, bem mais do que se as pegasse num único momento." (p. 320)

[147] Neste texto, ao se remeter ao bairro da Cidade de Deus, optou-se por aproveitar o uso do termo reduzido pela sua sigla como, majoritariamente, é chamado pelos moradores locais: "CDD".

subnormal[148], situada na Zona Oeste da cidade, que é demarcada territorialmente pelos seus limites espaciais com os seguintes bairros: Jacarepaguá, Gardênia Azul, Taquara e Freguesia.

A alta discrepância socioeconômica em locais geográficos relativamente próximos, como aspecto característico do Rio de Janeiro, pode-se ser detectada no exemplo da CDD[149]. Embora tal bairro da academia de ginástica "P" possa ser considerado uma das regiões de baixos indicadores sociais, é vizinha de uma das áreas mais nobres do Rio de Janeiro: o bairro da Barra da Tijuca, onde se localiza a academia de ginástica "G".

A CDD abrange distintas realidades de desigualdades sociais ao longo do bairro, constituída primordialmente pelo conjunto de unidades habitacionais conhecidas como "favelas"[150]: Santa Efigênia, Travessa Efraim, Sítio da Amizade, Rua Moisés, Moquiço, Conjunto Vila Nova Cruzada, Vila da Conquista, Pantanal 1 e Pantanal. Há diferentes níveis socioeconômicos que caracterizam a região. Podem-se detectar famílias em situações de extrema miséria e de diferentes graus de classe média-baixa. Considero que o bairro popular da CDD é caracterizado como uma área urbana pobre e degrada, embora reconheça que este perfil seja heterogêneo, múltiplo e não tão estereotipado assim (PRETECEILLE; VALLADARES, 2000).

Historicamente[151], desde a sua constituição imposta e expansão desordenada/densa a partir da década de sessenta, a CDD é conhecida por reunir pessoas residentes em "favelas" de diversas localidades da cidade, principalmente da região carioca mais nobre, a Zona Sul, que foram removidas[152] pelo poder público (ALVEAR, 2008). Nesta época, mais precisamente, durante a liderança do governador Carlos Lacerda e, depois, do seu sucessor Francisco Negrão de Lima, por meio de uma medida provisória, a CDD serviu como um espaço para abrigar parte da população que sofreu com um dos grandes temporais da cidade em 1966. A região também serviu de moradia para funcionários públicos do Estado da Guanabara. Em 1997, a CDD foi seccionada pela construção da via expressa denominada de

---

[148] Seguindo a orientação do IBGE, preferi aqui "aglomerado subnormal" a outros termos conflituosos acerca do que seria "favela", isto é, um conjunto de moradias carente de serviços públicos/essenciais constituído de barracos, casas, pequenos cômodos, etc. que, por vezes, ocupam terrenos de forma ilegal. Vale lembrar que na CDD há também conjuntos habitacionais que possuem as mesmas características socioeconômicas daqueles que vivem nos aglomerados.

[149] A cidade carioca é marcada fundamentalmente pela visível segregação econômica entre bairros próximos.

[150] Valladares (2000) resgata a gênese das favelas cariocas apontando como vêm sendo tratadas em diferentes instâncias sociais.

[151] Reportagem sobre o bairro da Cidade de Deus com Alba Zaluar, professora de Antropologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/capa/cidade-de-deus-e-condominio-do-diabo.

[152] Houve outras transferências de moradores pela política de remoção das "favelas" como para Vila Aliança (Bangu), Vila Kennedy (Senador Camará) e Vila Esperança (Vigário Geral).

Linha Amarela (Av. Carlos Lacerda) com o intuito de interligar regiões cariocas até então de difícil acesso[153].

Mediante este cenário político e socioeconômico, durante décadas, o bairro foi visto como um local de estigma, de violência e extremamente perigoso, sobretudo pela presença do tráfico de drogas, bem como de abandono pelo preconceito e discriminação social. Embora os problemas sociais ainda estejam presentes no bairro, parece que, hoje em dia, de modo relativo, a vida cotidiana dos moradores melhorou[154]. Durante os últimos anos, a CDD foi incorporada aos projetos de políticas públicas de segurança e de saúde, expressos na pacificação das comunidades que a constituem, com a instalação de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP)[155] e de Unidade de Pronto-atendimento (UPA)[156].

Ademais, aparentemente, após o impacto do sucesso do filme "Cidade de Deus"[157] no âmbito nacional e internacional em 2002, sugere-se que com a ampliação da visibilidade do bairro, houve uma série de mudanças significativas e positivas na região. Na CDD[158], cada vez mais se consolidam ou surgem agremiações, associações e grupos envolvidos com questões culturais, esportivas, artísticas, religiosas, étnicas, etc. Pode-se ilustrar a relevância da CDD no contexto carioca pela visita do presidente dos Estados Unidos Barack Obama durante a sua visita ao Brasil no ano de 2011.

Segundo dados divulgados pela própria Prefeitura do Rio de Janeiro[159], a CDD foi reconhecida oficialmente como o *status* de bairro desde 23/07/1981 pelo Decreto n. 3158. A Região Administrativa XXXIV referente à CDD, sancionada pela Lei 2662/98, abrange um território de 120,58 hectares, sendo 98,59% de área urbanizada e apenas 1,41% de área natural. Tais informações fornecem um panorama da densidade de unidades habitacionais presentes no bairro – leia-se construídos (i)licitamente -, bem como poucos elementos relativos à natureza, com exceção de lagoas poluídas ao redor do local. O esgotamento

---

[153] Informações disponíveis em: http://www.oriodejaneiro.net e http://portalgeo.rio.rj.gov.br/armazenzinho/web/BairrosCariocas/index2_bairro.htm.

[154] Afirmo isso pelos inúmeros relatos que escuto tanto onde eu trabalho quanto onde eu realizava a etnografia.

[155] Novo modelo de segurança, por meio da instalação de uma sede da polícia militar, que objetiva melhorar o diálogo entre a região e o poder público, pacificando o bairro, isto é, combater o tráfico de drogas e fortalecer as políticas sociais nas comunidades.

[156] Estruturas de caráter pré-hospitalar que funcionam vinte e quatro horas para redistribuir os fluxos relativos à rede organizada de atenção às urgências, acolhendo e classificando os graus de risco à saúde.

[157] Dirigido por Fernando Meirelles e Katia Lund, em termos gerais, o filme retrata o crescimento do crime organizado no bairro entre as décadas de 1960 e 1980. "Cidade de Deus" recebeu quatro indicações ao Oscar e inúmeros prêmios.

[158] O bairro possui um portal comunitário próprio: http://www.cidadededeus.org.br.

[159] Disponível em: http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_bairro.htm. O site disponibiliza informações do censo do IBGE de 2000 e de 2010, além de outras fontes/estudos sobre os bairros.

sanitário pela rede geral atinge 74,62% e o serviço direto de limpeza domiciliar alcança 78,25% da população, indicando uma carência de atendimento desses tipos de serviço. Zaluar (2009) afirma que os dados do IBGE sobre as regiões administrativas permitem uma comparação demográfica, socioeconômica e de atividades econômicas que ajudam a entender as condições de vida dos bairros.

Ainda conforme as informações disponibilizadas no *site* da Prefeitura do Rio de Janeiro, de 2000 para 2010, em geral, houve um aumento de 10866 para 12285 domicílios, com uma relativa queda no total de população estimando de 38016 para 36515 moradores do bairro. Cabe registrar que a CDD ocupa um dos piores Índices de Desenvolvimento Humano[160] da cidade carioca.

Apesar do panorama crítico que emoldura o bairro, é preciso lembrar que investigar o âmbito da academia de ginástica "P" significava levar em consideração que o público a ser analisado fazia parte de uma restrita população da CDD menos carente da região, haja vista os custos inerentes a serem despendidos com as práticas corporais. Ademais, friso que tal estabelecimento não se situava "lá dentro", como os próprios frequentadores mencionavam, ou seja, não se localizava no interior da "favela".

Durante a minha estada e conversas informais com os alunos da academia de ginástica "P", no que diz respeito à residência deles, foi possível detectar três grupos distintos[161]. Havia uma grande parcela de alunos que morava na própria comunidade da CDD, pessoas relativamente de classe baixa, mas que podiam, mesmo que de modo irregular, pagar a mensalidade de uma academia de ginástica[162]. Outros viviam em vilas ou casas próximas da academia de ginástica que, aparentemente, possuíam uma condição de vida mais confortável – leia-se de classe média ou média-baixa. Por fim, existiam aqueles de classe baixa ou média que residiam em bairros próximos ao redor do estabelecimento. Estes por sua vez frequentavam a academia de ginástica porque o estabelecimento se situava estrategicamente no caminho de ida ou de volta do trabalho e/ou de estudo.

A localização da academia de ginástica "P" era relativamente privilegiada. Ao mesmo tempo em que não se situava "dentro da favela", conseguia abranger o público do interior

---

[160] Obtido pela média aritmética simples referente às dimensões longevidade, educação e renda.

[161] Concordo, em parte, com Pasquali *et al*. (2011) quando mencionam que "O público que freqüenta estas academias quase sempre é da região, se deslocam a pé e se conhecem, já que compõem comunidade próxima ao estabelecimento." (p. 12).

[162] Para Santos (2010), "Qualquer sentimento de considerar-se feio, fora de forma, pode encontrar a solução nas compras, no salão de beleza, na academia de ginástica ou numa clínica de cirurgia plástica. Esses serviços se expandem a cada dia e já estão ao alcance de muitos. Mesmo daqueles com menor poder aquisitivo." (p. 55).

desta e também o público de classe média. Pelo fato do bairro da CDD ser considerado "perigoso", a academia de ginástica "P" estava à margem deste local visto como "ameaçador" e também, ao mesmo tempo, beirando o bairro nobre da Barra da Tijuca pelas suas fronteiras territoriais. Um dos coordenadores do estabelecimento disse para mim que apenas a partir do ano 2000, quando foi oficialmente regularizada, durante a sua direção, o estabelecimento foi melhorando e atraindo mais alunos, pois, antes, desde a criação deste há quatorze anos, "a academia era um lixo, só tinha um aparelho de supino e uma galera lutando por aí!".

Muitas vezes, escutava dos alunos que somente continuavam no estabelecimento pelo fato de estar bem localizado, mesmo que tivessem dezenas de críticas sobre o local. Os argumentos se voltavam justamente à questão de estar próximo da residência deles ou no caminho de ida ou de volta do trabalho e/ou de estudo. Os relatos dos alunos eram consoantes a perspectiva de um dos coordenadores da academia de ginástica "P":

> Aqui pelas redondezas, aqui por perto, tem três academias, mas igual a minha aqui não existe. Eu posso falar isso porque estou em coordenação de academias desde 1992, essa aqui é a minha terceira. Os alunos ficam aqui porque dizem que só existe essa academia, o resto é tudo longe, tem que andar ou pegar ônibus. Nem aquela academia da praça prejudicou o meu público, pois ali só pode treinar trinta minutos e para marombeiro esse tempo é pouco. Os marombeiros querem treinar de duas a três horas no mínimo. Além disso, lá é exposto ao sol e não tem a parte aeróbia. Quem vai lá é outro público que não é o meu, ou seja, lá não são marombeiros, a aparelhagem lá também é muito limitada. Essa academia é a única boa aqui por perto, se você ver, ela é muito grande, uma das maiores da região, por isso quando saem, querem logo voltar.

Tal academia de ginástica se situava em uma rua transversal a uma das principais do bairro da CDD, onde moram justamente as pessoas com melhores condições de renda (ALVEAR, 2008). Ao sair da rua principal e acessar a pequena viela estreita, logo de início, era possível ver uma oficina de veículos e no outro lado uma loja de tintas; andando um pouco mais, em especial, na metade da rua, estava localizada a academia de ginástica "P" e ao lado um salão de beleza. De forma metafórica, pensei que estivesse entrando em uma viela de inúmeras "renovações", haja vista que "consertar ou reformar" carros, "pintar ou restaurar" paredes, "tratar e cuidar" da aparência e, não tão distante, "construir ou esculpir" corpos eram presentes naquele "corredor urbano".

Ao mesmo tempo em que a rua do estabelecimento estava localizada em um lugar "de passagem", percebia que tal local se caracterizava por "pontos de parada". As pessoas constantemente circulavam para acessar lojas importantes na região, bem como usavam a rua de atalho para entrar em outros locais do interior da comunidade. Por outro lado, por ter um terminal de inúmeras linhas de ônibus, um salão de beleza e a própria academia de ginástica, destacava-se a permanência temporária dos sujeitos ao longo da rua.

A proximidade entre um salão de beleza e a academia de ginástica "P" não era uma mera coincidência. No final da mesma rua, havia também outro comércio voltado aos cuidados de beleza, o que parecia estimular a criação desses tipos de estabelecimentos de culto ao corpo uns próximos aos outros. Não era raro encontrar propagandas de um estabelecimento no outro, como na academia de ginástica "P", "Precisa-se de manicure no salão de beleza" e no salão de beleza, "Fique em forma! Conheça a academia de ginástica "P", aprimore o seu corpo e a sua saúde". Como destaca Bouzón (2010), o salão de beleza não é um fenômeno isolado; junto à academia de ginástica, faz parte de um sistema maior que engloba outros espaços de automonitoramento corporal. Nesse sentido, nos murais de avisos da academia de ginástica "P" observava inúmeras propagandas relativas diretamente ao corpo como a venda de doces, de suplementos alimentares, de massagens relaxantes com alongamentos, de danças, de esteticista facial e corporal, de depilação feminina e masculina com método espanhol, de clareamento de pêlos, de sobrancelha, de tatuagens de henna, de banhos de lua, etc.

No final da viela havia uma cooperativa de reciclagem, um local que fazia trabalhos de sapateiro, um estabelecimento comercial onde serviam bebidas em geral (bebidas alcoólicas, refrigerantes, café, etc.) e pequenos lanches, um "botequim"[163] e ao lado um prédio da Assembléia de Deus. Os espaços destinados a uma espécie de lazer dos moradores locais e ao culto religioso parecem ser comuns na CDD, como em outras comunidades cariocas, uma vez que é possível encontrar esses estabelecimentos facilmente distribuídos ao longo do bairro.

A academia de ginástica "P" ficava situada exatamente a 230 metros[164] da escola municipal, onde atuo como professor de Educação Física. Essa proximidade favoreceu as minhas idas "ao campo", pois, após o trabalho, eu tinha condições de me preparar para "entrar em campo", como ir ao banheiro, trocar de roupa, descansar, comer, etc.

A minha experiência de seis anos em uma escola estadual trabalhando com o público de comunidade carente no Complexo da Mangueirinha no município de Duque de Caxias e mais recentemente há três anos em uma escola municipal na própria CDD possibilitava acessar os sujeitos da academia de ginástica "P" de forma tranquila e simétrica. Os interesses,

---

[163] Geralmente, associado a bares de classes de baixa renda, caracteriza-se por um estabelecimento onde prevalecem a informalidade e o consumo de petiscos e bebidas alcoólicas (MELLO, 2003). Lacombe (2005) em seu estudo discute as categorias de boteco ou botequim e bar.

[164] Para tal informação, usei uma ferramenta gratuita disponível na internet, que tem como função oferecer uma visualização de mapas e de rotas a partir da escolha de ruas, destinos e locais específicos. O acesso pode ser feito no endereço https://maps.google.com.br/.

as necessidades, as crenças, os valores, os gostos, as dificuldades, o cotidiano, o vocabulário, o linguajar, as relações sociais, entre outros aspectos vividos por mim indicavam ou pelo menos norteavam parcialmente o tipo de recepção que eu teria dos supostos coordenadores, funcionários, alunos e talvez professores de Educação Física que faziam parte daquele campo de pesquisa. Características de interação interpessoal que eu já havia sentido ao longo dos anos no meu trabalho com os funcionários e pais de alunos das escolas, configuravam-se em uma espécie de *ethos* de recepção "de braços abertos" ao outro até então desconhecido.

Para saber se realmente a academia de ginástica "P" se enquadraria nos propósitos do meu estudo, antes sondei com alguns profissionais da Educação com os quais trabalho se alguém conhecia o lugar. Embora soubesse que teria opiniões de um viés de determinado grupo social (educadores, classe média, mulheres, meia-idade, etc.) da escola municipal onde atuo, especulei que teria algumas pré-noções sobre o estabelecimento. Quando eu citava o nome da academia de ginástica "P", todos desconheciam; quando eu explicava onde se localizava, todos falavam que era a academia de ginástica do "996"; confesso que, por muito tempo, não entendia o porquê do número.

Os relatos sempre convergiam para dois aspectos opostos: o espaço da academia de ginástica "P" era amplo, porém mal-tratado. A minha primeira impressão era imaginar como as pessoas frequentavam um lugar que, a princípio, era mal conservado, isto é, "feio, sujo e com os aparelhos quebrados e enferrujados". Embora mantivesse um espaço físico consideravelmente amplo, próximo de uma academia de ginástica de médio porte, toda estrutura operacional e estrutural se enquadrava em uma academia de ginástica de pequeno porte, semelhante ao que Pasquali *et al.* (2011) descrevem como típico desse perfil de academia de ginástica:

> [...] não demandam grandes investimentos, envolvendo amadorismo e processos simplificados de organização do trabalho. Apresentam fachadas que lhe garantem pouca exposição. Possuem recepção com atendentes que, não raro, são substituídas por um professor ou pelo próprio proprietário da academia. Não seguem padrões estéticos quanto a cores e organização das salas, pois esses fatores são determinados muitas vezes pelo imóvel que é alugado. A escolha dos equipamentos, a maioria usados, dá-se pelo capital disponível, tendo em vista outras despesas que influenciam diretamente no negócio, como locação, salário dos professores e outros. (p. 11-12)

No dia 13 de Julho de 2012, uma sexta-feira chuvosa, após sair do trabalho, caminhei pela primeira vez para a academia de ginástica "P". Ao entrar por um portão de madeira, logo acima reparei uma placa feita também de madeira, pintada de tinta com o nome da academia que fazia alusão ao corpo e à saúde. Identifiquei, de imediato, que o tal número "996", como todos conheciam o estabelecimento, se referia ao número do ônibus que tinha como ponto

final do outro lado da rua da academia de ginástica. Isto me demonstrou a baixa articulação de *marketing* do local, pois ninguém conhecia o estabelecimento pelo nome. O próprio atendimento da recepcionista no telefone quando alguém ligava para o local era: "Alô, academia!" ou "É a academia do ponto final do ônibus 996!".

A minha primeira entrada na academia de ginástica "P" foi confusa. Ao entrar pelo portão de madeira, não sabia se era para continuar andando por um corredor de aproximadamente trinta metros ou se era para subir uma escada de ferro localizada no meio do caminho, onde havia também um telefone público. Logo de início, já aparentava uma estrutura residencial, pois a escada serviria para acessar o segundo andar da casa e o corredor se referia a uma garagem, onde constantemente os alunos deixavam suas motos ou bicicletas espalhadas por ali. No final do corredor, reparei que havia uma cabine de recepção com uma roleta de controle dos alunos interditada com uma faixa, que tempos depois, fui saber que isso impedia de saber quantas pessoas e quem estava no local. Logo atrás e ao lado da recepção, havia uma piscina e uma sala de ginástica, com alguns materiais como os minitrampolins ou camas elásticas para as aulas de *Jump* e *step*.

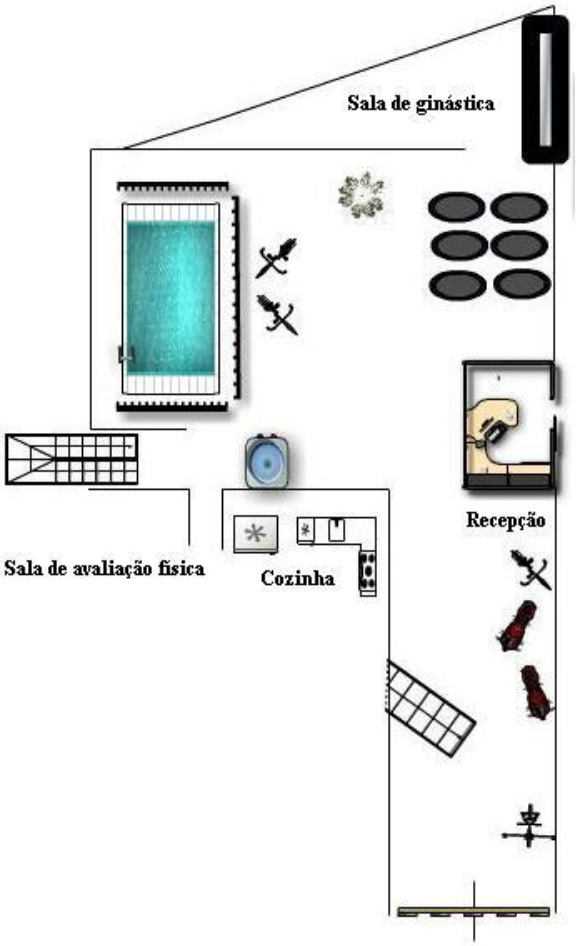

Figura 1 – Térreo da academia de ginástica "P".

Um homem que passava por ali me indicou que a entrada da academia de ginástica naquele momento era por uma escada improvisada. Subi o lance de escadas e surpreendentemente cheguei a um *self service* de comida a quilo, estabelecimento de comida este que também fazia parte do prédio da academia de ginástica, também dirigido pelos próprios coordenadores da mesma. Naquele local, "ganhava-se dinheiro" com a comida e com as práticas corporais, embora meses depois tenha descoberto que o lugar era arrendado. Já havia acabado o expediente do almoço, eram aproximadamente quatorze horas, e ali no local só havia uma mesa e quatro cadeiras de ferro, onde três pessoas estavam conversando: os professores coordenadores Lena e Nicolas, além de um rapaz.

Percebendo que eu estava perdido no lugar, Lena me recebeu perguntando o que eu desejaria, assim, me apresentei, bem como a minha proposta de pesquisa. Apresentando-me como estudante, disse que gostaria de falar com o responsável da academia de ginástica para pedir autorização em fazer o meu trabalho de pesquisa da faculdade. Sorridente, ela se apresentou e disse que era ela mesma a coordenadora e perguntou o que ela poderia me ajudar; falei que gostaria de explicar a pesquisa com calma[165].

Sem hesitar, entusiasmada, Lena me conduziu ao andar de baixo passando por outras escadas estreitas; voltei assim para o térreo, no fim do corredor de aproximadamente trinta metros, próximo à recepção. Pela ótima recepção, parecia que eu poderia oferecer algo em troca para aquele lugar que, a princípio, necessitava de melhoras pelas condições estruturais que detectava nos primeiros momentos de observação, dentre outros motivos como, por exemplo, notar que o controle do fluxo de alunos ali era realizado à mão e as "carteirinhas" dos mesmos eram feitas com papéis, pois a impressora e a roleta estavam quebradas; ver que embora tivesse uma placa escrita "Sorria, você está sendo filmado!", não havia qualquer circuito interno de câmeras, etc. Pegamos duas cadeiras de ferros localizadas próximas da cabine da recepção, no final do corredor, sentamos e ali conversamos por alguns minutos.

Lena disse que estava totalmente aberta para qualquer tipo de pesquisa; falou que eu já poderia começar, perguntando se era um questionário ou uma entrevista. Lena ao achar que a pesquisa começaria e terminaria ali naquele instante, me via em uma complexa missão de explicar brevemente como seria o teor metodológico. O meu receio era de que ela não me aceitasse ficar muito tempo circulando livremente pela academia de ginástica "P". Expliquei que a pesquisa não era pontual assim, demandaria um tempo. Eu não usaria, nesse primeiro

---

[165] Geralmente, em academias de pequeno porte, você é recebido pelo próprio responsável gestor ou proprietário do estabelecimento (FREITAS *et al*., 2011; PASQUALI *et al*., 2011).

momento, nem questionário e nem entrevista, eu apenas iria compreender como é um cotidiano de uma academia de ginástica, visitando-a esporadicamente.

De modo extremamente solícito, Lena pegou um prospecto da academia de ginástica (ANEXO 2) onde indicava os preços e os horários das modalidades que ocorriam lá e perguntou se eu queria conhecer o espaço. Ela ressalvou que precisaria de um mínimo de documentação apenas para formalizar o contato; de imediato entreguei uma carta já montada previamente por mim. Ela aceitou aquele papel como o suficiente; e eu solicitei uma autorização para realizar o estudo em virtude da exigência do Comitê de Ética em Pesquisa.

Subimos a escada, passamos pelo ambiente do *self service* novamente, para se chegar ao primeiro andar dedicado à academia de ginástica "P". O primeiro andar, "vazado" no centro onde era possível visualizar a piscina no térreo, era composto basicamente pelo que Lena denominou de "parte feminina" e do "pessoal da luta".

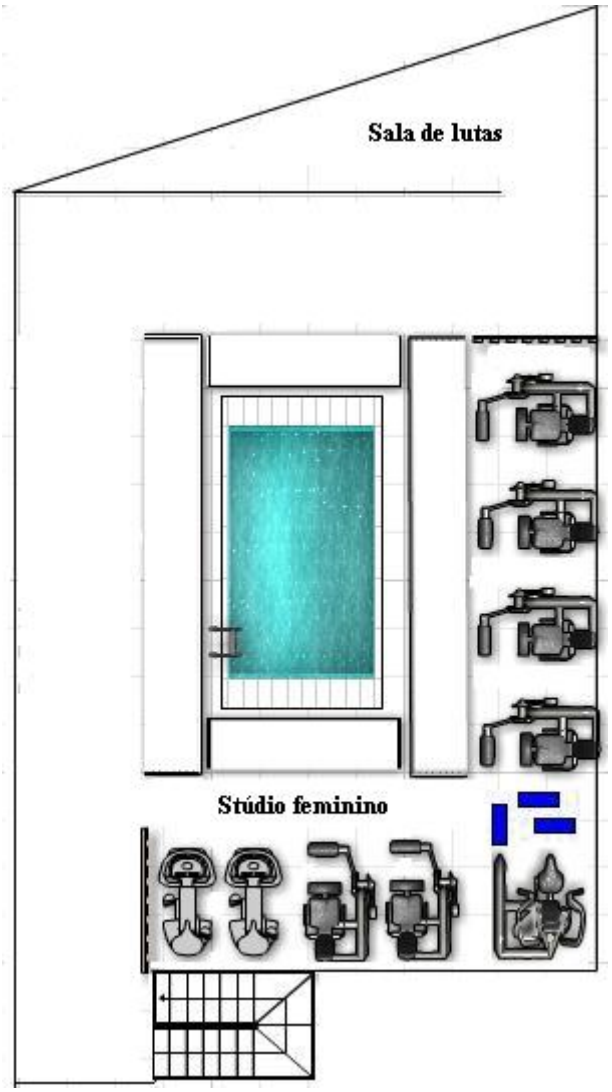

Figura 2 – Primeiro andar da academia de ginástica "P".

Lena disse que a "parte feminina", indicada em uma faixa de lona "Stúdio Feminino"[166], era para as "velhinhas e para as mulheres que não queriam se relacionar". Ela afirmou que aquela parte era um dos diferenciais do estabelecimento, pois nenhuma outra academia de ginástica tinha um "espaço reservado para elas; nenhum homem poderia entrar ali". O espaço do Stúdio Feminino era estreito e mal iluminado: havia duas bicicletas ergométricas, alguns colchões e caneleiras, um aparelho de musculação para os membros superiores e seis para os membros inferiores, demonstrando claramente a prioridade corporal do público feminino. Do Stúdio Feminino, as mulheres ficavam se exercitando de frente para a sala de lutas, frequentado eminentemente pelo público masculino, bem como dali dava para ver as aulas de ginástica, que ocorriam no térreo onde a piscina também se localizava.

Lena comentou também que se eu me interessasse em assistir as aulas de lutas, era para falar com o responsável, mas ele não se encontrava no momento. Parecia que a minha imagem corporal já denunciava que eu estaria propício a investigar principalmente o âmbito das lutas, pois Lena falou, de maneira demasiada, sobre como eram as aulas naquele local e que, talvez, eu teria um grande interesse, embora eu nunca tivesse pisado em um tatame para praticar lutas. Além disso, achava também que, para ela, eu seria mais um aluno a pagar a mensalidade do estabelecimento em virtude do meu possível interesse em lutar no local. Como normalmente são os espaços de lutas, era possível visualizar o piso de tatame e as paredes com fotos de lutadores vencedores, bem como prateleiras que ostentavam os troféus e as medalhas conquistadas por aqueles que treinavam ali[167].

Quando ela me conduzia ao segundo, ou último andar, entusiasmada, subindo as escadas, me falava que eu tinha que visitar o horário mais cheio para ver lá em cima a musculação, disse, em tom enfático, que lá "é o povão, é da galera, da galera mista!". Imaginei uma enorme quantidade de pessoas de um *shopping center* em poucos metros quadrados com um único objetivo: exercitar-se.

---

[166] Optei aqui pelo termo usado na academia de ginástica "P" e não as palavras "Estúdio" ou "*Studio*" (em inglês). Vale destacar que há alguns estudos que se preocupam em investigar as academias de ginástica exclusivamente femininas. Por exemplo, Coelho Filho e Frazão (2010 e 2011) buscaram compreender os porquês da representatividade da proliferação destes estabelecimentos e notaram que as relações afetivas heterossexuais das praticantes ou suas interações com o olhar masculino em geral e com as outras mulheres fazem com que optem por estes espaços, tornando locais de conforto, como Craig e Liberti (2007) também identificaram. Exemplarmente, Quelhas (2012) esclarece sobre uma das grandes redes de academia de ginástica voltada, de forma específica, ao público feminino: *Curves*.

[167] Esta descrição do espaço relativo aos esportes de combate se assemelha a alguns trabalhos já previamente publicados (WACQUANT, 2002; MARIANTE NETO, 2010).

Mais um lance de degraus, Lena e eu chegamos ao setor da musculação. Para eu alcançar finalmente o andar destinado à musculação, de modo resumido, tive que subir quatro lances de escadas bem íngremes, de concreto, em formato “caracol”. Desde o térreo, passei por onze e em seguida cinco degraus para chegar ao primeiro andar do Stúdio Feminino e do setor de lutas. Posteriormente, depois de cinco e mais um lance de onze degraus, chegamos ao segundo andar tomado pela musculação.

Quando acessei pela primeira vez o último andar referente à musculação, me surpreendi com um cartaz de lona sujo, provavelmente, por ter sido castigado pela chuva e pelo sol, indicando que a “musculação” estava à direita e a “ergometria” estava à esquerda. À direita estavam os aparelhos de musculação mais voltados para a parte superior do corpo. À esquerda, após passar por uma varanda ou uma espécie de ponte de tábua corrida mofada de aproximadamente trezes metros, que continha quatro esteiras ergométricas antigas e quebradas com as engrenagens expostas, havia o espaço dos aparelhos específicos para a parte inferior do corpo, bem como quatro bicicletas ergométricas e três *transports* ou elípticos.

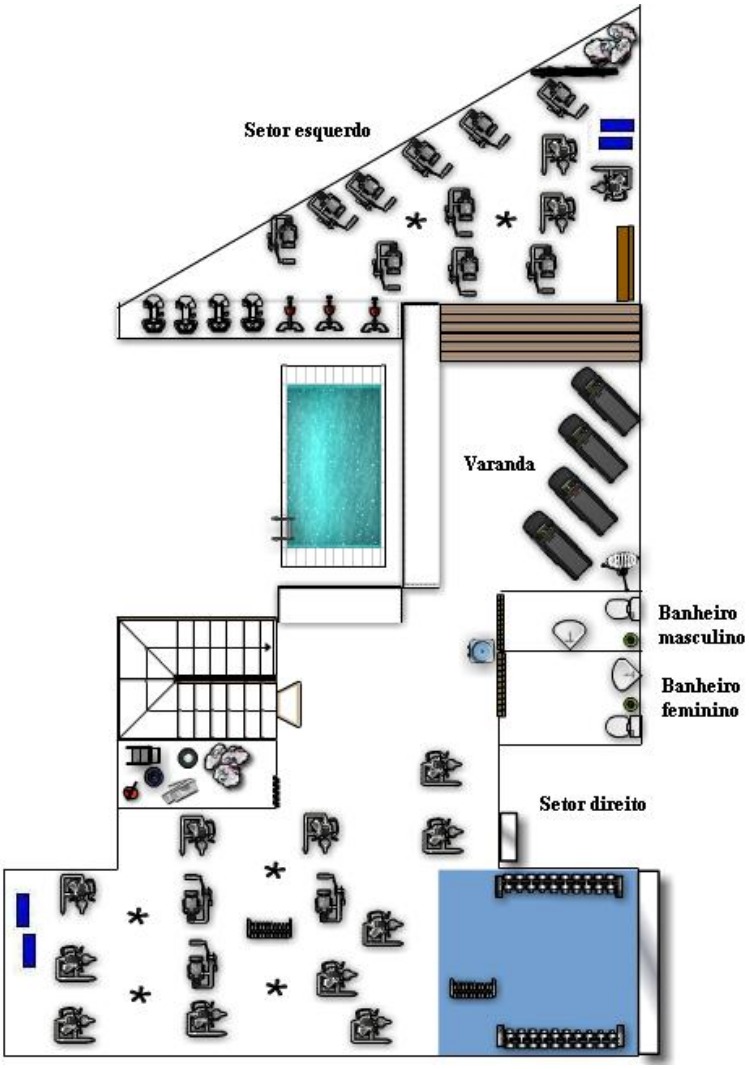

Figura 3 – Segundo andar da academia de ginástica “P”.

O setor direito da musculação era visivelmente voltado aos homens pelo fato da prevalência dos aparelhos de musculação destinados à parte superior do corpo. E, de fato, era notável a presença masculina no local ao longo das minhas interações no trabalho de campo. Dos quatorze aparelhos de musculação deste lado da academia de ginástica “P”, onze eram voltados para a região do peitoral, costas e membros superiores. Praticamente todos os aparelhos de musculação estavam voltados em direção ao espelho. De um lado do setor masculino, ainda havia o setor de pesos livres, com piso emborrachado, onde era possível ver inúmeras anilhas, halteres e barras de ferro; e do outro lado, alguns colchões e caneleiras empoeiradas, demonstrando que poucos usavam aqueles tipos de implementos para se exercitarem naquele setor.

Todos os aparelhos de musculação e os objetos que faziam parte do setor de pesos livres eram enferrujados e sujos. As estruturas dos aparelhos de musculação como as placas

de pesos, os estofados, as roldanas e os cabos demonstravam o desgaste do tempo ou notoriamente que foram substituídos em um período recente. A tinta das anilhas, dos halteres e das barras de ferro estava comprometida; muitos desses objetos estavam tortos ou empenados. Reparei que a marca de grande parte das anilhas era da "Weider"[168], denotando, talvez, a "malhação pesada" que ocorria naquele espaço.

Naquele pouco tempo que estive com Lena ali, cerca de dez minutos, presenciei alguns pequenos acidentes que em quatro anos trabalhando em academias de ginástica de médio a grande porte via pouquíssimas vezes. Alunos ao colocarem mais pesos de um lado da barra do que do outro causaram um grande barulho por todas as anilhas terem caído no chão e quase nos pés de quem passava; ou ainda, quando um aluno deixou as anilhas caírem porque não colocou as presilhas de segurança para segurar os pesos no halter. Desde já temia o que eu veria por ali e principalmente pela minha circulação como etnógrafo naquele espaço.

O setor esquerdo da musculação era mais voltado às mulheres, pois havia mais aparelhos de musculação destinados à parte inferior do corpo. Ao longo do meu trabalho de campo, nas interações sociais, via que aquele espaço era chamado de "parte feminina" pelos alunos e pelos profissionais. Dos trezes aparelhos de musculação deste setor predominantemente feminino, dez eram destinados à região abdominal, glútea e, de modo específico, aos membros inferiores. Os aparelhos de musculação estavam voltados para uma espécie de sacada do andar que dava vista para o setor masculino. No local do setor esquerdo, diferentemente do setor direito, não havia espelhos. À frente, próximos da sacada do andar, localizavam-se um banco, as bicicletas e os *transports* ou elípticos; e aos fundos, havia um tapume de madeira que separava o espaço de alguns entulhos e um pequeno lugar para os colchões serem usados, caso alguém quisesse realizar exercícios físicos no solo.

O ambiente parecia mais espaçoso, menos hostil e relativamente *clean* quando comparado ao setor direito da musculação. Ao acessar este setor predominantemente feminino com Lena, reparei que não havia nenhum aluno(a) no momento. Embora tivesse observado as mesmas condições estruturais dos aparelhos de musculação do setor masculino, aparentemente sugeriam estar menos comprometidos.

A varanda ou ponte lateral, onde havia um único ventilador e quatro esteiras ergométricas, servia de trânsito tanto para os homens quanto para as mulheres, no entanto, pude perceber mais o uso destas últimas no desejo de caminhar ou correr ao longo do meu

---

[168] Os membros da família "Weider" são conhecidos internacionalmente pelos seus destaques no mundo do fisiculturismo e do empreendedorismo do *bodybuilding* (SABINO, 2004).

trabalho de campo. Tal local era uma espécie de um lugar liminar onde havia o encontro dos gêneros em breves conversas[169]. Ainda havia uma expectativa enorme do que uma mulher iria fazer quando caminhava em direção ao setor masculino e vice-versa. Geralmente, a rotina do fluxo de sujeitos daquele espaço era justamente assim: se fosse um homem, do término da escada se encaminharia à direita da musculação, caso contrário, as mulheres se dirigiriam à parte esquerda da musculação.

Todo o espaço da academia de ginástica "P" era generificado, isto é, interditado oficial ou oficiosamente ao homem ou à mulher[170]. Os espaços da musculação para homens e para as mulheres eram localizados opostamente um ao outro. A disposição dos ambientes e dos aparelhos de musculação parecia ser pensada justamente para atender o perfil do público masculino e do feminino[171]. Lembro que em dada época, quando Lena disse que comprou dois aparelhos de musculação novos, enfatizou que comprou um para "eles" e um para "elas" com o intuito de não ter reclamações de certa rivalidade entre eles lá em cima.

Em síntese, a academia de ginástica "P" era constituída de dois andares, sem contar com o térreo. Em geral, de baixo para cima, no térreo, havia a recepção, a piscina e a sala de ginástica; no primeiro andar, o Stúdio feminino e o espaço das lutas; e por fim, no segundo e último andar, a musculação, ambiente este que delimitei para o presente estudo. Esta academia de ginástica era constituída de dois prédios basicamente: O prédio de dois andares colado à rua abrangia no primeiro andar o Stúdio Feminino e, no segundo andar, a parte da direita da musculação (destinada principalmente à parte superior do corpo), frequentada mais pelos homens. No outro prédio, aos fundos do terreno, no primeiro andar, ficava localizada a área das lutas e, no segundo andar, a parte esquerda da musculação (destinada principalmente à parte inferior do corpo) que continha também as quatro bicicletas ergométricas e os três *transports* ou elípticos supracitados, frequentada mais pelas mulheres.

O que unia os dois prédios do estabelecimento eram varandas ou pontes laterais, que, no caso do segundo andar, foi aproveitada para posicionar as quatro esteiras ergométricas.

---

[169] Vilela (2010) identificou no seu estudo que a área de alongamento era a mais "mista". Embora eu não tenha reparado a singularidade deste espaço em ambas as academias de ginástica, eu via que tal varanda ou ponte lateral da academia de ginástica "P" era relativamente "mista", com maior predominância das mulheres naquele setor. Tanto na academia de ginástica "P" quanto na "G" os espaços destinados ao alongamento eram frequentados eminentemente por mulheres.

[170] Historicamente, de acordo com Craig e Liberti (2007), o "masculino" sempre predominou nas academias de ginástica, embora cada vez mais haja a presença do "feminino" mesmo que ainda de forma segregada no interior dos espaços.

[171] Uma série de estudos aponta para essa divisão espacial e de interesse corporal entre os gêneros em academias de ginástica (HANSEN; VAZ, 2006; MALYSSE, 2007; VILELA, 2010; MARIANTE NETO, 2010; CHAVES, 2010; LESSA *et al.*, 2011).

Independente de onde o sujeito se localizava nas sacadas internas dos andares, dava para ver o térreo, em especial, a piscina no centro da academia de ginástica; o prédio da direita e da esquerda eram um de frente para o outro.

De modo visível, tal estabelecimento cresceu primeiro verticalmente e depois para os fundos do terreno, pois, como soube tempos depois, as varandas ou as pontes para o outro lado do prédio da academia de ginástica foram construídas depois da infraestrutura original. Embora o estabelecimento tivesse um local amplo, os andares possuíam espaços limitados ou hiper-aproveitados, ocupando grande parte da passagem dos alunos. Toda a academia de ginástica era "vazada", isto é, em toda a infraestrutura tinha apenas uma lateral com parede; a outra era exposta ao ar livre, protegida com algumas lonas para proteger o ambiente interno do calor e do frio simulando as janelas.

Embaixo do cartaz de lona mal-tratado, em frente à escada de onde subi, havia dois banheiros com portas sanfonadas e um bebedouro entre eles. A parede adjacente à escada continha um mural de avisos e uma carteira antiga e quebrada de escola pública; sobre esta última, havia uma caixinha de madeira onde eram guardadas as fichas de exercícios físicos dos alunos, bem como duas pranchetas de madeira rabiscadas que serviriam para a prescrição dos treinos, materiais estes pouco utilizados como observava ao longo do trabalho de campo.

Por todo o local, havia papéis impressos colados nas paredes descascadas, que ora eram de cor verde ora de cor amarela, com determinados avisos aos alunos; o estado dos papéis demonstrava que estavam ali há um tempo sofrendo todas as condições climáticas possíveis. Havia uma iluminação precária tornando o lugar escuro e sombrio, bem como não possuía ar condicionado, principalmente por ser um estabelecimento quase a "céu aberto". Havia apenas sete ventiladores por todo o setor da musculação que não funcionavam direito, pois, quando eram acionados, as pás ou hélices quase não giravam. Já as luzes de "lâmpadas frias" quando eram acesas, muitas vezes, tinha que subir em escadas ou nos próprios aparelhos de musculação para evitar o mal contato do circuito elétrico, pois muitas delas não acendiam em um primeiro momento. Parte do piso era de borracha que continha buracos e ainda elevações ou depressões responsáveis por alguns tombos ou tropeços dos alunos. Parte dos espelhos era quebrado ou rachado denunciando possíveis acidentes com anilhas naqueles

locais. Chamou-me atenção que a academia de ginástica "P" não tinha televisão e nem rouparia[172].

Por todo o local, era possível perceber a fiação elétrica exposta, infiltrações, algumas pichações, os canos de tubulação de água à vista e os vergalhões enferrujados da estrutura do telhado de amianto; por vezes, me deparei com inúmeras goteiras ao longo da sala de musculação, derivadas de buracos no teto que eram fechados com uma estrutura de gesso sustentada por arames retorcidos e enferrujados. Nos fundos de um dos espaços da sala de musculação, havia um tapume de madeira que tampava alguns entulhos que o estabelecimento acumulava como restos de caneleiras, de estofados, de ventiladores, de luminárias, de canos de tubulação de água, etc., acumulando focos de mosquito naquele local. Muitos aparelhos de musculação eram sustentados por cordas nos vergalhões que atravessavam todo o teto do último andar para, aparentemente, evitar qualquer acidente.

Caminhando no espaço da musculação, pouco se observava os materiais de limpeza espalhados. Era raro visualizar um pano, geralmente, já sujo de graxa, e um desinfetante para higienizar os aparelhos de musculação. No segundo e último andar, havia apenas uma lata de lixo feita com um latão de massa corrida. Alguns comportamentos de muitos alunos não colaboravam para manutenção daquele ambiente como, por exemplo, colocarem os colchões sujos de suor em cima dos materiais limpos sem higienização, cuspirem no chão, roubarem as presilhas de segurança que seguravam as anilhas nas barras de ferros, deixarem cascas de frutas em cima dos aparelhos de musculação: em certa ocasião, uma casca de banana ficou das dezesseis às vinte e uma horas em cima do parapeito do último andar, sem ninguém retirar.

A arrumação e a higienização do local eram feitas primordialmente quando a academia de ginástica era aberta ou, às vezes, quando estava próximo do horário de fechar à noite[173]. Às vezes, reparava que muitos objetos, a princípio fora dos seus lugares, não eram movidos do lugar há semanas, como as fichas de exercícios físicos esquecidas ao longo da sala de musculação, *folders* de propagandas espalhados pelo local, ou anilhas, posicionadas em certos

---

[172] Havia apenas alguns ganchos ao longo da sala de musculação para quem quisesse pendurar seus pertences ou raramente os alunos solicitavam a recepcionista para guardarem determinados objetos em escaninhos que se localizavam no interior da recepção no térreo.

[173] A academia de ginástica "P" funcionava de segunda a sexta-feira entre sete e vinte e duas horas; sábado entre oito horas e meio-dia; domingo e feriados não ficava aberta. Muitas vezes, tal estabelecimento "emendava" os dias entre os feriados e os finais de semana.

locais, transparecendo uma espécie de um intocável “campo minado”, em que os alunos temiam pisar “em falso”.

Embora constantemente eu ouvisse reclamações dos alunos quanto à salubridade do lugar como as reivindicações para reduzir a quantidade de graxa, de ferrugem e de poeira do local, bem como pela exigência imediata do conserto de alguns aparelhos de musculação, que ficavam há semanas sem qualquer tipo de manutenção, eles quase nunca falavam diretamente com a coordenação. Os alunos citavam que os coordenadores estavam mais “ricos” e o estabelecimento cada vez mais “largado”, embora uma pequena parcela de alunos reconhecesse que o baixo valor da mensalidade não auxiliava muito nos investimentos do local. Um das alunas chegou a me relatar que foram compradas apenas duas esteiras em um período de dez anos da existência do estabelecimento.

A manutenção dos aparelhos de musculação não era realizada periodicamente, não sendo raro observar rasgos nos estofados, cabos e correntes na iminência de arrebentarem, etc. A prática comum da academia de ginástica “P” era pintar regularmente todo o espaço para aparentar mais nova e bem conservada. As marcas dos aparelhos de musculação e da parte aeróbia eram de qualidade de baixo custo, porém que atendia, em parte, o público da academia de ginástica “P”. As marcas Biotech Organic, Tecno Metal *Fitness*, Gesan, Astro, Yozda *Fitness Equipament* eram as mais usadas pelo estabelecimento. Quando Lena se sentiu pressionada para “inovar” pelo fato da saída de muitos alunos do estabelecimento em determinada época, preferiu comprar quatro bicicletas ergométricas a esteiras ergométricas, por estas últimas serem de custo muito alto.

Nesse contexto, o estabelecimento, muitas vezes, renovava por todo o espaço os avisos ou informes para os alunos sobre a importância da conservação do local. Os dez cartazes de papel ao longo do setor da musculação anunciavam que era proibida a entrada de pessoas fumando, sem camisa, com bebidas alcoólicas, com animais, descalças ou de chinelos, usando calça *jeans*, acompanhadas de crianças, etc. Todavia, era possível perceber que tais regras internas não eram obedecidas e muito menos vigiadas, entendendo justamente que “[...] a existência de uma regra não assegura automaticamente que ela será imposta.” (BECKER, 2008, p. 129). Em praticamente todos os dias que frequentava aquele espaço, observava crianças brincando nos aparelhos de musculação, ou ainda, o constante uso de chinelos e pessoas quase despidas no local.

Os avisos também se referiam às promoções de mensalidade que o estabelecimento oferecia quando um aluno pagasse em dia, bem como a necessidade de colaboração dos alunos quanto ao ato de guardar os pesos e as caneleiras após o uso, de não danificar e

preservar os aparelhos de musculação, de cuidar do banheiro no que diz respeito ao uso da descarga e a economia de água e de luz, de vigiar os pertences pessoais pelo fato da academia de ginástica "P" não se responsabilizar por objetos perdidos, etc.

Os alunos se adaptavam à realidade precária de condições para a realização de práticas corporais na academia de ginástica. Exemplarmente, um aluno que trazia uma fita de casa para segurar o painel da esteira ergométrica que estava se desmontando ou outros que levavam panos para limpar as caneleiras. Quando se deparavam com os seguintes dizeres: "Esteira com defeito", "Esteira com defeito! Não corra, apenas caminhe!", "Em manutenção", etc., trocavam de exercícios físicos. Assim, muitos aparelhos eram de "enfeite" naquele espaço, pois poucos eram usados ou realmente não poderiam ser utilizados pelo fato de estarem quebrados. Tive acesso a uma publicidade paga pela academia de ginástica "P" para uma revista interna da comunidade da CDD, mentindo sobre as reais condições de salubridade do local.

Por estas condições estruturais, o meu trabalho de campo na academia de ginástica "P" foi extremamente desgastante. O único banheiro, com forte cheiro de urina, e uma frisa na porta que não permitia e privacidade, desestimulavam o seu uso. Visivelmente, o banheiro masculino era muito menor, talvez um terço do feminino, mesmo contendo a mesma estrutura: uma pia e um vaso sanitário. Os banheiros quase não eram usados, com exceção quando a academia de ginástica estava vazia e, mesmo assim, o uso era rápido. Os homens usavam o banheiro mais do que as mulheres, principalmente por estas alegarem falta de privacidade já que qualquer um poderia abrir o "trinco" que não fechava direito ou pelo fato de não ter papel higiênico disponível[174].

Além disso, pelo estabelecimento ser "vazado" em andares abertos a quase ao "ar livre", não contendo algumas paredes laterais, nos dias de frio, eu sofria pela temperatura, pois, circular de casaco não era adequado comparado aos outros alunos que se exercitavam com poucas roupas. Nas temperaturas quentes, sobretudo no verão, pela telha de amianto que retinha o calor, muitas vezes, mesmo sem se exercitar, tive tonturas e desconfortos físicos que não permitiram me relacionar bem com os pesquisados. O bebedouro oferecia apenas um fluxo baixo de líquido de um filete de água com gosto de ferrugem, a quantidade de mosquitos no local era enorme e eventualmente os odores corporais emergiam.

---

[174] Elas diziam que tinham que se lembrar de trazer papel higiênico de casa ou quando estivessem "bem apertadas" tinham que passar por um "constrangimento" ao pedirem o papel higiênico à recepcionista, muitas vezes, na frente de outras pessoas.

Após ou durante as quatro horas de trabalho de campo na academia de ginástica "P", sentia necessidade de me alimentar. No entanto, não havia qualquer estabelecimento dentro ou próximo da academia de ginástica, afora as padarias do interior da comunidade da CDD, o que me fez criar estratégias antes da entrada no campo de pesquisa para não ter fome, como, por exemplo, sair de casa com um sanduíche.

As minhas roupas de trabalho de campo na academia de ginástica "P" eram temporárias. Inúmeras foram as vezes que me sujei de graxa pela exposição das engrenagens dos aparelhos de musculação, bem como pelos rasgos por ter me prendido em alguns "ferros" no interior do estabelecimento. A todo instante, me deparava com alunos que igualmente tinham acabado de se sujar nas graxas dos aparelhos de musculação, quando se exercitavam ou desejavam ajustar e consertar algum aparelho.

As caixas de som eram bem distribuídas pelo último andar, isto é, estrategicamente localizadas por todo o espaço da musculação. Soube que o controle das caixas de som foi transferido para a recepção porque os alunos mexiam a todo instante impondo determinados tipos de músicas. Raramente, eram usados *pen-drives* com músicas de MP3; eram mais CDs ou o próprio rádio. Geralmente, o CD rodava do início ou fim, independente do gênero musical. Os estilos musicais[175] mais tocados eram o *funk*[176], o axé, o *hip hop* e o charme; muitas músicas já datavam mais de dez ou vinte anos.

As músicas da sala de ginástica do térreo com as da musculação no último andar, muitas vezes, se confundiam causando uma verdadeira poluição sonora, pois a estrutura do local propiciava "ecos" que dificultava identificar quais e de onde vinham as músicas. Além disso, a qualidade sonora ficava comprometida pelo som alto que constantemente ficava distorcido entremeado ao barulho das crianças praticando natação na piscina. Tal situação sonora se agravava quando chovia uma vez que o barulho da água na telha impedia qualquer comunicação entre os alunos ou uma simples ligação no celular, o que fazia com que muitos se retirassem do local para telefonar. Ainda havia aqueles alunos que costumavam gritar pedindo que o volume do som fosse aumentado ou retomado quando o CD parasse, ou ainda, gemer durante os esforços físicos. Tal situação me impedia, em alguns casos, de conversar e interagir mais calmamente com os pesquisados pelo fato de eu ter que ficar "gritando" em

---

[175] Nesse sentido, entende-se aqui que é preciso relativizar a afirmativa de Maroun (2009): "As músicas (que se restringem a estilos *dance music)* são também estimulantes à prática de exercícios físicos, o que traduz um componente de excitação a mais para todos, inclusive para os menos motivados." (p. 4).

[176] Talvez de forma semelhante a outros gêneros musicais, teoricamente, mais consumidos por classes populares, Moreira e Oliveira (2012) problematizam alguns aspectos histórico-sociais que permeiam o *funk*.

uma conversa a dois ou mais sujeitos e era difícil até mesmo refletir sobre os dados que me eram apresentados.

Nas paredes, havia inúmeros sensores de temperatura por todo lugar com o intuito de aumentar a segurança do estabelecimento quando fechasse à noite. De madrugada, caso fosse detectado qualquer movimentação no interior do estabelecimento, sirenes tocariam e os vigilantes que circulariam de moto pelas ruas da CDD viriam prontamente. A academia de ginástica havia sofrido um grande furto quando um caminhão parou em frente ao estabelecimento e assaltantes "levaram tudo", principalmente os materiais do *self service*. Algumas pessoas entravam frequentemente no estabelecimento durante a madrugada pulando os muros para ter relações sexuais ou usar drogas lícitas e ilícitas.

Ao mesmo tempo entusiasmado de ter "acertado" na escolha da academia de ginástica "P" para realizar a etnografia, fiquei espantado por aquele local apresentar condições de "espaços literalmente no limite" para a realização de práticas corporais. Embora já tivesse vivenciado o âmbito de academias de ginástica de médio a grande porte por alguns anos como profissional de Educação Física, estabelecimentos chamados por alguns de "perfumarias", sendo aquele local considerado familiar para mim, à primeira vista, achei o estabelecimento relativamente exótico por todas essas características supramencionadas, tornando-a quase como uma "academia de fundo de quintal"[177].

Após me apresentar o estabelecimento, Lena disse para eu já começar na segunda-feira seguinte. Fiquei na dúvida se ela tinha me tratado como se eu fosse um funcionário recém-contratado ou como um aluno recém-matriculado, haja vista que a apresentação em "tom positivo" do espaço foi realizada como se quisesse me "vender" as potencialidades do local. Lena lembrou que já falaria com o outro coordenador e com todos os professores da academia de ginástica. Estranhando a total receptividade ao meu estudo, perguntei se já tiveram experiência com outra pessoa que fez um trabalho ou uma pesquisa. Ela confirmou que um estagiário de outra faculdade já havia feito a monografia dele na academia de ginástica e que depois chegou a trabalhar com eles, mas que, "infelizmente", ele teve que sair porque a filha adoeceu. De fato, a experiência prévia positiva da academia de ginástica "P" com outro "pesquisador" favoreceu a minha inserção no campo.

---

[177] Sabino (2004) menciona que há diferenças entre as academias de ginástica, pois "[...] suas conformações e variações decorativas variam significativamente em conformidade com a proposta de corpo que se deve construir naquele espaço e em conformidade com a classe social – o poder aquisitivo – dos freqüentadores do local." (p. 181).

O fato de não ser totalmente "desconhecido" também auxiliou nas minhas primeiras interações sociais uma vez que Lena já havia me visto dando aula na quadra da escola ali do lado. Isto funcionou como garantia da minha idoneidade, pois, a qualquer momento, poderiam me encontrar onde eu trabalhava. Não era raro encontrá-la durante o período da manhã e da tarde pelas redondezas da escola.

Resumidamente, com a referência de uma pequena empresa, a academia de ginástica "P" funcionava há mais de quatorze anos. O estabelecimento contava com até dez professores de Educação Física sem carteira assinada, poucos empregados auxiliares (um funcionário "multiuso" e uma recepcionista) e, oferecia poucas modalidades de práticas corporais. Muitas vezes, para além da musculação e ergometria, danças e lutas também eram oferecidas com o intuito de captar novos alunos. A mensalidade de tal estabelecimento era de R$ 55,00 ou havia a possibilidade de pagar uma diária de R$ 7,00; raramente algum aluno pagava dois meses consecutivos pelas impossibilidades financeiras de arcar tais custos. Embora a coordenação tivesse me dito que dos dez mil alunos cadastrados no estabelecimento, apenas mil eram ativos, observava que a academia de ginástica possuía um número médio de duzentos frequentadores, dado este confirmado pelos próprios profissionais do local.

4.1.2 Academia de ginástica "G" do bairro nobre da Barra da Tijuca

A academia de ginástica denominada de "G" fica situada no bairro da Barra da Tijuca[178], na cidade do Rio de Janeiro. A Barra também é uma região da Zona Oeste da cidade, que está demarcada pelos seguintes bairros: Camorim, Grumari, Itanhangá, Joá, Recreio dos Bandeirantes, Vargem Grande e Vargem Pequena. Diferente da CDD, embora esteja também situada na Zona Oeste carioca, a Barra é constituída e se destaca por uma realidade socioeconômica totalmente superior aos outros lugares das regiões adjacentes. Destacam-se famílias de classe média-alta e alta que foram para o bairro a partir dos anos setenta e oitenta. É conhecido por ser residido por "famílias emergentes"[179], isto é, aqueles sujeitos de classe média que conseguiram ascender socialmente nas suas trajetórias de vida

---

[178] Optei neste texto pelo termo "Barra" para expressar um termo êmico utilizado em grande parte pelos moradores do bairro e da própria cidade.

[179] Termo conhecido também como "novos ricos", Velho (1994a) discute sobre a categoria "classe média" envolvida não somente por critérios socioeconômicos homogêneos, mas também por uma diversidade de visão de mundo. Nessa linha de análise sobre certa mobilidade social e simbólica, os trabalhos de Lima (2007 e 2007a) tratam sobre esse *ethos* emergente construído por volta de 1990 na cidade carioca.

alcançando um alto nível socioeconômico. O bairro cresceu vertiginosamente nos últimos anos por ser considerado isolado dos outros e de grande especulação imobiliária pelas suas características geográficas.

Embora esteja situada na Zona oeste do Rio de Janeiro, conhecida como uma área não tão privilegiada pelos esforços estatais, a Barra pode ser considerado um bairro informalmente ou confundido, por vezes, como um local da Zona Sul. A Zona Sul, de acordo com Goldenberg (2011), abrange "[...] um segmento social que pode ser descrito como predominantemente branco, heterossexual, com nível universitário, com uma renda alta [...] Esses indivíduos constituem uma elite econômica, intelectual, política e cultural no Brasil." (p. 544). Embora concorde com Bouzón (2010) quando afirma que "Parece existir uma vocação da Zona Sul enquanto pólo de produção de valores, representações e estilos de vida associados ao que há de mais belo, sofisticado e moderno na cidade." (p. 78), muitos residentes e não-residentes da Barra discutiam quanto ao bairro ser ou não de "Zona Sul". Os moradores da região faziam questão de demonstrarem que não eram de "famílias de berço da Zona Sul", mas que ao longo do tempo "conseguiram um lugar ao sol", hipervalorizando a "ascensão social". Já os não-residentes da Barra taxavam os moradores desse bairro de "meros emergentes" que desejavam a todo instante "ostentarem" o que conseguiram como se fossem da "Zonal Sul", mas que o "pessoal" desta região não costumava "mostrar" o poderio econômico para os outros.

Historicamente, a área da Barra sempre foi conformada por uma vegetação rasteira e entremeada a areia da praia e lagoas, não sendo propícia para a maioria das atividades agrícolas. Foi bastante conhecida pela amplitude de sua orla marinha e considerada uma região onde a natureza ainda prevalece, embora, nos últimos anos, a urbanização esteja cada vez mais acelerada reduzindo o "verde" local. Conforme dados disponibilizados pela própria Prefeitura do Rio de Janeiro, o bairro, inserido na Região Administrativa XXIV, abrange um território de 165,59 hectares, sendo 41,86% de área urbanizada e 58,14% de área natural. Estas informações demonstram que se constitui como uma grande área relativa à natureza, sendo composta de uma larga faixa litorânea de praias, além de lagoas e rios, bem como inserida em parte da Mata Atlântica, abrangendo reservas e parques florestais. Grande parte do esgotamento sanitário pela rede geral é canalizada até o domicílio e o serviço direto de

limpeza domiciliar contempla relativamente a região, demonstrando um dos aspectos que constituem a realidade dos moradores[180].

O fluxo de pessoas no bairro foi aumentando cada vez mais; a cada ano que passa, a Barra é povoada e visitada devido aos inúmeros túneis, aos viadutos e à via expressa denominada de Linha Amarela (Av. Carlos Lacerda). A mudança no panorama urbano e paisagístico do bairro se deve primordialmente ao Plano Piloto da Barra da Tijuca liderado pelo governador Francisco Negrão de Lima que encomendou ao urbanista Lúcio Costa um modelo de local de grandes avenidas e de espaços amplos.

De acordo ainda com os dados disponibilizados pelo *site* da Prefeitura do Rio de Janeiro, de 2000 para o ano de 2010, houve aproximadamente um aumento de 55274 para 136743 domicílios; de 174353 moradores para atualmente 300823 residentes. Embora tenha sofrido uma explosão demográfica, o Índice de Desenvolvimento Humano do bairro ainda é considerado um dos melhores da cidade carioca[181].

Nesse contexto, durante os anos noventa, a paisagem do bairro configurada por pequenas residências isoladas do grande centro carioca passou a ser modificada pelo aumento da construção civil, representada na ocupação de grandes mansões, de condomínios amplos e de inúmeros edifícios altos. Se antes era visto como um bairro residencial e propício para se "passar as férias", realizar atividades físicas[182] ou um local de lazer, atualmente é possível afirmar que também se tornou um grande pólo de atividades econômicas no cenário carioca. Grandes e novos empreendimentos empresariais, diversos centros comerciais, inúmeros *shoppings centers* e diversas atividades de lazer e de esportes[183] para a cidade estão cada vez mais presentes no bairro. O bairro é conhecido popularmente como a Miami (Flórida) brasileira.

---

[180] Barata (2009) destaca que é interessante pensar na "[...] análise dos eventos de saúde em relação ao local de moradia, tornando o espaço geográfico como indicativo das condições de vida da população que nele reside. A vantagem de utilizar espaços geográficos como indicadores de condições de vida está em tomar a complexidade da organização social em seu todo, em vez de fragmentá-la em diferentes variáveis." (p. 35).

[181] Após os seguintes bairros nesta ordem: Gávea, Leblon, Jardim Guanabara, Ipanema, Lagoa, Flamengo e Humaitá. Sobre a realização das práticas corporais, Palma *et al*. (2006) detectaram que alguns fatores sociais e econômicos podem influenciar na adesão à prática de exercícios físicos, haja vista que há uma relativa correlação com o Índice de Desenvolvimento Humano.

[182] Palma *et al*. (2003b) comentam que "Afora a Zona Sul e alguns outros poucos pontos da cidade, existe uma quantidade pequena de espaços físicos adequados, seguros e agradáveis para a realização de exercícios físicos na cidade. O Rio de Janeiro, embora comporte um imaginário esportivo, não dispõe de muitos locais com policiamento permanente, com instalações adequadas, longe do trânsito e da poluição dos veículos, enfim, locais que reúnam condições satisfatórias para a prática de exercícios." (p. 101).

[183] A Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016 impulsionaram inúmeras mudanças no cenário urbano do bairro.

Para a escolha da academia de ginástica "G", optei por uma das redes[184] de academias mais completas, vastas, modernas e conceituadas da cidade do Rio de Janeiro e com uma representatividade nacional, pelo elevado número de clientes e pelo número de unidades instaladas pelo país. Pelo *site* oficial do estabelecimento, antes de realizar o trabalho de campo, na cidade carioca soube que havia quinze unidades da academia de ginástica "G". Existiam ainda oito unidades da academia de ginástica "G" em outros Estados brasileiros.

A unidade da academia de ginástica "G" situada na Barra é um dos principais estabelecimentos de práticas corporais da cidade do Rio de Janeiro pela sua relevância de visibilidade social no contexto carioca. Enquanto estive realizando o trabalho de campo, constantemente havia reportagens de televisão vinculadas ao corpo, espaço para sessões de fotos de grandes modelos nacionais, frequentada por inúmeras celebridades da mídia, palco de notícias em jornais de grande circulação[185], etc.

Embora já tivesse lido alguns estudos que fizeram seu campo empírico em uma das unidades dessa rede de academias de ginástica, sabia que a minha entrada somente seria efetivada se eu tivesse um informante-chave para me ajudar a acessar tal estabelecimento. Nesse sentido, aproveitei um dos meus antigos contatos profissionais para poder acessar a academia de ginástica "G". Quando eu ainda trabalhava no âmbito de academias de ginástica, um professor recém-formado, Plínio, meu ex-colega de profissão, foi chamado para ser um dos coordenadores da academia concorrente a nossa, a academia de ginástica "G" em questão. Imediatamente, Plínio aceitou o convite deixando o estabelecimento onde eu trabalhava para atuar como coordenador geral da academia de ginástica "G". Plínio era conhecido por ter uma visão ampla do mercado do *fitness*, pois conseguia abranger uma qualidade técnica, administrativa e de atendimento aos clientes, aspectos esses fundamentais para o crescimento e desenvolvimento das academias de ginástica de grande porte[186].

---

[184] Quelhas (2012) aponta que "Na atualidade, verifica-se uma tendência para a formação de redes ou franquias, com a presença de grandes empresários de outros setores que passam a investir neste ramo de negócios." (p. 11).

[185] Geralmente, as notícias sobre os acontecimentos atípicos na academia de ginástica "G" possuíam um teor negativo ou pejorativo. Pelo fato de ser frequentada por muitos profissionais da área da imprensa, era comum a divulgação de fatos constrangedores, tais como: alunos que discutiram no banheiro pelo fato de um ter olhado o pênis do outro, mulheres que se agrediram fisicamente na disputa de uma das bicicletas da aula de *spinning*, um rato que apareceu no meio do *hall* do estabelecimento causando gritarias e desesperos nos alunos, etc.

[186] Furtado (2007) descreve estas competências como necessárias para a atuação em academias de ginástica.

Plínio e eu sempre nos encontrávamos em diversas situações acadêmico-profissionais e tínhamos uma relação amistosa. Em dada época, Plínio e eu[187] trabalhávamos como *personal trainer* na academia de ginástica "G" onde ele atuava como coordenador e apenas depois de alguns meses, descobrimos que a aluna dele e o meu aluno eram casados. Tempos depois, quando ingressei no mestrado, Plínio também fez parte da minha turma, período este que nos ajudávamos mutuamente: eu com as disciplinas das Ciências Humanas e Sociais e ele com as matérias vinculadas à área biomédica. Plínio sempre me chamava para ser um dos profissionais de Educação Física da academia de ginástica "G", mas sempre recusava pelos meus outros interesses acadêmicos e profissionais.

Houve uma aparente demora de aceite da realização da minha pesquisa, por certo respeito a hierarquias, típico das megaempresas[188]. Desde o primeiro contato explicitando o interesse em realizar a pesquisa com Plínio até a primeira visita na academia "G" foram contabilizados aproximadamente três meses. Nos primeiros contatos, nas falas pelo celular e nos *e-mails*, percebia que havia a crença de que a minha pesquisa seria pontual e não de maneira densa e aprofundada como prima uma etnografia. Além disso, havia uma demora pelas respostas de alguns *e-mails* e telefonemas breves que dificultavam uma boa interação. Muitas vezes, tive que recorrer às redes sociais para estabelecer o contato com Plínio, pois o *e-mail* aparentemente não era o principal veículo de comunicação. Knauth (2010) afirma que campos de pesquisa estruturados, hierarquizados e privados são mais difíceis de acesso, muitas vezes, limitam a atuação do pesquisador.

Assim, eu tive uma real dificuldade de inserção no campo, quase limitando a realização da minha pesquisa em tal estabelecimento[189]. No entanto, Plínio foi determinante para a realização do meu estudo e auxiliou também para a construção da minha identidade como etnógrafo pelo grupo pesquisado e as minhas primeiras interações sociais naquele espaço. Como ele era respeitado e querido por todos, a minha aceitação acabou sendo bem sucedida. Uma das situações do trabalho de campo mais significativas para que todos me vissem positivamente naquele espaço foi quando Plínio perante muitos professores de

---

[187] No ano de 2007, tive a oportunidade de trabalhar como *personal trainer* externo por poucos meses em uma das unidades da academia de ginástica "G", na Zona Sul do Rio de Janeiro, isto é, utilizei o espaço apenas para dar aulas particulares, sem ter vínculo empregatício com o estabelecimento.

[188] Pasquali *et al*. (2011) afirmam que "Em relação aos proprietários das academias, normalmente são investidores sem vínculo com a área da Educação Física." (p. 10), o que, de certa maneira, moldam o modelo ideológico desse estabelecimento de práticas corporais.

[189] Os problemas reais nas situações de pesquisa servem de fonte de dados e um dado metodológico em si (CICOUREL, 1980; BECKER, 1997). Goldenberg (2004) lembra que "Em geral, os pesquisadores 'escondem' as suas dificuldades em seus relatórios de pesquisa, preferindo mostrar apenas 'o que deu certo'." (p. 48).

Educação Física relatou que já tinha sido meu estagiário e possuía uma grande admiração por mim. Isto bastou para eu obter o reconhecimento por todos que ali trabalhavam. Todos os professores ficaram surpresos com o meu grau de intimidade com Plínio, este superior na escala de hierarquia da academia de ginástica "G" por trabalhar em um setor de gerência.

No dia 26 de Setembro de 2012, em uma manhã de quarta-feira ensolarada, iniciei o meu trabalho de campo oficialmente na academia de ginástica "G" com uma reunião marcada com o professor coordenador Denis. Quando entrei pela primeira vez no *shopping center* onde a academia de ginástica "G" se localizava, detectei ao seu redor a quantidade de lojas de preços extremamente caros para o meu poder de consumo – leia-se de classe média. De início, embora residente da Barra há trinta anos e frequentador esporádico deste *shopping center*, já sentia que eu teria dificuldades de lidar com os interesses e as necessidades das pessoas, uma vez que eu poderia considerar que elas privilegiariam "coisas de luxo", no limite, de "coisas fora da minha realidade socioeconômica". Confirmei isto quando eu consegui pegar o prospecto do estabelecimento (ANEXO 3).

No trabalho de campo na academia de ginástica "G", reparava durante as interações sociais que, em suma, referente à residência, existiam três grupos de alunos. Havia os alunos residentes nas adjacências ou no próprio bairro da Barra; costumavam ser mais assíduos. Existiam aqueles alunos que eram moradores da Zona Sul ou de outros bairros da Zona Oeste, mas eram empregados na Barra e preferiam se exercitar no horário antes do trabalho, no intervalo do almoço ou optavam por "passarem o tempo" do caos do trânsito nos horários de *rush* depois do expediente. Por fim, ainda havia aqueles que moravam em outros Estados do país que transitavam esporadicamente em cada unidade da academia de ginástica "G"[190].

Grande parte dos alunos que era de classe média-alta e alta fazia questão de demonstrar o capital financeiro no interior do estabelecimento. Por exemplo, alguns alunos realizavam as práticas corporais com acessórios de ouro ou com a chave (ou as chaves) do carro à vista, mesmo que pudessem atrapalhar os seus movimentos durante os exercícios físicos. Muitos alunos optavam por serem chamados nas fichas de treinamento pelo sobrenome notavelmente "estrangeiro". Por vezes, alguns alunos comentavam em um "tom de

---

[190] Tendo em vista o vínculo dos alunos de ambas as academias de ginástica, pude concluir que morar perto, trabalhar próximo ou estar de passagem eram os três grandes motivos de adesão a determinado local de práticas corporais. Todavia, não descarto que, muitas vezes, o preço, especialmente na academia de ginástica "P", e os serviços prestados, como na academia de ginástica "G", pesavam na escolha de uma academia de ginástica.

ostentação" sobre o tempo e o valor que pagariam de estacionamento[191]. Outros desfilavam pelo estabelecimento com mochilas ou se exercitavam com camisas estampadas da bandeira dos Estados Unidos ou de países ocidentais da Europa e quando viajavam, sobretudo após um feriado, pareciam "sinalizar no corpo" para onde foram nos últimos dias[192]: "*I love New York*", "Australia", etc. Ainda sobre o vestuário, as blusas aludiam a esportes não tão típicos do Brasil (Hóquei, Futebol Americano, Basquete, Jogos de Inverno, etc.) e quando se referiam a algum time de futebol, era de fora do país[193].

De modo semelhante à proximidade de um salão de beleza ao estabelecimento da academia de ginástica "P" na CDD, nas proximidades da academia de ginástica "G" na Barra foi possível observar também inúmeras lojas voltadas diretamente ao corpo. Havia inúmeros estabelecimentos que ofereciam pequenos lanches ou especializados em suplementos alimentares, salões de beleza voltados especialmente ao público feminino e algumas barbearias, bem como dezenas de lojas de vestuário que vendiam roupas de praia, de ginástica, etc. A maioria das lojas possuía em seus nomes a palavra "corpo", incluindo uma ótica próxima dali. Alguns valores ou atributos relativos ao culto ao corpo podiam ser vistos naquele ambiente como, por exemplo, as palavras coladas na vitrine de uma das lojas de vestuário: esporte, exercício, força, vitalidade, *fitness*, superação, saúde e energia.

Resumidamente, reparei que este *shopping center* possuía todas as "coisas" que os outros tinham, porém com preços mais elevados. Depois de passar por inúmeros estabelecimentos comerciais elitizados desse *shopping center*, avistei a academia de ginástica "G" de longe. No entanto, antes de adentrar a academia de ginástica "G", passei por um espaço do *shopping center* totalmente espelhado ao seu redor em que o piso de porcelanato brilhoso ocupava um espaço de dimensões aproximadas de cinquenta por vinte e cinco metros quadrados demonstrando a grandiosidade daquele estabelecimento de práticas corporais. Logo na entrada, no corredor para se chegar a bancada da recepção, cumprimentei o vigilante sentado à esquerda, onde tinha também uma espécie de lanchonete interna do próprio

---

[191] Pelo fato do estabelecimento se situar dentro de um *shopping center*, todos que ali estavam, professores e alunos, eram obrigados a pagar o estacionamento em guichês dentro da academia de ginástica. Os professores, muitas vezes, "pagavam para trabalhar", uma vez que ganhavam menos trabalhando na sala de musculação do que pagavam de estacionamento. Estratégias como trocar os *tickets* com recém-chegados ao local, entrar e sair do *shopping center* com o carro em determinados períodos de tempo ou ultrapassar a cancela junto a outro veículo eram constantemente usadas.

[192] Impressionava-me com a quantidade de camisas desse tipo em circulação no interior do estabelecimento, o que, por vezes, era o "estopim" para um início de conversa entre os alunos.

[193] Raramente usavam camisas dos principais times cariocas (Botafogo, Fluminense, Vasco e Flamengo), mesmo quando tais times estavam disputando partidas decisivas em algum campeonato, diferente do que observava na academia de ginástica "P" na CDD.

estabelecimento e ao seu lado um caixa eletrônico, bem como observei à direita uma grande loja famosa de roupas esportivas que fazia parte da própria academia de ginástica "G". Pasquali *et al*. (2011) lembram que muitas das grandes academias de ginástica "[...] oferecem outros serviços como lanchonetes, lojas de vestuário, *lan house*, brinquedoteca, enfim, buscam garantir a convergência de serviços." (p. 10).

O poderio financeiro do estabelecimento poderia ser visto nas próprias marcas patrocinadoras (de companhia aérea e de banco) que ficavam sempre ao lado do logo da academia de ginástica "G"[194]. Depois de me deparar com a impactante entrada da academia de ginástica "G" na Barra, cheguei com passos lentos na bancada da recepção, aguardando a abordagem de alguém, pois sabia que iriam me chamar imediatamente, caso eu aparentasse perdido por ali, experiência esta provinda da época em que trabalhava no ramo do *fitness*. Na bancada da recepção havia seis recepcionistas, em sua maioria mulheres, que, notando que eu não era um aluno dali pelo que eu vestia (calça *jeans*, sapato e blusa básica) e pelo meu "olhar observador ao horizonte", perguntaram, despretensiosamente, se eu precisava de alguma ajuda. Quando citei que tinha uma reunião marcada com Denis, os recepcionistas mudaram as suas posturas dizendo que iriam imediatamente chamá-lo pelo rádio transparecendo certa proatividade; disseram para eu aguardá-lo na "sala de negócios", após passar pelas roletas gerenciadas pelo sistema de biometria. Ao longo do trabalho de campo, para se chegar ao coordenador, sempre tive que me remeter a um intermediário, no caso, um recepcionista para efetuar o contato via rádio.

Embora a sala de negócios tivesse essa denominação, a estrutura do local não transparecia classicamente para este fim ou para "assuntos empresariais". Na tal sala de negócios, mantida em silêncio por todos que ali estavam, tinham seis computadores ao fundo ligados à internet, uma televisão de aproximadamente quarenta e seis polegadas ligada no programa "Bem Estar"[195] da TV Globo no centro e sofás confortáveis ao seu redor. O silêncio do local possibilitou dois professores de Educação Física dormirem nos sofás naquele momento. Ao presenciar esta cena, lembrei dos meus dias de cansaço em trabalhar no ramo do *fitness* e tive certa vergonha alheia em ver que um dos professores estava roncando na

---

[194] Deparava-me de modo semelhante, portanto, com o que Pasquali *et al*. (2011) descrevem: "Quanto a estrutura física, com projeto arquitetônico próprio ao segmento, além de fachadas e mídias de sinalização externa que lhe conferem exposição, todas contam com estacionamento próprio e gozam de muita organização na recepção ao cliente, com atendentes uniformizadas, cômoda sala de espera, material informativo etc. Em sua maioria são climatizadas e de cores claras, traduzindo limpeza e ventilação." (p. 10).

[195] É um programa diário que trata sobre saúde, bem-estar e alimentação.

frente dos alunos. O ambiente também era perfumado e refrigerado com ar condicionado tornando o "clima" duplamente "frio", tanto pela temperatura quando pela escassez de sorrisos e cumprimentos naquela sala.

A sala de negócios era espelhada e durante os trinta minutos que fiquei sentado aguardando Denis, vários profissionais da saúde circulavam e tanto os alunos quanto os professores de Educação Física sempre estavam munidos de um livro. Ao longo do trabalho de campo, não foi raro me deparar com artigos científicos do campo biomédico deixados nas bancadas do estabelecimento. Além disso, naquele curto espaço de tempo, pude observar que a maioria dos *sites* acessados naquele espaço estava associada a redes sociais.

Denis, atrasado, chegou na sala de negócios pedindo desculpas pela demora, pois era constantemente requisitado, demonstrando a alta sobrecarga laboral dos profissionais daquele lugar. Denis me recebeu de modo simpático em sua sala, alertando que eu estava entrando em um momento que muitas demissões iriam ocorrer. Na visão de Denis, os professores deveriam ter mais uma "visão de futuro", pois não estavam preparados para planejar a carreira a longo prazo quando estivessem mais velhos. Achei coincidência Denis tratar em um primeiro momento sobre um assunto que delineei no meu mestrado: o envelhecimento do professor de Educação Física. Temia estar sendo investigado sobre o que eu já tinha estudado; parecia que Denis tinha feito uma "sondagem" sobre a minha pessoa, achando que eu iria investigar sobre o envelhecimento do professor de Educação Física naquele local, aspecto este que não propiciou uma aproximação maior, sobretudo da minha parte.

Denis afirmou também que os "professores dormiam e moravam na academia", por isso havia muitas "fofocas" por ali. Depois fui saber que o ato de "dormir" não era somente no sentido figurado, pois também havia uma sala em que os profissionais poderiam dormir quando não trabalhavam. Outros professores preferiam dormir em seus próprios carros no estacionamento.

Após eu ter esclarecido os procedimentos metodológicos do meu estudo e pedido uma carta de autorização do estabelecimento para realizar o estudo em virtude da exigência do Comitê de Ética em Pesquisa, estranhamente a meu ver, Denis me sugeriu de imediato interagir com os alunos treinando na musculação. Eu disse que eu não usaria esta estratégia, pois, a princípio, não conseguiria "fazer a pesquisa malhando"; caso eu precisasse, eu pediria em um segundo momento. De início, recusei tal proposta pelo fato de não saber realmente se aquela sugestão era "real" ou se era um "teste" para ver se eu estava entrando ali para eu usufruir do local. Busquei ser cauteloso na primeira incursão ao campo de pesquisa da

academia de ginástica “G”, pois aprendi com Becker (2007) a seguinte premissa: “[...] duvide de tudo que lhe for dito por qualquer pessoa que detenha poder.” (p. 124).

Denis questionou-me o tempo que duraria a pesquisa. Eu disse que gostaria de circular pelo espaço da musculação por três meses, mas que talvez precisasse de mais tempo. Soube por ele que havia uma rotatividade dos coordenadores entre as unidades da academia de ginástica “G”; era uma prática comum da rede desse estabelecimento trocar os coordenadores a cada nove meses aproximadamente. Embora Denis tivesse me dito que estávamos acordados em três meses de pesquisa, ao longo do meu trabalho de campo, sempre o abordava dizendo que gostaria de mais tempo, o que acarretou em uma das suas falas: “Alan, vamos fazer o seguinte, você pode ficar o tempo que quiser, você não atrapalha em nada, fique à vontade, ninguém reclama de você para mim.”. Certamente, isto me fez sentir mais seguro e confiante naquele ambiente.

Nessa reunião com o coordenador, para demonstrar confiança e argumentar sobre a seriedade do meu estudo no âmbito da academia de ginástica “G”, comentei sobre o meu relacionamento com determinados sujeitos que trabalhavam ali no local, que, por sinal, eram grandes profissionais do estabelecimento e amigos íntimos dele, o que foi confirmado quando os cumprimentava na medida em que eu os via. Creio que tal estratégia me ajudou a estabelecer um clima de confiança com Denis.

Denis me relatou também como a academia de ginástica “G” era estruturada no seu espaço físico quanto às modalidades de práticas corporais, bem como os horários de funcionamento[196], informações importantes estas que depois foram confirmadas por mim no *site* oficial do estabelecimento e ao longo do desenvolvimento do meu estudo.

No meu primeiro dia oficial de trabalho de campo na academia de ginástica “G”, optei por ficar sentado nas lanchonetes próximas do estabelecimento com o intuito de verificar como os alunos chegavam e saíam daquele lugar, ou ainda, como se relacionavam entre si pelo *shopping center*. Quando reparei que estava “uniformizado” do mesmo modo que os alunos entravam na academia de ginástica “G”, decidi entrar ou, talvez, tomar coragem para enfrentar a grandiosa bancada da recepção.

---

[196] A academia de ginástica “G” funcionava todos os dias: de segunda a sexta-feira entre seis horas e meia-noite; sábado entre nove e vinte horas; domingo e feriados entre dez e quinze horas. Essa faixa mais ampla de funcionamento do estabelecimento se caracteriza principalmente pelo fato que a diversidade de horários de uma academia de ginástica auxilia na maior adesão do cliente às práticas corporais (CALESCO *et al*., 2013).

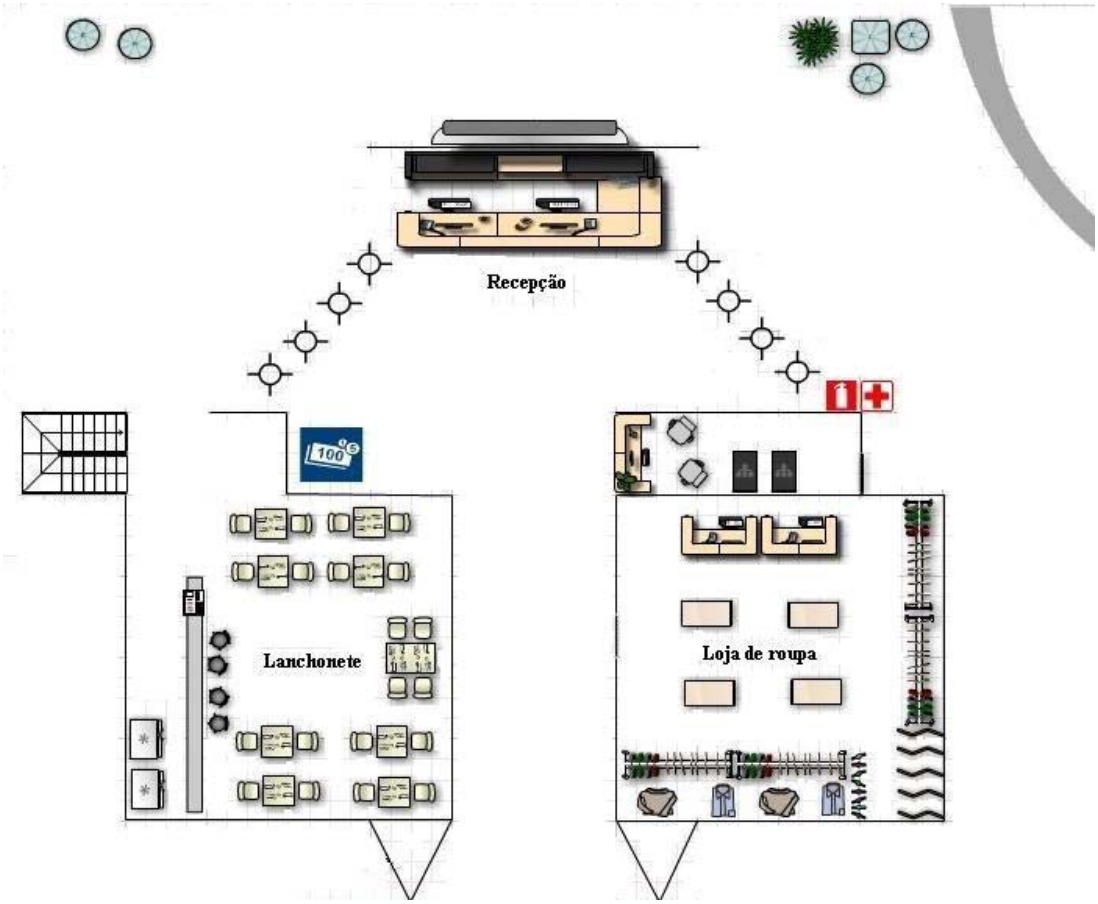

Figura 4 – Recepção da academia de ginástica "G".

Inicialmente, os recepcionistas me identificaram como um aluno. Toda vez que eu era confundido com um aluno, parecia que o sorriso dos profissionais era mais destacado ou me abordavam, com frequência, se eu queria alguma ajuda. Quando eu me apresentava como um pesquisador durante as interações sociais, o tratamento comigo mudava, isto é, era mais objetivo e diretivo[197].

Após ter sido liberado pelas roletas controladas pelo sistema de biometria, identificava a possível segurança com qual a academia de ginástica "G" se preocupava pelo fato da quantidade de extintores e de materiais de primeiros socorros espalhados por aquele local. Ao entrar, dirigi-me à sala de musculação; Denis me entregou a carta de autorização do estabelecimento para realizar o estudo e em seguida se posicionou no centro da sala me

[197] De fato, toda a organização profissional e operacional da academia de ginástica "G" girava em torno da seguinte lógica de Pasquali *et al.* (2011) sobre uma megaempresa de *fitness*: "[...] demandam grandes investimentos e um alto nível de racionalização do trabalho, contando com gestão profissional, pessoal qualificado, padrão de atendimento, planejamento de *marketing*, espaços planejados, equipamentos sofisticados etc." (p. 10).

observando por horas naquele espaço. O meu constrangimento inicial se agravou quando reparei que a sala de musculação ainda era monitorada por três câmeras[198].

[198] Por meio de uma perspectiva sociantropológica, Peres (2009) discute justamente a questão da mega-academia de ginástica como um não-lugar (filmado).

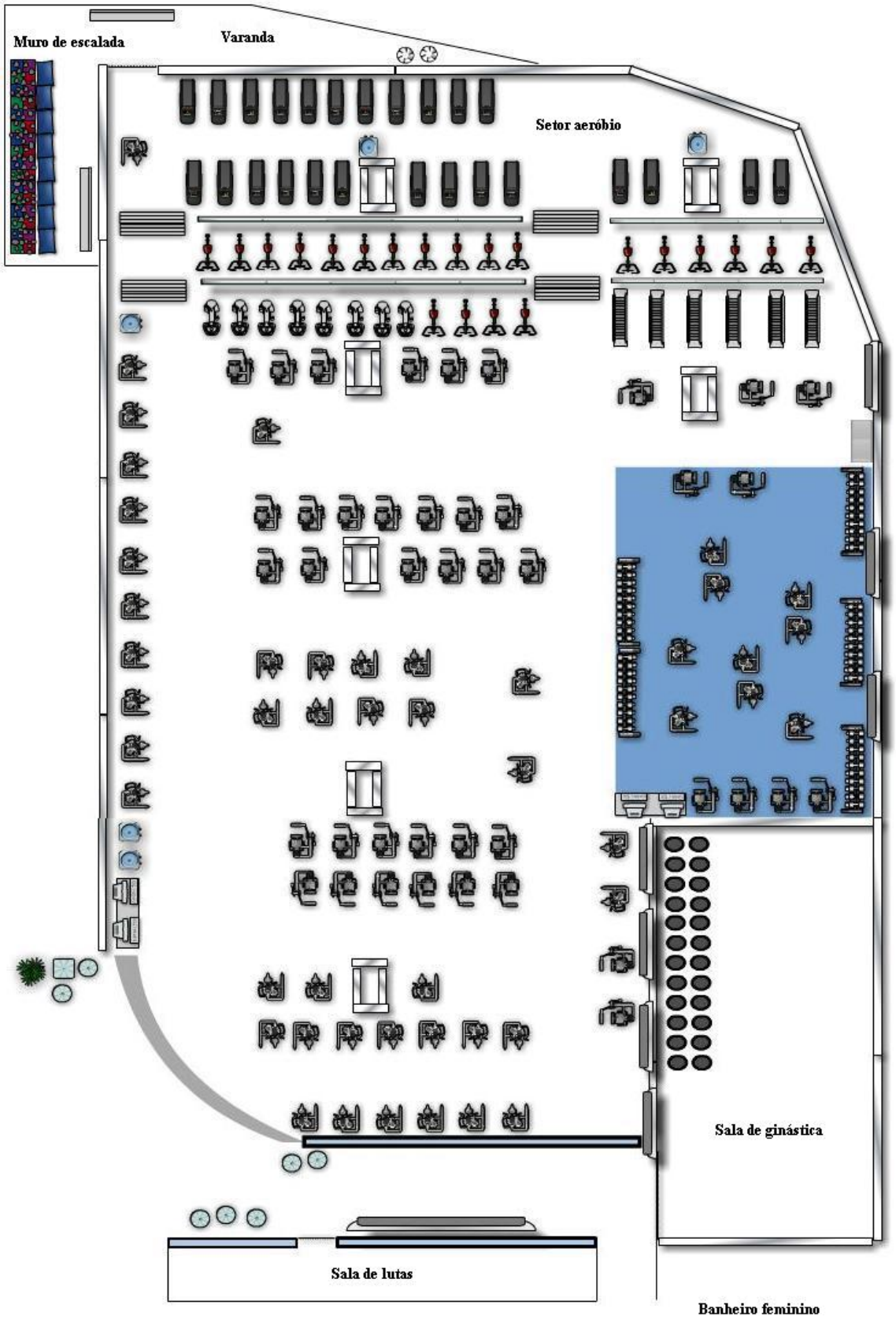

Figura 5 – Setor aeróbio e musculação da academia de ginástica “G”.

Em um primeiro momento, me sentia totalmente perdido naquela dimensão ampla de academia de ginástica. Objetivando ter impressões iniciais do espaço físico ou mapear a lógica de disposição dos aparelhos de musculação, me sentia impotente. Parecia que a minha memorização ou descrição seriam infinitas pela quantidade de informações que obtive naquele momento. Confesso que nas primeiras horas de trabalho de campo desisti de anotar aquele "amontoado de informações" e deixei o trabalho de campo fluir ao caminhar pelo espaço da academia de ginástica "G". Fiquei também atordoado com a quantidade de vozes do estabelecimento; parecia que era uma continuidade do *shopping center* em um final de semana pelo número de conversas no local. Tive a mesma sensação de Whyte (2005) quando afirma que "Com freqüência temos a sensação de estarmos imersos numa massa confusa de dados." (p. 283).

Assim, comecei eleger determinados "pontos de observação" que seriam privilegiados para compreender todo o espaço da musculação. Embora soubesse que ainda tinha muito tempo para apreender como o espaço da academia de ginástica "G" era disposto, preocupei-me nesse primeiro momento saber por onde eu mais me deslocaria estrategicamente. Optei por três pontos de observação: na entrada, no centro e nos fundos da sala de musculação, este último ponto era acessado por alguns degraus; pela visão do alto e distante, parecia que todos os alunos ali ficavam "pequenos" ao horizonte.

Na entrada do setor da musculação da academia de ginástica "G", de imediato, deu para perceber a demarcação no chão daquele espaço voltado as práticas corporais. Havia uma faixa de cor diferente do piso que, ao longo do trabalho de campo, reparava que tanto os profissionais quanto os alunos respeitavam aquela divisória, pois se passassem dela, estariam efetivamente trabalhando ou se engajando nos exercícios físicos, respectivamente. Era ali que os alunos conversavam antes ou depois da realização dos exercícios físicos e os profissionais se preparavam ou se despediam de outrem no início ou no término do horário de trabalho.

Após a faixa demarcatória, havia uma bancada do mesmo *layout* das paredes com dois computadores onde os professores de Educação Física armazenavam as planilhas de treinamento dos alunos e estes, por meio do número da matrícula, poderiam imprimir a qualquer momento para tê-la como consulta ao longo da sua estadia ali. Além disso, os alunos deveriam clicar em um botão no computador que estiveram presentes, o que denominavam de *check in*, para avisar ao professor quantas vezes conseguiram ir à musculação.

Na entrada da musculação também havia dois bebedouros, um tradicional e outro que era usado com corpos descartáveis. Embora três pessoas pudessem utilizar os bebedouros ao mesmo tempo, ao longo do campo, presenciava filas em torno do mesmo; muitas vezes, filas

de seis a sete pessoas aguardando para beber água, o que aparentemente transparecia a elevada necessidade de se hidratar. O local de beber água era produtivo para mim, pois eu conseguia ficar parado por muito tempo sem ser notado. Ali eu simulava, ocasionalmente, que estava com sede, munido de um copo sempre meio cheio de água, o que me fez beber, em alguns dias, litros de líquidos e duas ou três idas reais ao banheiro. No alto da parede, na direção dos bebedouros, havia um minirelógio analógico pendurado muito acima da visão das pessoas, cerca de três metros de altura, que eventualmente marcava o horário errado[199].

Ainda no início da sala de musculação, em uma das paredes voltadas para o setor da musculação, havia um telão composto de oito televisões de LCD integradas que anunciava por meio de fotos e vídeos propagandas de produtos voltados ao corpo e a rotina da academia de ginástica "G", como treinamento interno da equipe, reformas infraestruturais, etc.[200]. Enquanto estive no trabalho de campo com a instalação do telão, pude observar apenas duas sequências de divulgação: na primeira sequência que durou algumas semanas mostrava o "*making of*" (documentário de bastidores) de uma atriz em uma sessão de fotos para a revista interna da academia de ginástica "G", algumas atividades que ocorriam no estabelecimento, bem como propagandas de pasta de dente, de isotônico, de hidratante, de gilete de depilação, etc. A segunda sequência observada seguia a mesma tendência de anúncios: "*making of*" de uma modelo que faria a "capa" da revista interna da academia de ginástica, novos projetos do estabelecimento para o aprimoramento das aulas coletivas, bem como propagandas de absorvente íntimo, de isotônico, de cereais em barra, de suplementos alimentares, etc.

Já mais no centro do setor da musculação da academia de ginástica "G", era possível visualizar que o teto do estabelecimento era extremamente alto, o que talvez prejudicava a iluminação, bem como a disposição estratégica das dez caixas de som e das sete televisões de LCD pelo local. Era possível escutar mais as conversas do que as músicas; aparentemente, o indício do maior valor da sociabilidade naquele espaço emergia para mim. Raramente, alguém

---

[199] Tive a impressão que tal situação era proposital, pois mesmo que todos os profissionais e coordenadores soubessem do "problema", não havia qualquer esforço para acertar o horário. Parecia que o tempo ali era o que menos importava.

[200] Tal situação também pode ser vista na academia de ginástica "P" na CDD, mais precisamente no mural onde possuía anúncios ou propagandas voltadas ao corpo. Bastos (2010) identificou justamente esse tipo de propagandas de produtos associadas ao corpo em uma das redes de academias de ginástica carioca apontando que "[...] as narrativas remetem à constante tensão entre as ideias de liberdade e de controle dos clientes, ao cuidarem de si. São discursos compostos por imagens de corpos nus, atléticos, vencedores, ou tecnologias de última geração, cada vez mais especializadas em atender à demanda de uma sociedade consumidora responsável pela vida em si e, por extensão, pela boa aparência. O cliente tem a liberdade para fazer as suas escolhas, desde que opte e pague por uma vida saudável." (p. 72).

assistia a programação das televisões que sempre estava sintonizada nos mesmos canais: de esportes, de filmes, de noticiário do canal Globo e da Globo *News*.

Tanto na entrada como no centro do setor da musculação da academia de ginástica, pude, aos poucos, observar uma aparente lógica dos equipamentos que ali estavam. Todos os aparelhos de musculação daquele lugar eram máquinas novas e sofisticadas, de última tecnologia, de marca e de fácil utilização, dado que Pasquali *et al*. (2011) também puderam verificar em academias de ginástica de grande porte.

Para fins de análise e de observação, pude classificar a sala de musculação da academia de ginástica "G" da seguinte maneira, o que também me facilitou a entender a presença de determinadas interações sociais em certos espaços: na entrada, o setor dos aparelhos de musculação que já possuíam as cargas embutidas; no centro, o setor dos aparelhos de musculação que necessitavam de anilhas e o setor da área de pesos livres. Quanto mais fosse para o interior da sala de musculação, parecia que maior era o nível de treinamento dos alunos pelos tipos de exercícios físicos que seriam exigidos nos aparelhos de musculação. Sobre este setor que denomino de pesos livres, também com o piso emborrachado, era muito menor em relação à sala de musculação como um todo no que diz respeito ao setor dos equipamentos que não necessitavam de anilhas e constantemente estava desarrumada, isto é, não era difícil encontrar barras, anilhas e halteres espalhados pelo chão, como na academia de ginástica "P" da CDD. Não era à toa que o setor de pesos livres era único lugar onde havia uma placa pedindo que os alunos colocassem os halteres nos lugares após o uso. Constantemente, ouvia dos professores de Educação Física que os alunos deixavam tudo espalhado pelo fato de estarem pagando alguém para arrumar, estes, assim, reduziam a fadiga e o tempo de terem que colocar os pesos no lugar de onde tiravam.

A quantidade de aparelhos de musculação e o espaço físico da academia de ginástica "G" era aproximadamente cinco vezes maior do que a academia de ginástica "P". Reparava que as marcas das anilhas não se vinculavam a fisiculturistas[201] como a "Weider" da academia de ginástica "P", mas a lojas de referências do mundo mercadológico do *fitness* como, por

---

[201] Sabino (2004) descreve que "O fisiculturista (também conhecido popularmente no Rio de Janeiro como "marombeiro"), espécie de ícone do culto à forma, síntese das tendências corpólatras, depila seu corpo, cuida de sua pele, aprende a caminhar de forma dramática ressaltando os seus detalhes musculares, treina poses no espelho, faz dieta, vai ao esteticista e fica deprimido quando engorda ou perde massa muscular. Sua vida, em geral, gira em torno da forma física sendo o olhar do outro a maior recompensa para ele que acredita ser o livre construtor de sua própria morfologia." (p. 24).

exemplo, “equilíbrio *fitness*”, “*techogym*”, “*life fitness*”, etc., ou ainda, registradas como do próprio estabelecimento.

Pude presenciar alterações na disposição dos aparelhos de musculação com a chegada da nova coordenadora da academia de ginástica “G”. Embora tais setores que classifiquei acima mantivessem, de certo modo, a mesma lógica espacial, uma grande discussão era se os aparelhos de musculação deveriam ficar voltados para a frente ou de costas para o espelho. Enquanto uns profissionais defendiam que os alunos deveriam se autocorrigir de frente para o espelho durante a realização das práticas corporais, outros mencionavam que desta forma ninguém orientava o aluno porque ficava de costas para a sala de musculação ou pelo fato de não conseguir observar o aluno por estar atrás do aparelho de musculação. Escutava inúmeras menções dos alunos que os aparelhos de musculação deveriam se voltar ao centro, pois todos conseguiriam ver as pessoas circulando, situação esta que me demonstrava a necessidade de observar quem passava ou ainda certo grau de sociabilidade daquele espaço.

Aos fundos e acima do setor da musculação da academia de ginástica “G”, era possível observar o espaço destinado ao que era chamado de “setor aeróbio” e, através das paredes de vidro, uma varanda, na parte externa do estabelecimento, onde havia as atividades da modalidade de escalada. Ao subir dois lances de cinco degraus do setor aeróbio, me surpreendi com a quantidade e com a variedade de aparelhos ergométricos de alta tecnologia daquele espaço e com a dimensão da estrutura da escalada. Naquele local tão amplo, havia também um minirelógio analógico pendurado na parede, confirmando que o tempo definitivamente ali se perdia para todos.

Eram vinte e cinco esteiras ergométricas, vinte e um *tranports* ou elípticos, nove bicicletas ergométricas, seis aparelhos de escada rolante e dois ergométricos de braço, além de aparelhos que possibilitavam o sujeito a se alongar sem ajuda. Os aparelhos ergométricos do setor aeróbio estavam enfileirados de modo que ficavam distribuídos por tipo e por marca. Todos os aparelhos ergométricos continham TV embutida e uma programação personalizada a partir do perfil do aluno, podendo digitar, por exemplo, a idade, o peso, o objetivo com o exercício físico, etc.

Ainda no setor aeróbio, havia um quadro pendurado em uma das pilastras do local com uma caneta para os profissionais anotarem o nome dos alunos que estivessem na fila de determinado aparelho ergométrico (e ainda poderia escolher a marca do mesmo), caso todo o setor aeróbio estivesse lotado. A norma era que o aluno poderia ficar apenas de trinta a quarenta minutos se exercitando para deixar a vaga para outro que quisesse realizar os exercícios físicos ali.

Já na varanda, parte externa da academia de ginástica "G", havia um grande "paredão de escalada" com dois ou três profissionais para orientar o aluno. Tal varanda me propiciou escapar ou suspender o trabalho de campo de modo temporário; quase ninguém frequentava este espaço. Em dadas circunstâncias de constrangimento na pesquisa de campo, me ausentava para retomar emocionalmente àquele espaço quando sentia o ambiente hostil. Além disso, eu ficava incomunicável com os meus parentes pelo fato do espaço da academia de ginástica "G" impedir o sinal do meu celular, o que, na varanda, me proporcionava receber mensagens ou ligações urgentes das quais precisava no dia a dia. Ademais, era ali também que eu realizava a maioria das anotações de diário de campo de maneira mais tranquila.

A academia de ginástica "G" na sua totalidade era dividida por paredes de vidros e no seu interior era amplamente espelhada[202]. O aspecto visual e a higienização da musculação eram agradabilíssimos. A impressão era de que o estabelecimento, em especial a musculação, era uma extensão das lojas do *shopping center*[203], ou seja, as divisórias de vidraças simulavam as vitrines e os alunos eram os "manequins vivos". Afirmo isso porque quando um aluno gostaria de conhecer o setor da musculação ficava em um primeiro momento observando as pessoas realizando as práticas corporais por meio das vidraças no sentido de analisar se entrariam efetivamente naquele espaço. Além disso, em uma das estratégias de *marketing* da academia de ginástica "G", chamada de "*tour*"[204], no qual um recepcionista acompanhava potenciais clientes que se matriculariam no estabelecimento sempre parava diante das vidraças "vendendo" os benefícios de determinado espaço de realização de práticas corporais.

Tive a oportunidade de acompanhar alguns destes passeios do recepcionista com o futuro cliente pelo setor da musculação e as "falas" sempre se voltavam aos benefícios, às facilidades e à segurança daquele espaço. Exemplarmente, os atendentes citavam que determinado aparelho substituiria qualquer outro que estivesse ocupado ou quebrado; que certo setor era mais voltado para os alunos avançados que conseguiram altos desempenhos no estabelecimento, ressaltavam sobre a existência do armário de primeiros socorros e a atenção dos professores de Educação Física naquele espaço, mencionavam a bela vista que o aluno

---

[202] Para Maroun (2009), "Podem-se denominar, então, as salas de musculação como casa dos espelhos, haja vista que há uma distribuição consideravelmente especial e representativa desse objeto nesses locais." (p. 6).

[203] Isto é uma característica das academias de ginástica de grande porte, já observada por Pasquali *et al*. (2011). Sabino (2004) destaca também que existem academias de ginástica que se assemelham as características de um *shopping center*.

[204] Impressionava-me o número de visitas de pessoas interessadas em ingressarem no estabelecimento diariamente, bem como o investimento e a rotatividade dos recepcionistas em tentarem "vender" a academia de ginástica "G" para cada cliente em potencial.

teria do setor aeróbio quando fosse se exercitar, os recepcionistas ainda lembravam que o aluno poderia treinar em outras unidades espalhadas pela cidade, etc.

Ademais, as dez pilastras que faziam parte do setor de musculação eram espelhadas servindo principalmente de *feedback* corporal do aluno, seja para avaliar a sua execução do exercício físico ou para analisar se a sua imagem estava de acordo com o seu objetivo. Ao longo do meu trabalho de campo, notava que as tais pilastras também serviam como uma espécie de "proteção visual" a alguns alunos. As celebridades da mídia e uma minoria[205] de alunos, como pessoas mais tímidas, os portadores de necessidades especiais, mulheres mais idosas, obesos, os alunos com roupas e cabelos inabituais etc., pareciam optar pelos aparelhos ergométricos que eram ocultados pelas pilastras.

Durante os primeiros minutos de incursão à pesquisa de campo na musculação, me sentia vigiado por todos ali: coordenador, recepcionistas, profissionais de Educação Física e alunos. Embora tivesse recebido alguns "olhares questionadores" sobre quem eu era, ninguém me cumprimentava, o que me fez agir da mesma maneira. Ao longo do trabalho de campo, podia confirmar que os cumprimentos eram relativamente distintos daqueles com que eu estava acostumado na CDD, isto é, se reduziam a breves piscadas de olho.

Propositalmente, aguardei um professor de Educação Física me abordar para me apresentar. Quando fui chamado por um dos profissionais, tal situação de abordagem ao aluno foi semelhante a que tive na recepção, ou seja, em um primeiro momento um sorriso seguido da seguinte pergunta: "O que eu poderia te ajudar?"; após a minha apresentação, o tratamento comigo se alterava perguntando sobre o que seria a pesquisa. Toda vez que eu me relacionava em um primeiro momento com alguém que trabalhava na academia de ginástica "G", passava por esse tipo de situação; muitas vezes, os profissionais sugeriam para eu comparecer em outro horário com o argumento que eu deveria conhecer outros perfis de público do estabelecimento; transparecendo certo receio da minha presença ali. Isto aconteceu também com alguns recepcionistas que me perguntaram se eu iria observar eles também, demonstrando certo receio de que eu poderia prejudicá-los de alguma maneira.

Saindo da sala de musculação, passando pela recepção situada no centro da academia de ginástica "G", resolvi observar o outro lado do estabelecimento, o *hall*, simulando que eu iria ao banheiro.

---

[205] Embora Louro (2008) aponte que "A expressão 'minoria' não pretende se referir a quantidade numérica, mas sim a uma atribuição valorativa que é imputada a um determinado grupo a partir da ótica dominante." (p. 20), devo ressaltar que por tais motivos, poucos eram esses alunos que frequentavam a academia de ginástica no horário em que mais estive presente, no final da tarde e início da noite.

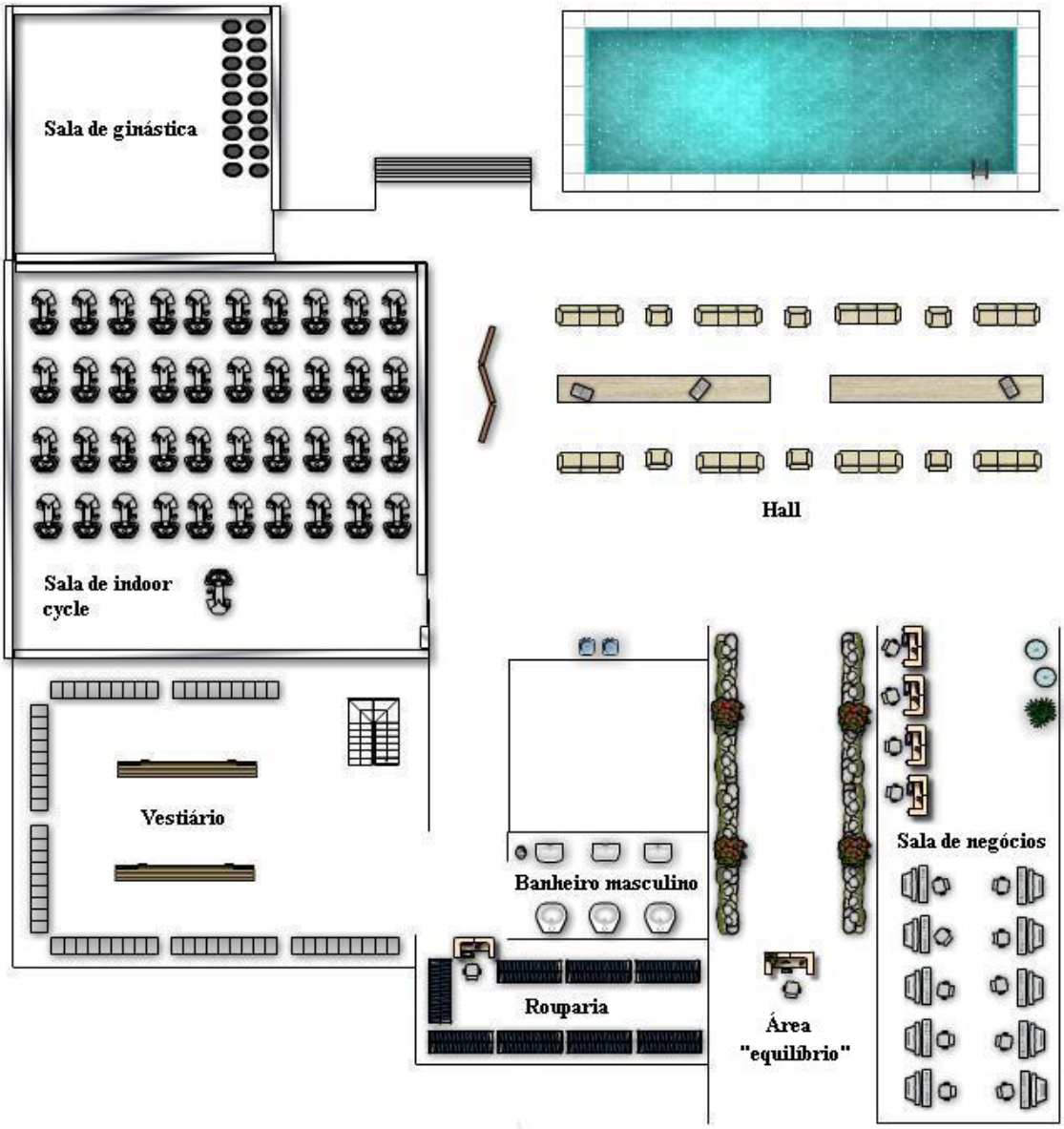

Figura 6 – Hall da academia de ginástica “G”.

O *hall* da academia de ginástica “G” era composto de uma espécie de grande sala de estar onde havia sofás confortáveis e revistas internas do estabelecimento para a leitura. Ao redor deste *hall*, havia um corredor que dava para uma área denominada de “equilíbrio”, espaço reservado para fisioterapia, pilates, alongamento, etc.; bem como para outra sala de ginástica, de *indoor cycle*, e por fim, o banheiro masculino.

Embora existissem cerca de oito sofás de mais de um lugar, intercalados com seis sofás individuais, era nítida a escolha das pessoas ao sentarem umas distantes das outras, fenômeno este que conseguia detectar ao longo do meu trabalho de campo. Aquele local era

para o momento de pausa entre as atividades ou de preparação para se engajar em alguma prática corporal.

O espaço denominado de "equilíbrio" fazia alusão direta que ali não seria trabalhado o corpo físico em si, mas questões de ordem psíquica-espiritual, como alguns alunos aludiam. A baixa luminosidade do local e o corredor enfeitado com pedras brancas e flores faziam uma demarcação do propósito "zen" daquele espaço. A minha primeira impressão era de que ali era realmente uma área em que você compensaria todos os esforços físicos que teriam sido realizados ao longo do dia na academia de ginástica.

A sala de ginástica e de *indoor cycle*[206] eram constantemente preenchidas até a sua lotação nos horários que eu frequentava a academia de ginástica "G". Do lado de fora das salas, era possível escutar as músicas em um volume altíssimo e os comandos dos professores de Educação Física que sempre estavam munidos de um microfone.

Por fim, cheguei ao banheiro masculino. Ao entrar por um corredor, avistei à esquerda uma espécie de sala aberta com três pias com seus respectivos espelhos e três mictórios. À frente, eu podia colocar os meus pertences ali para serem guardados na rouparia. Já à direita, um vestiário[207] imenso que ainda continha uma escada onde continuava todo o espaço destinado ao "entra e sai" da academia de ginástica "G"[208]. Confesso que estranhava a quantidade de secadores de cabelo espalhados pelas pias, haja vista que eu imaginava que tais objetos só existiam em ambientes femininos. Além disso, percebia que havia certa satisfação da academia de ginástica para o aluno anunciando a marca do sabão líquido: OX.

Resumidamente, com a referência de uma megaempresa[209], a academia de ginástica "G" existe há cerca de dez anos. Sempre sob a perspectiva do princípio "da saúde e da qualidade de vida", inserida no conceito de *wellness*, o estabelecimento se valorizava pelo fato de abranger "tudo" em um único espaço agradável. O estabelecimento se autointitulava como uma espécie de clube ou de grande centro de atividades físicas de bem estar para toda a família.

---

[206] Denominada também de *spinning*, é uma aula de ciclismo com bicicletas estacionárias de alta tecnologia.

[207] Embora Sassatelli (2000), dentre outros autores, aponte o vestiário como um lugar privilegiado para se estudar as questões sobre o corpo, principalmente por considerá-lo um espaço em que se separa o mundo de "dentro" e de "fora" da academia de ginástica, na presente pesquisa não tive oportunidades de frequentar regularmente este local. O fato de não me exercitar demonstrava para os alunos certa desconfiança da minha circulação por ali, o que me fazia evitar os vestiários.

[208] Pasquali *et al*. (2011) mencionam que "Os vestiários são amplos e com guarda volumes, atendendo ao público que vem para academia direto do trabalho, faculdade ou escola." (p. 10).

[209] Guimarães Filho *et al.* (2011) destacam que estes tipos de empreendimentos exigem uma gestão profissionalizada e serviços diversificados.

O *site* oficial desta academia de ginástica apontava que a unidade onde realizei o trabalho de campo era a maior de todas do Rio de Janeiro, tendo uma infraestrutura completa para seus clientes. Ainda no *site*, ressalvava que a coordenação responsável era constituída de especialistas e de (ex-)profissionais do esporte conhecidos (inter)nacionalmente, citando os nomes e divulgando as fotos dos mesmos, oferecendo, assim, certa credibilidade dos seus serviços.

Tal estabelecimento operava com aproximadamente cem empregados com carteira assinada, privilegiava o treinamento e a experiência dos funcionários, oferecia serviço de *personal trainer*, terceirizava alguns serviços internos (como a manutenção, a faxina, etc.) e recebia cerca de três mil frequentadores de classe alta. Em termos gerais, a mensalidade de tal estabelecimento era de R$ 500,00 ou um pouco menos em pacotes que abrangiam determinado número de meses. De acordo com o programa de relacionamento da academia de ginástica, a depender da quantidade de tempo em que o aluno estivesse matriculado no estabelecimento, mais vantagens ele teria no que diz respeito a descontos exclusivos e especiais.

Para além da musculação, o estabelecimento oferecia aos clientes um ecletismo[210] em relação às atividades agrupadas por modalidades: aquática (quatro atividades); coletivas (dezoito atividades); dança (oito atividades); esportes (oito atividades); lutas (seis atividades). Cada atividade, quando oferecida ao aluno, era explicada e muitas vezes registrada com o quanto de gasto energético estimado era proporcionado. A depender do objetivo do aluno, recomendavam-se alguns planos: havia planos mais destinados àqueles que desejavam treinar alguns esportes enquadrados por faixa etária; às crianças acima de quatorze anos; à saúde/ bem estar/ qualidade de vida com a finalidade de deixar "o corpo e a alma em equilíbrio"; ao condicionamento físico objetivando "chegar mais longe"; ao emagrecimento visando "perder uns quilinhos extras por meio do gasto calórico em uma experiência agradável"; à hipertrofia com o intuito de "explorar o máximo do potencial do ganho de massa muscular"; ao lazer e à socialização no sentido da "família ter um momento de diversão para levar a vida mais saudável e em harmonia"; ao desenvolvimento infantil para crianças de seis meses a dezesseis anos "crescerem de modo supervisionado, saudável e divertido" e, por fim, ao *fitness* que englobava parte dos interesses supracitados.

---

[210] Furtado (2007) aponta que "A grande academia, acompanhando uma característica do toyotismo, disponibiliza atualmente uma diversidade muito grande de aulas." (p. 311).

Além disso, esta academia de ginástica oferecia uma série de serviços como a reavaliação funcional para "acompanhar e quantificar a evolução corporal"; as toalhas para serem alugadas; um armário para "guardar com segurança os objetos de uso pessoal"; diárias no custo de R$ 100,00 para participar avulsamente de alguma atividade em determinado dia que não se enquadrava no plano adotado, ou ainda, a possibilidade de um acompanhamento constante de um *personal trainer*; hora/aula que girava em torno de R$ 60,00 a R$ 150,00.

O estabelecimento oferecia também o que denominava de benefícios ou cortesias aos alunos como serviços gratuitos de *wi-fi* para terem acesso ilimitado à internet; de rouparia, onde poderiam deixar os pertences sob a supervisão de um funcionário; de avaliação funcional, constituído de um conjunto de testes para o corpo para adequar o objetivo da pessoa; de acompanhamento específico de cuidado para alguma condição especial como gestantes, crianças ou pessoas portadoras de alguma doença crônica; de orientação personalizada para aqueles que "costumavam ter dificuldades em (re)começar ou dar continuidade ao seus treinos sem desanimar" ou que "não possuíam tempo a perder, usando apenas trinta minutos do dia para se exercitar".

A academia de ginástica "G" mantinha parcerias com outros estabelecimentos para que a "experiência do aluno no local ficasse mais conveniente". Alguns exemplos de parcerias eram os vínculos com clínicas de fisioterapia e de nutrição, com lojas de produtos naturais orgânicos e de vestuário *sportwear*, bem como com locais de serviços de SPA, de massagem e de meditação[211]. Tal estabelecimento era patrocinado por empresas esportivas, alimentícias, estéticas, aéreas, bancárias, etc.

4.2 A construção das noções de "limites" corporais pelos professores de Educação Física e alunos.

No espaço da academia de ginástica, mais precisamente no setor da musculação, de forma direta e indireta, pode haver os seguintes profissionais: nutricionistas, fisioterapeutas, médicos e professores de Educação Física (atuantes ou não como *personal trainer*[212]).

---

[211] Igualmente a alguns salões de beleza que oferecem "[...] um espaço para muito além da produção estética de unhas e cabelos. Cabeleireiros e manicures dividem espaço com maquiadores, depiladoras, *eyebrow designers*, esteticistas, dermatologistas, acupunturistas, massagistas, numerólogos, astrólogos, tarólogos, aromaterapeutas, fitoterapeutas, psicanalistas e orientadores vocacionais." (BOUZÓN, 2010, p. 195).

[212] O trabalho do profissional de Educação Física com o treinamento personalizado (*personal training*) no ramo do *fitness* já foi palco de discussão de alguns estudos (BOSSLE, 2008 e 2009; BOSSLE; FRAGA, 2008 e 2011; QUELHAS, 2012; CARMO JUNIOR *et al*., 2013; GOMES; CAMINHA, 2014). Devo lembrar que inclusive é a

Discuto aqui o cotidiano do profissional de saúde, no caso do professor de Educação Física, que se posiciona como o principal responsável em supervisionar as práticas corporais na musculação em academias de ginástica em interações sociais com seus alunos a partir de determinadas formas de lidar com os "limites" do corpo.

Embora seja evidente que "A saúde sempre foi o termo mais proclamado na Educação Física." (SHIGUNOV e SHIGUNOV NETO, 2009, p. 83), o profissional da área somente foi reconhecido legalmente como um profissional de saúde em tempos recentes[213]. Os profissionais da área de Educação Física ainda se utilizam do referencial biomédico, oferecendo a ideia do sujeito como um sistema exclusivamente orgânico (CARVALHO, 2006). Assim, munidos do arcabouço técnico-científico, os professores de Educação Física (como outros profissionais de saúde) prescrevem normas e contribuem para a formação de juízos de valor acerca dos comportamentos que deveriam ser adotados ao longo da vida. Em uma perspectiva de certo *ethos* da profissão, questiona-se a atuação do professor de Educação Física com seus alunos, levando em consideração a premissa de Pich *et al*. (2007) de que tal profissional se articula aos sistemas de especialistas que constroem novas demandas de conhecimento e de necessidades na esfera da saúde.

Assim, a reprodução dos discursos sobre determinados atributos corporais e suas relações com a questão do risco à saúde é constantemente vivenciada por esses profissionais no cotidiano. Nesse espaço, as ideias relacionadas ao corpo, muitas vezes, se proliferam de modo indiscriminado criando assim, certas racionalidades quanto ao seu "uso". Nessa direção, o professor de Educação Física com o relativo *status* de profissional de saúde acaba se tornando um dos responsáveis em lidar com essas demandas relativas ao corpo, como ocorre na musculação. Contudo, Ayres (2001) aponta que "Quando esses dois sujeitos – o(s)

---

partir da imagem de saúde que emerge a figura do professor como prestador de serviço: o *personal trainer* (CARMO JUNIOR *et al*., 2013). O *personal trainer* em especial cada vez mais se volta à intervenção no campo da saúde, configurando-se por uma prática individualizada/ personalizada em busca de um suposto bem estar físico integral (GÓIS JUNIOR; LOVISOLO, 2003; ANVERSA; OLIVEIRA, 2011). Geralmente, o *personal trainer* exerce seu trabalho como profissional "interno" ou "externo" à academia de ginástica, isto é, respectivamente, quando se tem vínculo com a empresa ou somente, de modo direto, com o cliente.

[213] Haddad *et al*. (2006) registram que a década final do século XX foi marcante para a categoria profissional em Educação Física "[...] em decorrência da promulgação da nova LDB (Lei n° 9.394/96), o reconhecimento como profissional da área de saúde (Resolução nº 218/CNS/1997), a regulamentação da profissão em Educação Física (Lei nº 9.696/1998) e, conseqüente criação do sistema CONFEF/CREF." (p. 92). O Conselho Nacional de Saúde reconheceu os professores de Educação Física como profissionais de saúde apenas no ano de 1997 para atuar na prevenção, na promoção, na proteção e na reabilitação da saúde (HADDAD *et al*., 2006). Para o entendimento de cada dimensão de atuação profissional na saúde, ver Paim (2009) ou Almeida Filho (2011). Fraga *et al*. (2012/2013) lembram que "Deste reconhecimento pelo CNS, a formação profissional seguiu majoritariamente centrada na epidemiologia do risco, no modelo clínico/prescritivo e na visão biomédica do processo saúde-doença, portanto, ainda distante dos princípios constantes dessa resolução." (p. 378).

sujeito(s) profissional(is) de saúde e o(s) sujeito(s) pessoa(s)-alvo das ações de saúde – se constituem um diante do outro, naturalmente que um processo de objetivação e 'objetificação' está colocado. Há uma técnica que justifica e estabelece a presença de um diante do outro." (p. 70).

Nesse contexto, ressalta-se aqui que o professor de Educação Física exerce o papel pedagógico de educador em saúde, na qual a sua atuação profissional deveria respeitar o saber popular para integrar, solidarizar, conscientizar e tornar seus alunos cientes das melhorias de condições de vida (DA ROS *et al*., 2005)[214]. Assim, mais do que estar habilitado para orientar as práticas corporais ou sistematizar estratégias racionais de ensino de técnicas específicas voltadas ao corpo na musculação, defende-se que o professor de Educação Física, deve atuar, acima de tudo, de modo crítico e reflexivo para "educar para a promoção da saúde", o que é totalmente diferente de "informar para a saúde" (DA ROS *et al*., 2005).

Geralmente, o professor de Educação Física privilegia os aspectos técnicos em detrimento de sua capacidade crítica de intervir em saúde nos diversos contextos socioculturais. Alguns autores já destacaram a importância da educação em saúde em todos os ambientes coletivos de intervenção da Educação Física, seja no espaço de educação formal ou não formal (BAPTISTA, 2006; CAMARA *et al*., 2010; COPETTI *et al*., 2012). Por isso, ao longo do texto, utilizo o termo "professor" e "profissional", independente da formação inicial (licenciatura ou bacharel) no sentido de esclarecer que a atuação em Educação Física no campo da Saúde deve ser compreendida no contexto das interações sociais dos alunos engajados nas práticas corporais[215]. A atuação do professor de Educação Física junto aos alunos na musculação se torna um momento de interação indelével para fundamentar as ideias acerca do corpo e também dos riscos à saúde tão propalados pela sociedade contemporânea.

Partindo da ideia de Rodrigues (2006) de que "A cultura dita as maneiras de utilizar ferramentas e de movimentar o corpo durante o trabalho." (p. 89), o professor de Educação Física de academia de ginástica incorpora certos *habitus* ao exercer sua profissão face aos atributos corporais. Criam-se identidades profissionais que podem subsidiar certas

---

[214] Na pesquisa de Lupton (2003), detectou-se que os professores, ao tentarem esclarecer as relações entre educação em saúde e Educação Física, se remeteram à noção de saúde "holística" ou ainda a máxima "mente sã em um corpo são".

[215] De acordo com Quelhas (2012), "Por ocasião da regulamentação da profissão (Lei nº 9696/98), foi cunhada pelos seus defensores, a denominação Profissional de Educação Física. Até então, o trabalhador da educação física com formação em curso superior de graduação, era denominado genericamente de professor de educação física." (p. 106). Contudo, o autor supracitado ainda discute que outros termos como instrutor, orientador ou monitor de Educação Física podem ser registrados na carteira de trabalho no sentido de associarem tais empregados a determinados segmentos da profissão.

racionalidades de atuação no campo da Saúde de como trabalhar com os alunos ao desenvolver hábitos e costumes específicos da área de Educação Física e da cultura na qual está imerso. O *habitus* profissional de professores pode ser composto de:

> [...] rotinas (que o professor constrói ao longo dos seus anos de trabalho); momento oportuno (a utilização de saberes e representações explícitas capazes de dirigir uma ação); ação racional (utilização de certos conhecimentos, aliados ao raciocínio rápido, em extrema urgência); improvisação regrada (parte imprevista na ação planejada, o agir na urgência). (BENITES e SOUZA NETO, 2011, p. 2)

É possível demarcar que os próprios *habitus* profissionais do professor concretizam os *ethos* que permeiam a área de Educação Física, isto é, reitera atitudes, valores e estilos de comportamentos particulares ou emoções coletivas que compõem determinadas práticas e instituições sociais, no caso, determinados usos do corpo no campo da Saúde (FONSECA *et al*., 2009; GOMES; CAMINHA, 2014). Becker (2007) argumenta que analisar padrões de cultura profissional seria um caminho adequado de análise, pois há um lugar social "comum" onde os profissionais compartilham determinadas concepções laborais.

Vale lembrar também que há uma multiplicidade da égide formativa do professor de Educação Física que pode ser vista em inúmeros estudos que denotam a pluralidade de visão de corpo e de saúde desde os graduandos de diferentes currículos, transitando em noções de cunho biológico e, em menor grau, de caráter sociocultural (FIGUEIREDO, 2004; ANDRIAMAMPIANINA; MOUSSA, 2005; VERENGUER, 2007; FREIRE, 2007; HUNGER *et al*., 2009; SILVA *et al*., 2009; MARCON *et al*., 2010; LÜDORF, 2010; SILVA *et al*., 2011; ARANDA *et al*., 2012). Independentemente do âmbito de atuação, parte da prática do professor de Educação Física deriva dos saberes e das experiências adquiridas e vividas no âmbito da formação inicial, não podendo, portanto, classificar determinados perfis profissionais pelo tipo de graduação (DAOLIO, 2001; VERENGUER, 2004 e 2005; FIGUEIREDO, 2008; FONSECA *et al*., 2009; FOLLE *et al*., 2009; SORIANO, 2010)[216]. Enfim, no campo da Saúde, como acontece na área de Educação Física, o desempenho dos

---

[216] Além de "licenciados" e "bacharéis", ainda há uma categoria da área, à parte do viés formativo tradicional em graduação universitária, que constitui o grupo de profissionais denominados de "provisionados". Durante o processo de profissionalização da Educação Física, institui-se que os sujeitos que trabalhavam e tinham uma experiência em algum ramo da área pudessem atuar exclusivamente naquele ofício como "práticos" por lei, caso complementassem sua formação com determinados e breves conhecimentos científicos propostos e dirigidos pelo Conselho Federal de Educação Física (RAMOS, 2009). É preciso ressaltar que "Uma das razões para este fato está na sua própria constituição como área de práticas culturais, onde o conhecimento é transmitido pela experiência e tradição, a começar pelos militares que difundiram a ginástica como instrutores, até os esportistas e mestres em artes marciais, que difundem os esportes e as diferentes lutas." (QUELHAS, 2012, p. 179).

múltiplos papéis sociais dos profissionais está intricado a uma série de aspectos de ordem institucional, político, pessoal, normativo, etc.

Foi possível observar que há várias formas de ser um professor de Educação Física. Cabe destacar que tal ideia também corresponde àqueles que frequentam e se exercitam nas academias de ginástica. Na literatura em geral sobre o tema, nota-se que os termos "frequentadores", "usuários", "fisiculturistas", "alunos", "clientes" e "praticantes" de exercícios físicos em academias de ginástica são amplamente polissêmicos, geralmente não definidos ou se confundem nas diversas traduções entre os idiomas. Por isso, o termo que diz respeito aos sujeitos que constituem o público de trabalho do professor de Educação Física na academia de ginástica no qual o presente texto se pauta se refere aos termos acima como sinônimos, embora, ao longo dos dados, eu aponte sutilezas êmicas nos usos de tais referências[217].

De acordo com Crossley (2006), deve haver um questionamento às discussões sobre as possíveis motivações que estimulam a realização e a manutenção de uma prática corporal em academia de ginástica. Em termos gerais, os discursos que legitimam o interesse em ingressar ou continuar no "limite" em academia de ginástica parecem se pautar, basicamente, na perspectiva de prática corporal voltada à saúde e/ou à estética, que envolve os ideais de corpo no contexto contemporâneo (CORREIA, 2006; FURTADO, 2008; SILVA *et al*., 2009a; LIZ *et al*., 2010; LIZ; ANDRADE, 2013). Cada grupo social possui um aparato de técnicas de modificações corporais construídas social e culturalmente (CROSSLEY, 2005). Nessa direção, é preciso relativizar em que sentido e quais são os significados atribuídos aos "limites" corporais por determinados grupos sociais que frequentam as academias de ginástica.

Para compreender a diversidade de determinados grupos sociais em academias de ginástica, recorro à Douglas (1991) quando argumenta que um sistema classificatório representa, de certo modo, uma forma de organização e de ordenação do mundo permeado de aspectos simbólicos. Nesse contexto, em academias de ginástica, embora tanto os profissionais quanto os alunos considerem que praticantes em musculação há um ano já sejam

---

[217] Por se constituir uma categoria à parte de modalidade de treinamento de *bodybuilding*, com exceção, o termo fisiculturista se destina apenas aos sujeitos que são profissionais de treinamento de força e, por vezes, participantes de competições de volume, de definição e de simetria muscular. Para entender mais sobre o fisiculturismo ou o *bodybuilding* masculino e feminino, ver outros trabalhos (KLEIN, 1986, 1992, 1993, 1993a, 1995; FRAGA, 2000; MONAGHAN, 2000 e 2001; SABINO, 2004; BARLAND, 2005; BROWN, 2006; BOTELHO, 2009; BRIDGES, 2009; JAEGER, 2009; ALEXANDRINO, 2010; JAEGER; GOELLNER, 2011; JAEGER, 2011; ARAÚJO; BASSANI, 2013).

"experientes" e menos de três meses "iniciantes", era possível perceber durante o trabalho de campo outros marcadores classificatórios de alunos, tais como: uso de substâncias anabólicas, porte corporal, *know-how* dos movimentos, imposição de certas condutas na sala de musculação, formas de se vestir, incorporação de determinados vocabulários, etc.

Desse modo, resumidamente, diante deste complexo sistema classificatório, contraponho os alunos mais experientes, avançados ou veteranos aos iniciantes ou novatos[218]. Na lógica do interacionismo simbólico de Goffman (2002), o drama social se coaduna com a minha perspectiva aqui na medida em que a noção de "limites" corporais compartilhada pelos alunos indicava a própria realidade cotidiana deles. Desse modo, "ser" experiente, avançado ou veterano e iniciante ou novato em dado momento fazia parte de ter certo *status* dentro e fora da academia de ginástica.

Pensando neste contexto de diversos lugares sociais dos alunos, a aproximação entre "ritual" (TURNER, 1974; GENNEP, 2011) e "drama social" (GOFFMAN, 2002) se tornaria viável na medida em que representam em suas essências certas *performances* no sentido de terem determinada eficácia em seus lugares sociais (SCHECHNER, 2011). Serão privilegiadas as tais *performances* ou desempenho de papéis sociais que são cotidianamente treinados e ensaiados se articulando no sentido de marcarem certas identidades em dadas circunstâncias sociais perante determinado público (GOFFMAN, 2011; SCHECHNER, 2006), no caso aqui, acerca do que e como os sujeitos compreendem os "limites" corporais no setor da musculação de diferentes academias de ginástica[219].

Assim, alunos considerados experientes, avançados ou veteranos e iniciantes ou novatos em academias de ginástica apenas fazem parte de uma sociedade também segregada e fragmentada, onde os múltiplos papéis sociais a todo instante são reforçados, ameaçados e redefinidos a depender de como interagem entre si. Em outras palavras, "ritualizar" ou "dramatizar" são processos liminares em que os sujeitos representam *performances* e são transformados simbolicamente face à dinâmica da estrutura social. Dessa forma, tendo em vista que "[...] o processo de *performance* é uma constante rejeição e reposição."

---

[218] Como visto de forma semelhante também em outros trabalhos no setor da musculação (SABINO, 2004; CHAVES, 2010).

[219] A categoria *performance* corresponde a fazer algo com "sucesso" se exibindo para o outro que o assiste com a intenção, por exemplo, de formar ou modificar uma identidade, construir determinado grupo social, lidar com o "sagrado" e o "profano", etc. (SCHECHNER, 2006). De acordo com Gastaldo (2008), "A idéia de 'ritual' em Goffman refere-se a um comportamento expressivo, a gestos ou ações significativos. [...] Trata-se de condutas 'ritualizadas', portadoras de um sentido que não está, evidentemente, nas condutas em si, mas nos códigos culturais que nelas imprimem significado." (p. 152).

(SCHECHNER, 2011, p. 158), aponto que as convivências e as tensões que atravessam um grupo social face aos "limites" do corpo se estabelecem ininterrupta e provisoriamente de acordo com um cenário e um tempo específicos.

Tendo em vista que toda classificação possui uma ordem racional (LÉVI-STRAUSS, 1989), observava que a polarização entre os alunos mais experientes, avançados ou veteranos e aqueles considerados iniciantes ou novatos era apenas uma das formas como os pesquisados se posicionavam nas academias de ginástica e, em muitas ocasiões, variava profundamente. Eu via os alunos de um modo mais dinâmico para além entre "dominantes" e "dominados" na medida em que as múltiplas interações sociais se estabeleciam entre e no interior das academias de ginástica.

Vale lembrar que eu frequentava as academias de ginástica entre o final da tarde e o início da noite, momento este em que os alunos mais experientes, avançados ou veteranos e aqueles considerados iniciantes ou novatos mantinham interações peculiares. Tal dado sobre o horário era fundamental para compreender as relações sociais que ocorriam nos espaços. Por exemplo, na academia de ginástica "P", segundo os pesquisados, havia três grupos de alunos: no turno matutino, eram aqueles que ainda se preparavam para ir ao trabalho ou pessoas de mais idade; no período da tarde, os adolescentes e aqueles que se sentiam mais "estigmatizados" no local (homossexuais, obesos, etc.); e, por fim, no turno da noite, aqueles considerados mais "descolados" ou "sarados". Na academia de ginástica "G", igualmente obtive relatos distintivos em relação à frequência segundo os horários. Segundo os relatos, havia cinco grupos de alunos: no início da manhã, frequentavam os mais idosos e no final deste turno as "senhoras e esposas que não tinham nada para fazer"; no horário do almoço, eram as pessoas "mais sérias" e "compromissadas" com o horário porque tinham que voltar para o trabalho; no início da tarde, também se repetia a ideia de que mais adolescentes e "estigmatizados" frequentavam o estabelecimento; no final da tarde e início da noite, aqueles alunos que pensavam somente na própria estética corporal; e próximo do estabelecimento fechar à meia-noite, eram os alunos mais "sociáveis", "solteiros" e "alternativos". Isso poderia ser observado de forma generalizada, o que não impedia que diferentes pessoas e grupos interagissem em momentos e de modos diversos nas academias de ginástica.

Portanto, a noção de "limites corporais" deve levar em conta esta complexa pluralidade de interações entre diversos professores de Educação Física e alunos. Assim, não era raro ver, ouvir ou conversar sobre a questão do corpo ter um suposto "limite" a ser superado ou potencializado, ou seja, estar realizando práticas corporais era estar sempre, de modo implícito, em um determinado "limite" com o corpo. Rotineiramente, em ambas as

academias de ginástica, tanto os professores quanto os alunos hipervalorizavam estar próximo ou não do que o "corpo podia render" o que, por vezes, estava próximo com o que eu identificava como risco à saúde. Nessa perspectiva, Bourdieu (1983a) destaca que:

> Seria fácil mostrar, que as diferentes classes sociais não concordam a respeito dos efeitos esperados do exercício corporal, efeitos sobre o corpo externo como, por exemplo, a força aparente de uma musculatura visível, preferida por uns, ou a elegância, a destreza e a beleza, escolhidas por outros, ou efeitos sobre o corpo interno, como a saúde, o equilíbrio psíquico, etc. Colocando de outra maneira, as variações das práticas segundo as classes devem-se não apenas às variações dos fatores que tornam possível ou impossível assumir seus custos econômicos e culturais, mas também às variações da percepção e da apreciação dos lucros, imediatos ou futuros que se considera que estas práticas proporcionam. Assim, as diferentes classes têm expectativas muito desiguais em relação aos lucros "intrínsecos" (reais ou imaginários, pouco importa, pois são reais enquanto realmente desejados) que são esperados para o próprio corpo [...]. (p. 148-149)

Ratifico aqui a importância de compreender a diversidade dos usos do corpo no "limite" e as possíveis relações com o risco à saúde para além do referencial de "classes sociais". Em outras palavras, exploro também as variações de corpos no "limite" para além dos contextos socioeconômicos e culturais que engendravam as academias de ginástica. Assim, no contexto da construção da noção de "limites" corporais por professores e por alunos no setor da musculação, pude considerar que, para os pesquisados, as dores corporais[220] compuseram os principais fatores supostamente limitantes ou de indícios de *performance* do corpo. Para fins de análise interpretativa, este estudo se concentrou nesse aspecto por ser mais relevante, embora existissem outros aspectos também limítrofes na perspectiva de risco à saúde.

4.2.1 Dores corporais

Na sociedade contemporânea, a dor corporal está relacionada preponderantemente a um fenômeno de cunho biológico ou seguida de ideias relacionadas à vivência psicológica da mesma. Assim, não somente como um dado neurofisiológico ou atrelada a sua experiência psicológica, a dor corporal pode ser estudada como uma construção sociocultural na qual a sua compreensão pode variar entre os gêneros, as etnias, as classes sociais, as religiões, etc. (LE BRETON, 1999; CORBIN, 2009). Nesse caso, levo em consideração que o modelo biopsicossocial tão propalado no âmbito da Saúde, portanto, deve entender a dor como um

---

[220] O tema acerca das "dores corporais" já foi palco de alguns estudos antropológicos clássicos, como o de Clastres (1978).

fenômeno derivado da interação de fatores biológicos, psicológicos e, sobretudo, socioculturais (HELMAN, 1994; SARTI, 2001 e 2010; PEACOCK; PATEL, 2008)[221].

No âmbito esportivo, parte do campo de atuação da área de Educação Física, ao mesmo tempo em que a dor é tão cultuada demonstrando que o atleta alcançou o seu "limite" de *performance*, é também evitada para não prejudicar o rendimento do corpo (LE BRETON, 1999). Garcia (2007) menciona que "O esporte desenvolve-se, assim, numa contradição aparente. Nega a dor e dá-se a conhecer pelo sofrimento. Limita-se e procura os limites do corpo. Referencia-se em discurso virtuoso e termina em práticas violentas, como aliás já nos é documentado pela história dos jogos." (p. 123). Nesse contexto, o clássico estudo de Sabo (1992) aponta que jogadores de futebol americano se engajavam e incorporavam na vida cotidiana a necessidade de suportar a dor para obter vitórias. No contexto de alguns esportes coletivos de alto rendimento, Moura *et al*. (2013) identificaram que os "limites" da dor se relacionam com questões como prazer, objetivo e limitação atlética. O trabalho de Gonçalves e Vaz (2011) realizado em uma academia de bailarinas identificou que a dor era um componente central da prática associada ao domínio técnico e à instrumentalização corporal das praticantes. Em outra oportunidade, em consonância a Maia *et al*. (2013), Gonçalves e Vaz (2012) conseguiram perceber que havia certa normalização da dor em competidores de atletismo pelo fato de tal sofrimento representar uma vitalidade atlética. Ao analisar o espaço do atletismo, o caratê e o balé, Gonçalves *et al*. (2012) detectaram que, em termos gerais, havia uma trama entre técnica, dor, sofrimento e projeto na carreira dos praticantes.

Em termos gerais, a partir dos exemplos dos estudos acima, concretiza-se a ideia de que é preciso respeitar a dor atlética, muitas vezes, não devendo a mesma ser anestesiada (VAZ, 2003). Vigarello (2008a) argumenta que "O mundo esportivo, para responder às expectativas deve ir até o extremo, a imagem esportiva para provocar excitação deve beirar o 'excesso'. É preciso preparar o corpo do campeão até o risco físico, beirar a violência, a ruptura." (p. 478). As dores corporais, portanto, fazem parte de um pequeno escopo que

---

[221] Desde a bíblia, a dor possui uma dimensão simbólica (LE BRETON, 1999). Canesqui (2010) aponta que nos estudos acerca do corpo, saúde e doença, existe uma grande parte da produção acadêmica destinada a construção dos significados relacionados à dor. Moulin (2008) lembra que "Nosso século também demorou a se ocupar com a dor quando ela se resume na doença, como enxaqueca ou certas nevralgias, como demorou ainda a explorar todos os métodos que permitiriam atenuá-la. No decurso dos últimos vinte anos, o tratamento da dor foi objeto de um ensino mais atento na faculdade." (p. 49). Devo lembrar que a mera "[...] ausência ou presença de dor não podem, de modo algum, ser consideradas sinônimo de saúde." (PEIXOTO JUNIOR, 2010, p. 736). Rechaço, portanto, a ideia do senso comum de que se o sujeito não sentir qualquer dor ou desconforto, provavelmente, ele estaria em boas condições de saúde (LEWIS, 1998), ou ainda, que a dor possui uma relação proporcional à gravidade de uma suposta lesão (LE BRETON, 1999).

constitui o âmbito esportivo, haja vista que são compreendidas como rotineiras nesse contexto, tanto por profissionais da área, quanto pelos sujeitos que praticam as modalidades[222].

Os atletas mais habilidosos e velozes do esporte considerados aqueles que sabem administrar suas dores com certo controle, por exemplo, se configurariam nas academias de ginástica como aqueles capazes de levantar mais pesos ou que possuem corpos mais esculpidos, mais magros, etc. Ou seja, no âmbito de academias de ginástica, também há certa tendência dos pressupostos do treinamento esportivo focarem na exaustividade dos alunos no que diz respeito à dor (HANSEN; VAZ, 2004; TORRI *et al*., 2007; DUARTE, 2008). O professor de Educação Física, muitas vezes, é considerado como um dos principais atores para mediar esses desconfortos físicos ou como um dos responsáveis de certa iniciação à dor em interação com seus alunos, sobretudo no setor da musculação. Sobre esse contexto, a depender do contexto das academias de ginástica, eu observava que a presença de dor podia influenciar a relação dos sujeitos no engajamento com as práticas corporais, sugerindo questionar os múltiplos lugares sociais do professor de Educação Física neste processo acerca dos "limites" do corpo, isto é, a dor poderia ser ressignificada segundo a situação.

De acordo com Le Breton (1999) sobre a construção sociocultural das dores, é preciso ater-se aos seus tipos, as suas expectativas, aos seus significados e aos comportamentos face à presença álgica haja vista que são moldadas a partir de determinadas formas, conteúdos, saberes e valores. Assim, durante o trabalho de campo na musculação, demarcava os diferentes tipos de dores provindos ou que emergiam nas práticas corporais em ambas as academias de ginástica e que possíveis relações teriam com o risco à saúde. Dessa forma, podia detectar que os professores de Educação Física e os alunos das academias de ginástica "P" e "G" sempre se remetiam a três tipos de dores no sentido dos corpos no "limite": as agudas e as crônicas, aquelas representadas pelos esforços físicos extenuantes ou imbricadas a alguns mal-estares, que deveriam ou não ser evitadas[223].

---

[222] Para Cruz (2013), sobre essa maximização dos "limites" corporais, "Num contexto sociocultural predominante o esporte evidencia a ligação existente entre a dor física e moral, incorpora valores de entrega e faz dos desportistas vítimas." (p. 332).

[223] Durkheim (2007) menciona que "Vulgarmente, o sofrimento é visto como o indicador da doença, e é certo que, em geral, existe entre esses dois fatos uma relação, mas que carece de constância e de precisão." (p. 52).

4.2.1.1 Dores agudas e crônicas: entre a lesão e a cura

Na academia de ginástica "P", ao sentirem as dores agudas e crônicas, os alunos raramente se dirigiam ao professor de Educação Física ou a qualquer outro profissional de saúde fora do estabelecimento. Observava que tal situação ocorria não somente pela suposta "falta de acesso ou de informação à saúde" dos alunos sobre suas algias ali na musculação, mas também, em parte, pelo contexto socioeconômico e cultural que moldava o modo de viver de grande parte do público da CDD frequentador do estabelecimento.

Em uma realidade aparentemente diferente da academia de ginástica "P", notava que grande parte dos alunos da academia de ginástica "G" tendia a interromper a realização dos exercícios físicos diante de qualquer pequeno indício de desconforto físico associado a uma suposta lesão. No momento em que os alunos percebiam uma dor inesperada aguda ou ficavam em alerta sobre a sensação de alguma dor crônica antiga interrompiam os exercícios físicos de imediato e se remetiam diretamente ao profissional de Educação Física[224].

Assim, era mais recorrente presenciar os profissionais da academia de ginástica "G" lidando com as algias dos alunos comparado ao contexto da musculação da academia de ginástica "P". Na relação entre "lesão" e "cura" face às dores agudas e crônicas e à noção de risco à saúde, na academia de ginástica "G" parecia atribuir valores mais próximos à racionalidade biomédica. Já na academia de ginástica "P" parecia que tais discursos sobre dados "limites" eram ressignificados no decurso da vida "árdua" diária. Tais dados se reproduziam relativamente tanto em alunos mais experientes, avançados ou veteranos, quanto em iniciantes ou novatos. Em níveis diferentes de classificação (porém, não desiguais em suas operações), os alunos da academia de ginástica "P" e "G" face à lesão se articulavam, respectivamente, entre a "realidade prática" ou a "experiência sensitiva" e o "científico", "formal" ou "abstrato"[225], tendo como pano de fundo os mesmos interesses: as dramatizações de *performance* para a "cura".

Na academia de ginástica "P", as dores derivadas das "lesões" antes, durante e depois das práticas corporais deveriam ser constantes na medida em que os alunos estariam "transformando" uma dor "ruim" em "boa", isto é, da "dor do machucado" para a "dor da cura". Na academia de ginástica "G", parecia que tais algias eram vistas "sempre" como

---

[224] Helman (1994) aponta que uma dor considerada atípica tem a probabilidade de se tornar mais pública do que aquela supostamente normal, fenômeno este que identificava de forma mais evidente na academia de ginástica "G".

[225] Lévi-Strauss (1989) em seu trabalho observou tipos análogos de sistemas de pensamentos.

“incômodas” e raramente como “positivas”, na medida em que, após os exercícios físicos, as expectativas se voltavam à “terapêutica sem dores”.

Em ambas as academias de ginástica, as dramatizações para a cura apontavam para a ideia de que os alunos mais experientes, avançados ou veteranos e os iniciantes ou novatos encenavam as suas *performances* no sentido de afirmarem os seus lugares sociais naqueles locais. A partir dessas classificações, eu via que os alunos elaboravam “respostas à algias” de modo diferente entre os estabelecimentos. Embora eu observasse que essas múltiplas racionalidades sobre as dores podem ser apresentadas ao professor de Educação Física, via que tal profissional tendia a incorporar o discurso da saúde etnocêntrico no sentido de apenas aceitar a racionalidade biomédica como forma “eficaz” de intervenção.

O fato de poucos alunos acionarem os profissionais da academia de ginástica “P” com o intuito de solucionarem essas dores não significava que ficavam despreocupados com suas algias, logo, tendo determinados comportamentos de risco à saúde. Ao sentirem um desconforto físico, os alunos pareciam ter a necessidade de continuarem as práticas corporais de modo geral ou especificamente no local onde estavam sentindo as dores para curá-las. Já na academia de ginástica “G”, de forma quase que antagônica aos alunos da academia de ginástica “P”, eles preferiam parar de se movimentar com o intuito de avaliarem o que “cientificamente” ou “biologicamente” era “adequado” fazer face a qualquer risco que estavam expostos na musculação. Nesse sentido, Helman (1994) destaca que “Fatores culturais podem também influenciar o modo como as pessoas comunicam a dor – se o fazem – aos profissionais de saúde ou a outras pessoas.” (p. 165).

Assim, para curar as supostas lesões, entre a tendência de se “exercitar mais” na academia de ginástica “P” e o fato de ficar em uma situação de “quase-imobilidade” na academia de ginástica “G”, me deparava com as minhas próprias percepções em relação aos riscos à saúde enquanto profissional da área. Logo no início do trabalho de campo, eu achava que era um “absurdo” continuar se exercitando daquela forma exaustiva com uma “dor instalada no corpo”, mas eu tentava buscar as lógicas que regiam as ações dos alunos da academia de ginástica “P”. Vendo-me naquela situação, emergia o sentimento de um profissional de saúde “salvador” dos alunos que sofriam diariamente com suas algias. Ao longo do tempo, o processo de alteridade ia se sobrepondo aos meus incômodos “pessoais” e “profissionais”, o que me fazia, por exemplo, desistir, em parte, da possível vontade de querer “ajudá-los” ou “orientá-los”, pois ali havia outras “racionalidades” acerca dos “limites”. Já na academia de ginástica “G”, embora soubesse que eu estava influenciado por todos os pressupostos biomédicos que regiam a minha profissão e que poderia haver uma tendência de

“concordar” com as atitudes dos alunos neste estabelecimento, durante as interações sociais, estranhava-me perceber como concebiam suas algias no “limite” dos riscos à saúde. Em síntese, aparentemente todas estas situações do trabalho de campo enriqueciam o meu “olhar” não somente como pesquisador, mas também como um professor de Educação Física.

Em termos gerais, confesso que me causava estranhamento encontrar tantos casos de algias na musculação em academias de ginástica. Pensava, talvez de modo etnocêntrico, que as encontraria mais na academia de ginástica “P” do que na “G”, a princípio, pelas discrepantes condições infraestruturais, de atendimento e da forma com que os alunos se engajavam nas práticas corporais. De certo modo, ingenuamente pensava que na CDD haveria mais riscos à saúde do que na Barra. Contudo, ao longo do tempo, pude perceber que me enganava na medida em que começava a reparar que não era uma questão de ter “mais ou menos” dores nos diferentes contextos, mas um processo de estar em um domínio “mais público” (dramatizado) ou “mais privado” (negado) nas interações sociais e que os processos de “cura” eram distintos entre os grupos sociais. Assim, era o fato de reduzir ou não o corpo como um objeto a ser dominado ou contido ao outro, já que a dor ser privada ou pública e suas formas de atenuá-la dependem da cultura de cada grupo social em dada situação (PEACOCK; PATEL, 2008).

Além disso, notava também que o fato de estar em dados “limites” corporais e suas relações com as noções de risco à saúde variavam no interior do mesmo estabelecimento, descartando, assim, a ideia de não generalizar os achados a partir de dadas circunstâncias socioeconômicas e culturais atreladas eminentemente a certas classes sociais. Via, por exemplo, que os referenciais biomédicos que legitimam as dores agudas e crônicas no campo técnico-científico da Saúde eram ressignificados na dimensão da realidade de cada grupo social de forma diversa no interior da mesma academia de ginástica, relativizando, assim, o que seriam esses tipos de “limites”. Assim, a organização de mundo que me orientava até então como profissional de Educação Física começava a ser modulada a partir das minhas vivências de interação no trabalho de campo em ambas as academias de ginástica.

Na academia de ginástica “P”, conseguia perceber a regularidade ou não de algumas pessoas em frequentar o estabelecimento. Quando um aluno começava a sentir uma dor aguda ou uma dor crônica já estabelecida, notava que este, ao longo de semanas, com a manutenção da rotina de exercícios físicos, ia abandonando aos poucos a musculação, até o momento que desaparecia do estabelecimento totalmente por algum tempo. Assim, somente a sensação extrema de dores agudas e crônicas limitava o engajamento de muitos alunos em seus exercícios físicos. Os alunos interrompiam a realização das práticas corporais apenas quando

não era mais possível se movimentar de algum modo, como se o corpo com as dores fosse um "inimigo à parte" do próprio sujeito que deveria ser combatido ou enfrentado:

> Eu: Quanto tempo, Edilson, onde tu tava?
> Edilson: Parei uma semana, sangue!
> Eu: Quis descansar um pouquinho?
> Edilson: Mané, na verdade, arranjei um problema no antebraço sério, doía muito, não conseguia nem segurar um peso, nem fazer coisa do dia, agora acho que já consigo, estou retornando hoje, vou ver se dá!
>
> Jandra: Que dor!
> Eu: Está cansada é?
> Jandra: Não! Meu joelho tem uma dor que já faz parte dele, tive que parar e agora estou tentando voltar de novo, não sei não!

Aparentemente, era "ela" (dor) ou "ele" (aluno) que sairia ganhando naquele espaço da musculação. Muitos alunos retornavam ao estabelecimento, em algumas ocasiões, dizendo que estavam "apenas doentes" em um primeiro momento, mas posteriormente confessavam que tinham pausado os exercícios físicos pelas intensas dores de supostas lesões em dado local do corpo. Assim, observava que o exercitar-se com dor era "normal", demonstrando, para mim, que a ideia de que os sintomas gerados por determinadas algias tão propaladas pelo referencial biomédico podiam ser compreendidos de outra maneira.

Inúmeros exemplos demonstravam isso: massageando o próprio braço antes de recomeçar cada movimento e dizendo que estava "foda" de malhar com dor porque havia se machucado há dois dias, e relatando que desejava ir para casa, um aluno continuava a sua rotina exaustiva de exercícios físicos. Outro aluno, ao longo dos exercícios físicos, ficava "colocando a articulação no lugar" e falando-me que, devido à luxação, ele parecia um "brinquedo de monta e desmonta" tipo "lego"[226]. Via também um aluno que, após ter realizado um exercício físico em posição deitada, não conseguia se levantar, o que o fez colocar a mão no ombro com dores dizendo que em um lado da barra de ferro tinha mais peso do que o outro, mas, na verdade, era o déficit de força que possuía apenas do lado comprometido. Observava outro aluno que se alongava e jogava água do bebedouro no ombro a cada movimento executado, como se fosse uma forma de amenizar os intensos desconfortos, etc.

Em muitas ocasiões, os alunos usavam inúmeros artifícios de forma combinada para se manterem engajados nas práticas corporais face a esses "limites", por exemplo, o uso de

---

[226] Brinquedo infantil constituído de peças de plástico que se encaixam, permitindo diversas combinações.

tensor[227] ou gaze no local, bolsas de gelo como forma efetiva ou "psicológica" de abrandar a dor para a realização dos exercícios físicos. Às vezes, a mesma gaze era fixada em várias regiões do corpo na medida em que exercitavam os músculos de cada articulação, ou seja, se malhassem a perna, os alunos fixavam a gaze no joelho ou no tornozelo; se fossem exercitar o braço, amarravam a gaze no cotovelo ou no punho e assim sucessivamente. Os alunos também faziam o uso contínuo de pomadas e remédios analgésicos, anti-inflamatórios e antibióticos para tolerarem as dores agudas e crônicas durante as práticas corporais; alginac, cataflan, calminex, dorflex, diclofenaco de potássio, tandrilax, dentre outros, eram compartilhados rotineiramente entre os alunos da academia de ginástica "P" por indicação ou por empréstimo.

Em dadas circunstâncias, a partir da minha visão como professor de Educação Física, eu tinha as minhas dúvidas se os alunos da academia de ginástica "P" compreendiam se havia determinada distinção entre as dores agudas e crônicas e as dores causadas pelos esforços físicos da musculação. Ao longo do tempo, percebia algumas situações bastante elucidativas para tal indagação como, por exemplo, ao executarem os movimentos com cargas extremamente baixas, via alunos com demasiadas dores em dado local do corpo que supostamente não deveriam sentir. Observava também alunos mancando depois de determinado exercício físico e em seguida tentando retornar ao mesmo depois de alguns minutos, mesmo com certo desconforto físico associado a uma possível lesão. Ao conversar com os alunos sobre isso, percebia que estavam cientes de que os incômodos eram decorrentes de dores agudas e crônicas de determinada lesão, mas eles ressignificavam aquelas algias, a fim de continuar realizando os exercícios físicos.

Já na academia de ginástica "G", após a sensação álgica, via, com frequência, os alunos acionando simultaneamente outros profissionais de saúde (médicos, fisioterapeutas, terapeutas, etc.) do local ou fora do estabelecimento para se informar do que estava acontecendo com eles. Essas consultas eram realizadas de forma privada incluindo o professor de Educação Física, o que me dificultava por vezes de tomar conhecimento desse fato. Ao saberem que estavam com alguma dor, principalmente se legitimada com um diagnóstico, os alunos se dedicavam em conhecer de forma ampla e aprofundada sobre aquilo que os acometiam durante os exercícios físicos na musculação.

---

[227] Uma faixa com uma espécie de material de proteção esportiva e de auxílio no tratamento de lesões, oferecendo um suporte ou apoio para melhor desempenho e conforto articular.

Um aluno me relatou que depois da descoberta sobre uma determinada inflamação no cotovelo, "fez de tudo" para reduzir as algias. Em primeiro lugar, ele aproveitou uma viagem para o exterior e comprou três livros especializados sobre o assunto. Depois, foi apenas nas primeiras sessões de fisioterapia para ver qual o material utilizado com o intuito de comprá-lo e usá-lo em casa (ultrassom, theraband, bastão com pesos, elásticos, etc), sem a presença do profissional. Em seguida, reduziu o volume e a intensidade dos esforços físicos, bem como procurou na *internet* o tipo, a frequência, a duração e a intensidade dos alongamentos que deveriam ser realizados para este tipo de lesão. Por fim, me disse que sabia "exatamente" onde tinha se machucado: quando tentava levantar um halter pesado do banco para iniciar dado movimento. Outro aluno me contou que, pelo fato de ter ficado "parado" um tempo por causa de dores na "lombar" e na "bursite do quadril", decidiu treinar apenas os membros superiores, porque "ainda era "novo" e tinha medo de "chegar aos sessenta anos todo quebrado". Ele disse que queria se cuidar, pois tinha "errado" na medida em que tinha feito em uma mesma época o aparelho simulador de "patinação", "*bike*" e "esteira". A rejeição a qualquer sensação dolorosa era tanta que, segundo ele, estava se consultando com três médicos diferentes para saber a "verdade do que sentia" e não queria "saber de médico que gostava de operar apenas para retirar as dores", mas sim "se curar definitivamente". Por fim, disse que tinha "histórico de gordo" e os médicos sempre disseram para ele "para tomar cuidado senão voltaria a ser obeso", por isso estava se monitorando a todo instante.

Grande parte dos alunos da academia de ginástica "G" se munia de uma gama de informações colhida em diferentes fontes como *internet*[228] e livros, dialogava com seus amigos e buscava dados com diversos profissionais de saúde com o intuito de compor um panorama e estar convicto com certa autoridade daquilo que estava os incomodando[229]. Os alunos da academia de ginástica "G" pareciam se tornar *experts* em suas algias e, ao dialogar com o professor de Educação Física, aproveitavam para fazer o uso de todas as informações captadas ao longo do tempo. Uma situação que me chamava atenção era alguns alunos se exercitando na musculação com programas de treinamento com figuras impressos de *sites* da *internet* voltados a determinadas algias, demonstrando que se sentiam autônomos para lidar

---

[228] Vasconcellos-Silva *et al*. (2011) problematizam sobre o mercado de consumo e as panacéias em saúde na *internet* que orientam, de forma inerente, os sujeitos a lidarem especificamente de determinadas formas com o próprio corpo.

[229] De acordo com Bouzón (2010), os conhecimentos sobre o corpo também circulam por meio do boca-a-boca. Por outro lado, Ortega e Zorzanelli (2010) argumentam que as celeumas sobre saúde não vêm apenas de *experts* em saúde, mas também do cotidiano das pessoas imersas em uma cultura somática preocupadas com o viver mais e melhor valorizando, sobretudo, a ciência médica em definir o ser humano.

com seus próprios "limites" relativos aos desconfortos físicos, pois "sabiam o que estavam fazendo"[230].

Nesse esforço comparativo de análise com a academia de ginástica "G", na academia de ginástica "P", compreendia que os alunos se doavam no "limite" quanto às suas dores agudas e crônicas por algumas motivações constituídas basicamente pelos modos de vida que levavam na CDD. Um exemplo era quando os alunos me relatavam que muitas dessas algias "sempre" eram derivadas da própria prática corporal e "nunca" de fora do estabelecimento, como o âmbito de trabalho ou das atividades domésticas cotidianas. Parecia também que as dores agudas e crônicas relacionadas à vida social em geral eram mais "dignas" ou "naturalizadas" do que aquelas supostamente "artificiais" adquiridas pelos exercícios físicos.

Assim, os alunos se sentiam em "risco" somente quando os limitavam nas suas vidas sociais, pois, em outras circunstâncias, a "saúde estaria plena". Dessa forma, as práticas corporais realizadas no espaço da musculação da academia de ginástica "P" e suas relações com as dores agudas e crônicas reproduziam a "vida sofrida", pois, caso não sentissem algias, estariam se distinguindo dos grupos sociais nas quais estavam inseridos. As dramatizações de "cura" nesses casos demonstravam o quão o ato de se exercitar também era importante para reafirmar as suas identidades ali na CDD, assumindo a noção de que a "saúde da vida cotidiana" não estava atrelada somente a aspectos físicos. De acordo com Sarti (2001), "[...] o sofrimento e o sentimento da dor dos despossuídos aparecem como 'naturais'. Esta concepção é interiorizada, tornando difícil, para os socialmente desfavorecidos, conceber, para si, a idéia de bem-estar, suposto atributo da classe dominante." (p. 10).

Sobre esse exercitar-se no "limite" das dores agudas e crônicas na musculação da academia de ginástica "P", era possível identificar que quanto mais exercícios físicos em termos de quantidade e de intensidade, maiores eram as chances das algias diminuírem ou se esgotarem. Embora como professor de Educação Física reconheça que "biomedicamente" há orientações de como se exercitar com essas dores, percebia ali como esses "limites" eram ressignificados por meio do movimento. Muitos alunos exercitavam regularmente o local da suposta lesão por acreditarem que agiriam de forma terapêutica no lugar da dor diminuindo certos "riscos", sobretudo das suas vidas cotidianas. Por exemplo, um motorista de ônibus que

---

[230] Baima (2007) menciona que "Através da busca de informações cada vez mais acessíveis, porém nem sempre precisas ou fidedignas, como *sites* da *Internet* ou revistas leigas com temas afins, os consumidores de serviços médicos se esforçam para desempenhar um papel crescente na tomada de decisões em relação à sua saúde." (p. 107). Le Breton (1999) lembra que tal situação ocorre principalmente em segmentos da sociedade mais privilegiados, como via na academia de ginástica "G".

possuía dores crônicas no punho, pelo demasiado uso do volante, realizava inúmeros exercícios físicos com cargas elevadas para "curar" a região comprometida. Outra aluna, que trabalhava como faxineira, me relatava que antes de entrar para a academia de ginástica "era uma pessoa e depois virou outra", pois os exercícios físicos melhoravam sua postura mesmo com "altas dores na coluna". Outro caso a ser descrito era quando um aluno me dizia que entrou na academia de ginástica com o intuito de "consertar a clavícula quebrada para poder trabalhar melhor", pois teria uma necessidade diária de realizar movimentos com o ombro.

Assim, de forma visual e sinestésica, os alunos percebiam e sentiam que estavam se tratando das dores agudas e crônicas, pois os números de repetições ou as cargas que usavam diretamente no lugar comprometido melhorariam os desconfortos físicos, isto é, era apenas "uma questão de tempo para aquilo ficasse resolvido". Enfim, conforme já referido, as sensações das dores agudas e crônicas eram naturalizadas e ressignificadas para estes grupos sociais, pois, mesmo sentindo tais desconfortos físicos, mantinham os estímulos corporais exaustiva e regularmente na musculação. Assim, se no âmbito das terapias médicas, o tratamento pode ser doloroso e haver a tendência do sujeito não aderir (HELMAN, 1994), observava que a realidade do espaço da academia de ginástica "P" era inversa, pois as intervenções ou os tratamentos com as práticas corporais deveriam ser "dolorosos".

Contudo, para os alunos da academia de ginástica "G", parecia que a premissa de que o processo de "cura" deveria ser realizado "sem dores" se concretizava cotidianamente nas interações sociais que ocorriam no setor da musculação. Isso era notório quando havia uma tendência dos profissionais de "forçar" o aluno ativo na realização das práticas corporais, ao compreenderem em que o aumento ou a manutenção da quantidade e da intensidade de esforços físicos no local supostamente lesionado poderia trazer benefícios diretos para a região comprometida:

> Joaquim: Luiz, estou sentido uma dor no ombro.
> Prof. Luiz: Para melhorar essa dor é preciso fadigar o local, tem que estressar para fortalecer. Esse exercício de ombro é para você tratar este ombro.
>
> Aline: Olha, esse meu exercício da série está muito cansativo, vou abaixar o peso.
> Estagiário Reinaldo: Não, descansa e mantém o peso.
> Aline: Eu não fiz a terceira série porque estou com uma dor no braço há um tempinho.
> Estagiário Reinaldo: Fica assim! Faça do jeito que está na série que a dor vai passar.

Tais atitudes dos professores da academia de ginástica "G" tinham, portanto, a preocupação com o efeito terapêutico da realização de exercícios físicos na região comprometida. Parecia que todo o conhecimento biomédico do professor de Educação Física acerca da relação entre as práticas corporais e as algias poderia ser aplicado de forma plena ali

na sala de musculação, independentemente de como os alunos concebiam seus "limites" relativos aos desconfortos físicos. Para os profissionais, o fato de que "malucos seriam aqueles que não seguiam as suas orientações", os tornavam também reféns desse tipo de orientação ou de modelo de prescrição de exercícios físicos "com dor" para o aluno, uma vez que ficavam presos a esses tipos de orientação no "limite".

Face a esses aspectos, os professores de Educação Física e os alunos interagiam em um terreno de disputas entre quem possuía certos saberes mais legitimados sobre o corpo. Os alunos da academia de ginástica "G" questionavam as prescrições de exercícios físicos dos professores, muitas vezes, com termos provindos do próprio campo biomédico e da área de Educação Física. Informados ou pseudo-informados por estarem "antenados" com os "cuidados do corpo"[231] ou pelo fato de serem profissionais de saúde, os alunos se dirigiam aos professores questionando determinados comportamentos que poderiam ser associados a certos riscos à saúde como, por exemplo, por quais motivos estavam sentindo algias com o programa de treinamento, por que não optavam pelo movimento "x" ao invés do "y", se os profissionais achavam que era alguma lesão no ligamento "z", se o ângulo de execução não deveria ser modificado para "w" graus para não agravar a lesão, etc.

O "tom" dos questionamentos dos alunos tinha certo "ar de imposição" e um aparente "discurso de credibilidade" face às algias. Os profissionais de Educação Física, muitas vezes, tinham que explicar mais de uma vez sobre o que estava ocorrendo sobre as algias que os alunos não suportavam sentir de modo algum. Em algumas ocasiões, no setor da musculação, a interação professor-aluno ficava "delicada" na medida em que não havia um consenso entre ambos sobre o que fazer em caso de dor. Não raro, o profissional de Educação Física cedia aos argumentos dos clientes demonstrando que estes estavam corretos em suas opiniões e iriam "atendê-los da melhor forma possível", mesmo que, do ponto de vista técnico, discordassem da posição dos alunos "clientes" quanto estarem ou não em "risco".

Os professores me relatavam que os alunos dali queriam "disputar tudo" com eles: relacionamentos, condições financeiras, roupas, viagens e, inclusive, conhecimentos. Os profissionais comentavam comigo que o poder de argumentação com o cliente deveria ser de

---

[231] Ortega e Zorzanelli (2010) apontam que o uso dos termos biológicos de especialistas aumenta na vida cotidiana pelo fato dos sujeitos estarem em constante autovigilância de práticas de manutenção da saúde, fato este que detectei primordialmente na academia de ginástica "G". À luz da relevância contemporânea acerca do risco à saúde, Ortega (2004) menciona que "[...] todo um vocabulário médico-fisicalista baseado em constantes biológicas, taxas de colesterol, tônus muscular, desempenho corporal, capacidade aeróbica populariza-se e adquire uma conotação 'quase moral' ao fornecer os princípios de avaliação que definem a excelência do indivíduo [...]." (p. 14).

um "alto nível" para acreditarem na sua competência profissional diante de tais situações. Pelo fato dos alunos possuírem determinada inserção socioeconômica e cultural, os professores eram obrigados a se atualizar constantemente para dialogar ou debater com os mesmos, caso contrário, "perderiam" o respeito dos mesmos. Segundo Bastos (2013):

> A especialização profissional como "valor" em si, que coloca o profissional em um patamar diferenciado, ganha contornos específicos no segmento de *wellness* e *fitness*, concentrando-se no aspecto econômico. [...] o indivíduo das classes mais economicamente abastadas e, por extensão, o que pode pagar melhor, exige para sua vida os melhores especialistas. Com isso, o profissional é impelido a entrar numa competição por maior quantidade e qualidade de informação, de maneira que seus serviços continuem com ganhos financeiros compatíveis com o *status* de instrutores de elite. (p. 491)

Assim, o profissional se munia de argumentos técnico-científicos para convencer os alunos de que a realização das práticas corporais de determinada forma era a melhor estratégia para as dores agudas e crônicas que sentiam[232]. Muitas vezes, depois desses "embates" entre professor-aluno, professor-cliente, os profissionais, muitas vezes, vinham conversar comigo: "Viu? Tive que mostrar meu conhecimento! Ele é médico, mas eu bato de frente!"; "Deu pra perceber que ela só 'calou a boca' quando eu soltei uns termos técnicos de reabilitação?"; "Depois que senti que ela quis demonstrar mais conhecimento do que eu, já comecei a falar difícil. A pessoa já pára de ficar questionando dessa forma, essa é a minha saída!"; "Pode observar, se você nessas situações não demonstrar conhecimento, o cliente com dor fica inseguro aqui dentro! Já tem que mandar a letra!", etc. Descrevo aqui uma conversa com um dos professores de Educação Física da academia de ginástica "G" emblemática sobre este aspecto relacional de *performance* entre o profissional e o cliente face à questão desses tipos de algias e suas relações com os "limites" dos riscos à saúde:

> Prof. Reginaldo: Alan, aqui na Barra parece que o acesso, a qualidade e também a vontade de conhecer as lesões e as dores são maiores, pelo menos aqui nessa unidade do que outros lugares. Para alguns raros alunos, é tudo igual, tem um aqui que há séculos com dor no cotovelo vive com um tensor no braço, não tira aquilo, até falo pra ele que aquele troço faz parte do corpo dele. Talvez lá na comunidade os caras nem ligam, talvez nem têm tanto acesso a *internet* ou nem se preocupam em ficar buscando sobre as suas dores.
> Eu: E nesses locais a sua atuação seria diferente?
> Prof. Reginaldo: Eu teria que mudar a linguagem sem perder a questão técnica, aqui você tem que falar bem para o pessoal te aceitar, tem explicar todos os detalhes, muitas vezes, eles exigem isso, os caras aqui chegam com todas as informações, tu tem que saber pra discutir, senão ele te ignora. Por exemplo, geralmente médico diz tudo e usa termos técnicos, aqui também temos que usar ué, mas com didática para o

---

[232] Em seu trabalho sobre implantes mamários de silicone, Baima (2007) identificou que "Esta tática, aliada à utilização de informações científicas para justificar sua atuação, tem como objetivo convencer a paciente da necessidade de, através da transformação de aspectos estéticos do corpo, reparar um 'problema' de saúde física." (p. 23).

> aluno, é por isso que a nossa profissão é vista de modo informal, até acho que tem que usar termo técnico aqui na academia, mas nem tanto porque seria foda também, é um outro ambiente, entende? É de lazer...

Certa ocasião, conversei com um aluno sobre as suas dores crônicas no ombro e igualmente experienciei a dificuldade em dialogar sobre tais algias com os frequentadores. A todo instante, era interrompido, ou seja, o meu conhecimento como professor de Educação Física era quase que negado completamente. O aluno me dizia que pelo fato de ter refluxo e dor no ombro esquerdo, para dormir, preferia virar para o lado esquerdo por causa do refluxo, mesmo que pressionasse o ombro lesionado deste lado, isto é, ele avaliava e hierarquizava quais "riscos" que se submetia. Sabendo da importância que a "ciência" tinha naquele estabelecimento, eu tentei argumentar tecnicamente que, dentre outros aspectos, a maioria das lesões era multifatorial e desenvolvida a médio e a longo prazo. Concordava com ele que a dor no ombro poderia ter sido pela sobrecarga além do que ele podia "pegar" na musculação, mas talvez não fosse apenas por isso, por causa dos fatores "x", "y" ou "z". Embora o aluno tenha me escutado, reafirmava que "tinha sido culpa do professor e ponto final!".

Enfim, demonstrar domínio técnico-científico sobre a questão das algias podia ser visto rotineiramente na interação entre professores e alunos na musculação da academia de ginástica "G"[233]. Toda vez em que um aluno se referia a algo com termos que não estivessem alinhados ao vocabulário biomédico, os profissionais imediatamente o "corrigiam". Por exemplo, quando o aluno dizia que tinha "o ombro muito pra frente", na verdade, ele possuía uma "rotação anterior de ombros"; a "rótula" era a "patela"; a "batata da perna" era a "panturrilha"; o "dedão do pé" era o "hálux" e assim sucessivamente. Do mesmo modo, quando o aluno se remetia aos movimentos e/ou no momento em que o professor de Educação Física estava prescrevendo os exercícios físicos, os profissionais pareciam se dirigir propositalmente aos termos relativos aos planos e eixos anatômicos como, por exemplo, ninguém "rodava o braço", mas fazia o movimento de "circundução"; "fechar as pernas" era "aduzir o quadril"; "ficar de um pé só" era "se posicionar de modo unipodal", etc.

Sobre esse aspecto ainda, observava um cartaz na vitrine de uma farmácia que se localizava próximo da academia de ginástica "G" com os seguintes dizeres: "Medicamentos podem causar efeitos indesejáveis. Evite a automedicação. Informe-se com o médico!". Pelo

---

[233] Assim, embora Mattos (2013) afirme que "[...] profissionais de educação física falham em suas argumentações ditas 'científicas' porque desconsideram ou ignoram que a dimensão simbólica da existência humana influencia nossas condutas e comportamentos." (p. 78), meu trabalho de campo mostrou que tal realidade supracitada deveria ser relativizada, pois na academia de ginástica "G" havia o privilégio do domínio técnico-científico nas relações entre professores e alunos tornando a intervenção teoricamente mais simétrica.

fato daquilo ter me chamado atenção, adentrei neste estabelecimento e despretensiosamente perguntei o porquê daquele cartaz ali fora. O farmacêutico comentou que o pessoal frequentador da farmácia queria ficar discutindo com ele os possíveis efeitos e riscos dos remédios, por isso, por não aguentar mais ficar "batendo de frente" com o cliente, colou o cartaz. O farmacêutico ainda comentou que grande parte deste público vinha da academia de ginástica "G".

Exemplarmente, tanto no espaço da farmácia quanto na própria academia de ginástica "G", observava como os alunos hierarquizavam as profissões de saúde quanto à sua importância, fazendo com que, por exemplo, a intervenção da Educação Física fosse a mais desvalorizada para "tratar as algias" ou sendo necessário complementar com outros recursos terapêuticos. Adam e Herzlich (2001) comentam que historicamente determinadas atividades da saúde são categorias consideradas inferiores à medicina. Sob esse mesmo prisma de análise, Camargo Júnior (2005) lembra também que "Outras técnicas de intervenção – dietas, exercícios etc. – embora descritas nos manuais, não têm o mesmo *status* teórico que a terapêutica mais 'dura', o que pode se evidenciar pelo pouco apuro com que são prescritas, mesmo porque usualmente se supõe que os pacientes não as irão seguir." (p. 195).

Tendo em vista esse contexto, observava situações relativas a esse tipo de dores entre os alunos na academia de ginástica "G" que eu não experienciava como professor de Educação Física, quando eu atuava no ramo do *fitness*. A construção desse tipo de "limite" corporal era compartilhada entre os próprios alunos durante a realização dos exercícios físicos, o que favorecia, cada vez mais, compreender a necessidade de um cuidado maior de si diante do profissional que, porventura, não enxergasse tal demanda acerca de determinados "riscos":

> Paulo Henrique: Ai, ai, cara, vou parar a esteira!
> Jonas: O que houve? Machucou?
> Paulo Henrique: Eu senti algo aqui, por isso que parei. Vou falar com o professor de novo pra diminuir isso aqui.
> Jonas: Se você continuar, poderia se lesionar mais, é melhor parar, vou parar também!
>
> Belmiro: Está sumido!
> Luiz Fernando: Estou com uma hérnia de disco.
> Belmiro: Então, não faça a musculação, faz aula ali então.
> Luiz Fernando: Não, faço musculação mesmo, mas não posso fazer exercício assim, já falei com o professor e avisei a ele o que mudei.
> Belmiro: Ou isso...

Detectava, portanto, nas interações sociais delineadas na academia de ginástica "G", que as representações de dores agudas e crônicas e suas relações com as práticas corporais no setor da musculação eram relativamente distintas entre o professor de Educação Física e o

aluno. Enquanto o primeiro possuía a tendência de estimular os esforços físicos em cima das algias ou da aparente lesão, o segundo, quase que opostamente, não era tão convencido que exercitar o local era benéfico para si. Concordo com Helman (1994) quando menciona que para um tratamento seja bem recebido, este deve fazer sentido aos sujeitos, pois, por exemplo, a forma, o propósito do tratamento e a denominação do diagnóstico são importantes. De forma análoga, lembro a ideia deste autor ao afirmar que, por exemplo, "Médicos e pacientes vêem os problemas de saúde de maneiras muito diferentes, ainda que possuam o mesmo *background* cultural. Suas perspectivas estão baseadas em premissas diferentes; empregam diferentes sistemas de prova e avaliação da eficácia do tratamento." (p. 100).

O público frequentador da academia de ginástica "G" parecia ter uma noção de "limiar de dor" e uma concepção de risco à saúde diferente daqueles profissionais que supervisionavam aquele espaço, o que, muitas vezes, gerava uma "frustração" de ambos os lados: dos alunos, pelo fato de se desmotivarem no engajamento nas práticas corporais por se exercitarem com certos desconfortos físicos e, dos professores, por não conseguirem alcançar um nível de comunicação, teoricamente, mais aproximado com os seus clientes. Pelo fato de ressignificarem as suas visões referentes aos "limites" corporais, enquanto os alunos tinham essa tendência de superestimar as suas dores agudas e crônicas ficando em estado constante de "alerta dos riscos", os professores, as subestimavam frequentemente.

Em um breve exercício reflexivo e comparativo, ficava especulando ao longo do trabalho de campo como seriam as interações sociais entre o professor da academia de ginástica "G" e os alunos da academia de ginástica "P", haja vista que estes profissionais também geralmente estimulavam o local com as dores agudas e crônicas. Os professores de Educação Física da academia de ginástica "P", no ponto de vista deles, não obtinham "êxito" em tentar cuidar dos alunos porque para estes os tratamentos deveriam ser "dolorosos", já os alunos deste estabelecimento pareciam evitar os profissionais porque constantemente os tentava limitar com certos discursos sobre o "risco". Via, portanto, que geralmente as dramatizações para a "cura" no que diz respeito a tais algias se diferenciavam entre os alunos dos estabelecimentos e, por vezes, entre os profissionais de Educação Física, embora existisse a tendência desses últimos optarem sempre pela intervenção dita "biomédica".

Na academia de ginástica "P", além dessa trama entre a relação terapêutica quase que direta entre os exercícios físicos da musculação e a melhora das dores agudas e crônicas, parecia também que muitos alunos tinham que "fazer valer o dinheiro" relativo ao investimento financeiro da mensalidade, dentre outros aspectos, o que vulnerabilizava a atuação dos profissionais, no ponto de vista deles. Rotineiramente, escutava dos alunos que

continuariam com as práticas corporais pelo menos "até o final do mês" ou "do vencimento da mensalidade", mesmo com a presença de dores agudas e crônicas. Assim, se o aluno interrompesse a frequência na academia de ginástica "apenas por causa das dores", o mesmo estaria "jogando dinheiro fora" ou ainda "pagando à toa", pois não estaria usando o espaço da melhor maneira possível para se exercitar, ou seja, lucrando "para o corpo" com aquilo que "financeiramente" investiu[234].

Estes alunos frequentavam o estabelecimento entre cinco a seis vezes por semana, em grandes datas comemorativas ao longo de todo o ano, realizando todos os exercícios físicos possíveis e, muitas vezes, em dois turnos do dia (manhã e tarde, manhã e noite ou tarde e noite), em média de duas a três horas de permanência no local. Este "uso" da academia de ginástica "P" para o professor em muitas ocasiões se distinguia das concepções dos alunos, pois, teoricamente, estes estavam mais do que no "limite". Um dos professores da academia de ginástica "P" que trabalhava tanto na região da CDD quanto na Barra dizia para mim que aquele público era "mais fiel" e "osso duro de roer", do que este último, pois mesmo com esses tipos de algias, mantinham a rotina exaustiva de práticas corporais. Nesse caso, os profissionais de Educação Física ficavam "impotentes" diante das condições financeiras dos alunos e possuíam um entendimento diferente dos mesmos quando o assunto era esse "uso" do espaço da musculação como, por exemplo, esta questão do "tempo de exercício físico".

Destarte, sobre uma suposta "comunicação falha" entre os sujeitos, notava que no momento em que o professor de Educação Física estava ciente da diversidade de demandas dos seus alunos quanto às dores agudas e crônicas, a probabilidade de maior simetria entre o profissional de saúde e seu público se elevava em ambas as academias de ginástica. Sobre esses tipos de situações, a ideia de Toscano (2001) de que o professor de Educação Física deveria analisar cuidadosamente as queixas, as ansiedades e os objetivos dos alunos em um ato de reflexividade da sua ação como profissional de saúde se tornava questionável no plano dos "riscos". Segundo Liz *et al*. (2010), "[...] o profissional de Educação Física precisa estimular e/ou incentivar a prática de exercícios físicos, e para tal é imperioso conhecer profundamente os alunos, o que deve ser uma prioridade em sua atuação." (p. 186).

Na musculação da academia de ginástica "G", tal premissa podia ser vista quando o professor de Educação Física no momento em que se remetia ao aluno prescrevendo de forma

---

[234] Embora Lévi-Strauss (1989) aponte que os grupos sociais não são regidos exclusivamente pelas suas necessidades orgânicas ou econômicas, eu observava que tais condições objetivas influenciavam a realização das práticas corporais.

"individualizada" em prol do tratamento de determinado desconforto físico de uma lesão, parecia que havia uma relação mais amistosa entre eles. Quando o professor se remetia a determinadas noções de "risco" semelhantes a dos alunos, parecia que ambos "falavam a mesma língua" acerca de supostos "limites". Budó *et al*. (2008) comentam que:

> O profissional de saúde deve aprender a visualizar além de sua própria cultura, estendendo seu olhar e seu entendimento ao sujeito cuidado por ele, sua família e seu contexto de vida, focalizando a diversidade cultural que permeia o cuidado. Ainda, é possível agregar ao processo de cuidado dos profissionais de saúde alternativas que reúnam as informações identificadas na pesquisa por meio do exercício da escuta, da valorização do ambiente familiar, do saber popular e, principalmente, da responsabilização e envolvimento, gerando atenção e respeito para com o sofrimento do outro. Tais alternativas identificadas contribuem para a mudança do modelo de cuidado à saúde. (p. 95)

No entanto, na academia de ginástica "G", consolidava a posição de cliente que exigia um resultado relativo às suas algias a partir do que se investia no serviço prestado, isto é, pagava-se ao profissional para não sentir qualquer desconforto físico e ficar longe de qualquer risco à saúde no sentido biomédico. Dessa forma, o professor era visto como um meio para se reduzir as dores agudas e crônicas ou era através dele que seria possível se exercitar sem a presença de algias, descartando, a princípio, a ideia da atuação de um profissional de saúde. Identificava que havia uma relevância na intervenção profissional em buscar compreender tais manifestações relativas às algias, no entanto a intenção de pano de fundo dos professores era também manter o cliente "satisfeito" com o serviço prestado e preferencialmente o mantendo, se sentindo bem, nos exercícios físicos na musculação, isto é, tentando controlar os "limites" dos alunos. Assim, os professores da academia de ginástica "G" também tinham a tendência de tentar solucionar as dores agudas e crônicas "driblando", "evitando" ou "adaptando":

> Lucas: Pô, na hora que faço a flexão de punho sempre fica doendo.
> Prof. Ronald: Não seja por isso, muda a posição da mão assim, deixa mais para o lado.
>
> Eu: Orlando, o que acontece quando chega um aluno aqui na academia com dor? Como ele se comporta por aqui?
> Prof. Orlando: Eu tenho um aluno que tem lesão e dores no ombro. Dei "esporro" nele hoje mesmo, queria fazer tudo com o ombro, até o exercício de desenvolvimento. Mandei fazer fisioterapia, fiz uma serie, até porque sou especialista em pós-lesão e pronto, hoje voltou a jogar vôlei e não quer outra vida. Eu vou mudando pro cara não sentir nada, entendeu?
> Eu: Geralmente é assim?
> Prof. Orlando: De início, eu já sugiro um especialista, mas primeiro vou trabalhando em cima da dor, uso o método parcial trabalhando o movimento onde não tem dor, limito a amplitude ou até troco de exercício. Eu só paro mesmo com o aluno quando o cara está bem limitado mesmo.

Grande parte dos professores de Educação Física da academia de ginástica "G" fazia questão de demonstrar as suas competências profissionais com essas ações, seja aparentemente "tratando" ou "amenizando" os desconfortos físicos. Eu observava que isso

não se resumia apenas a um compromisso ético-profissional. Alguns professores assumiam que se o aluno sentisse dor seria menos um cliente para eles poderem investir no oferecimento de serviços de *personal trainer*, pois eles poderiam sair da academia de ginástica. O objetivo central era realizar a adesão do cliente naquele espaço, isto é, a lógica de quanto mais pessoas frequentando a sala de musculação, maiores eram as possibilidades financeiras deles:

> Prof. Reginaldo: Alan, quero fazer a pós-graduação que você fez, essas paradas de reabilitação dão dinheiro, é um diferencial. Aqui dentro da musculação você tem que se destacar de alguma forma para dar aula de *personal*, eu já venho atraindo este público de dores, mas queria uma pós apenas para me dar um respaldo, entende? Quando o cara vier perguntar, eu já falo onde fiz e o que fiz.
>
> Prof. Régis: Viu, Alan? Perguntei se ele estava com muita dor e ele disse que só na panturrilha, não tinha mais dores nas articulações, coluna e joelho! Que bom, montei o treino certinho! Ele disse que ia nadar e já chamei ele para alongar depois da natação, é o momento para depois ele me procurar e trocar ideias sobre *personal*.

As quatro horas de trabalho na sala de musculação que totalizavam aproximadamente R$ 32,00[235] poderiam ser proveitosas caso os profissionais conseguissem arranjar um "aluno de *personal trainer*" que pagasse em média entre R$ 60,00 a R$ 150,00 a hora/aula[236]. Aos poucos, notava que a diversidade e a quantidade de exercícios físicos que eram conhecidos por serem de "reabilitação" marcavam presença significativamente no espaço da musculação e na prescrição de treinos dos professores de Educação Física, que faziam questão de exaltá-los para os alunos como uma forma de vender o "bom serviço". Os profissionais também deixavam claro para os alunos que os auxiliavam nessas algias enquanto estivessem trabalhando na sala de musculação, mas somente como *personal trainer* teriam a possibilidade de intervirem com eficácia em suas lesões e seus riscos, ressignificando, assim, como lidar com "limite" do corpo acometido por "dores". Por isso, ininterruptamente, os professores tentavam dar atenção a todos da sala de musculação com o intuito de quanto mais interações conseguissem, maior seria a chance de encontrarem uma "demanda" de um aluno que poderia ser contemplada com o serviço de *personal trainer*[237].

---

[235] Essa carga horária e o valor dado a hora/aula (entre R$ 8,00 a R$ 12,00) poderiam variar entre os profissionais pelo tipo de formação, tempo de contrato, tarefas que se engajavam no estabelecimento, etc. Quelhas (2012) esquematiza a "Remuneração básica de Profissionais de Educação Física no segmento *fitness*, na cidade do Rio de Janeiro – 2006 a 2011." (p. 167).

[236] Para se trabalhar como *personal trainer* neste estabelecimento, era preciso fazer o "repasse" de um valor por hora trabalhada para a academia de ginástica "G". Como se fosse uma espécie de "taxa" para usar a sala de musculação, o profissional comprava "x" horas/aulas e quando quisesse realizar a sessão de treino com o seu aluno, era obrigado a usar um "crachá eletrônico" ligado a um sistema que controlava quando começava e terminava a aula.

[237] Bourdieu (1983) comenta que a criação de novos estilos de vida é auxiliada cada vez mais pela proliferação de mercadores de necessidades: *designer*, terapeutas, marqueteiros e *personal trainers*, por exemplo.

Em suma, o trabalho como professor da sala de musculação era o momento de demonstrar o quão capazes eram no que diz respeito às algias, tornando, assim, o tempo de trabalho como um tempo de investimento em *personal trainer*, ou como alguns diziam, ali era a "vitrine" deles. A relação professor-aluno ou profissional-cliente, face ao cuidado com os riscos dos desconfortos físicos, muitas vezes, ficava atravessada ou ressignificada por um ideal mercadológico do ramo de *personal trainer*. Tal situação me fazia repensar o lugar do professor de Educação Física como profissional de saúde, sobretudo em estabelecimentos comerciais, onde os "limites" do corpo da coletividade eram modulados a partir de certos interesses financeiros individuais em que a "*performance* de venda" neste drama social era hipervalorizada.

Isso poderia ser visto logo no primeiro contato do aluno com os professores no momento de prescrição dos exercícios físicos ali na musculação. Embora o aluno fosse obrigado a realizar uma avaliação funcional (antropometria, anamnese, teste de aptidão cardiorrespiratória, etc.) para poder realizar as práticas corporais, tal documento raramente era consultado pelos profissionais. Assim, se o professor não conhecesse o aluno, para prescrever o treino, em uma breve entrevista, perguntava antes basicamente qual era o nome, o objetivo e se o aluno tinha alguma "restrição de dor", pois havia toda uma cautela sobre as mesmas para não afastar o cliente recém-chegado. Caso o professor já conhecesse o aluno, bastava perguntar como estava o treinamento anterior, se os objetivos continuavam os mesmos e se surgiu algum desconforto físico nesse tempo. A partir dessas breves perguntas, o professor de Educação Física iniciava a sua prescrição de exercícios físicos com seus alunos em constante atenção sobre qualquer incidente que poderia ocorrer durante as práticas corporais.

De modo semelhante à perspectiva de que a consulta médica é ritual e simbólica entre os profissionais e os usuários, levando em consideração que a construção da dor também se estabelece nessa interação (HELMAN, 1994; LE BRETON, 1999), o mesmo se dava na interação entre o professor de Educação Física e seus alunos no ato da prescrição de exercícios físicos face às algias. No sentido de Goffman (2002), os atores sociais, professores e alunos, em cena principalmente na musculação da academia de ginástica "G" dramatizavam aqui e ali durante os contatos face a face como deveriam lidar com os desconfortos físicos. Assim, enquanto os professores tentavam afirmar as suas *performances* profissionais, os alunos reiteravam a todo instante os seus lugares "vistos de cima" na sociedade na medida em que dialogavam criticamente sobre as prescrições de exercícios físicos.

A coordenação da academia de ginástica "G" selecionava criteriosamente qual professor de Educação Física que estaria apto para atuar com os alunos que apresentassem

queixas físicas na sala de musculação e os indicava para estes clientes. Embora os professores participassem de um processo seletivo interno em que escolheria quem teria este *status* de professor-especialista de reabilitação, era claro que a forma com que o profissional lidava com os clientes contava bastante para além de qualquer competência técnica relativa a conter certos "riscos" dos alunos. Calesco *et al*. (2013) realizaram uma comparação do valor percebido de clientes e administradores sobre os serviços prestados em academias de ginástica e identificaram que "Sobre a comunicação entre os profissionais e os clientes da academia, observou-se que esta questão era a mais valorizada pelos administradores." (p. 50).

Assim, rotineiramente, escutava dos profissionais que esse serviço oferecido pelo estabelecimento deveria ser realizado por professores "menos agressivos" aos clientes, que "chegassem devagar" nos alunos, pois tal público possuía "naturalmente baixo autoestima", haja vista que carregava as "dores no corpo". Além disso, conforme os próprios profissionais, pelo fato do professor-especialista de reabilitação entrar em contato com pessoas "mais estigmatizadas" naquele espaço como, por exemplo, idosos e obesos, a "abordagem ao cliente" teria que ser feita de modo mais "ameno" ou de maneira mais "afetiva e paciente" para não "espantar" o sujeito do estabelecimento. Os profissionais de Educação Física me relatavam que a recepção a este aluno objetivava que este se identificasse com um tipo de programa de treinamento que serviria também, por exemplo, para "tímidos" ou "introvertidos", por exemplo, haja vista que o ambiente da musculação era "hostil", isto é, tinha somente gente "sarada" e "forte" a depender do horário do setor da musculação[238].

Embora existisse essa preocupação da academia de ginástica "G" em reter o cliente considerado "comprometido por causa de alguma lesão", poucos profissionais circulavam pelo espaço da musculação com este "título" de professor-especialista no turno da tarde e da noite. No entanto, no turno da manhã, tanto professores quanto alunos privilegiavam mais exercícios físicos voltados a determinadas especificidades relacionadas às dores agudas e crônicas na medida em que o público era composto mais de pessoas "de idade" e precisavam de uma "atenção especial", isto é, segundo os profissionais, estariam mais no "limite" dos "riscos".

Os tais professores-especialistas ganhavam aproximadamente de R$ 1,00 a R$ 2,00 a mais da hora/aula de R$ 8,00 em média do que os outros profissionais, isto é, totalizavam entre R$ 9,00 a R$ 10,00 por hora trabalhada. Muitas vezes, era visto como um trabalho

---

[238] Parecia pairar uma ideia geral que apenas os extrovertidos conseguiam se engajar efetivamente nas práticas corporais em academias de ginástica, como identificou Lin (2007).

"penoso" pelos profissionais, pois eles tinham que "ficar aturando gente chata", na medida em que os alunos a todo instante os acionavam reclamando de dores. Em determinada ocasião, um profissional desabafou comigo em uma fala emblemática: "Cara, estou de saco cheio dessa mulher que fica reclamando de dor, essa porra deve ter fibromialgia[239], não é possível!". Em outro dia, ao esbarrar nos ombros de um aluno conhecido por todos pelo fato de sentir "muitas dores", um professor me disse, em particular e de forma irônica, que, ao encostar nele, "sentiu até uma dorzinha". Em outra passagem, quando o aluno relatava suas inúmeras dores corporais, o professor brincou perguntando se o cliente estava "se graduando em lesões". Em outra situação, ao brincar com um professor que ganhava mais do que todo mundo ali, outro profissional que estava passando me corrigiu dizendo que aquele "ganhava mais dor de cabeça", uma "verdadeira aporrinhação", porque pessoas "bichadas" não paravam de procurá-lo para orientação.

Logo, era claro também para grande parte dos profissionais ali o pouco interesse em investir em tal público pela "alta demanda que os exigiam", reagindo com hostilidade ou ironia. Além disso, havia a ideia de "grande responsabilidade de tratar dessas dores", como um professor chegou a me dizer que tinha medo até de ser "processado judicialmente" ou outro que me disse que "tinha que ter um cuidado absurdo com tal público, porque se errasse, já era, ia ser mandado embora!".

Mais do que se munir de uma orientação técnico-científica no que diz respeito a "curar" ou "amenizar" as sensações álgicas dos alunos, o professor "testava" os "limites" de dores dos alunos até o ponto que eles podiam suportar. Alguns professores comentavam que usavam a premissa de se basear no "limiar da dor", pressuposto esse que seria derivado da área de fisioterapia, com a finalidade de prescrever os exercícios físicos para os seus alunos, mas que, no fundo, havia também a relação de consumo das práticas corporais em que o professor vendia "menos dores" e o cliente comprava esse "alívio".

A ideia era de que se o profissional "machucasse o cliente", este poderia escolher outro estabelecimento ou outro professor que, teoricamente, estaria mais capacitado. Para este professor de Educação Física não deixar esvaziar a sua "lista de clientes", porque os alunos poderiam migrar para outra academia de ginástica ou para a "cartela do outro profissional", trabalhavam com o público exigindo o máximo de *performance* corporal, porém o deixando na academia de ginástica o mais confortável possível; sempre sob a sua exclusiva

---

[239] Em suma, fibromialgia é uma síndrome caracterizada por dores musculares difusas pelo corpo, associadas a outras comorbidades.

supervisão[240]. Assim, as dramatizações de "cura" eram moduladas também pelas relações deste contexto entre profissionais e clientes e as interações face a face se delineavam a partir desta lógica mercadológica, isto é, valia a *performance* do professor em atuar com as necessidades e os interesses dos clientes.

Eu ouvia comentários que "fulano era do professor 'x'!" ou que "cicrano era o responsável pelos treinos de beltrano", demonstrando que o sujeito não era da academia de ginástica e sim de determinado profissional de Educação Física. Assim, na musculação, inúmeros eram os momentos em que eu observava professores evitando orientar o aluno de outro profissional, principalmente quando aquele tinha algias. Poderia transparecer antiético um profissional que ficasse orientando por muito tempo um cliente de outro professor por estar, na teoria, interferindo nas orientações previamente dadas. Poderia se configurar também como um caso de um profissional "querendo roubar" o cliente do outro professor em vistas das possibilidades de angariar lucros com o serviço de *personal trainer*. Além disso, alguns professores alegavam que não se arriscavam em "consertar os erros dos colegas de profissão"; ou ainda, que não ganhavam mais dinheiro e não se cansavam para orientar alunos que "não eram seus", etc.

Na academia de ginástica "G", os alunos, por sua vez, também criavam estratégias para evitar as dores haja vista que o sentimento de risco à saúde associado às lesões era uma constante. Embora o programa de exercícios físicos tivesse sido prescrito pelo professor justamente visando tais "limites" relativos aos desconfortos físicos, eu observava inúmeros alunos no cotidiano realizando menos exercícios físicos ou com a quantidade de carga aquém da proposta, modificando os ângulos dos movimentos com o intuito de reduzir a amplitude do mesmo, optando por aparelhos de musculação que trabalhassem a mesma região solicitada pelo professor, porém com menor "risco" pelas engrenagens dos mesmos que facilitavam o equilíbrio do corpo, etc.

Em termos gerais, via que em ambas as academias de ginástica, os professores de Educação Física também se deparavam com seus próprios "limites" corporais ao ressignificarem as "dores", situações estas que poderiam interferir na sua prática profissional. Enquanto na academia de ginástica "P", as *performances* de gênero se estabeleciam como requisitos fundamentais para a atuação profissional, na academia de ginástica "G", parecia

---

[240] Malysse (2008) também identificou em seu estudo em uma academia de ginástica de grande porte que havia uma tendência do professor ameaçar o aluno caso este "fugisse" de suas prescrições, isto é, "se ferraria".

que era o próprio desempenho corporal (ou laboral[241]) que assumia tal papel durante as interações sociais na musculação.

Na academia de ginástica "P", havia alguns alunos homens que pareciam cultuar ou almejar um tipo ideal androcêntrico[242] no espaço da musculação na medida em que eram "fortes" e "viris" ao aguentarem as dores agudas e crônicas durante a realização dos exercícios físicos. Alguns desses modelos androcêntricos de aparências corporais e de atitudes tipicamente masculinas serviam principalmente para grande parte dos homens legitimarem as suas dores na academia de ginástica "P". Na maioria das vezes, percebia que tal ideal era representado em corpos volumosos, tatuados, "desenhados" por músculos ou cicatrizes, suados e "dignos" de sofrimento com comportamentos que hipervalorizavam o masculino, "sempre isento de qualquer risco à saúde", representando uma espécie de capital de gênero (BRIDGES, 2009).

Assim, a depender do grupo social da academia de ginástica "P", ficar "reclamando" desses tipos de dores vinculadas a possíveis lesões poderia ser considerado não muito masculino por todos ali, logo motivo de chacotas pelos sujeitos que malhavam com tais desconfortos físicos:

> Montanha: Alan, chega aqui, lembra da dor daquele dia? Caralho, continuo sentindo!
> Eu: Eu te vi alongando ali, já suspeitava! O que você tá fazendo pra melhorar?
> Montanha: Eu não estou fazendo nada, continuo com a minha malhação.
> Eu: Porra nenhuma, você diminuiu os pesos e está mais triste hoje pela sala de musculação! Você toma algum remédio? Foi ao médico?
> Montanha: Eu não tomo remédio, eu consigo aguentar! No UPA, não tem!
> Eu: E aquele alongamento ali na barra?
> Montanha: Já fiz, vou continuar assim mesmo até passar! Sou homem, porra!
>
> Cauã: O que você tá fazendo hoje?
> Xandão: Costas!
> Cauã: Fala pra mim o que você tá fazendo de exercício!
> Xandão: Cara, eu não faço remada sentado e nem exercícios unilaterais, de um lado só porque posso acabar pegando mais peso de um lado do que do outro, tenho medo de algo, daí prefiro fazer tudo junto pesado pra equilibrar.
> Montanha: Deixa de ser viado, é pra sentir dor, guerreiro!

Diante de todos ali no que diz respeito a este contexto de androcentrismo, alguns alunos, tanto aqueles mais experientes, avançados ou veteranos quanto os iniciantes ou

---

[241] Schechner (2006) aponta que no contexto do "mundo" dos negócios, desempenhar *performance* significa trabalhar de modo eficiente e com o máximo de produtividade.

[242] Sabino (2003) esclarece o significado do conceito de androlatria. Gastaldo e Braga (2011) lembram que o *ethos* masculino vem sendo um tema recorrente em diversas pesquisas (incluindo os estudos antropológicos em diferentes tribos) demonstrando que a afirmação do lugar de "homem" geralmente é atravessada por práticas de disputas e competições entre eles.

novatos, ocultavam os seus desconfortos físicos provindos das dores agudas e crônicas durante a realização das práticas corporais reforçando uma espécie de masculinidade, pois "homem de verdade não sentia dor". De acordo com Connel (2008), a não manifestação da dor pode ser um sinal de virilidade, demonstrando que determinados tipos de comportamentos de desconfortos são aprendidos desde a infância. Sarti (2001) também lembra que "As clivagens de gênero também instituem formas muito distintas de lidar com a dor. Suportar a dor em silêncio pode ser sinal de virilidade em certas culturas, que, em contrapartida, permitem e valorizam nas mulheres a expressão explícita do sofrimento." (p. 10).

Assim, o espaço da musculação propiciava um ambiente de interação em que alguns alunos ao se exercitarem não podiam tornar públicas as suas dores agudas e crônicas, uma vez que tais situações depreciavam moralmente os sujeitos, isto é, colocavam em cheque as suas orientações sexuais de heterossexual. Embora existisse uma série de meios verbais e não-verbais de sentir dor, mais expressivos ou mais contidos, notava que os alunos homens calculavam os custos e os benefícios da forma de expressar certo desconforto físico, pois, a todo instante, tinham que agir "como homens", isto é, revelando questões emocionais e sentimentais de modo "firme" e se "autovalorizando"[243]. Argumentar que aguentava tais algias representava certa posição de prestígio em grande parte dos grupos sociais que frequentavam a academia de ginástica "P", pois ali, como ponderaria Le Breton (2009), o "risco" era o de não assumir o "risco" em torno do corpo no "limite" da masculinidade. Por isso, por exemplo, em vez de dizer simplesmente "ai, está doendo aqui!", "essa dor não me larga" ou "que dor chata!", era preciso falar "que dor gostosa!", "malho com dor mesmo!", "não sinto nada, só uma dorzinha!", geralmente, com alguns palavrões associados para provarem que eram "machos".

Em síntese, grande parte dos alunos homens da academia de ginástica "P" com os desconfortos físicos desses tipos de dores tendia a continuar a prática dos exercícios físicos, na minoria das vezes tornando públicas as suas algias, pois explicitar e sentir-se em "risco" era ser "viadinho". Por outro lado, os alunos tornavam públicos aqueles desconfortos físicos e faziam questão de relatarem as possíveis lesões que tinham pelo corpo para todos no sentido de se alinharem a um comportamento androcêntrico ligado a necessidade de se afirmarem

---

[243] De acordo com Helman (1994), diante do sofrimento e da dor, há uma tendência dos homens manifestarem uma linguagem do sofrimento sem emoções ou queixas. Embora desde Mauss (1979) haja a perspectiva de que como e quais tipos de sentimentos determinados grupos sociais devem exprimir, penso que é preciso relativizar os gêneros na medida em que, de acordo com Separavich e Canesqui (2013), "As diferentes masculinidades encontram-se imbricadas no processo saúde/doença vivido pelos homens." (p. 415).

como “homens”, uma vez que estar longe ou desafiar certos “riscos” se traduzia como uma espécie de masculinidade bem aceita ali.

Le Breton (2009) aponta que “As formas de desafio em relação ao perigo, que caracterizam os meios populares nos ofícios ou funções de risco, remetem a uma construção identitária da masculinidade baseada na coragem, na força, na resistência, na destreza etc.” (p. 18). As identidades de grande parte dos alunos homens da academia de ginástica “P” eram construídas a partir da ideia que os processos de “cura” deveriam ser “dolorosos”. Tal dado ocorria tanto entre os alunos mais experientes, avançados ou veteranos, quanto entre os iniciantes ou novatos, embora tal dramatização ficasse mais acentuada quando àqueles se dirigiam a estes últimos e raramente o inverso. As disputas de “ser” um homem viril na vida cotidiana eram reproduzidas durante as práticas corporais e as suas relações com as dores agudas e crônicas.

Assim, embora fosse compreensível que estes alunos homens tentavam impor os seus lugares sociais no estabelecimento ao reforçar as suas identidades de gênero perante todos ali, muitas vezes, via também que as dores agudas e crônicas avançavam em seus graus de complexidade, independentemente se “escondiam” ou “manifestavam” suas algias. Nas palavras de Le Breton (2009), “O temor de perder o prestígio ou o imperativo de querer sempre demonstrar a eles uma habilidade particular é importante fonte de exposição aos riscos.” (p. 43). Assim, ao acompanhar diariamente alguns desses alunos, eu ia descobrindo por eles que, ao longo do tempo, cada vez mais estavam “piores” em suas condições físicas justamente por ressignificarem as relações de gênero e estes tipos de “limites” corporais[244]. Helman (1994) destaca que “[...] a saúde dos homens – em particular dos mais jovens – é amiúde posta em risco através da prática de esportes perigosos e competitivos, mutilações corporais, rituais de iniciação e provações públicas de virilidade e machismo, características de muitas culturas.” (p. 152).

Em suma, grande parte dos alunos parava de “malhar” somente quando as dores agudas e crônicas eram realmente limitantes, tanto durante os exercícios físicos no interior do estabelecimento quanto nas atividades cotidianas no exterior da academia de ginástica “P”, este último com uma maior atribuição de “risco”. Nesse contexto, os professores de Educação Física quando interagiam com os alunos que tinham tais algias aparentemente se “omitiam” ou reforçavam a necessidade da manutenção dos exercícios físicos:

---

[244] Gomes *et al*. (2014) resgata na literatura as discussões em torno dos “corpos masculinos” no campo da Saúde.

> Michele: Sinto dor aqui!
> Prof. José: É normal!
> Michele: Mas está doendo, antigamente quando eu fazia academia também, eu sentia isso aqui!
> Prof. José: Ficar uma semana de folga é assim mesmo, quem manda faltar! Vai lá e faz!
>
> Lara: Sinto dor aqui dentro do joelho quando faço esse movimento!
> Prof. Cobra: Alonga então, logo depois de fazer o exercício. Faz o exercício e depois puxa a perna e alonga, mas continua fazendo.
>
> Cléo: Estou com uma dor há anos nesse joelho, queria voltar a treinar jiu-jitsu.
> Prof. Cobra: Você fica tomando remédio e esconde sua dor, não pode, não pode tomar remédio. Você vai ver, vai melhorar, faz quatro séries de quarenta repetições na cadeira extensora. Esticando o joelho com carga vai melhorar isso aí rápido!

Parte dos profissionais me falava que era intolerante ao orientar os alunos com dores, pois, segundo os professores, "a galera se machucava lá fora e queria ficar reclamando dentro da musculação sobre seus desconfortos aqui e ali". Assim, quando os raros alunos buscavam os profissionais da academia de ginástica "P" demonstrando as suas demandas relativas às algias, parecia que não obtinham tanto *feedback* daqueles que ali atuavam diariamente. Sobre aqueles profissionais que frequentemente se "omitiam", quando o aluno relatava sobre suas algias, os professores falavam para mim que "não adiantava nada orientar teimosos", pois os alunos continuavam malhando "até o fim do que queriam se exercitar, independente da presença dos desconfortos". Os profissionais aparentemente "chateados" afirmavam que os alunos achavam que os professores "estavam de sacanagem", querendo diminuí-los, mas, na verdade, desejavam apenas "consertar determinado movimento executado de forma inadequada", por exemplo. Os professores comentavam que não estavam ali para "aturar marmanjos que ficavam chorando, pois somente iriam orientar quem quisesse ser orientado!".

Embora, de início, estranhasse os comportamentos dos professores, ao longo do tempo, sentia que entre os alunos e os profissionais de Educação Física, havia uma espécie de "rivalidade de gênero", pois "homem (professor) não cuidaria de homem (aluno)" e nem "homem (aluno) gostaria de ser cuidado por homem (professor)", quando o assunto era relativo a essas dores agudas e crônicas. Pelo fato de grande parte dos professores serem homens, via que estes preferiam abordar mais as mulheres da academia de ginástica "P", gerando uma noção para muitos profissionais que "elas que queriam se cuidar mais, por isso davam mais atenção para as lesões delas". Pelo que eu via, a interação professor-aluna era mais intensa e não necessariamente a questão do cuidado estava envolvida. Breves relacionamentos entre professores-alunas ocasionalmente ocorriam naquele espaço por essas aproximações mais intensas entre um profissional homem e uma aluna. Alguns professores

comentavam que não estavam ali para "ficar ajudando cueca que a todo o momento se machucava!".

Presenciava inúmeras vezes um professor da academia de ginástica "P" alertando os alunos homens no sentido da melhor posição para a coluna quando fossem deixar os pesos no chão após a execução de um exercício físico, evitando assim certos "riscos". Os alunos, em grande parte das vezes, ignoravam ou respondiam o professor dizendo que "iriam jogar tudo no chão mesmo e queriam saber quem seria o 'maluco' que os impediria!" ou simplesmente declaravam que "faziam isso para demonstrar o quanto eram homens fortes!", isto é, "homem que é homem largava tudo no chão de qualquer forma". Diariamente, o professor me questionava os porquês dos alunos não deixarem os pesos "delicadamente" no chão em vez de jogá-los de qualquer modo no solo ou até mesmo se esses atos eram "falta de educação", bem como comentava que tais alunos no futuro "iriam reclamar de dores no cotovelo e no ombro por jogarem os pesos no chão toda hora".

Quando eu questionava os alunos homens quanto as suas relações com os profissionais do estabelecimento, aqueles diziam que os professores homens na musculação "não tinham a pegada" ou "não chegavam na pressão", isto é, eram "moles demais", deveriam ser mais "incisivos em suas orientações" – leia-se mais agressivos, como um homem deveria ser. Assim, "falar que tinham que tomar cuidado com determinada sobrecarga" ou "prestar atenção na execução ou na postura em dado movimento" eram orientações tipicamente "femininas" e não condiziam com o ideal de masculinidade valorizado naquele espaço, pois "homem de verdade se ferrava na vida e também no corpo". Por isso, não era raro ouvir dos alunos que os profissionais eram "feios, fracos e gays", porque tinham certo "jeitinho de explicar as coisas".

Notava que as orientações do professor de Educação Física da academia de ginástica "P" com seus alunos se assemelhavam a discussão de Bourdieu (1983b) quando afirma que o "refinamento da linguagem" típico da identificação da "classe dominante" quando se aproxima das "classes ditas dominadas" pode ser considerada uma maneira efeminada de usar o corpo. Assim, via que os cultos aos valores heterossexuais e viris que atravessavam a sociedade em geral implicavam na interação face a face entre professor e aluno na musculação da academia de ginástica "P". Le Breton (2012) comenta que:

> Estas provas que os jovens se infligem são ritualizações selvagens de uma passagem dolorosa, momentos 'transitórios', ou melhor, seus próprios corpos são um objeto de transição projetado, algumas vezes, severamente contra o mundo para poderem continuar um caminho denso de perturbação. (p. 40).

Já as alunas me diziam que os professores de Educação Física eram muito atenciosos com elas. No entanto, elas não os acionavam a todo instante porque poderiam dar a entender que queriam se relacionar com eles, isto é, "não davam brecha" ou "não davam tanta moral" para os professores, preferindo, às vezes, ficarem sozinhas sentindo as algias; ou ainda, optavam por perguntar ocasionalmente para outro aluno do estabelecimento[245]. Muitas alunas tinham receio de serem chamadas de "galinhas", "putas" ou "rodadas", por isso, pouco interagiam com os professores e alunos homens do estabelecimento. Assim, mais uma vez, a suposta subordinação ou a classificação do "masculino" para ou sobre o "feminino" recorrente na sociedade em geral também influenciava significativamente nas relações entre o profissional de Educação Física homem e as suas alunas na musculação da academia de ginástica "P".

Tendo em vista a premissa de que o professor de Educação Física possui um diferencial no sentido de utilizar-se, geralmente, de seu próprio corpo como elemento de mediação profissional (LÜDORF, 2008), questionava também a própria identidade dos profissionais no seu trabalho na musculação em academias de ginástica face às tais algias. Ao longo do tempo, percebia que os professores de Educação Física da academia de ginástica "G" também lidavam com os seus próprios "limites" corporais em relação às dores agudas e crônicas, principalmente quando estavam "lesionados":

> Eu: E o joelho? Como ele está? Você está mancando um pouco, né?
> Prof. Gilmar: O joelho já está bom, foi só uma luxação no ligamento colateral medial. Estou fazendo fisioterapia. Pelo fato de ter que trabalhar muito tempo em pé, tenho que sair da sala de musculação e colocar gelo. Já estou uns dias tomando anti-inflamatório, sem problemas agora! Isso não me afeta mais! Apenas isso, nada demais.
>
> Estagiário Lico: Alan, hoje estou sentindo muita dor na lombar. Parece que saiu uma vértebra do lugar. Não sei se espero a sala de musculação esvaziar ou se vou embora às nove da noite, em vez de sair às onze.
> Eu: Pede pra coordenação ir embora.
> Estagiário Lico: Não é assim não, só peço quando não aguento mais. Vou ver! Teve um aluno aqui que até me indicou tandrilax para as dores, mas sou alérgico a uma porrada de coisas.

Assim, o profissional de Educação Física vivenciava e ressignificava o ato de prescrever os exercícios físicos de forma experiencial a partir do seu próprio corpo, o que me fazia também repensar a época de quando eu atuava no espaço da musculação. Todo o imaginário relativo a ser um professor de Educação Física, sobretudo de academia de

---

[245] Sobre a visão de mundo e *ethos* de camadas médias suburbanas, Heilborn (1983) identificou justamente a discussão acerca daquelas jovens consideradas "sérias" e daquelas que "dão mole." (p. 6).

ginástica, parecia ter que se afirmar diariamente na interação com os alunos, na medida em que o atributo de estar com o corpo no "limite" do profissional deveria ou não ser passado para aqueles que receberiam as prescrições de exercícios físicos, a depender das circunstâncias. As dramatizações que marcavam as identidades dos alunos no espaço da musculação poderiam ser vistos no processo de construção da pessoa do profissional de Educação Física na academia de ginástica "G".

O corpo no "limite" relativo às algias do profissional de Educação Física no seu trabalho dentro do espaço da musculação era transposto relativamente no teor das suas prescrições de exercícios físicos para os alunos. Assim, o fato de se manter no "limite" era um legítimo dado compartilhado entre os profissionais da academia de ginástica "G" para se exigir "mais" dos seus alunos que porventura também estivessem com os mesmos sintomas. Os profissionais relatavam que se eles conseguiam trabalhar com tais algias, os alunos podiam e deveriam realizar as práticas corporais do mesmo modo "sem questionar"[246].

Por outro lado, para alguns professores de Educação Física da academia de ginástica "G", os alunos não podiam saber das suas algias pelo fato de acreditarem que estariam em descrédito na atuação com as práticas corporais concretizando, assim, uma ideia de que o profissional representava um lugar performático de referência de corpo na sociedade. Assim, podia presenciar inúmeras situações de interações entre os professores e os alunos que demonstravam distintas representações da dor e de riscos à saúde pelo fato de, provavelmente, também terem inserções sociais diferentes[247]:

> Eu: Reginaldo, você que trabalhou em outras academias, me ajuda em um negócio: o público daqui age diferente de outras academias no que diz respeito à dor?
> Prof. Reginaldo: A galera mais pobre geralmente tem um limiar de dor mais alto, aqui na Barra é tudo "viadinho", eu sei disso porque eu já trabalhei em outra academia, lá na Zona Oeste, em Campo Grande. Ontem mesmo meu aluno foi um exemplo disso: fomos correr na areia, ele ficou o tempo todo reclamando do músculo solear. Ele fica falando que tem que ficar alongando, toda hora é isto, muito viado e eu, com uma puta dor no joelho, parecia que estava enfiando uma agulha na minha patela, continuei correndo sem falar nada pra ele. Daí, tivemos que nos

---

[246] Em consonância ao ponto de vista de Palma *et al.* (2007), tal fato pode ter vínculo também a uma das interpretações feitas no estudo de Quelhas (2012) com profissionais de Educação Física no sentido de quando menciona que "Apesar de vários relatos apontarem um grande desgaste físico, identificamos em alguns depoimentos, certa relativização do problema, o que, em nossa avaliação, está relacionado com o histórico pessoal de afinidade dos trabalhadores do *fitness* com a prática de exercícios físicos, e também pelo fato de serem praticantes habituais de atividades físicas de longa data, o que lhes traz mais adaptação e resistência ao desgaste físico." (p. 210).

[247] Bouzón (2010) aponta em seu trabalho etnográfico em salões de beleza justamente sobre as diferenças de inserções sociais entre os profissionais e seus clientes: "Refiro-me ao contato entre diferentes estratos socioeconômicos que o salão de beleza proporciona. Mais especificamente, aquele que se dá entre funcionários do salão e clientes. Contato este que, no geral, se caracteriza por uma relação transpassada por dessemelhanças no que diz respeito a possibilidades econômicas, visões de mundo e estilo de vida." (p. 168).

> deslocar para o bosque, ele disse que ficaria melhor porque não ia sentir dor, fala sério, mal sabe ele que lá tem mais impacto para as articulações.
>
> Estagiário Lico: Fala, Fabiano, beleza? Seu ombro melhorou, né, já está treinando!
> Fabiano: Sim e o seu ombro?
> Estagiário Lico: Um dia vai melhorar!
> Fabiano: Faz isso não cara, pára e vê isso direito!

Nesse sentido, na academia de ginástica "G", em muitas ocasiões, parecia que o lugar do professor se invertia com o do aluno. Os alunos davam conselhos para os profissionais de Educação Física no sentido de cuidarem mais da saúde deles, de trabalharem menos e de prestarem atenção na "exploração laboral" de que o estabelecimento se aproveitava, de terem mais tempo para a família e lazer, etc. Além disso, os alunos ficavam indignados com o próprio profissional que sentia as algias; tal situação se agravava, quando o professor de Educação Física não demonstrava interesse em verificar o que estava acontecendo com o próprio corpo ou com os "riscos" que os acometiam. Parecia que a ideia discutida por Sarti (2001) se concretizava naquele espaço:

> A singularidade da dor como experiência subjetiva torna-a um campo privilegiado para se pensar a relação entre o indivíduo e a sociedade. Toda experiência individual inscreve-se num campo de significações coletivamente elaborado. As experiências vividas pelos indivíduos, seu modo de ser, de sentir ou de agir serão constitutivamente referidos à sociedade à qual pertencem. (p. 4)

O fato de ter que trabalhar demasiadamente por vezes obrigava o professor de Educação Física saber conviver com os altos níveis de desconfortos físicos. Se para o profissional de Educação Física era o "corpo do trabalho braçal" resumido a um "corpo produtivo e instrumental" em virtude do trabalho na sala de musculação, para os alunos, estes raramente precisavam de seus corpos como instrumentos de fonte de renda pela natureza de suas ocupações laborais como a de médico, advogado, empresários, economistas, etc.[248]. Embora não seja uma prerrogativa absoluta, confirmava-se, portanto, a ideia de Boltanski (1984) ao comentar que pode haver distinções entre certos usos do corpo de acordo com as profissões no sentido, por exemplo, que quanto mais alta é a classe social, maior tendência de se praticar atividades físicas e menor é o uso do corpo nas atividades laborais[249].

Nesse sentido, sobretudo na academia de ginástica "G", identificava que tais situações atravessavam uma questão relacionada à saúde do trabalhador referente às condições laborais

---

[248] A distinção entre o trabalho manual e o intelectual é histórica e constitui grande parte da educação do corpo em diferentes sociedades (CROCHÍK, 2003; HEROLD JUNIOR, 2012).

[249] Talvez, semelhante à interação entre professor-aluno, Boltanski (1984) esclarece que a relação médico-paciente pode ser diferente a depender das classes sociais de cada um e como suas linguagens são construídas em co-presença.

dos professores de Educação Física debatida exaustivamente na literatura[250]. A lógica utilitarista de aptidão para o trabalho compreendida e ressignificada pelo profissional se destoava dos seus alunos na medida em que, para os professores, na perspectiva de Espírito-Santo e Mourão (2006), "A saúde, na representação deles, está a serviço do trabalho, dessa forma o professor tem como regra a obrigação de estar apto para desempenhar suas funções laborais, deixando outras coisas relegadas a segundo plano." (p. 51). Assim, discordo, por exemplo, da premissa de Guimarães Filho *et al*. (2011) ao afirmarem que o profissional "[...] descuida-se da sua saúde para aumentar os rendimentos salariais, por meio do aumento quantitativo de clientes de atividades *personal* e de aulas coletivas." (p. 211), pois, em algumas ocasiões, a possibilidade de "trabalhar" significava justamente "saúde".

Independentemente do professor de Educação Física tornar público ou privado os seus "limites" de dores agudas e crônicas, via que as suas *performances* laborais na academia de ginástica "G" deveriam ser mantidas em interações face a face com os alunos. A intenção dos professores era que este tipo de "limite" imposto ao corpo não comprometesse a sua "fachada", no mesmo sentido dado por Goffman (2002), isto é, o seu papel de desempenhar as suas competências profissionais ali na musculação.

Portanto, à guisa de algumas considerações finais, observava que a depender de como eram concebidas as dores agudas e crônicas e suas relações com o risco à saúde em academias de ginástica, a interação entre o professor de Educação Física e seus alunos poderia se modificar substancialmente. Embora as dores sejam uma resposta biológica universal a um estímulo nocivo, elas são percebidas de forma singular a depender do grupo social (HELMAN, 1994). Nessa direção, a intervenção com as práticas corporais na musculação face a este "limite" também era influenciada, em parte, pelo contexto socioeconômico e cultural em que a academia de ginástica estava engendrada, como podia observar comparativamente entre as academias de ginástica "P" e "G".

---

[250] Embora não seja o foco da presente pesquisa, posso citar que, por diferentes perspectivas teórico-metodológicas, existem inúmeros estudos que discutem (in)diretamente a síndrome do esgotamento profissional ou o processo de *burnout* em professores de Educação Física em academias de ginástica e no âmbito escolar.

4.2.1.2 Dores de sacrifícios e sofrimentos corporais: entre o malhar e o treinar.

As dores de sacrifícios e sofrimentos corporais aqui se referem àquelas dos esforços físicos extenuantes, responsáveis por gerarem as fadigas ao longo da realização das práticas corporais e que, por vezes, deveriam ou não ser evitadas no espaço da musculação. O antigo chavão "*no pain*, *no gain*" que permeou a ideologia esportiva e do culto ao corpo, principalmente durante a década de oitenta (SABO, 1992; FRAGA, 2000), reflete, em parte, o que significam esses tipos de dores observadas nas academias de ginástica "P" e "G"[251]. Durante o trabalho de campo, via nas interações sociais a noção de que era preciso ou não "obrigatoriamente" ultrapassar os "limites" da dor durante a realização dos exercícios físicos com o intuito de se obter os benefícios para o corpo[252].

Assim, tais dores estavam ligadas a diferentes atributos corporais almejados tanto por alunos quanto por professores nos espaços das academias de ginástica "P" e "G" que, por vezes, estavam conectadas a diferentes ideias de risco à saúde. As identidades construídas e compartilhadas durante as interações sociais entre os alunos mais experientes, avançados ou veteranos e iniciantes ou novatos no que diz respeito a esses tipos de dores apontavam de modo mais evidente, por exemplo, como deveria ser o engajamento nas práticas corporais em ambas as academias de ginástica.

As dores de sacrifícios e sofrimentos corporais era um dos elementos mais relevantes nessa construção de como ser um frequentador de academia de ginástica. A depender das interações dos contatos face a face em determinados contextos produzidos na musculação, as concepções referentes às dores de sacrifícios e sofrimentos corporais se modificavam substancialmente em ambas as academias de ginástica. Reparava que as noções de se fazer esforço físico na musculação no "limite" ou não eram extremamente plurais e dinâmicas.

Observava que o antigo chavão "*no pain*, *no gain*" não necessariamente atravessava os espaços da musculação das academias de ginástica da mesma maneira e principalmente de maneira semelhante para os diferentes grupos sociais. A partir da ótica interacionista de

---

[251] Le Breton (1999) lembra que "Los orígenes de la palabra *pain* (dolor en inglés) o *pein* (alemán), son en griego y latín *poine* (sufrir) y *pcena* (castigo)." (p. 128). Geralmente, os trabalhos antropológicos que se referem às essas dores e o espaço das academias de ginástica se remetem ao domínio religioso de diversos estudos (DURKHEIM, 1996; MAUSS; HUBERT, 2005).

[252] O próprio antropólogo Malysse (2008) no seu estudo em academia de ginástica absorve essa ideia do "*no pain*, *no gain*": "Essa antropologia da musculação é uma antropologia da dor ou da negação. Se doer, se forçar demais...faço uma pausa. Sei que é justamente nesses momentos que alguma coisa acontece nos meus músculos." (p. 42).

Goffman (2011), estar no "limite" ou não com o corpo se diversificava a depender dos contextos e dos contatos face a face.

A discussão ritual periódica de sacrifícios delineada por Mauss e Hubert (2005) ou a questão das dores nos rituais de passagem de Turner (1974) e de Gennep (2011), podem ser vistas pelos processos interacionistas de *performances* que tendem a elevar o *status* da pessoa e a coesão coletiva (GOFFMAN, 2002; SCHECHNER, 2011). Geralmente, os professores de Educação Física e os alunos mais experientes, avançados ou veteranos que "ditavam" os sacrifícios e os alunos iniciantes ou novatos que "sofriam" as abnegações quanto a esses tipos de dores com os corpos no "limite", embora durante as múltiplas interações sociais tais relações eram relativas ou até mesmo inexistentes. Pensando nessas estafas na musculação de ambas as academias de ginástica, tal dado se alinhava a perspectiva de Mauss e Hubert (2005) de que os esquemas de sacrifícios variam de forma complexa e múltipla segundo suas funções gerais e específicas sob certas circunstâncias para uma diversidade de fins.

Identificava como os professores de Educação Física e os alunos ressignificavam e lidavam com tais desconfortos durante a realização cotidiana de exercícios físicos na musculação. Tanto os professores quanto os alunos transitavam entre querer "malhar" ou "treinar" o corpo. A categoria nativa de "malhar" estaria atrelada à ideia de se exercitar vigorosamente no sentido de "espancar", "surrar", "dar pancadas" e "machucar" o corpo[253]. "Treinar" se alinharia à noção de "adestramento" no sentido de tornar o corpo "apto", "capaz" e "habilitado" a partir de diretrizes técnico-científicas do treinamento desportivo, evitando qualquer incidente negativo para o organismo durante a realização de exercícios físicos[254].

Na academia de ginástica "P", não me lembro de mencionarem uma única vez, por exemplo, se "iriam treinar" ou se "montariam um treino". Durante o trabalho de campo, reparava que eu era o único que usava o termo "treinar". Quando perguntava para um aluno se o "treino" dele estava rendendo, ele me indagava sobre o que era esse "negócio de treino". Embora soubessem o que significava "treinar", aparentemente, os alunos compreendiam que realizar as práticas corporais não era uma espécie de "treino", ponto de vista diferente este ligado a minha inserção como professor de Educação Física. Surpreendia-me que os próprios

---

[253] Sobre essa espécie de "violência" durante o trabalho corporal, Coelho Filho (2002) lembra que "A palavra malhar, etimologicamente, tem em si a idéia de mancha (mácula), de tecer e trançar, de bater, contundir e dar pancada, de castigar o corpo, de zombar e escarnecer." (p. 3).

[254] No ponto de vista de Vigarello (2008), "O treinamento se codifica, seja como for: menos ligado aos antigos regimes alimentares ou ao trabalho suarento dos cavalos, dos boxeadores e dos jóqueis, mais ligado aos gestos e a seus efeitos, engrandecendo técnicas e tabelas. O tempo, sobretudo, se divide em pedacinhos [...]." (p. 203).

professores também não usavam a expressão do "treinar", mas privilegiavam a "malhação". Em suma, ali na musculação ninguém "treinava", mas, na verdade, "malhava".

Por outro lado, quando eu havia começado a frequentar a academia de ginástica "G", ficava me monitorando sobre o que entendiam por "malhar" ou "treinar". Lembro que quando eu era professor de Educação Física de uma das grandes academias de ginástica do Rio de Janeiro localizada na Zona Sul da cidade, próxima do porte da academia de ginástica "G", nas reuniões de equipe, meu coordenador sempre dizia:

> Como queremos vender algo que se assemelha a um castigo? Aqui as pessoas não "malham", elas "treinam". Nós, professores, temos que oferecer nada que alude a "malhar o Judas", "malhar o outro", etc. Por acaso, vocês já viram no dicionário o que é "malhar"? Pois bem, quero ver professor meu elaborando "planilhas de treino", se valorizem, valorizem o conhecimento do treinamento.

Assim, durante as primeiras semanas de trabalho de campo, já esperava e confirmava que na academia de ginástica "G" os professores "prescreviam treinamentos" e os alunos "realizavam treinos" no setor da musculação. Quando perguntei a um professor se os alunos "malhavam à risca" do que ele prescrevia com o intuito de saber, no ponto de vista dele, se ele acreditava que seus exercícios físicos eram "plenamente" executados, ele me respondeu que "infelizmente, não; muitos malham, mas poucos treinam de verdade, de forma séria. A galera que malha não segue as orientações, faz por fazer, e acaba se lesionando depois, já quem treina observa tudo: tempo de intervalo, aumento da sobrecarga, a execução do movimento, objetivo preciso, etc.". Tal fato era notável na conversa dos alunos se referindo sempre ao sentido das "metas de treino". Vigarello (2008) aponta que "Este corpo técnico, deve-se insistir nesse ponto, é um corpo medido. Seus progressos, como treinamentos, são 'maquinados'. Proclamam-se as eficácias, calculam-se as potencialidades." (p. 209).

Nesse contexto, observava, portanto, que os atos de "malhar" e "treinar" perpassavam pela questão dessas dores no ato de realizar os exercícios físicos em academias de ginástica. Enquanto na academia de ginástica "P", "malhar" era legítimo na medida em que sentir dores de esforços físicos era socialmente aceitável para grande parte do público que frequentava o estabelecimento, na academia de ginástica "G" poderia ser considerado falta de "competência corporal" dos sujeitos que ali se exercitavam, pois eles "treinavam de verdade". Presenciei uma situação em que um estagiário da academia de ginástica "G" perguntou se a aluna iria malhar e obteve a seguinte resposta: "Por acaso você está falando comigo? Não, vou treinar e não malhar!".

Era possível afirmar, a partir da "busca da excitação" de Elias e Dunning (1992), que se exercitar na musculação em ambas as academias de ginástica podia gerar "tensões

prazerosas", "malhando" ou "treinando". Isto é, "malhar" ou "treinar" faziam parte de um escopo da vida social que podiam compensar a liberação de emoções coletivas em forma de catarse face a uma sociedade instaurada pela racionalidade do trabalho responsável por "tensões desagradáveis". Dessa forma, as "tensões agradáveis" geradas na musculação eram buscadas pelos sujeitos com o intuito de adotar um meio compensatório no sentido de criar outros tipos de "tensões sérias e estressantes" no cotidiano[255]. Nas academias de ginástica, havia modos de administrar certos "riscos" de forma relativizada em dados grupos sociais, isto é, na perspectiva de Elias e Dunning (1992a), o "risco", por vezes, indo até o "limite", se caracteriza como um modo essencial de vivenciar inúmeras atividades consideradas de lazer.

Assim, a seriedade e o compromisso no engajamento e na *performance* nas práticas corporais eram relativamente distintos entre os estabelecimentos. Enquanto na academia de ginástica "P", a noção de "malhar" se constituía como uma prática corporal de lazer sério, na academia de ginástica "G", era o "treinar" que assumia tal perspectiva; ambas na direção de uma excitação agradável. Nesse sentido, à primeira vista no meu trabalho de campo, analisar as racionalidades ligadas às dores provindas dos exercícios físicos entre o "malhar" e o "treinar" poderia transparecer, equivocadamente, que os professores e os alunos da academia de ginástica "G" seriam mais preocupados com o corpo e com o risco à saúde do que os da academia de ginástica "P". Contudo, ao longo do trabalho de campo, identificava que os grupos sociais de ambas as academias de ginástica, professores e alunos, tinham as mesmas preocupações com o corpo e com os riscos à saúde, porém de modo parcialmente diferente ao lidarem com as dores derivadas dos esforços físicos. Em ambas as academias de ginástica, parecia que estar ou não sentindo as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais tendo em vista ou não os tais "riscos à saúde" fazia parte de um processo liminar contínuo em que os sujeitos nunca se situavam "lá" e nem "cá" no que diz respeito a estar plenamente com ou sem esforços físicos (TURNER, 1974; GENNEP, 2011). Na academia de ginástica "P" e "G", via que o exercitar-se com ou sem esses tipos de dores se direcionava para um lado em que cada vez mais precisava se esforçar no "limite" para sentir tais desconfortos físicos ou, por outro, no sentido que "sempre" era possível evitar qualquer sensação desse tipo.

---

[255] Diferentemente da perspectiva de Marinho (2009) ao mencionar que "A rotina, ou melhor, a segurança que envolve a existência, suscita, por vezes, o tédio, alimentando a busca regular de uma intensidade que habitualmente não existe." (p. 10). Sassatelli (1999) identificou que os participantes do seu estudo regularmente diziam que a academia de ginástica era um espaço protegido onde se podia "fazer uma pausa", "soltar", "afastar-se de compromissos normais", etc.

No caso da musculação da academia de ginástica "P", grande parte dos alunos atribuía certa positividade ao fato de estar sentindo as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais. Uma das interpretações possíveis foi no sentido de que a "malhação" realizada de forma exaustiva era valorizada pelo fato da maioria do público ali compreender que as tais dores provindas dos esforços físicos estariam compensando os custos gastos naquele estabelecimento. O investimento no esforço do corpo deveria estar na proporção do investimento financeiro que realizavam na academia de ginástica "P":

> Luciano: Eu malho pesado porque eu pago, porque se fosse para pegar leve, eu malhava em casa. Sem sacrifício, não tem resultado!
>
> Moisés: Você está aqui desde que horas?
> Pedro: Meio-dia!
> Moisés: Caralho, meio-dia? Já está chegando as seis da noite e você ainda aqui? Você é maluco!
> Pedro: Tô na merda! Estou compensando os três dias que a academia de ginástica ficou fechada por causa do carnaval, vim sofrer um pouquinho pra compensar a perda, paguei e não vim. A academia não deveria ter emendado.
> Eu: Caraca, muito tempo!
> Funcionário Marquinhos: Isso é normal aqui, teve um aluno aí um dia que ficou das treze até às vinte horas.

Especificamente nesse caso, a perspectiva difere de Sabino (2004) em que a "dor" tinha essencialmente o sentimento de pertencer ao grupo voltado à "adoração muscular", na medida em que, em algumas ocasiões na academia de ginástica "P", o "músculo" parecia ficar em segundo plano quando a questão eram os "gastos". Em parte, o que unia os alunos desta academia de ginástica era o fato de estarem juntos no "limite" vislumbrando os gastos contínuos que possuíam ali.

Parecia que quanto mais era difícil manter os pagamentos das mensalidades, por exemplo, mais árduos deveriam ser os esforços físicos ali empreendidos. Assim, entendia-se que o dinheiro, em especial, seria desperdiçado caso o aluno não levasse o seu corpo no "limite" dos esforços físicos. Durante as interações sociais, observava que era notória a preocupação dos alunos em se manterem engajados nas práticas corporais de forma intensa e duradoura no estabelecimento, pois muitos, ao longo do mês, se organizavam financeiramente para poderem pagar a mensalidade da academia de ginástica.

Muitos alunos frequentavam a academia de ginástica "P" de forma "irregular" ou "aleatória" na minha visão como profissional de Educação Física, porém, levando em consideração as lógicas que se faziam presentes ali, sob a ótica de pesquisador, tal comportamento era aparentemente planejado. Por exemplo, alguns alunos pagavam a

mensalidade em dia e sempre em espécie[256] durante dois meses, se exercitando exaustivamente e, em seguida, paravam um mês com as práticas corporais, com o intuito de não comprometerem o orçamento familiar mensal e "manter o corpo em forma". Tal situação gerava certa rotatividade dos alunos mês a mês indicando o que, no ponto de vista de Palma *et al*. (2006), certos indicadores "[...] expõem a vulnerabilidade de determinados grupos sociais relacionando-a com a dificuldade de acesso à prática de exercícios físicos, possivelmente, porque há em curso dificuldades reais de natureza socioeconômica e/ou cultural." (p. 132).

Um dos alunos me contava que somente conseguia pagar a mensalidade por dois meses. Ele dizia que "inchava" com a prática de exercícios físicos na musculação e depois aproveitava o que tinha "ganho" em um mês "parado"; já quando estava "perdendo corpo" retornava ao estabelecimento e assim se mantinha ao longo do ano nesse "vai e vem" de se manter engajado nos exercícios físicos. Outro aluno me dizia que se exercitava ao extremo para emagrecer durante um mês, sem beber álcool e realizando exercícios físicos de todos os tipos com o intuito de, posteriormente, compensar bebendo e gastando dinheiro em tudo que desejava; como tinha se "guardado" em janeiro e "gastado" em fevereiro, depois em "abril" ia se "guardar" para maio "abusar". A recepcionista comentava comigo que quando raramente um aluno pagava dois meses seguidos de uma só vez, era porque tinha ganhado muito dinheiro em determinada época ou estaria bem focado em relação ao que queria com o corpo.

Nem os alunos e nem a própria academia de ginástica "P" tinham o interesse de planos de pagamentos bimestrais, trimestrais, semestrais ou ainda anuais, pois a vida financeira de todos ali era descontínua e insegura, diferentemente dos inúmeros "pacotes de mensalidades" que eram vendidos na academia de ginástica "G". Eu notava e os próprios profissionais comentavam que a academia de ginástica "P" costumava a ficar mais cheia na primeira quinzena do mês pelo "dia do pagamento" e depois esvaziava pelas contas que deveriam ser pagas por todos, por isso os responsáveis do estabelecimento sabiam se determinado mês ia lucrar "mais ou menos" a depender de como fosse a adesão de novos e antigos alunos nas primeiras semanas[257].

---

[256] A academia de ginástica "P" não trabalhava com cartões de débito ou de crédito.

[257] De modo comparativo, Bouzón (2010) detectou uma realidade semelhante: "No salão do Catete percebo aumento no movimento a partir da segunda semana do mês - período em que os salários costumam ser creditados. No salão de Ipanema sinto dificuldade de perceber tal variação na freqüência, embora um dos cabeleireiros diga que em início de mês o movimento é menor." (p. 218).

Havia ainda aqueles que argumentavam que "somente valia à pena" pagar a academia de ginástica "P" na época do verão[258] e do carnaval[259], períodos estes onde mais exibiriam seus corpos "em público" e se exercitavam transparecendo "compensar" até o "limite" o que não "malharam o ano todo"[260]. Na academia de ginástica "G" havia tal ideia, porém grande parte dos alunos costumava frequentar o estabelecimento ao longo de todo o ano, não refletindo, assim, substancialmente nas interações sociais que ali ocorriam.

Embora haja a noção de que as academias de ginástica enchem nesses períodos finais e iniciais do ano, no meu trabalho de campo na academia de ginástica "P", observava, talvez, uma peculiaridade: aqueles que tinham menores condições financeiras, realmente pagavam apenas as mensalidades nessa época de festividades, detectava mais mulheres nesse sentido; no entanto, percebia que inúmeros alunos saíam do estabelecimento, pois era um período caracterizado e conhecido por "ofertas de empregos". Isto é, não "podiam perder tempo ou se cansarem ao malhar" no período de início e de fim de ano (dezembro, janeiro e fevereiro) para trabalharem, porque era a oportunidade de arranjarem uma "ocupação fixa de carteira assinada" ou até mesmo "trabalhos temporários". Na academia de ginástica "G", a relativa queda do público na musculação era justificada pelo fato de muitos alunos estarem pensando nas "festas", comprando roupas novas, organizando viagens, etc.

Assim, diferentemente da academia de ginástica "G", via que o público da academia de ginástica "P" apenas "trocava" e o contingente de pessoas circulando por ali não aumentava significativamente. Identificava isso quando os alunos que frequentavam de forma mais regular ao longo do ano retornavam à musculação definitivamente a partir do mês de março, período pós-festas, afirmando que "arranjaram grandes motivos para pararem com a

---

[258] Sobre a relação entre a estação do ano e certos usos do corpo, em seu trabalho em salões de beleza, Bouzón (2010) explicita que "A época do ano em termos de estação também pode ser um elemento condicionante da freqüência. Para as pessoas que adotam a prática de alisamento de cabelos por escova ou química, o verão é uma época que as faz procurar mais os salões, dado que lavam o cabelo com mais freqüência por conta do calor. Já no inverno, por exemplo, a tendência a fazer depilação ou serviços de pedicure diminui, uma vez que tais partes do corpo se mantêm cobertas por roupas ou sapatos fechados." (p. 218).

[259] DaMatta (1986) afirma que "No carnaval, trocamos o trabalho que castiga o corpo [...] pelo uso do corpo como instrumento de beleza e de prazer. No trabalho, estragamos, submetemos e gastamos o corpo. No carnaval, isso também ocorre, mas de modo inverso. Aqui, o corpo é gasto pelo prazer. Daí por que falamos que 'nos esbaldamos' ou 'liquidamos' no carnaval. Aqui, usamos o corpo para nos dar o máximo de prazer e alegria..." (p. 63).

[260] Em termos gerais, seguindo a tendência de outros cuidados do corpo quanto às estações do ano, como descrito por Goldenberg (2011), Duarte (2008) lembra que as academias de ginástica possuem também certa sazonalidade no que diz respeito à frequência do público. De modo amplo, Vigarello (2006) retrata historicamente essas relações entre corpo, roupas e estações do ano.

malhação como um novo trabalho". Dessa forma, cabe registrar o que Guedes (1997) pondera sobre esta classe popular trabalhadora:

> Enquanto a força do trabalhador está associada à capacidade do trabalho pesado, é uma força controlada em dois sentidos ao menos. De um lado, porque é realizada dentro do processo de trabalho e, sob este aspecto, incorpora o próprio fato da dominação. De outro, porque no interior deste processo, é parte importante do aprender a ser trabalhador, resguardar-se, isto é, controlar adequadamente o uso desta força. (p. 141)

Depois de um tempo de trabalho de campo, soube que nem todos os alunos que se engajavam no "limite" das dores na academia de ginástica "P" pagavam as mensalidades e quando o faziam, não era tão em dia. Se o aluno se matriculasse na academia de ginástica, por exemplo, no dia onze de determinado mês, sua mensalidade venceria no dia onze do mês seguinte e, caso pagasse antes do dia de vencimento, o mesmo tinha um desconto no valor de R$ 5,00. Pelo que os alunos relatavam em termos de ganhos financeiros, o valor da mensalidade correspondia entre dez a trinta por cento da renda mensal dos alunos, custos estes altos para quem sobrevivia em média com no máximo um a três salários mínimos.

Um dos funcionários me relatava que se irritava em muitas ocasiões porque tinha muito "171"[261] não pagando a mensalidade e a coordenadora tinha "vergonha" de retirá-los. Já a recepcionista me falava que "estava louca para roleta voltar a funcionar e quem sabe com o 'sistema de digital'", pois temia de falar com os alunos que não pagavam a mensalidade na medida em que tinha medo de estar indo de encontro a alguém que não conhecia da região da CDD. Rotineiramente, os profissionais de Educação Física abordavam determinados alunos durante os exercícios físicos na musculação ao desconfiarem que não "eram dali", mas apenas "conhecidos" daqueles que pagavam a academia de ginástica; em muitas vezes, realizando o mesmo programa de treinamento prescrito pelo professor. Os alunos "invadiam" o espaço sempre argumentando que estavam ali apenas para experimentar o espaço ou que ainda iriam pagar quando descessem para a recepção, o que não ocorria obviamente. A situação era tão crítica que furtos de lápis, borrachas, pilhas dos relógios analógicos, lâmpadas, presilhas de segurança das anilhas eram frequentes no local. Quando a academia de ginástica "P" desejava aumentar o valor da mensalidade, havia críticas severas dos alunos, o que causou em dada época, o seguinte aviso em um cartaz pendurado na recepção com letras minúsculas: "A partir desta data a mensalidade terá um aumento de R$ 5,00. Agradecemos sua compreensão!".

---

[261] Sinônimo de "trambiqueiro" ou "malandro" que na gíria popular se refere àquela pessoa que viola o código penal "171" relativo ao estelionato.

Nesse contexto, enquanto na academia de ginástica “G” o *glamour* de estar ali e a qualidade técnica dos profissionais e dos aparelhos de musculação eram os “grandes motivos” de se sentirem “bem” naquele espaço, na academia de ginástica “P”, os alunos ao malharem no “limite” dos esforços físicos em determinado estabelecimento avaliavam os custos e os benefícios para entrar ou continuar no local. Um dos principais critérios para a escolha da academia de ginástica “P” era o valor mensal, pois constantemente via pessoas que apenas perguntando o custo da mensalidade decidiam se ficariam no estabelecimento. Caso aceitassem os custos, apenas depois do pagamento, desejavam conhecer as “instalações”, o que me fazia ouvir certas vezes os comentários de que “para o que era, tava bom!” e “esse valor só serve pra fazer avaliação?”. Se não concordassem com o preço da mensalidade, grande parte das pessoas não subia ao menos para conhecer a academia de ginástica. Ademais, muitas vezes, ao deparar-me com os alunos discutindo se valeria à pena trocar de academia de ginástica, os argumentos tendiam a se desenvolver em torno de que a musculação da academia de ginástica “P” era “boa e barata, além de favorecer o ganho de corpo no ‘limite’”. Assim, no primeiro mês, ao perceberem que, de imediato e por algum motivo, não estavam tendo os resultados esperados mesmo com as altas dores provindas dos esforços físicos, os alunos migravam para outras academias de ginástica, pois não poderiam “perder dinheiro” sem obter os tais ganhos corporais. Já na academia de ginástica “G”, havia certa tendência de pensarem a médio e a longo prazo no que diz respeito a estes “limites” corporais.

Essa estratégia de se exercitar ao máximo com o intuito de compensar o investimento realizado com a mensalidade da academia de ginástica “P”, dentre outros custos, parecia apenas ser um exemplo da vida social dos sujeitos de se “doarem corporalmente” naquilo que pagavam com muita dificuldade. Para além do âmbito dos exercícios físicos da musculação, os alunos contavam que pagavam um rodízio de pizza e ficavam “até dar vontade de vomitar”; bebiam em festas “até caírem” alcoolizados; usavam drogas “até ficarem muito doidos”; adentravam em motéis apenas se a mulher “valesse à pena” e se conseguissem ter altas *performances* sexuais no dia; frequentavam estabelecimentos de prostituição utilizando remédios responsáveis por manter a ereção peniana por horas, etc., “tudo para fazer valer o dinheiro”.

Em contrapartida, havia uma linha tênue entre usar o corpo no “limite” de forma abundante e saber usá-lo moderadamente, pois, por vezes, alguns eram criticados por tais

feitos de se "doarem corporalmente" dessa maneira "demasiada" ou "inconsequente"[262]. Assim, o corpo em exercício físico na academia de ginástica "P" era o corpo do dia a dia "duro". Ao mesmo tempo em que deveria torná-lo altamente performático, alguns "limites" poderiam ser "calculados", dialogando mais uma vez com ideia de que as condições socioeconômicas e culturais dos alunos eram reproduzidas durante diferentes práticas corporais.

Havia uma espécie de frenesi do aluno em querer aproveitar tudo que a academia de ginástica "P" poderia oferecer em termos de práticas corporais. Existia a ideia entre os alunos que havia a necessidade de aproveitar o espaço da melhor forma possível e ao máximo, isto é, realizando o maior número de exercícios físicos e se possível com altas intensidades para compensar principalmente o dinheiro que ali investiram. A todo instante, me deparava com os alunos interagindo entre si afirmando que "quanto mais exercícios ou mais pesado era a realização dos mesmos, melhor seria a malhação", inclusive porque tinham que fazer a "moeda valer".

Por exemplo, na CDD, alguns alunos ficavam realizando os exercícios físicos na musculação e quando algum aparelho ergométrico tivesse vaga ou no caso uma aula coletiva que iria iniciar, corriam para poder desfrutá-los, antes de perderem a vaga. Quando estavam muito cansados, voltavam a realizar outros tipos de práticas corporais que não seriam tão extenuantes, porém que propiciariam a continuidade das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais. Os intervalos entre os exercícios físicos eram muito curtos ou relativamente inexistentes, bem como realizavam em muitas ocasiões entre cinco a seis séries de um determinado número de repetições de um único exercício ou com cargas elevadíssimas na crença de que apenas a alta fadiga local traria os reais benefícios ao corpo[263]. O ritmo dos movimentos e da dinâmica da sala era acelerado, o que impediam significativamente as conversas naquele espaço, ou seja, "não havia tempo a perder"[264].

A própria ida ou vinda da academia de ginástica "P" era considerada como um exercício físico haja vista que os alunos imprimiam ritmos intensos ao caminharem, correrem

---

[262] Souza (2010) no seu estudo em um bar de um bairro suburbano carioca identificou também esse "limite" de saber seus "limites", com implicações como exclusão ou desprezo pelo grupo social.

[263] Todas estas referências não estão sendo comparadas com a minha visão de professor de Educação Física, mas com as próprias crenças dos alunos, pois, muitas vezes, mesmo eles sinalizando que o "adequado" para se exercitar deveria ser, por exemplo, três séries de cada movimento, ultrapassavam esse "limite" em busca das dores provindas dos esforços físicos.

[264] Diferentemente do turno da manhã pelo fato do público que frequentava o estabelecimento ser de meia-idade e valorizar um pouco mais a sociabilidade entre eles. Sentia que os contatos face a face no turno da manhã eram mais "demorados".

ou andarem de bicicleta durante o percurso de e para a residência ou trabalho. Quando chegavam ao estabelecimento, por exemplo, começavam a se exercitar sem qualquer tipo de aquecimento ou de alongamento, pois estariam "perdendo tempo" ao "usarem o corpo de forma mais leve".

Alunos gritando ou gemendo eram rotineiros naqueles espaços; em determinadas ocasiões, me assustava com o repentino ato deles de expressarem as dores derivadas dos esforços físicos, muitas vezes associadas com os seguintes dizeres: "Uh, que delícia!", "Ah, maravilha, como eu sofro!", "Ô, Jesus, que dor gostosa!", etc. Parecia que tais esforços físicos eram superados por esses gemidos ou gritos, bem como pela estratégia de durante a realização dos movimentos fazer sons[265] com os halteres causando uma poluição sonora considerável naquele espaço. Um dos alunos dizia ao outro que tinha que gritar para "espantar o mal", no caso, as dores. Da mesma forma, podia perceber que tais "sons" eram também uma forma de "chamarem a atenção" ou de "reconhecimento" dos seus esforços físicos (BRIDGES, 2009). Igualmente, havia alunos que corriam na esteira com caneleiras nos tornozelos ou nos intervalos dos exercícios físicos da musculação de forma que estariam otimizando o trabalho corporal; eles não poderiam ficar parados. A ideia era de que unir o trabalho de força ao de resistência aeróbia estaria potencializando o corpo no sentido de evitar "riscos" e ao mesmo tempo compensando o dinheiro, isto é, era uma espécie de "mais-valia no 'limite' corporal".

Constantemente, os alunos comentavam entre si a quantidade de horas (geralmente, mais de duas ou três horas) que estavam se exercitando ou o quanto de peso que estavam sustentando como forma de disputa de quem estava aproveitando mais o estabelecimento. Provocações semelhantes a do tipo "você pega só isso? Pra quê?" eram recorrentes no cotidiano da musculação no sentido de que se fosse para "pegar leve", podia fazer isso fora do estabelecimento ou na academia de ginástica gratuita que se localizava na praça ali das redondezas. Toda vez que eu perguntava para um aluno se já havia acabado a rotina de exercícios físicos, a resposta sempre era positiva ou que faltavam apenas alguns aparelhos de musculação a serem executados, no entanto eles permaneciam nas práticas corporais ainda por trinta minutos a uma hora, demonstrando que "podiam aguentar mais e não eram bobos de

---

[265] Entremeados aos sons das músicas em alto volume e aos gemidos e gritos, era ensurdecedor os barulhos das anilhas tocando umas nas outras. Atentava-me aos meus ouvidos no sentido do *gym* de Wacquant (2002): "O *gym*, é antes de mais nada, feito de sons, ou melhor, de uma sinfonia de ruídos específicos, imediatamente reconhecíveis entre milhares - assobios, sussurros, batidas de luvas no saco de areia, ranger de correntes, galope regular do pulo na corda, 'ra-ta-ta-ta-ta' inimitável da pêra de velocidade - em um andamento sincopado e persistente." (p. 273).

saírem 'rápidos' assim"[266]. Sinalizar que foi para a academia de ginástica com apenas dez ou vinte minutos de tempo para se exercitar na musculação também era outra forma do aluno demonstrar que usava o estabelecimento de forma adequada. Não era raro um aluno perguntar o horário para o outro para avaliarem o quanto mais podiam fazer de exercícios físicos. Identificava também mentiras[267] dos alunos em torno de que estavam frequentando o local, pois quando costumavam não aparecer por um tempo ou no horário da noite, por exemplo, alegavam que estavam vindo no turno da manhã e vice-versa.

Além disso, em dias em que a academia de ginástica "P" não tinha fornecimento de água ou de luz, os alunos ficavam no estabelecimento malhando ao extremo. Até mesmo quando o som era desligado por algum motivo ou quando determinado CD acabava de tocar, poucos eram os alunos que reclamavam de tal fato, pois estavam ali para malhar e não para ficar escutando "musiquinhas". Quando algum aparelho de musculação ficava interditado por um motivo, a princípio, simples, como um "cabo de aço fora do lugar", os próprios alunos que desejavam usá-lo se reuniam para consertá-lo, pois não pagavam uma academia "toda quebrada" para ficarem sem usar o que queriam. Se alguma peça do vestuário rasgasse durante as práticas corporais ou se até mesmo o calçado arrebentasse o solado, os alunos continuavam a se exercitar, pois não seriam essas "coisas" que os iriam interromper na musculação.

Muitas vezes, na CDD, escutava dos alunos que preferiam o exercício físico "x" a "y", porque "dava para sentir mais o corpo" ou que "dava para pegar mais peso e fazer o movimento em uma amplitude maior", o que inevitavelmente causaria mais dores. Via alunos que malhavam até o limite do número de repetições que podiam aguentar de determinado exercício físico e que, em muitas ocasiões, pausas de alguns segundos eram utilizadas para atingirem índices de *performance* cada vez maiores. Quando a dor de esforço físico era muito forte, continuavam, porém, em muitas situações, com cargas mais baixas para não impedir a realização completa dos movimentos. Presenciava também uma série de situações de alunos compartilhando ou disputando o local e o grau das dores de esforços físicos.

---

[266] Em algumas oportunidades, via que um aluno no momento que iria se despedir de todos ali, caso alguém o questionasse pelo fato de ter "feito pouco esforço", com frases como "já vai?", o mesmo continuava por mais alguns minutos a rotina exaustiva de exercícios físicos. Por isso, muitos evitavam as despedidas para que não fossem surpreendidos com esses "tipos de provocações" no sentido de não terem chegado a "altas fadigas".

[267] Perdia de vista a quantidade de vezes que conseguia identificar tais mentiras. Exemplarmente, quando estava à noite e um aluno era criticado por estar "sumido" do horário, o mesmo respondia que tinha "vindo de manhã no dia anterior", período este que eu estava realizando o trabalho de campo e não observava a presença deste aluno ou vice-versa quanto aos horários.

Embora Torri *et al*. (2007) tenham afirmado que "O enfrentamento da dor, do sofrimento, do sacrifício e da privação é freqüentemente encarado como algo corriqueiro e 'normal' por parte dos freqüentadores de academias." (p. 266), argumento que, em parte, a depender do contexto socioeconômico e cultural do público do estabelecimento, tal premissa generalizante deve ser descartada, sobretudo ao visualizar o cotidiano da academia de ginástica "G" em comparação à academia de ginástica "P". Sobre as formas de ressignificação das dores de esforços físicos nesses estabelecimentos, via que era preciso discutir a pluralidade dos perfis dos públicos frequentadores das diversas academias de ginástica e as diferentes interações sociais que eram estabelecidas e não "a" academia de ginástica como se fosse um lócus homogêneo de usos do copo, sobretudo moldada somente por ser de determinada "classe social".

Observava que independentemente se os alunos da academia de ginástica "G" despendessem muito dinheiro com as práticas corporais no local, os mesmos não reproduziam tais "custos" no corpo no setor da musculação. Parecia que estar "pagando" as mensalidades daquele estabelecimento se referia igualmente a estar consumindo diversos outros serviços atrelados ao corpo como, por exemplo, salões de beleza, barbearias, spás, clubes ou até locais considerados de entretenimento como bares, cinemas, viagens, etc. Se na academia de ginástica "P", em algumas ocasiões, o "exercitar-se" se configuraria como uma "necessidade" para os alunos e não um "luxo", na academia de ginástica "G", ir a tal estabelecimento era um "ato corriqueiro". Nessa perspectiva, Malysse (2007) comenta que "A sala de musculação tornou-se inclusive um lugar tão banal quanto um banheiro, e cada quarteirão da Zona Sul do Rio tem a sua própria academia." (p. 114). Bourdieu (1983) afirma que a estilização da vida fica regrada entre o "luxo" e a "necessidade", caracterizando as preferências distintivas por certos bens culturais que acabam funcionando como marcadores simbólicos de classe social.

Por isso, talvez, quase que de modo antagônico a academia de ginástica "P", observava que grande parte do público em geral frequentador da academia de ginástica "G" possuía uma tendência de amenizar as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais:

> Monique: Hoje eu trouxe essa série aqui, ó, não vou fazer esse exercício não porque eu já fiz ontem. Caraca, que série é essa? É muito estafante!
> Bianca: Dessa série aí, eu vou fazer no máximo duas vezes.
> Monique: Tá, eu também! Vamos tirar fotos então, quando você fizer, eu bato uma foto sua.
> Bianca: Combinado!
>
> Eu: Oi, Elaine, que cara é essa?
> Elaine: É cara de dor, eu não gosto de sentir muita dor, a não ser aquele esforcinho no final quando não está mais aguentando o peso, aí, tudo bem, mas dores desse tipo não.

> Edenilsa: Ai, putz, tá mudando de série, tá aumentando, que merda!
> Camila: Eu vou diminuir, a culpa é da professora!
> Edenilsa: A professora não explica direito, tive que fazer mais, porque eu fiquei devendo uma série! Três meses na musculação para mim é uma vitória, muita tortura isso aqui, não gosto de sentir dores aqui e ali!

A forma de lidar com as estafas ali era no sentido de torná-la a menor possível. O caso de quantificação ou intensificação dos exercícios físicos ultrapassando determinados "limites" não era bem recebido pelos alunos. Os alunos ali respeitavam mais os intervalos de tempo entre os exercícios físicos prescritos pelos professores, muitas vezes, eram longos demais ultrapassando o que foi solicitado, descansavam em cima dos aparelhos de musculação e não se demonstravam tão "frenéticos" durante a realização das práticas corporais. Quando os professores realizavam alongamentos nos alunos, estes diziam eventualmente que não queriam sentir muita "dor"; quando começavam a sentir qualquer desconforto, pediam para os profissionais imediatamente pararem de "forçar o movimento" com uma expressão facial de desagrado e sinalizando o pedido de interrupção com a mão. Muitos alunos ficavam também se "tocando", passando a mão na "região onde foi acionada" pelo exercício físico, como uma espécie de monitorar imediatamente se "estava tudo bem com o local"; chegavam até simular o movimento sem pesos posteriormente para ver se a articulação estava "normal". Em inúmeras vezes, via os alunos realizando uma pausa de alguns segundos nos exercícios físicos com "cara de dor" e retomando-o em seguida para completar os últimos movimentos. Notava também que esses alunos abreviavam a duração de tempo recomendado pelo professor no espaço da musculação, pois alegavam que "não precisavam de tanta estafa assim". No setor aeróbio, igualmente, poucos imprimiam um ritmo de esforço longo e intenso como o professor pedia; quando alguém o fazia, pausava do lado do aparelho para descansar ou conversar, bebia água ou ainda se sustentava nas barras de segurança no momento de cansaço demasiado. Ademais, antes de executarem os exercícios físicos, os alunos pareciam buscar formas de fazê-lo reduzindo o esforço físico[268].

Enfim, na academia de ginástica "G", os alunos em sua maioria claramente evitavam grandes esforços físicos e deixavam evidentes seus desconfortos físicos durante as suas interações sociais naquele espaço, pois as tais dores poderiam se associar a determinados riscos à saúde em um futuro breve. Os alunos não tinham dificuldade em relatar suas "falhas"

---

[268] Pasquali *et al*. (2011) afirmam que a clientela da academia de ginástica de grande porte tende a ser mais introspectiva e concentrada na atividade. Malysse (2008) no seu estudo em uma academia de ginástica de grande porte identificou essa "concentração" prévia e durante os exercícios físicos. De acordo com Vigarello (2008), o trabalho do "físico" pode se tornar um trabalho quase que "mental".

em determinada *performance* corporal como, por exemplo, que não conseguiram executar um movimento de um exercício físico ou que não tiveram força para levantar determinada sobrecarga. Nesses relatos, observava que eles não eram vistos e nem se consideravam inferiores àqueles que realizavam as práticas corporais com mais intensidade; pelo contrário, ao mencionarem o que estavam sentindo, transparecia que tinham um cuidado minucioso de si face aos "riscos" que poderiam envolvê-los. Esses aspectos podiam ser observados de forma geral nessa academia de ginástica, indo ao encontro do ponto de vista de Bourdieu (1983a):

> [...] inclinação das classes privilegiadas à "estilização da vida" pode ser reencontrada e reconhecida na tendência em tratar o corpo com um fim, com variantes que dependem da ênfase que se coloca no próprio funcionamento do corpo como organismo e que leva ao culto higienista da "forma", ou na própria aparência do corpo como configuração perceptível, o físico, isto é, o corpo-para-outrem. Tudo parece indicar que a preocupação com a cultura do corpo aparece, em sua forma mais elementar, isto é, enquanto culto higienista da saúde que freqüentemente implica numa exaltação ascética da sobriedade e do rigor dietético [...]. (p. 151)

Por outro lado, percebia que a minha presença os incomodava quando relatavam suas "derrotas" com o corpo no sentido dos esforços físicos, o que causava certo distanciamento dos alunos no que diz respeito a falarem em tom mais baixo e em particular com os outros e principalmente com os professores, sujeitos estes que rotineiramente costumava ficar mais próximo. Assim, sob esta perspectiva interacionista ou relacional com o pesquisador, na academia de ginástica "G", frequentemente eu tinha que acionar tanto o profissional quanto o aluno em momentos distintos para conhecer melhor como compreendiam tais "limites" das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais e os possíveis riscos à saúde implicados ali na musculação. Tal dado me demonstrava que o *status* deles naquelas situações de esforços físicos poderia ficar comprometido na interação face a face comigo, pois tal situação poderia demonstrar certa "falta de competência corporal" dos alunos. Assim, a ideia de manter-se "superior" aos outros e a mim no espaço da musculação também era uma preocupação semelhante a da vida cotidiana dos alunos no sentido do *status quo*.

Uma situação ilustrativa que também demonstrava a questão dos alunos da academia de ginástica "G" não privilegiarem tanto a realização de "práticas corporais pesadas" foi quando, em duas épocas diferentes, ao divulgarem uma "nova aula de lutas", o MMA[269], não obteve quórum suficiente para tal esporte de combate vingar no estabelecimento. Os professores diziam para mim que "o pessoal aqui não estava a fim de sentir dores nesses tipos

---

[269] É a sigla para *Mixed Martial Arts* que, em português, significa artes marciais mistas. Tal esporte de combate se constitui de movimentos de ataque e de defesa, em pé ou no chão, que não precisa seguir necessariamente um estilo específico de luta. O MMA envolve técnicas de diferentes lutas, tais como: boxe, caratê, judô, jiu-jitsu, muay thai, etc.

de aula, a galera queria uma social! Não adiantava tentar colocar uma aula dessas só porque estava bombando na mídia!". Em contrapartida, no âmbito da academia de ginástica "P", grande parte dos alunos frequentava, queria participar ou admirava tal modalidade de esporte de combate por propiciar certos "limites" ao corpo. Inclusive, na academia de ginástica "P", os alunos optavam por horários em que o calor do sol refletia no tatame e, de modo peculiar, retiravam os seus *kimonos* para lutar em um verdadeiro corpo-a-corpo. Isso para mim era "estranho" e "violento", pois nunca havia presenciado tais práticas dessa forma. Bourdieu (1983) lembra, por exemplo, que:

> [...] a maior parte dos esportes coletivos − basquetebol, handibol, *rugby*, futebol − cuja prática declarada é maior entre os empregados de escritório, técnicos e comerciantes, e sem dúvida também os esportes individuais mais tipicamente populares, como o boxe ou a luta livre, acumulam todas as razões para repelir os membros da classe dominante: a composição social de seu público, que redobra a vulgaridade que sua divulgação implica, os valores em jogo, como a exaltação da competição e das virtudes exigidas, força, resistência, disposição à violência, espírito de "sacrifício", de docilidade e de submissão à disciplina coletiva, antítese perfeita da "distância em relação ao papel" que os papéis burgueses implicam, etc. (p. 150)

Via, portanto, que na academia de ginástica "G", em consonância à Boltanski (1984), havia uma tendência mais evidente da valorização da aparência, bem como a desvalorização da força e da energia física nos grupos de classes sociais mais altas. Esses alunos ao não optarem por práticas corporais extenuantes demonstrava um sinal de distinção na medida em que se exercitavam com um menor teor de "brutalidade"[270].

Comparando as duas academias de ginástica no que se refere a essas estafas, era possível utilizar a noção de Castiel (2003) de que o corpo em determinados segmentos sociais desfavorecidos em termos socioeconômicos se tornava um "bem" a ser mantido, no caso, essencialmente para o trabalho, o que era o caso da academia de ginástica "P". Por outro lado, na Barra preponderava a ideia de corpo como um "patrimônio" a ser "protegido" ou um "dote" a ser "preservado" contra qualquer indício de dores provindas dos esforços físicos.

Na academia de ginástica "P", os "corpos" quanto mais trabalhados, maior seria a produtividade pelo fato do "dia render mais" ou "terem mais disposição" e reconhecimento no momento laboral. Em termos gerais, os homens possuíam trabalhos como vigilantes, guardas, bombeiros, policiais, motoboys, garçons, motoristas, eletricistas, carregadores em geral,

---

[270] Vigarello e Holt (2009) discutem as relações dos tipos de corpo ou de práticas esportivas mais valorizadas entre as classes sociais, bem como sobre jogos considerados violentos e brutais. Vigarello (2008) lembra que historicamente havia "Oposições reproduzidas ainda pelos halterofilistas e pelo cavaleiro: o homem da força operária e do peso de um lado, homem da elegância e da leveza de outro. As práticas esportivas [...] repercutem no seu estilo e na sua diversidade o conjunto do espectro social." (p. 225).

pedreiros, estofadores, mecânicos, soldadores, frentistas, etc.; e as mulheres, faxineiras, vendedoras em geral, cozinheiras, atendentes, garçonetes, costureiras, donas de casa, etc.

Ferreira e Magalhães (2006) identificaram também em um grupo de classe popular uma visão mais utilitária e produtiva do corpo pela importância da força física nas ocupações desempenhadas que geravam sua sobrevivência durante duras e longas jornadas diárias de trabalho. Desse modo, entendo que "O corpo é nas nossas sociedades um factor de individualização, modificando-o modifica-se a sua relação com o mundo. Para mudar de vida, muda-se o corpo, ou pelo menos tenta-se." (LE BRETON, 2004, p. 186). Via na academia de ginástica "P" que o investimento no "limite" correspondia a uma possibilidade de ascensão social[271], pois o "corpo trabalhado" ainda girava em torno do "corpo como um instrumento de sobrevivência".

Obtive, por exemplo, o relato de uma vendedora que entrou na academia de ginástica "P" para "melhorar o corpo" porque sua "patroa" tinha exigido "emagrecer um pouco mais", critério básico esse para se trabalhar em uma loja de biquíni, segundo a "chefa"[272]. Alguns alunos seguranças de bailes e de festas das redondezas mantinham a massa muscular porque facilitavam de certo modo a permanência deles no mercado de trabalho local. Outro aluno me falava que, pelo fato de dirigir ônibus cerca de dez horas, sentia necessidade de entrar no estabelecimento para poder emagrecer por ser "sedentário" de trabalhar sentado; se exercitando, trabalharia mais horas fazendo "dobras".

Vários estudos com grupos sociais populares já demonstraram a questão do corpo como uma forma de ascensão social ou de investimento profissional na medida em que, por exemplo, mulheres que se exercitavam com o intuito de se manterem e galgarem posições de prestígio no âmbito de trabalho face a seus empregadores (VIGNE, 2005; VIGNE *et. al*., 2008; VOTRE *et al*., 2008; BERGER, 2010) ou homens que se engajavam nas práticas corporais para conseguirem uma colocação no mercado de trabalho como vigilantes ou como "garotos de programa" (IRIART; ANDRADE, 2002; IRIART *et al*., 2009; CHAVES, 2010). As formas de lidar com as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais especificamente na musculação da academia de ginástica "P" eram um dos artifícios para os alunos se deslocarem

---

[271] Embora tenha usado aqui a expressão "ascensão social", eu não identifiquei casos desse tipo durante o trabalho de campo, dado este igualmente observado por Zaluar (1984).

[272] Tal passagem reflete justamente o que Conti *et al*. (2010) pontuam sobre a questão de cultuar o corpo "[...] por questões profissionais, já que hoje em dia até o mercado, para algumas profissões, está exigindo que o candidato tenha um corpo bonito, 'dentro dos padrões'." (p. 163).

de uma posição à outra, isto é, da "instabilidade financeira" ou de "desemprego" ao "ganha-pão 'garantido' de cada dia".

Assim, a afirmação de identidade e de ascensão social na academia de ginástica "P" era por meio do corpo, capital[273] este importante no mercado de trabalho (BAIMA, 2007; GOLDENBERG, 2010). Resumidamente, ali estar em "risco" se traduzia em perder o trabalho ou ficar desempregado, por isso, de modo simbólico e ressignificado, o corpo era o próprio *curricullum vitae* do sujeito, demonstrando, de certo modo, a reprodução do *status quo* de uma sociedade altamente segmentada e opressora[274]. Em outras palavras, era através do próprio corpo que havia a reafirmação da certa "exclusão social". Iriart e Andrade (2002) relatam que "Através do trabalho sobre o corpo, esses jovens buscam uma forma de se destacar na comunidade e de compensar uma baixa auto-estima." (p. 1381). Se no trabalho de Wacquant (2002), o *gym* para os boxeadores representava uma oportunidade de "glória, sucesso e dinheiro", na minha pesquisa, a academia de ginástica "P" assumia uma espécie de "sobrevivência" em que o corpo era uma das únicas ou a principal "arma" para se impor aos outros ou se distinguir do seu grupo social. Na CDD, havia "trabalho" e "trabalhos", ou seja, o "trabalho corporal" estava no mesmo nível ou diretamente intricado ao "trabalho laboral" na medida em que os "movimentos do corpo" proporcionavam "movimentos positivos na vida".

Observava alunos dormindo em alguns aparelhos de musculação e entrando ou saindo da academia de ginástica apressadamente pelo fato de estarem atrasados para chegarem aos seus trabalhos ou até mesmo as suas residências. Uma situação inusitada que presenciei foi quando uma aluna deixou o salão de beleza onde trabalhava ali das redondezas para se exercitar no estabelecimento e a cliente veio buscá-la na academia de ginástica para fazer o serviço agendado. Outros alunos se engajavam nas práticas corporais pontualmente com o intuito de realizarem concursos públicos que exigiam determinados "exames" ou "testes" físicos como a de fuzileiro naval, de gari, de guarda municipal, etc., transparecendo que o corpo era um álibi de estratégia e de fonte de sobrevivência. Bourdieu (1983a) comenta justamente que:

> [...] a relação instrumental com o próprio corpo, que as classes populares exprimem em todas as práticas que têm o corpo como objeto ou questão de disputas, regime

---

[273] Esta noção não se vincula apenas ao trabalho, pois pode atravessar outros mercados como o do casamento, erótico, etc. (GOLDENBERG, 2011).

[274] Discordo da afirmativa de Conti *et al*. (2010) "O descaso com a saúde, em prol de bíceps esculpidos, peitorais largos, abdome em gomos, cintura fina e coxas grossas, pode ser verificado significativamente nos dias atuais." (p. 165), pois, em algumas ocasiões, o excesso com a preocupação estética se voltava a ser "saudável" no sentido de que estava seguro em suas condições financeiras.

> alimentar ou cuidados de beleza, relação com a doença ou cuidados com a saúde, também se manifesta na escolha de esportes que demandam um grande investimento de esforços, às vezes de dor e sofrimento (como o boxe), e em certos casos exigem que o próprio corpo seja colocado em jogo, como a moto, o pára-quedismo, todas as formas de acrobacia e, em certa medida, todos os esportes de combate, entre os quais se pode incluir o *rugby*. (p. 151)

Havia inúmeros comentários dos alunos referentes aos seus trabalhos no que diz respeito à sobrecarga com que estavam se submetendo para "ganhar o pão do dia a dia", o que, talvez, poderia prejudicá-los na rotina de exercícios físicos exaustiva. Muitos alunos me relatavam que reduziram o tempo ou interromperam suas estadias na musculação da academia de ginástica "P" pelo fato de estarem "pegados no trabalho" e com isso não conseguiam imprimir ritmos intensos nos exercícios físicos. Alguns alunos alegavam que tinham acabado de voltar direto do trabalho, o que fazia com que eles se exercitassem com os próprios uniformes do emprego[275]; ou ainda, abreviassem a quantidade de exercícios físicos porque teriam que "bater ponto" mais cedo no trabalho, reduzindo, assim, as possibilidades de alcançarem determinados limiares de dores durante as práticas corporais. Nesses casos, o aluno se sentia em "risco" caso continuasse com a mesma rotina de "malhação".

Esta questão do trabalho era tão representativa para o público da academia de ginástica "P", que eu compartilhava durante as interações com os alunos seus percalços no trabalho de se conseguir "dinheiro de todos os lados". Muitas vezes, quando estavam se exercitando, eu conversava sobre as angústias dos mesmos de quando e de que forma se organizariam para "ganhar uma grana" ou "pagar alguma dívida". Além disso, pagar a pensão do filho, optar entre o serviço militar e o emprego informal, dividir determinada conta em parcelas, avaliar onde poderiam colocar suas "barraquinhas de lanche" para comercializar comidas e bebidas, o que e como deveriam comprar e vender para lucrar com alguma transação de pequenas casas e veículos, etc., foram apenas algumas situações que podia ajudá-los a pensar sobre a vida "dura" ou no "limite" do cotidiano. Enquanto eu estava naquele contexto de interações sociais na academia de ginástica "P", ficava lembrando que os discursos governamentais ao mesmo tempo em que "incentivam" as pessoas a se exercitarem, raramente oferecem as "mínimas" condições de vida para os sujeitos se engajarem ou continuarem com os possíveis efeitos "benéficos" dos exercícios físicos. Assim, por meio da compreensão do funcionamento do "campo" no lugar de pesquisador sobre estes "limites" corporais, me via como "profissional" afetado por estas questões referentes ao ato de se exercitar.

---

[275] Via o uso de botas de operários da construção civil, de crachás de estabelecimentos comerciais, de uniformes de empresas terceirizadas de limpeza e de roupas das atendentes de determinadas lojas, por exemplo.

Durante a realização das práticas corporais, quando eu dividia com eles os "perrengues" da vida como os preços altos "aqui" e "ali", pareciam se empolgar com a conversa. Muitas dessas minhas relações "mais próximas" com os alunos me fizeram ser aceito substancialmente por todos ali, mesmo eu não me exercitando no local. Em dadas circunstâncias, era chamado para participar de alguns negócios com que estavam lucrando ou ainda para vender "muamba", pois, segundo eles, a minha inserção poderia ajudá-los a ganhar mais dinheiro, o que me fazia recusar justificando que eu também estava "muito pegado no trabalho".

"O meu trabalho está me atrapalhando para cuidar melhor de mim, não consigo pegar pesado como eu fazia!", "Queria malhar mais, mas tô fudido de tanto trabalho!", "O trampo tá sinistro! Acho que vou ter que deixar a academia!", "Deixei de fazer a aula porque tinha um compromisso com um cliente!", etc., eram alguns exemplos de falas que justificavam em muitas das oportunidades não estarem malhando no "limite" dos esforços físicos. Tais relatos eram mais frequentes após os finais de semana ou feriados, períodos estes que diziam trabalhar mais, pois, teoricamente, ganhavam um dinheiro extra com o lazer dos outros como, por exemplo, vender comidas e bebidas na praia, em festas ou em eventos à noite, fazer a "dobra" na loja para ganhar mais comissão, realizar trabalhos relacionados à construção civil para algum conhecido em seus dias de folga, acordar de madrugada para comercializar algo na feira, etc.

Assim, parecia que o "trabalho" servia como uma "desculpa" socialmente bem aceita por todos ali de que não estavam chegando às tais dores provindas pelos esforços físicos, já que naqueles grupos sociais que faziam parte da academia de ginástica "P" o "ser trabalhador" era hipervalorizado por demonstrar responsabilidade do sujeito[276]. Baseando-me em Le Breton (2011), parecia haver um "bom" e o "mau" cansaço na medida em que estar no total "limite" corporal somente era aceito se o sujeito estivesse plenamente exausto das suas

---

[276] Guedes (1997) aponta que a responsabilidade se dá pela idéia-valor do sacrifício, este atrelado a vida do trabalhador em que é constituída por dificuldades de reprodução material, expressas na luta e na batalha cotidiana de condições mínimas de sobrevivência. Para Barker (2010), sobretudo para o gênero masculino, em grande parte das vezes, "[...] ter um emprego estável é o caminho para ser reconhecido socialmente como um homem adulto, o que na maior parte do mundo é associado com a formação de família." (p. 131). Zaluar (1984) também identificou na CDD que "[...] o termo trabalhador é sempre dito com orgulho, se a fala é auto-referida, ou uma ponta de respeito, se a fala se refere a outrem." (p. 88).

atividades laborais, caso contrário, era posto em um lugar inferior aqueles que frequentavam o estabelecimento[277].

Esta realidade supracitada me induzia a reproduzir tais "desculpas" no meu trabalho de campo quando algum aluno me dizia que eu estava "sumido", "vindo pouco" ou criticava o fato de eu "não malhar". Quando eu dizia que trabalhava por "horas em pé" e no final do dia estava "morto de cansaço", todos se reconheciam me dando certa "razão" e compreendiam o fato de eu não estar tão engajado naquele contexto de práticas corporais, isto é, emergia um sentimento de pertencimento social, mesmo que temporário nessas interações. Quando eu esclarecia aos alunos que estava fazendo um "trabalho" ali no que diz respeito, no caso, a um "trabalho" do âmbito acadêmico, percebia que entendiam a minha presença como uma pessoa que "arranjava um dinheiro a mais ali efetivamente trabalhando". Por isso, em algumas ocasiões, por exemplo, perguntavam-me se eu "recebia" ajuda de custo ou quanto "ganhava" para ficar ali na musculação. Quando fui me despedir de um aluno no momento em que meu trabalho de campo estava chegando ao término, o mesmo perguntou se "eu tinha arranjado coisa melhor", se referindo a um "emprego melhor", que "ganhasse mais". Além disso, muitos alunos acreditavam que eu também tinha que aproveitar o tempo no estabelecimento, pois enquanto eu "fazia o meu trabalho", pelo menos eu poderia "lucrar" praticando algum exercício físico.

Nesse sentido, entendia que o ato de se alcançar determinados "limites" relativos aos esforços físicos provindos das práticas corporais na musculação da academia de ginástica "P" fazia parte de um drama social maior que "começava" ou "terminava" no próprio cotidiano do trabalho. Assim, as interações sociais entre os alunos apontavam que as identidades deles se concretizavam em grande parte pelo ato de sentir dores de sacrifícios e sofrimentos corporais da academia de ginástica até o local de trabalho ou vice-versa.

Na academia de ginástica "P", poucos alunos compartilhavam a ideia de que as dores relacionadas aos esforços físicos não eram tão necessárias para um bom rendimento da prática da malhação e não relacionavam a noção de corpo no "limite" para o trabalho ou para compensar os custos da mensalidade. Tais dados confirmavam que os usos do corpo podiam ser plurais no interior do mesmo estabelecimento independentemente das classes sociais nas

---

[277] Tal situação ficava agravada principalmente com os homens, pois, parecia que havia a noção descrita por Separavich e Canesqui (2013) de "[...] uma natureza que provê força física inabalável aos homens, predispondo-os naturalmente ao trabalho, de uma forma geral, e a certas atividades laborativas, em particular, as que demandam maior esforço físico." (p. 419).

quais supostamente estavam inseridos. Algumas mulheres, certos alunos de classe média[278] e determinados recém-chegados ao estabelecimento faziam parte do grupo que discordava, em parte, da exaltação dos esforços físicos ao extremo nesse sentido de "fazer o dinheiro valer" ou de se atrelar à "vida do trabalho". Ao longo do tempo, via que tais alunos ficavam à margem dos grandes grupos de sociabilidade formados naquele espaço e se exercitavam sozinhos ou se relacionavam com determinadas amizades (geralmente, fora do estabelecimento), pois realizavam as práticas corporais de uma forma considerada mais "tranquila" ou "leve". Estes alunos que não valorizavam tanto os corpos no "limite" costumavam a todo instante se hidratarem, levando as suas garrafinhas de água. Eles paravam de se exercitar quando estavam muito fadigados e recomeçavam quando se sentiam melhores fisicamente. A regularidade destes alunos variava em torno de duas ou três vezes na semana em dias alternados e ficavam cerca de uma hora no estabelecimento, pois alegavam que tinham que descansar da rotina estressante de se exercitar ali, "o músculo poderia ficar desgastado" e o risco à saúde aumentado pelas altas demandas corporais nos exercícios físicos.

Os demais alunos do estabelecimento instigavam este grupo a se doar mais nos exercícios físicos no "limite" das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais, gerando uma espécie de iniciação àqueles que, a princípio, não desejavam tantos esforços físicos para si. A partir da noção de sistema classificatório, Douglas (1991) destaca que os fenômenos "intermediários" e "inclassificáveis", como estas situações em que os alunos não se alinhavam às ações dos antigos, podiam representar uma ameaça ou um perigo à estabilidade social, no caso, aquela rotina exaustiva de práticas corporais, privilegiada na academia de ginástica "P". O processo liminar entre "malhar" ou não no "limite" passava pela ideia de que "O neófito na liminaridade deve ser uma tábula rasa, urna lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo 'status'." (TURNER, 1974, p. 127). À luz de Goffman (2008), nos contatos mistos face a face entre estas mulheres, alunos de classe média e determinados recém-chegados ao estabelecimento com os alunos antigos, havia certa estigmatização daqueles que não privilegiavam os corpos no "limite", isto é, a *performance* durante as práticas corporais deveria ser outra, no caso, envolvida de esforços físicos extenuantes.

---

[278] Alguns alunos eram "taxados" de classe média pelo fato de terem um "pouquinho mais de dinheiro". Geralmente, o que demarcava esses sujeitos eram o tipo e o local de residência, isto é, mais longe da "favela" e em pequenas casas ou vilas.

Aqueles alunos que aceitavam toda a forma de "limite" corporal ao extremo compartilhada pela maioria do público frequentador do estabelecimento iam mudando seus hábitos como, por exemplo, o seu vestuário de acordo com o que grande parte usava, deixavam de levar água de casa para malharem no "limite" da sede, experimentavam exercícios físicos que nunca tinham feitos, etc. Por outro lado, os alunos que se recusavam em malhar no "limite" faziam os exercícios físicos em locais distantes ou até mesmo escondidos de grande parte dos alunos que "forçava" as altas fadigas, sendo estigmatizados por esses. Eles não se reconheciam como integrantes do estabelecimento e mudavam de horário ou saíam do mesmo depois de um tempo.

As dramatizações em se engajar no exercício físico no "limite" das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais, portanto, variava entre os grupos sociais da academia de ginástica "P", isto é, nem todos possuíam ou assumiam da mesma forma os seus "limites". Tais alunos que se destoavam dos demais, por temporariamente estarem nos "interstícios", "à margem" ou "em degraus mais baixos" daqueles grupos sociais, passavam por uma série e distintas "provações", no sentido de se alinharem ou não aos outros que estimulavam os "limites" corporais. Assim, as identidades dos alunos iam se modificando substancialmente no interior da musculação da academia de ginástica "P" na medida em que a noção de "limites" corporais era construída pelos diferentes grupos e situações sociais.

Ao longo do tempo, percebia também que muitos alunos homens em suas interações sociais cotidianas no âmbito da academia de ginástica "P" privilegiavam uma espécie de *performance* de gênero em exaltar um tipo de masculinidade quando se exercitavam e cultuavam suas dores na musculação, próximo do ideal androcêntrico discutido anteriormente:

> Edilson: Olha o meu sangue na cabeça, fiquei vermelho depois de fazer o supino, muito bom, que delícia, é isso aí! Essa é a pegada de macho!
>
> Tigrão: Olha só, na hora que tu for malhar, tu tem que fazer cara feia, tem que malhar com raiva, vai!
> César: Ah, tem um exercício que é pica aqui, é assim ó! Isso aqui só é para os fortes, não é pra você com cara de raiva!
>
> Alex: Só os fortes vêm pra academia chovendo e no frio! Aqui só tem forte hoje, essa é a parada! Quando chove o pessoal corre daqui, fica entocado, só as minas e as mulherzinhas ficam em casa.

Durante as práticas corporais, a demonstração exemplar de força, de virilidade, de durabilidade, de agressividade, de coragem, de combatividade[279], de desafio, de poder, dentre outras características classicamente associadas ao um tipo de ideal masculino hegemônico[280] descrito por Connel (2008) eram, de modo ininterrupto, reforçados nos encontros face a face quando se remetiam as suas dores no espaço da musculação. Embora Guedes (1997) aponte que "[...] o que caracteriza a força masculina, enquanto atributo mais geral do homem, não intrinsecamente ligado a nenhuma classe social ou segmento da sociedade é, justamente, a possibilidade sempre presente de sua utilização agressiva, não devendo ser contida." (p. 141), via que tal ideia se destoava relativamente entre as academias de ginástica.

No contexto da academia de ginástica "P", os alunos homens em especial eram praticamente estimulados a demonstrarem que sempre estavam prontos para qualquer obstáculo derivado ou não do ato de se exercitar. Havia uma tendência dos alunos exaltarem os seus "sucessos" em detrimento das suas "falhas" corporais, inclusive nas suas supostas conquistas sexuais[281], como forma de competição entre os mesmos. Assim, a imagem de um "super homem", como ideal de corpo a ser buscado em dado espaço social era notória na academia de ginástica "P" face a estes tipos de dores, muitas vezes, exaltando que eram "verdadeiros marombeiros"[282]. Em outras palavras, a dor era a medida de um homem (LE BRETON, 1999).

---

[279] Nos termos de Goffman (2011), "*gameness*", representado pelas várias formas de "ir de encontro" mantendo uma linha de atividade independentemente dos "percalços", isto é, uma "insensibilidade" face a qualquer obstáculo.

[280] Seria uma espécie de autoridade sobre os outros homens e sobre o gênero em geral, embora não haja apenas uma forma de masculinidade (CONNEL, 2008). Para Separavich e Canesqui (2013), "Para ser verdadeiramente um homem há que ser agressivo, competente, forte, racional, ter uma sexualidade sem limites, em oposição à ternura, fragilidade, afetividade, à sexualidade contida das mulheres, revelando, assim, o caráter homofóbico de sua constituição genérica." (p. 418).

[281] Segundo Separavich e Canesqui (2013), "Simbolicamente, a ereção aparece como signo de uma masculinidade desejável, de uma sexualidade masculina estereotipada, que se quer ostensiva, sendo rechaçada qualquer 'falha', porque esta significa o fracasso pessoal e social." (p. 422). Há uma noção geral que o impulso sexual dos homens é uma aptidão natural e exclusiva ao mundo masculino, ideia esta que deve ser relativizada (GUTMANN, 2009).

[282] Sujeitos "viciados" em exercícios físicos, chamados também de "ratos de academia". Sabino (2004) lembra que esta palavra se refere a uma "[...] vara que funâmbulo usa para se equilibrar na maromba: corda na qual caminha. Maromba pode significar também o(s) peso(s) com o qual o funâmbulo se mantém em equilíbrio. Como no fisiculturismo e halterofilismo são utilizadas barras com pesos (halteres) removíveis, ou não, nas extremidades, não é difícil perceber a associação das imagens do homem que anda na corda bamba, utilizando o peso da maromba para se equilibrar, e daquele que utiliza os pesos para otimizar sua forma e força." (p. 24). Tal definição se faz necessária na medida em que há diferentes grupos nas academias de ginástica, como Bridges (2009) distingue a singularidade de usos do corpo de fisiculturistas e dos levantadores de peso.

Na musculação da academia de ginástica “G”, estes alunos faziam parte também de um grupo que se exercitava ao extremo em direção ao culto a certas dores, sendo conhecidos no local como “marombas”:

> Marcos: Muita dor, muito resultado, pouca dor, pouco resultado! Quanto mais estica o músculo, maior é a hipertrofia, entendeu?
> Francisco: Essa série tá foda mesmo, é o máximo de repetições que posso fazer, só na primeira vez eu fiz trinta repetições.
>
> Denise: Estou com dor em tudo, até no fio de cabelo!
> Maria Eduarda: Assim que é bom!
>
> Luis Felipe: Faz oito séries de oito repetições!
> Thiago: Caralho, que isso?
> Luis Felipe: Ué, não quer ficar bem pra copa de 2040?
> Thiago: Putz, foi foda, fiz, agora faz isso aqui ó: cinco séries de quinze repetições! Quero ver, enquanto você faz, eu descanso, quando você acabar, eu tenho que entrar no exercício logo, sem parar, entendeu?
> Luis Felipe: Porra, muita dor, bate aqui!
> Thiago: É isso aí! Conseguimos, porra!
> Luis Felipe: Então, esse aqui de hoje que eu vou falar é mais difícil, são seis séries de braço até cansar, não há limite de repetições!
> Thiago: Bora!

Ser “marombeiro” na academia de ginástica “P” não significava que os usos do corpo no “limite” eram semelhantes aos “marombeiros” da academia de ginástica “G”. Enquanto na academia de ginástica “P” havia certo *status* em ser “marombeiro” por toda carga simbólica atribuída a tal “título” como de homem “forte e de sucesso” respeitado naquele espaço por aguentar as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais, na academia de ginástica “G”, esse grupo de sujeitos era minoritário e, por vezes, estigmatizado por estar, teoricamente, se expondo a certos “riscos”. Esse grupo restrito de “marombeiros” da academia de ginástica “G” destoava da grande parte do público que frequentava aquele espaço, por isso pouco observava os alunos cobrando entre si a necessidade de sentirem “dores”. Assim, via que a exaustão do corpo no “limite” das dores de esforços físicos podia ser diferenciada e ressignificada entre diversos grupos sociais, no próprio contexto de gênero e até mesmo no interior da mesma academia de ginástica.

Assim, a depender do “tamanho corporal” desse grupo social, quanto maior fosse o porte físico do sujeito, mais respeito ou medo seria imposto aos outros alunos, pois visualmente podiam comprovar que sentiam muitas dores de esforços físicos ali. A partir de certa autoridade do “capital físico” ou “capital corporal” (GOLDENBERG, 2010 e 2011; LE BRETON, 2011), via que os “marombeiros”, a depender do contexto e das interações sociais, ao mesmo tempo em que dominavam o espaço da musculação, eles poderiam ser estigmatizados, na medida em que não se alinhavam (mas não somente) aos “corpos” privilegiados na academia de ginástica “P” e “G”.

Na academia de ginástica "P", confesso que, em muitas situações, eu achava engraçado o modo exacerbado como costumavam se enfrentar entre si no que diz respeito às relações jocosas entre os homens. A sala de musculação se tornava um "grande palco" onde os alunos homens disputavam o quanto eram másculos perante os outros, isto é, homens "contra" homens exigindo entre si certas posturas ditas masculinas. As concorrências, as competições e os desafios corporais travados entre os alunos homens eram rotina no estabelecimento.

O culto a certos tipos ideais de masculinidade era tão intenso na academia de ginástica "P" que até os usos de certos objetos podiam ser considerados indícios de homossexualidade. Exemplarmente, a discussão sobre o uso de um *squezze* em vez de uma garrafa de água de PET era rotineira no estabelecimento, causando um constrangimento naqueles que utilizavam as tais garrafinhas coloridas. Alguns alunos escondiam seus guardas-chuva quando chegavam ao estabelecimento e quando flagrados, diziam que eram das "esposas", iriam buscar seus filhos na escola ou que a "mãe os obrigou a usar"; em determinado dia, um aluno me pediu para pegar o guarda-chuva dele na mochila e deixar na recepção porque alguém poderia vê-lo com aquele objeto e taxá-lo de "gay".

No ponto de vista de Goffman (2002), estariam defendendo os seus lugares e desempenhando papéis naquele espaço durante os contatos face a face evitando certos estigmas quanto as suas orientações "heterossexuais". Mais precisamente, na ótica de Schechner (2006), os alunos homens faziam parte de eventos sociais em que a *performance* deveria ser cada vez mais aprimorada diante de uma "audiência" que questionava o que era ser um "homem". Lembro aqui uma passagem de Guedes (1997) mencionando sobre espaços frequentados por populares que pode ser apropriado para o espaço da academia de ginástica em questão[283]:

> Organizado por homens e para homens, insere-se, juntamente com bares e botequins, no território mais legitimamente reservado às interações masculinas que, comumente só pode ser observado de longe pelas mulheres. Embora, por razões diversas, nem todos os homens do local utilizem igualmente estes espaços, eles estão disponíveis para eles quando se propõem a colocar em jogo bens, identidades e fatos. (p. 131)

---

[283] No caso de espaços voltados ao esporte e ao lazer, classicamente discutido por Dunning *et al*. (1992), percebe-se uma aparente segregação dos gêneros e o predomínio do "masculino" em comunidades que, por vezes, gera diversos tipos de violência.

Pelo fato das conversas entre os alunos homens da academia de ginástica "P" girassem em torno de brigas[284], mulheres, sexo, drogas e o "quanto eram bons em algo", depois de meses, eu não aguentava mais compartilhar tais assuntos que demonstravam os potenciais das masculinidades. Lembro que ficava "exaurido mentalmente" após o trabalho de campo de conversar ou dividir, como eles, sobre o quanto homem eu era com o intuito de estar junto deles, haja vista que competiam tudo: como consertava um carro, quem brigava mais em determinada festa, quem "pegava mais mulheres", quem teria o pênis maior e mais grosso, etc.[285]. No entanto, o que me chamava a atenção era a necessidade de eles me desafiarem também quanto a sentir dores provocadas pelos esforços físicos ali na musculação.

Cito aqui um exemplo em que durante dois dias consecutivos, ao estar conversando com uma das alunas mais bem-vistas pela academia de ginástica "P" pelo seu porte físico relativo a ser considerada "gostosa" ou "sarada", um aluno interrompeu a nossa conversa me "solicitando ajuda" para destravar determinado aparelho de musculação. Para destravar o aparelho de musculação, era preciso fazer um movimento de pernas com os quatrocentos quilos de anilhas que estavam ali colocados, o que me fez recusar a ajuda por eu não aguentar a tal sobrecarga. Tornou-se evidente que o intuito era mostrar que eu seria um "homem fraco" perante a aluna. Em outra situação semelhante, perante a uma mulher que estava descansando ali perto, um dos alunos apontou para um exercício físico perguntando em um "tom alto" se eu "iria conseguir fazer", como uma forma de me provocar ou desafiar.

"Sentia na pele" ou "no corpo", portanto, as tais relações jocosas entre o que era ser homem na academia de ginástica "P" em relação às constantes demandas de provas de meus "limites" corporais. Embora eu não tenha tido qualquer contato físico direto, sentia que meu corpo estava exposto e vulnerável para aquele grupo, isto é, utilizando-me de uma afirmativa referente a uma experiência etnográfica de Lacombe (2007), "Mesmo sendo a minha mente

---

[284] Whyte (2005) comenta que as histórias de brigas no passado ajudavam a sustentar as posições de alguns homens de seu estudo, sem a necessidade de exercer a autoridade por meio da força física.

[285] A discussão se desenvolvia para além da "quantidade de mulheres". Os homens mais valorizados eram aqueles que "pegavam mulher" casada; com um cargo mais alto em determinado emprego (supervisora, gerente, chefe, etc.); se tinham realizado certo "feito" na cama, como o sexo anal; dependia da quantidade de vezes que tinham ejaculado; de que forma tinham traído suas companheiras; o quão novas eram as meninas que transavam (onze, doze anos, etc.); os locais inusitados que tiveram relações sexuais; se "gozaram dentro" em vez de colocarem camisinha, dentre outras disputas. Cheguei a presenciar uma conversa em que disputavam até mesmo quem tinha "comido" a mulher "mais diferente, porém gostosa" como, por exemplo, cadeirantes, cegas, mudas, sem um membro inferior ou superior, etc. Jardim (1992) lembra que o "baixo corporal" parece ser o maior motivo de gozação entre os homens nas brincadeiras entre si na medida em que o genital masculino é considerado o lócus de concentração de sua força, isto é, assumindo um lugar fundamental na construção da masculinidade.

quem lembrara, foi o meu corpo quem compreendeu empaticamente o significado profundo da expressão." (p. 218).

Toda vez que eu perguntava o porquê de não realizarem movimentos voltados aos membros inferiores, tipicamente exercitados pelas mulheres, os alunos se sentiam ofendidos e questionavam se eu "realmente malhava" ou se eu "exercitava as pernas". Percebia que tais homens, quando estavam sozinhos, executavam exercícios físicos para os membros inferiores, pois entrar nos aparelhos de musculação voltados as pernas era considerado um ato tipicamente feminino. Quando eram zombados ou olhados de forma punitiva por tais ações, sempre justificavam que "demoravam muito para ganhar perna" ou que realizavam tais movimentos para melhorarem alguma lesão, por exemplo, com o intuito de potencializarem a *performance* na luta, isto é, "algo relacionado ao mundo masculino"[286]. Lembro que "A forma predominante de relacionamento neste espaço masculino segregado que aparece ao pesquisador, inicialmente, como agressivo e violento, revela-se, na verdade, como um jogo." (GUEDES, 1997, p. 145), mais precisamente um jogo da virilidade que tive que "vestir a camisa" para estar "jogando" junto a eles. Souza (2010) lembra que "Estar entre homens sendo homem não garante uma inserção no grupo é preciso ser aceito." (p. 17).

Assim, a demonstração de virilidade podia ser vista no próprio cumprimento ou na despedida entre estes alunos da academia de ginástica "P"[287]. Ao poucos, aprendia que cumprimentar "agressivamente" com apertos de mãos fortes, associados a alguns "tapões" no braço ou de encontro de ombros, era outro exemplo de assumir o seu lugar naquele espaço[288]. Igualmente, via que não cumprimentar ou não se despedir de todos, mas apenas daqueles vistos como mais valorizados no local, também era uma maneira de se posicionar naquele grupo social, o que eu eventualmente reproduzia, pois um "macho superior não daria bola a um inferior"[289]. Cada vez que eu não cumprimentava ou não me despedia de alguns alunos

---

[286] Na concepção de Simmel (1998a), a "simetria" no ponto de vista "estético" normalmente se refere a "parte" que deve se ligar harmonicamente ao "todo". Grande parte dos alunos possuía pernas "mais finas" quando comparadas à dimensão dos "braços" e do "tronco". Por esta situação, muitas vezes eram criticados por tal "desproporcionalidade" gerando uma série de relações jocosas. Alguns alunos argumentavam que o "de cima" que aparecia, pois o "de baixo" podia ser escondido com uma calça *jeans*, por exemplo; se a mulher fosse descobrir que tal aluno tinha "pernas finas", somente descobriria na "cama", quando estavam prestes a se relacionarem sexualmente.

[287] De acordo com Goffman (2011), esse tipo de atividade "[...] por mais informal e secular que seja, representa uma forma pela qual o indivíduo precisa proteger e projetar as implicações simbólicas de seus atos enquanto estiver na presença imediata de um objeto que tenha um valor especial para ele." (p. 60).

[288] Para além da imagem corporal, no início, conseguia notar o nível de treinamento e, talvez, de respeitabilidade naquele espaço também pela quantidade de calos que possuíam nas mãos.

[289] Whyte (2005) argumenta que "A posição de um homem aos olhos de outros grupos também contribuía para manter a diferenciação social interna." (p. 47), por isso reproduzia determinadas ações buscando ser bem visto

considerados inferiores naquele espaço, nas semanas seguintes, os mesmos vinham falar comigo como uma forma de aproximação, ou melhor, de tentativa de ascensão no grupo.

Alguns alunos possuíam hábitos regulares de encontro face a face ao sair ou entrar na academia de ginástica "P". Alguns não cumprimentavam ninguém, paravam no meio da sala de musculação, levantavam a camisa mostrando o corpo para todos e quando conseguiam a devida atenção, realizavam um cumprimento geral. Outros chegavam gritando, circulavam pela sala de musculação, encaravam todos com "cara feia" e depois de cumprimentarem apenas alguns alunos, começavam a jogar as anilhas no chão e separá-las na ordem que iriam usar exaustivamente em determinado exercício físico. Havia ainda aqueles que apertavam a mão com força de absolutamente todos os presentes, da margem ao centro da sala de musculação, e no momento que chegavam ao centro do espaço, quando tinham a certeza da atenção de todos, retiravam o casaco e ficavam apenas com uma camiseta bem "fina", típica de fisiculturistas, contraindo e exibindo seus músculos de maneira aleatória.

Um dos alunos da academia de ginástica "P" sempre me relatava as inúmeras disputas de "tudo mais" que ocorriam na musculação, ou seja, de quem era o "mais homem"[290]. Tal aluno me dizia que mesmo tendo "muita união entre todos" ali, ninguém falava nada diretamente, pois "tudo era no visual", isto é, havia uma hierarquia no sentido de quem era o "mais homem", quem era aquele com "mais corpo" e quem "fazia mais repetições", "mais cargas", "mais exercícios físicos", etc. Aos poucos, reparava na musculação entre os alunos homens essa certa política do "quanto mais, melhor!" no sentido de explorar ao máximo seus "limites" corporais:

> Sheik: Parece mulher, demora muito no intervalo, tem que ser rápido!
> Diego: Quero ver você fazer o que eu faço sem tomar produto!
> Sheik: Valeu, mulherzinha! E ele ali, parece um bolinho de chuva, vai embora porque diz que não dá pra malhar não, também, o cara fica sentado muito tempo no aparelho!
> Jô: Você me fala que só faz efeito se sentir dor, então não reclama, eu aumentei o peso rápido, estou puro, você sempre me fala pra aumentar, a cada dia aumento cinco quilinhos.
> Tigrão: Assim é mole, tu viu, Sheik? O Jô pegou pesado rápido e foi embora, nem sentiu dor.

---

pelos grupos sociais da academia de ginástica "P". Wacquant (2002) comenta uma situação parecida: "Cumprimento todo mundo e aperto as mãos (sempre: é o rito cotidiano e uma marca de respeito muito considerada)." (p. 90).

[290] Le Breton (2009) lembra que "O adversário pode ser combatido realmente no decorrer de uma prova breve ou longa, ou de modo simbólico, quando os desempenhos alcançados por outro são os limites cobiçados. O que importa é ir além, levar o recorde ao ponto mais inacessível, algumas vezes forçar o corpo ao limite do ordálio para legitimar a existência apostando no desgaste, aquele quase nada sem o qual a vida não teria esse sabor." (p. 121).

> Sheik: É um bolinho de chuva mesmo! Aí, vou fazer mais um exercício para o braço, com mais este, eu cresço!
>
> Alcides: Coloca mais cinco quilos aí, porra, tu não é homem, tu não é o malandrão?
> Sheik: Cala a sua boca! Isso aqui foi só pra aquecer o coração, ainda vou aumentar! Fica na tua aê!

Notava, por exemplo, que não ceder o aparelho de musculação onde o aluno estava se exercitando para revezar com outro que quisesse utilizar era uma forma de demonstrar a sua superioridade. Nas raras vezes em que aceitavam revezar os exercícios físicos com os outros, via os alunos não perdendo a oportunidade de lembrar a quem entrasse no aparelho de musculação que a "carga dele era mais pesada", logo "tinha que subir o pino" em direção as placas de pesos mais leves. Além disso, alguns tomavam a frente de outros na fila do bebedouro sem falar absolutamente nada como uma maneira provocativa. Via também que estes alunos optavam sempre pelas barras de ferro mais "antigas, enferrujadas e tortas" àquelas mais "novas, limpas e retificadas", como uma maneira de demonstrar que "pegavam pesado a qualquer custo". Em suma, observava algumas das disposições sutis de controle da masculinidade entre homens, descritas por Brown (2006), tais como o complexo de dominação territorial, visual, conversacional, postural, etc.

Confirmado pelo funcionário que trabalhava no estabelecimento e pelos profissionais que ali atuavam diariamente na academia de ginástica "P", os alunos também "dramatizavam" com o intuito de demonstrarem que eram "viris" como jogarem os pesos no chão, xingando, não usarem as presilhas de segurança ou amassavam e arrebentavam os pinos e cabos de aços de propósito. Todas essas situações reforçavam, de modo visual e sonoro, o quanto aquilo que os alunos homens sentiam era difícil de passar para os outros, isto é, tais alunos não diziam apenas que "malhavam", mas também demonstravam que "puxavam ferro no limite".

Constantemente, os alunos da academia de ginástica "P" se chamavam por "apelidos" que remetiam a algo relacionado ao corpo como "Jumanji" (nome de um filme em que descreve a história de um jogo de tabuleiro com temática da selva, onde grandes animais fictícios se tornavam reais), "Júnior Baiano" (ex-jogador de futebol, zagueiro, conhecido por dar e aguentar "porradas" nas partidas), etc. Chamavam uns aos outros se referindo a animais como, por exemplo, os vistos como fortes chamados de "mão de leão", "força de gorila", "cintura de rinoceronte", "sexo de cavalo", "pegada de macaco", etc., e os considerados fracos, "frangos", "frangos empanados", "coxinhas de frango", "animal", "lagartixa", "patinho", "cachorro salsicha", "ratinho", "tartaruga", etc. Tais referências classificatórias entre os alunos homens se modificavam na medida em que, a depender das interações sociais,

eles aguentavam mais ou menos as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais quando comparados ao outro[291].

Ademais, todo e qualquer acidente que sofriam no interior da academia de ginástica "P" era imediatamente tornado público, sobretudo quando os hematomas eram evidentes na superfície do corpo. Frequentemente, na musculação, os alunos lembravam e mostravam uns para os outros seus machucados e cicatrizes, competindo uns com os outros para ver quem possuía mais. Cheguei até presenciar alunos disputando quem tinha sentido mais dor no momento de ter feito uma tatuagem[292].

Ser marcado ou sentir dor no sentido literal ou figurado significava aumentar o valor do sujeito na academia de ginástica "P", demonstrando, de certo modo, um sinal de diferença individual ou de pertencimento social perante o coletivo, no caso aqui o de masculinidade (JARDIM, 1992; LE BRETON, 2004 e 2010). Se ao tratar sobre a tortura em sociedades primitivas, Clastres (1978) aponta que cada grupo social inscreve suas "leis no corpo", na academia de ginástica "P" a "marca no corpo" assumiria uma prova de "virilidade", pois a "dor" visualmente poderia ser concebida e exposta para todos ali. Isto é, o corpo se tornava um receptáculo ressignificado de símbolos ligados ao mundo do homem que aguentava o "limite" das dores causadas pelos esforços físicos e também "invencível" face aos "riscos" que poderiam acometê-los. Nesse sentido, a "fachada" de Goffman (2002), deveria ser "marcada", pois simbolicamente se associava ao "ser" um "verdadeiro homem".

Comparando com academia de ginástica "P", os "marombeiros" da academia de ginástica "G" raramente ficavam parados assistindo o que se passava na televisão, ficavam focados no tempo em seus relógios, calculavam e mensuravam seus resultados corpóreos de modo rotineiro, monitoravam as variáveis de treinamento com o intuito de ajustá-las para um nível acima caso fosse (e sempre era) preciso. Eles preferiam aumentar o peso a executarem os movimentos de forma completa, se exercitavam até os últimos minutos do estabelecimento fechar, realizavam as práticas corporais com altas doses de volume e de intensidade, preferiam movimentos mais complexos ou difíceis semelhantes àqueles executados por fisiculturistas a desfrutarem da variedade, da quantidade e da qualidade dos aparelhos de

---

[291] Conforme Jardim (1992), "Através destas brincadeiras temos acesso ao modo específico pelo qual os homens, referem-se aos usos que fazem de seus corpos e, portanto, ao corpo masculino." (p. 24). Para compreender tais brincadeiras jocosas associadas a risos, baseando-me em Fonseca (2000), este humor teve que ser situado em um contexto de práticas e de valores.

[292] No ponto de vista de Caroni e Grossman (2012), as "marcas corporais" se ligam a ideia de "superação de limites".

musculação que existiam ali, faziam poses para observar seus corpos nos espelhos[293], tinham tatuagens[294] que aludiam a certo modo de usar o corpo no "limite", raramente bebiam água e quando faziam, molhavam apenas a boca[295], dominavam determinados aparelhos de musculação como se tivessem posse dos mesmos, ficavam felizes quando conseguiam arrebentar algum cabo de aço de um lugar no momento em que estavam executando dado movimento, socavam algum objeto após a execução de um exercício físico, etc.

Contudo, de forma peculiar, os alunos da academia de ginástica "G" conhecidos como "marombas" afirmavam a necessidade de aumentarem o nível de seus treinamentos de forma paulatina e que estavam ali apenas para a "manutenção do corpo" ou para "crescerem de forma correta". Eles executavam os exercícios físicos sem muitos "gritos" ou "gemidos", isto é, urravam de dores de forma mais "amena". Muitos destes alunos se exercitavam com inúmeras expressões faciais como se estivessem aguentando altas cargas mesmo quando relativamente levantavam pesos considerados muito leves se fosse comparar ao seu porte físico. Estes alunos interrompiam as supostas rotinas exaustivas de exercícios físicos para tirarem fotos de si, se filmarem para assistirem os esforços em momento posterior e conversarem naquele espaço. Quando machucados, tais alunos se exercitavam em um ritmo mais lento e menos intenso, chegando até frequentar a academia de ginástica apenas para ajudar seus amigos ou simplesmente para encontrar os conhecidos. Deparava-me também com estes alunos que preferiam as marcas das anilhas "mais finas" as "mais grossas", mesmo que tivessem o mesmo peso, pois as "mais finas" eram conhecidas naquele espaço por serem teoricamente "mais leves". Estranhava-me ver os conhecidos como "marombas" dizerem para todos que determinado "exercício físico estava pesado e iria trocar ou diminuir o peso". Muitos destes alunos treinavam e se preocupavam com os membros inferiores e não eram taxados de "gays", pois geralmente quem malhava mais as pernas eram as mulheres; o discurso, por vezes, se atrelava à ideia de manter a "proporcionalidade" entre os braços e as

---

[293] Inúmeros trabalhos demonstram que o uso dos espelhos em academias de ginástica serve tanto para a utilização "pedagógica" dos movimentos quanto para autovigilância estética das formas corporais (SASSATELLI, 1999 e 2000; HANSEN; VAZ, 2004; BARLAND, 2005; SANTOS; SALLES, 2009; MARIANTE NETO, 2010; VILELA, 2010; CHAVES, 2010). Em especial, sobre a história da beleza, Vigarello (2006) comenta que antes os espelhos privilegiavam o "alto corporal" e, posteriormente, "todo o corpo".

[294] Sabino e Luz (2006) comentam que "[...] a maioria dos(as) tatuados(as) das academias pesquisadas escolhe seus desenhos após uma decisão pessoal que expressa a vontade de distinção." (p. 252).

[295] De forma ilustrativa, um dos alunos da academia de ginástica "G", que fazia parte desse grupo conhecido como "maromba", trocou seu *squezze* de aproximadamente um litro de capacidade por um minúsculo cantil com as cores do exército e ao beber, fazia questão de mostrar para todos que engolia apenas algumas gotas ao colocá-lo no canto da boca. Transparecia que estava em uma "guerra" e deveria economizar o líquido até o fim da "batalha", ou melhor, do "treino supostamente árduo".

pernas. Estes alunos usavam luvas objetivando não terem calos em suas mãos. Além disso, muitos professores me relatavam que a "galera da maromba" descansava mais porque o espaço da academia de ginástica "G" propiciava uma série de atrativos que poderiam distrair os alunos como as televisões, bem como o privilégio de poderem "bater-papo" entre amigos e usarem seus "iPhones de última geração". Até mesmo o fato de jogarem os pesos ou espalharem as anilhas pelo chão que teoricamente seria uma forma de demonstração de "todo o seu poderio másculo", na realidade, segundo os profissionais, faziam isso de propósito com o intuito de esperarem alguém, o professor, "catar" os pesos porque "pagavam caro"; chegava a ouvir tais ideias de alguns alunos ao comentarem que "pagavam, logo podiam desarrumar tudo".

Os "marombas" faziam parte praticamente do único grupo social da academia de ginástica "G" que se incomodava pela minha presença no local pelo fato de eu não ter me exercitado. Em determinado dia, escutava tais alunos comentando que eu era um "frango, pois ficava mais em rede social no celular do que sentir dor", o que me causava certo desconforto no momento, mas era entendível na medida em que eu circulava pelo "espaço deles" e não agia da mesma maneira no relativo "limite" do corpo[296].

Parecia que estes poucos alunos da academia de ginástica "G" implicitamente incorporavam essa noção de enfrentar os "limites" das dores durante o dia a dia no setor da musculação. Algumas camisas usadas para realizar as práticas corporais se remetiam à ideia de lutar, de ser um vencedor, de dever a cumprir, de ultrapassar as dificuldades, de enfrentar a intensidade do esforço, de manter a disciplina, a perseverança, o foco, a força e a fé. Era preciso nunca desistir para se obter certa glória como, por exemplo, blusas com os seguintes dizeres ou marcas: "Força e Honra!"; "30 minutos de exercícios todos os dias"; "Na hora da batalha" (foto de um soldado de guerra); "Próximos 80km..." (foto de um rapaz correndo);

---

[296] Por outro lado, talvez, eu mesmo também tenha sido classificado como um "maromba" por alguns alunos, pois parecia que o meu próprio porte físico ou a minha identidade estariam alinhados a esse público não tão bem visto na musculação da academia de ginástica "G". Quando eu estava circulando pela sala de musculação, um aluno me perguntava "brincando" se eu iria "tomar o aparelho dele", mesmo respondendo que "não", o mesmo dizia que "também era forte e podia tranquilamente disputar o espaço comigo". Em outra passagem, depois de ter me perguntado se eu iria "fazer o aparelho dela" e eu respondendo que estava ali apenas para a pesquisa, uma aluna comentava comigo que havia uns "fortões, como eu, sem consciência que saíam roubando os aparelhos dos outros; mexiam nas regulagens e nas cargas, indo embora sem agradecer"; falava ainda que havia se "machucado" pelo fato de um dia não ter visto que mudaram o peso dela. Outro aluno, após ter sido elogiado pela professora pelo fato de ter colocado "tudo no lugar depois do uso", o mesmo respondia que "não era da galera daquela parte ali, era um verdadeiro *lord*", apontando para a sala dos pesos livres onde eu estava, local onde os "marombas" mais frequentavam.

"Estou bem de força e você?"; "O que você luta?"; "*Livestrong*"; "*Muscle wear*", "*Under armour*", etc.

Embora raro, era possível notar alguns destes alunos da academia de ginástica "G" circulando pelo espaço da musculação com "gaze" ou "bandagem terapêutica"[297] localizada em uma articulação supostamente comprometida; ou ainda, mancando naquele espaço. Durante o trabalho de campo, lembrava que na minha vivência profissional em academias de ginástica, as situações supracitadas relativas às dores de esforços físicos eram comuns, no entanto, como professor de Educação Física, confesso que eu "naturalizava" essas "cenas" de observar um aluno "machucado" realizando exercícios físicos na sala de musculação. Na época, lembrava que o risco à saúde em academias de ginástica somente ficava evidente para mim quando uma aluna morreu de parada cardiorrespiratória no meio da sala de ginástica. A mesma tinha realizado uma aula de *spinning* e uma aula de *running class* antes de estar na sala de ginástica e muitos alunos diziam que a mesma fazia uso contínuo e excessivo de anabolizantes. No entanto, estes "marombeiros" que frequentavam a musculação da academia de ginástica "G" nessas circunstâncias não necessariamente se viam em algum "risco", diferente da posição do professor de Educação Física que poderia questioná-los.

Na academia de ginástica "G", ao conversar com um aluno de quinze anos de idade, perguntando a ele como estavam seus treinos, o mesmo me respondia que estavam "pesados" e que era "treino de homem"; dizia que na semana anterior tinha parado no posto médico, tendo a mãe sido obrigada a assinar um termo de compromisso que se responsabilizava por ele no interior do estabelecimento. Ele falava com orgulho que tinha "treinado pesado" e estava "cheio de dores", além de ter tomado uma unidade de um estimulante chamado de "*thermo fire*", um termogênico para obter energia que, no meio do treino, quando estava "ligadão", começava a suar, a ter tremedeiras, ficar tonto e quase desmaiar na sala de musculação. Com esta situação pontual, me surpreendi, vi e confirmei que estas questões de levar os corpos no "limite" do "culto a dor" eram um problema de saúde pública obscuro, embora eu entendesse as racionalidades que permeassem ali. Em outras palavras, questionava-me a todo instante o grau de "relativismo" em se buscar as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais.

---

[297] Usada principalmente por atletas de alto rendimento, o acessório adesivo, denominado de *kinesio tape*, se caracteriza por fitas elásticas coloridas coladas em várias partes do corpo que objetivariam tratar ou prevenir lesões, melhorando a circulação sanguínea e os desvios articulares, bem como reduzindo dores, sensações de desconforto, edemas e hematomas.

Em ambas as academia de ginástica, deparava-me também com determinados alunos que não se alinhavam aos comportamentos destes grupos de "marombeiros", demonstrando que havia uma diversidade de concepções sobre o que era o "corpo de um homem". Na academia de ginástica "G", pelo fato do aluno "maromba" não fazer parte do "grande modelo de corpo" compartilhado naquele espaço e pelas suas concepções distintas sobre "riscos", percebia que os "marombeiros" ficavam isolados de todos ali e quase não estabeleciam qualquer tipo de relação com os demais que frequentavam o local. Por outro lado, na academia de ginástica "P", havia aqueles alunos menosprezados por esse grupo que cultuava o reforço da identidade de gênero masculino, pois, enquanto se exercitavam, sofriam a todo o momento qualquer tipo de crítica dos "marombeiros".

Na musculação da academia de ginástica "P", alguns alunos eram considerados "inferiores" se mencionassem ou reclamassem que estavam sentindo as dores pelos esforços físicos em demasia, se optassem por anilhas com menos de cinco quilos, se deixassem os pesos caírem ou ficassem fazendo outras atividades diferentes do "malhar", como tirar fotos e conversar no celular, etc.; eles eram inevitavelmente alvos de "piadas" no sentido de duvidarem da orientação sexual deles. Principalmente os recém-chegados e/ou os mais jovens de idade com a pretensão de se igualarem àqueles alunos que estavam há um tempo se exercitando na musculação da academia de ginástica "P" no "limite" dos esforços físicos tentavam logo nas primeiras semanas fazerem os movimentos de forma mais duradoura e pesada, bem como em maior quantidade de estímulos corporais. Nesse caso, os alunos "marombeiros" mais experientes, avançados ou veteranos realizavam uma verdadeira "iniciação" a estes novatos[298]:

> Tigrão: Vocês têm que colocar mais dez quilos de cada lá em vez de cinco.
> Mineiro: Sério? É ruim, hein?
> Tigrão: Olha só, vou te ensinar, com cinco quilos vocês não vão crescer tão cedo, coloca mais dois então, sete quilos! Vai fazendo assim em cada série, não pode descer, tem que subir a cada série sempre. Quem avisa amigo é!
>
> Luisinho: O meu músculo tá na merda, Alan, Wilson tá me matando hoje aqui!
> Eu: É?
> Wilson: Alan, hoje ele tá chorando comigo, ele tem que aprender a puxar ferro! Vai, Luisinho, tá na merda, mas continua!

A dor iniciática tradicionalmente descrita em sociedade primitivas pode ser compreendida quando Clastres (1978) aponta que "O ritual de iniciação é uma pedagogia que vai do grupo ao indivíduo [...] Pedagogia de afirmação, e não diálogo: é por isso que os

[298] Jardim (1992) identificou em seu estudo em bares que, por exemplo, a experiência dos homens é um símbolo de distinção entre eles por causa da idade.

iniciados devem permanecer silenciosos quando torturados. Quem cala consente." (p. 129). Le Breton (1999) aponta que esses episódios penosos de sociedades primitivas exigem os recursos morais de determinado grupo social dando sentido a própria existência. Assim, as múltiplas identidades na academia de ginástica "P" eram construídas também a partir de que forma os diferentes alunos lidavam com as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais.

No caso dos rituais de iniciação dos "marombeiros" mais experientes, avançados ou veteranos sobre os iniciantes ou novatos era possível perceber que ali se instituía um período liminar em que os lugares sociais dos alunos deveriam ser definidos também pelas dores provindas dos esforços físicos[299]. No sentido de Mauss e Hubert (2005), os sacrificadores ("marombeiros") estariam impondo as dores e os sacrificantes ("iniciantes" ou "novatos") recolhendo os benefícios desses sacrifícios ou se submetendo a seus efeitos rumo à possível integração à coletividade no espaço da musculação. Tendo em vista que a liminaridade é um processo ou uma passagem entre *status* em que o sujeito fica em um grau intermediário refletindo criticamente sobre sua posição face aos grupos sociais com os qual interage (TURNER, 1974; GENNEP, 2011), via que os alunos iniciantes ou novatos podiam ser "excluídos" ou "incorporados" aos "marombeiros". Schechner (2011) esclarece que "*Performances* de transformação são evidentes em ritos de iniciação, cujo propósito é exatamente transformar pessoas de um status ou identidade social para outro. Uma iniciação não só marca uma mudança, mas é ela mesma a maneira pela qual as pessoas alcançam o seu novo eu: sem *performance*, sem mudança." (p. 164).

Turner (1974) destaca que, em termos gerais, "A liminaridade implica que o alto não poderia ser alto sem que o baixo existisse, e quem está no alto deve experimentar o que significa estar em baixo." (p. 119). No entanto, tais rituais não se desenvolviam de forma tão estática e determinista, pois pelo fato de estarem em permanente representação na vida cotidiana durante as interações sociais (GOFFMAN, 2002), ora estavam em risco no sentido de serem considerados "desviantes", "estigmatizados" ou "marginais" como "simples alunos", ora como "marombeiros". Como Schechner (2011) lembra, "O foco da técnica de treinamento do *performer* não é transformar uma pessoa em outra, mas em permitir que o *performer* atue entre as duas identidades; neste caso atuar é o paradigma da liminaridade." (p. 160).

---

[299] Rodolpho (2004) menciona que os rituais são relevantes em uma análise sobre um grupo social específico na medida em que ali emergem os valores e as crenças dos sujeitos. Douglas (1991) destaca que "Enquanto animal social, o homem é um animal ritual. Elimine-se uma certa forma de ritual e ele reaparece sob outra forma, com tanto mais vigor quanto mais intensa for a interacção social." (p. 46).

Desse modo, a partir também dessa perspectiva de gênero, longe de desejarem o "mal" ao outro pelos intensos desconfortos físicos, a intenção dos alunos mais experientes, avançados ou veteranos era integrá-los ou não ao pertencimento do grupo social no sentido de deixarem claro quem era um "verdadeiro marombeiro". Se os alunos iniciantes ou novatos durante as interações com os "marombeiros" aguentassem e passassem por todas as provações e penitências que sofriam na musculação da academia de ginástica "P", eles estariam galgando posições de prestígio ali. Em outras palavras, era pela dor de esforços físicos (mas, não somente) que passariam de um estágio ao outro, pois, geralmente, "O sacrifício procura estabelecer uma conexão desejada entre dois domínios inicialmente separados [...]." (LÉVI-STRAUSS, 1989, p. 251).

Assim, ser um praticante homem de musculação na academia de ginástica "P" era indubitavelmente incorporar a noção do "*no pain*, *no gain*" ao sentir na "carne" os valores de sua existência masculina. Lembro aqui que esses rituais de iniciação em academias de ginástica foram detectados por Sabino (2004) quando identificou em seu trabalho que o "sentir dor" era uma forma de construção de identidade. Para Malysse (2007), os processos de aprimoramento do corpo do aluno nas academias de ginástica são efetivos rituais de autotransformação à luz do que os outros o concebem ou o exigem. Peres (2011) aponta que, independentemente dos atributos corporais almejados em academias de ginástica, o ato de se engajar nas práticas corporais podem ser considerados rituais coletivos. Enfim, as modificações corporais, como os exercícios físicos no "limite", também fazem parte essencialmente de alguns rituais de passagem no sentido de mudar o *status* do sujeito em dado contexto social (LE BRETON, 2004; RODRIGUES, 2006).

As interações sociais entre homens na musculação representadas nesses rituais de iniciação "violentos" e "humilhantes" demonstram de forma mais ampla como o "ser" masculino na sociedade deveria se adequar a determinada identidade grupal de gênero, sobretudo para aqueles sujeitos-homem da CDD na "luta do dia a dia". As regras ou rituais referentes ao "ser marombeiro" deveriam ser encenadas cotidianamente, que no sentido de Goffman (2002), os alunos incorporariam papéis que seriam desempenhados no sentido de indicarem ao outro o que se espera deles. Assim, eu observava ali na musculação da academia da ginástica "P" que aqueles homens "falavam" a todo instante das suas vidas, ou melhor, dos "enfretamentos" ou "embates" que estariam preparados para combater ou para sobreviver. Por isso, ser "marombeiro" ali era uma forma de demonstrar também que tinham "vitórias" lá fora do estabelecimento, uma vez que no sentido de Schechner (2006), a musculação da academia

de ginástica “P” se constituía como um espaço simbólico representante de uma realidade social através de papéis performaticamente exercidos por determinadas masculinidades.

Era possível notar que as próprias camisas dos alunos mais experientes, avançados ou veteranos na musculação aludiam a esta ideia de estarem ou se sentirem superiores àqueles que chegavam ao espaço da academia de ginástica “P”, como blusas com os dizeres “Pede pra sair, recruta 05!”, “Corporação exaustão!”, “Meu nome é revolta!”, “Eu sou a diretoria!”, “Eu me garanto no treino!”. Esses alunos tentavam ser os “donos do pedaço” da academia de ginástica “P”, pois a lógica era de que ultrapassavam os seus “limites” corporais e enfrentavam certos “riscos” mais do que todos ali.

Estes alunos da academia de ginástica “P” que cultuavam certas masculinidades, a qualquer instante, “mandavam” os outros pararem de fazer os movimentos deles para os ajudarem a sustentar mais pesos em determinados exercícios físicos ou até mesmo arrumarem a sala de musculação “bagunçada”, situação esta que era praticamente aceita por todos ali. Eventualmente, estes alunos davam socos e chutes fortes ou pegavam os colchões para baterem em determinado aluno novato ou o olhavam com algumas “caretas”. Disputavam também quem mandava no rádio da academia de ginástica, pois havia aqueles que colocavam músicas de charme, de *hip hop*, de rap ou de *funk* (alguns “proibidões”[300]), avisando a todos que no momento que começassem a escutar tais tipos de músicas, era para “ficarem ligados” que já estavam subindo para a musculação[301]; pois não escutavam “músicas de viado”[302] ou que ninguém deveria retirar suas músicas enquanto estivessem no local.

Le Breton (2009) menciona que, em determinado grupo social, quando há um mestre, somente ele importa e que tais veteranos costumam vigiar seus adeptos em suas dedicações em atividades diversas, tais como a chamada “pressão psicológica” aos novatos com privações, trotes, punições, etc., caracterizando-se por submissões sem reação. Nessa direção, Le Breton (1999) aponta que a imposição de certa dor pode ser configurada como uma forma de humilhação ou de anulação da “vítima”, fenômeno este comum entre aqueles que se

---

[300] São músicas de f*unk* com letras sexualizadas e contendo palavras consideradas chulas, como palavrões (MOREIRA; OLIVEIRA, 2012).

[301] Chegava ao ponto de quando a rádio tocava alguma música desses gêneros musicais, alguns comentavam ou especulavam se determinado aluno experiente, avançado ou veterano estava subindo; havia uma tensão temporária entre os novatos no espaço e as pessoas mais velhas se irritavam com tais letras musicais vinculadas à pornografia. Em dada época, tamanha era a agressividade que, embora a coordenação e a recepcionista tentassem impedi-los de colocar os CDs, de alguma forma, tais alunos ficavam impondo seus gostos musicais para todos, o que muitas das vezes acarretou em não aceitá-los ou tocar as músicas que queriam apenas com o volume baixo.

[302] Jardim (1991) comenta que além de produtos, comidas ou bebidas, a depender do local, é possível perceber também os gostos masculinos acerca das sonoridades.

encontram, de acordo com Turner (1974), em um processo liminar a qual se submetem a uma autoridade de um coletivo hierárquico para, em algum momento, elevarem seus *status*. Eram evidentes nas interações sociais estabelecidas no espaço da musculação da academia de ginástica "P" quem eram os alunos homens mais experientes, avançados ou veteranos, líderes de tais ações em prol de certas masculinidades hegemônicas representadas nos "limites" dores derivadas dos esforços físicos. Mauss e Hubert (2005) lembram que:

> Em todo sacrifício há um ato de abnegação, já que o sacrificante se priva e dá. [...] Mas essa abnegação e essa submissão não suprimem um retorno egoísta. Se o sacrificante dá algo de si, ele não se dá: reserva-se prudentemente. Se ele dá, é em parte para receber. O sacrifício se apresenta assim sob um duplo aspecto. É um ato útil e é uma obrigação. O desprendimento mistura-se ao interesse. (p. 106)

Por outro lado, muitos destes alunos líderes tinham cuidados com o corpo que, a princípio, poderiam ser associados ao público feminino. Semelhante aos cuidados de si de fisiculturistas, estes alunos homens diziam que se cuidavam ao extremo e criticavam aqueles que o não faziam, por exemplo, fazer as unhas passando base e retirando a cutícula, se depilar totalmente, retocar as sobrancelhas, se perfumar demasiadamente com o argumento que assim seriam mais higiênicos e saudáveis, etc. Nesses casos, para os marombeiros da academia de ginástica "P", estar no "limite" do risco à saúde se associava também à aparência de ser ou não higiênico e belo. Em outras palavras, para os marombeiros, "ser vaidoso" "era ser saudável"[303].

Ressalto que o avançado de "hoje" podia ser o iniciante de "amanhã", da mesma forma que o iniciante de "hoje", podia ser o avançado de "amanhã", pois isso dependeria da forma com que usavam seus corpos ao longo do tempo. Em dada época, determinados alunos que eram "grandes" e "respeitados" por todos naquele ambiente, por terem perdido, por exemplo, massa muscular ou por terem saído da academia de ginástica durante um tempo, ficavam na sala de musculação mais inibidos em relação às interações que ali aconteciam; por vezes, criticados por não estarem retirando os outros daqueles aparelhos de musculação que

---

[303] Aqui se refere exclusivamente a este grupo de marombeiros, como, em muitas ocasiões, os grupos de fisiculturistas "sofrem" ironicamente pelo fato de serem chamados de "gays" ou "bichas" por causa de seus "cuidados" ou "corpos" (MONAGHAN, 2000; BRIDGES, 2009). Aliás, na academia de ginástica "P", apenas sobre esses "cuidados" ou "corpos" aparentemente "afeminados" dos marombeiros mais experientes, avançados ou veteranos que eram severamente criticados pelos alunos iniciantes ou novatos, como uma espécie de "ritual de inversão de *status*" tratada por Turner (1974) em que os "inferiores" podem insultar ou provocar os "superiores". Cesaro (2013) detectou, por exemplo, a recusa de alunos praticantes de musculação no que diz respeito a "serem vaidosos" justamente por esses motivos ligados à *performance* de gênero masculino. Em outros contextos, como o de "botecos" no estudo de Jardim (1992), foi possível perceber também que o "descuidado" se refere ao "mundo" essencialmente "masculino". Assim questiona-se a premissa de Vigarello (2006) ao afirmar que "Os homens descobrem a noção de capital estético." (p. 178), uma vez que pode haver diferentes noções de "corpo masculino", como via nas academias de ginástica.

desejavam ou ainda por estarem "calados demais", por exemplo. Por outro lado, alunos que antigamente eram considerados iniciantes ou considerados como "frangos", pareciam ter mais "voz" ao longo do tempo por terem "crescido", sendo procurados por muitos, por exemplo, para dar orientações aos outros ou até mesmo zombavam daqueles que antes o caçoavam, isto é, repetia as tais "opressões" que sofriam de outrora. Em termos gerais, no sentido de Goffman (2002), o "mundo social" como "palco"[304] daqueles atores marombeiros mais experientes, avançados ou veteranos e os alunos iniciantes ou novatos durante as interações, na maioria das vezes, se estabelecia primordialmente entre rituais de elevação de *status*, isto é, a prevalência de comportamentos "agressivos" aos neófitos para estes, em algum momento, subir na estrutura social (TURNER, 1974).

Para se chegar a este nível de respeitabilidade[305] naquele ambiente, percebia que havia uma forma de se protegerem entre si que, no caso, os novatos malhavam em grupos de dois a três alunos se juntando e dominando determinado espaço do local e ao longo do tempo começavam a treinar sozinhos, como uma forma de se destacarem dos outros. Entre eles mesmos, quando em grupo, havia certas relações jocosas quanto aos "limites" das dores[306]. Notava, portanto, o que Turner (1974) comenta sobre uma variante dos rituais de reversão de *status* em que "[...] é aquela em que os inferiores simulam a posição e o estilo de vida dos superiores, chegando algumas vezes ao ponto de se organizarem numa hierarquia que é uma imitação da hierarquia secular dos seus chamados superiores." (p. 203). Entre os alunos mais experientes, avançados ou veteranos, havia uma ajuda mútua para que seu parceiro atingisse determinado número de vezes do movimento com elevadas cargas de pesos estipulado com antecedência, demonstrando todos os seus "potenciais masculinos"[307].

---

[304] Schechner (2011) destaca que "O palco – refererindo-me não apenas ao espaço físico, mas ao agregado tempo/espaço/espectador/*performer* – gera uma força centrípeta que engole tudo o que acontece nele ou perto dele. Esta absorção para o centro é o principal paralelo entre o processo da *performance* e o processo do ritual [...]." (p. 157).

[305] Caso aguentassem colocar seus corpos no "limite", nas palavras de Le Breton (2012), os alunos renasceriam para uma versão de si "melhorada" e quiçá "superior" aos outros.

[306] Os alunos ao mesmo tempo em que zombavam de terceiros pelas suas *performances* corporais durante os exercícios físicos, também se ajudavam mutuamente no espaço da musculação. Baseando-me em Radcliffe-Brown (1989), via que a jocosidade entre "eles" servia justamente para a manutenção das interações e das identidades masculinas que ali eram compartilhadas.

[307] Na musculação da academia de ginástica "P", isso era usado de forma "discrepante" daquilo que via quando eu trabalhava no ramo do *fitness*. O que existia fundamentalmente nesses processos liminares entre o "sentir" ou o "quanto sentir" as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais era "[...] urna mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem." (TURNER, 1974, p. 118). O aluno tentava levantar o peso com uma carga muito além do que conseguia e seu parceiro "fazia o resto do trabalho". Eu podia somente compreender a forma com que se ajudavam quando eu realmente colocava as "mãos nos ferros" para ajudá-los, ou melhor, com o intuito de preservar o *status* deles de másculo naquele ambiente.

Ao iniciarem certo exercício físico ou durante determinado movimento, falavam ou gritavam com os pesos como se fossem mulheres, por exemplo, "Vem que eu te puxo, vem aqui, vai!", "Olha o peso dela, que linda!", "Delícia, hum, delícia, hum!", "Vem que tem!", "Chega que vem!", "Vai, vai, vai, mais uma!", "Toma, toma, toma!", "Chama que ela vem!", etc.[308]. Pareciam personificar aquilo que buscavam dominar, isto é, estavam se impondo nos equipamentos que corresponderiam simbolicamente às mulheres. Isto era acentuado quando algumas mulheres estavam próximas deles. Muitos destes alunos usavam também blusas com dizeres do tipo: "Por que hoje é dia da caça!", "Fortão! (atrás), Família Bota tudão! (frente)", etc. Essas ações eram embaladas e cantadas em coro com músicas que faziam alusão ao sexo no qual o homem sempre era o "macho" que tornava a mulher "submissa" ou esta sendo "ativa" e "decisiva" na relação sexual como se "mandassem" em seus homens[309].

Apenas depois de alguns meses de convivência, embora frequentemente se demonstrassem como "solteiros" e "jovens", descobria que determinados alunos já eram pais, eram "casados" há anos e/ou possuíam mais idade do que eu suspeitava. Apenas me relatavam sobre suas companheiras quando estavam a sós comigo e principalmente quando "precisavam desabafar com alguém". Via que toda aquela imagem de homem viril "desabava" quando eles se sentiam ligados, no sentido emocional, as mulheres ou até mesmo dependentes amorosamente delas; muitos embora dissessem que iriam se separar, no final, eles voltavam para suas ex-companheiras. Em algumas vezes, ao receberem as ligações[310] de suas companheiras, os alunos homens saíam de forma imediata do estabelecimento dando certas "desculpas" que tinham que resolver algum "problema" ou "trabalhar mais cedo" demonstrando que não podiam ceder a elas; as próprias fotos no celular deles eram maciçamente voltadas às suas companheiras[311].

Desse modo, fora do espaço da musculação da academia de ginástica "P" eram extremamente regidos ou controlados pelas suas companheiras, contradizendo a ideia que

---

[308] Jardim (1991) em seu estudo em bares sobre a identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares conseguiu identificar, por exemplo, que as bebidas tinham referências femininas, como um tipo de cerveja chamado de "loira", etc.

[309] "Eu vou sentar mesmo!", "Ela vai mamar!", "Tu é chifrudo!", etc. são apenas alguns exemplos de trechos de músicas que pareciam motivar mais os alunos e as alunas a gritarem e gemerem naquele espaço da musculação daquela forma com certas conotações sexuais. Um dos professores da academia de ginástica "G" da Barra dizia para mim que os estabelecimentos em locais de classes populares em muitas ocasiões no setor da musculação "cheiravam a sexo".

[310] Tal fato das ligações também foi visto por Souza (2010) no seu estudo em um bar de um bairro suburbano carioca, gerando uma série de "chacotas" entre eles no sentido de que o suposto domínio das suas "companheiras" se configurava como uma ameaça a masculinidade.

[311] Alguns destes alunos gostavam de compartilhar as fotos comigo ou quando deixavam seus celulares em determinado local até a luz do visor apagar, via tais imagens.

queriam passar de domínio sobre elas. Tais dados apenas confirmavam que a musculação se tornava um espaço de reforço de certas masculinidades, mas que fora daquele ambiente talvez tais encenações de interações sociais e *performances* ligadas a ideia de "homem macho" não se configuravam da mesma forma.

Em determinada época esse domínio de ideais masculinos hegemônicos na academia de ginástica "P" era tão evidente que os próprios alunos homens e profissionais comentavam que o local estava se tornando "academia de homem". Via durante o cotidiano que cabiam outras formas de "ser" homem na musculação da academia de ginástica "P", mesmo que em menor grau[312]. "Gente da antiga", sobretudo mulheres, estava saindo da academia de ginástica e migrando para outros lugares, o que, de certa maneira, estava afetando o orçamento mensal do estabelecimento e sua dinâmica das relações sociais do local. Algumas mulheres me diziam que a "academia de ginástica era mais de homem mesmo porque cada vez mais era empoeirada, enferrujada e só tinha ferro!".

Nesse contexto, se o profissional de Educação Física não se alinhasse também ao ideal de masculinidade tão valorizada no setor da musculação da academia de ginástica "P", em muitas ocasiões, havia uma disputa de gênero entre os professores e os alunos, quase chegando a uma violência física:

> Alex: Vou fazer aqui agora!
> Prof. José: Vai não, estou passando esse exercício pra ela!
> Alex: Vou fazer sim!
> Prof. José: Olha só, tu só é grande, mas não é mais homem, tu não vai fazer não, pergunta pra ela se pode, o nome dela é Karina!
> Alex: Posso revezar?
> Prof. José: Aí, agora melhorou! Vê lá, tu não é mais homem porque é grande não!
>
> Montanha: Sai daí que agora sou eu!
> André Luiz: Tá, vou sair!
> Prof. José: Tu tem medo dele? Não fica não, dá esporro no fortão.
> Montanha: Só estava brincando com ele!
> Prof. José: Se manca, porra!
>
> Sheik: O instrutor novo é safadinho, já viu a forma que ele segura as mulheres?
> Eu: Não!
> Sheik: Tu tem que ver! Soube que a mina dele ia trabalhar aqui, mas depois que a cantei, ela desistiu! Se der mole, eu pego mulher dos outros mesmo, pego mulher de professor, ia ser corno, vi até a calcinha dela e disse pra ele! Quase saímos na porrada aqui mesmo! Quem manda aqui é nós! Tu não sabe, já expulsei muito

---

[312] Brown (2006) trata sobre essas formas pluralizadas de gênero no campo das práticas corporais. No campo da Saúde, Gomes *et al.* (2014) apontam que "[...] não se pode falar de uma única corporeidade masculina porque não há uma masculinidade universal ou singular. Os pesquisadores explicam que as masculinidades múltiplas operam dentro de um determinado contexto social e, que a masculinidade não é algo que se tem ou não. As hierarquias de masculinidades emergem através da prática social e seus arranjos diferem entre os ambientes sociais [...]" (p. 171).

> professor daqui, um dia peguei essa barra de ferro aqui e ameacei um aí, o cara nunca mais veio pra cá. Teve outro também que por onde ele passava, eu jogava umas anilhas de cinco quilos perto do pé dele.

No caso das professoras, igualmente a algumas alunas, havia o uso de determinada *performance* de gênero mais próxima do "ser masculino" para não serem totalmente discriminadas naquele espaço da musculação. Existia a ideia de que as professoras não sabiam fazer os outros sentirem dores durante os esforços físicos, por todo aquele imaginário ligado ao mundo feminino de docilidade[313], ou seja, "professora mulher boa era aquela que chegava junto e de forma agressiva". Uma professora me relatava que a "amiga de trabalho" não gostava dali porque não era tão reconhecida quanto ela que "aloprava com geral", ou seja, a amiga não chegava que nem ela como uma "doida mandando" em todos ali; falava ainda que os alunos diziam que a amiga era "muito doce e devagar", não chegava "xingando", "zoando" e "acabando" com eles, da forma com que ela fazia durante a atuação profissional.

Depois de dois meses que interrompi o trabalho de campo na academia de ginástica "P", visitei os professores e os alunos, mas, a princípio, não mais como pesquisador, mas como alguém que tinha criado alguns vínculos de amizades. Ao conversar com o funcionário do estabelecimento, perguntando se a academia estava "cheia", o mesmo me respondeu que o "pessoal estava voltando porque as aulas de determinada professora voltaram a ficar boas, pois agora ela estava 'escalpelando' todos os alunos!". Neste mesmo dia, um aluno que há tempos não me via, me questionava se eu estava "tomando bomba e se era de cavalo, pois eu estava gigantesco, mas não só com malhação pesada". De forma inevitável, fui concluindo que aquele espaço era realmente de corpos no "limite" das dores.

Na musculação da academia de ginástica "P", algumas mulheres assumiam também essa forma "androcêntrica". Muitas delas heterossexuais[314] diziam que determinado exercício físico era "pica" ou "foda", que estavam ali para aguentar as dores e não podiam interromper a rotina exaustiva das práticas corporais. Adotavam comportamentos masculinizados como, por exemplo, em dada situação desafiar ou xingar os alunos e as outras alunas, chutar determinado aparelho de musculação, simular movimentos de socos nos intervalos entre os exercícios físicos, encarar aqueles que passavam por elas, etc. As mulheres que agiam de tal maneira eram bem vistas pelos homens que frequentavam a academia de ginástica "P", pois,

---

[313] Geralmente, há a premissa da mulher delicada, sensível, frágil e subalterna em relação ao homem viril, provedor e protetor.

[314] Aqui destaquei a orientação sexual para que não existisse a confusão com uma suposta "masculinidade feminina" no que diz respeito às mulheres homossexuais que possuem uma lógica masculina, como Lacombe (2005) discute em seu trabalho.

por exemplo, conseguiam permear os espaços sem serem "expulsas" dos aparelhos de musculação com comentários indiretos a elas. Ademais, quase nenhum homem ousava em criticá-las para os outros, pois "elas eram um deles" na medida em que aguentavam as dores causadas pelos exercícios físicos "pesados", ou seja, as mulheres legitimavam seu espaço ali com certas "atitudes típicas de homem"[315]. Guedes (1997) lembra que esses tipos de espaços dominados pelos homens podem representar "[...] a criação de uma espécie de laboratório secreto masculino onde as transações simbólicas obedecem a regras específicas, cujo primeiro mandamento é, justamente, excluir as mulheres." (p. 132-133), isto é, segundo Connel (2008), ser masculino, muitas vezes, é ser reativo ao feminino.

No ponto de vista de Sabino (2003), sobre o caso das mulheres das academias de ginástica, além das mudanças sociais que ocorreram no mundo feminino, elas buscam uma espécie de competição típica masculina para serem "olhadas", isto é, acabam reproduzindo a lógica da desigualdade de gênero[316]. Chaves e Moreira (2011) discutem que as mulheres reivindicam o direito à força e à circulação pelos espaços das academias de ginástica na medida em que o "masculino" ainda as limita. Assim, discordo de Coelho Filho e Frazão (2011) ao afirmarem que as atuais academias de ginástica exclusivamente femininas indicam certo reposicionamento da mulher na sociedade as tornando "livres" reforçando a "independência feminina", pois enquanto nestes espaços são obrigadas a se "privarem" dos contatos mistos entre gêneros, na academia de ginástica "G", por exemplo ocorria o próprio diálogo ou confronto na copresença do masculino e do feminino.

Pensando que "Há outros rituais de reversão de 'status' que compreendem a supremacia das mulheres sobre a autoridade e as funções masculinas." (TURNER, 1974, p. 221), algumas mulheres possuíam outras atitudes "ativas" perante aos homens na musculação da academia de ginástica "P" no sentido de tentarem "virar o jogo", isto é, da "submissão" a "imposição". Um artifício que elas usavam era os mandar carregarem suas anilhas pesadas pelo espaço da musculação com o intuito de colocarem em determinado lugar, pois, teoricamente, não aguentavam segurar aqueles pesos. Outras provocavam alguns alunos homens realizando exercícios físicos em "posições sedutoras" em que eles não paravam de olhar, como uma forma de dominá-los visualmente. Para Sabino (2003) a sedução é um

---

[315] Ao investigar as conformações corporais e estilos de vida propostos nas revistas *Men's Health* e *Women's Health*, Seixas (2010) identificou justamente que havia uma tendência do conteúdo dos materiais igualar a mulher ao homem no sentido de uma "[...] proposta fortemente orientada na masculinização do comportamento da mulher como principal meio para adquirir independência, respeito e corpo ideal." (p. 48).

[316] Malysse (2008) também discute sobre os papéis sociais e as mulheres "hipermasculinas".

artifício feminino que também pode ser considerado uma espécie de "arma" face a estas masculinidades hegemônicas. Este tipo de comportamento "ativo"[317], por parte dos homens e das mulheres, demonstrava certa "disputa de 'limites' entre os gêneros" na musculação da academia de ginástica "P"[318].

O número de alunas com características androgênicas na academia de ginástica "G" era substancialmente maior do que aquele que frequentava a academia de ginástica "P". Tal contingente de alunas cultuava as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais e por isso eram extremamente respeitadas pelos alunos e profissionais homens que ali estavam diariamente. Mesmo que eu tivesse escutado de um professor da academia de ginástica "G" a premissa universal que "os homens subestimavam as dores e as mulheres, superestimavam", no meu trabalho de campo, não observava claramente isso no grupo dos "marombas", entendendo que dentro de uma mesma classificação de "gênero", a utilização do corpo no "limite" pode ser diferenciada em múltiplas identidades de gêneros.

Assim, com evidentes níveis de massa muscular, com determinadas alterações na voz, algumas com excesso de pêlos e hiperperfumadas, determinadas alunas pareciam que desejavam se igualar as dores de esforços físicos dos alunos homens da academia de ginástica "G", mas sem perder a "feminilidade". Elas realizavam exercícios físicos conhecidos por serem mais voltados ao público masculino, frequentavam determinados aparelhos de musculação que eram disputados pelos alunos homens, simulavam golpes de lutas enquanto descansavam, vestiam roupas com dizeres que provocavam os outros, tais como "Orgulho de ser um problema do caralho!" ou "Tenta a sorte!", etc. Esse mesmo grupo de mulheres ajudava os alunos homens "marombas" a malharem, ao segurarem os pesos para eles caso não

---

[317] A conotação de "ativo" na academia de ginástica "P" era semelhante também ao estudo de Jardim (1991) que identificou a ideia de quem só se faz na vida quando se impõe ativamente diante das situações. Grossi (1995) esclarece que "Uma das principais definições da masculinidade na cultura ocidental para o gênero é que o masculino é ativo. Ser ativo, no senso comum a respeito de gênero, significa ser ativo sexualmente, o que para muitos significa penetrar o corpo da/o outra/o." (p. 6).

[318] Um dos alunos comentava que não gostava de mulher muito forte, porque era horrível tocar em uma mulher assim cheia de massa muscular; dizia que gostava de mulher tipo "*fitness*", isto é, "gostosa", porém sem grandes volumes de músculos, pois ele "tinha que pegar ela e não ela pegar ele". Outro aluno me contava que em uma festa de orgias sexuais com doze mulheres durante oito horas, ele era praticamente o único que "tinha disposição" para aguentar até o fim do evento, pois os amigos já "tinham perdido para elas" pelo fato de se cansarem na primeira hora; dizia ainda que a musculação era menos cansativa do que o sexo, por isso malhava para nenhuma delas "zoarem" ele quando fosse "comê-las". Era recorrente escutar que as mulheres com "cara de raiva na cama" eram mais excitantes porque os estimulavam a acabar logo com a "disposição delas". Tanto de alunos quanto de alunas, escutava que muitos(as) tinham "gogó", isto é, "falavam muito e faziam pouco na hora 'H'", pois se a *performance* sexual deixasse a desejar, havia comentários para todos que, por exemplo, "o cara se peidou ao transar com fulana!", "ele não fez nada, nem comeu o cu!", "fulano deu em cima e brochou entre quatro paredes!", etc.

aguentassem ou simplesmente contavam o número de movimentos que eles deveriam executar. Os profissionais de Educação Física a todo instante as elogiavam pelo fato de chegarem aos "limites" do corpo e na maioria das vezes comentavam que "nem eles" conseguiam treinar como elas faziam ali.

A partir da frase de um dos profissionais da academia de ginástica "G", "Elas querem ser eles", se referindo as "mulheres fortes", via que tal público das "marombas" tinha o propósito de a todo o momento se comparar a determinados homens. Assim, apenas o fato de estarem engajadas junto com eles na realização dos exercícios físicos já era uma forma de demonstrar que estavam no mesmo nível, que não era somente pelo "tamanho corporal". Criticavam os homens "preguiçosos" e diziam que faziam tanto quanto melhor do que eles, não somente relacionado aos "limites" dos esforços físicos, como também em tarefas do dia a dia. Ao estar com elas na academia de ginástica "G", presenciava conversas em torno da vida pessoal amorosa e de trabalho no sentido de que estavam "cansadas" de serem submissas ou "deixadas de lado", pelo contrário, eram elas que sempre apoiavam ou estavam à frente dos "negócios" da vida do trabalho ou domiciliar. Enfim, tais mulheres se reinventavam ali dialogando com o que viviam fora da academia de ginástica, ou seja, situações de uma sociedade ainda marcada por referências patriarcais e por ideias masculinizantes hegemônicas[319].

No cenário acadêmico, há uma produção significativa voltada ao ramo das academias de ginástica em uma perspectiva de gênero. Os estudos focam nas diferenças e diversidades entre homens e mulheres em valorizarem determinados aspectos corporais, ora visando à saúde, ora ao aprimoramento da imagem corporal. A (não) diversidade das representações de corpo e suas (não) relações entre gêneros que se consolidam nas academias de ginástica são convidativas para analisar as possíveis singularidades nesse espaço em estudo e, principalmente, no que se diz respeito à sociedade mais ampla. Nesse sentido, Ferreira *et al*.

---

[319] Lipovetsky e Serroy (2011) lembram que atualmente o contexto feminino "[...] une a revolução moderna da autonomia individualista e a persistência da herança histórica, a dinâmica da igualdade e a perpetuação da simetria social masculino/feminino. [...] os papéis sexuais e as relações entre os gêneros não estão mais inscritos no mármore; tudo nesse domínio se tornou aberto, negociável, indeterminado." (p. 54). Via que uma aluna mulher "marombeira" ao modificar o seu corpo com "dores" na direção androgênica e, por consequência, de uma "mulher passiva" para uma "mulher ativa", se encaixava novamente a certa submissão ao "masculino". Tendo em vista que, em muitas ocasiões, o "ser masculino" tende a ser a referência social, Collins (2002) afirma que as mulheres tendem a optar por aulas aeróbias coletivas, por se tratarem de um momento em que o feminino predomina e ressignificam o ato de se exercitar. Markula (2004) menciona que as aulas de academias de ginástica para além da busca de força, como o Pilates, Ioga e Tai chi chuan propiciam uma adesão maior do público feminino, pois, teoricamente, trabalham com atributos corporais alinhados ao perfil da mulher, diferentemente da musculação.

(2005) afirmam que a exacerbada busca do corpo "perfeito" nas academias de ginástica pode ser realizada ou não de maneira semelhante entre gêneros.

Geralmente, há um interesse em investigar as prioridades corporais ou a multiplicidade de modos de se exercitar das mulheres. Grande parcela das pesquisas aponta o que Fernandes (2005) e Berger (2007 e 2010) detectaram em seus trabalhos, ou seja, que o principal significado de se exercitar para mulheres é a modificação e o culto ao corpo, sendo acompanhado de outras representações associadas como a beleza, o emagrecimento e a saúde para se inserirem socialmente. As pesquisas apontam, preponderantemente, que o objetivo central delas de se exercitar está vinculado à busca dos padrões estéticos vigentes na mídia, como visto no estudo com mulheres praticantes de musculação (VIGNE, 2005; VIGNE *et al*., 2008; VOTRE *et al*., 2008). Geralmente, os estudos se aproximam dos achados da pesquisa de Tessmer *et al*. (2006) que detectaram uma maior prevalência de insatisfação com a imagem corporal em indivíduos jovens do sexo feminino. Parece que a insatisfação corporal feminina se dá, primordialmente, a um discurso lipofóbico, como observado por Teixeira *et al*. (2012) em mulheres praticantes de exercícios físicos em academias de ginástica da cidade de Recife, Pernambuco. No estudo de Vasconcelos (2005), foi possível perceber que as representações sobre a estética corporal feminina e os significados atribuídos ao corpo por mulheres oram transitam pelo eixo da resistência ao culto ao corpo, ora por um sentimento de acomodação diante dos ditames do corpo considerado perfeito.

Quase que uma premissa universal exaltada pelos estudos, não é raro encontrar uma redução do interesse das mulheres por valorizar determinadas partes do corpo. Exemplos como as pesquisas de Hansen e Vaz (2006), de Malysse (2007) e de Vilela (2010) detectaram uma tendência de desenvolver determinadas regiões corporais de acordo com o gênero do frequentador de academia de ginástica: homens, membros superiores e região peitoral; mulheres, membros inferiores e região glútea. Além disso, Lessa *et al*. (2011) encontraram que mulheres valorizam o padrão de corpo magro e os homens, hipertrofiado[320]. Todas essas valorizações por determinadas "partes" ou "tipos" de corpo se caracterizam pelo próprio "capital" em que o sujeito, homem ou mulher, se engaja para construir (FREW; MCGILLIVRAY, 2005).

---

[320] Santos *et al*. (2013) mencionam que "[...] enquanto as mulheres se sentem insatisfeitas com as regiões do corpo que lhes parecem 'grandes demais', os homens se preocupam com as partes do seu corpo que eles acreditam ser 'pequenas demais'." (p. 138).

Nota-se que há pouca preocupação em se entender a diversidade do lugar social do feminino face ao ato de se exercitar nas academias de ginástica, como eu verificava no meu trabalho de campo face às dores de sacrifícios e sofrimentos corporais[321]. Alguns estudos mais voltados ao âmbito competitivo ou esportivo de fisiculturismo feminino demonstram que as representações de feminilidades são plurais, haja vista que algumas mulheres podem atribuir um valor maior à potencialização muscular e à força, atributos estes essencialmente ligados ao homem (JAEGER, 2009; ALEXANDRINO, 2010; JAEGER, 2011; JAEGER; GOELLNER, 2011; CHAVES, MOREIRA, 2011; ARAÚJO; BASSANI, 2013). No entanto, não ligado ao âmbito competitivo ou esportivo, via que no espaço da musculação, sobretudo da academia de ginástica "G", tal desigualdade de gênero também ocorria. Nesse contexto, há estudos que se aprofundaram em compreender a lógica da diferença e a androlatria a partir das mulheres em academias de ginástica (SABINO, 2003), bem como nos significados atribuídos à tatuagem e as relações de gênero sob a mesma perspectiva (SABINO; LUZ, 2006).

As tensões e as pluralidades entre o "masculino" e o "feminino" presentes no contexto dos alunos e dos professores da academia de ginástica "P" podiam ser vistas também na academia de ginástica "G" em relação principalmente aos profissionais de Educação Física. Às vezes, os próprios professores da academia de ginástica "G" reforçavam que treinar com os "limites" das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais era uma espécie de se exercitar que nem "homem" com "H" maiúsculo, o que me fazia repensar como seriam as relações com os alunos que não cultuassem esses tipos de "masculinidades". O professor de Educação Física homem ratificava determinada *performance* de gênero apenas para este público hiperandrogênico que "necessitava escutar" certa exigência de esforços físicos na musculação, reiterando a ideia de "falar" o que se encaixaria nos interesses de determinados "clientes", ou seja, desempenhavam certos papéis sociais de acordo com os contatos face a face (GOFFMAN, 2002). Na academia de ginástica "G", presenciava em algumas ocasiões que os próprios profissionais entre si tinham o costume de zombarem um do outro no sentido de afirmarem suas masculinidades como, por exemplo, quem seria o profissional mais "boiola", quem "pegou" menos "mulheres" nas saídas à noite ou no interior do estabelecimento, quem tinha o "pau maior", quem no banheiro "teria manjado o piru do outro", etc.

Assim, por outro lado, como eu via na academia de ginástica "P", as poucas professoras de Educação Física na sala de musculação da academia de ginástica "G" se

---

[321] Grossi (1995) comenta que atualmente "[...] são as academias de ginástica que constituem, para muitas mulheres, um espaço ritualizado da construção do "ser mulher". (p. 10).

sentiam "menores" também em comparação a determinados alunos homens por diversos motivos. As professoras comentavam comigo que parte dos homens e os chamados "marombas" não as procuravam e nem acreditavam tanto em suas orientações, pois, por serem mulheres, logo, teoricamente "fracas", não entendiam nada sobre sentir as dores de esforços físicos. Nesse sentido, a única ou duas professoras de Educação Física eram mais acionadas apenas pelo público masculino homossexual, por aquele grupo mais estigmatizado no local (obesos, idosos, etc.) ou pelos homens "marombas" que desejavam que elas montassem um "treino de pernas", pois disso elas entendiam bem, diferentemente dos outros cinco a seis professores homens que circulavam por ali. Soube pelas professoras que elas sofriam certo assédio moral no trabalho por esses alunos como determinadas "paqueras"[322] ou "ignoradas" para ajudá-los, pois desconheciam o que era treinar até o "limite" das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais.

Tais professoras da academia de ginástica "G" eram rechaçadas inclusive pelos próprios profissionais homens, pois a retiravam de determinados lugares de atuação na sala de musculação pelos argumentos que não eram "muito especialistas em treinos pesados" e, por vezes, recebiam ordens deles para fazerem tarefas que não cabiam a elas, a princípio. Grande parte das professoras da musculação ficava mais alongando os alunos que propriamente atendendo os mesmos nas orientações com exercícios físicos, pois a questão de "alongar" estaria mais próxima do "feminino" pelo pouco ou nenhum esforço físico implicado naquele tipo de atividade. Ao longo do meu trabalho de campo, a cada mês que passava, uma professora pedia demissão ou para mudar de setor de atividade e de unidade da mesma rede de academias de ginástica, pois ali, segundo elas, "era um saco" essa coisa de "ser mulher"[323].

Embora os professores de Educação Física da academia de ginástica "P" defendessem, no nível de discurso para mim, que os alunos não precisavam chegar a estes tais "limites" corporais na realização dos exercícios físicos, via que eles mesmos estimulavam a sensação de dores pelos esforços físicos:

> Prof. José: Isso tá leve, hein?
> Norma: Que isso? Tá louco?

---

[322] Uma das professoras me relatava que usava aliança dourada no dedo anelar da mão esquerda para evitar "piadas" de mal-gosto no que diz respeito a "paqueras". Toda vez que eu discutia sobre o assunto da profissional mulher na sala de musculação, parecia que as "ganhava" no sentido de se empolgarem com o tema, as tornando como pesquisadas que sempre queriam saber como ocorria o meu estudo, contavam alguns "casos" sem eu pedir absolutamente nada, se e como poderiam ajudar, etc.

[323] Durante alguns meses do meu trabalho de campo, a academia de ginástica "G" ficou sem professoras no espaço de musculação. Quando houve a contratação de uma nova profissional de Educação Física, presenciava inúmeros "burburinhos" no sentido de questionarem a sua competência profissional e, inclusive, sexual.

> Prof. José: Tá leve sim!
> Norma: Nem insiste!
> Prof. José: Alan, as pessoas têm que trabalhar em cima do cansaço, tem que ser poucos minutos de descanso também, senão o músculo relaxa demais, tem que trabalhar com ele contraído.
>
> Débora: Tchau!
> Estagiário Alisson: Ué, só ficou trinta minutos hoje aqui? Amanhã chega mais cedo pra sofrer mais aí comigo!
>
> Prof. Cobra: Tem alguém chorando aí? Tá sofrendo? Tá morrendo?
> Eu: Elas estão no limite! Caraca!
> Prof. Cobra: Elas não querem ficar gostosas, então têm que sofrer!

O comportamento dos professores da academia de ginástica "P" de estimularem os alunos a sentirem altos esforços físicos era uma forma de cuidar dos mesmos, haja vista que as dores no "limite" faziam parte de um escopo necessário para se obter os benefícios do ato de se exercitar, igualmente visto na academia de ginástica "G". Os profissionais da academia de ginástica "P" relatavam também que os alunos, ao pagarem a academia de ginástica, tinham certos direitos como, por exemplo, receber em troca os benefícios corporais como estarem evitando certos "fatores de risco à saúde". Em uma breve passagem, lembro de uma das professoras avisando suas alunas que o exercício físico que ela ia propor "era forte, era pra compensar o valor da academia, era pra valer o dinheiro!".

Especificamente na academia de ginástica "P", percebia que os professores não podiam ser questionados quanto as suas prescrições de exercícios físicos no sentido de que estavam aquém da capacidade dos alunos, pois, para os outros profissionais e para os alunos que ali frequentavam, isso poderia demonstrar uma espécie de "fracasso profissional". Grande parte das ações dos professores tinha que estar segura que suas orientações e prescrições de exercícios físicos levavam os alunos em determinado "limite" corporal. Por isso, o *feedback* (não-)verbal mais explícito do aluno que não estaria aguentando a rotina de exercícios físicos era um dado importante para o profissional estar ciente de como a sua atuação na academia de ginástica "P" estava sendo reconhecida[324]. Sentia que os professores ficavam contemplados no que diz respeito à atuação profissional quando um aluno verbalizava que "não aguentava mais", o que causava, da parte deles, certos sorrisos, gargalhadas e piscadelas para mim ou para outrem, mesmo sem obter lucros financeiros maiores, pois ali não havia serviços de *personal trainer*, por exemplo.

---

[324] Nessa direção, Budó *et al*. (2007) em seu estudo afirmam que "Para avaliar a dor, os profissionais utilizavam como parâmetro o relato do paciente através de manifestações verbais ou outras." (p. 37).

Na musculação da academia de ginástica "P", se o aluno não conseguisse realizar um exercício físico com determinada carga, o professor em vez de abaixá-la, preferia mudar a forma de execução ou número de repetições que havia estabelecido previamente. Assim, o fato de reduzir o peso poderia demonstrar certa fragilidade tanto do aluno quanto do profissional que estivesse ali orientando, por isso, criavam-se outras estratégias para o aluno chegar ao seu "limite" das dores sem ter que diminuir a intensidade dos exercícios físicos[325].

Por algum motivo, caso os alunos reclamassem com o profissional de Educação Física o porquê de certas dores que normalmente não sentiam antes de realizarem as práticas corporais, o professor argumentava que tais desconfortos físicos eram derivados de fora do estabelecimento e, muitas vezes, a culpa era dos próprios alunos. Exemplarmente, quando um grupo de três alunas foi perguntar ao professor o porquê de terem surgidos dores em alguns "vasinhos" ou "varizes" nas pernas depois que começaram os exercícios físicos exaustivos, o profissional afirmou que era uma "tendência genética" e que elas "não se alimentavam com comidas saudáveis". Essa situação ilustrava o quanto o professor da academia de ginástica "P" ao mesmo tempo em que era responsável pelos benefícios do corpo por meio de práticas de exercícios físicos "pesados", também estava isento de qualquer malefício ou de risco à saúde que poderia acometer os alunos ao levá-los ao "limite" das dores.

Assim, ao longo do trabalho de campo, era entendível tal situação na medida em que o profissional da academia de ginástica "P" era indiscutivelmente reconhecido por levarem seus alunos aos "limites" dos esforços físicos no espaço da musculação:

> Juliana: O abdominal que Lena passou é tão bom que eu tô ferrada desde quarta-feira, hoje é sexta e ainda estou sentindo.
> Eu: É mesmo?
>
> Rayssa: Está demais isso aqui! Tem que doer!
> Gabrielle: Muita dor, não tô aguentando mais sustentar o peso!
> Andressa: Esses exercícios do professor Cobra são bons! Assim a gente vai parar ali no posto de saúde.
>
> Beatriz: Sinto muita dor a cada série.
> Eu: É mesmo? Dor? Que tipo de dor?
> Beatriz: De malhar, senti muita mudança depois que conheci o professor Cobra. Olha ele vindo aí, você é o nosso salvador da pátria, você mata a gente!

---

[325] Essa preocupação dos profissionais da academia de ginástica "P" em levar os alunos no "limite" das dores podia ser vista quando eu "brincava que iria malhar". Quando dizia a um professor que eu iria malhar, o mesmo me respondia que "bombearia" a minha série e gostaria de saber se eu "realmente aguentaria". Outro professor me dizia que comigo "pegaria pesado, era só avisar a ele quando eu iria começar". Quando perguntava a um professor se eu poderia me exercitar na *bike*, o mesmo afirmava que sim, mas somente se fosse "rápido e pesado ao ponto de sair andando com a bicicleta de verdade e cair na piscina lá embaixo no térreo". Dos profissionais de Educação Física da academia de ginástica "P", vinham estes imperativos de me levar ao "limite", pois era claro o sentido de me desafiarem quanto às dores.

Em termos gerais, o professor da academia de ginástica "P" era "bom porque acabava com os corpos dos seus alunos"[326]. Em contrapartida, aqueles profissionais de Educação Física da musculação da academia de ginástica "P" que não levavam os seus alunos ao "limite" das dores, raramente tinham prestígio daqueles que se exercitavam ali[327]. Tendo em vista as ideias de *performance* de Schechner (2006), considero que, durante as interações sociais, o professor de Educação Física na musculação da academia de ginástica "P" para se manter em certo nível de um padrão de "sucesso" e de "excelência" profissional, se exibia ao valorizar as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais. Do contrário, na perspectiva de Goffman (2002), se a *performance* do profissional apresentada ou encenada não se alinhasse aos interesses dos alunos em chegar a certos "limites" corporais, o seu papel social e seu *status* perante o público ficava extremamente comprometido como "professor competente". Por isso, no sentido de Bourdieu (1983), grande parte do *habitus* socioprofissional dos professores de Educação Física da academia de ginástica "P" reproduziam certo *ethos* da profissão em se exigir ao máximo dos alunos no que diz respeito às dores de sacrifícios e sofrimentos corporais.

Ademais, essa ideia de "limite" corporal que perpassava o entendimento do professor de Educação Física da necessidade de atingir determinada dor pelo esforço físico podia ser visto quando justamente os profissionais comentavam das suas experiências com o ato de se movimentar. O corpo do próprio profissional da academia de ginástica "P" era a prova de que valia a pena se exercitar de forma exaustiva, pois ele também conseguia se movimentar no "limite" das dores causadas pelos esforços físicos. A virtude de aguentar determinadas dores de sacrifícios e sofrimentos corporais era tão valorizada pelos alunos que estes quase

---

[326] Alguns professores do estabelecimento incorporavam e ressignificavam essa noção de corpo no "limite" dos esforços físicos em sua própria forma de se comportar na sala de musculação. Eventualmente, os professores vestiam roupas que aludiam a uma batalha, como blusas e calças com certos rasgos, ou ainda, colocavam um boné cobrindo o rosto ou uma vestimenta que possuíam as cores do exército militar transparecendo um tipo ideal de profissional "temido" ou "sombrio" que cobrava dos seus alunos. Aqueles profissionais que pouco compactuavam com a necessidade de exigir dos seus alunos tinham a tendência de se vestirem com camisas e camisetas relacionadas ao *fitness*.

[327] O professor que costumava criticar os outros profissionais pelo fato de, a todo instante, encontrar alunos com lesões, ignorados por certos riscos à saúde ou reclamando de certas dores pelos esforços físicos era o menos reconhecido naquele espaço durante as interações sociais que eu presenciava. Aquele profissional que comentava com seus alunos sobre a questão de não precisarem sentir tantas dores de sacrifícios e sofrimentos corporais para se beneficiarem dos exercícios físicos ou que não precisavam comparecer ao estabelecimento todos os dias ou por muitas horas também era criticado por alguns alunos por ser considerado um "professor fraco". Se a prescrição de exercícios físicos fosse considerada "fraca" ou de "iniciante", isso bastava para taxar o profissional de "incompetente, pois a série não era para ferrar o corpo", fazendo com que muitos alunos acrescentassem ou aumentassem as cargas para tornar a rotina de treino "adequada", isto é, fatigante.

rotineiramente cobravam dos profissionais para se exercitarem com eles durante o expediente de trabalho, por isso que, talvez, alguns alunos me cobravam para "malhar", pois me viam também como um professor. Frequentemente, os professores se exercitavam quando estavam trabalhando, em muitas ocasiões, a pedidos dos próprios alunos. Sob os argumentos de que o profissional de Educação Física "deveria dar o exemplo de sujeito 'ativo' e 'forte'", durante as interações sociais, os alunos desafiavam os professores se conseguiam chegar a determinado "limite" das dores corporais.

Enquanto, para mim, o professor da academia de ginástica "P" tinha uma dupla tarefa, a do treino e a do trabalho, como via nas concepções daqueles que trabalhavam na academia de ginástica "G", para os profissionais, havia a ideia de uma única jornada na medida em que o "malhar" fazia parte do "trabalho". Exemplarmente, uma das professoras me dizia que escolhia determinado horário de trabalho para caminhar ou correr na esteira porque, além de se mostrar "competente no que fazia", conseguia desfrutar do próprio estabelecimento para si. Ela me relatava que achava um "absurdo" uma academia de ginástica impedir seus professores de malharem durante o trabalho, como tinha observado em outra academia de ginástica há um tempo. Quando ela começava a recusar os pedidos dos alunos de se exercitar na esteira, talvez pela minha presença no local e em virtude de uma possível gravidez, via que eles começavam a ignorá-la ou ainda reduzirem os contatos com ela alegando que "não era mais a mesma profissional". Um dos professores também se exercitava no estabelecimento criando uma espécie de aula coletiva na sala de musculação reunindo diferentes alunos para ver quem "sairia vivo" da sequência de abdominais que ficava propondo. Ele executava intensamente os movimentos junto com os alunos até o momento que sobrassem apenas alguns poucos que aguentavam os esforços físicos. Dois estagiários costumavam também fazer exercícios físicos alternando com uma orientação pontual ali e aqui no setor da musculação; ao mesmo tempo em que instruíam os alunos, mostravam como se deveria aguentar as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais, causando certos constrangimentos em alguns alunos, pois estavam aquém da capacidade deles de se doarem as práticas corporais daquela maneira.

Assim, durante a prática profissional, não adiantava somente "falar" como deveria se exercitar na academia de ginástica "P" quanto aos esforços físicos extenuantes, mas também demonstrá-los regularmente o nível de exigência corporal que se doavam na sala de musculação. Por isso, o profissional de Educação Física costumava cobrar dos seus alunos aquilo que conseguiam experienciar em suas dores na medida em que também eram reconhecidos pela forma com que se engajavam nos exercícios físicos durante o próprio

trabalho. Desse modo, os professores e os alunos compartilhavam, de modo semelhante, a necessidade de alcançar tais "limites" vinculados as dores corporais

Já pensando no contexto da musculação da academia de ginástica "G", embora existissem os "marombas", em termos gerais, os alunos desejavam se exercitar sem qualquer sensação de dor de esforço físico, igualmente visto com as supostas lesões; e os profissionais de Educação Física, muitas vezes, acatavam este "pedido dos clientes":

> Prof. Régis: Então, vamos fazer esse supino aqui.
> Eduardo: Pô, tem como eu fazer aquele lá no aparelho, é mais fácil de executar.
> Prof. Régis: Mas já trocamos o exercício anterior, quer trocar este também?
> Eduardo: Vamos fazer o seguinte, então o anterior a gente não troca, mas este sim, esse exercício me cansa muito.
>
> Prof. Alfredo: A carga tá boa?
> Rodrigo: Huuum, tá! Você abaixou?
> Prof. Alfredo: Sim, quero saber se está leve.
> Rodrigo: Não, não, não, deixa assim mesmo, está ótimo!
> Prof. Alfredo: Olha lá, hein?! Deixarei com trinta quilos então.
>
> Newton: Oi, qual é a barra mais leve aqui?
> Prof. Roger: É essa aqui! Vai colocar quanto nessa barra?
> Newton: Não sei!
> Prof. Roger: Vamos pegar cinquenta de cada lado, deixa eu pegar as anilhas aqui.
> Newton: Você ta doido? Tá maluco? Quinze ou vinte quilos no máximo!
> Prof. Roger: Você quem manda!

Parecia que o professor de Educação Física possuía um "*menu* de estímulos dolorosos" no que diz respeito à quantidade de carga, de repetições de execuções e da complexidade dos exercícios físicos, e os alunos podiam optar, durante a prescrição do treino, pelo nível de dor de sacrifícios e sofrimentos corporais que gostariam ou não de ter. Havia a lógica de que se o aluno estava "pagando" para realizar as práticas corporais, o professor apenas "vendia" aquilo que era desejado. A viabilidade do ato da prescrição dos exercícios físicos do professor na musculação da academia de ginástica "G" era estabelecida e ressignificada no "limite" corporal da percepção de dores de esforços físicos do cliente, embora tais orientações dos profissionais majoritariamente estavam encarnadas do discurso do profissional de saúde que, de forma inerente e etnocêntrica, impunha certas racionalidades – leia-se da égide científica do âmbito biomédico.

De forma semelhante a esse contexto da academia de ginástica "G", resgato a ideia de Le Breton (2004) quando afirma que os profissionais responsáveis por certas modificações corporais[328] se inserem em um comércio de serviços em que, muitas vezes, as suas

---

[328] Soares Neto (2005) menciona que "O termo 'modificações corporais' se refere a uma longa lista de práticas que alteram a aparência, a forma ou o funcionamento do corpo. São ações efetuadas sobre o corpo de forma

perspectivas de trabalho ficam submetidas à soberania do cliente com o intuito de manter um lugar no mercado[329]. Ao conversar com os professores, sobretudo os recém-formados[330], emergia a ideia de que o que se "aprendia na faculdade" ou o que os "artigos científicos falavam" se distanciava profundamente da realidade prática de trabalho[331]. Por vezes, quando alguns alunos chegavam ou se despediam dos professores, escutava em algumas ocasiões frases dos profissionais semelhantes aquelas que eu já tinha ouvido no momento que eu entrava ou saía de uma loja em um *shopping center*, por exemplo: "Seja bem-vindo! O que precisar, é só me chamar!", "Mais um dia na academia de ginástica 'G', fique à vontade!", "Espero que tenha ficado satisfeito, volte sempre!" ou "Tenha um ótimo final de semana, estamos aqui de braços abertos te aguardando, sempre!". Em suma, eventualmente, sentia que o elemento "comercial" se sobrepunha ao "técnico-científico"[332].

Em contrapartida a este contexto de "atendimento ao cliente" na musculação da academia de ginástica "G" relativo a aceitar os pedidos de evitar os esforços físicos, alguns profissionais teciam comentários implícita ou explicitamente comigo no sentido de ir de encontro a esta perspectiva de amenizar as estafas. Os professores ao acatarem um pedido do aluno de "não sentir muito esforço físico" não necessariamente significava que estes profissionais concordavam com tal situação; pelo contrário, irritavam-se com essas atitudes consideradas "inadmissíveis" para quem deveria treinar com o corpo no "limite":

---

consciente e voluntária, com objetivos mais ou menos precisos e riscos específicos bem conhecidos. Algumas práticas incluem elementos mais marcantes como a dor extrema, a presença de cicatrizes permanentes ou o acréscimo de próteses. Outras não afetam diretamente a superfície corporal nem utilizam o auxílio de instrumentos para serem realizadas." (p. 49). Featherstone (1999) realizou uma densa revisão de literatura sobre as diversas modificações corporais e Crossley (2005) tentou mapear e classificar as diferentes técnicas nesse sentido, tais como: as dietas, os exercícios físicos, as tatuagens, as cirurgias plásticas, etc.

[329] Cito o exemplo de Ferreira (2008) ao afirmar que "[...] a actividade do tatuador não será muito diferente de outros produtores de fachadas, como qualquer cabeleireiro ou maquilhador." (p. 100). Outro exemplo seria aquele descrito por Baima (2007) quando afirma que no contexto do cirurgião plástico há uma relação de consumo responsável por transformar o paciente em um cliente conhecedor dos seus desejos corporais.

[330] Alguns estudos apontam a predominância dos profissionais de menor idade quando comparado ao campo escolar, talvez pelo fato do mercado das grandes academias de ginástica privilegiar a suposta expectativa dos alunos em ter um professor "exemplo de corpo" – leia-se mais jovem (ANTUNES, 2003; GUIMARÃES FILHO *et al.*, 2011).

[331] Para Verenguer *et al.* (2008), há uma crença de que a intervenção profissional em Educação Física seja mediada pelas experiências acadêmico-profissionais e os saberes constituídos ao longo do tempo. Fonseca *et al.* (2009) identificaram justamente "[...] que os conhecimentos da experiência do profissional prevaleceram sobre os conhecimentos teóricos adquiridos na preparação profissional (graduação), o que demonstra que os conhecimentos teórico-científicos que podem ter contribuído para melhorar a formação nem sempre são aplicáveis na intervenção." (p. 378).

[332] Para Quelhas (2012), "Podemos dizer que o trabalho deste profissional reduz-se e restringe-se em termos técnicos-profissionais e amplia-se em termos sócio-afetivos, isto é, pela valorização das relações interpessoais com os clientes e da capacidade de comunicação que se constituem como importantes mecanismos para a continuidade (fidelização) do cliente na academia." (p. 117).

Os professores pareciam não perceber que grande parte dos alunos não estava ali na musculação para sentir qualquer esforço físico, isto é, a realização dos exercícios físicos não precisava vir associada à questão de "sentir" este tipo de "dor". Enquanto os profissionais de viam o espaço da musculação como um lugar de "treinar o corpo" como, por exemplo, para evitar certos fatores de risco à saúde, grande parte dos alunos concebia aquele local como mais um de sua rotina de convívio social, como também de "treinamento". Os alunos, em sua maioria, aos poucos, organizavam grandes círculos de conversas[333] entre os aparelhos de musculação demonstrando que o fato de exercitarem ali estaria em segundo plano, pois a sociabilidade em compartilharem e contarem as suas possibilidades de entretenimento, de investimentos financeiros, de relacionamento no trabalho e na vida pessoal, etc. iriam se sobrepondo a questão de sentir as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais tão estimuladas pelos profissionais da academia de ginástica "G".

Ao longo da semana, era evidente a queda da frequência do público à musculação da academia de ginástica "G". Alunos e professores nomeavam a segunda-feira como o "dia da culpa", pois todos ali vinham e treinavam, de forma mais concentrada, pelos comportamentos considerados não-saudáveis que adotaram durante o fim de semana. As terças e quintas-feiras eram dias considerados mais "calmos" e "vazios", pois a maioria dos alunos mais regulares somente se exercitava três vezes na semana, optando pela segunda, quarta e sexta-feira. Às quartas e sextas-feiras[334] eram considerados dias de "eventos sociais", um pouco mais vazios do que a segunda-feira, porém ainda bastante frequentados, pois muitos alunos também preferiam assistir jogos de futebol em bares e restaurantes, iam a boates, saíam com seus companheiros(as) ou simplesmente encontravam os amigos. A academia de ginástica "G" investia maciçamente no que Pasquali *et al*. (2011) descrevem sobre os recursos que esses tipos de estabelecimentos de grande porte costumam adotar: "Sua integração e sociabilidade ocorrem a partir de espaços e eventos especialmente organizados para tal fim, como estratégia planejada para garantir aderência à academia." (p. 10).

O nível de dores de sacrifícios e sofrimentos corporais tão cultuado pela maioria dos profissionais ficava aquém do que iam propondo para seus alunos, pois estes possuíam

---

[333] Em um desses encontros, escutei um dos alunos chamando o outro dizendo para "pegar uma cerveja e sentar com eles ali na sala", brincando que estivesse em algum bar no momento de lazer.

[334] Neste dia da semana, a academia de ginástica "G" começava encher a partir das vinte horas, horário este que começavam a combinar as suas "noitadas" no interior do estabelecimento ou ainda era o último tempo para ficarem "gostosos" antes do fim de semana. Cheguei a reparar que as próprias roupas utilizadas pelos alunos eram mais "sedutoras", "novas" ou de "marcas" quando comparadas àquelas utilizadas durante a semana.

também uma noção de corpo não como um "fim em si", mas um meio importante de se relacionar socialmente[335]. Tais situações me demonstravam que o trabalho do professor de Educação Física, para eles, seria concretamente reconhecido na medida em que o aluno sinalizasse que sentia a tal dor de esforço físico. O fato de sentir as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais estava ligado praticamente, de modo direto, a noção de que o exercício físico estava proporcionando benefícios aos alunos. Nesse sentido, para grande parte dos profissionais do local, a realização "correta" de práticas corporais se estabelecia no ponto de que o aluno sentia "dor", caso contrário, sem esses desconfortos, a execução dos exercícios físicos estaria "errada". Hansen e Vaz (2004) em seu estudo identificaram que "[...] praticamente todos os entrevistados, inclusive os professores, consideram normal ou até mesmo prazerosa a sensação de dor durante os exercícios ou mesmo após uma seção de musculação." (p. 143).

O que me chamava atenção era o fato também de que quando os profissionais da academia de ginástica "G" prescreviam a rotina de exercícios físicos para os seus alunos, detectava que o término da sessão de práticas corporais na musculação somente era estabelecido quando estes mencionavam ou demonstravam de alguma maneira que já tinham chegado ao seu "limite" de esforços físicos. De forma análoga ao que Clastres (1978) descreve sobre a questão da tortura em sociedades primitivas, via que os profissionais de Educação Física "[...] procuram estar seguros de que a intensidade do sofrimento chegou ao seu limite máximo." (p. 127). Embora os profissionais quisessem me demonstrar, a todo instante, certa "competência" em lidar com os exercícios físicos, o que marcava as suas prescrições eram esses "limites" corporais dos alunos face ao contexto profissional-cliente.

Segundo Torri *et al*. (2007), "[...] é freqüente o uso de diversas estratégias por parte dos professores para incentivar, especialmente da metade para o final das aulas, os alunos e alunas a transformarem o desconforto provocado pela dor em estímulo a mais e garantia do dever cumprido." (p. 270). No entanto, observava que, na prática profissional dos professores de Educação Física com seus alunos, os "limites" das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais nunca chegariam ao seu "final" ou raramente seriam ultrapassados[336]. No caso da

---

[335] Crossley (2006) identificou no seu estudo diversos motivos semelhantes a estes para continuarem engajados nas práticas corporais em academias de ginástica, tais como diversão e convívio social.

[336] Parece que tal prática se configura de forma comum nesses espaços, pois, como Hansen e Vaz (2004) identificaram "O corpo traduzido em números contribui para a sustentação das promessas que nunca podem/devem ser cumpridas [...] as quais se fazem ver a todo momento no espaço das academias, onde os praticantes demonstram conviver com a insuperável sensação de falha, ou de que ainda não estão fazendo o bastante." (p. 149).

academia de ginástica “G”, para o profissional, tornar o aluno em constante busca dos próprios “limites” corporais era também uma forma de manter o cliente engajado nos exercícios físicos no interior do estabelecimento e sua prescrição de treinamento se mantinha sempre como uma “esperança” de que o corpo chegaria ao “limite”. Para Le Breton (2009), geralmente, na sociedade contemporânea, o limite do corpo nunca é superado.

Assim, de certo modo, a atuação do professor da academia de ginástica “G” a todo instante buscava distanciar seus alunos de certas atitudes que poderiam culpabilizá-los e estigmatizá-los, como Goffman (2002) apontaria, pela suas condições ou tipos corporais, isto é, normalizar aqueles que estão realizando a prática corporal à luz dos seus “limites”. Sabino (2004) aponta que, no contexto das práticas corporais, pode haver uma valoração distintiva entre vitoriosos (bonitos, fortes e saudáveis) e fracassados (fracos, feios e doentes), o que eu justamente observava quando era tornar os corpos no “limite”. O período liminar entre nunca estar no “limite” era infinitamente estendido pelos profissionais de Educação Física.

Para grande parte dos professores da academia de ginástica “G”, existia a busca de uma produtividade corporal crescente durante o máximo de tempo que se podia extrair de certo período como uma forma de uma “pedagogia das rugas”, isto é, os esforços físicos deveriam ser visíveis nos rostos dos alunos[337]. Nesse caso, aponto que havia uma gestão de cuidados com o corpo e este seria uma máquina da qual era preciso tirar o máximo de rendimento. Peres (2011) comenta justamente que, sob certo aspecto, a realização de práticas corporais presentes nas atuais academias de ginástica de grande porte está vinculada à ideia do sujeito adequado a um sistema que deve ser exigido a sua máxima produtividade.

Discursos no imperativo e de forma intimidatória eram presentes na atuação do professor ao se dirigir aos alunos para estes se sentirem desafiados e chegarem aos seus “limites” corporais referentes às dores de esforços físicos na musculação. Discursos como “Acho que isso tá levinho, hein?”, “O próximo exercício não é mole não, hein?”, “Nesse exercício você vai ficar roxo, não chora não!”, “Tá com medo de mais peso?”, “Esse exercício aqui você vai sofrer, vê aí!”, “Pára de chorar, vai logo e faz!”, “Se não aguenta pegar essa carga, não desconta em mim depois não!”, “Tem que fazer esse exercício durante cinco minutos agora e sem reclamar!”, “Vou acabar com a sua musculatura posterior hoje, você vai ver!”, podiam ser vistos no linguajar profissional dos professores.

---

[337] Malysse (2008) em seu estudo também comenta sobre essas “caras de dor”.

Em muitas ocasiões, parecia que os professores da musculação academia de ginástica "G" incorporavam uma forma ressignificada de lidar com seus alunos como se assumissem um papel de "general" diante dos seus "recrutas" no "quartel"[338]. Era possível presenciar situações em que o profissional realizava a contagem dos movimentos em um tom alto aparentemente para todos ali observarem sua atuação, o que causava, às vezes, certo constrangimento ao cliente. Alguns profissionais cerravam os punhos e colocavam os braços atrás do corpo ou simplesmente cruzavam os braços na frente do tórax, por vezes acompanhados com sorrisos maliciosos, como se estivessem impondo ordens a seus alunos. Os professores faziam de tudo para estarem em um nível de altura acima dos alunos como subirem em degraus da escada ou em implementos e nos aparelhos na sala de musculação para olharem os clientes de cima para baixo. Via que enquanto os alunos executavam os movimentos, frequentemente ficavam circulando ao redor do mesmo como se estivessem os monitorando de "todos os ângulos". Além disso, observava que se o aluno pedisse para reduzir a carga, para ir ao banheiro ou apenas para beber água, sentia que o professor ignorava ou não permitia tais solicitações que supostamente iam de encontro aos corpos no "limite" dos esforços físicos, pois estariam "descansando". De forma semelhante, Torri *et al*. (2007a) detectaram que o professor de Educação Física no contexto do esporte escolar "[...] fazia uso do castigo, que se localizará diretamente sobre o corpo dos alunos, proibindo-os de beber água, de sentar quando terminada a série de exercícios proposta ou ainda exigindo a repetição de uma atividade como forma de 'pagamento' pela falta de disciplina." (p. 505), o que constrangia os alunos.

Observava que até mesmo as atividades que teoricamente não deveriam ser exaustivas ou que eram conhecidas por serem menos cansativas, o professor incitava a ideia do corpo no "limite", como uma premissa básica das práticas corporais[339]. Ao comentarem sobre os exercícios físicos funcionais[340] que visavam alguma "reabilitação" e "prevenção" de lesões ou acerca das aulas de pilates e de alongamento, por exemplo, diziam e cobravam dos seus alunos certas progressões de *performances* corporais que quanto mais precisas e frequentes

---

[338] No ponto de vista de Malysse (2008): "Acho que o *personal trainer* tem a função de um superior hierárquico, um 'chefe corporal', ele põe o aluno em frente, motiva-o, constrange-o [...]". (p. 63)

[339] Markula (2004) chama esse fenômeno de "atividades híbridas" por combinar formas de movimentos do eixo "ocidental" com o "oriental". Assim, Pilates, Ioga, Tai chi chuan, bem como as aulas aeróbicas, por exemplo, teriam um misto de "liberdade" e de pressão por certos "corpos" propalados pela indústria do *fitness*, isto é, uma crítica e ao mesmo tempo o culto ao corpo. Cruz (2013) comenta que nas academias de ginástica há o que pode ser denominado de "*fitness* espiritual".

[340] Estes tipos de movimentos raramente eram executados na academia de ginástica "P"; quem o executava, era visto como um "estranho".

fossem suas práticas, mais difícil se tornariam, logo mais benefícios iriam angariar para si. As corridas em ambiente *outdoor* que antiga e inicialmente tinham a função do sujeito estar em contato com a natureza e em convívio social[341], fora de um espaço que poderia ser visto como artificial da academia de ginástica, eram também concebidas pelos profissionais com mais uma prática corporal que deveria se chegar ao "limite"; era preciso quebrar "recordes" de tempos em dada quilometragem.

O professor desejava atender os objetivos dos seus clientes da academia de ginástica "G", como tornar um "corpo são e/ou belo", mas em muitas ocasiões, parecia não se alinhar à sua posição como profissional de saúde[342], por vezes, visto do modo que pouco se atentava a determinados "limites" corporais por ressignificarem a questão do "risco" no seu cotidiano. Por vezes, ficava um pouco "incomodado" de estar pesquisando algo que me "entristecia" em termos profissionais. Como professor de Educação Física, tinha a ilusão de que o ambiente de academias de ginástica poderia ser sempre "bom" para os praticantes de exercícios físicos. A busca de determinados "limites" corporais no sentido das dores de esforços físicos, tão propalada pelos profissionais de Educação Física, poderiam se configurar, ao longo do tempo, como problemas ostemioarticulares graves, por exemplo.

No entanto, na academia de ginástica "G", aos poucos, tendo em vista estas questões profissionais de colocar os corpos no "limite" face às dores de esforços físicos, eu entendia durante as interações sociais cotidianas e podia presenciar situações que, de certo modo, demonstravam a noção ressignificada de risco à saúde desses professores. Ter notado que os alunos tendiam a evitar qualquer "dano" ao corpo não significava que estes estavam mais "imunes" a "problemas", pois havia profissionais que legitimavam a constante ideia de superar ou potencializar seus "limites" corporais por meio de outras concepções de risco à saúde. Por isso, afirmativas como "A ação de professores e instrutores pouco ou nada comprometidos com os ideais de saúde permitem hábitos e práticas absolutamente questionáveis." (AGRICOLA e MARIANO, 2009, p. 1049) devem ser relativizadas e contextualizadas de acordo com as racionalidades construídas em cada grupo social.

Paradoxalmente, a maioria dos alunos da academia de ginástica "G" que evitava substancialmente os esforços físicos extenuantes, cobrava do professor de Educação Física certa atitude profissional de ser exigente quanto a levá-lo no "limite" das dores de sacrifícios e

---

[341] Historicamente, de uma razão biológica para um processo social, Garcia (2007) lembra que "Correr, atividade natural que correspondia a impulsos instintivos (caça, defesa, fuga e jogo), transformou-se num dos mais extraordinários atos culturais de homem moderno, particularmente a maratona." (p. 66).
[342] Vilela (2010) em seu estudo identificou situação semelhante.

sofrimentos corporais na musculação. Ali havia também a racionalidade de que um professor "bom" seria aquele que levava o aluno no "limite" dos esforços físicos. Para os alunos, o professor deveria ser exigente com eles quanto às dores de sacrifícios e sofrimentos corporais, porém observando as suas singularidades de tolerâncias de percepção dos esforços físicos durante o ato de se movimentar. Nesse sentido, pelo fato dos alunos serem considerados sensíveis aos altos níveis de esforços físicos, parecia que havia uma demanda deles no sentido de que precisavam ser incentivados e estimulados a continuarem se exercitando no local, no caso, sendo exigidos os tais "limites" corporais. Crossley (2006) pontua que apenas alguns tipos de dores podem ser "prazerosas" para os frequentadores de academias de ginástica, tendo a ideia de certa "dor adequada" de exercício físico.

Assim, havia uma noção de que o professor da academia de ginástica "G" deveria ser um exemplo de "treinador" que monitorava os esforços físicos dos alunos de modo incisivo. Observava que, para isso, o próprio professor de Educação Física deveria ser exemplo de que também "aguentava" as dores de sacrifícios e sofrimentos corporais. O "corpo do professor" era um exemplo da competência profissional do mesmo, haja vista que quanto mais conseguia superar ou potencializar os seus "limites" de dores relacionadas a estafas físicas, maior reconhecimento teria do seu público, como via também na academia de ginástica "P". Nessa direção, Schechner (2011) destaca que "Se os participantes esperam mais do que os preparadores podem oferecer, a *performance* é inadequada [...]." (p. 175).

Enquanto se exercitavam nos intervalos entre as aulas de *personal trainer* ou até mesmo antes e depois do expediente de trabalho na sala de musculação, verificava que o próprio professor incorporava certo ideal de como praticar os exercícios físicos, ou seja, apenas com as dores de estafas o resultado corporal surgiria. Dessa forma, via que eles cobravam ou desafiavam seus colegas de trabalho sobre o que faziam no próprio corpo, isto é, havia a lógica de que "se eu consigo fazer, você também pode e deve fazer!".

> Prof. Volney: Não acabou não, né? Estamos treinando juntos aqui, calma, que eu nem tô sentindo dor ainda, você tá?
> Prof. Lucas: Eu não.
> Prof. Volney: Eu aprendi com um professor na faculdade que só funciona se sentir dor e eu agora aqui tô longe disso. Agora é sua vez de falar quais os exercícios que vamos fazer, porque até agora só eu que tô falando.
> Prof. Lucas: Você é mais experiente na musculação, fala você, daí vamos chegar na dor mais rápido.
>
> Prof. Jordan: Está na corrida do supermercado? Está segurando nas hastes da esteira porque, parece que tá caminhando e segurando um carrinho de supermercado!
> Profª. Luiza: Pô, eu já fiz uma hora e pouco aqui, tá? Agora eu só estou caminhando. Antes eu já fiz quarenta minutos de *transport* também.
> Prof. Jordan: Sei!

> Prof. Jordan: Vinicius, você pega pesado, mas não é grande!
> Prof. Reginaldo: A força é dele mesmo, ele não sente dor, não adianta de nada, é dele essa força aí já, quase não treina!
> Prof. Osiris: Faz o exercício e grita!
> Estagiário Vinicius: Valeu, vou malhar do outro lado, um abraço!
> Prof. Reginaldo: É um merda, né? Tem que malhar no limite, ele só fica vermelho porque é branquinho, daí qualquer coisa já deixa ele assim.

Na academia de ginástica "G", quando os professores estavam reunidos, principalmente quando treinavam juntos ou no mesmo espaço da musculação, havia uma disputa, muitas vezes, em público perante os seus clientes, de quem era o melhor no que diz respeito a chegar a determinado "limite" corporal das dores de esforços físicos. Goffman (2002) e Schechner (2006) considerariam os professores como os atores sociais em "cena", os alunos como a "audiência" ou a "plateia", a musculação como o "palco de encenação" e a forma de se exercitar no "limite" como uma *performance* necessária para pertencer àquele espaço. Nessa direção, Gomes *et al*. (2010) e Gomes (2014) identificaram que o professor de Educação Física pode ser considerado um exemplo de *performance* corporal no que diz respeito à sua técnica, isto é, a forma com que executa os movimentos tornando o seu corpo como uma espécie de "laboratório" de um acúmulo de vivências e práticas.

Estas atitudes de desafio entre os pares da profissão no que diz respeito às estafas ocorriam pelo fato de todos ali na musculação saberem que era uma forma de *marketing* pessoal para serem bem vistos pelos seus alunos, ou ainda, como uma maneira de atrair os "olhares" dos clientes, caso estes estivessem na dúvida de quem contratar como *personal trainer*[343]. Algumas situações relativas a demonstrar quem eram os exemplos de excelência de profissionais e que mereciam respeito na academia de ginástica "G" podiam ser vistas quando os professores treinavam na sala de musculação onde trabalhavam diariamente. A concorrência entre os professores quanto ao mercado de *personal trainer* era grande na medida em que aquele local abrangia um vasto público e com um poder aquisitivo muito acima de outros estabelecimentos da cidade carioca. Demonstrar para o cliente que mesmo com dez ou vinte minutos de intervalo entre as aulas de *personal trainer* era possível executar dezenas de exercícios físicos aguentando as dores de estafas. Gemer alto na sala de musculação durante e após algum "exercício físico pesado" era uma estratégia utilizada por alguns professores para terem visibilidade naquele espaço. Outros se exercitavam nas

---

[343] Fonseca *et al*. (2009) apontam justamente que "[...] conquistar um 'aluno' exige do profissional estratégias comerciais, com as quais ele tenta ganhar espaço, vendendo seus serviços e mantendo um vínculo. A venda do serviço envolve aulas experimentais, estratégias de convencimento sobre a efetividade do treinamento, como, por exemplo, a relação de exercício e dor." (p. 376).

principais passagens e caminhos de entrada-saída da sala de musculação, o que era impossível não observá-los demonstrando as suas "garras" no esforço físico. A todo instante, tiravam fotos e filmavam as suas *performances* corporais e postavam em redes sociais, caracterizando como um dos grandes artifícios de mostrarem a qualidade do seu trabalho para seus alunos na *internet*. Muitos profissionais criavam exercícios físicos atípicos[344] daqueles que rotineiramente eram executados naquele espaço para se destacarem entre os outros professores, por exemplo, movimentos denominados de "funcionais" pela sua suposta capacidade de reproduzir e proteger alguma tarefa do cotidiano. Além disso, alguns professores ficavam longos períodos de tempo pulando corda ou realizando centenas de abdominais, por exemplo, demonstrando que eram resistentes, logo, competentes profissionalmente.

Parece que além da estética corporal como requisito para o trabalho, Espírito-Santo e Mourão (2006) sugerem que estar treinado para demonstrar uma aptidão exemplar também faz parte de uma das metas laborais do professor de Educação Física, como observava durante o trabalho de campo e isso não tinha qualquer relação com estar em "risco"[345]. De acordo com Vilhena *et al*. (2012), no ramo do *fitness*, a confiança e a credibilidade da função profissional do professor de Educação Física se estabelece em grande parte pela sua apresentação corporal. Os resultados de algumas pesquisas identificaram uma noção de corpo funcional do professor visando o trabalho em academias de ginástica, além da preocupação com a própria aparência para exercer a atividade (ANTUNES, 2003; ESPÍRITO-SANTO; MOURÃO, 2006; PALMA *et al*., 2007; FONSECA *et al*., 2009; FREITAS *et al*., 2011; VILELA, 2010; VILHENA *et al*., 2012; LÜDORF; ORTEGA, 2013). Em uma perspectiva semelhante sobre essa espécie de "autoridade corpórea" como ocorre na atuação profissional de treinadores ou instrutores de esportes e de lutas, as competências (ou suas memórias) do corpo também eram importantes para o exercício da profissão (MARQUES, 2000; OLIVEIRA; GOMES, 2013).

Isto torna-se mais evidente quando nas grandes academias de ginástica, há indícios de que com o avanço da idade reduz-se o prestígio, as possibilidades de construção de uma carreira profissional e as chances de se manter no mercado de trabalho, pois a competência

---

[344] Sassatelli (2000) comenta que tornar o exercício físico como uma forma de "desafio" atrai consideravelmente os alunos.

[345] Verenguer *et al*. (2008) apontam que "[...] se em outras profissões competência e prestígio profissional estão associados ao conhecimento e ao saber profissional adquiridos com o passar dos anos, na Educação Física, e particularmente para os profissionais que atuam em academias, essa lógica não é verdadeira. Tal situação dificulta-nos pensar sobre a construção de uma carreira profissional." (p. 455).

atrelada à juventude e à imagem se sobrepõe à experiência e aos saberes adquiridos ao longo do tempo (COELHO FILHO, 2000/1; ANTUNES, 2003; BERGER, 2010; QUELHAS, 2012; SILVA; LÜDORF, 2010; LÜDORF; ORTEGA, 2013). Ao investigar o envelhecimento do professor de Educação Física em outra pesquisa, eu observei que havia uma construção social de que o profissional de academia de ginástica deve valorizar e se preocupar, ao longo dos anos, em manter a estética corporal aparentemente saudável, isto é, empreender esforços para se mostrar jovem e jovial para se tornar um modelo de saúde (SILVA, 2011). Neste aspecto, alguns estudos apontam que a faixa etária dos profissionais de academias de ginástica, por exemplo, se situa entre vinte a trinta anos pela necessidade de manter uma aparência e uma *performance* corporal (ANTUNES, 2003; ROSSI; HUNGER, 2008). Parece que mesmo no âmbito escolar, a aparência do professor de Educação Física se torna uma referência de modelo para influenciar a intenção dos alunos em se exercitarem ou até mesmo um aspecto a ser questionado quanto à sua própria capacidade profissional (MELVILLE; MADDALOZZO, 1988), embora tal realidade seja menos representativa quando comparada ao âmbito de academias de ginástica (ROSSI; HUNGER, 2008).

Assim, eu observava que o professor de Educação Física assumia certas posturas, disposições e relações do corpo, interiorizadas ao longo da sua trajetória pessoal e coletiva o induzindo na sua maneira de agir, de sentir e de pensar profissionalmente, caracterizando-se um tipo de *habitus* (BOURDIEU, 1983). Se na visão de Bourdieu (2006), a noção de *habitus* traduzida na *hexis* corporal fundamenta determinados estereótipos, argumento que havia determinados tipos de "ser" professor de Educação Física, uma vez que "Sua atividade está centrada na execução e nas advertências de ritmo e correções durante a sessão, estimulando, corrigindo e animando os alunos." (GOMES *et al*., 2010, p. 182). Em outras palavras, a "linguagem ou postura corporal" do professor de Educação Física emitindo certos "sinais" de como "fazer" ou "falar" durante os contatos face a face, por exemplo, perante os "limites" nos exercícios físicos refletia o conjunto de "ser" o (e não somente "um") "profissional".

Ao direcionar o aluno no "limite" e ao conceber para si, por meio das suas orientações vinculadas à *performance* nas práticas corporais, o culto à saúde e à estética, projetos estes mais enfatizados na atualidade (LE BRETON, 2011), o professor de academia de ginástica se alinhava algumas classificações de técnicas corporais delineadas por Mauss (2003). O professor de Educação Física da academia de ginástica "G" fazia com que, muitas vezes, as práticas corporais fossem realizadas à luz de referenciais rígidos de rendimento (geralmente, atrelado a parâmetros estatístico-biomédicos) e de *performance* (habilidade e destreza)

derivada do adestramento do corpo visando resultados considerados ideais no sentido estético e/ou de saúde, por exemplo[346].

Partindo da premissa de que nas interações de face a face, o corpo em si já possui determinada *performance* nas relações sociais (GOFFMAN, 2011), notava, portanto, que tal fenômeno ocorria na medida em que o professor de Educação Física possuía a necessidade de se sentir no pertencimento do seu grupo social e profissional devido, sobretudo, ao mercado de trabalho competitivo. Desse modo, mais uma vez, parecia que um tipo de *habitus* socioprofissional que permeava certo *ethos* da profissão se concretizava no que diz respeito primordialmente às dores de sacrifícios e sofrimentos corporais.

Pelo fato de eu ser professor de Educação Física e, principalmente, por não me exercitar no local, em muitas ocasiões, os profissionais me classificavam "abaixo" ou "acima" dos níveis de "limites" deles. Eu sentia que eu era desafiado pelos profissionais da academia de ginástica "G" no que diz respeito a alcançar ou saber chegar a estes tais "limites" relativos às dores de sacrifícios e sofrimentos corporais na musculação:

> Eu: Nunca mais te vi aqui, eu te vi aqui apenas um dia.
> Profª. Sofia: Estou em falta na musculação! Aquele dia não valeu porque nem senti dor. E você também que não malha? Não te vejo aí sentindo dor? Só circula! No dia que você treinar aqui me avisa que vou passar uma série pra você!
>
> Eu: Aí, Jordan, infelizmente, até o momento, acho que meu trabalho está chegando ao fim, não chore, por favor, hahaha...vou embora!
> Prof. Jordan: Eu não sou de chorar, o meu aluno aqui que está chorando de dor! Chega um dia aí pra sentir também!
>
> Estagiário Lico: Quero treinar peito e tríceps, me fala um exercício aí que posso começar!
> Eu: Sério? Faz você, por que eu?
> Estagiário Lico: Ajuda aê, fala os dois primeiros!
> Eu: Começa por aquele ali e depois faz este aqui.
> Estagiário Lico: Legal, fala mais! A série tá pesada! O tempo que tenho dá mais quatro exercícios!
> Eu: Por que você não tenta o exercício "x", "y", "z" e "w"? Mais ou menos nesta ordem?
> Estagiário Lico: Que foda! Acabei! Caraca, você já está contratado! A série foi pesada!

---

[346] É evidente que toda essa orientação do professor da academia de ginástica "G" ao aluno passava, portanto, pela própria etiologia da área, isto é, arraigada ao conceito de *physis* (SILVA, 2014). Há tempos Bourdieu (1983a) afirmou que os profissionais da pedagogia corporal (professores de ginástica, etc.), uma das autoridades em lidar com os usos do corpo, ficam entremeados à própria expressão "educação física", uma vez que colocam a ênfase na educação puramente corporal, no antiphysis, na contranatureza, no esforço, na correção e na retidão. A Educação Física ficaria reduzida a uma espécie de *laisser-faire* ao propalar a ginástica comum (BOURDIEU, 1983a).

No momento de interação de "não-trabalho"[347] em que os professores tinham entre si e com a minha presença era crucial para tentar desvelar diferentes aspectos que constituíam a compreensão de níveis de esforços físicos na musculação. Quando os professores estavam entre si durante o tempo que treinavam, a todo instante, cobravam certas dores de sacrifícios e sofrimentos corporais, como se fosse uma forma de serem superiores aos outros em um espaço que era altamente competitivo profissionalmente. Via como era ser um professor que treinasse naquele local na medida em que não podia demonstrar entre eles e, principalmente, para os alunos, que não chegavam a determinados "limites" corporais. Em poucas palavras, a *performance* corporal deveria ser mantida pelo professor diariamente.

Com base em Schechner (2006), tal situação de desempenho se acentuava quando os alunos ficavam de expectadores das interações de cobrança de corpos no "limite" entre os profissionais que se exercitavam no local. A própria disposição dos equipamentos da academia de ginástica "G" contribuía para os profissionais mostrarem suas *performances* corporais. Enquanto os professores atuavam como "atores" em seus "espetáculos" com os exercícios físicos na sala de musculação, grande parte dos alunos no setor aeróbio os assistia como se fosse uma "platéia" de expectadores consumidores de serviços de práticas corporais. Se o professor conseguisse demonstrar ou "encenar" para seus alunos que eram "melhores" do que os outros em relação aos "limites" das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais, este era teoricamente mais acionado quando estavam no momento de trabalho, caso contrário, a situação era oposta. Tal situação me demonstrava que o discurso técnico-científico do âmbito da Saúde em termos biomédicos nem sempre era aplicado "puramente" pelos professores de Educação Física, uma vez que estes ressignificavam os seus usos do corpo a depender das interações sociais cotidianas com o intuito de manterem certas *performances* em seus lugares sociais como profissionais sempre no "limite".

Inúmeras vezes eu me deparava com os alunos elogiando ou criticando determinado profissional de Educação Física que chegava ou não ao seu "limite" corporal como, por exemplo, "te vi treinando naquele dia, hein, você tava bem!" ou "que milagre você treinando, quase não te vejo aqui nessa intensidade!", etc. Ao mesmo tempo que demonstravam seus

---

[347] Embora para os profissionais, fosse um tempo de não-trabalho, via que estavam trabalhando ininterruptamente na medida em que em suas "horas vagas" faziam de tudo para investirem na conquista de novos clientes. Quelhas (2012) identificou em sua pesquisa com profissionais de Educação Física que "[...] quando há um pequeno espaço de tempo sem trabalho, este é ocupado por atividades relacionadas ao trabalho, como a reposição de treinos para clientes e a realização de exercícios pessoais que procuram manter o padrão estético exigido para trabalhar neste segmento." (p. 207).

potenciais relativos aos corpos no "limite", os profissionais ficavam também vulneráveis aos olhares escrutinadores dos alunos. Na interação entre professores e alunos, a racionalidade do "limite" de dores de sacrifícios e sofrimentos corporais era impositiva no sentido de "mão-dupla". Por exemplo, quando os alunos estimulavam as tais dores dos profissionais que ali se exercitavam, muitas vezes, comparando suas *performances* com as dos professores ou entre estes, caso o profissional estivesse sentindo dificuldades, havia sempre um argumento "plausível".

Assim, quando um professor pedia ao outro para orientar determinado aluno, este último demonstrava que seria mais exigente do que aquele primeiro. Presenciava várias vezes a situação que no momento que entrava um aluno recém-chegado à academia de ginástica, este era abordado praticamente por todos os profissionais, cada um em determinado período, com o intuito de "vender" o que poderia exigir dos corpos no "limite". Tais passagens, às vezes, geravam discórdias entre os professores pelo fato de estarem disputando um aluno em potencial para contratar o serviço de *personal trainer*. Em um dia, via um profissional que ao orientar o aluno de outro professor, anotava o número do seu celular para entrar em contato com ele depois de acabar a prescrição de exercícios físicos de quem o estava acompanhando inicialmente. Em outra situação, via que embora a recepcionista[348] tivesse indicado um aluno para determinado profissional, outro professor fez questão de se apresentar e abordar de uma forma que seria ele quem atenderia. Outro exemplo que poderia ser destacado era a disputa entre professores no sentido de desejarem atender determinado aluno que vinha para o setor de musculação com vários acessórios em ouro (cordão, relógio, pulseira, etc.).

Nesse contexto, a partir de um ideal performático em relação às dores de sacrifícios e sofrimentos corporais, o professor da academia de ginástica "G" quando queria demonstrar um exercício físico novo ou corrigir alguém na musculação, se exibia com "níveis corporais" acima daquele do aluno, como Wacquant (2002) aponta em seu estudo sobre a existência deste "saber no corpo". Isto é, sua *performance* corporal ao mostrar para o aluno determinado exercício físico sempre era realizada com pesos bem acima do que o aluno poderia aguentar, o que fazia, em um momento posterior, o aluno abaixar a carga estabelecida pelo profissional, causando um constrangimento quase imperceptível para os outros ali presentes; ou ainda um comentário do mesmo que não faria com "esse peso" realizado pelo profissional. As

---

[348] Como também sabia por terceiros no meu antigo espaço de trabalho relacionado ao *fitness*, na academia de ginástica "G", escutava de alguns professores que talvez alguns "amigos de profissão" pagavam certos valores as recepcionistas "por fora" para elas indicarem para eles alunos recém-chegados ao estabelecimento e principalmente com um potencial de contratação do serviço de *personal trainer*.

demonstrações dos exercícios físicos dramatizadas pelos professores sempre eram acompanhadas de expressões faciais que nitidamente aludiam a grandes estafas, mesmo que o peso estivesse muito aquém daquele que eles sustentavam em seus treinos particulares nos momentos de "não-trabalho". Muitas vezes, observava simulações dos profissionais de quase não estarem aguentando as cargas de demonstração, pois, quando treinavam naquele espaço, via que os pesos eram mais elevados de quando estavam com seus alunos. Presenciava algumas situações na musculação em que o aluno solicitava ao professor para abaixar a carga sem ter o risco de se machucar, o que, na maioria das vezes, havia a recusa do profissional pela premissa de que "se eu faço, você consegue também! Tente ao menos!".

Um aspecto que eu observava também, em especial, na academia de ginástica "P", era a questão da carga simbólica de "suar a camisa" representada também como uma espécie de sinalizar um determinado "limite" do corpo, mais precisamente, um dado concreto de que se alcançava algumas dores de sacrifícios e sofrimentos corporais. Na academia de ginástica "G", de forma semelhante ao que analisava na academia de ginástica "P", eu focava a observação sobre como o público atribuía alguns significados e sentidos ao ato de transpirar. Nesse caso, como Douglas (1991) alerta, eu no lugar de pesquisador não poderia "cair na armadilha" de sobrepor as minhas concepções sobre essa secreção corporal com a dos pesquisados, ou seja, as classificações do que seria este suor nas práticas corporais deveriam ser relativizadas e contextualizadas em sistemas simbólicos específicos compartilhados em ambas as academias de ginástica.

Embora no senso comum ou no saber biomédico o suor seja visto apenas como um humor aquoso incolor, de odor particular, segregado pelas glândulas sudoríparas e eliminado através dos poros cutâneos, notava que a ação de suar, saída ou emissão de suor, conhecida como transpiração, também era uma construção sociocultural atrelada às dores causadas pelos esforços físicos[349]. Sob a perspectiva do processo civilizador de Elias (1994), notava que o suor fazia parte dos valores de dado contexto sócio-histórico, ou seja, a compreensão do ato de transpirar estava ligada à autoimagem de dada sociedade em determinada época na medida em que dependia da variedade de concepções de tabus ou restrições atreladas à moralidade de da higiene. Em diversas interações sociais nas academias de ginástica "P" e "G", a "excreção"

---

[349] Laraia (2001) lembra que atividades consideradas como parte da fisiologia humana podem refletir diferenças culturais. Nessa mesma perspectiva, Fassheber (2001) menciona que "[...] o corpo e seus excrementos é um símbolo natural usado como um mapa cognitivo para representar tipos de relações espaciais, sociais, naturais e sobrenaturais." (p. 118).

ou a “secreção” de tal fluido transitava entre os diferentes grupos sociais ora como um fato “puro”, ora como um ato “impuro” (DOUGLAS, 1991).

Assim, na musculação da academia de ginástica “P”, o suor tinha o sentido de resultado de um “trabalho árduo” derivado de “grandes fadigas”. O resultado corporal somente seria atingido se o suor emergisse da pele de forma significativa, isto é, quanto mais suor, maior era o efeito positivo das práticas corporais:

> Montanha: Olha o meu dedo!
> Eu: Estou vendo, bem molhado!
> Montanha: Eu tirei esse suor da testa, olha o que eu faço com ele!
> Eu: Molhou o chão todo, contei treze gotas!
> Montanha: hahaha...isso aqui é fruto de muito resultado!
>
> Malu: Olha só as minhas costas!
> Prof. Cobra: Caralho!
> Malu: Olha aqui, Cobra, olha o quanto de suor, deu pra ficar molhada com esses exercícios! Malhei bem hoje!
>
> Batista: Estou tendo que parar toda hora.
> Eu: Por quê?
> Batista: Apenas uma esteira faz efeito, porque me faz suar pra caramba, a outra não faz tanto, eu nem suo direito ali.

Estar na academia de ginástica “P”, era quase que obrigatório suar para se socializar com as pessoas como uma espécie de sociabilidade que se configurava como uma “união das pessoas pelo suor”, isto é, todos ali estavam engajados no mesmo propósito: “malhar pingando” para demonstrar e legitimar suas dores no que diz respeito aos sacrifícios e sofrimentos corporais gerados pelos esforços físicos. O suor aparecia como sinal de distinção entre os grupos sociais do estabelecimento, o que, de modo diferente, emergia ressignificado no contexto da academia de ginástica “G”. De acordo com Helman (1994), as secreções corporais podem ser consideradas menos ou mais ofensivas a depender do grupo social.

Presenciava expressões do tipo: “Tá suado, hein, cara, e aí, como você está?”, “Mandou bem hoje, tu tá pingando, neguinho!”, “Cadê o seu suor? Bora malhar!”, etc. Mesmo sem me exercitar no estabelecimento, eu também experienciava algo desse tipo quando, ao me despedir de um aluno da academia de ginástica “P”, este me perguntava em um “tom” irônico se eu já iria embora sem suar, o que me obrigava a esfregar propositalmente a camisa no meu corpo melado de suor e responder: “Suei sim, olha aqui a minha camisa molhada, eu não cheguei agora não, estou aqui desde às quatro da tarde, já são oito horas da noite e você chegou só agora, valeu?”. Por ser claro o “olhar punitivo” dos alunos quanto ao outro não suar, sabia que “tinha que devolver” esta cobrança de algum modo, o que era bem aceito por grande parte do grupo social do estabelecimento. Na musculação da academia de ginástica “P”, me via a todo instante durante as interações sociais na necessidade de

transpirar, uma vez que, tendo em vista as secreções corporais, "O rito permite suscitar os sentimentos necessários para que os homens desempenhem os papéis que lhes estão atribuídos." (DOUGLAS, 1991, p. 52).

A sociabilidade por meio do suor também podia ser vista em aparentes paqueras que ocorriam naquele espaço da musculação da academia de ginástica "P". Uma aluna que demonstrava interesse em relacionar comigo não poupava esforços em dizer que queria ver se eu pegava pesado mesmo na malhação, se eu "suava a camisa de verdade". Em outra situação, um aluno a todo instante mostrava o suor dele para uma aluna recém-chegada passando os dedos na testa e lançando as gotículas da secreção no chão próximo de onde ela estava, como se fosse uma forma de atraí-la. Em outro dia, ao estar com duas alunas, elas me diziam que o calor de um "moreno tesão" chegava nelas de longe, pois ele era "sarado", "forte" e "suado". Inclusive, em algumas conversas de cunho íntimo tanto com alunos do sexo masculino, quanto do sexo feminino, eventualmente, surgia a questão de não ter nojo do outro suando quando estavam na "transa"; ou ainda, que tinha que "fazer o outro suar", o que significaria ter ou dar prazer sexual[350]. No ponto de vista de Torri *et al*. (2007):

> As academias de ginástica e musculação configuram espaços nos quais se forja uma pedagogia do corpo – como ele deve, mas, sobretudo, como não deve ser [...] ganha ares de importante investimento no mercado afetivo e na reafirmação do que se espera dos ideais de masculinidade e feminilidade. São também espaços de visibilidade, de exposição corporal e de preparação para que esta se dê do lado de fora das academias, desde que, obviamente, as medidas corporais autorizem o espetáculo. (p. 270)

Assim, de início, no contexto da academia de ginástica "G", eu partia da premissa de Rodrigues (2006), que o "suor atlético", expelido culturalmente, também tendia a ser considerado menos digno de nojo, como via na academia de ginástica "P". No entanto, ao longo do trabalho de campo, me enganava, pois conseguia detectar que o suor no estabelecimento da Barra já se constituía e era classificado como um aspecto relativamente negativo durante as interações sociais:

> Ingrid: Eu acabei de fazer o exercício de escada ali, estou suando demais, que droga!
> Neide: Eu odeio suar!
>
> Gabriela: Oi, quanto tempo!
> Brenda: Oi, mas não me encosta não porque você vai ficar toda colada.
>
> Sérgio: Está vendo aquele maluco ali?
> Raphael: Onde? Aquele malhando?

---

[350] Para Schechner (2006), a *performance* sexual invoca significados retirados de outros contextos sociais que demandam certos "desempenhos" face a determinados "limites", como no "mundo" dos negócios, dos esportes, das artes, etc.

> Sérgio: Não, olha pra aquele cara ali todo suado, está molhado pra cacete.
>
> José Roberto: Ele casou muito rápido, tem que esperar mais pra casar. Eu, por exemplo, vou conhecendo elas, faço uns exercícios por aqui, faço até aula de dança, sabe por quê?
> Gabriel: Mais mulheres?
> José Roberto: A aula de dança é boa porque faz uma social com elas e ainda não transpira.

Em todo o espaço da academia de ginástica "G", eu observava os alunos tentando conter tais secreções corporais. Neste estabelecimento, era notório o nojo e a repulsa do suor impondo limites aos contatos entre os sujeitos, bem como a realização de exercícios físicos que não precisavam ser tão intensos ali na musculação. O nível da quantidade de suor era decisivo para limitar os contatos face a face, gerando, no sentido de Goffman (2008), certos estigmas àqueles que, para os alunos da academia de ginástica "G", estavam "sujos", "fedidos" ou "nojentos". Alunos pedindo papel aos profissionais para se secarem ou se direcionando aos rolos de papéis, que ficavam disponíveis naquele espaço, durante ou entre os exercícios físicos, eram rotineiras ali. Historicamente, segundo Douglas (1991), sempre houve a ideia de dissimular os odores corporais e eliminar humores excessivos do organismo por serem considerados fontes de "impureza", logo, à margem do que dita comumente à ordem social. Sobre o que é abjeto, Ortega (2007) aponta que se "[...] remete a alguma coisa da ordem da animalidade, da morte e da visceralidade, que escapa da inscrição simbólica, e que ameaça a estabilidade da imagem corporal ideal: carne, sangue, muco, fezes, urina, suor, saliva, vômitos e outros fluidos corporais." (p. 384).

Os alunos da academia de ginástica "G" costumavam secar primordialmente o rosto e as axilas, indicando que a aparência e o possível odor eram controlados de forma sistemática. Tal situação estaria em consonância a uma perspectiva histórica do que é de dentro[351] não deveria ser visto ou tocado, isto é, era preciso retirar do campo visual e olfativo[352]. Às vezes, presenciava os alunos circulando pelo espaço da academia de ginástica com "metros" de papéis e toalhas particulares ou alugadas no estabelecimento a fim de conterem qualquer fluido corporal em excesso, bem como para forrarem o estofado "suado" de qualquer aparelho de musculação que desejassem usar. Ademais, os alunos frequentemente chamavam os faxineiros para higienizarem os equipamentos e os aparelhos de musculação daquele

---

[351] Douglas (1991) comenta que resíduos corporais podem ser considerados elementos de "perigo", uma vez que pela sua "saída" dos "limites" do corpo, a noção de "fora do lugar" tende ameaçar a ordem das coisas.
[352] Rocha e Rodrigues (s/d) argumentam que "Não confiamos tanto no olfato: nossa atitude diante das sensações olfativas, dos conhecimentos que nos chegam por esta via, é de desconfiança, de suspeita, de insegurança, como expressamos em nosso vocabulário ('isto não me cheira bem', 'sinto cheiro de confusão'...)." (p. 14).

espaço[353]. As roupas e o uso de alguns artifícios dos alunos também eram articulados maciçamente contra o desejo de suar, na medida em que mostravam para os outros as suas camisas de tecido de *dry-fit* e/ou de dupla-face, a utilização de desodorantes antitranspirantes, bem como o nível tecnológico das ventilações que seus tênis possuíam. Até mesmo os poucos alunos que valorizavam o ato de transpirar, como os "marombas", ficavam secando o próprio suor a todo instante. Nessa direção, à luz das ideias de Douglas (1991), Langdon e Wiik (2010) resumem que o:

> [...] conceito de limpeza e de higiene, categorias fundamentais presentes em todas as culturas. Cada cultura estabelece as categorias das coisas, classificando-as como "limpas e puras" ou "sujas e impuras", assim como determina quais são as práticas e conhecimentos atrelados a essas categorias que visam a sua manutenção, classificação e distinção. Entretanto, as definições acerca daquilo que é considerado "limpo" ou "sujo", "puro" ou "impuro" são tão variadas quanto o é a multiplicidade das culturas humanas encontradas no mundo. Tal variação exprime uma asserção fundamental na construção do campo de conhecimento antropológico: a constatação, paradoxal, da diversidade e unidade englobadas pelo fenômeno cultural, que é, ao mesmo tempo, uno e universal e diverso e particular. (p. 177)

Em um primeiro momento, pelo meu lugar como profissional de Educação Física, achava que tal representatividade do suor ficaria atrelada principalmente ao setor aeróbio, que ao exercitar a aptidão cardiorrespiratória, a transpiração ficaria mais evidente. Contudo, percebia que a lógica simbólica do suor permeava todos os espaços da academia de ginástica "G", como na "P", incluindo o setor da musculação que, a princípio, não propiciava tanto a transpiração, porém no estabelecimento da Barra tal fato era mais evidente do que na CDD[354]. Embora alguns profissionais da academia de ginástica "G" tivessem comentado comigo que os alunos dali eram mais "informados" e por isso poucos eram aqueles que acreditavam na necessidade de suar para terem algum efeito do exercício físico, percebia que não era apenas uma questão de "saberem", mas de não desejarem "sentir" tal secreção corporal.

Ao notar esta eliminação exacerbada do suor por parte dos alunos da academia de ginástica "G", me dirigi a uma das faxineiras com o intuito de saber como e quanto usavam aqueles rolos de papéis; a mesma me respondeu que todos pareciam sempre estar preocupados em se secarem, todo exercício físico que faziam obrigatoriamente retiravam um pedaço de papel; tal situação "dava trabalho" para ela, pois tinha que ficar repondo toda hora pela rapidez de que "rolo" se esgotava. Quando a equipe da limpeza não estava atenta a esta

---

[353] O próprio antropólogo Malysse (2008) passou por tal situação: "Pergunto-me se é uma boa idéia começar pela corrida, pois molho todos os aparelhos com o meu suor..." (p. 51).

[354] Na perspectiva de Bourdieu (1983a), "As funções higiênicas tendem cada vez mais a se associar, e mesmo a se subordinar, a funções que se pode chamar de estéticas, à medida que se sobe na hierarquia social." (p. 152).

questão de repor o rolo de papel, muitas vezes, era criticada pelos alunos, professores e coordenadores, pois tal situação era um motivo de reclamação por se caracterizar um mau atendimento da prestação do serviço. Os membros da limpeza ficavam "antenados" para cada saída de um aluno de determinado aparelho da musculação ou do setor aeróbio, pois tinham que imediatamente enxugar o local antes que alguém entrasse para se exercitar. Deparava-me com faxineiros acompanhando, quase que de maneira exclusiva, alguns alunos que transpiravam demasiadamente em toda sua estadia no estabelecimento.

Já na academia de ginástica "P", pouquíssimos eram os alunos que tinham aversão ao suor como na academia de ginástica "G". Geralmente, eram aqueles alunos de classe média[355] e mulheres recém-chegadas ao local que procuravam o desinfetante espalhado pela área da musculação para eliminar tal secreção dos equipamentos ou traziam toalhas de casa para se enxugarem enquanto estavam na academia de ginástica "P". Concordando com Douglas (1991) que os comportamentos atrelados às secreções corporais são culturalmente estabelecidos e variam de acordo com os grupos e contextos sociais ao longo do tempo, via que as concepções sobre o suor podem se modificar de acordo com a inserção dos diferentes grupos sociais nas suas relações com os exercícios físicos no interior da mesma academia de ginástica; isto é, sem relações diretas com determinadas inserções socioeconômicas e culturais. Afinal, "Concebemos a impureza como uma espécie de compêndio de elementos repelidos pelos nossos sistemas ordenados. A impureza é uma ideia relativa." (DOUGLAS, 1991, p. 30).

Na academia de ginástica "P", o suor expelido por causa da temperatura do estabelecimento e aquele provindo da prática corporal, que poderia ser denominado de "suor atlético", não era considerado um elemento de repulsa no que diz respeito ao nojo pelo corpo do outro durante as interações sociais. Rocha e Rodrigues (s/d) lembram que em cada grupo social são distintas as ênfases na atenção dada a determinados órgãos dos sentidos. Logo, lembro aqui de situações que ilustravam a aceitação de tal secreção corporal na academia de ginástica "P":

> Sheik: Regininha, você aqui!
> Regininha: Eu estou suada, Sheik!
> Sheik: Não estou nem aí, o que que tem? Deixa eu te abraçar forte e te dar um beijo na bochecha!
>
> Eu: Tim, hoje está bem vazio aqui, né? Você prefere a musculação cheia ou vazia?

---

[355] Goffman (2011) aponta que "[...] aparentemente, quanto mais alta a classe mais extensos e elaborados serão os tabus contra o contato." (p. 65).

> Tim: Ah, cara, é legar ver a galera toda suando ao mesmo tempo, fica abafado, mas é bom!
>
> Wilson: Chega aqui, meu *personal*!
> Eu: Fala aí, mas tô todo suado aí onde você pegou no meu braço.
> Wilson: Que isso, maluco! Também estou suado e daí? Todos nós aqui estamos suados, deixa eu te contar uma coisa...

Notava que este suor, não digno de nojo, era fruto do trabalho corporal entendido, de modo ressignificado, como um indício imediato de que o sujeito alcançava seus resultados em prol da saúde (ou contra seus possíveis "riscos") e/ou para a estética. A ideia principal que perpassava a academia de ginástica "P" era que o sujeito "secava" ou "queimava" ao se exercitar, ou seja, tinha emagrecido perdendo alguns quilos naquele momento de ter ficado com o "corpo molhado". A noção de "secar" ou "queimar" passava pela ideia de manter a massa muscular e "arrancar" a gordura do corpo. Já na academia de ginástica "G", não havia uma associação direta entre o ato de transpirar e o fato de "secar" ou "queimar" na medida em que se o "treino" estivesse sendo realizado de modo "correto", a manutenção da massa muscular e a eliminação de "gorduras" aconteceriam "naturalmente".

Na academia de ginástica "P", ressalto também que o valor dado ao ato de "secar" ou "queimar" podia ser visto de forma diversa, isto é, ao mesmo tempo em que havia a busca pela eliminação da gordura em excesso por grande parte do público, tanto eles quanto elas privilegiavam mais as "carnes" do que os "ossos" no sentido de serem mais "cheinhos(as)" do que "magrinhos(as)"[356]. Já na academia de ginástica "G", parecia que o modelo "*slim*" de corpo era mais privilegiado, porém de forma mais "seca" possível.

Para Berger (2010), "A valorização da magreza é mais intensa nas camadas superiores. Nos segmentos subalternos, para os quais a força muscular desponta como um atributo de maior valor, muitas vezes o magro é visto como 'fraco'." (p. 79). Assim, por meio da comparação da carga simbólica do suor entre as academias de ginástica "P" e "G", era possível observar justamente o que Bourdieu (1983a) discutia sobre o "campo esportivo": enquanto, por exemplo, antigamente o halterofilismo era mais valorizado pela "camada

---

[356] Exemplarmente, no trabalho de Ferreira (2001), foi possível observar que "Nas representações de forte-fraco está implícita a relação com as categorias de magro e gordo. A valorização da 'magreza' é relativa à situação social, uma vez que o meio material de subsistência das classes populares muitas vezes é a de atividade física, onde a força muscular é identificada visivelmente pela gordura." (p. 99). Zaluar (1984) e Ferreira e Magalhães (2006) identificaram a mesma tendência nos depoimentos de mulheres de classe popular quando valorizavam, em parte, o "corpo obeso" por representar um "corpo utilitário" às atividades rotineiras e ao trabalho informal, logo, sua condição social.

popular" pela visibilidade das carnes e dos músculos[357], o modelo de corpo "delgado" do golfe era privilegiado pela "elite". Bourdieu (1983) afirma também que essa própria estética é apreciada de forma diferente entre as classes sociais e em diferentes capitais culturais.

Assim, embora alguns trabalhos, sob a perspectiva de Boltanski (1984), apontem que as "classes populares" se atentam, se preocupam ou consomem igualmente padrões de beleza valorizados pelas classes sociais mais "privilegiadas" (FERREIRA; MAGALHÃES, 2006; BRAGA *et al*., 2010), eu notava que tais "ideais supostamente mais legítimos" possuíam referências singulares entre os contextos da CDD e da Barra. Por isso, as afirmativas referentes à massificação das aparências que atravessam classes sociais (VIGARELLO, 2006; LIPOVETSTKY, 2009) ou as próprias atitudes e costumes em geral que seriam moldados "de cima para baixo" em um processo civilizador (ELIAS, 1994), devem ser relativizadas à luz de determinados contextos e grupos sociais.

Assim, o suor era hipervalorizado pela sua função que se alinhava aos discursos lipofóbicos[358], representando que os alunos da academia de ginástica "P" sentiam realmente as dores de sofrimentos e sacrifícios corporais. A suposta eliminação da gordura podia, portanto, ser vista a "olha nu" por intermédio da visibilidade do suor nos corpos na academia de ginástica "P":

> Lara: Aê!
> Cinthia: Muito bom, todo suado, já emagreceu quantos quilos?
> Zé: Muitos!
> Eu: Você tá emagrecendo!
> Zé: Há duas semanas tô pegando doído aqui!
>
> Diogo: A série que eu tava não fazia secar.
> Eu: E agora? Como essa está?
> Diogo: Suando horrores, está vendo? Já perdi uns quilos na semana passada, acho que uns três!
>
> Aristides: Quanto mais suar, melhor pra quem quer emagrecer! É ótimo malhar suando assim, ainda mais quando se malha no sol, fica que nem sauna.

Nos primeiros meses de trabalho de campo, achava que esta hipervalorização do suor somente era ressaltada quando o corpo começava a ficar "molhado" ao longo da prática dos

---

[357] Essa referência de um "corpo maior" se atrela em parte a ideia do corpo operário que geralmente é um corpo trabalhado (CORBIN, 2009).

[358] Embora Castiel *et al*. (2010) apontem que significa uma aversão aos níveis de gordura corporal pelos seus riscos potenciais à saúde, Teixeira *et al*. (2012) relativizam em seu estudo ao identificarem "[...] três tipos de pensamento sobre o corpo gordo (medo do adoecimento, fenecimento da beleza e perda de autocontrole), revelam três entendimentos sobre a lipofobia que são o 'medo da gordura', o 'medo de engordar' e o 'medo de ser improdutivo'. No primeiro caso, a gordura está associada à doença. No segundo caso, engordar está associado ao medo de se tornar feio, desproporcional, desalinhado. No terceiro caso, a gordura está relacionada ao temor de se perder o auto-controle, que está vinculado à incapacidade de produzir." (p. 595).

exercícios físicos na academia de ginástica "P". No entanto, ao longo do tempo, percebia que havia propositalmente uma busca por esta "umidade do corpo" em vistas do binômio saúde-estética, pois os alunos a todo o momento transpareciam a necessidade de "sentirem o corpo suado", logo com menos impurezas representadas pela gordura corporal, haja vista que tal aspecto era considerado um "risco".

As roupas usadas pelos alunos eram predominantemente de algodão em vez de tecidos *dry-fit*, sendo estes tecidos mais comuns para mim quando eu atuava em academias de ginástica, pois os alunos tinham o intuito de arejarem o corpo ou de não acumularem suor na roupa. Antes de visitar a academia de ginástica "P", no meu trabalho em uma escola ali das redondezas, eu usava blusas *dry-fit* para dar aulas de Educação Física e quando eu entrava no estabelecimento, procurava usar camisas de algodão, mesmo por sentir "desagradável" sabendo que iria suar mais, visando me inserir entre os pesquisados. Na academia de ginástica "G", a lógica se invertia na medida em que você poderia ser visto de forma enviesada caso não estivesse usando "roupas" que evitassem o suor, com exceção das blusas de algodão de "marcas" usadas ali. Douglas (1991) lembra que "Todas as nossas roupas, todos os nossos alimentos, de facto todos os nossos objectos usuais, não passam de adereços de teatro que nos permitem precisar a maneira como queremos representar os nossos papéis e a cena que representamos." (p. 76).

Um fato que me chamava atenção era a existência de uma prática comum de alguns alunos da academia de ginástica "P" de irem se despindo ao longo da realização dos exercícios físicos na musculação. Embora os argumentos destes alunos se voltassem para a questão de estarem suando demasiadamente ou estarem com calor além do que suportavam, reparava que tal ação semelhante a um *strip-tease* se consolidava, de maneira proposital, no sentido de expor o corpo somente quando ele estivesse "inchado" ou "grande" após alguns exercícios físicos realizados no início da rotina da malhação[359]. Na academia de ginástica "G", tal transição de "roupas" acontecia quando chegavam ao estabelecimento, pois trocavam suas "peças" que "escondiam" o corpo no trabalho ou em locais de estudo por outras que expunham mais para se movimentar na musculação. Tais situações demonstravam a ideia de *performances* exercitadas ali representando a extensão da vida de "dentro" e de "fora" das academias de ginástica.

---

[359] Santos e Salles (2009) identificaram em seu estudo em academia de ginástica que "As roupas, sob um discurso de facilitarem os movimentos corporais, deixam o corpo bem exposto ao olhar, não apenas pelo reduzido tamanho das peças, mas, sobretudo, por serem justas no corpo, permitindo uma 'exibição' das suas formas e contornos. (p. 91).

Uma contribuição para esse dado da utilização de certas roupas na academia de ginástica "P" não estarem associadas necessariamente ao suor podia ser vista quando os alunos ao conseguirem "mudar o corpo" ao longo do tempo, alteravam também as suas roupas de malhação[360]. Na academia de ginástica "P", notava que as roupas mais curtas e apertadas eram usadas pelos alunos que "cresciam" em suas dimensões corpóreas no que diz respeito à massa muscular. Havia uma lógica de que o tamanho das roupas deveria ser inversamente proporcional ao tamanho do corpo. Para Goldenberg (2006):

> [...] além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. É o corpo que entra e sai da moda. A roupa, neste caso, é apenas um acessório para a valorização e exposição deste corpo da moda. (p. 118)

Além desses aspectos, em menor grau, notava na academia de ginástica "G" da Barra outras formas de "esconder" o corpo como, por exemplo, o uso de meias de cano longo para ocultar o fato de ter "pernas finas" ou a utilização de tapa bumbum em virtude de ter glúteos não tão volumosos. Vigarello (2006) já discutiu historicamente como as roupas ocultavam ou revelavam determinadas partes do corpo à luz de certos contextos socioculturais.

Assim, quanto mais obesos ou magros especialmente na academia de ginástica "P", percebia e escutava dos alunos que deveriam usar roupas que "escondessem" o corpo, por outro lado, se os alunos alcançassem determinado tipo de corpo ideal, era preciso expor o físico. No primeiro caso, a roupa ficaria em primeiro plano ocultando o que poderia estigmatizar o sujeito, já na segunda situação, as roupas seriam apenas meros acessórios daquilo que deveria ser mostrado a todos, o corpo:

> Manoel: Em 2013, você tem que parar de vir com camisa de criança, tá? Já tá apertada já!
> Montanha: Piada! Eu não vou vim malhar com camisa larga de gordo. Só vou usar blusão largo, quando eu estiver magro de novo.
> Eu: Um dia aí vou meter uma camisa dessa!
> Montanha: Você já pode, guerreiro, você é carcaça, alça fininha e a blusa tampando apenas o bico do peito.
> Eu: Eu?
> Montanha: É! No carnaval eu estava demais, a camiseta só tava tampando o biquinho do peito, todo mundo falava que eu estava apelando.
>
> Eu: Caraca, tu tá sumido, cara! Você parou mais de um mês, não foi?
> Aristides: Duas ou três semanas, voltei magro, zerei meu percentual de gordura e só estava na cachaça. Tive que colocar camisa pólo hoje.

---

[360] Helman (1994) destaca que "A adequação aos padrões culturais não se dá apenas através da alteração das formas do corpo, mas também do uso de determinadas roupas [...]." (p. 32). Todavia, afirmo que não somente as roupas se alteravam, mas também os acessórios que portavam. Um exemplo era o uso dos óculos por parte daqueles alunos que "cresciam corporalmente"; os óculos eram trocados por "lentes de contato" ou eliminados, de maneira temporária, quando tais alunos estavam no interior da academia de ginástica.

> Eu: É mesmo, primeira vez que te vejo com essa camisa que tampa o corpo todo, cara!
> Aristides: É, mas já já você vai ver! Vou bombar de novo!

Nesse sentido dos "limites" das dores representadas no suor, destaco a existência de um privilégio também da escolha de determinados exercícios físicos por outros, pois existia uma relativa hierarquia na escolha de práticas corporais concernente a maior ou menor capacidade de elevar a transpiração na academia de ginástica "P". Uma tendência classificatória geral que se estabelecia nas interações sociais da academia de ginástica "P" era de que as aulas coletivas (de ginástica e de lutas, como o boxe, jiu-jitsu, muay thai, etc.) e os aparelhos do setor aeróbio (esteiras, *transports* e bicicletas ergométricas) proporcionavam mais suor. O setor da musculação pouco era visto como um espaço que propiciasse o suor[361].

Já na academia de ginástica "G", sobretudo no setor da musculação, via que alguns alunos, quando começavam a transpirar em qualquer espaço, tinham a tendência de não espalharem a secreção por onde passavam com o intuito de não serem estigmatizados no local durante os contatos face a face, como Goffman (2011) discute. O suor ali como "impureza" não estava associado apenas a uma questão de higiene, de etiqueta, de estética ou de conhecimento dos organismos patogênicos, mas um elemento potencialmente destruidor dos arranjos ou da ordem social.

Devo lembrar que, especialmente na academia de ginástica "P", essa carga simbólica do suor como um indicativo de possíveis benefícios corporais não se restringia apenas ao corpo físico, mas também uma extensão da vida dos alunos que se exercitavam ali. A categoria "trabalho" não era exclusivamente voltada ao "trabalho corporal" relativo aos exercícios físicos, mas também ressignificada ao "trabalho da vida árdua em termos financeiros" em que os sujeitos estavam inseridos ali na CDD:

> Eu: Está sumido! Chegou tarde hoje, estava soltando pipa de novo?
> Wilson: É, estou sumido, mas nem foi por causa de pipa. Cheguei tarde porque trabalhei demais hoje.
> Eu: Ah, entendi!
> Wilson: Queria suar, mas não vou; Não vou fazer tantos exercícios hoje, muito menos esteira. Hoje eu já malhei muito no meu trabalho. Suei muito na obra, se eu fosse correr hoje, eu ia morrer de verdade.
>
> Elma: Putz, estou suando demais, liga o ventilador pra mim!
> Eu: Ligo sim!
> Elma: Até gosto de suar, mas no trabalho eu já suei demais hoje, sou cozinheira, então imagina, muito quente!

---

[361] Ressalto que as aulas coletivas e os aparelhos de musculação tinham também, no ponto de vista dos alunos, algumas diferenças quanto à crença de suar mais ou menos durante as práticas corporais.

> Sheik: Porra, tu tá quatro meses malhando sem nenhuma "riscação" no corpo, não dá pra ver os músculos.
> Cauã: Você ainda tá limpo, tá malhando aqui limpinho, vai pra alguma festinha, porra? Está de camisa branca limpinha, parece que nem começou a malhar.
> Wellington: Alan, eu não estou suando muito?
> Eu: Só um pouco, cara! Eu não estou malhando e estou suado que nem você.
> Sheik: Muito pouco, Wellington! Olha só, é a primeira vez que você começou a suar porque você ta malhando comigo, entendeu? Antes de você me conhecer, você tava pagando a academia à toa.
> Cauã: Tu é moleque! Nem trabalha ainda para saber o que é suar!
> Sheik: Faz esse exercício aqui...nesse movimento aqui você desce mais...nesse outro, pega assim!
> Wellington: Alan e agora? Olha a minha camisa, está suja de ferrugem e suada, não está?
> Eu: Agora sim!
>
> Heder: Que ritmo fraco é esse? Aumenta a velocidade na bicicleta!
> Carlson: Me deixa!
> Heder: Ué, mas já vai? Nem suou!
> Carlson: Sou trabalhador, suei, vou suar lá também!

Tal academia de ginástica se configurava apenas como mais um espaço da vida dos sujeitos que ali frequentavam, pois grande parte cultuava o "suor do trabalho ou do trabalhador", confirmando que, nesse caso, a inserção em dada classe social poderia ser decisiva de como concebiam o corpo. A qualidade do exercício físico deveria estar no nível das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais que se tinham no cotidiano laboral. O valor dado a esta secreção corporal se caracterizava como um "prêmio" pela "malhação pesada" do mesmo modo que o salário ou dinheiro no final do mês era a recompensa do suor do trabalho. Para Rocha e Rodrigues (s/d), "Suar pode não ser o simples resultado do trabalho de certas glândulas, mas a representação material da relação entre trabalho e repouso, mérito e demérito, privilégio e exploração." (p. 21). Para Boltanski (1984), as classes populares tendem a se concentrar em uma experiência corpórea de modo mecanicista como se o corpo fosse um instrumento de trabalho e de sobrevivência.

Portanto, como as lágrimas, o suor poderia ser traduzido como uma espécie de "limite" corporal, caracterizando-se pela ideia de conquista ou de lavagem (DOUGLAS, 1991), no caso, respectivamente, financeira ou corporal. Sabe-se que, muitas vezes, o corpo é o equilíbrio da existência usado como objeto transicional para suportar a dureza das circunstâncias (LE BRETON, 2010), que, no caso da academia de ginástica "P", parecia se derivar das condições de trabalho e de sobrevivência cotidiana. Semelhante a esta situação, Guedes (1997) identificou justamente essa lógica positiva dada ao "suor do trabalhador":

> Jogando com as oposições polares trabalhador e vagabundo, em que o valor está no primeiro termo, desmembrando-se em decência, vergonha, dever e responsabilidade, qualificações que o separam do segundo, opera-se também, por essa via, uma inversão de categorias cuja primeira aproximação é material, estabelecendo o

> produto deste trabalho feito com sangue, suor e lágrimas como uma riqueza colocada sobre a inexplícita pobreza. (p. 166)

Geralmente, a combinação de baixa renda financeira, duras e longas horas de trabalho em um ambiente, muitas vezes, insalubre, se configura por esse aspecto simbólico do suor (LAGERIE, 2012). Nas interações sociais da academia de ginástica "P", percebia que era necessário "trocar o suor" por benefícios corporais e/ou laborais. Esta noção de indivíduo suado como representativo da imagem de um trabalhador não é recente, pois, o trabalho duro relativo a determinadas secreções corporais no exercício laboral remonta desde os tempos bíblicos[362] (DOUGLAS, 1991). Corbin (2009) lembra também que o corpo "desgastado" do trabalhador remonta desde o século do impulso significativo da industrialização. Enfim, o suor representativo das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais do "malhar" e do "trabalhar" fazia parte do mesmo drama social (GOFFMAN, 2002) em que as *performances* dos alunos deveriam ser exibidas e aprimoradas (SCHECHNER, 2006).

Uma análise ingênua sobre o suor seria focar apenas nesses aspectos interpretativos da realidade das academias de ginástica de ordem das crenças, dos valores e das perspectivas dos sujeitos em interações que moldavam os seus pensamentos e as suas ações face à realização das práticas corporais. Era interessante e decisivo pensar também que o próprio ambiente físico e infraestrutural pelo qual os estabelecimentos se caracterizavam também proporcionavam o ato de suar como "algo positivo ou negativo".

O espaço da academia de ginástica "P" propiciava um local privilegiado para transpirar e, a depender dos horários e das condições climáticas do dia ou da estação do ano em que se exercitavam, as representações sobre o suor se modificavam substancialmente. A academia de ginástica "P" não possuía apenas corpos no "limite" das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais representadas no suor, mas também o seu próprio espaço propiciava situações-limite aos seus alunos. Por exemplo, mesmo que o bairro da CDD estivesse sem fornecimento de luz e de água, os alunos iam ou continuavam se exercitando exaustivamente até saírem "pingando" do estabelecimento. Parecia que carregavam em seus corpos tais obstáculos inesperados e "insalubres" de viver, pois, ao questioná-los sobre tais situações-limite, sempre eu obtinha relatos de que "já estavam acostumados" com essas adversidades ou ainda "era assim que ficava bom" para se exercitarem.

---

[362] DaMatta (1986) afirma que "Para nós, brasileiros, [...] o trabalho é eufemismo de castigo, dureza, suor." (p. 58).

Assim, na academia de ginástica "P", do mesmo modo que há a crença de que "A saúde pode ser mantida ou perdida pelo calor ou pelo frio do corpo [...]." (HELMAN, 1994, p. 37), notava que as noções de "quente" e de "frio", ligadas ao ato de suar ou não, transitavam entre o "perder" e o "ganhar" corpo:

> Funcionário Marcinho: A galera que está aqui quer ganhar massa muscular. Para quem quer emagrecer, essa telha de amianto é ótimo, porque é assim, ao longo do dia ela absorve o calor e lá para o finalzinho da tarde isso aqui continua bem quente pra galera suar.
>
> Rian: Maior calorzão! Assim vou ficar magrinho! Esse horário é foda!
>
> Aristides: Só maluco quer malhar com sol. Esse tempo meio frio que é bom, maluco é achar que pra ter resultado tem que perder líquido, o que eu quero é ganhar!
>
> Tigrão: Só pra tu ver, o calor de hoje me fez aumentar cinco quilos ali e dez quilos aqui! Hoje eu vou crescer!

No ponto de vista dos pesquisados da academia de ginástica "P", o "frio" não fazia o corpo suar e por isso não era viável para quem desejava "perder gordura". Em contrapartida, para alguns alunos, tal temperatura era propícia para o "ganho de massa muscular" na medida em que conservaria toda a estrutura corporal, sendo assim, quem gostaria de "crescer" corporalmente "perdia menos massa muscular" em dias mais frios. Já o "quente" contribuía para os sujeitos "perderem gordura" e para outros alunos, também estimulava o "ganho de massa muscular". Na academia de ginástica "G", todas essas questões aparentemente eram indiferentes na medida em que o ambiente era controlado pelo sistema de ar condicionado.

Desse modo, havia uma tendência do gosto dos alunos da academia de ginástica "P" pelo "quente" do que pelo "frio", o que era visível na representação do suor[363]. Os sujeitos praticantes de musculação tendiam a "não ficarem parados", porque havia a crença de que o músculo iria relaxar e descansar. Um músculo "frio" não produziria benefícios ao corpo, enquanto um músculo "quente", em plena produtividade vista pelo suor dos corpos, era buscado frequentemente. Dessa maneira, no momento em que alguns alunos ficavam

---

[363] Um exemplo que começava a notar esse maior interesse pelo "quente" foi quando ao chegar à academia de ginástica "P" por volta das dezesseis e dezessete horas, reparava a incidência de pessoas que optavam pela única esteira que, naquele horário vespertino, ainda recebia luz solar em comparação as outras três que ficavam na sombra. Embora existissem quatro esteiras disponíveis para se exercitarem, os alunos escolhiam especificamente aquela que ainda "recebia sol", em muitas ocasiões, inclusive, notava que o tempo da corrida do aluno terminava justamente quando "acabava o sol", isto é, pareciam que aproveitavam os últimos minutos da incidência de luz solar naquele local. Lembro ainda que a tal esteira não era considerado o melhor equipamento em comparação as outras três disponíveis, pois ocasionalmente parava de funcionar e alguns botões de aumentar ou diminuir a velocidade ficavam com defeitos. Um fato emblemático ilustrava tal situação no meu trabalho de campo: quando um aluno estava se despedindo de todos, recebi uma piscadela de um aluno acompanhada do seguinte questionamento: "Ué, já vai embora? Fica aí! Fica aí mais uns quinze minutinhos! Que tal uma esteirinha ali no sol pra secar o que você tem? Gordura!".

conversando entre a realização dos exercícios físicos, eram cobrados por outros para suarem com provocações do tipo: "Isso aqui não é botequim, é pra malhar, é pra suar!", "Está malhando gogó? Por isso que não cresce, já esfriou!", "Se demorar muito, não vai conseguir suar, vai rápido e usa logo o aparelho, sai da conversa, bater-papo é na pracinha!", etc.[364].

Frequentemente, eu me deparava com alunos que tinham aversão aos poucos ventiladores que ajudavam a circular o ar naquele espaço. Muitos alunos da academia de ginástica "P", quando chegavam ao estabelecimento, iam verificar se os ventiladores estavam ligados. Afirmavam que a ventilação prejudicava a malhação deles, pois alguns queriam "perder" peso, logo suar para emagrecer, e outros queriam "ganhar" massa muscular, no qual a temperatura quente do músculo auxiliaria nesse processo. Assim, as noções de temperatura regiam a questão de suar, bem como as representações acerca dos benefícios corporais.

Assim, o ventilador era o "grande vilão" de todos que malhavam ali, independentemente se queriam "perder gordura" ou "ganhar massa muscular". Pelo fato do ambiente ter que estar quente, os poucos e precários ventiladores que existiam naquele espaço quase não eram usados, o que não favorecia também a minha presença prolongada na academia de ginástica "P". Muitas vezes, na musculação, eu tinha que ficar buscando os lugares da academia de ginástica "P" em que o vento circulava e aproveitava-me também do estabelecimento ser vazado para encontrar pontos específicos onde era mais fresco. A minha classificação de "quente" e "frio" se diferenciava em parte dos alunos da academia de ginástica "P", uma vez que o "calor" ali me incomodava e eu não ousava em pedir que ligassem o ventilador com medo de ser altamente criticado, o que seria um dado interessante, porém, talvez, prejudicial nas minhas interações sociais ali (GOFFMAN, 2011).

A importância do ventilador da academia de ginástica "P" era tão significativa que colhia alguns depoimentos no sentido de alunos que escolhiam um estabelecimento para se exercitar de acordo com a temperatura local mais quente. Uma aluna antiga da academia de ginástica "P" dizia para mim que embora o estabelecimento estivesse em condições precárias de uso, não sairia dali porque os outros locais de práticas corporais das redondezas tinham ar condicionado; era inimaginável malhar com ar condicionado, pois o suor não iria aparecer.

---

[364] Vivenciava situações desse tipo quando eu conversava um pouco mais com os alunos e, às vezes, me sentia ou diziam implícita ou explicitamente que eu os atrapalhava na malhação, pois não os deixava suar no interior da academia de ginástica "P". Pensava que para ter o mínimo de interação com os alunos na musculação, eu tinha que ser pontual e preciso em pequenos contatos para desvelar alguns questionamentos meus do trabalho de campo, mais precisamente entre trinta segundos a no máximo dois minutos, tempo este que descansavam entre as sequências de exercícios físicos. A necessidade dos alunos de suar naquele espaço me atrapalhava nos contatos face a face mais demorados, pois as minhas interações eram descontínuas em várias ocasiões.

Um aluno também me relatava o fato de quem desejava emagrecer, a opção de malhar ao ar livre era "ótima", mas no ar condicionado o músculo ficaria contraído demais; "doido" era aquele que gostava de malhar em um ambiente climatizado com ar condicionado porque não suava; afirmava também que nem de ventilador suportava. Outra aluna me contava que mesmo a prima dela a chamando para malhar em uma academia de ginástica com ar condicionado, não iria, porque um lugar frio não deixaria o suor sair da pele; disse ainda que ficaria "melada", mas não "molhada" como tão desejava.

Parecia que a própria academia de ginástica "P" incorporava tal representação do suor no sentido das dores de sacrifícios e sofrimentos corporais. Em uma das "chamadas" do estabelecimento para uma aula específica que iria inaugurar vinha escrito assim: "A academia de ginástica 'P' convida todos os alunos para participar da nossa aula de preparação *Power Fight*. Benefícios: 'perca' de gordura localizada, resistência, ganho de força, definição e condicionamento físico. Venha suar a camisa!". Portanto, o próprio estabelecimento compartilhava de tal representação acerca do ato de suar, pois o objetivo das práticas corporais seria transpirar a todo custo das dores de esforços físicos.

Já na academia de ginástica "G", eu sentia frio pelas temperaturas baixas controladas pelos equipamentos de ar condicionado. No *site* do estabelecimento havia o seguinte *slogan* quando se referia indiretamente ao suor: "Transpire mais vida! Transpire mais vida todos os dias. Viva com energia sempre. Viva com saúde e bem-estar!". Percebia que o estabelecimento sugeria aos alunos que transpirasse qualquer coisa que não fosse o suor. Os cartazes de *marketing* espalhados pela academia de ginástica "G" sempre continham fotos de pessoas se exercitando com um "sorriso estampado" e com cargas notoriamente "leves", mas nunca com expressões faciais que se remetessem às dores de sacrifícios e sofrimentos corporais, bem como sem indícios de suor. Quando algumas dessas imagens possuíam uma pessoa se exercitando com o "corpo molhado", vinham associadas ou com a intenção de divulgar alguma bebida para o consumo, geralmente um isotônico, um repositor hidrolítico com a qual a academia de ginástica "G" tinha parceria[365].

Nesse contexto, de modo crítico, Race (2012) discute sobre esta questão comercial do *fitness* e da evolução dos saberes voltados às ciências do esporte em estimular os sujeitos a serem "sedentos" indiscriminadamente. A academia de ginástica "G", quando se remetia ao

---

[365] Quelhas (2012) lembra que as "[...] academias estimulam a utilização de produtos a elas relacionados, como bebidas isotônicas, suplementos alimentares, roupas e materiais esportivos, frequencímetros, cronômetros e similares." (p. 53).

suor, buscava exclusivamente "vender" as bebidas que ajudariam o sujeito a se hidratar melhor e mais rápido. Muitas vezes, tais propagandas eram respaldadas por meio de discursos científicos medicalizados relativos a "devolver para o corpo o que perderam", isto é, determinadas substâncias (íons sódio, potássio, cálcio e magnésio), que seriam fundamentais para um bem-viver saudável e longe de possíveis "riscos"[366]. Destaco que esses próprios discursos técnico-científicos biomédicos acerca da hidratação e suas relações com as práticas corporais tão discutidos na literatura, como vistos por Carvalho e Mara (2010), são questionáveis e podem ser ressignificados e compreendidos à luz de certos contextos sociais. Machado-Moreira *et al*. (2006) problematizam tal situação ao realizarem uma revisão sobre a hidratação e discutirem se, durante o exercício físico, a reposição de líquidos de acordo com a sede, por exemplo, seria suficiente para hidratar o indivíduo.

Desse modo, o deslocamento de fluidos do meio interior para o meio exterior do corpo não causava asco somente quando a intenção era mercadológica. Pelo contrário, se o cliente da academia de ginástica "G" sentisse a necessidade imperativa de vigiar essas áreas de transição consideradas "perigosas" no sentido de eliminação do fluido relativo ao suor por meio dos poros da pele, um produto que tornasse o corpo supostamente saudável em equilíbrio e/ou higienizado seria indispensável, o que observava no interior deste estabelecimento.

Portanto, em termos gerais, nas academias de ginástica "P" e "G", eu observava que os próprios ambientes propiciavam certo estímulo às dores atreladas a diferentes ideias de "risco". Enquanto na academia de ginástica "P" a própria infraestrutura do estabelecimento sugeria ao aluno estar no "limite", na academia de ginástica "G" eram nas formas de estimular os alunos ao "limite" no engajamento às práticas corporais, sobretudo no setor da musculação.

Na academia de ginástica "P", as raras "chamadas" aos alunos sobre determinadas aulas e novidades do estabelecimento traziam a questão de desafiá-los ao "limite" físico. Os próprios alunos e profissionais comentavam que aquele espaço era realmente no "limite" na medida em que a todo instante tinham que improvisar ou consertar algo para se exercitar ou ter atenção a determinado material ou aparelho de musculação que poderiam machucá-los.

Já na academia de ginástica "G", os próprios cartazes de *marketing* divulgados pelo interior do estabelecimento atribuíam um valor positivo aos corpos no "limite" como, por

---

[366] Silveira e Neves (2009) argumentam que o atual desenvolvimento do mercado *fitness* "[...] nos faz acreditar que outros produtos venham a complementar e a ampliar a linha já existente: abrigos e calçados esportivos, adereços e bebidas energéticas." (p. 8).

exemplo, chamadas do tipo: "Você não pode ficar de fora da maratona da academia de ginástica 'G'! Serão 2 horas de ginástica localizada numa aula super especial preparada com todo carinho para você na quadra." (cartaz acompanhado de uma foto de cor rosa de uma mulher jovem branca fazendo abdominal e os patrocinadores ao lado); "Calendário de corridas da academia de ginástica 'G', participe! Desafio de *running*! O vencedor ganhará um pacote de corrida para o exterior e um kit da loja 'X'. Tem que correr 45 minutos e a maior distância ganha." (cartaz acompanhado de uma foto de cor verde e preto de uma homem jovem branco correndo sem expressão de cansaço); "Você não imagina onde essa corrida pode te levar: desafio da academia de ginástica 'G'! Uma corrida nas esteiras onde quem obter o melhor desempenho em 30 minutos leva um par de ingressos para a Copa das Confederações para algum jogo da seleção brasileira." (cartaz acompanhado de uma foto de cor verde e amarela de uma mulher jovem branca correndo de costas); "Desafio de vôlei! Talento e muita raça para buscar esse troféu. Venha participar de mais um torneio emocionante e garante o primeiro lugar com muita disposição" (cartaz acompanhado de uma foto com uma rede e uma bola de vôlei).

O *site* da academia de ginástica "G" também utilizava esse tipo de mensagens[367]: "Expanda seus limites! Descubra uma força que você não conhecia! Encontre aquele fôlego para chegar mais longe! Os profissionais são preparados para ajudar você a levar seus limites sempre um pouco mais adiante!"; "Descubra-se insuperável! A sensação de quebrar uma meta é incrível, mas descobrir-se insuperável é único! A academia de ginástica "G" está preparada para que você desenvolva o seu corpo e bata seus limites constantemente!"; "Projete novos limites! O limite não é até onde as coisas podem chegar: é apenas o começo de um novo desafio!"; "Transforme metas em hábito! Faça do desafio o seu combustível para redescobrir-se todo dia! Valorize e otimize o seu tempo com exercícios aeróbicos, de resistência muscular e de flexibilidade em poucos minutos!"; "Inspire-se em você mesmo! Encontre os caminhos que te levam além e amplifique seus limites para você melhorar a sua *perfomance*!".

Ainda sob essa perspectiva, na academia de ginástica "G", os estofados de uma das marcas dos aparelhos de musculação continham o seguinte dizer: "*pure strenght*", na tradução "força pura" aludindo a ideia adjetivada de imprimir certo rigor de força nas práticas corporais. Um instrumento utilizado por professores para realizar exercícios físicos com seus

---

[367] Sassatelli (1999) comenta que geralmente as academias de ginástica incitam os clientes a continuarem no engajamento nos exercícios físicos usando "metáforas de combate e de desafio" como uma forma de convite ao "limite", isto é, treinando sempre acima de suas "capacidades", experimentando "coisas novas ou difíceis", explorando "técnicas inovadoras ou inusitadas", etc.

alunos em "cabos de suspensão" vinha escrito "*war machine*: *life's a battle...prepare for war!*" (acompanhado com o símbolo das forças armadas norte-americanas), na tradução "máquina de guerra: a vida é uma batalha...prepare-se para a guerra!" incitava claramente que se exercitar seria uma espécie de nunca se "entregar para as dores do cansaço".

No entanto, ficava claro também que era preciso "equilibrar estas doses de exaustividade corporal" ou "evitar danos ao corpo", haja vista as possibilidades de riscos à saúde. Siqueira e Faria (2007) destacam que "[...] ao lado do exercício intenso antes exigido do corpo, agora também e preciso adotar a preocupação com seu bem-estar físico e mental, ou seja, uma passagem discursiva do *fitness*, preocupação dos anos 1980, para o *wellness* – bem-estar físico e mental –, preocupação dos anos 2000." (p. 180). O "recuperar" e o "renovar" também tinham o sentido de ir de encontro ao "cotidiano agitado". Crossley (2006) comenta que, muitas vezes, o exercício físico pode ser considerado uma forma de "relaxamento", de combater o "estresse", de "desabafar", etc.

Nesse sentido, a academia de ginástica "G" incitava também a ideia dicotômica de corpo que para além de "trabalhar o físico no 'limite'", era preciso "recuperar e renovar" as "energias por meio da mente de forma autoconsciente e interiorizada". No *site* deste estabelecimento isso também estava explícito com *slogans* do tipo: "Pratique o equilíbrio! Equilíbrio é estar em sintonia perfeita com o seu eu. E isso só acontece quando mente e corpo trabalham juntos. Relaxe e saia com seu equilíbrio renovado!"; "Equilibre sua rotina diária! Tenha consciência corporal e também força e resistência muscular!"; "Respire-se fundo! Entre em sintonia com seu corpo. É assim que você descobre novas possibilidades! A academia de ginástica "G" ajuda a encontrar o seu ritmo. Cada exercício trabalha seu corpo de maneira diferente. Experimente e descubra o que traz mais equilíbrio para você"; "Relaxe e descubra! Relaxar é muito mais do que uma simples pausa. É uma sensação contínua para você nunca parar!"; "Experimente-se mais! Provoque-se e descubra-se. Curta mais de você, todos os dias. Descubra novos sabores e experiências! A academia de ginástica "G" tem parceiros que oferecem refeições balanceadas, massagens revigorantes, equipamentos esportivos de alta performance e até salões de beleza!", "65% das mulheres que fazem hidroginástica não precisam de analgésicos na hora do parto, treine moderadamente!"; "Já pensou em praticar um pouco de viagem também?"; "Visite o centro de integração que

reabilita pessoas, não deixe sua máquina[368] parar!", etc. Exemplarmente, Vigarello (2008) discute a busca desse constante equilíbrio sobre o exercitar-se:

> As práticas de "manutenção" da forma e de treinamento se deslocaram, como é confirmado pelos slogans das novas academias de ginásticas, nos anos 1980, feitas para abrir um parêntesis no coração da vida ativa, reencontrar um oásis de frescor, o tempo para se ocupar consigo e com o próprio corpo. Enquanto vai bruscamente aumentando seu público, o projeto dessas academias se orquestra em torno de um tema indefinidamente repetido: o da "volta a si mesmo". Todas sugerem um tempo "colocado em parêntesis" ou um espaço "posto fora do tempo", para melhor garantir a "redescoberta do corpo". Ginástica sem dúvida, mas o projeto é com certeza o de "tomar consciência do próprio corpo", ficar à sua escuta, postular a partir dele um bem-estar tanto psicológico como interiorizado. (p. 245)

Enfim, as noções de esforços físicos durante as múltiplas interações sociais no engajamento dos alunos nas práticas corporais e na intervenção profissional do professor de Educação Física poderiam ser substancialmente diferentes. Em suma, o propósito de buscar entender as representações referentes às dores de sacrifícios e sofrimentos corporais na musculação incitava refletir nas diversas formas singulares como os alunos e os professores pensavam e agiam diante desse tipo de "limite" corporal, bem como suas possíveis relações com o que os atores compreendiam acerca dos riscos à saúde durante o cotidiano.

4.2.1.3 Dores de mal-estares: entre o remediar e o prevenir.

Os mal-estares aqui se referem àqueles elementos que eram considerados pelos alunos e pelos professores de Educação Física como fora do que seria considerado "normal" para um organismo supostamente sadio, como em todo grupo social. Assim, "doença", "patologia", "crise", "problema", etc., dentre outras categorias puderam ser agrupadas na questão dos mal-estares na medida em que tal parâmetro de "limite" influenciava a relação dos professores e dos alunos com as práticas corporais na musculação e suas relações com os possíveis riscos à saúde.

Por vezes, algumas dores desses tipos de "limite" corporal diagnosticadas surgiam espontaneamente ou emergiam por causas ainda desconhecidas acometendo a rotina do dia a dia dos alunos das academias de ginástica "P" e "G". Assim, via que "Cada cultura possui sua linguagem de sofrimento própria, que faz a ligação entre as experiências subjetivas de mal-estar e o seu reconhecimento social. Os fatores culturais determinam quais os sinais ou sintomas são percebidos como anormais [...]" (HELMAN, 1994, p. 107). Tendo em vista que

---

[368] Geralmente, a ideia de "máquina corporal" vem associada à necessidade de ser cuidada ou de periodicamente sofrer manutenções, conforme explicita Le Breton (2011).

a dor é concebida de forma plural entre os grupos sociais implicando em atitudes específicas para lidar com tais desconfortos físicos (LE BRETON, 1999), observava que, em termos gerais, na academia de ginástica "P", havia uma tendência de remediar essas dores, e na academia de ginástica "G", de previni-las.

Portanto, a análise dos possíveis mal-estares era relativizada e contextualizada de acordo com os âmbitos das academias de ginástica "P" e "G", tendo em vista que "As definições de 'saúde' e 'doença' variam entre indivíduos, grupos culturais e classes sociais." (HELMAN, 1994, p. 105). No entanto, as dores de mal-estares que porventura estivessem atreladas as ideias de risco à saúde poderiam variar e serem ressignificadas inclusive no interior da mesma academia de ginástica.

No caso da academia de ginástica "P", observava que alguns mal-estares deveriam ser eliminados a qualquer custo através das práticas corporais. O exercício físico assumiria relativamente o *status* de um remédio para qualquer grande mal atrelado às supostas sensações desconfortáveis em que os alunos estavam sofrendo, na maioria das vezes, denominadas de "doenças":

> Eu: Que disposição, hein?
> Robson: Mais ou menos! Antigamente, eu estava errado e agora eu estou certo.
> Eu: Como assim errado e certo?
> Robson: Sou guarda municipal, trabalho muito, tive uma parada respiratória, tive que cortar a cerveja em 30%. Não quero o que todo mundo quer: ganhar corpo e emagrecer. Não gosto dessa academia porque poderia ter mais investimentos, mas infelizmente é a única por aqui perto.
> Eu: E como você está hoje em dia?
> Robson: Eu fico pouco tempo na academia, geralmente, venho um dia sim e um dia não, por causa do trabalho, daí, quando venho, prefiro ficar entre duas a três horas aqui na esteira. Não quero sentir mais o que senti, eu tenho medo de apneia do sono também, ando aqui pra melhorar, um dia quase morri dormindo.
>
> Eu: Fala aí, não te vi mais por aqui, tá malhando direto ainda?
> Piloto: Estou sim! Cara, já passei perrengues sérios com a saúde, o médico me disse que se eu não mudasse de vida, eu iria parar no caixão. Já fiz muita merda do que hoje em dia: drogas, mulheres, curtições, anabolizantes, trabalho dirigindo daí ficava horas sem dormir, já até bati. Além disso, tive um princípio de infarto!
> Eu: Sério?
> Piloto: É, cara, fudi o meu corpo todo, mesmo novo, arranjei vários problemas no estômago, no fígado e no rim, até meu cabelo está caindo, já estou calvo e nem completei trinta anos, parei um pouco com essa vida, agora malho numa boa aqui para me cuidar!

Embora, para Ortega (2003), "O *fitness* nos é apresentado como o 'remédio universal', que nos garante a independência da medicina (a qual se revela como sendo aparente), a proteção de todos os males da sociedade moderna." (p. 67), tal afirmativa deve ser relativizada a depender das condições socioeconômicas e culturais de determinados grupos sociais, pois os riscos à saúde em muitas ocasiões eram concebidos de forma diferentes entre

ou na mesma realidade investigada. Para se engajarem ou continuarem com a realização dos exercícios físicos, os alunos começavam a se preocupar mais efetivamente com as tais "condições de saúde" somente quando estavam com "problemas graves", no limite, quase "morrendo" ou prestes a serem "internados"[369]. Embora não fosse uma premissa universal ou generalizante, confirmava relativamente o que Boltanski (1984) comenta: enquanto as classes populares prestam significativa atenção ou percebem o corpo de modo diferente e descrevem a experiência mórbida a partir do estágio já avançado da doença, as classes superiores possuem uma percepção e atenção "aguçadas" diante do processo saúde-doença, acionando dispositivos de previsão e de prevenção. Carvalho e Luz (2009) ilustram tal realidade:

> As classes populares tendem a fazer um uso instrumental do corpo [...] o significado de corpo saudável e a própria percepção de dor e sofrimento está ligada ao sentido funcional e produtivo que é atribuído ao corpo por uma classe de população, como a trabalhadora de baixa renda. Um corpo saudável, para essa classe, assume o sentido de um corpo que não sente dor, um corpo que não está impedido de trabalhar e produzir seu sustento. Nesse sentido, é um corpo mais resistente à dor e ao sofrimento. Há uma certa moralidade nas classes populares que leva os sujeitos a não olharem muito para o próprio corpo, como se isso fosse meio imoral, uma idéia de resistir ao próprio corpo, assim como a idéia de resistir à dor. (p. 322)

Assim, esses alunos valorizavam a prática de exercícios físicos depois de terem vivenciado algum período de ruptura em suas trajetórias individuais por causa de certas dores de mal-estares. Embora perceptível a preponderância do "remediar" sobre o "prevenir", em virtude de um contexto socioeconômico e cultural que enredava e ressignificava os comportamentos deles diante de tais mal-estares, a noção de "risco" não estava associada ao corpo físico em si. Um corpo supostamente improdutivo não estava de acordo com o trabalho "duro" que os alunos da academia de ginástica "P" levavam e valorizavam ao longo da vida, fato este identificado também no estudo de Guedes (1997). Dessa forma, se exercitar era a forma mais barata e acessível para enfrentar determinados "problemas corporais". De acordo com esses alunos, "o posto de saúde da CDD não servia de nada e que o plano de saúde de R$ 92,00", tão divulgado no interior da academia de ginástica, era extremamente caro e, provavelmente, não iriam usá-lo.

É inegável que as condições objetivas de vida podem influenciar na visão de mundo dos grupos sociais diante do processo saúde-doença e determinar, em parte, os seus comportamentos para ou com o corpo (BOURDIEU, 1983; BOLTANSKI, 1984). Assim, o

---

[369] Para Le Breton (2012), "A proximidade com a morte – quer tenha sido deliberada ou não – é uma confrontação radical com o limite, e ela possui a virtude, se nos saímos bem, de nos dispor limites de sentido para encararmos finalmente uma vida interior com referências que tenham valor emitente para nós próprios." (p. 40).

espaço da musculação da academia de ginástica “P” também reproduzia o que os alunos da CDD conviviam em termos de que eu poderia denominar de “problemas de saúde-doença”, isto é, já que não era possível e nem privilegiado se “prevenir”, as identidades dos alunos ali eram construídas no sentido do ato de “remediar” como podiam os tais mal-estares.

O trabalho se apresentava como a principal necessidade dos sujeitos da academia de ginástica “P”, o que impedia, segundo eles, os maiores cuidados de si. Nesse caso, as práticas corporais poderiam ser consideradas um recurso importante para continuarem com seus trabalhos cotidianos e laborais, isto é, quando pudessem, poderiam “remediar” com os exercícios físicos. Considerando a hipervalorização da jornada de trabalho e o corpo com um instrumento de trabalho, Le Breton (1999) aponta que a dor de mal-estar se percebe como uma enfermidade. Na medida em que são impelidos de trabalhar, esses grupos sociais são afetados moralmente no que se refere à identidade de “provedores”.

Assim, pelo fato do “trabalho” ser uma espécie de medida desses grupos sociais da CDD, a “enfermidade” pode ser considerada uma “fraqueza”, categoria esta que agride moralmente esses sujeitos que valorizam a “força” e a “resistência”. Le Breton (1999) aponta que acaba existindo uma espécie de “imperativo do sigilo” dessas dores de mal-estares. Boltanski (1984) lembra também que o esforço físico contínuo relativo ao trabalho extenuante pode obscurecer alguns mal-estares ao longo da vida. Logo, via durante o trabalho de campo o que Boltanski (1984) pondera:

> Se os indivíduos prestam tanto menos atenção ao corpo e mantêm com ele uma relação tanto menos consciente quanto mais intensamente são levados a agir fisicamente, é talvez porque o estabelecimento de uma relação reflexiva com o corpo é pouco compatível com uma utilização intensa do corpo. (p. 167).

Enfim, ao experienciarem no corpo os “limites” dos sintomas de algum mal-estar, os alunos se remetiam às práticas corporais como uma estratégia viável para se cuidar, isto é, com menor custo e maiores benefícios para a saúde ou contra seus “riscos”. Embora estivessem com o “corpo comprometido” e se engajassem ou continuassem com as práticas corporais, para alguns alunos, era uma decisão de extremo sofrimento.

Embora a prática de exercícios físicos seja vista como um “remédio”, de forma preponderante, no bojo da noção de que ser “sedentário” se constitui como uma doença ou um fator de risco à saúde; gerando assim a ideia da necessidade de estilos de vida fisicamente ativos (FERREIRA *et al*., 2012; BAGRICHEVSKY; ESTEVÃO, 2012), via na academia de ginástica “P” que tal ideia de “remédio” era também uma forma de “curar a vida dura”:

> Edilson: Vou te falar, quando eu estou fudido, não vou ao médico, pareço a minha avó.
> Eu: Qual é do preconceito?

> Edilson: Veja só: minha avó fuma, fuma, fuma e joga baralho todos os dias, o tempo todo e não morre! Já meu avô morreu há dez anos de câncer, tomava "pilhas" de remédio e morreu, e aí? Como você me explica isso? Não confio muito não nesses bagulhos de médico e remédio, acho que é tanto remédio, do tipo, dão um pra uma coisa daí depois mistura com outro remédio para o outro, muita misturada!
> Eu: Você está se sentindo mal?
> Edilson: Já tem um tempo, mas não vou, umas dores no peito, sabe? Os "malucos" da proteção do nosso corpo, lá dentro, devem falar assim: "Deixa invadir os remédios que não dá pra nós não! Deixa invadir, porque a batalha já tá perdida", daí eles deixam de proteger a gente e morrem.
> Eu: Entendi, por isso que você não vai ao médico!
> Edilson: É, por isso eu tô aqui, malho, malho, malho e ponto, já ajuda me curar! Vou trabalhando por aí também!
> Aristides: Eu também não vou ao médico! Fico malhando! Me mato num dia e no outro me mato, mas menos, descanso mais.
> Eu: Você também não vai?
> Aristides: Não, os médicos insistem que eu tomo bomba por eu ser gigantesco. Um dia a enfermeira me mandou uma indireta que nem conseguia medir minha pressão porque eu tomava bomba, o braço de tão grande não cabia no aparelho; quase que falei pra ela: "E você é gorda porque come!", ah, porra!
>
> Vitor: Cara, odeio ficar malhando aqui!
> Eu: É mesmo? Tem um motivo?
> Vitor: Prefiro coisas mais dinâmicas, tipo correr e fazer esportes, coisa muito concentrada não é pra mim, estou aqui apenas para ganhar um corpo e ver o resultado.
> Eu: Como assim ganhar um corpo?
> Vitor: Assim, eu tenho uma escoliose levemente voltada pra direita, o médico disse que não é nada grave, mas se eu fico sem malhar uns seis meses, começo a sentir novamente dores, daí eu volto a malhar, some, é impressionante!
> Eu: Acho que já escutei isso de alguém, sabia?
> Vitor: Por exemplo, quando as pessoas estão muito gripadas, tem gente que fica de cama. Quando eu estou gripado, vou correr na maior disposição ou sei lá, faço uma luta, caratê. A mesma coisa quando estou muito cansado, vou até o fim. Como é que pode? A gripe fica curada em um instante.

Muitos alunos me relatavam que não era a prática profissional do professor de Educação Física que os ajudava a "melhorar" ou "curar" determinado mal corporal, mas sim os exercícios físicos em si. Aparentemente, os alunos tinham a concepção de que as práticas corporais de imediato e de modo concreto podiam trazer benefícios ao corpo, ou seja, bastava apenas se movimentarem para começarem a sentir os efeitos terapêuticos do exercício físico, como as mesmas exerciam sobre eles uma eficácia simbólica no sentido descrito por Lévi-Strauss (1996).

Os supostos efeitos das práticas corporais eram consoantes a perspectiva de Helman (1994) quando afirma que "Muitos rituais de cura são também rituais de transição social, nos quais a 'pessoa doente' é transformada em 'pessoa saudável'." (p. 207). Dessa forma, no meu ponto de vista como profissional e comparado ao contexto da academia de ginástica "G", via que os alunos da academia de ginástica "P" em sua grande maioria possuíam uma visão de curto a médio prazo no que diz respeito ao que o exercício físico ali na musculação poderia contribuir para as suas vidas sociais em termos gerais. Em outras palavras, o período liminar

entre estar ou não com a dor de mal-estar parecia breve, pois ali grande parte do público tinha a necessidade do "corpo sem mal-estar para ontem".

Pensando nas questões de saúde-doença, via que não era somente o fato de realizarem as práticas corporais, mas também o tipo de exercício físico que adotavam era importante. Havia uma série de crenças compartilhadas e ressignificadas entre os professores e os alunos da academia de ginástica "P" sobre o que era melhor para se ter um efeito terapêutico contra determinado mal-estar. Quando a perspectiva do aluno se voltava primordialmente a ir de encontro a esses mal-estares, tanto professores quanto os frequentadores tendiam a valorizar o exercício aeróbio das aulas coletivas e dos aparelhos do setor onde havia as esteiras, os *transports* e as bicicletas ergométricas em detrimento dos espaços destinados à musculação. Os contatos face a face cotidianos reforçavam as perspectivas simbólicas do "remediar" no que diz respeito à ideia de que os exercícios físicos cardiorrespiratórios eram mais importantes do que os de "força" para enfrentarem as dores de mal-estares.

Assim, por exemplo, se ali raros eram os alunos que valorizassem o objetivo de "saúde" ou, por vezes, de "qualidade de vida", grande parte deles acreditava que os exercícios físicos aeróbios eram mais propícios para a vida deles contra determinados mal-estares. Nesses casos, quando alguém era questionado do porquê de se exercitar somente na esteira e não na musculação, os argumentos sempre se voltavam para questão que estavam ali para a "saúde". Não era raro escutar falas de alunos como esta: "Para que ter uma carcaça maneira se não tem condicionamento físico, não se tem saúde? Por isso, eu vou para a esteira depois de malhar!"; ou de professores: "Se sua preocupação é com a saúde, sugiro que você faça uma horinha de esteira! Daí, depois, se quiser melhorar a barriga, posso te passar uns exercícios de abdominal e de postura!".

Logo, notava que se o aluno quisesse "ter saúde" deveria ser direcionado aos tipos de exercícios físicos aeróbios, mas se o mesmo desejasse "ter estética", a tendência era de que fosse para o setor da musculação para acionar e desenvolver a massa muscular. Parecia que o uso de pesos e halteres com a finalidade principal de trabalhar a massa muscular não favorecia a saúde, mas em contrapartida a aptidão cardiorrespiratória estaria alinhada a tal perspectiva para o corpo.

Assim, tanto nas escolhas de exercícios físicos pelos alunos quanto na prescrição de treinos dos professores de Educação Física, caso o desejo fosse "obter saúde", a musculação deveria ser de intensidade leve e de tempo curto. Quando se tratava de um público idoso, a

ideia era a necessidade de "esteira"[370] e de "pesos leves". Os alunos também classificavam os exercícios físicos e os movimentos "mais perigosos para a saúde". Assim, a racionalidade do discurso técnico-científico do âmbito da Saúde em termos biomédicos ao mesmo tempo em que os alunos e professores de Educação Física tentavam aplicá-lo na musculação da academia de ginástica "P", atribuíam outras formas de concebê-lo como as noções de "correr para a saúde" ou "malhar para a estética".

Grande parte dos profissionais de Educação Física da academia de ginástica "P" ainda se preocupava com técnicas terapêuticas, confirmando que o profissional de saúde, considerado especialista em determinada cura, ficava refém do seu arcabouço teórico técnico-científico face à complexidade da interação entre o sujeito e seu contexto sociocultural[371]. O ato de "remediar" também era constantemente defendido pelos profissionais durante o seu cotidiano em interação com seus alunos, por vezes, de forma invasiva no sentido de impor ou tentar mudar certos comportamentos ditos de "risco à saúde".

Bourdieu (1983) e Boltanski (1984) concordam que os usos do corpo visando à saúde e/ou à estética podem variar em função da classe social, da relação com o capital cultural acumulado ao longo da vida e com o tipo de trabalho. Tal fenômeno aparentemente não era apontado pelo professor de Educação Física, haja vista que tantos alunos quanto estes profissionais buscavam uma forma de "remediar" os mal-estares com os exercícios físicos independentemente do contexto de onde estavam inseridos. Em muitas ocasiões, sobre o "remediar", a referência da "ciência" se sobrepunha ao "popular"[372].

Cito aqui que havia outras formas simultâneas para terem efeitos terapêuticos, tais como: um comprimido, um remédio, um chá, o apoio familiar, uma reza, etc. Havia a

---

[370] Souza (2005) comenta que "Atividades como a caminhada e a corrida são freqüentemente associadas entre os praticantes a um processo terapêutico na resolução de problemas de ordem psíquico-emocional, afetivo e social [...] estão ligadas à idéia de uma 'descarga de energia'" [...]. (p. 35). Contudo, Castiel *et al*. (2010) questionam que o ato de caminhar ou correr ao mesmo tempo em que são conhecidos por evitarem teoricamente algumas doenças, pode expor o sujeito a risco como as lesões de tendões, articulações, músculos, etc.

[371] Era recorrente o fato da orientação do professor sobre a realização das práticas corporais não levar em consideração, muitas vezes, a complexidade de fatores econômicos, políticos e sociais que permeavam a saúde, como Palma *et al*. (2003) defendem. Mesmo que atualmente seja o tempo de preeminência e do universalismo da técnica (LIPOVETSKY; SERROY, 2011), a intervenção profissional da Educação Física em saúde pode se tornar ampla no seu referencial teórico pela pluralidade de ações atribuídas à área e pela diversidade dos grupos sociais com que lida. Fensterseifer (2006) lembra que tais técnicas não devem ser descartadas e nem podem ser absolutas no campo da intervenção em Saúde.

[372] Sabe-se, por exemplo, que o estilo de vida visando evitar os riscos à saúde não depende somente da vontade do sujeito em se engajar na prática de exercícios físicos (PALMA *et al.*, 2006; PALMA, 2009; BAGRICHEVSKY, 2009). Há escolhas subjetivas e possibilidades objetivas para a adoção de determinados comportamentos considerados positivos à saúde (MONTAGNER, 2006) em que o professor de Educação Física a todo instante poder estar impregnado ou não da racionalidade biomédica.

tendência dos alunos de primeiramente resolverem os problemas em casa ou na academia de ginástica para depois irem ao médico. Helman (1994) e Le Breton (1999) lembram que geralmente, quando os sujeitos adoecem, eles optam por uma série e uma hierarquia de recursos. A questão de se exercitar era apenas mais um dispositivo corporal do drama social que o público da academia de ginástica "P" acionava e ressignificava visando ir de encontro aos "riscos" que os acometiam.

Já pensando no caso da academia de ginástica "G", as noções de mal-estares se distinguiam ligeiramente daquelas vistas na academia de ginástica "P", se alinhando à ideia de Adam e Herzlich (2001) quando registram que "[...] a atual valorização da saúde, tal como se vê na mídia, não se encontra uniformemente distribuída pelas camadas sociais." (p. 85). Na academia de ginástica "G", havia uma tensão dos alunos em se automonitorarem[373] a todo instante sobre as condições do corpo, isto é, era frequente a vigilância de "prevenção" aos possíveis riscos que estariam expostos na presença ou não de determinados mal-estares:

> Eu: Ele tem pressão alta?
> Prof. Alfredo: Os hipertensos daqui sempre estão controlados com medicamento, mas pedem para aferir, mais os novatos e retornos. Os alunos daqui são muito sensíveis ao corpo, querem aferir quando sentem algo estranho, este cara de hoje sentiu uma leve tonteira na esteira. A vista dele também estava embaçada.
>
> Eu: João, quanto tempo! O que houve? Pensei que tinha saído da academia.
> João: Fiquei afastado sete dias porque eu fiz uma cirurgia com um dos papas do cateterismo. Não faço com qualquer um, paguei vinte mil, mas o acerto dele é de 100%, não posso confiar em qualquer um, fiz com o melhor médico do Brasil.
> Eu: E está voltando bem?
> João: Sim, ele é muito bom, voltei sem sentir nada! Agora comprei esse aparelho de medir a frequência cardíaca para ficar me monitorando, raramente meu coração oscila! Esse frequencímetro é ótimo, eu queria ter descoberto isso aqui antes!
>
> Eu: Orlando, quando alguém fica doente, como a galera age normalmente?
> Prof. Orlando: Você pode ver, quase ninguém malha doente aqui, parece que isso é só daqui, porque converso com outros profissionais da área de outros locais e até mesmo porque já trabalhei em outros lugares. Talvez em outros bairros, por não terem médicos, a única coisa que eles têm é o corpo, como se fosse o currículo deles, daí, mesmo fudidos, têm que aguentar!

Tais passagens não significam afirmar que os alunos da academia de ginástica "G" eram mais "cuidadosos" do que os alunos da academia de ginástica "P", mas a forma com que eles lidavam com os mal-estares era diferente, como visto no bojo entre o "remediar" e o "prevenir". Para Boltanski (1984), "O interesse e a atenção que os indivíduos concedem ao

---

[373] Ortega (2004) pondera que "As modernas asceses corporais, as bioasceses, reproduzem no foco subjetivo as regras da biossociabilidade, enfatizando-se os procedimentos de cuidados corporais, médicos, higiênicos e estéticos na construção das identidades pessoais, das bioidentidades. Trata-se da formação de um sujeito que se autocontrola, autovigia e autogoverna." (p. 15).

próprio corpo, ou seja, à sua aparência, agradável ou desagradável e, por outro lado, às suas sensações físicas, de prazer ou desprazer, cresce quando eles se elevam na hierarquia social […]" (p. 145).

Pequenos fatos como a procura de exercícios físicos no estabelecimento que ficassem longe do ar condicionado para não ficarem gripados; pedidos constantes aos professores que olhassem se a execução do movimento estava correta; buscas de serviços de *personal trainer* para cuidarem de si de forma mais individualizada[374]; abandonos temporários da rotina de exercícios físicos por estarem "doentes" ou "comprometidos" de alguma forma; utilização de extensas sequências de aquecimento ou de alongamento antes ou depois de realizarem os movimentos; exigências dos alunos para os profissionais prescreverem exercícios físicos específicos para determinada região do corpo supostamente mais frágil, etc., faziam parte do cotidiano da academia de ginástica "G".

Na academia de ginástica "G", parecia que a "saúde" estava sempre "fora" ou "querendo sair" do sujeito, transparecendo uma espécie de contínuo estado de "pré-enfermidade" ou de "risco contínuo". Tais perspectivas estavam atreladas a uma espécie da saúde como um (bio)valor, como Ortega e Zorzanelli (2010) discutem, na medida em que se esforçavam para cultivar determinados cuidados de si com o intuito de cada vez mais "Prolongar a vida ao máximo, multiplicando suas possibilidades, desviando seus limites e corrigindo suas 'imperfeições' [...]" (BAGRICHEVSKY; ESTEVÃO, 2012, p. 91). As dramatizações dos alunos com o próprio corpo possuíam a referência técnico-científica do campo da Saúde no sentido essencialmente biomédico. As identidades legitimadas ali se aproximavam das ideias de quem sabia "cuidar de si", ou seja, da constante "prevenção". Em contrapartida, aqueles alunos que se distanciassem desse modelo de a todo instante se automonitorarem eram eventualmente "rechaçados", ou estigmatizados, no sentido descrito por Goffman (2008). Estes alunos podiam ser considerados "desleixados" ou "displicentes", categorias estas que continham uma série de sinônimos compartilhados naquele contexto.

Notava, por exemplo, que até mesmo aqueles raros "marombas" que hipervalorizavam as dores de esforços físicos e a aparência "acima de tudo", tinham uma relativa preocupação no sentido de evitarem ou combaterem alguma dor de um mal-estar associado a determinado

---

[374] Malysse (2007) identificou que geralmente há esta "total entrega do corpo" ao *personal trainer* para cuidar do aluno.

"risco"[375]. Ao mesmo tempo em que buscavam o aspecto estético do corpo, geralmente, no final da rotina de exercícios físicos, executavam alguns movimentos que se voltavam à postura e à prevenção de lesões com discursos que "não perderiam de vista a saúde". Argumentavam que não podiam esquecer a "saúde", por isso, fortaleciam determinadas partes do corpo para não se "machucarem", geralmente aquelas consideradas mais "fracas"[376]. Sob uma ótima próxima de se cultuar certo cuidado de si face aos possíveis riscos à saúde, tais alunos deixavam transparecer que era necessário "exercitar-se ao máximo, porém sem muitos exageros", no limite, eu via que, em muitas ocasiões, os modos de pensar e agir de homens e de mulheres se aproximavam substancialmente[377].

A autovigilância corporal e da saúde era tamanha que, às vezes, prejudicava as próprias interações sociais ali. Em dada época, havia um professor de Educação Física que, ao término de cada fala com os alunos, costumava tossir, colocando a mão no rosto, o que, visivelmente, fazia com que os alunos conversassem com ele de forma distanciada, também com a mão no rosto, ou ainda, evitassem o mesmo. Os alunos cochichavam negativamente sobre este profissional, pois, no ponto de vista dos frequentadores, o professor não deveria trabalhar daquela forma, pelo fato da possibilidade de transmitir algo para alguém, logo afetar a saúde de todos ali ou de causar algum mal-estar em outrem[378].

---

[375] Outras situações referentes a esse "automonitoramento" também me chamavam a atenção, tais como o elevado número de portadores de necessidades especiais e adolescentes buscando altas *performances* no que diz respeito a evitar "riscos à saúde".

[376] Segundo Helman (1994), entre os grupos sociais, há partes do corpo consideradas mais vulneráveis do que outras. Nesse caso, percebia que por levantarem cargas elevadas, tais alunos tinham uma preocupação em especial com a coluna vertebral, pois havia o receio de lesionarem aquilo que o sustentavam durante o cotidiano.

[377] Lipovetsky (2009) ressalta que "Os tempos consagrados aos cuidados do corpo e da aparência são agora muito próximos para os dois sexos." (p.142-143). Santos *et al*. (2013) ressaltam também que atualmente os homens estão lidando e "sofrendo pressão" de forma semelhante às mulheres no que diz respeito ao culto ou ao cuidado com o corpo. Dessa forma, tal dado se contrapõe ao estudo etnográfico em salões de beleza de Bouzón (2010), quando ela afirma que pode "[...] sugerir que quanto mais elevado o estrato social para o qual o salão está voltado, maior a segmentação do espaço por gênero." (p. 118).

[378] Experienciei este "prevencionismo" justamente quando eu fiz o trabalho de campo com torcicolo por ter dormido mal durante a semana por uma crise de sinusite. Logo ao chegar ao estabelecimento, um aluno que costumava conversar comigo por algum tempo reparou que eu estava "torto", quando eu relatei do torcicolo pelo fato de ter "ficado de cama" e doente alguns dias, o mesmo se afastou de mim e disse que então falaria comigo outra hora, até porque estava fazendo os exercícios físicos. Dias depois, ao encontrar com ele na musculação, a primeira pergunta que ele fez para mim foi: "E aí? Já melhorou", quando respondi positivamente, dizendo que estava apenas "lento" pelos remédios, o mesmo me relatou que ao sentir "qualquer coisa" já estava tomando remédios e que fazia uso de antibióticos para tudo. Este aluno falou que quando morava em São Paulo, ficava "ruim toda hora" e se mantinha longe dos outros; quando via que a umidade ideal não estava próxima de 60% e a poluição em torno de 30%, já começava a sentir "coisas" e que aquilo "dava medo nele". Tal situação me fez repensar várias vezes em fazer o trabalho de campo na academia de ginástica "G" quando eu não estava me sentindo bem por algum mal-estar, pois havia a probabilidade de passar por certo constrangimento com o público, embora entendesse que "Os temores não são os mesmos de uma cultura, classe social ou época, para outra." (LE BRETON, 2009, p. 10). Assim, por outro lado, era uma "tentação etnográfica" saber como os alunos

Na academia de ginástica "G", os alunos ao transmitirem ao outro que estavam se "prevenindo" desses mal-estares era uma forma com que demonstrassem certa "superioridade" àqueles que não se "cuidavam tanto". Eu percebia que havia certas disputas hierárquicas de quem "se cuidava mais do que o outro", isto é, para Goffman (2002) e Schechner (2006), na musculação, os alunos encenavam *performances* de quem se prevenia mais durante as interações sociais.

Exemplarmente, questionava se era proposital a distribuição dos remédios nas vitrines da farmácia, localizada próximo da academia de ginástica "G". De forma discrepante, no lado da vitrine que ficava voltado à entrada e à saída do estabelecimento, havia remédios voltados, talvez, às principais preocupações dos alunos: antigripais e produtos para emagrecimento. Frequentemente, eu observava os alunos saindo da academia de ginástica e se dirigindo a esta parte da farmácia ou no sentido inverso[379]. No ponto de vista de Boltanski (1984):

> Tudo se passa portanto como se o crescimento da consciência do corpo e do interesse dedicado ao corpo estivessem em correlação com uma espécie de inversão de suas funções econômicas: à medida que decresce a parte relativa da força corporal no conjunto de fatores de produção, o corpo torna-se a ocasião ou o pretexto para uma quantidade sempre crescente de consumos. (p. 180)

Tais impressões correspondiam a ideia de Boltanski (1984) de que quanto mais se elevava na hierarquia social, mais exacerbado era o grau de interesse e de atenção ao corpo, por consequência, maior era o consumo desses tipos de intervenções. Já na academia de ginástica "P", reparava que a situação supramencionada não era tão evidente na medida em que o ato de "consumir estes tipos de saúde" era uma questão a se pensar, não somente pelo aspecto socioeconômico, mas também pela ordem simbólica que constituía as prioridades de vida.

A atuação dos profissionais de Educação Física da academia de ginástica "G" face a esses mal-estares parecia ser mais comum do que a intervenção dos professores na academia

---

reagiriam a tal fato, isto é, geralmente inclinados à aversão a qualquer custo de mal-estares que os rondavam na vida social.

[379] Observava que, nos estabelecimentos comerciais do *shopping center*, grande parte dos *folders* se destinava, de certo modo, aos cuidados do corpo. Depois de um tempo, descobria que os alunos também frequentavam outros estabelecimentos do *shopping center* com o intuito de se manterem "saudáveis" ou distante de certos "riscos" como, por exemplo, espaços de meditação, clínicas estéticas, centros de reabilitação, farmácias de manipulação, lojas de suplementos alimentares, etc. Inclusive, no interior da academia de ginástica "G", frequentemente havia expositores de lojas de produtos e de serviços vinculados ao "mundo da saúde" localizados no *shopping center*. Segundo Bagrichevsky *et al*. (2006), a mercadorização da saúde se expande por diferentes produtos e serviços como os cosméticos, os suplementos alimentares, os fármacos para emagrecimento, as redes de academias de ginástica, etc.

de ginástica "P"[380]. Os profissionais da academia de ginástica "P" demonstravam certa resistência em tratar sobre alguns aspectos relativos à saúde pelo fato dos alunos, no ponto de vista deles, "não estarem nem aí pra isso" ou "para que se preocupar com pessoas que nem elas estavam preocupadas com a própria saúde?". Na CDD, os professores comentavam comigo que a maioria dos alunos estava ali preocupada com a beleza do corpo em detrimento da saúde e seus riscos, por isso, sobre esse último aspecto, raramente iriam "intervir" ou "ligar" para qualquer demanda desse tipo. O professor se preocupava com uma questão de "reabilitação" apenas quando os alunos seguiam as suas orientações, caso contrário, os profissionais se distanciavam de tal público.

Orientações dos professores como se atentarem as possíveis tonturas dentro ou fora do estabelecimento, indicar para terem cautela na postura durante a realização dos exercícios físicos, comentar sobre a necessidade de se alimentarem antes dos treinos, etc., paulatinamente eram abandonadas pelos profissionais. Os professores ficavam "surdos", "mudos" ou "cegos" ao se deparem com algumas questões dos alunos que não estariam alinhadas à saúde, isto é, enquanto os professores se preocupavam também com o "prevenir"[381], os alunos ficavam apenas na dimensão do "remediar"[382].

Na academia de ginástica "P", os profissionais ao não darem tanta atenção aos alunos, situações de incidentes no interior do estabelecimento eram inevitáveis. Eu poderia enumerar uma série de incidentes: alunos deixando cair altas cargas de pesos em várias partes do corpo por distração, pela insegurança de alguns equipamentos comprometidos ou pela ausência do uso de presilhas de segurança. Fraturas, cortes, estiramentos, torções e "sangue" eram comuns no local, fazendo com que muitos alunos saíssem do estabelecimento na direção a postos de saúde ou a hospitais das redondezas.

O professor ficava "impotente" e "cansado" de avisar ou alertar os alunos que ignoravam os riscos à saúde da forma com que ele concebia, pois, para os profissionais, os

---

[380] Talvez, eu pensava também que tal fato se concretizava porque, pelo fato de eu ser um professor de Educação Física, encarnado daquela racionalidade etnocêntrica do campo da Saúde, aquilo me chamava mais atenção na Barra por "saltar aos meus olhos" do que na CDD.

[381] Para Mattos (2012), a prática profissional do professor de Educação Física em geral se volta primordialmente à ação preventiva.

[382] Foi observado no estudo em academias de ginástica de Agricola e Mariano (2009) que "Quase todos os praticantes entrevistados dizem já terem ido treinar machucados ou doentes. A maioria, mesmo doentes ou machucados, não deixa de comparecer ao que chamamos compromisso estético identitário estabelecido pelo grupo a que pertencem. Mesmo em condições precárias de saúde o sujeito se vê impelido à prática e a possibilidade de falta é motivo de frustração. [...] Mesmo sem estar em boas condições físicas, continuam a ir aos treinamentos e, mesmo incapacitados, procuram ter o mesmo rendimento. Por muitas vezes os praticantes são alertados pelo instrutor do perigo da prática sob tais condições, mesmo assim continuam a treinar." (p. 1053).

alunos "não tinham noção da magnitude dos mal-estares". Isso não significava apontar que os profissionais eram "incompetentes". Na realidade, a racionalidade biomédica "preventiva" dos professores não se alinhava ao ato de "remediar" dos alunos. Além disso, os profissionais me relatavam que "quase nunca" conseguiam "melhorar" alguma "doença" do aluno por diversos motivos como pela irregularidade (até mesmo financeira) dos mesmos em frequentar o estabelecimento ou pela precariedade dos equipamentos[383]. Havia uma ideia também dos profissionais de que os alunos pagavam a mensalidade da academia de ginástica com muito custo e não podiam restringir muito as possibilidades dos mesmos em se exercitarem:

> Eu: Sumida!
> Liliane: Fiquei parada uns dias! Estou com dengue, médico disse para ficar de repouso, mas vim pô!
> Prof. José: Hum!
> Eu: Com dengue ainda?
> Liliane: Estou me sentindo um pouco melhor, estou me sentindo menos fraca, to comendo já, tomando suco de laranja, comendo verduras e também não dá, né? Eu estou pagando a academia e vou ficar em casa? Alan, vou fazendo até onde der, enquanto tá dando eu faço, se eu me sentir mal, eu vou parando, isso aqui vai me ajudar a recuperar.
>
> Eu: Voltou é?
> Sara: Voltei, estou com a perna costurada, estou com vários pontos que podem abrir, não te mostro porque estou de calça, é por isso que estou mancando aqui na esteira.
> Eu: E na musculação?
> Sara: Estou fazendo de tudo também, mas se amanhã eu não aparecer na academia é porque a minha perna abriu, está doendo!
> Eu: Tá com muita dor?
> Sara: Estou, mas ninguém me pára aqui, dá pra continuar, só não consegui fazer um exercício porque o apoio dele encosta nesse local da coxa, entende? Qualquer coisa que acontecer, quando eu chegar em casa, vou meter umas três dipironas e já resolve!

As condições financeiras dos alunos pesavam significativamente de como se relacionavam com os exercícios físicos e com o próprio corpo nesse tipo de "limite". Era compreensível que o professor de Educação Física se situasse em uma posição vulnerável como profissional de saúde face às demandas locais de ordem socioeconômica e cultural em que os alunos estavam inseridos, pois o corpo no "limite" era fundamentalmente ressignificado durante as interações sociais no espaço da musculação. No sentido de Bourdieu (1983), o *habitus* dos professores de lidar com as dores de mal-estares se distinguia, em parte, do *habitus* de grande parte dos alunos ali. Observava disputas ou negociações entre os

---

[383] Benedetti e Ouriques (2007) identificaram também esta ideia de que a má conservação dos equipamentos pode dificultar o rendimento e o desempenho do professor de Educação Física na sua atuação profissional com os alunos em academias de ginástica.

professores e os alunos de como lidar com tais "limites" na musculação, isto é: "remediar" ou "prevenir". Langdon e Wiik (2010) ressaltam que:

> No universo de cada grupo social, os especialistas têm papel específico a desempenhar frente ao tratamento de determinada doença, e os pacientes têm certas expectativas sobre como tal papel será desempenhado, quais doenças o especialista pode curar, assim como uma ideia geral acerca dos métodos terapêuticos que serão empregados. (p. 179)

Alguns comportamentos que eram vistos pelos profissionais como de risco à saúde não eram concebidos da mesma forma pelos alunos[384]. As identidades dos professores de Educação Física que se constituíam ali invadiam substancialmente as noções de risco à saúde dos alunos. Exemplarmente, eu interagia com alunos que condenavam o uso de álcool (cachaça, cerveja, vinho, etc.) e de drogas (maconha, cocaína, etc.) pelos seus riscos à saúde porque destruía o "cara por dentro", no caso, sempre se remetendo ao "fígado", mas que usavam anabolizantes regularmente. Conversava com alunos que valorizavam as pessoas que tinham sofrido algumas "viroses", pois eram "sortudas" pelo fato de que tal "mal" podia reduzir a "barriga" delas, mantendo o nível de massa muscular. Deparava-me com um aluno que insistia em fazer o uso de suplementos alimentares mesmo com gastrite, pois tinha começado a utilizar um medicamento que "deu certo" com um amigo dele e que tinha "descoberto" que o problema era o fato de tomar um suco de frutas com a refeição. Alguns alunos me diziam que eram "saudáveis" por conseguiam ficar horas em pé trabalhando e muitas vezes por terem mais de um emprego no mesmo dia[385], etc. Rios *et al*. (2007) explicitam que:

> [...] os profissionais e a população não vivem uma experiência da mesma maneira. São sujeitos distintos que têm um objeto em comum, porém o interpretam cada um adaptando-o à sua realidade e contexto histórico, social e político. Os saberes da população são elaborados sobre experiência concreta, a partir das suas vivências, diferentemente daquela vivida pelo profissional. Nós oferecemos o nosso saber por que pensamos que o da população é insuficiente e, por esta razão, inferior, quando, na realidade, é apenas diferente e algumas vezes insuficiente. (p. 505)

Parecia haver ali a necessidade de o profissional compreender a "fala" dos seus alunos modulada a partir da experiência e da realidade vivida das classes populares da CDD[386].

---

[384] Adam e Herzlich (2001) mencionam que "[...] aceita-se a existência de um pensamento 'profano' sobre a saúde e a doença, respondendo à uma lógica independente do saber dos 'profissionais' [...]" (p. 80).

[385] Guedes (1997) aponta que "Sintomas físicos considerados sem importância, que não impedem a pessoa de trabalhar, não são classificados sob a rubrica de doença." (p. 286). Por outra perspectiva de análise, de acordo com Separavich e Canesqui (2013), "[...] trabalhar reafirma a autonomia masculina no mundo da vida, tornando-se fator principal de reconstrução identitária, inserção social e de manutenção da saúde." (p. 422).

[386] Rocha e Rodrigues (s/d) ponderam que para compreender as questões relacionadas às práticas corporais, muitas vezes, é preciso lembrar que o universo dos símbolos não se refere exclusivamente ao corpo, mas a vida social dos sujeitos em geral.

Percebia que "continuar fazendo as coisas do dia a dia", por exemplo, era sinônimo de "saúde". Helman (1994) aponta que tal definição funcional é comum em populações pobres, haja vista a necessidade econômica de continuar trabalhando, etc. Baseando-me em Valla (1998), seria preciso entender, portanto, que as crenças acerca desses tipos de "limites" dos alunos não eram menores do que as dos profissionais, mas apenas diferentes. Havia também discursos ressignificados dos alunos sobre o que seriam os riscos à saúde tão propalados pelo referencial biomédico dos profissionais. Arcanjo *et al*. (2007) lembram que:

> É importante que o profissional de saúde descubra, sob o prisma antropológico, os signos e significados da doença, a experiência vivida pelo doente e como lida com ela, reconhecendo que a partilha de experiências conduz à feitura de um modelo de cuidado da saúde no qual todos os atores sejam envolvidos, em discussão, planejamento, educação e na resolução dos problemas. (p. 391)

Aos poucos, via que toda vez que eu me "identificava" com determinadas ações dos alunos quanto aos "limites" de certos mal-estares, estes tinham uma posição diferenciada na academia de ginástica "P", por estarem inseridos em outras condições socioeconômicas e culturais, como aqueles sujeitos de classe média. Pelo fato de grande parte dos alunos do estabelecimento ter um capital cultural e econômico diferente do meu, eu estranhava alguns pensamentos ou ações que eram explicitadas no local face à relação entre os mal-estares e às práticas corporais. O meu sistema simbólico referente a esses mal-estares era "jogado" ali nas interações sociais com as quais eu convivia, fato este que, para Douglas (1991), deve ser considerado na medida em que o pesquisador pode também se deparar com o que entende sobre o "risco".

Já na academia de ginástica "G", os profissionais de Educação Física defendiam o exercício físico como uma maneira de "curar" os seus próprios mal-estares e dos alunos. Havia uma noção de correlação de causa e efeito de que a realização de práticas corporais proporcionaria diretamente um "corpo saudável":

> Recepcionista Lia: Esse programa de exercícios pode ser adotado por você, esse programa serve pra quem, por exemplo, tem problema no pulmão por causa de fumo, diabetes, pressão alta, entendeu?
> Jussara: Sei!
> Prof. Reginaldo: É, esse tipo de programa de treinamento é pra saúde, acho que é o ideal para você que está preocupada com essas coisas!
>
> Eu: Quando o aluno fica doente, ele costuma vir pra academia?
> Prof. Orlando: Cara, não, quase ninguém vem doente pra cá, quando é uma gripe, eu já mando para o aluno que o treino não afeta o sistema imune e o exercício ainda pode até ajudar a combater!
>
> Prof. Hélio: Ficou sabendo? Arranjei uma trombose, vim trabalhar até de meia-calça.
> Eu: Não soube não, está melhor?
> Prof. Hélio: Muito mais ou menos, tentei um recurso alternativo aí, mas não deu certo, não deu, segurei por um tempo isso, mas vou ter que fazer cirurgia.

> Eu: Entendi!
> Prof. Hélio: Vou sair daqui e devagarzinho vou pegar uns pesos ali, dá uma recuperada!

Na academia de ginástica "G", havia uma mercadorização das práticas corporais no sentido de combater certos mal-estares corporais, o que corrobora com a ideia de Palma *et al.* (2006) que a musculação, por exemplo, podia se tornar um "negócio lucrativo". O professor acreditava para si e "vendia" para seus alunos que o ato de se exercitar por si só geraria "saúde". Por isso, a depender de como fossem feitos os exercícios físicos, em especial apenas sob a orientação de um profissional de saúde, o aluno teria chances maiores de se recuperar de algum mal-estar ou estaria "isento" de qualquer "risco". Nessa direção, o professor de Educação Física incorporava também a noção provinda do seu *ethos*[387] profissional de que se movimentar seria o melhor "remédio" para combater as dores de mal-estares em geral[388].

Na academia de ginástica "G", havia um "Professor-vendedor e aluno-cliente em um ambiente onde a mercadoria exerce a função sedutora de atração e conquista." (FURTADO, 2009, p. 10). Para alguns autores, correlacionar[389] exercício físico à saúde, desconsiderando grande parte das dimensões humanas, é realizar, de maneira unívoca, uma relação linear de causa e efeito, típica do modelo epidemiológico ou estatístico-biomédico (PALMA, 2001; PALMA *et al.*, 2003a; BAGRICHEVSKY; PALMA, 2004; DAMICO; MEYER, 2006; BAGRICHEVSKY *et al.*, 2008; VELOZO, 2010). O professor da academia de ginástica "G" incorporava e ressignificava a ideia da busca exacerbada de um corpo considerado "saudável" e/ou associado a determinado padrão estético. No ponto de vista de Garcia (2008), tal profissional se transformava em um educador físico do consumo[390].

---

[387] De modo semelhante, Helman (1994) destaca que na própria formação em medicina, o médico já começa a adquirir o *ethos* da profissão, acionando diversos dispositivos terapêuticos relativos à sua especialidade profissional.

[388] Bagrichevsky e Estevão (2012) lembram que tem havido um "[...] exponencial crescimento de ênfases discursivas a favor do envolvimento com (auto)disciplina e normas de comportamento, no intuito de se promover uma 'boa saúde', sem que percebamos emergir, na mesma medida, debates que problematizem o(s) significado(s) disso e o viés mercadológico embutido em tais discursos." (p. 90).

[389] A correlação ou a relação/ associação estatística entre eventos pode gerar, mas não necessariamente, a causalidade entre eles. A causalidade se concretiza quando um evento gera o outro. É preciso considerar, por exemplo, uma hipótese que "[...] entre exercício físico e saúde existem inter-relações, interações, retroações complexas e recíprocas, mas não uma relação positiva de causa-efeito. De maneira geral, é a saúde que conduz à atividade e ao exercício físico e não o contrário." (MIRA, 2003, p. 169).

[390] Para Furtado (2008), a aliança estética-saúde apresenta maior potencial de venda do que a questão do lazer, pois um "corpo saudável e belo" é o grande objetivo dos clientes de academias de ginástica, embora o entretenimento, o convívio social e o divertimento sejam importantes para a adesão dos mesmos. No ponto de vista de Quelhas (2012), "[...] os serviços produtivos no segmento *fitness* podem ser considerados como pertencentes às atividades capitalistas produtivas, quando prestados diretamente por empresas privadas ao consumidor, e os trabalhadores que vendem sua força de trabalho para estas empresas como trabalhadores produtivos." (p. 20).

O professor da academia de ginástica "G" se situava em um âmbito de trabalho onde havia um sistema de mercadorização do corpo com a qual ele compartilhava, mas que, para Lima (2009), poderia ter um potencial de se contrapor a esse esquema de compra e de venda no campo das práticas corporais. Semelhante a ideia de Mattos (2012), eu observava que, por intermédio da prática profissional do professor de Educação Física face aos "limites" dos mal-estares, a saúde se tornava uma "mercadoria" e a academia de ginástica "G" como uma "indústria de saúde pronta", no caso, com um "potencial inquestionável de prevenção"[391].

A própria academia de ginástica "G" indicava algumas preocupações com os alunos, representadas em avisos ou anúncios por todo seu espaço acerca da questão da saúde e seus "riscos". Exemplarmente, no contexto da ideia de *wellness*, a academia de ginástica "G" possuía um cartaz de "regras de segurança da academia" distante dos espaços das práticas corporais com um texto de letras pequenas, escrito da seguinte forma:

> 1) Informe ao professor que acompanha você sobre qualquer remédio e suplemento dietético que você faz uso regularmente e que possa alterar o seu treinamento; 2) Treine sempre na intensidade estipulada na sua avaliação funcional (frequência cardíaca ou escala subjetiva de esforço) ou sobrecargas (kilagens) recomendadas pelo professor; 3) Sempre faça aquecimento antes de cada treino mesmo que você esteja sem tempo, termine o seu treino de forma gradual até seu organismo chegar próximo as condições de repouso. Estas duas partes da aula devem durar entre cinco a dez minutos; 4) "Escute" seu corpo, caso sinta algum sintoma anormal como tonteiras, náuseas, dores de cabeça, falta de ar ou dores na coluna e joelho, algum desconforto abdominal ou dores no peito interrompa o treinamento progressivamente e comunique imediatamente o professor. Procure o seu médico assim que puder; 5) Receita de boa forma: complemente seu treinamento com outras atividades para obter melhores resultados e para prevenção de lesões músculo-articulares. Nunca faça só um tipo de exercício. Treine regularmente exercícios aeróbios, de força/ *endurance* e alongamento; 6) Caso seja iniciante ou esteja há mais de dez dias sem atividade física regular escute o seu corpo. Comece com vinte a trinta minutos aumentando a cada treinamento de pelo menos um dia de descanso entre aulas ou alterne com outras atividades físicas com características fisiológicas diferentes; 7) Nunca treine desidratado! Beba sempre água antes, durante e após os treinos, acompanhados de alimentação de frutas, verduras, cereais integrais, carnes, lacticínios magros. Nos dias quentes, procure ingerir mais líquidos. Não espere ter sede; 8) Não force a barra caso esteja cansado, dormindo pouco, se alimentando mal ou estressado. Diminua a intensidade do esforço do treino. Não é bom "forçar a barra"; 9) Faça um check-up semestral ou no máximo anual com o seu médico. Inclusive é uma lei estadual que deve ser cumprida. Refaça sua avaliação funcional a cada seis meses para sua segurança e melhores resultados no seu treinamento; 10) Siga sempre as instruções do seu professor. Ele está preparado e treinado para lhe fornecer todas as informações necessárias para a boa qualidade do seu treinamento.

Estes "dez mandamentos" de segurança à saúde eram eventual e relativamente respeitados pelos alunos. Mais do que uma "preocupação", parecia que o estabelecimento

---

[391] Ferreira *et al*. (2012) mencionam que "Nessa linha de raciocínio, em que os mal-estares de nossa civilização são medicalizados e tornados mercadoria ao serem transformados em riscos e patologias, a atividade física torna-se vacina para o corpo social." (p. 836).

desejava cumprir o que legalmente exigiam do espaço, o cuidado com a saúde de seus praticantes de exercícios físicos. O estabelecimento renovava seus informes aos seus alunos lembrando-os, implicitamente, que o cuidado da saúde em grande parte era de cunho individual, ou seja, todos deveriam se responsabilizar por si e se conscientizar de suas condutas ditas saudáveis, bem como o fato do estabelecimento estar ali para ajudá-los no que fosse preciso. Em suma, a academia de ginástica "G" não possuía somente o discurso da "promoção da saúde", mas também pautado na questão do "se prevenir"[392]. Sassatelli (1999) afirma que o próprio ambiente da academia de ginástica fornece indícios sobre o que é "certo" ou "errado" em dadas situações durante as práticas corporais.

Sabe-se, contudo que, muitas vezes, essa preponderância da ideia de responsabilidade individual pela saúde-doença, sendo o sujeito culpabilizado pelas suas ações e condutas consideradas de "risco", acarreta na emergência da noção de *empowerment*[393]. As práticas em saúde a partir de comportamentos de risco ali objetivavam a universalização do compromisso com a prevenção e as intervenções eram inespecíficas e geravam uma espécie de culpabilização individual já tão discutida na literatura (BRICEÑO-LEÓN, 2003; CASTIEL; ÁLVAREZ-DARDET, 2007; CASTIEL; DIAZ, 2007; CAPONI, 2008; AYRES *et al*., 2008). Assim, do mesmo modo que é de suma importância relativizar e compreender os limites das concepções de *empowerment* nas propostas de promoção de saúde (CZERESNIA, 2008), parecia que, na academia de ginástica "G", esta ideia se fazia necessária cada vez mais no âmbito da própria atuação da Educação Física.

Os profissionais raramente compartilhavam desta crítica sobre imputar nos indivíduos a obrigatoriedade da realização de uma prática corporal ao longo da vida com o intuito de promover saúde (PALMA, 2001; PALMA *et al*., 2003; BAGRICHEVSKY *et al*., 2006; BAGRICHEVSKY; 2009; PICH *et al*., 2007; DAMICO, 2011). Na academia de ginástica

---

[392] Bagrichevsky e Estevão (2012) argumentam que atualmente há uma constante "[...] alusão à responsabilidade personificada e à obrigação moral do 'dever-ser'... saudável, belo(a), magro(a), jovem, ativo(a)!" (p. 95). Vigarello (2008) menciona que esses tipos de discursos "[...] difundem também uma nova representação do corpo, mais refinada, mais interiorizada, centrada na mentalização: 'escutar' as sensações para melhor poder controlá-las, imaginar as formas físicas para melhor adquiri-las." (p. 221).

[393] Lembro que desde os mitos gregos de Hygéia (deusa da saúde) e de Asclépius (deus da medicina), a saúde é vista na dependência essencialmente do homem em governar e gerenciar a sua própria vida, avaliando os seus comportamentos (SCLIAR, 2007; SUMIYA, 2009). Rabello (2006) afirma que para haver *empowerment* é necessário que exista uma presença mais marcante do Estado no que diz respeito ao que pode subsidiar essa gestão (ou promoção) da saúde. O sentido dado ao *empowerment* pode se aproximar de abordagens conservadoras ou críticas da promoção da saúde, a depender do foco de análise (FERREIRA; CASTIEL, 2009).

"G", eu via que o tal "estilo de vida"[394] ativo visando evitar os riscos à saúde dependia somente da "vontade" do sujeito em se engajar na prática de exercícios físicos. Para alguns autores, isso não se caracteriza por uma mera opção, mas pelo contexto sociocultural no qual o sujeito se insere (CARVALHO, 2001; GOMES *et al*., 2006; PALMA *et al*., 2006; PEDRAZ, 2006; CASTIEL; VASCONCELLOS-SILVA, 2006; PALMA, 2009). Em outras palavras, a *performance* do cuidado de si face aos mal-estares deveria ser aprimorada continuamente na musculação da academia de ginástica "G".

O elemento mercadológico e comercial da academia de ginástica "G" imputava certo "temor" nos alunos acerca do "risco". Se o aluno não se considerasse praticante de um "estilo de vida ativo", este se culpabilizava por não estar gerenciando sua saúde, ou ainda, monitorando seus riscos que permeavam a vida cotidiana. Czeresnia (2007) lembra que "A sociedade contemporânea é definida como sociedade do risco, sendo este considerado elemento central para tomada de decisão racional em face ao crescimento da incerteza na cultura moderna tardia." (p. 275).

A ideia de Goffman (2008) que os sujeitos são julgados pelos seus supostos desvios relacionados ao corpo era notória no espaço da academia de ginástica "G" quando se referiam aos "limites" dos mal-estares[395]. Desse modo, para os alunos, a estratégia de estar sempre em contato com um profissional da área da saúde, respeitando as prescrições realizadas por estes, adotando certos comportamentos preventivos e estando em alerta com as sensações do corpo, se autoavaliando, bem como complementando com outros dispositivos terapêuticos importantes para o corpo garantiriam, teoricamente, um "treino eficaz e seguro".

As orientações propostas pela academia de ginástica "G" influenciavam o aluno a consumir cada vez mais os serviços disponibilizados pelo próprio estabelecimento. Sob a ótica do "se prevenir", tal academia de ginástica fazia com que o cliente "sentisse a necessidade" e ao mesmo tempo "oferecia a solução" para os possíveis mal-estares que poderiam ocorrer com ele "dentro" ou "fora" dali. Bastos (2010) menciona que nestes tipos de

---

[394] Castiel *et al*. (2010) lembram que "Um estilo de vida pode ser entendido como um conjunto relativamente integrado de práticas individuais voltadas para necessidades utilitárias e que representam vestígios da identidade de cada ser, pois, além de 'como agir', refere-se a 'quem ser'." (p. 48).

[395] No setor da musculação da academia de ginástica "G", percebia que o estigma e o discurso discriminatório de ser obeso (SAUTCHUK, 2007; PALMA; LÜDORF, 2010; PALMA *et al*., 2012; VILAÇA; PALMA, 2012; MONAGHAN, 2008; MATTOS; LUZ, 2009; MATTOS, 2012), de ter problemas relacionados a doenças cardiovasculares (PALMA, 2000) ou ser sedentário (BAGRICHEVSKY; PALMA, 2004; BAGRICHEVSKY *et al*., 2007; BAGRICHEVSKY *et al*., 2008; PALMA, 2009; PALMA; VILAÇA, 2010) eram pautados e ressignificados na ideia de responsabilidade ou opção individual do sujeito, desconsiderando a compreensão de que determinados grupos sociais estavam em diferentes inserções sociais.

academias de ginástica há uma tendência de divulgar "[...] a obrigatoriedade da 'salvação' de seus clientes [...] pregam as idéias do bem-estar, qualidade, longevidade e estética. (p. 75).

Sobre um caso emblemático, o estabelecimento frequentemente lembrava seus alunos sobre a necessidade e a importância de apresentarem o atestado médico para poderem se exercitar no local. Totalmente fora das características do *layout* visual do estabelecimento, havia um *banner* de aproximadamente cinco por cinco metros quadrados com o seguinte aviso: "Mantenha seu atestado em dia! Cumpra a lei! Não é permitida a entrada de alunos com atestado médico fora da validade!". No final e no início de ano, o estabelecimento colocava um cartaz logo na entrada da academia de ginástica com o seguinte dizer, acompanhado de uma imagem de um estetoscópio: "Saúde! Renove seu atestado médico! Mantenha seu atestado médico em dia! Ganhe um *squezze* da academia de ginástica 'G' para os primeiros duzentos!". Ainda nessa direção, o estabelecimento tinha o seguinte cartaz pendurado em uma das paredes do local com uma foto de uma mulher branca sorrindo e fazendo exercícios físicos voltados à região abdominal:

> Atividade física é o melhor remédio para a sua saúde! E como todo bom remédio, precisa de receita, treine com segurança, mantenha seu atestado médico em dia. Para que seu treinamento possa ser mais eficiente e seguro, pedimos que, por favor, atualize seu atestado médico na recepção a cada doze meses. Sua saúde agradece! Caso o atestado médico esteja vencido, a roleta irá travar somente para lembrá-lo que é preciso fazer a atualização. A obrigatoriedade da apresentação do atestado médico recente para realização de qualquer prática esportiva ou qualquer atividade física é indispensável segundo lei 10/848.01 de 06 de Julho de 2001 no estado de São Paulo.

O fato da exigência do atestado médico era apenas um pequeno exemplo de um modo de compartilhar certos usos do corpo entre professores e alunos diante do risco de possíveis mal-estares. A união entre "práticas corporais eficazes para os benefícios do corpo" e a "realização de movimentos em segurança" parecia resumir a noção de exercício físico que permeava o espaço da musculação da academia de ginástica "G". As práticas corporais não poderiam ser somente eficazes, pois deveria existir um mínimo de segurança ao sujeito, da mesma forma que, não adiantava se exercitar com segurança, se o ato de se movimentar não estivesse contribuindo substancialmente para o corpo.

Este binômio eficácia-segurança era privilegiado pelos alunos e reforçados pelos professores. Constantemente, discutiam sobre o custo e o benefício de se exercitar de determinada maneira na musculação, por exemplo. Com base em Schechner (2006), via que a ideia era otimizar ou fazer render o corpo para a saúde ou para a estética, porém com o máximo de *performance* física no "limite" de qualquer risco de mal-estar que poderia acometer o sujeito. Um cartaz referente a uma espécie de "dica de saúde" da academia de

ginástica "G" reforçava esta ideia ressignificada de eficácia e de segurança, quando, por exemplo, sinalizava, também com letras pequenas, sobre a importância dos alongamentos:

> Alongamento é uma atividade física para cada articulação corporal, melhorando a flexibilidade e a amplitude de movimento ao redor de uma ou mais articulações. Representa um componente de saúde e de *performance* importante, como pode ser visto nos exemplos abaixo para a coluna/flexores de joelho, pescoço/ombro/braço e coxa/perna. Faça uma avaliação funcional para saber quais grupamentos musculares você precisa aprimorar. Procure ajuda do professor: faça entre duas a cinco vezes na semana, duas a quatro séries para cada músculo, dê ênfase aos músculos mais fracos; relaxe mentalmente enquanto o músculo alonga, execute de forma lenta e gradual até o ponto de dor ou desconforto, mantendo por dez a trinta segundos.

Contudo, via que nem sempre todos os alunos respeitavam esta ideia de aliar a eficácia à segurança nas práticas corporais, na medida em que, em muitas ocasiões, este último aspecto era deixado em segundo plano, como eu notava na busca exacerbada pela saúde ou pela estética. O elemento mercadológico presente na empresa[396], ou melhor, na academia de ginástica "G", também influenciava para um não-valor ao quesito "segurança" tão propalado pelo próprio estabelecimento. A produtividade eficaz do corpo era mais privilegiada em certos momentos colocando em xeque certos "riscos". Assim, entre professores e alunos, à luz da perspectiva de Goffman (2011), havia também um relativo "jogo de compensação ou apostas de riscos" a partir do que ressignificavam para o corpo ali na musculação.

Por exemplo, escutava dos profissionais que o atestado médico deveria ser "dispensado na venda e colocado em segundo plano, pois primeiro deveria colocar o aluno em exercício para depois ficar vendo essas coisas de saúde". Outra situação ilustrativa foi quando ao perguntar para a coordenadora o que ou se ela "esperava algum retorno da minha pesquisa" ou sobre o que "eu poderia ajudar já que o estabelecimento tinha me acolhido", a mesma me respondeu que somente se interessava por "*performance*"; ao indagar que tipo de "*performance*", ela disse que se referia à "*performance* financeira". A coordenadora dizia que se eu tivesse alguma informação sobre o que ela poderia "lucrar mais", eu poderia voltar ao estabelecimento para fazer uma reunião com ela e com os profissionais dali, pois somente interessava o "retorno financeiro".

Face a esse contexto de mercadorização das práticas corporais, embora o profissional de Educação Física lembrasse o aluno da "segurança" associada ao risco à saúde, por exemplo, a noção da "eficácia" corporal parecia vir mais à tona. Se o aluno assumisse a responsabilidade de agir de determinada forma que poderia causar danos para si, o

---

[396] Quelhas (2012) considera as grandes academias de ginástica como empreendimentos tipicamente capitalistas. (p. 50)

profissional assumia como cúmplice; caso acontecesse algo associado a determinados mal-estares, ele, como profissional, "já tinha avisado"[397].

De modo resumido, todo o contexto da academia de ginástica "G" era extremamente medicalizado[398], sobretudo quando professores e alunos estavam ali com o propósito de "gerarem a suposta saúde com e para tudo". Tal dado parecia se alinhar ao que Le Breton (1999) comenta sobre o maior interesse de estimular o consumo da orientação biomédica em camadas mais privilegiadas. Parecia que a preocupação "biomédica" com a saúde e seus "riscos" no sentido de evitar determinados "limites" dos mal-estares era frequentemente ressaltada no contexto deste estabelecimento. Adam e Herzlich (2001) apontam que:

> O corpo tornou-se signo: a saúde está em tudo e tudo está na saúde. Para o indivíduo, - e isso quanto mais elevada for sua categoria social – a saúde inscreve-se na temática da liberdade de expressão e da realização pessoal. Numerosos estudos, entretanto, mostram que à medida que se desce a escala social, o discurso de valorização da saúde se rarefaz e fica mais desligado da realidade das situações e dos comportamentos. (p. 86)

Desse modo, o binômio eficácia-segurança referente às práticas corporais na academia de ginástica "G" possuía premissas de uma medicalização sem-fim. Alunos, profissionais de Educação Física e o próprio estabelecimento se convergiam a determinados gerenciamentos e prevenções do corpo à luz dos pressupostos biomédicos. Por essa ótica de análise em que "O corpo é o lugar onde a pessoa deve esforçar-se para parecer que vai bem de saúde." (MOULIN, 2008, p. 18-19), percebia que tais ideais "biologizantes" se tornavam lucros financeiros concretos[399]. Ferreira *et al*. (2012) problematizaram que:

> [...] sob a égide da saúde, há pressões moralizantes que transitam pela responsabilização e culpabilização, que procuram conduzir as pessoas ao zelo corporal em nome da saúde, mediante a prática de atividades físicas [...]. Isso ocorre como um dos vários aspectos entre muitos em um contexto no qual o mal-estar da nossa civilização tende a ser medicalizado e tornado mercadoria ao ser transformado em riscos e patologias, prevenções e tratamentos. (p. 845)

Em suma, tendo em vista o exposto relativo às dores provindas dos mal-estares, eu via que tanto a prática dos exercícios físicos dos alunos quanto à orientação dos profissionais poderiam ser semelhantes ou diferentes entre e na mesma academia de ginástica durante

---

[397] Travassos (2013) aponta que "A comercialização do cuidado de saúde tem impacto negativo na equidade no uso de serviços de saúde efetivos. As leis de mercado raramente operam a contento em contextos de marcada incerteza e desigualdades de informação (entre consumidor e prestador de serviços), como é o caso do cuidado de saúde." (p. 841).

[398] Especificamente sobre o que chama de "patologização do sedentarismo", Ferreira *et al*. (2012) esclarecem que "[...] a medicalização expressa a intenção, consciente ou não, de oferecer explicações fundadas na biologia para responder inequivocamente a questões eminentemente sociais." (p. 839).

[399] Souza e Luz (2009) apontam que uma das crises do setor em saúde se revela justamente na influência negativa do desenvolvimento do capitalismo na saúde das populações.

diversas interações sociais. Os “limites” corporais relativos a esses mal-estares eram múltiplos de acordo com as distintas inserções dos públicos e dos estabelecimentos analisados. Embora eu tenha descrito neste capítulo a construção das noções de “limites” corporais pelos professores e alunos, percebia também a relevância de algumas estratégias utilizadas por tais sujeitos para superarem ou potencializarem os corpos, questão esta que será vista a seguir.

4.3 As estratégias utilizadas pelos professores de Educação Física e alunos para superar ou potencializar os “limites” corporais.

Tendo em vista a ideia de “limites” corporais compartilhadas nas interações sociais das academias de ginástica “P” e “G”, destacam-se aqui as diversas maneiras com que professores de Educação Física e alunos se pautavam para superar ou potencializar o corpo. Partindo do conteúdo empírico que envolveu o trabalho de campo e aquilo que a mim foi construído durante o meu lugar como pesquisador, houve a delimitação basicamente de duas vias de estratégias de que os professores e os alunos se utilizavam diante dos “limites” corporais no espaço da musculação das academias de ginástica “P” e “G”. Os usos de suplementos alimentares e de anabolizantes[400] (mas não somente) compuseram uma das principais estratégias utilizadas por professores e alunos para fortalecer ou aprimorar o corpo.

4.3.1 Conjugando o verbo “tomar” nas academias de ginástica

No âmbito esportivo, em muitas ocasiões, em vez de se munirem exclusivamente dos diversos tipos recursos ergogênicos[401] “legais” para obterem os tão almejados resultados nas competições, os atletas utilizam-se de substâncias ilícitas que caracterizariam o *doping* (MENDES, 2004). No entanto, embora o presente estudo não esteja vinculado ao esporte no seu sentido estrito, entende-se aqui o ato de *doping* no setor de musculação das academias de ginástica como uma “ação simbólica” de *performance* do corpo durante as interações sociais no sentido de aprimorar o próprio desempenho de si nos contatos face a face. Assim, mais do

---

[400] Em uma revisão sistematizada sobre a prevalência do uso e efeitos de recursos ergogênicos por praticantes de musculação nas academias brasileiras, Nogueira *et al*. (2013) identificaram justamente que tais recursos “[...] encontram-se exacerbados nas academias brasileiras, principalmente, na região Sudeste.” (p. 16).

[401] No “mundo esportivo”, conhecidos como meios que auxiliam no desempenho corporal. Há diferentes tipos de recursos ergogênicos como de ordem psicológica, bioquímica, mecânica, nutricional, fisiológica, farmacológica, etc.

que a definição técnico-científica, calcada em pressupostos ético-morais da biomedicina e pragmáticos da instituição esportiva, de "algo" potencialmente "perigoso" e "controlador" dos comportamentos dos sujeitos, o *doping* pode ser ressignificado à luz de determinados grupos sociais (TAVARES, 2002). Em outras palavras, analisar o *doping* significa compreender as propostas de modelos de sociedade (VAZ, 2005).

Baseando-me em Becker (2008), a depender das múltiplas interações sociais, "ser desviante" no sentido de usar alguma "substância" é relativo na medida em que determinados grupos humanos elegem suas próprias regras e conceitos do que se considera "legal" e "ilegal", "certo" e "errado", "normal" e "anormal", etc. Em outras palavras, a classificação dos usos de certas substâncias variava em função de cada grupo social (DOUGLAS, 1991). No ponto de vista de Vigarello (2008):

> A presença quase escancarada do *doping*, sua difusão em larga escala, sua presença no universo dos "pequenos" praticantes [...] são hoje práticas que pretendem estabelecer o "desvio" como coisa normal. Além do seu perigo, elas revelam em primeiro lugar uma nova certeza nas consciências de hoje, o sentimento compartilhado por muitos atores em uma sociedade individualista: a convicção de poder agir indefinidamente sobre seu próprio corpo, a de poder escapar a seu enraizamento físico, inventar para si mesmo um organismo de possibilidades ainda imprevisíveis. (p. 248)

Como pode ser vista, embora essa estratégia de otimizar o corpo por meios lícitos ou ilícitos seja altamente problematizada no "mundo esportivo", parece que tal realidade se configura e se ressignifica também no espaço das academias de ginástica (TAVARES, 2006), sobretudo nas interações sociais que ocorrem setor da musculação. Seja no nível esportivo ou no âmbito das academias de ginástica, há uma tensão entre o que é realizado pelo próprio sacrifício do sujeito e aquilo que foi feito com tecnologias, ou substâncias, para supostamente aprimorar o corpo até o seu "limite" e que possíveis relações teriam com os riscos à saúde. Certas "substâncias" tradicionalmente usadas por atletas profissionais no âmbito do esporte cada vez mais passam a ser utilizadas por praticantes "comuns" de exercícios físicos nos ambientes das academias de ginástica (ASSUNÇÃO; SANTOS, 2012; CARMO *et al.*, 2012; MATTOS, 2013).

Assim, para melhorar determinada *performance* ou para superar algum obstáculo, o corpo é manipulado como se fosse um objeto altamente modificável. A busca de modelos de corpos supostamente sãos ou belos em academias de ginástica se caracterizaria por uma

performance em que o sujeito se engajaria no seu cotidiano[402]. Desse modo, para se conseguir determinados atributos corporais, logo ser um tipo de pessoa aceitável socialmente, cria-se a ideia de que é preciso fazer múltiplos sacrifícios e esforços inimagináveis. Nesse sentido, longe de se fixar apenas nos aspectos "físicos", pode-se observar que o lugar da pessoa se altera de forma diversificada a depender das interações sociais estabelecidas e de acordo com os tipos dramatizações (GOFFMAN, 2011) que compartilhavam nos espaços da musculação das academias de ginástica no que diz respeito às estratégias para a *performance*.

Em tempos recentes, existe um modelo de desempenho somático face à relação paradoxal com o próprio corpo que incita uma relação do sujeito por um esforço em direção a um corpo ideal e o afastamento de um corpo considerado imperfeito (RODRIGUES, 2005). Há uma maquinaria pedagógica de educação do físico que demarca a normalidade e o desvio das práticas corporais (FRAGA, 2000). O corpo é o recurso limítrofe mais imediato na relação fronteiriça com o mundo (LE BRETON, 2010) e o uso de estratégias para torná-lo performático se configura cada vez mais como uma realidade na contemporaneidade.

Exemplarmente, Sabino (2005) destaca aspectos rituais do uso de anabolizantes na musculação, na medida em que ao mudar o corpo, modifica-se o *status* da pessoa e seus papéis sociais. Berger (2007 e 2010) e Malysse (2007) demonstram também que o processo do se exercitar é permeado de rituais que envolvem uma série de manipulações corporais, como o de fazer uso de substâncias, demarcando, assim, as posições e os papéis dos sujeitos nas academias de ginástica. Usar certas substâncias para a *performance* corporal, portanto, significa de certa maneira lidar com a construção de determinadas identidades nos espaços da musculação das academias de ginástica.

Assim, em ambas as academias de ginástica, impressionava-me a quantidade de vezes e a relevância em cada grupo social de se conjugar o verbo "tomar" face as questões dos corpos no "limite" no espaço da musculação. Diante do corpo em um aparente estado de contínua "transição" no sentido de estar ou não no "limite", os professores e os alunos se preocupavam demasiadamente sobre o que estavam "botando pra dentro" do corpo e as consequências positivas ou negativas de tal comportamento, por vezes, rotineiro durante as interações sociais cotidianas que ocorriam ali. Aparentemente, o período liminar entre uma identidade e a outra (TURNER, 1974; GENNEP, 2011), ou melhor, o período de decisão de

---

[402] Leal *et al*. (2010) argumentam que "[...] as representações sociais de um corpo magro, belo e jovem viraram mandamentos ligados à idéia de sucesso. [...] o sacrifício exigido para modelar do corpo é compensado idealmente pela crença de um sucesso futuro." (p. 78).

"tomar" ou "como tomar" pareciam "infinitos", pois, as discussões nas interações sociais referentes ao "tomar" eram cotidianas.

Frequentemente, eu presenciava professores e alunos fazendo o mesmo tipo de questionamento um ao outro: "O que você tá tomando?". Tal indagação buscava saber o que o outro estava fazendo para obter determinada *performance* corporal seja para saúde ou no sentido estético, se poderia ou não ser benéfico e/ou ser ou não eficaz. Assim, em termos gerais, via que durante as múltiplas interações sociais estabelecidas por professores e alunos, o ato de conquistar determinado modelo de corpo podia ser adquirido "artificialmente" e era concomitante a outra ideia de culto ao corpo "natural" adquirido através do ato de se exercitar pelo próprio esforço[403]. Nesse sentido, sem a intenção de "polarizar" os achados de acordo com as inserções socioeconômicas e culturais das academias de ginástica, foi possível apreender diferentes usos no "limite" do corpo no setor da musculação entre ou no mesmo estabelecimento no que se diz respeito à diversidade do ato relacional de "tomar" os suplementos alimentares e os anabolizantes.

4.3.1.1 Usos de suplementos alimentares: entre a vitalidade do "pó artificial" e o valor do "pó natural"

No caso das academias de ginástica "P" e "G" em relação aos suplementos alimentares, era possível observar que a ingestão de tais produtos estava conectada especialmente as realidades dos alunos da CDD e da Barra. A ideia da palavra "suplemento"[404] no sentido de "acrescer alguma coisa", de "servir de aditamento" e de "suprir ou compensar a deficiência de algo" era preciso ser minuciosamente esmiuçada quando se tratava de tais produtos no espaço da musculação, haja vista que era ressignificada e pluralizada de acordo com dadas interações sociais em determinados contextos socioeconômicos e culturais. Nesse sentido, para a compreensão dos usos de suplementos

---

[403] De modo análogo, Malysse (2007) observou em seu estudo "[...] uma forte oposição entre os adeptos do corpo *natural* e aqueles que cultuam um corpo *artificial*." (p. 105).

[404] No sentido clássico e legal apropriado pelo Ministério da Saúde, os suplementos nutricionais, conhecidos nas academias de ginástica também como suplementos esportivos, são "[...] alimentos que servem para complementar, com calorias e ou nutrientes a dieta diária de uma pessoa saudável, em casos em que sua ingestão, a partir da alimentação, seja insuficiente, ou quando a dieta requiser suplementação." (BRASIL, 2013, p. 78). A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) denominou essas substâncias de "alimentos para praticantes de atividades físicas" (BRASIL, 1998) e classificou os suplementos alimentares em determinadas classes de alimento que deveriam ser consumidas primordialmente por atletas (BRASIL, 2010a).

alimentares, baseava-me na ideia que a dieta e o próprio alimento[405] contêm uma série de cargas simbólicas construídas por intersubjetividades (MINTZ, 2001; CANESQUI; GARCIA, 2005). Assim, levo em consideração que o ato de se "suplementar" ia para além da *performance* física, pois, na perspectiva de Schechner (2006), via que se caracterizava como uma *performance* nos papéis da vida, esta como um palco social onde as encenações ocorriam diariamente.

Na musculação da academia de ginástica "P", surpreendia-me a situação de muitos alunos desabafarem ou reclamarem de suas condições financeiras para sobreviver e ao mesmo tempo cultuarem os desejos e os consumos de suplementos alimentares enquanto se exercitavam. Na maioria das vezes, o preço de mercado de tais substâncias era alto quando eu comparava com o que ganhavam em média por mês. Em virtude dessa aparente situação paradoxal em termos de "investimento financeiro e lucros corporais", os alunos costumavam "tomar" e "atribuir maior valor" aos suplementos alimentares que trariam múltiplos benefícios para si. Isso significava que "produto bom" era aquele que não somente tinha uma função específica de melhorar determinado aspecto do corpo, mas também que proporcionaria diversos benefícios para todo o organismo ou para a vida social em geral. Nesse sentido, embora os produtos apontassem para uma série de "vantagens biológicas" durante a *performance* durante os exercícios físicos, parecia que a explicação biomédica, por vezes, era ressignificada para o plano da vida diária.

Principalmente no setor da musculação, tais crenças na academia de ginástica "P" ligadas à ideia de custo e benefício eram construídas a partir do que os "rótulos e materiais de divulgação prometiam", bem como durante o cotidiano quando os alunos compartilhavam e ressignificavam as supostas informações sobre a versatilidade dos suplementos alimentares em suas interações sociais:

> Cauã: O que eu tomo é melhor que albumina em pote de R$ 50,00, sai barato e te dá disposição, aumenta a massa muscular e seu esperma sai mais e bem mais grosso. Tudo que é *pack* é bom, deixa você com os músculos durinhos e economiza um dinheiro. É a mesma coisa! Tô tomando o do Arnold, o Nitro *Pack* que é melhor que o Animal *Pack*!
>
> Rozana: Comprei um produto ali que tira o pneuzinho e te dá força pra aguentar o tranco de todo o dia.
>
> Funcionário Marcinho: Tô tomando um produto bonzão aí que tem guaraná em pó! Além de me dar energia, levanta tudo, fico durão!

---

[405] DaMatta (1986) lembra que "Alimento é tudo aquilo que pode ser ingerido para manter uma pessoa viva; comida é tudo que se come com prazer, de acordo com as regras mais sagradas de comunhão e comensalidade." (p. 46).

Assim, na academia de ginástica “P”, a necessidade dos alunos de “tomarem produtos polivalentes” possuía a noção de ultrapassar com eficácia os inúmeros “limites” corporais, realidade esta em consonância à Douglas (1991) quando discute a possibilidade classificatória entre o que seria mais ou menos “puro” para determinados grupos sociais. Por exemplo, era preciso ingerir suplementos alimentares para “queimar gorduras e aumentar a massa muscular”, “reduzir a acidez do músculo e tirar a barriguinha”, “aumentar a força e aumentar a disposição”, etc. Quando o custo de determinado suplemento alimentar considerado “bom” era muito alto para as condições financeiras dos alunos, optavam por comprar e combinar diferentes produtos mais baratos com o intuito de potencializarem o corpo em direção ao seu “limite”. Na academia de ginástica “P”, a busca de um rendimento corporal ultrapassava os limites do espaço da musculação na medida em que colhiam informações sobre determinados suplementos alimentares que também supostamente os ajudariam em suas múltiplas *performances* durante as relações sexuais, no trabalho, nas tarefas do dia a dia, etc.

Se na academia de ginástica “P” da CDD, quanto mais elementos apresentados no rótulo do produto era “melhor”, na academia de ginástica “G” da Barra, dependia do que “tinha dentro do pote”, isto é, os alunos atribuíam um alto grau de relevância à tabela nutricional. No interior do setor da musculação da academia de ginástica “G”, deparava-me com alunos discutindo entre si o que determinado suplemento alimentar anunciava em seus rótulos, questionando a importância ou não de cada ingrediente que ali continha. Em inúmeros momentos, encontrava alunos no estabelecimento com os produtos nas mãos e fixados na leitura de quais e quantas substâncias o suplemento alimentar prometia ali, principalmente quando eles se remetiam de alguma maneira a questão da “saúde”.

Assim, na academia de ginástica “G”, especialmente sobre os suplementos alimentares, parecia que, para os alunos, os critérios para optar por determinado produto se baseava na sua especificidade de efeitos no organismo e também pelo *status* da visibilidade social que dada substância oferecia. Os usos dos suplementos alimentares pelos alunos se estabeleciam primordialmente pela racionalidade biomédica dos seus efeitos específicos no corpo e pelo fato do que aquelas substâncias atribuíam valor – leia-se *status* financeiro – na pessoa. Desse modo, os alunos “tomarem” tais produtos significava que os mesmos estavam conscientes de seus impactos “benéficos” no corpo e que podiam “pagar caro” por isso, demonstrando que não havia “limite de dinheiro” que os impediriam de cuidar de si face aos riscos à saúde ali na musculação.

Pensando nos alunos da musculação da academia de ginástica "G", a construção da pessoa estaria marcada apenas por elementos relativos ao *status* econômico e à legitimidade da racionalidade biomédica. Aqueles alunos que não compartilhavam de tais usos dos suplementos alimentares ficavam, em parte, no sentido de Goffman (2011), à margem dos grandes grupos de sociabilidade na medida em que as suas interações sociais ficavam comprometidas por não desempenharem papéis de acordo com as principais identidades que prevaleciam ali, isto é, de "quem tomava".

Na musculação da academia de ginástica "P", ao longo do tempo, reparava que, para grande parte dos alunos, apenas o suplemento alimentar considerado "polivalente" não bastaria para se alcançar seus "limites" corporais. Existia também uma ideia de que era necessário "misturar" os suplementos alimentares em suas "garrafinhas" com o intuito de potencializarem os diversos efeitos de tais substâncias. Pelo fato de grande parte dos suplementos alimentares ser constituído de um "pó"[406], inicialmente, parecia que a intenção de "balançar a garrafinha" enquanto se exercitavam era apenas para remover o resto do produto que ficava grudado no fundo do recipiente para aproveitá-lo ao máximo. No entanto, como pano de fundo da ideia do "agite antes de beber", havia uma noção ressignificada de que o suplemento alimentar estaria em seu "pleno funcionamento" se estivesse totalmente "misturado", isto é, "daria vitalidade ao pó" naquele "sacolejar". Cheguei a ter um relato de um aluno que depois de "tomar" um suplemento alimentar, precisava "sacudir o próprio corpo" para obter os resultados esperados na medida em que a "mistura" se espalharia pelo organismo e o colocaria no "limite" da sua *performance* nos exercícios físicos.

A crença pela "mistura" era um dado cotidiano e aparentemente de grande relevância na academia de ginástica "P", pois movia os alunos para as práticas corporais no "limite". Embora seja comum em academias de ginástica em geral encontrar alunos antes, durante e após a realização dos exercícios físicos agitando suas "garrafinhas", na CDD, era preciso "tomar com tudo misturado" visando economizar "pó" e também aumentar sua eficácia no organismo. Frequentemente, quando o líquido que misturava o suplemento alimentar estava acabando, os alunos procuravam a todo instante preencher a garrafinha com água do bebedouro até que todo o "pó" fosse diluído.

---

[406] No meu trabalho de campo, deparava-me constantemente com suplementos alimentares na forma de "pó". Parra *et al*. (2011) lembram que os suplementos alimentares são "Frequentemente comercializados sob a forma de comprimidos, líquidos, géis, pós ou barras, estas substâncias podem ser derivadas de plantas, vitaminas, aminoácidos, proteínas, minerais, carboidratos, entre outros aspectos." (p. 1072).

Além disso, os alunos da academia de ginástica "P" não combinavam somente diferentes suplementos alimentares em suas "garrafinhas", mas também "coisas naturais" que os ajudariam em suas *performances* face os corpos no "limite" como, por exemplo, a mistura do "pó" com guaraná, leite, banana, morango, etc. triturados em liquidificador. Cheguei a perguntar para um dos professores o que geralmente bebiam e ele me respondeu que sempre era um suco ou um guaraná em pó com algum suplemento alimentar com o intuito de conseguir melhores resultados corporais ali na musculação. Alguns alunos comentavam regularmente que "só tomavam coisas naturais", descartando inclusive o próprio interesse do uso de suplementos alimentares para realizarem os exercícios físicos.

O valor dado a "coisas naturais" era notório nas interações sociais da academia de ginástica "P", pois a todo instante eu participava de conversas sobre a importância da granola, do chá verde, do inhame, da couve flor, do arroz, das ervas, das saladas, do feijão, das frutas que emagrecem ou engordam, o que era bom ou não para a saúde, etc. Antes, durante e após a realização das práticas corporais, no interior do estabelecimento, consumiam tangerinas, goiabas, bananas, côcos, sanduíches naturais com queijo e presunto, dentre outros alimentos que julgavam "saudáveis" e propícios para se chegarem aos seus "limites" corporais sem "riscos" como, por exemplo, uma aluna que pediu uma banana porque sentiu dores após ter realizado quatro séries de trinta repetições de um exercício físico para a panturrilha. Eventualmente, além dos suplementos alimentares, levavam uma série dessas "coisas naturais" para todos compartilharem daqueles alimentos, como uma forma de aproximação entre eles, o que me fazia aceitar em vários momentos certas frutas, sanduíches, goles de sucos, etc. Alguns alunos me falavam que ingeriam tais "coisas naturais" por não terem dinheiro para comprar, por exemplo, produtos caros como isotônicos, suplementos alimentares, etc.

No entanto, o gosto pelo o que era considerado "prejudicial à saúde" ali pelos alunos da academia de ginástica "P" se mantinha em suas rotinas alimentares como as suas satisfações em consumirem ocasionalmente cachorros-quentes, quibes, coxinhas de frango, pastéis, costelas de porco, acarajés, feijoadas, hambúrgueres, etc. "Botar pra dentro coisas prejudiciais à saúde" era um comportamento significativamente relativo e não tão linear assim. Geralmente, associado ao "gorduroso" ou ao "calórico"[407], de forma ressignificada, alguns alunos afirmavam que, por exemplo, bebiam refrigerantes para "darem um gás no

[407] De modo semelhante ao estudo em bares de Jardim (1991) e de Souza (2010) onde o gosto pelo "gorduroso" e aquilo que dava "sustança" eram recorrentes.

treino" ou para "renovarem o sangue, como limparem a cachaça que sujava o corpo", comiam "muito" e de "tudo" no trabalho "até a pança inchar"[408] para obterem energias suficientes para malharem, trocavam um "jantar" que engordava à noite por um "sorvetão", comiam pão francês com mortadela porque independente de qualquer efeito maléfico ao corpo, eles tinham a "genética boa", etc. Dessa forma, embora Sabino (2004) tenha detectado no seu estudo que "O álcool, os alimentos gordurosos e pesados, os refrigerantes e os doces de todos os tipos (comidas proibidas) podem ser considerados alimentos tabu durante a maior parte do ano para os fisiculturistas e freqüentadores assíduos das academias." (p. 95), via que tal ideia era diferente (ou até oposta) à realidade da academia de ginástica "P". Tal fato poderia ser visto na ideia de Helman (1994) ao apontar que ser considerado um alimento "bom" ou "ruim" depende do contexto e do grupo social de qual está sendo analisado, isto é, do drama social em que *performance* está sendo exercida (GOFFMAN, 2002; SCHECHNER, 2006).

Já nas interações sociais da academia de ginástica "G", o maior valor dado pelos alunos ao processo de especialização dos produtos fazia com que eles comprassem mais de um suplemento alimentar em virtude do que cada um tinha como ação primária. As doses, os períodos de ingestão, as ordens, as formas, as funções e os cuidados relativos aos suplementos alimentares eram extremamente "conhecidos" e "respeitados" pelos alunos na musculação. Observava também a hipervalorização dos produtos mais "puros", isto é, popularmente e no jargão profissional do campo da Saúde, com o mínimo de "contaminações" de altos índices de carboidratos e de glicose por estarem associados ao aumento da "gordura", porém com alto teor de proteínas, já que estas últimas estão ligadas à construção da massa muscular. Tendo em vista as ideias de Douglas (1991), "impuro" seria aquele "pó" com poucas ou determinadas proteínas.

Por isso, grande parte dos alunos mantinha relações estreitas com seus nutricionistas[409] particulares ou com aqueles que faziam parte dos profissionais da área de Nutrição da

---

[408] Tendo em vista que "'encher a barriga' ou 'encher a pança' é um ato concreto destinado à sociedade do corpo, mas é também um modo de se referir a uma ação simbólica." (DaMATTA, 1986, p. 43), via que isso na musculação da academia de ginástica "P" possuía a noção de maior *performance* nos exercícios físicos no "limite". Chaves (2010) identificou também que "Os adeptos da prática da musculação das camadas populares justificam a necessidade de uma alimentação calórica com o intuito de obter maior resistência ao treinamento a que se submetem." (p. 107). Zaluar (1984) identificou na CDD que a "comida pesada" que "enche a barriga" se relaciona com aquilo que dá "força e sustança" para trabalhar.

[409] No campo da Saúde, considera-se que a prescrição dietética é uma "[...] atividade privativa do nutricionista que envolve o planejamento dietético com base nas diretrizes estabelecidas no diagnóstico nutricional, que compõe a assistência prestada aos usuários dos serviços de saúde em âmbito hospitalar, ambulatorial ou domiciliar. Esse procedimento deve ser acompanhado de assinatura e número da inscrição no CRN do nutricionista responsável pela prescrição." (BRASIL, 2013, p. 76), embora uma parte dos profissionais da

academia de ginástica "G", embora soubesse que alguns modificassem, em parte, suas rotinas alimentares com tais produtos durante suas interações sociais na musculação. Por meio de cartazes de *marketing* espalhados pelo estabelecimento, havia um reforço da necessidade dos alunos em se consultarem com nutricionistas para obterem "dietas personalizadas" como, por exemplo, o seguinte *slogan*: "Avaliação Nutricional, serviço ativo! Um serviço que complementa seu treino e oferece um acompanhamento específico na atividade física. É a academia de ginástica 'G' sempre pensando no seu bem-estar".

Tal situação de serem "regrados" quanto à ingestão de suplementos alimentares podia ser vista igualmente quando o assunto era a relação entre as práticas corporais e o que estavam comendo e bebendo. Os alunos privilegiavam a todo o momento consumirem produtos ditos "saudáveis" como, por exemplo, os produtos do tipo *light* e *diet*, isto é, com menor teor de "calorias" e de "açúcares". Nas interações sociais da academia de ginástica "G", aquele aluno que não compartilhasse de tais hábitos alimentares era extremamente criticado pelo fato de demonstrar certo "desleixo" com o próprio corpo pelo fato de "não estar nem aí para os riscos à saúde"[410]. Tal dado parecia se alinhar também ao que Douglas (1991) pondera: "Penso que os alimentos só são agentes de poluição quando as fronteiras do sistema social estão sob fortes pressões." (p. 94). Exemplarmente, cito um dia que no instante que um estagiário entrou no estabelecimento comendo "X-burguer", um grupo de alunas comentou: "Eca! Que horrível! Não sei como pode!". No interior do estabelecimento, quando ofereciam amostras grátis de cereais ou biscoitos de fibra, os alunos recusavam alegando que tinham uma "dieta equilibrada" e não estava na "hora" de comer aquilo. Em outra passagem, lembro que ao oferecerem refrigerante para uma aluna, semiconsciente com sintomas de hipoglicemia, prestes a desmaiar, recusou o líquido com o argumento que "iria engordar e aquilo faria mal a ela", situação esta que assustou os profissionais.

Por outro lado, não adiantava consumir suplementos alimentares, prescritos ou não por um profissional de Nutrição, que tinham os objetivos "x", "y" e "z" senão fossem também importados. Do mesmo modo que valorizavam certos produtos de vestuário, alimentícios, de prestação de serviços, médicos e até mesmo no interior da academia de ginástica "G" quando optavam por determinados aparelhos de musculação "reconhecidos internacionalmente" etc.,

---

Medicina compartilhe deste "campo". Por vezes, embora em menor grau, os alunos da academia de ginástica "G" ressaltavam também sobre a "Nutrologia".

[410] Castiel e Diaz (2007) problematizam a noção de saúde na seara de compulsão por "alimentação dita saudável".

os alunos da Barra se interessavam somente por suplementos alimentares "de marca", no caso, estrangeira[411].

Exemplarmente, os professores me diziam que os alunos ao tomarem os suplementos alimentares "não queriam saber de marcas nacionais boas", eles queriam "a marca". Em outras passagens, escutava reclamações de alunos na musculação que determinado profissional de saúde havia receitado "infelizmente, um suplemento nacional". Parecia que os próprios profissionais incorporavam também essa noção. Ao encontrar um dos professores no *shopping center*, onde ficava situada a academia de ginástica "G", o mesmo pediu que eu fosse com ele em uma das lojas de suplementos alimentares; chegando lá, talvez querendo demonstrar para mim o que supostamente consumia, o mesmo perguntou para a vendedora se o produto "x" havia chegado e a mesma disse que pelo "alto custo" e por ser "importado", a loja ainda não tinha conseguido repor nas prateleiras. Após sair do estabelecimento, o professor me dizia que "só aquele produto funcionava porque era importado". Descrevo aqui uma breve passagem que me fez refletir sobre o consumo de suplementos alimentares nesse estabelecimento:

> Bernardo: O que é bom pra tomar?
> Prof. Jorginho: ISO100!
> Bernardo: Mas é nacional?
> Prof. Jorginho: Não, é importado!
> Bernardo: Ah tá, aí sim! Vou procurar então!

Instigado por esse amplo interesse dos alunos pela "marca do suplemento alimentar" pelo fato de buscarem também determinado *status* face àqueles grupos sociais que frequentavam a academia de ginástica "G" da Barra, procurei saber e demonstrei interesse em comprar o "ISO100" com um vendedor de uma loja de suplementos alimentares situada na frente do estabelecimento. No interior da loja de suplementos alimentares com um nome que fazia alusão a "alimentos naturais"[412], de início, resolvi procurar sozinho o tal produto andando pelo estabelecimento. "Perdido em tanto pó", não sabia por onde começar a procurar, situação esta que talvez demonstrou para o vendedor a necessidade de me abordar. Ao perguntar sobre o tal produto e o seu efeito no corpo, o vendedor me disse que era para o "músculo se recuperar rápido"; pelo fato de eu ter ficado em silêncio por alguns segundos, o

---

[411] Diferentemente do estudo de Machado (2009) que identificou o maior valor atribuído aos "produtos internacionais" pelo fato dos usuários temerem a qualidade dos suplementos alimentares.

[412] Nessa perspectiva, na maioria das vezes, os anúncios e as propagandas voltadas aos suplementos alimentares estabelecem as noções de que tais recursos são "meio naturais" (isto é, dialogando com a ideia de que não são anabolizantes) e, por vezes, "geram saúde" (CECCHETTO *et al*., 2012a), seja pelo aumento da massa muscular e/ou pela redução da quantidade de gordura corporal.

mesmo completou a frase dizendo "olha, esse é o produto mais caro da loja, pode até ver que ele nem fica na visão, ele fica na prateleira lá de cima[413], é um produto refinado, vale a pena investir, é um produto diferenciado!". Andando pelo *shopping center*, via que era notório o elevado número de lojas especializadas em suplementos alimentares, mas o que me chamou atenção certo dia foi quando na vitrine de um dos estabelecimentos havia um cartaz anunciando o seguinte: "*Whey* importado, creatina importada...pura!". Naquele instante, concluía que o interesse em comprar um suplemento alimentar ali não se referia exclusivamente aos seus efeitos no organismo para tornar o seu corpo no "limite", mas o *status* que ele poderia oferecer para você[414]; por isso, apenas depois de um tempo fui entender também o porquê de "sempre" sinalizarem quanto o produto havia custado, pois suas identidades ali também eram construídas fundamentalmente pelo valor do "pó".

Assim, os suplementos alimentares assumiam a ideia ressignificada de oferecer determinados benefícios específicos ao corpo e de se tornar um meio de *performance* de ter certo lugar social na academia de ginástica "G" na medida em que havia certo temor de alguns alunos serem estigmatizados, termo de Goffman (2008), se não usassem ou utilizassem os "produtos errados". Em outras palavras, tais produtos eram vistos pelos alunos como uma espécie de "alimento natural"[415] tão quanto, ou melhor, do que os alimentos ingeridos durante o dia, bem como uma forma de fazer parte do meio social onde estavam inseridos:

> Rael: Se eu ficar tomando esse suplemento após o treino eu vou ficar uma bolinha, né?
> Prof. Reginaldo: Não! Não vai engordar! É só cortar a quantidade de proteínas da sua alimentação diária.
> Rael: Então, por exemplo, em vez de comer três pratos de comida com proteínas, eu como só dois?
> Prof. Reginaldo: Isso! Mas não esqueça de fazer a *bike* também!
>
> Estagiário Gessé: Alan, aqui quem não toma *whey*, por exemplo, tá fora do grupinho deles. Aqui até idoso toma suplemento! Vi numa palestra que é bom pra tudo, até pra HIV para reduzir a lipodistrofia. O pessoal acha e agora estudando sobre isso que você até poderia viver apenas de pó.
>
> Margarida: Eu tô tomando *whey* agora, mas não é porque faz parte do meu pós-treino para repor, é porque estou com fome mesmo. Dá pra substituir legal!

---

[413] Confirmei a posição "alta" deste produto em outros estabelecimentos de suplementos alimentares que pude visitar na época.

[414] De forma análoga, no setor da musculação da academia de ginástica "G", presenciei um aluno discutindo com o outro sobre que "tipo de mulher" dava mais *status* para eles, isto é, "qual companheira que agregaria mais valor a eles".

[415] Sabino *et al.* (2010) problematizam a ideia do "fim da comida" ao analisar a questão da suplementação alimentar e alimentação entre frequentadores assíduos de academias de musculação e *fitness* do Rio de Janeiro. Sabino (2004) menciona que tais produtos podem ser considerados "alimentos-remédios". No estudo de Trabbold (2010) poucos jovens mencionaram o uso de suplementos alimentares como uma "coisa natural".

Ao longo do tempo, em ambas as academias de ginástica, eu percebia que a cor do *squezze*, em específico, possuía relação, em parte, com o que os alunos queriam ou não demonstrar o que estavam "tomando", isto é, a "garrafinha" ser transparente ou de cor opaca. Na perspectiva de Goffman (2002), os sinais emitidos pela "fachada" dos alunos começavam pelo que continham nas mãos. Em especial, na musculação da academia de ginástica "P", se nas raras "garrafinhas" transparentes que circulavam por aquele espaço contivessem um líquido diferente de água ou se os *squezzes* fossem de cor opaca, havia um questionamento de todos ali sobre o que os alunos estavam "tomando". As respostas dos alunos sempre "irônicas" ou "evasivas" como, por exemplo, "É cloro!", "Suco do Hulk! É, mate-limão!", "Pergunta pra garrafa!", "Água suja!", "Suco de beterraba!", etc. demonstravam claramente a pouca vontade deles de divulgarem quais eram os "segredos" da combinação dos seus produtos, da mesma forma que ingeriam algumas cápsulas escondidos dos outros discretamente ao redor do bebedouro ou dentro do banheiro. Muitos alunos me diziam que "quando o sujeito trazia a garrafinha de casa e não enchia de água no bebedouro, 'algo' ali tinha!". Assim, em toda ocasião que podia, com a intenção de compreender esses "múltiplos efeitos das misturas" relacionadas aos suplementos alimentares, eu provocava os alunos sobre o que estavam "tomando", conversa essa que era comum nas interações sociais no setor da musculação da academia de ginástica "P".

Um dia, na academia de ginástica "P", ao perguntar para o aluno o porquê de tanto sacudir o que estava bebendo, o mesmo me respondeu que era "pra misturar bem pra fazer efeito!". Ele me ofereceu para experimentar o que ele "tomava", bebi e senti gosto de lêvedo de cerveja, "pó" este que eu já tinha experimentado em outra ocasião quando comecei a praticar exercícios físicos há mais de dez anos. Quando perguntei para ele se eu podia adivinhar o que tinha ali, o aluno me respondeu que "não era só uma coisa, tinham várias 'merdas' ali". Confesso que fiquei com um péssimo gosto na boca e aquilo tinha um cheiro de bebida alcoólica. Em outra oportunidade, um aluno me pediu para "matar o restinho de suplemento que tinha na garrafinha dele". Logo antes de beber, senti um cheiro de remédio, embora tenha dado dois grandes goles com o intuito de tentar "matar de uma vez" aquilo, não consegui terminar de beber, achei o gosto extremamente azedo. Embora fosse uma importante experiência do trabalho de campo, disse para o aluno que não gostei do sabor e ele me respondeu que "ali só tinha coisa natural, mas depois explicava o que tinha ali!".

Em algumas passagens, em rodas de conversa com alguns alunos na musculação da academia de ginástica "P", houve diversos relatos que certas misturas não deixavam a "galera

dormir"; era tão "boa" a mistura que os tornavam "frenéticos" durante os exercícios físicos e conseguiam colocar seus corpos no "limite". Confesso que me impressionava a forma como os alunos ficavam agitando o próprio corpo durante as práticas corporais e nos intervalos de descanso entre os exercícios físicos; "só de olhar, me cansava". Muitos alunos me diziam que estavam "ligados" por causa dos suplementos alimentares e tinham que "gastar tudo ali" porque quando chegassem em casa ainda estariam "pilhados", prejudicando, assim, o sono, por exemplo. Sobre essa questão da valorização de "botar pra dentro as misturas", de forma análoga, era possível observar tais crenças quando os alunos relatavam que se "embriagavam" com a combinação de diversas bebidas alcoólicas e/ou com/sem o consumo de diferentes drogas ilícitas.

Via também esse interesse pelas "misturas" quando consumiam uma série de fármacos para retirar com eficácia determinada dor corporal (analgésicos) ou para obter certa *performance* sexual (pílulas contra impotência). Notava em assuntos sobre automedicação, por exemplo, que não bastava apenas "tomar" o remédio, pois "remédio bom era apenas aquele que era forte", por isso via também que era preciso tomar mais de uma cápsula para "fazer efeito" contra as algias, pois o efeito analgésico somente teria qualidade se fosse em grande quantidade ou principalmente combinado com outro medicamento. Igualmente, ainda sobre o valor dado as "misturas", ao privilegiar a minha "boa" relação com os pesquisados nos contatos face a face, um dia, aceitei e experimentei mastigar três ervas diferentes as quais o aluno consumia para retirar as dores de dente dele enquanto se exercitava na musculação, o que me causou certa "euforia" por um tempo[416].

Vale frisar que, para os alunos da academia de ginástica "P", havia um privilégio em "tomar produtos polivalentes e/ou misturados com outras substâncias", mas sem qualquer prescrição de um profissional de saúde, no caso, por exemplo, da área de Nutrição, como ocorria na academia de ginástica "G". Os raros alunos de melhores condições financeiras que eu me deparava com alguma intenção de buscar um nutricionista ou quando comentavam sobre como estavam sendo orientados por um profissional eram constantemente discriminados por todos ali na musculação durante as interações sociais, isto é, suas identidades não eram bem aceitas ali. Tais alunos eram rechaçados por alguns professores de Educação Física com o argumento que estavam ingerindo alimentos fora da necessidade do que precisavam para "malhar no 'limite'" e, pelos alunos, pelo fato dos nutricionistas

---

[416] Um das ervas era a canela e sobre as outras duas, a princípio, o aluno não sabia responder.

prescreverem alimentos supostamente "caros e ruins". Aos poucos, à luz das interações sociais discutidas por Goffman (2011), observava que esses alunos da academia de ginástica "P" que possuíam orientação nutricional deixavam de seguir as "receitas" ou "modificavam aqui e ali" a sua alimentação diária de acordo com o que compartilhavam naquele estabelecimento durante o cotidiano.

Comparativamente, pensando no contexto da academia de ginástica "G", parecia que, em todas as oportunidades, os alunos propositalmente gostavam de mostrarem o que estavam tomando para os outros, isto é, quanto mais público fosse o "tomar", maior reconhecimento social eles teriam ali na musculação. Privilegiavam o uso de "garrafinhas" transparentes para verem a cor dos líquidos que continham ali dentro; quanto mais "exótica" fosse a cor, mais perguntas sobre o que estavam tomando eram evidentes; caminhavam aleatoriamente pelo estabelecimento com os potes[417] de suplementos alimentares "debaixo do braço"; durante as conversas, havia uma tendência de comentarem sobre o que estavam "botando pra dentro" de forma orientada e específica; periodicamente, pediam para os profissionais realizassem avaliações funcionais neles para acompanharem os seus desempenhos corporais com os usos dos produtos "personalizados"; os *squezzes* geralmente possuíam o nome das lojas de suplementos alimentares ou alguma marca de um produto, etc. Gostaria de registrar uma situação vivenciada no trabalho de campo emblemática: a cada sessão na musculação, havia um aluno que levava e variava a cor do líquido em uma espécie de "cantil" transparente, desfilando e andando devagar por todo o setor da musculação.

Contudo, identificava que mais do que uma orientação de um profissional de saúde para "boas práticas com o corpo", os alunos da academia de ginástica "G" possuíam certa dependência dos usos de suplementos alimentares com um pré-requisito fundamental para se engajar nas práticas corporais ali na musculação. A intenção principal de pano de fundo era também ressignificada na medida em que o "pó" servia para se motivar durante a realização dos exercícios físicos, como uma espécie de "placebo" delineado por Mattos (2013). Muitos alunos apenas iniciavam as suas rotinas de exercícios físicos na musculação quando começavam a ingerir ou agitar suas "garrafinhas", como via justamente em alguns *squezzes* com o seguinte dizer "*begin workout*". Escutei de um dos alunos que era apenas para se motivarem com o intuito de "aguentarem o rojão", entendível na medida em que grande parte

---

[417] Geralmente, tais potes se referem a um corpo no "limite" na medida em que exibem fotografias de pessoas com um vasto volume corporal de massa muscular, isto é, "caso você tome este 'pó', você ficará assim!". As próprias dimensões gigantescas de grande parte dos potes sugerem o "potencial" do "pó".

do público do estabelecimento possuía limiares de estafas diferentes da academia de ginástica "P". Surpreendia-me também com alguns alunos que aparentemente quando esqueciam suas "garrafinhas" nas suas residências ou no local de trabalho, faziam questão de pegar dois ou mais copos plásticos para misturarem o "pó" do produto em água enquanto se exercitavam.

Já na academia de ginástica "P", notava que os alunos aprendiam a "tomar" os suplementos alimentares durante as suas interações sociais no espaço da musculação. Estar de acordo com a forma com que todos na musculação "tomavam" tais produtos era uma forma de se relacionar com o coletivo em geral, em parte, diferente da academia de ginástica "G" onde o "individual", o "particular" ou o "personalizado" sobre o que estavam "tomando" era um dado importante. As doses, os períodos de ingestão, as ordens, as formas, as funções e os cuidados relativos aos suplementos alimentares compartilhados entre os alunos eram os assuntos que circulavam diariamente na musculação da academia de ginástica "P":

> Alcides: Primeiro, eu tô tomando *whey protein* e L-carnitina pra ganhar músculo e eliminar gordura. Depois eu vou colocar uma creatina.
>
> Kiko: Vou fazer um combo natural pra mim: creatina, *whey*, albumina, eu tô feliz com meu corpo já! Esse kit é só pra melhorar o músculo mesmo, *whey* melhora o músculo e a creatina dá força!
>
> Wilson: Quero tomar BCAA com vitamina B12 pra preparar o fígado quando eu for tomar o M-drol. O negócio é primeiro secar, depois vou crescer. Um dia tinha um cara aqui na sala com convulsão, ele tomava M-drol direto, misturava as paradas e não tomava B12.

Contudo, independentemente da relevância dos usos dos suplementos alimentares naquele espaço da academia de ginástica "P", identificava que "tomar o produto" somente não adiantava, pois havia a premissa básica da necessidade de "malhar" regularmente, isto é, as estafas derivadas dos exercícios físicos deveriam ser mantidas e apenas dessa forma que a substância teria efeito no organismo, como Chaves (2010) identificou também em uma academia de ginástica de bairro popular. Por outro lado, via que "malhar" somente também não tinha sentido para os alunos, pois havia um imperativo em "tomar" algo antes, durante ou após os exercícios físicos no sentido de otimizarem seus corpos no "limite" já que havia um "elevado investimento financeiro empreendido ali".

Assim, a associação ressignificada entre a realização de exercícios físicos e o uso de suplementos alimentares na academia de ginástica "P" se estabelecia também na ordem de uma "quase dependência", uma vez que o corpo estaria sendo "trabalhado" supostamente em sua máxima *performance* e todos os esforços em "tomar algo" estariam sendo compensados. "Treinar sem suplemento é foda, tenho que tomar uma coisa, há tempos não tomo!", "Se eu parar com suplemento, vou emagrecer, vou ficar magrinho, não posso!", "Só malhar aqui não

adianta, tenho que dar um gás com algum suplemento, mesmo que seja enjoativo ou dê tontura, tomarei menos!", "Tomei creatina às seis e oito e só posso malhar às sete e sete! Vou fazendo uns abdominais enquanto isso!", "Não posso parar de tomar suplemento, porque senão vou ter que parar a musculação também e isso eu não quero!", etc. eram exemplos de alguns relatos rotineiros no setor da musculação deste estabelecimento.

O fato do aluno ainda não ter o "produto" tão desejado influenciava significativamente no seu engajamento nos exercícios físicos a fim de alcançar o seu "limite" corporal. Os alunos da academia de ginástica "P" ficavam extremamente desanimados por não "estarem em dia" com o que estavam "botando pra dentro", seja pelo fato de estarem "arranjando um dinheiro" para comprar o produto ou pelas dificuldades de encontrar um fornecedor de determinado suplemento alimentar, dentre outros motivos. Parecia que havia uma correlação direta entre o consumo de suplementos alimentares e os comportamentos dos alunos em se empenharem durante as práticas corporais na musculação. Alguns alunos se ausentavam da academia de ginástica "P" pelo fato de estarem sem o suplemento alimentar "em mãos". Outros ao beberem alguns goles de suas "garrafinhas" ou dos outros, voltavam animados para os exercícios físicos como se aquele líquido fosse "milagroso" ou "estimulante". Além disso, eu escutava mais "gemidos" durante as práticas corporais quando estavam ingerindo os "produtos":

> Magali: Ando desanimada pra ir pra academia, o difícil é chegar, aqui já é um pouco mais tranquilo, mas preciso de um energético.
>
> Cauã: As pílulas estão acabando, tô ficando bolado, o desânimo tá chegando!
>
> Edilson: O ruim do suplemento é ficar dependente dele, eu abaixo os pesos todos.
>
> Jorge: Tem uma galera aí que fica dependente, eu mesmo me desmotivo pra malhar se não tenho o produto, rola até mesmo aquela parada psicológica, que só o fato de tá tomando já falo que tá dando efeito!

Desse modo, parecia que a cada relato acerca da experiência com determinados suplementos alimentares, a conversa se tornava palco de discussão entre os alunos, construindo ideias ressignificadas sobre o efeito de certo "pó" no organismo dentro da academia de ginástica "P". A situação experiencial com os suplementos alimentares de si ou de outrem era determinante para saber se o aluno continuaria "botando pra dentro" determinado produto quando se exercitava na musculação. Ademais, se ao longo do tempo, o aluno começasse a observar qualquer "ganho corporal", muitos "davam créditos" exclusivamente aos produtos do que a própria "malhação".

Afirmativas como "Esse produto deu certo comigo!", "Passei mal com esse suplemento, vomitei, nunca mais tomo!", "Tomei isso e inchei, não quero mais outra vida!",

"O gosto desse pó é enjoativo, agora só vou tomar depois de malhar!", "Esse produto já saiu de moda! Agora é outro!", etc. norteavam as opções dos outros alunos que escutavam o que era benéfico ou maléfico ao corpo no sentido de estar ou não em "risco". Assim, a frequência e a intensidade da troca de informações sobre os inúmeros suplementos alimentares e seus efeitos faziam significativamente parte dos interesses e das interações dos alunos da academia de ginástica "P". No entanto, embora muitos alunos conversassem sobre a questão de "tomar" suplementos alimentares, poucos mantinham efetivamente uma regularidade na ingestão de tais produtos. Em muitas ocasiões, ficavam semanas ou meses apenas sondando o que seria bom para "tomar" antes de investirem financeiramente em certo "pó" para se chegarem ao corpo no "limite"[418]:

> Natanael: Tomei uma parada aí e passei mal, nunca mais, que nem o cara que tomou bomba e se deu mal de tanto passar vomitando. Nunca mais! Traumatizei!
>
> Mariana: Agora eu tomo *whey* antes de treinar, durante é enjoativo! Pode testar!
>
> Aristides: Eu tomo suplemento com vitamina! *Whey* e BCAA fica com gosto ruim, fiquei enjoando porque troquei de marca, tomo metade antes e a outra metade depois. Um dia fui testar outra marca e me fudi, muito ruim, prefiro suplemento que sei que já deu efeito em mim!
>
> Wilson: Tô tomando umas paradas para substituir o M-drol! Agora tô com M-stane e tribulus terrestris, o primeiro ganha e o outro dá disposição e aumenta o tesão. No final do ano, vou mandar uma injeção que retira gordura, lipotril, conhece? Mas eu não gosto muito desse negócio de aplicar não, prefiro cápsula, na carne dói, na gordura não. Esses produtos vão entrar em mim e vão sair metralhando tudo! Um maluco aí ficou com hepatite B e bola branca no olho porque tomou M-stane, sabia?
> Eu: Sério? Se tu sentir algo diferente, você vai dar uma parada?
> Wilson: Cara, não sei! Ganha muito músculo em pouco tempo!

Pela perspectiva de Goffman (2011), sobre certa autoridade da "fala", o interessante era ver de que a depender de quem ou até mesmo quantos alunos comentassem sobre dado suplemento alimentar, a relevância do relato tinha certo "peso" ou não diante dos grupos sociais que interagiam ali na musculação da academia de ginástica "P". Se o aluno fosse considerado um praticante experiente, avançado ou veterano, possuindo um corpo padrão que todos se espelhavam, parecia que a sua "fala" era levada mais em conta do que as dos outros alunos. Em contrapartida, se o aluno fosse considerado iniciante ou novato, o mesmo "não sabia o que estava dizendo", haja vista que não havia experienciado "de fato" o ritual do "tomar". Bourdieu (1983b) lembra que esse "direito à palavra" ou essa "linguagem de

---

[418] Por vezes, alguns alunos não chegavam nem consumir suplementos alimentares. Tal dado vai de encontro à ideia de que "[...] muitos sujeitos que estão malhando nas academias não resistem à coerção social existente naquele campo e para manter a integridade física aderem aos rituais do grupo social ao qual pertencem." (MATTOS, 2013, p. 73).

autoridade" se deve a competência em impor certo poder à recepção que, no caso aqui, era vista entre os interlocutores com diferentes posições naquele local pelo fato de portarem diferentes capitais, em especial, o corporal.

Em muitos momentos, eu experienciava essa ideia de quem "tinha razão" sobre como lidar com os suplementos alimentares, pois, segundo os alunos, eu estava "tomando" e/ou "sabia" como usar tais produtos haja vista meu porte corporal e/ou o fato de ser professor de Educação Física. Constantemente, me questionavam, por exemplo, "Qual é a fórmula para ficar assim? Qual o suplemento que você usa?", "Você toma alguma coisa no 'sapatinho', fala aí qual é o suplemento!", "Você quem sabe das paradas, o que é bom pra crescer? Quero algo barato, porque tem que ficar tomando direto! Fala pra mim qual suplemento que posso tomar?", "Qual é o produto bom pra secar? Já perdi oito quilos, mas eu quero secar mais, preciso de um suplemento!", "Tô tomando creatina, engorda? Dá barriga?", etc. Embora eu fosse relativamente evasivo nas minhas respostas, costumava passar a pergunta para os outros com o intuito de iniciar uma conversa sobre os usos de suplementos alimentares. Essa estratégia era interessante pelo fato de demonstrarem como concebiam e compartilhavam tais produtos em suas rotinas de exercícios físicos, sem a indicação de um profissional. Nesse contexto, alguns professores de Educação Física da musculação da academia de ginástica "P" prescreviam indicando quando, quanto e quais os suplementos alimentares os alunos deveriam "tomar":

> Funcionário Marcinho: Estou ingerindo ração humana e outro suplemento aí que o professor Cobra me deu, ele me ensinou como toma!
>
> Anne: O que é melhor BCAA ou aminoácido?
> Prof. José: Um é o tipo do outro, eles servem para...
> Anne: Mas qual é o melhor?
> Prof. José: Quem faz atividade física precisa tomar qualquer um desses para repor, diferente do sedentário que não precisa tomar.
>
> Prof. Cobra: Compra tribulus terrestris porque é barato!
> Antônia: Pra que serve?
> Prof. Cobra: É um hormônio!
> Antônia: Mas pra que serve esse suplemento? Cresce a perna?
> Prof. Cobra: Cresce!
> Josefina: *Whey* é bom, mas é caro, o médico que disse isso pra mim!
> Prof. Cobra: Tem que ver a marca e onde compra porque tem muito falsificado!
> Mariana: Olha gente, estou vendendo o meu pote de tribulus terrestris porque a nutricionista não recomendou para mim.
> Prof. Cobra: É pra tomar, Mariana! O tribulus terrestris, o hipercalórico, o hiperproteico e o guaraná em pó! Tudo ao mesmo tempo!
> Antônia: Quanto? É pó ou em cápsula?
> Mariana: Não lembro por quanto eu comprei, mas talvez R$ 28,00 e vendo por R$25,00, tá lacrado! Cápsulas!
> Prof. Cobra: Vende por R$ 26,00 para eu ganhar um percentual aí! Eu recomendo!

Os professores comentavam comigo que os alunos em sua maioria não tinham condições financeiras de consultarem com os profissionais da área de Nutrição. Por isso, embora reconhecessem que não eram habilitados para prescreverem suplementos alimentares para os alunos, como professores de Educação Física se sentiam no "dever implícito" de ensiná-los a "tomar" os produtos, haja vista que havia essa demanda no interior da academia de ginástica "P". Geralmente, os professores "receitavam" diversos suplementos alimentares com diferentes objetivos para o corpo com o intuito de "corrigirem" os "desvios estéticos" ou até mesmo relacionados à "saúde". Desse modo, no teor das orientações dos professores, combinando em média de dois a cinco suplementos alimentares, os alunos conseguiriam atingir a sua *performance* corporal tão almejada, embora poucos conseguissem seguir as orientações à risca pelos preços dos produtos indicados. Encontrava alunos que juntavam dinheiro ao longo do ano para apenas gastarem em suplementos alimentares em determinadas épocas, como o período do carnaval, final do ano por causa da estação do verão, etc. Alguns profissionais também "ganhavam" dinheiro revendendo alguns suplementos alimentares no setor da musculação como uma forma extra de complementar o salário. Os professores aumentavam aproximadamente de R$ 10,00 a R$ 20,00 no valor de mercado de cada produto, realidade esta que influenciava sobremaneira nesse estímulo aos alunos de "terem que tomar algo". Raros eram os profissionais da musculação que não preferiam opinar sobre o uso de suplementos alimentares com o argumento de que "não era a área deles porque para cada corpo o suplemento podia agir diferente" e indicavam "a busca de nutricionistas". Em suma, as *performances* referentes aos "limites" corporais se entrelaçavam com determinados "limites" econômicos.

Tal situação me demonstrava certo *habitus* socioprofissional do professor de Educação Física emoldurando um *ethos* da profissão que tal ator social teria também a legitimidade de prescrever tais substâncias, não condizendo, assim, com a referência da Nutrição no campo da Saúde. Nesses casos, o professor de Educação Física e o aluno estariam no mesmo contexto do ato de "tomar" suplementos alimentares para se chegar a determinados "limites" corporais. Lembro, por exemplo, que no mural do estabelecimento, constantemente renovavam os cartazes de avisos e de propagandas, no entanto, havia um cartão que durante todo o meu trabalho de campo na musculação não era retirado de lá. Era uma propaganda extremamente "chamativa", pelas cores azuis e amarelas, com uma foto de um fisiculturista, indicando a venda de suplementos alimentares com a "professora Esther". Embora a academia de ginástica "P" não possuísse nenhuma profissional com este nome, era recorrente observar

alunos que se deparavam com a propaganda e por alguns minutos paravam ali naquele local da musculação para anotar o número do celular da suposta "professora-vendedora".

Nessa direção, notava também uma espécie de "comércio" de suplementos alimentares no interior da academia de ginástica "P". Os professores de Educação Física sugeriam os produtos aos alunos de modo mais privado durante as conversas "aqui e ali" no setor da musculação. No entanto, achava estranho, por exemplo, a forma incisiva com que alguns alunos, enquanto se exercitavam, também vendiam os suplementos alimentares no interior do estabelecimento, pois pareciam que estavam em algum tipo de "feira" ou negociando na "bolsa de valores" como, por exemplo, "Animal *Pack*, R$ 210,00! Quem vai? Quem vai?, "Tô vendendo creatina, hein? É só falar, é só falar quem quer, quem quer!", "De sessenta do pote, tô com trinta cápsulas pra vender!", "Quem quer crescer? Dinheiro primeiro na mão, depois o suplemento!", "Quem quer pó? Pó de trinta, pó de trinta, é branco, mas não é cocaína!", etc.

Rotineiramente, deparava-me com alunos fazendo uma "vaquinha"[419] para juntar dinheiro com o intuito de comprar determinado suplemento alimentar. Eles dividiam o número de cápsulas ou a quantidade do produto o que me fazia brincar com todos ali que estavam definitivamente "unidos pelo pó". Via também que alguns alunos eram extremamente solidários com os outros, pois "dividir as tais substâncias" com aqueles que não conseguiam comprar os suplementos alimentares era apenas mais uma forma com que todos ali se ajudavam na CDD, isto é, quem estava "precisando", era para ser "ajudado". Frequentemente, eu escutava no setor da musculação situações e histórias de "ajudas mútuas" entre os alunos como "trocas", "doações" ou "auxílios" de "coisas" ou de "serviços", o que depois entendia os porquês de serem tão "solidários" comigo em dados momentos, isto é, todos deveriam ser do "fechamento"[420], "se hoje eles me ajudavam, amanhã eu poderia contribuir com eles de alguma maneira". De forma semelhante, Whyte (2005) detectou tal situação: "O indivíduo que sofresse um infortúnio era ajudado por seus parentes e amigos, e,

---

[419] Ato de "juntar dinheiro" em um grupo de pessoas objetivando comprar determinada "coisa", por vezes, para ser compartilhado. Tal comportamento me remetia à ideia de que esses produtos poderiam ser mais consumidos pelos alunos de maior poder aquisitivo (NOGUEIRA *et al*., 2013), como observava na academia de ginástica "G".

[420] "Ser" do "fechamento" significava que uma pessoa sabia fazer "parcerias" ou "acordos", dispensando formalidades legais. Especialmente, na academia de ginástica "P" na CDD, a realidade descrita por Whyte (2005) podia ser observada: "A composição estável do grupo e a falta de segurança social de seus membros contribuem para produzir uma taxa muito alta de interação social dentro do grupo. A estrutura grupal é um produto dessas interações. A partir delas surge um sistema de obrigações mútuas fundamental para coesão do grupo. A fim de realizar suas atividades como grupo, há muitas ocasiões nas quais os rapazes devem fazer favores uns aos outros." (p. 262).

quando estivesse restabelecido, partilharia sua boa sorte com aqueles que o tinham ajudado." (p. 21).

Os alunos se esforçavam em descobrir lojas ou fornecedores "mais baratos", o que constantemente me fazia questionar sobre o "mercado negro" e o "processo de falsificação" dos suplementos alimentares. Alguns alunos chegavam comentar comigo a "vontade" de abrir um estabelecimento especializado em suplementos alimentares na medida em que todos ali na musculação desejavam esses tipos de produtos para tornarem os seus corpos no "limite"[421]:

> Wilson: Vamos, frangão! Vou te botar na boa! Tô com umas paradas aí pra te mostrar! Uns produtos bons aí, suplemento de primeira, divido contigo!
> Cadu: Já é!
> Wilson: Ele mantém a maromba, quando você toma banho, o inchaço não some, no dia seguinte faz de novo e não some, vai acumulando, é pica, ele entra no músculo cruzado daí mantém as fibras!
>
> Alex: A loja ali da praça é boa, tem um *whey* lá de três quilos e barato, R$ 120,00, o melhor é do pote grandão, vou pegar pra mim. Queria R$ 500,00 pra comprar muita coisa! Tô fazendo um dinheiro aí, não tô gastando em nada, só falta achar os meus contatos pra comprar.
> Ciço: *Whey* é muito caro, não tomo, um dia fui no *shopping* e tinha um de R$ 400,00, era importado, acho que é bom, mas passa longe desses que a gente toma por aqui, não dá pra nós não, aquele lá é purinho.
>
> Antonio: Tô tomando creatina de cavalo, comprei na loja de passarinhos ali embaixo, saiu em conta.
> Prof. José: A musculatura e peso do cavalo são diferentes do ser humano, cara!

A academia de ginástica "P" parecia não interferir substancialmente na comercialização de suplementos alimentares liderada pelos professores e alunos, ambos, de maneira semelhante, "mergulhados no pó". Ocasionalmente, a recepcionista do estabelecimento ficava encarregada de guardar um suplemento alimentar a pedido do "vendedor" para que, quando "fulano" chegasse ao local, fosse pegar a "mercadoria comprada". Os escaninhos situados no interior da recepção que tinha a função primária de guardar pequenos objetos dos alunos como chaves, celular, pequenas bolsas, etc., se tornava um meio do produto chegar ao consumidor, pois, muitas vezes, os dias e os horários de frequência na academia de ginástica "P" do "vendedor" e do "comprador" não correspondiam. A comercialização de suplementos alimentares era tamanha em dada época do trabalho de campo que aparentemente o estabelecimento teve o "interesse" de colar em uma das principais pilastras da recepção uma reportagem de um jornal de grande circulação com o

---

[421] Em meados do trabalho de campo, uma loja de suplementos alimentares abriu nas proximidades da academia de ginástica "P" e obteve uma grande clientela desse estabelecimento interessada em tais produtos.

seguinte título: “Suplemento é herói ou vilão? Especialista explica como usar os produtos sem risco.”

Assim, no contexto da minha impressão inicial que determinados suplementos alimentares transitavam entre ser maléfico ou benéfico ao corpo na dimensão dos “riscos à saúde”, isto é, “herói ou vilão” de acordo como as discussões ressignificadas entre os professores e os alunos, notava certa representatividade dessas substâncias na vida dos alunos ali na CDD, tais como os seguintes relatos: “Evito coca-cola! Isso de remédio virou veneno! Isso faz mal para o organismo! Hoje em dia, só tomo meu BCAA, por exemplo, que faz bem para o corpo, enquanto não chega o M-drol!”, “Mudei minha alimentação, só boto pra dentro parada leve: *whey*!”, “Bebo cerveja só no fim de semana, durante os dias tomo meus suplementos e bebo um vinhozinho, uma vodka, porque senão engorda!”, “Depois que quase morri, quero o bem pra mim, mudei muitos hábitos, quero secar, crescer, tomar meu M-drol!”, “Tive que mudar minha alimentação, agora só é arroz integral, açúcar mascavo, certos azeites, tomo Oxelite pra emagrecer!”, “Perdi quarenta quilos em cinco meses! Já até me chamaram de neurótico, mas tomo as paradas porque tudo isso mudou a minha vida!”, “Se eu quiser tomar GH eu tomo, se eu quiser beber *whey* eu bebo, o que eu consumo é com o suor do meu emprego!”, etc.

Assim, em termos gerais, os suplementos alimentares apenas faziam parte de uma mudança maior na vida dos alunos da academia de ginástica “P”. Por meio das dramatizações de *performance* referente ao ato de “tomar” na musculação, os alunos comparavam a sua vida “antes” e “depois” do “pó”. Sob a ótica de Douglas (1991), observava que os da academia de ginástica “P” se sentiam relativamente mais “purificados” após os usos de suplementos alimentares, pois os “limites” do corpo eram ultrapassados juntamente aos “limites” da vida cotidiana. Em suma, “manipular” o corpo com o “pó” poderia ser uma forma de “melhorar” o cotidiano.

Da mesma forma que ocorria na academia de ginástica “P”, via que no estabelecimento da Barra também havia certo “comércio” de suplementos alimentares, no entanto, principalmente da parte dos professores de Educação Física no setor da musculação, pois os alunos dali não precisavam “ganhar dinheiro” e nem “*status*” com tais substâncias[422]. Embora os profissionais me falassem que existia praticamente um aluno no interior do

---

[422] Em ambas as academias de ginástica, pelo que eu podia observar, não havia “comissão” para os professores de Educação Física na venda dos suplementos alimentares. A iniciativa se dava mais no nível “individual” do que atrelada a algum estabelecimento.

estabelecimento que costumava fazer esse tipo de "comércio" pelo fato de trazer os "produtos de fora do país", eles confessavam e eu observava durante as interações sociais que eram eles os principais "vendedores" ou "intermediários" ali no setor da musculação:

> Prof. Reginaldo: Tem um branquinho que vende muito suplemento aí, ele quase vende a própria mulher, é mochileiro, joga o preço R$ 50,00 mais barato porque traz a mercadoria de lá de fora. Ele ganha bem porque consegue trazer produtos que aqui no Brasil são proibidos no comércio, a Anvisa barra!
> Eu: E os professores ajudam nessa indicação de venda?
> Prof. Reginaldo: Ajudam, mas poucos!
>
> Português: Aí, Guga, já trouxe os produtos, avisa a todos que você conhece, vou começar a distribuir!
> Estagiário Guga: Fechado! Gilmar, é pra começar a espalhar a parada dos produtos!
> Prof. Gilmar: Tudo bem! Só não vou divulgar agora porque tô mal hoje, mas vou espalhar e também comprar sim!
>
> Estagiário Lico: O Osiris, professor, me grupiu!
> Eu: Grupiu?
> Estagiário Lico: É, olha só, tá vendo esse pote de *whey* aqui dentro da minha mochila, ele me vendeu o pote lacrado e tem praticamente um terço do pó lá dentro, vou reclamar com ele, acho que ele tá vendendo as paradas falsificadas. Aí, ele ali, Osiris, aqui não tem novecentos gramas!
> Prof. Osiris: Tem sim!
> Estagiário Lico: Vou medir na balança lá de dentro!

Como na academia de ginástica "P", ao comercializarem os suplementos alimentares na musculação, os professores da academia de ginástica "G" tinham também o "dever implícito" de ensinar os seus alunos a como manipular os produtos[423]. No contexto das modificações corporais, sobretudo no espaço mercadológico, pode haver uma ideia de que aquele que sugere como o "corpo deve ser manipulado" automaticamente acaba assumindo a responsabilidade de orientação. Dessa forma, embora alguns alunos fossem orientados por nutricionistas, aqueles que compravam os produtos das "mãos" dos professores de Educação Física recebiam as "prescrições" desses profissionais, muitas vezes, respaldados naquilo que "deu certo" com eles mesmos. Como uma forma de garantir o "sucesso" de alcançar os "limites" corporais de seus alunos, muitos prestadores de serviços de *personal trainer* orientavam o uso dos produtos; não era raro observar o próprio profissional dissolvendo o "pó" na "garrafinha" ou em copos plásticos para seus clientes. Todas essas situações presenciadas na academia de ginástica "G" me demonstravam também que o ato de orientar o "tomar" fazia parte do *habitus* de "ser" um professor de Educação Física.

---

[423] De forma semelhante, Ferreira (2008) identificou também que o profissional da tatuagem se considera na "obrigação" de passar para o cliente como lidar com a "nova marca".

Assim, se considerar a perspectiva de Parra *et al*. (2011) que "O suplemento, como um objeto transformado em mercadoria, deve cumprir suas 'promessas de felicidade'". (p. 1072), o professor de Educação Física era o principal articulador no sentido de sugerir determinados produtos aos seus alunos para os deixar "felizes", isto é, reforçava o que Bourdieu (2001) chamaria de "ilusões bem fundamentadas", haja vista que tinha o respaldo do discurso científico dos profissionais. Tais dados reforçavam os achados de algumas pesquisas no sentido de que uma das principais vias de prescrição ou de recomendação de suplementos alimentares são justamente os instrutores, professores e treinadores da área de Educação Física (PEREIRA *et al*., 2003; GUIMARÃES FILHO *et al*., 2011; FAYH *et al*., 2013; NOGUEIRA *et al*., 2013). Sobre o professor, Cecchetto *et al*. (2012a) lembram que "A interação cotidiana com o público das academias favorece que esse profissional seja visto como detentor de um saber prático sobre formas rápidas de obtenção da musculosidade, o que acaba muitas vezes gerando tensões, ou seja, dilemas éticos entre os profissionais do circuito dos esportes." (p. 883). Outros grupos de sujeitos faziam parte também desse compartilhamento do que se deve "tomar", como os médicos, nutricionistas, vendedores de loja, amigos e a própria autoindicação.

Conforme já relatado, frequentemente, nas interações sociais do setor da musculação, eu ouvia a demanda de alunos com seus professores pedindo dicas sobre o que poderiam usar no que diz respeito aos suplementos alimentares. Assim, eu observava que "vender ensinando dava mais lucro" do que apenas comercializar os produtos. Talvez, por isso, Malysse (2008) em seu estudo tenha se deparado com alguns *personal trainers* como se fossem *personal dealers* no que diz respeito ao consumo de suplementos alimentares. Em outra oportunidade, Malysse (2007) comenta que "Às vezes é o próprio *personal trainer* quem fornece aos alunos 'receitas de boa forma' preparadas à base de anabolizantes, suplementos alimentares e outras drogas corporais, tornando-se assim urna espécie de *personal dealer*." (p. 101).

Além disso, percebia de modo mais evidente na academia de ginástica "G" que eram os próprios professores de Educação Física os grandes consumidores dos suplementos alimentares ali vendidos. Os profissionais não somente compravam tais produtos para revenderem, mas principalmente para usarem o "pó" no próprio corpo, sendo ao mesmo tempo considerado "impositor" do "tomar" e sendo imposto para "tomar". Havia praticamente dois argumentos básicos em que os professores se pautavam para fazer o uso regular de tais produtos: "tomavam" para treinar e, o que me surpreendia, para manter suas atividades cotidianas.

Como profissionais de Educação Física, usavam seus saberes biomédicos relativos aos efeitos dos suplementos alimentares experimentando no próprio organismo. A crença ressignificada na *performance* corporal, tão importante para o profissional se destacar, sobretudo profissionalmente no contexto da musculação da academia de ginástica "G", era um dos motivos para fazerem usos frequentes e intensos de tais produtos. A busca incessante pelos "limites" corporais era evidente e as alegações dos professores se pautavam na seguinte premissa: "chega uma hora que o corpo não avança mais, daí tem que 'botar algo pra dentro'!". Nesse sentido, as suas identidades profissionais estavam marcadas pelo que entendiam acerca do "pó".

Por outro lado, os profissionais de Educação Física se muniam do "pó" também com o intuito de se manterem ativos e bem dispostos durante a atuação na sala de musculação da academia de ginástica "G". À luz da discussão de desempenho de papéis sociais de Goffman (2011) e de Schechner (2006), os mesmos profissionais que usavam os suplementos alimentares no pré-treino e no pós-treino, reproduziam tais ingestas antes e depois do trabalho com a justificativa de ter que aguentar ou otimizar a sobrecarga laboral extenuante. Em muitas ocasiões, as principais refeições do dia e os pequenos lanches eram substituídos por suplementos alimentares com a ideia de que tais substâncias eram "mais saudáveis" ou evitavam certos "riscos" e pelo fato de comentarem que "não tinham tempo adequado para comerem com calma"[424]:

> Prof. Reginaldo: Prefiro *whey* a salgado! *Whey* é meu complemento alimentar, não consigo, às vezes, comer proteínas há vários dias, daí tomo *whey*! É o melhor suplemento e mais barato que tem, comprei um quilo por R$ 40,00, não tô nem aí pra contaminação, se tem proteína isolada, é pra ser minha comida mesmo! Eu tomo *whey* pra substituir o lanche da tarde, ainda somo uma banana. Não tenho tempo, não quero mais ficar grande!
>
> Prof. Jordan: Caralho, esse moleque é maluco! Come biscoito recheado, batata de pacote depois do treino e antes de trabalhar! Puta merda! Não tem um suplementozinho não? Pelo menos toma um Nescau com proteína de suplemento, porque agora ele vai ficar sem refeição das dezenove até as vinte e duas horas, dá pra segurar até lá! Aliás, preciso tomar meu C4!

---

[424] Espírito-Santo e Mourão (2005 e 2006) identificaram justamente, em alguns casos, que o professor de Educação Física faz o uso de suplementos alimentares "[...] alegando ter que complementar sua alimentação por causa da falta de tempo para fazê-la de forma satisfatória e também para suportar a carga de trabalho." (p. 44). Tal realidade se configura, em parte, "[...] devido ao ritmo de vida agitado, excesso de treinamento, falta de horários adequados para realizar refeições, entre outros motivos, muitos indivíduos não conseguem ingerir uma dieta adequada às suas necessidades. Por esses motivos, a suplementação alimentar vem se tornando bastante popular no universo das academias de ginástica, devido à praticidade de ingestão e os benefícios que são proporcionados." (NOGUEIRA *et al*., 2013, p. 19). De forma análoga, é interessante pensar em Helman (1994) quando lembra que determinado alimento pode ser usado como remédio ou um remédio como alimento.

> Prof. Ciro: Alan, o pré-treino que a galera toma é motivador, muito bom! Eu que preciso de *whey* pra ontem, tô na merda, acho que vou ligar para meu aluno de *personal* pra ele me trazer uma dose de suplemento pra poder trabalhar!

Para além dos suplementos alimentares, porém com a mesma perspectiva de aumentar a *performance* laboral, nos resíduos dos copos plásticos e nos bolsos das bermudas dos profissionais de Educação Física, via frequentemente a utilização de "pílulas estimulantes" e de pastilhas de inúmeros tubos de medicamentos efervescentes como de vitamina C, de acidez estomacal, de minerais, dentre outras substâncias[425]. Se por um lado alguns profissionais de Educação Física privilegiavam certos recursos visando ficar "ligados" durante o trabalho na musculação, outros optavam por substâncias "relaxantes" para se manter "anestesiados" face ao ritmo laboral "tenso" e "intenso". Alguns professores me relatavam também o uso de drogas ilícitas "estimulantes"[426] ou "relaxantes" para estar ali atuando profissionalmente. Em algumas interações, deparava-me com profissionais que chegavam ao estabelecimento "quase sem consciência a ponto de desmaiarem" ou tomados por um frenesi atípico, com "cheiros" e olhos "vermelhos".

Em termos gerais, no interior da academia de ginástica "G", era comum encontrar os professores circulando pelos espaços com seus produtos e, no exterior do estabelecimento, entrando ou saindo das lojas de suplementos alimentares. O interessante notar era o entusiasmo nas conversas entre os profissionais sobre seus históricos com os últimos suplementos alimentares e o que pretendiam "tomar" no futuro, como uma forma de afirmar os seus saberes quanto ao uso desses produtos para se chegarem aos "limites" corporais. Pela perspectiva de Goffman (2011) no sentido da busca contínua de desempenho de papéis sociais, geralmente via que a ideia do "tomar" ali era uma forma de se impor ao outro sobre "quanto" ou "o que" "botavam pra dentro".

Nesse contexto, os estagiários de Educação Física aos poucos também iam sendo influenciados por essa necessidade de "botar algo pra dentro", o que me remetia à ideia de docência de Huberman (2007), de que a carreira do professor em geral se configurava por um processo e não por uma mera série de acontecimentos da rotina de vida diária. Nunes (2001) declara também que:

---

[425] Guimarães Filho *et al*. (2011) mencionam que "[...] o educador físico atuante em mega-academias tende a fazer maior uso de medicamentos e suplementos, com o objetivo de obter melhor performance para o trabalho, e consequentemente aumento no rendimento salarial, porém para este fim prioriza-se a estética corporal em detrimento da saúde." (p. 206).

[426] Para Palma e Assis (2005), sobre esses usos do corpo do professor de Educação Física no sentido de suprimir a fadiga, "O produto farmacológico, nesse caso, é utilizado para permitir que a força de trabalho possa desempenhar a mais-valia exigida pelo capital." (p. 88).

> Ao se pensar um modelo de professor, deve-se levar em conta o contexto no qual se constroem e se aplicam os saberes docentes, isto é, as condições históricas e sociais nas quais se exerce a profissão; condições que servem de base para a prática docente. Este professor possui, em virtude da sua experiência de vida pessoal, saberes próprios que são influenciados por questões culturais e pessoais. (p. 34)

Assim, o constituir-se como professor de Educação Física na musculação da academia de ginástica "G" face aos suplementos alimentares significava levar em consideração de que suas ações e seus pensamentos se derivavam e eram reconstruídos por diversos momentos desde a infância na vida pessoal, familiar, social, profissional, escolar, acadêmica, etc. (VERENGUER, 2004 e 2007; ROSSI; HUNGER, 2008; FIGUEIREDO, 2004, 2008 e 2009; SANTOS *et al*., 2009; FONSECA *et al*., 2009; MARCON *et al*., 2010; AMORIM FILHO; RAMOS, 2010). Nesse sentido, discordava de Garcia e Lemos (2003) quando mencionam que os professores de Educação Física tendem a transmitir aquilo em que acreditam, independentemente dos ideais valorizados no contexto histórico e social, pois, no sentido de Goffman (2002), os contatos face a face correspondiam ali de forma mais ampla ao *ethos* de *performance* da vida social e profissional dos professores em um contínuo "limite".

Indubitavelmente, as trajetórias profissionais dos professores de Educação Física estão em constante mudança ao longo do tempo (FOLLE; NASCIMENTO, 2008, 2009, 2010 e 2011; FOLLE *et al*., 2009; PORATH *et al*., 2011). A atuação do profissional de Educação Física na musculação da academia de ginástica "G" era eminentemente dinâmica, pois, aos poucos, o professor se via na necessidade de ingerir os suplementos alimentares com o intuito de estar no "limite" e, muitas vezes, sem riscos".

Confesso que em dado momento próximo do final do trabalho de campo na musculação da academia de ginástica "G", me vendo "mergulhado" nesse contexto de usos de suplementos alimentares pelos professores para aumentarem a *performance* face aos "limites" corporais no trabalho, chegava a pensar em me "suplementar" também pela demanda laboral que eu tinha nesses meses em que trabalhava e pesquisava. Por vezes, passando por alguns estabelecimentos especializados em tais produtos, chegava a "olhar" para as vitrines com certo questionamento sobre os "reais efeitos daquele pó". Destarte, eu estava sendo "afetado pelo campo" ou sendo "convertido aos usos do corpo" dos meus pesquisados, o que me fazia repensar sobre o "tempo" de realização da etnografia, isto é, em que medida eu começava a "ser tomado pelo próprio campo"? Quais eram as supostas problemáticas referentes à prática de pesquisa haja vista que eu, teoricamente, estava me tornando um deles, ou melhor, igualmente no "limite"?

Em grande parte das vezes, como também sentia na academia de ginástica "P", o aluno "se espelhava" no corpo do profissional de Educação Física para optar por determinado produto como relatos nesse sentido: "Professor, eu quero tomar o que você tá tomando, qual é o produto?", "Oi, o que é bom pra tomar? Vejo que você é fortinho! Quero comprar algo para o meu filho!", etc. Por outro lado, o próprio professor também tinha referências de um corpo ideal a partir do que seus alunos "tomavam": "Tirei foto com aquele aluno ali, treino junto com ele, ele tá muito 'rasgado', vou ficar assim também, vou comprar os produtos que ele usa, vai sair uns duzentos contos!", "Tá vendo aquele aluno ali? Ele é foda! Tá todo 'trincado', vou perguntar pra ele o que tá tomando! Tenho que investir também!", etc. Certamente, havia uma relação quase que direta entre o que o corpo aparentava e a eficácia do efeito de determinado suplemento alimentar. Escutava tanto de professores quanto de alunos que "quando você vê que tá funcionando com a galera, você vai lá e toma!" ou "é impossível você tá com esse corpo sem nenhum suplemento! Me conta o que você tá tomando!". A correlação entre imagem e efeito do produto era tão forte que cheguei a presenciar um aluno que, após ter realizado os exercícios físicos de braços, iria "tomar" proteínas para fazer efeito nos próximos movimentos que seriam voltados aos membros inferiores.

Em síntese, na musculação da academia de ginástica "P", muitos alunos "botavam pra dentro" o "pó" para aumentar a *performance* corporal como uma forma "mais barata" e de forma "combinada" para chegarem aos seus "limites" nos exercícios físicos e na vida social em geral. Na academia de ginástica "G", em suma, identificava que grande parte dos alunos "botava pra dentro" os suplementos alimentares para aumentar a *performance* corporal e "social" de modo personalizado. Embora existisse certos *habitus* dos profissionais quanto aos suplementos alimentares, em ambas as academias de ginástica, os professores de Educação Física se alinhavam a distintas racionalidades quanto ao uso do "pó", como foi possível observar em diversas interações sociais.

Entre a ideia da vitalidade do "pó artificial" e o valor do "pó natural"[427] que percorria as academias de ginástica, eu reparava que os usos de suplementos alimentares eram semelhantes ou distintos, por exemplo, dos anabolizantes a depender das circunstâncias para se alcançar os corpos no "limite", como poderá ser visto a seguir. Embora não existisse uma

---

[427] Tal contraponto, de forma análoga, pode ser visto em Helman (1994) quando discute as possibilidades de cada grupo social conceber o que é um alimento e um não-alimento.

ordem[428] tão específica na CDD e na Barra, reparava que havia uma tendência geral em primeiro experimentarem os efeitos do ato de se "suplementar" para depois experienciarem o "bombar", dentre outros motivos, pelo fato da questão de estar ou não em "risco".

4.3.1.2 Usos de anabolizantes: entre a "bomba" e a "reposição hormonal"

Para se pensar especificamente nos usos de anabolizantes[429], era possível partir, por exemplo, da ideia de Fainzang (2001) no sentido de que "tomar" uma "droga farmacológica" dependia da combinação de vários fatores, tais como: as suas características (gosto, nome, formato, etc.), perfil dos usuários[430] (experiência prévia, escolaridade, etc.), responsável pela prescrição ou fornecimento (*status* profissional, senso de autoridade, etc.) ou o próprio ambiente onde se administrava (ocasião social, consultório médico, etc.). Em outras palavras, baseando-me no trabalho de Becker (2008) sobre a utilização de drogas, o ato de tornar-se usuário de anabolizantes era preciso não somente "tomar", mas aprender e apreender os seus "efeitos".

Contudo, mais do que uma "produção farmacológica de si" que se remete a ideia das modificações de um corpo por meio da via "química" a partir do interesse individual do sujeito (LE BRETON, 2003), via que tal construção somática se pluralizava entre e no interior das academias de ginástica "P" e "G". Tal diversidade de realidades quanto ao uso de anabolizantes em ambas as academias de ginástica era justamente pelo fato dos professores de Educação Física e os alunos estarem em distintos lugares sociais a depender dos contatos face a face, demonstrando, em parte, que suas *performances* cotidianas variavam substancialmente em função do contexto e das situações diárias.

No contexto referente às estratégias utilizadas pelos professores de Educação Física e alunos para superar ou potencializar os "limites" corporais, para além dos suplementos alimentares, observava nas interações sociais "raros" sujeitos da academia de ginástica "P"

---

[428] Tal dado se coaduna com a suposição de Silva *et al*. (2007) quando registram que há um aumento de chances dos consumidores de suplementos alimentares fazerem mais usos de anabolizantes no futuro. Nessa direção, Dunn (2009) discute justamente que tal dado se deve pelo fato que, na maioria das vezes, os sujeitos são usuários de diferentes substâncias.

[429] No Brasil, de acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), estão na lista de substâncias C5, classificados como medicamentos de uso que necessitam de receita médica de controle especial (BRASIL, 1998a).

[430] Embora eu use este termo que atribui à conotação de ser um consumidor permanente de dada "droga", via que não existia, de modo efetivo, a questão de ser classificado como um "usuário", pois, em muitas ocasiões, os usos de anabolizantes eram extremamente descontínuos e circunstanciais.

usando também anabolizantes[431]. Esta minha afirmativa deve ser problematizada, pois consumir anabolizantes ou "tomar bomba" nesse estabelecimento se tornava um assunto de domínio extremamente privado ou até mesmo "negativo", pois, no presente estudo, em consonância aos achados de Iriart e Andrade (2002) e Chaves (2010), majoritariamente, a "bomba" assumia um sentido "pejorativo".

Já de modo diferente da academia de ginástica "P", onde o uso de anabolizantes, em parte, era visto com certa negatividade, na academia de ginástica "G", entre professores e alunos, ninguém ali "tomava bomba"[432] e sim, positivamente, "fazia reposição hormonal". Tal realidade já se configurava como um cuidado biomédico legítimo com o próprio corpo ou com os riscos à saúde, fato este semelhante ao que Helman (1994) declara no que diz respeito a depender do tipo de "droga" pode haver significados de "cura". Fazer a "reposição hormonal" era visto como um ato socialmente aceitável naquele ambiente, ou seja, no ponto de vista de Goffman (2002), fazia parte da *performance* de papéis sociais encenados ali na musculação.

Na musculação da academia de ginástica "P", tanto para os alunos quanto para os professores, em grande parte das vezes, o ato de usar os anabolizantes significava "burlar as regras do jogo" em busca de alcançar os "limites" corporais, isto é, no "jogo corporal", aquele que usasse as "bombas" não seria um *fair play*[433]. Se o porte corporal estava atrelado ao esforço do sujeito durante os exercícios físicos, o ato de "tomar bomba" mascararia essas estafas corporais, tão valorizadas pelo público da academia de ginástica "P" da CDD. Por isso, se havia a opção do aluno por fazer o uso de anabolizantes, tal comportamento deveria ser ocultado para todos ali, inclusive para mim[434].

---

[431] Hallal e Knuth (2011) lembram que "Uma das questões atuais em saúde pública e de relação imediata com a prática de atividade física é o uso de anabolizantes em frequentadores de academias de ginástica. Essa conduta que tem como um dos propulsores os padrões estéticos corporais atuais poderia ser 'mapeada' por meio de estudos epidemiológicos. No entanto, com a tradicional abordagem de questionários, rotineiramente diretos e com questões fechadas e rápidas, já com o propósito de análise, esse método não seria ideal para a compreensão aprofundada do tema em estudo." (p. 185).

[432] Cecchetto *et al*. (2012) apontam que tal termo é usado principalmente por praticantes de musculação, *bodybuilders* e lutadores de artes marciais quando se referem aos esteroides anabólicos androgênicos. "Bomba" se liga a ideia do "corpo quase explodir", isto é, "inchado".

[433] Este conceito referente ao "jogador de boas atitudes" foi analisado por Tavares (2002) ao discutir o *doping*. De acordo com Brito *et al*. (2011), para analisar a ideia de *fair play*, é preciso se remeter criticamente a uma sociologia da moralidade.

[434] Embora tenha conseguido tratar sobre o assunto e compartilhar desses atos privados na academia de ginástica "P", eu entendo que mesmo assim os pesquisados podem ter sonegado diversas informações, como ocorreu igualmente com Copeland *et al*. (2000).

Dessa forma, na academia de ginástica "P", apenas por vezes eu percebia que alguns alunos usuários de anabolizantes em dadas circunstâncias eram vistos como "desviantes", no sentido delineado por Becker (2008). Tal rotulação atrelada a ser considerado um *outsider* se caracterizava principalmente quando os denominados de "bombados" exaltavam os seus volumes corporais, representados pela massa muscular, descartando ou negando veemente a possibilidade de terem usado anabolizantes para se chegar a tais corpos no "limite". No sentido dos rituais de passagem delineados por Gennep (2011), na academia de ginástica "P", embora o processo de construção e de valorização das identidades de um corpo "x" para um corpo "y" fosse calcado pela forma no "limite" de se exercitar, o uso de "bombas" desviaria ou ajudaria essa construção da pessoa que executa os exercícios físicos.

Como professor de Educação Física e como profissional do campo da Saúde, teoricamente, pensando na autoridade da minha profissão face ao meu lugar em lidar com as práticas corporais na sociedade, a princípio, eu poderia, de forma etnocêntrica, considerar que os alunos quando utilizavam os anabolizantes estavam se "desviando" das "boas condutas morais e legais da saúde". Contudo, o que me interessava era conhecer as concepções dos pesquisados em relação a quem[435] estaria assumindo condutas ditas "proibidas" em dadas "regras" em certas interações sociais estabelecidas informalmente na academia de ginástica "P" quando o assunto era os anabolizantes, isto é, como Becker (2008) alerta, eu precisava relativizar de qual ponto de vista o *outsider* estava sendo considerado. Assim, em consonância ao que Goffman (2011) delineia acerca das interações sociais, "[...] em todos os casos podemos encontrar uma multidão de motivos diferentes para se engajar no desvio de conduta, e uma multidão de fatores diferentes que modificarão nossa atitude quanto à sua realização." (p. 140).

Nesse sentido, partindo da premissa de que muitos alunos da academia de ginástica "P" "mentiam"[436] sobre o ato de estarem consumindo anabolizantes nas interações sociais, me via em um importante desafio de desvelar tais comportamentos para chegarem aos seus "limites" corporais. Em dada época do trabalho de campo na musculação, embora eu ficasse me questionando se eu precisava compartilhar um possível interesse em "tomar bomba" para

---

[435] De modo análogo ao que ocorre nas análises sobre o *doping* no esporte, me via justamente naquilo que Tavares (2005) observa: "[...] há no senso comum uma crença tão disseminada sobre o uso de drogas no esporte de alto-rendimento que o debate costuma concentrar-se em 'como' e 'quando' se dopa em lugar de perguntar-se 'quem' se dopa." (p. 38).

[436] Esse dado não é "novo", mas ainda é caro as pesquisas, sobretudo de cunho epidemiológico, pois, geralmente, a prevalência do uso de anabolizantes fica subestimado. Ver Fainzang (2006) sobre a importância de tomar a "mentira" como um dado.

ser aceito e dialogar mais simetricamente com aqueles que usavam esses tipos de produtos, estava ciente de um fator: o elemento ético em pesquisa, haja vista que compartilhar desta falsa intenção estaria me alinhando a um tipo de "crime"[437] e ao mesmo tempo não sendo "verdadeiro" com os meus pesquisados. Acrescento ainda que, depois de um tempo, percebia que os usos de anabolizantes ali longe de serem destrutivos, nas palavras de Le Breton (2012), se caracterizavam por buscas de "limites". Além disso, sabia que a produção de dados viria a partir do meu tipo de observação naquele local e da minha "posição no campo", bem como que o tempo me "levaria até eles" quando o assunto fosse "tomar bomba".

Assim, aos poucos, em virtude da necessidade de dados mais consistentes na academia de ginástica "P", utilizava-me de categorias êmicas para estimular situações sociais referentes ao assunto "anabolizantes"[438]. Em primeiro lugar, próximo das terminologias usadas por Douglas (1991), tive que me deter no detalhe de quem estava supostamente "tomando bomba" era considerado pelos alunos como "impuro" ou "envenenado", por outro lado, aqueles que não faziam uso de tais produtos eram vistos como "puros" ou "limpos". Em segundo lugar, a depender de qual posição o sujeito estivesse se referindo, tais expressões se relativizavam amplamente, na medida em que seu "eu tomava bomba", na verdade, "eu estava usando um remedinho[439]", em contrapartida, se o "outro tomava bomba", a ideia era que ele estaria usando "veneno". Em síntese, a partir desse sistema simbólico e classificatório, percebia, a partir de Douglas (1991), um paradoxo que para se ter um "corpo puro" (esteticamente aceitável, por exemplo), era preciso de "recursos impuros" como as "bombas"[440]. Assim, a questão não era "tomar", mas ser descoberto que havia "tomado". Dessa forma, brincar com os outros que "não estava puro não", "esse cara tá envenenado" e "que remedinho é esse que você tá tomando?", era uma forma de "quebra-gelo" com que eu me aproximasse deles sobre um assunto altamente "delicado" ou "oculto", embora eventualmente discutido na sala de

---

[437] Sobre *doping* no esporte, Tavares (2006) comenta que o desenvolvimento de certos dispositivos de controle acerca dos tipos e de usos de algumas substâncias se estabelece principalmente pela medicalização e criminalização da sociedade, isto é, se torna uma questão médico-jurídica.

[438] De acordo com Barland (2005), é preciso saber se comunicar por meio de códigos, de jargões ou da própria linguagem corporal para apreender tais usos de anabolizantes; quem não entende, é iniciante ou fica fora destes grupos sociais de usuários.

[439] Se não aludissem ao "remedinho" que "cura", preferiam falar o nome do anabolizante. Parecia que o uso do diminutivo na palavra "remédio" era uma forma de reduzir os possíveis impactos "biológicos" ou "sociais" negativos que poderiam ocorrer. Em uma perspectiva semelhante, Santos *et al*. (2006) identificaram que a referência ao anabolizante como uma "droga" aproxima tal substância da ilegalidade.

[440] De modo análogo, sobre o doping ao longo do século XX na França, Pereira e Gleyse (2005) afirmam que "O campeão é símbolo de pureza e de transparência desde a sua origem: ele é o portador do mito da pureza original. Tudo é elaborado, então, para reforçar essa imagem e, ao mesmo tempo, para protegê-la." (p. 70).

musculação ora de forma mais privada, ora mais pública, durante as múltiplas interações sociais que ocorriam ali.

Já na academia de ginástica "G", pela quase ausência das circunstâncias situacionais vivenciadas na academia de ginástica "P" e pelo fato de haver certa medicalização[441] dos anabolizantes na medida em que existia a noção de "repor" os hormônios que estavam em "deficiência" ou "desregulados"[442], por meio das "receitas de prescrição", a todo o instante, eu podia dialogar com todos ali sobre este assunto. Rotineiramente, no setor da musculação deste estabelecimento, ouvia elogios que "Fulano" estava em "tratamento" ou em "terapia" hormonal com "doutor Cicrano", sobretudo para "corrigir alguma disfunção"[443], isto é, distanciando-se do que poderia ser considerado anormal (GOFFMAN, 2008).

Logo no início do trabalho de campo na musculação da academia de ginástica "P", reparava que muitos alunos, os quais eu suspeitava que "tomavam bomba", interrompiam a realização das práticas corporais por dias ou semanas. Por vezes, estranhava-me ver aqueles alunos tão "fissurados" pela "malhação" pararem de repente de se exercitar por longos períodos de tempo e, ao retornarem, "menos inchados", alegarem que pegaram uma "virose" ou uma "gripe". Inicialmente, talvez de modo ingênuo ou enviesado pelo meu "olhar" de professor de Educação Física, achava que a "malhação pesada" regular fazia com que abaixasse o sistema imunológico desses alunos, por exemplo[444]. No entanto, ao longo do

---

[441] Este dado parece ser atual e preocupante, pois alguns trabalhos questionam incessantemente os possíveis abusos e aumentos nas prescrições médicas terapêuticas ou não de anabolizantes para atletas ou frequentadores de academias de ginástica (BIRCHARD, 1998; BAKER *et al*., 2006; BAKER *et al*., 2008; BAKER *et al*., 2008a). Para Compton e Volkow (2006), esta realidade de estímulo ao consumo de vários medicamentos pode gerar "dependências" ou "vícios" dos usuários.

[442] Tais ideias não estavam ligadas somente à "saúde", mas também a uma espécie de "medicalização da beleza", discutida exemplarmente por Poli Neto e Caponi (2007).

[443] Isso também era uma forma de distinção daqueles que não se consultavam com "o doutor". De forma semelhante ao trabalho de Baima (2007) ao afirmar que, por exemplo, ao "consumir" cirurgia plástica o indivíduo compreende estar adquirindo simbolicamente um *status* diferenciado, isto é, um corpo dentre outros corpos de determinado grupo social. A utilização de tais substâncias se originou dos seus efeitos terapêuticos nos tratamentos médico-farmacêuticos e não estéticos como também vêm sendo consumidos (FRAGA, 2000; SABINO, 2004; NOGUEIRA *et al*., 2013). Vale lembrar que os hormônios esteroides são produzidos naturalmente pelo organismo ou em forma sintética nos laboratórios apresentando-se como uma droga ou fármaco (CARMO *et al*., 2012).

[444] De forma semelhante aos usos do corpo no espaço da musculação, Gonçalves *et al*. (2012) chegam a apontar que "O treinamento esportivo pode ser comparado a um processo de produção de enfermidade, na medida em que se constitui como atribuição de uma carga sistemática de trabalho (estresse) que seja capaz de provocar as adaptações morfofisiológicas necessárias ao desempenho. A partir desta dinâmica, o corpo de um atleta só descansa para poder adaptar-se e preparar-se para receber novo estímulo. Desse modo, o corpo está sempre próximo de um 'limite' anunciado por treinadores e é mantido aí por meio de estresse contínuo." (p. 146).

tempo, descobria que a "desculpa" desses "incidentes" se referia aos efeitos colaterais que os acometiam eventualmente pelo ato de injetar anabolizantes[445]:

> Sheik: Tu tá sumido!
> Eu: Peguei uma gripe na semana passada!
> Sheik: Ah sei, aquela gripe, né? Sei qual é, é foda mesmo! Essa gripe vem dos mosquitos que te dão uma picada é foda, né?
>
> Eu: E o carnaval?
> Montanha: Peguei aquela gripe bem no carnaval! Foi a gripe, foi a gripe que me pegou! Essa gripe que me pega as vezes! Tenho que parar de me "ejetar"!
>
> Eu: Caraca, acha que tu tinha saído da academia! Quanto tempo, cara!
> Aristides: Peguei uma virose braba! Vinha bem, mas a gripe veio desde aquele dia! Fiquei muito mal! Vomitando horrores, tendo tremedeiras de noite, muita febre, dor no estômago! Perdi muito músculo, três quilos, mas perdi barriga também! O meu braço ainda tá aqui forte! Pra recuperar, tomei naldecon, cataflan, vitamina C, alguma coisa tinha que dar efeito.
> Eu: Foi a gripe mesmo?
> Aristides: Foi sim! Deixa quieto! Hahahaha...
>
> Carlos: Tô na merda, senti muito calafrio essa noite, fiquei gripado só com três dias de pesos aqui.
> Montanha: Gripe? Fala logo! A bomba que te fudeu, isso é normal! Já tive febre, dormi com braço levantado, achei que ia morrer, quero ver quando você tomar durateston, vai correr chorando pro médico, hahaha!

Assim, por vezes, eu tinha dificuldades de conseguir detectar relativamente se as tais "viroses" ou "gripes" eram decorrentes do uso de "bombas". Quando os alunos descreviam ou relatavam seus sintomas, sobretudo aqueles que sentiam durante a madrugada quando estavam dormindo, percebia que eram muitos "semelhantes" àqueles quando publicamente assumiam que tiveram problemas com determinado anabolizante. Assim, via que os alunos se consideravam apenas em "risco à saúde" na medida em que os anabolizantes "agredissem" de alguma forma os seus organismos e, principalmente, os afetassem na vida cotidiana. Por outro lado, os sintomas geralmente eram vistos por outros motivos que não àqueles ligados aos anabolizantes haja vista que as suas *performances* ali estariam comprometidas perante dado grupo social (GOFFMAN, 2002; SCHECHNER, 2006).

Uma forma mais clara dos alunos em explicitarem que estavam "tomando bomba", porém ainda de maneira "oculta", era quando afirmavam que estavam "jogando". Em geral, percebia que a conotação simbólica de citar o "sangue" se referia a ideia do produto estar "no seu percurso" para gerar determinado "efeito", especificamente alcançando o "músculo".

---

[445] Carmo *et al*. (2012) descrevem alguns efeitos colaterais decorrentes do uso de anabolizantes.

Assim, o "jogar" se referia a "jogar pra dentro" os anabolizantes para a corrente sanguínea[446], principalmente pela "veia" com o uso de seringas. "Vai jogar hoje?", "Chega lá em casa pra jogar!", "Bora jogar junto lá em casa!" e até mesmo o jargão "Tu tá escondendo o jogo! Por que você não diz logo que você tá jogando?", etc. eram apenas algumas estratégias linguísticas de combinarem o dia e o horário entre dois ou mais sujeitos para cada um aplicar os anabolizantes no outro. Os alunos julgavam "malucos" aqueles que sozinhos conseguiam ou tentavam "tomar bomba" como, por exemplo, usando a parede como base para apoiar a seringa ou utilizar a outra mão para tentar aplicar no braço contralateral. Por isso, a necessidade de certa "parceria" com o outro para "tomarem" ou "jogarem" os anabolizantes era fundamental em suas relações na musculação da academia de ginástica "P", gerando, inclusive, um tipo de "serviço" em que alguns alunos cobravam dos outros a aplicação do anabolizante em domicílio.

Do mesmo modo que ocorriam dúvidas dos alunos sobre os possíveis usos dos suplementos alimentares de outros que aos poucos "melhoravam seus corpos", mais enfaticamente, aconteciam com os questionamentos referentes se dada pessoa estava "tomando bomba". Igualmente "irônicas" e "evasivas" ou até "ambíguas", por vezes acompanhadas de "gargalhadas", "piscadelas" ou "sorrisos dissimulados", as respostas tendiam nesse sentido: "Tô puro só com suplemento!", "Isso aqui não é bomba, como pão e água pra inchar!" "Não tomo bombo, só tô cheio de comprimido no corpo!", "Dei uma secada apenas com beterraba e macarrão!", "Eu só tomo açúcar!", "Essa goiaba aqui que me faz crescer!", "Esqueci o nome do eu tomo!", "Sou natural, bem natural e natural demora mais pra crescer!" etc. Via que tais jocosidades, a partir de Radcliffe-Brown (1989), era uma forma lúdica de manter certas relações entre as identidades ali construídas, uma distinção de quem "tomava" ou "não tomava" "bombas".

O certo "segredo"[447] em "tomar bomba" tentava ser desvelado quando um aluno chegava ao seu "limite" corporal na musculação em um curto período de tempo ou com

---

[446] Helman (1994) cita que historicamente há diversas crenças sobre o "sangue", o tornando um dos líquidos vitais com maior representação. Uma das definições de "drogas injetáveis" pode ser entendia como: "São substâncias injetadas por via intravenosa (a mais freqüentemente utilizada), intramuscular, ou, mais raramente, subcutânea." (BRASIL, 2004, p. 45).

[447] Sobre o grupo de praticantes de musculação que Sabino (2004) chama de fisiculturistas, também há a ideia de que "[...] os esteróides são o elixir secreto dessa tribo de musculosos de aparência saudável". (p. 149). Na interpretação de Cesaro (2013) em seu estudo a recusa à utilização de anabolizantes não se referia a questões de saúde ou em termos legais, mas uma atitude ética em que o "trabalho corporal" deveria ser realizado apenas com persistência, disciplina e honra. No campo esportivo, a noção de segredo é uma das bases para entender o *doping* apontando o que é moralmente aceitável ou não (PEREIRA; GLEYSE, 2005).

comportamentos que não correspondiam ao porte físico. Exemplarmente, os alunos ficavam questionando uns aos outros e, ao longo do tempo, confirmava a impressão de que alguns vinham uma ou duas vezes na semana na academia de ginástica "P" e "inflavam" seus corpos de modo linear e progressivamente. Outros alunos perdiam massa muscular pelo fato de terem parado de se exercitarem por um tempo e quando retornavam conseguiam chegar ao mesmo "patamar corporal" em apenas alguns dias. Uma parte dos alunos levantava uma quantidade de pesos, relativamente ínfima, aquém do seu porte corporal "gigantesco". Ao longo dos meses, notava a mudança nas vozes de alguns alunos que ficavam mais "grossas" pelo uso de tais produtos. Além disso, eu percebia e os alunos afirmavam que algumas mulheres vistas como "forte" naquele espaço que possuíam "bigode" ou "espinhas" faziam o uso indiscriminado de anabolizantes, por isso acabavam tendo certas características corporais ditas masculinas. Ao longo do tempo, reparava que aqueles que usavam os anabolizantes pareciam ter muito mais idade do que realmente possuíam; tal impressão era discutida também entre os professores do local quando se referiam a alguém que supostamente "tomava bomba" como, por exemplo, "ele ali tem uma fisionomia de velho, né, mas só tem vinte anos!".

No entanto, alguns alunos, principalmente aqueles conhecidos como "marombeiros", faziam questão de demonstrarem que usavam regularmente e ressignificavam a utilização de anabolizantes no setor da musculação da academia de ginástica "P". Estes alunos ficavam conversando com todos sobre os "ciclos"[448] de aplicação das "bombas", costumavam ficar gritando em um "tom" de hipervalorização o nome de algum anabolizante, lembravam os seus colegas antes de se despedirem que "tinham que se aplicarem quando chegassem em casa para terem o efeito desejado", uns estimulavam os outros de continuarem a aplicação contínua dos produtos apesar de todas possíveis adversidades que poderiam ocorrer, etc. Uma parte dos alunos cultuava tanto o uso de anabolizantes que "ironicamente" ou "debochadamente" personalizava as suas blusas de "malhação" no sentido de que "não tomava bomba" como dizeres, por exemplo, "Diga NÃO ao anabolizante!" (uma figura de uma seringa com um símbolo de "proibido"), "Quem não cresce sem ajuda?", "Lei seca para os anabolizantes!", etc.

Estes mesmos alunos colocavam músicas que faziam alusão ao uso de anabolizantes como "toque" do celular e, por vezes, pediam à recepção que colocassem como música

---

[448] Período de tempo e de intervalo adequado para consumir e otimizar os efeitos dos anabolizantes (GUIMARÃES NETO, 2006).

ambiente da musculação da academia de ginástica "P", o que ocorria eventualmente. Impressionava-me, como professor, ver todos "malhando" no ritmo daquelas músicas que estimulavam o uso das "bombas", embora no dia a dia escutasse a crítica de alguns alunos sobre esse pedido de colocarem músicas "desse nível". Os próprios "marombeiros" criticavam seus pares que gostavam desses tipos de músicas na academia de ginástica "P" com o argumento de que não precisavam também "espalhar pra geral" tais usos no "limite" do corpo, pois "isso já era demais também!", ou seja, o fato de ser um usuário de "bombas" não passava essencialmente por essa "divulgação". Por vezes, eu tentava pedir emprestado o *pendrive* ou o CD dos alunos que possuíam tais músicas com o argumento de querer conhecê-las, mas eu não obtinha sucesso. Desse modo, eu anotava certos trechos das músicas e, ao chegar a minha residência, procurava as "letras" que se remetiam a certa apologia ao consumo de anabolizantes (ANEXO 4) na *internet*, o que, de certa maneira, me ajudava a compreender mais o que significava "tomar bomba" ali na musculação[449]. Lévi-Strauss (1987) já apontava há tempos que "Temos o som, e o som tem um significado, e não há significado sem som para o veicular." (p. 77).

Já nas interações sociais da academia de ginástica "G", o que me causava inquietação não eram o amplo interesse e as condições financeiras dos alunos em poderem se consultar com médicos especialistas do âmbito ortomolecular, haja vista que esse público buscava a todo instante monitorarem o seu corpo e a sua saúde a "qualquer custo" para evitar "qualquer risco". Estranhava-me, como profissional, por exemplo, ver pré-adolescentes ou adolescentes, teoricamente ainda em processo de "maturação biológica", se exercitando no interior da academia de ginástica "G" com inúmeros apelos para as tais reposições hormonais; igualmente, chamava-me atenção ver alunos com grandes portes corporais alegando que estavam com "déficit de hormônios de crescimento", dentre outras situações atípicas para minha realidade até então. Na verdade, o que me impressionava era a forma "naturalizada" com que os alunos, e também professores, lidavam com os tais "remédios" na musculação, o que aos poucos entendia algumas lógicas ressignificadas de seus usos:

> Prof. Jordan: E aí? Olha o cara com o veneno aí na bolsinha!
> Roberto: Não é não, é o remedinho do doutor Fulano.
> Prof. Jordan: Sei, até parece! Essa porra é Oxandrolona, é foda!
> Eu: Deixa o cara, ele tá fazendo reposição hormonal, hahaha!

---

[449] Bauer (2010) pondera que "As tentativas de considerar a música e o ruído como dados sociais devem pressupor uma relação sistemática entre os sons e o contexto social que os produz e os recebe." (p. 366). Sobre a estética de Lévi-Strauss, Merquior (1975) aponta que a música possui uma particularidade de se dirigir a algo de forma sistemática.

> Prof. Jordan: Eu tava afim de fazer uma reposição hormonal!
> Eu: Depois dos trinta anos, diminui, né?
> Prof. Jordan: Não, não, depois dos vinte, você já começa a perder hormônio, daí você tomando isso não dá nada de errado, entendeu? Você tá apenas colocando aquilo que está faltando no organismo, depois dos vinte caem mesmo naturalmente, tô pensando em fazer!
>
> Estagiário Lico: Pô, toda hora alguém me pergunta se no dia que tira sangue pode malhar! Eu falo que pode com exceção de doação de sangue, porque a quantidade é maior.
> Eu: Mas por quê isso toda hora? O aluno daqui faz muito *check-up*, possuem maior cuidado com o corpo?
> Estagiário Lico: Não, geralmente fazem isso porque estão no ortomolecular para tomarem bomba, ou melhor, tratamento hormonal! Reposição hormonal pra todos é bom, desde as mulheres novinhas até os velhos bombados, estes então, coitados, precisam sempre mais de hormônio, hahaha! Aqui quase todos vão ao ortomolecular, geralmente tomam Oxandrolona, HMB, tribulus terrestris...aquele aluno ali está tomando uma cafeína personalizada pra ele, aqui eles só tomam remédio de manipulação.
>
> Estagiário Lico: Tô bolado de ter um treco! Tô sendo acompanhado por um ortomolecular, mas tô passando mal quando malho, não estou me adaptando aos produtos receitados pelo médico, sei que tá fazendo bem, mas tem algo de errado. Pelo menos cresci um pouco, não sou que nem ele ali, ele tem algum problema de miofibrila, o cara não hipertrofia, ele tem algum problema, ele tem que se consultar!

A ideia de "tomar bomba" significava "botar pra dentro" hormônios sem prescrição médica e, sobretudo, quando o aluno tinha sofrido algum efeito colateral "forte" indesejado. Em contrapartida, a noção de se "tratar com hormônios" se referia ao ato de se consultar com o médico para saber exatamente como poderiam se beneficiar dos "remédios", conhecidos como "anabolizantes". Essa tensão entre "tomar errado ou certo" era representada nas interações sociais cotidianas que ocorriam na musculação da academia de ginástica "G". Embora as discussões em torno das dosagens, de qual hormônio, da combinação dos "remédios", de suas funções e quando "tomar" pareciam fazer parte do dia a dia daquele público, percebia que a questão da "bomba" ser "personalizada" por um médico era um dos principais motivos de consumirem tais substâncias, uma vez que estariam "eliminando certos riscos à saúde devido a determinados efeitos colaterais". Passeando pelo *shopping center* e analisando as vitrines e os *folders* das farmácias de manipulação localizadas nas proximidades, o discurso recorrente para o cliente era que a "medicação era personalizada".

Alguns alunos faziam questão de caminhar pelo estabelecimento, sobretudo no setor da musculação, com as "sacolinhas" das inúmeras farmácias de manipulação situadas dentro do *shopping center*, demonstrando que parte das identidades ali eram construídas a partir da visibilidade de certo capital corporal e econômico (BOURDIEU, 1983). As práticas corporais e outros usos do corpo, nesse caso, reproduziam, em parte, o *status* dos alunos da musculação da academia de ginástica "G" na medida em que o "valor" ali era extremamente

hipervalorizado. Com o tempo, soube que a própria academia de ginástica "G" indicava apenas um "doutor" para os alunos interessados em "reposição hormonal". Quando eu conversava com os profissionais e com os alunos no setor da musculação, tais sujeitos "sempre" citavam o nome do mesmo médico. Conheci um dos estagiários de Educação Física do turno da manhã que trabalhava também no consultório do "famoso" doutor à tarde, o que me contribuiu substancialmente para apreender esse "tomar" hormônios naquele espaço; em muitas ocasiões, parecia que ele era uma principal "ponte" entre o público, os professores e os alunos da academia de ginástica "G" e o consultório que ficava localizado próximo ao *shopping center*.

Durante o trabalho de campo, cada vez mais que eu me aproximava do estagiário supracitado, o ajudando, inclusive, nas suas perspectivas de mercado de trabalho e da carreira em si. Enquanto eu comentava sobre a minha trajetória profissional e "coisas da musculação", o mesmo me fornecia dados interessantes acerca do consultório ortomolecular onde ele trabalhava. A minha indagação inicial era compreender a dimensão dos interesses dos alunos da academia de ginástica "G" em fazerem a tal "reposição hormonal" para tornar seus corpos no "limite" e as possíveis relações com os tais riscos à saúde, o que me fazia, por vezes, conversar com o tal estagiário:

> Estagiário Gessé: Alan, quanto tempo! Não te vi mais no meu horário! Aí, já comecei a fazer o tratamento com hormônios, lá mesmo onde trabalho.
> Eu: Sério? Bem que eu vi algo diferente em você, tá mais inchado, mas com algumas espinhas também, né?
> Estagiário Gessé: Faz parte, tudo controlado!
> Eu: E o pessoal daqui? Indo muito lá? Pô, a galera fala tão bem de lá, até pensei em ver isso porque tava muito cansado, mas fiquei vendo se essas coisas de ginseng, esses efervescentes dariam certo comigo!
> Estagiário Gessé: Olha, essas coisas não servem de nada! Desde que eu comecei a trabalhar lá, mudei muito a minha opinião, mas hoje ainda muita gente tem medo de reposição hormonal. Cinquenta porcento não tomam por medo ou desconhecimento dos efeitos, usam remédios naturais, esses *shakes* emagrecedores, que não fazem efeito. Trinta porcento tomam sem saber, tomam de qualquer jeito, quando um fala que deu efeito, o outro vai lá e copia! Apenas vinte porcento tomam que nem eu, com médico, com período, com dosagens certas e associadas a dietas e ciclos corretos! Os muitos alunos daqui que são de lá do consultório não querem comprar produtos em mercado negro: primeiro, porque é difícil e segundo porque não sabem se o produto é falsificado. A consulta de GH é R$ 2000,00, mas vale a pena o custo e o benefício de tomar durateston de R$ 8,00 e decaduratestón de R$ 12,00 sem orientação.

Ao mesmo tempo em que eu percebia e os professores confirmavam que ali todos "tomavam tudo certinho" no sentido de seguirem as prescrições médicas elaboradas pelos especialistas do âmbito ortomolecular, via nas interações sociais cotidianas também que a "manipulação dita correta de hormônios" na musculação da academia de ginástica "G" não era tão fidedigna assim. Alguns alunos se apoderavam das receitas médicas com o intuito de

demonstrarem que estavam "bem orientados", mas que, por vezes, tentavam modificar o que estavam "tomando", sobretudo ao buscarem aumentar a dosagem do hormônio em prol da aparência ideal[450]. A ideia de pano de fundo dos alunos era "tomarem bomba" sem o risco de serem "presos", pois tinham a "receita em mãos", ou seja, eliminavam "por completo" a questão de serem considerados um *outsider* (BECKER, 2008), em termos legais e perante os grupos sociais dali. Além disso, presenciava conversas entre alguns alunos no sentido de que a "genética" deles "aguentava mais" do que o médico havia receitado, demonstrando uma forma de ressignificar os possíveis "riscos". Sobre esses casos, na interpretação de Crossley (2006), o "corpo" em academias de ginástica não é uma "tela em branco" em que os discursos biomédicos são projetados, pois as interações sociais ressignificam a racionalidade de seus usos.

O tal estagiário me contava que, "volta e meia", no consultório, onde ele atendia ao telefone e gerenciava o recebimento de *e-mails*, algumas farmácias questionavam possíveis "receitas alteradas para dosagens maiores" ("emendas grosseiras" modificando de dez para vinte miligramas, situações em que o carimbo do doutor foi falsificado, etc.) e "pedidos de alunos-pacientes" para aumentar a dosagem do "remédio". Este estagiário me relatava situações cotidianas do consultório relacionadas aos alunos da academia de ginástica "G" como, por exemplo, que "sempre" após a prescrição médica, alguns queriam "trocar o hormônio" ou "aumentar a quantidade", "argumentando que não estava fazendo efeito", isto é, longe de estarem no "limite" do corpo. Certa vez, ele também me relatou de que vinte alunos interessados no "tratamento", apenas cinco seguiam "corretamente" a prescrição médica e aproximadamente quinze queriam "modificar" a dosagem.

Aos poucos, percebia que essas situações de uma espécie de "automedicação"[451] demonstravam que o fato dos alunos da academia de ginástica "G" serem orientados por profissionais de saúde não significava, para eles, possíveis riscos à saúde, pois, no limite,

---

[450] Talvez, pensando no contexto socioeconômico e cultural da academia de ginástica "G" da Barra, a princípio, "mais seguro" dadas as condições dos alunos, era possível especular que "Quando os limites estão faltando, o jovem os procura na superfície de seu corpo, ele se joga simbolicamente (e não menos real) contra o mundo [...] corpo é a matéria para a identidade encontrar seu lugar na trama do mundo [...] Para compor finalmente o corpo com o ser, firmar a carne no mundo, é preciso testar seus limites físicos, colocá-los à prova para senti-los e controlá-los, a fim de conter o sentimento de identidade." (LE BRETON, 2012, p. 41).

[451] "Uso de medicamento sem a prescrição, orientação e ou acompanhamento do médico ou dentista." (BRASIL, 2004, p. 22). É preciso deixar claro que na academia de ginástica "G" essa ideia de "automedicação" prevalecia na medida em que todos ali fazem os tais "tratamentos hormonais" com os medicamentos, isto é, tal dado não estava atrelado exclusivamente ao meu "olhar" como profissional de saúde, mas sim como uma questão êmica. Como a pretensão deste trabalho não é entrar nesta seara de análise, ver Lopes (2001) e Fainzang (2006) que realizam algumas reflexões sociológicas sobre automedicação.

ainda estavam se cuidando à luz dos pressupostos técnico-científicos dos saberes biomédicos tão legitimados na sociedade. Na academia de ginástica "G", parecia haver uma ideia "naturalizada" de que fazer o uso de "hormônios", até mesmo alterando a prescrição médica, era imprescindível para quem gostaria de continuar com o treinamento nas práticas corporais ou até mesmo para um "bom funcionamento" do organismo ou da vida. Helman (1994) menciona que geralmente a automedicação ocorre em paralelo com aquilo que foi prescrito pelo profissional de saúde, fazendo, assim, "mais sentido" para o usuário. Do mesmo modo que, na academia de ginástica "P", "tomar bombas" sem prescrições médicas não significava que estavam em risco à saúde, afora em situações que estavam acometidos com certos efeitos colaterais de determinados anabolizantes ou, principalmente, quando os atrapalhavam na vida social em geral.

Diferente da ideia de que muitos alunos de academias de ginástica ignoram, negam ou desconhecem os efeitos do uso de anabolizantes, como alguns estudos alegam (ARAÚJO *et al*., 2002; BARLAND, 2005; SANTOS *et al*., 2006; AL-FALASI *et al*., 2008; ASSUNÇÃO; SANTOS, 2012; NOGUEIRA *et al*., 2013) e o que de certo modo tal premissa me direcionava até então como professor de Educação Física, ao longo do tempo, via que especificamente na academia de ginástica "P" isso não ocorria apenas pela suposta "falta de informação", por exemplo[452]. Durante o trabalho de campo, não me interessava somente se os "saberes" dos alunos estavam de acordo com o que as "orientações biomédicas" acerca do uso de anabolizantes apontavam. Eu notava que ali os alunos usavam as "bombas" mesmo conhecendo efetivamente suas indicações ou contraindicações, fato este visto de maneira semelhante em outras pesquisas (IRIART; ANDRADE, 2002; SABINO, 2004; IRIART *et al*., 2009; CHAVES, 2010; ALEXANDRINO, 2010; CECCHETTO *et al*., 2012).

Nesse contexto, tendo em vista que os sujeitos respondem diferentemente aos "conselhos ortodoxos da Saúde" (LUPTON, 2000), vale pensar que a racionalidade biomédica acerca dos possíveis efeitos colaterais dos anabolizantes em muitas ocasiões pode se distanciar, se ressignificar, se adaptar ou até mesmo coexistir junto às concepções de saúde dos alunos em academias de ginástica[453]. No contexto da academia de ginástica "P", notava

---

[452] Exemplarmente, Silva *et al*. (2011), sobre automedicação na adolescência, comentam que "É possível concluir que o conhecimento dos adolescentes sobre medicamentos e suas implicações na saúde é bastante incipiente e desprovido de qualquer noção básica sobre o uso racional deles." (p. 1651).

[453] Assim, discordo de Barland (2005) quando aponta que a circulação de "informações" sobre o usos de anabolizantes em academias de ginástica é baseado primordialmente em experiências individuais e não em estudos científicos, tornando uma espécie de conhecimento "esotérico" ou de "superstição".

que o convencimento, em grande parte do professor, de "alertar sobre determinados riscos" exercitado pelo campo da Saúde no sentido de "corrigir comportamentos" (LE BRETON, 2009), deveria ser relativizado quando o assunto eram as "bombas". Isso se justifica porque a exposição ou os manejos relativos aos "riscos à saúde" assumiam outras lógicas construídas cotidianamente durante as interações sociais. Em um sentido semelhante, sobre uso de drogas, Becker (2008) comenta que "Dadas essas primeiras experiências tipicamente assustadoras e desagradáveis, o iniciante não dará continuidade ao uso, a menos que a aprenda a redefinir as sensações como agradáveis [...]." (p. 62).

Assim, embora muitos alunos ali conhecessem alguns riscos à saúde presentes no ato de "tomar bomba", percebia que durante as interações sociais na academia de ginástica "P" eles avaliavam os "custos e benefícios"[454] de usar tais produtos, ressignificavam o que era usar anabolizantes ou ainda se pautavam em experiências positivas ou negativas de como se utilizar de tais produtos:

> Montanha: Alan, agora eu com esse remedinho via oral já perdi seis quilos.
> Eu: Perde músculo também?
> Montanha: Não, só gordura, seca! Tomar esses remedinhos só traz coisa boa pro corpo, tô bem melhor! Vou fazer dez minutinhos de corrida ali na esteira, porque só assim que o remedinho faz efeito, senão ele não funciona, tem que espalhar ele, Ô, guerreiro, chega aí, corre na esteira comigo aê!
> Eu: Se eu subir aí, passo vergonha, hahaha, você está mais forte do que eu!
> Montanha: É isso aí, quero ver! Cara, eu tinha cento e vinte quilos, agora estou com oitenta e seis, depois que comecei a tomar as paradas, mudou tudo, mais mulheres perdendo pra mim, trabalho, fama na favela, tudo mudou! Vou trazer umas fotos pra você ver como eu era.
>
> Sebastiana: Tava afim de tomar Winstrol, conhece? É bom?
> Eu: Dizem que isso seca!
> Sebastiana: Amiga minha tomou seis de quinze "ml", também vou tomar um pouquinho, a gordura de tudo seca, até dos culotes, queimou e ainda deixou durinho, nem faria mais exercício de bumbum.
> Regininha: Essa coisa é anabolizante, pode fazer mal, às vezes funciona num corpo, mas num outro não, eu não tomo, não tenho coragem.
> Eu: E isso é barato?
> Sebastiana: Não, R$ 200,00!
> Regininha: Que isso! Tá maluca, se fosse uns sessenta ou setenta até valeria a pena, mas duzentos nem pensar.
> Sebastiana: Eu sei que pode fazer mal, mas quero experimentar, nunca tomei nada pra emagrecer.
>
> Sheik: Aí, Alan, conhece o feitiço das oitenta e cinco picadas?
> Eu: Não tenho ideia do que seja!
> Sheik: Lá dentro, na favela, tem um cara que usa até jaleco, nem sei o que ele é, acho que não é médico não, ele fala que vai transformar a gente, o negócio age na hora. Você deita numa salinha bem apertada, tem até uma TV pra ficar assistindo e

[454] Le Breton (2009) menciona que "A influência do grupo sobre a decisão de se correr um risco tem sido objeto de inúmeros estudos contraditórios [...] As pesquisas mostram a tendência dos grupos a conformar-se com uma espécie de média das decisões, neutralizando, assim, as posições marginais." (p. 46).

> enquanto isso ele vai te picando, ele injeta e tira umas gorduras do seu corpo, onde ele pica a gordura sai. No abdominal, vai umas vinte e seis agulhadas, é rapidinho, parece aquela agulha chinesa, bem fininha, você nem sente dor, depois dessa parada, você tem que esperar uns trinta minutos de bunda pro alto e depois é só malhar e ver o resultado. Ele pica e começa a inchar o corpo, o resultado é na hora, dependendo do que você quer, custa de R$ 800,00 a R$ 2000,00.
> Eu: E você vai fazer quando?
> Sheik: Você vai me ver no carnaval!
> Eu: Vai fazer isso porque vai curtir o carnaval em algum lugar?
> Sheik: Eu trabalho e não gosto de ficar longe da academai, vou me picar e ficar por aqui mesmo. Ó, o Juan aqui preciso de cento e sessenta picadas, porque ele é mais fraco, hahaha.
> Juan: Isso é muita vontade de investir no corpo, muito dinheiro, tá maluco, isso é só pra quem gosta e vale à pena.
> Sheik: Eu tomo as bombas, mas quero investir em outras paradas, nunca aconteceu nada de ruim comigo por isso.
>
> Wilson: Vou tomar Winstrol, mas prefiro em cápsula porque é menos perigoso e age mais lento.
> Roberto: Tô ligado! O metidinho que malha aqui desmaiou e não conseguiu levantar ontem, tomou o veneno! Eu quero tomar um veneno porque parei de crescer, estagnei, quero só trinta e seis centímetros de braço.
> Eu: E com quanto você tá?
> Roberto: Não sei! Você acha que devo tomar injetável?
> Eu: Sei lá!
> Roberto: O foda é que já tenho espinha pra caralho e fode o fígado, né? Tô pensando em tomar!

Na musculação da academia de ginástica "P", entre os alunos, havia uma ideia de pensar em certo equilíbrio entre o que o uso dos anabolizantes podia trazer de benefícios para a vida deles e os possíveis riscos à saúde, fatos estes que, para eles, majoritariamente "sempre" estavam longe de acontecerem, isto é, "aconteciam problemas com os outros, mas nunca com eles". De certo modo, isto estava implicado na ideia de que quanto maior era a familiaridade social com os anabolizantes, maior era a redefinição dos riscos à saúde, tendência esta já discutida por Lopes (2001). Além disso, via também que o fato de se "acostumar" com os efeitos "indesejáveis" do uso das "bombas" facilitava a continuidade da utilização de tais substâncias. Desse modo, as dramatizações responsáveis pela construção das identidades dos potenciais ou dos próprios usuários de anabolizantes se modificavam de acordo com as interações sociais cotidianas.

Assim, longe da premissa de que os alunos da academia de ginástica "P" "tomavam" as tais "bombas" de forma indiscriminada e de modo "impensável", observava que o ato de "parar para pensar" se o uso de anabolizantes "valeria à pena" era uma situação rotineira naquele estabelecimento, isto é, fazia parte do ritual cotidiano. Embora Mattos (2013) tenha afirmado que "Os usuários de anabolizantes não levam em consideração os efeitos colaterais desses fármacos porque acreditam que os problemas acontecerão sempre com o outro." (p. 76), via que tal prerrogativa deveria ser relativizada a depender dos grupos e das interações

sociais que ocorrem em dadas circunstâncias no interior da academia de ginástica. Assim, tendo em vista a famosa frase "ser ou não ser, eis a questão", deparava-me com a seguinte indagação dos alunos: "tomar ou não tomar, eis a questão!", na medida em que compartilhavam certas crenças sobre o que era usar tais substâncias. Le Breton (2010) lembra que:

> Toda tomada de risco contém uma parte mais ou menos lúcida de vontade, de confiança em si que a distingue de uma cegueira pura e simples ou de uma vontade afirmada de morrer. Supõe uma avaliação dos recursos próprios daquele que se prepara a se lançar na ação, um cálculo da probabilidade de sucesso, mas se baseia também numa aposta que mistura de maneira confusa a habilidade do ator em semelhante situação e o sentimento que possui da sua "sorte". (p. 45)

Desse modo, mais do que uma iniciativa "individual", o "coletivo" de alunos da academia de ginástica "P" estabelecia relações "míticas" acerca do que aconteceria com o "ser" deles, ou seja, um possível corpo transformado em "futuro indefinido". Notava que as regras simbólicas propaladas pelos "mitos da musculação" representados por fisiculturistas de "sucesso" e aqueles "heróis do corpo hipertrofiado" vinculados à publicidade ou à mídia em geral tão cultuadas por praticantes de musculação (FRAGA, 2000; SABINO, 2004; FERREIRA *et al*., 2005) eram ressignificadas no interior da própria academia de ginástica "P" quando o assunto eram as "bombas". Se "todo mito", na concepção de Lévi-Strauss (1987), possui "significados", reparava que diariamente, os próprios alunos construíam "questões míticas" acerca do ato de "tomar bomba", pois, a todo instante, discutiam maneiras de pensar e de agir face a esses tipos de "botar pra dentro", os impulsionando para certos usos do corpo[455].

Por isso, especialmente na academia de ginástica "P", "bombar-se" não se "dava da noite para o dia", mas se construía ao longo do tempo, a depender das interações sociais e o que aquilo "traria em troca"[456] para a vida social dos sujeitos na medida em que havia tensões entre os supostos "relatos" referentes aos efeitos dos anabolizantes e a "realidade concreta" de seus usos. Desse modo, já que a "vida era dura" como considerada pelos alunos da CDD, "tomar bombas" naquelas interações sociais era uma possível chance de conseguirem "algo de

---

[455] No contexto do esporte, Garcia (2007) discute o "mito" no sentido de que geralmente tal noção a ser decifrada e responsável por fixar certas "normas para condutas" está colada à "linguagem do sagrado", engrandecendo atletas "personagens" ou "exemplos" que servem de referência para impulsionar determinado grupo social. Vaz (2005) menciona que "O esporte é, de qualquer forma, um modelo para a sociedade contemporânea, uma referência de sucesso, um exemplo do protagonismo do corpo e seu rendimento." (p. 25).

[456] Conforme Le Breton (2009), "Vivemos em uma sociedade em que se resolvem quimicamente as tensões pessoais mediante a ingestão de medicamentos." (p. 55).

bom”[457]. Le Breton (2009) menciona que “A falta de apoio faz com que se debata fisicamente contra o mundo em um busca de limites para poder enfim se situar, assumir seus limites, saber quem é.” (p. 34).

De modo interacionista e relacional (GOFFMAN, 2011), muitos alunos se baseavam em experiências positivas deles e dos outros para continuarem usando os anabolizantes, diferente do trabalho de Cecchetto *et al*. (2012) ao afirmar que o conhecimento sobre supostas experiências nefastas com o uso de anabolizantes parece não impedir os sujeitos de consumirem tais substâncias. Em termos gerais, questiona-se também a afirmativa de Carvalho e Luz (2009) em que “Os praticantes selecionam e decidem suas ações, orientados por resultados e efeitos esperados, mais pela eficácia do que pelos métodos.” (p. 321). Alguns poucos alunos, por exemplo, geralmente os mais velhos tanto de idade quanto naquele espaço da musculação, se utilizavam da premissa que o “tempo passava” e a necessidade de “tomar bomba” era inevitável na medida em que buscavam certo funcionamento ideal do corpo rumo ao “envelhecimento”, o que também caracterizava certa “desculpa de cunho biomédico”. Assim, é preciso relativizar que “[...] as condutas de risco ou os ataques ao corpo só duram um momento e são abandonados ao longo do tempo.” (LE BRETON, 2012, p. 42).

Independentemente dos argumentos utilizados pelos alunos para continuarem utilizando, de forma regular, os anabolizantes na academia de ginástica “P”, eu conseguia identificar que não adiantava apenas “tomar”, mas também “saber tomar” para se chegar aos “limites” corporais[458]. Isso era um dado extremamente relevante para o entendimento daquele espaço na medida em que aquele que detinha os saberes e os conhecimentos sobre como “tomar bombas” estava acima em uma espécie de hierarquia daqueles que “tomavam e não sabiam nada sobre os anabolizantes”. Em outras palavras, um “saber popular”, ligado ou não aos pressupostos biomédicos e científicos, compartilhado cotidianamente entre os sujeitos daquele estabelecimento se configurava como um “saber legítimo”[459]. Talvez, tal situação

---

[457] De modo semelhante, Sabino (2004) identificou em grupos de fisiculturistas que “[...] usar esteróides é parte de um ritual contínuo de construção identitária na qual arriscar a vida é fator de valorização da experiência e reconhecimento social.” (p. 99).

[458] No seu estudo sobre o corpo perfeito para usuários de um fórum virtual relacionado à musculação, Machado (2009) identificou também que não adiantava somente ter uma hipertrofia muscular volumosa, mas também um saber de como chegar a tal corpo.

[459] Acioli e Luz (2003) argumentam que “O saber prático ou sabedoria prática pode ser considerado como tal, não apenas por se referir a uma prática específica no sentido de ação, mas também por se referir aos sentidos, significados e valores provenientes de experiências incorporadas cotidianamente. Tendo como eixo o senso comum, a sabedoria prática se caracteriza por uma pluralidade e por uma não-compartimentalização do conhecimento, incorporando as permanências e os conflitos presentes na realidade social.” (p. 156).

também ocorria na medida em que o contato dos alunos com os profissionais de saúde eram inexistentes pelos altos custos que demandam esses tipos de serviços.

No entanto, esses saberes e conhecimentos tão propalados no interior do estabelecimento da CDD não possuíam relação somente com aspectos "cognitivos" ou "teóricos" ligados aos parâmetros técnico-científicos sobre como se aplicar, mas de cunho eminentemente derivados da "prática" de "tomar bomba". Isso significava para os alunos a ideia de que não era suficiente saber "tudo sobre bombas" se não sabia "na prática" todos os procedimentos para "injetar os anabolizantes". Nesse caso, via que, para os alunos, o "saber prático" estava no que o corpo aparentava, isto é, se o corpo era "grande" e/ou não sofria com os "efeitos colaterais" dos anabolizantes, este era um corpo bem aceito por todos ali na musculação. Em contrapartida, o corpo magro e/ou comprometido por algum efeito indesejável pelo o uso de anabolizantes não era bem visto pelos alunos. Assim, sob a ótica de Goffman (2008), o corpo "normal" ou "anormal" definiria, em parte, a autoridade ou não de se "falar de anabolizantes". Wacquant (2002) aponta também que o corpo possui um "saber". Tive a quase-certeza dessa ideia de "distinção" e de possíveis "riscos" no momento em que um dos alunos me desafiou dizendo o seguinte: "Se você está aqui para saber sobre as bombas que a gente utiliza, deixa essa porra de teoria e se engaja na prática, é assim que você vai aprender sobre os anabolizantes!".

No cotidiano da musculação da academia de ginástica "P", nem todos aqueles corpos "mais volumosos" eram idealizados pelos alunos que ali se exercitavam, pois apenas alguns tinham o "saber prático" do "tomar", ou seja, entre o "certo" e o "errado", somente os alunos que demonstravam no corpo o que sabiam fazer com ele eram realmente "exaltados". Isso gerava uma série de discussões e conflitos entre os alunos no sentido de saberem quem estava com a "razão" de como "tomar" corretamente os anabolizantes:

> Almir: No dia que tomei durateston, fiquei uma semana com o braço doendo.
> Eu: Por quê?
> Almir: Quem me aplicou, não sabia aplicar.
> Montanha: Tem que saber, são quatro dedos abaixo do ombro, tem que quebrar um pouco a agulha, ela é muito longa e pode chegar profundo no osso.
> Almir: Minha namorada é enfermeira, ela disse que agora é proibido tomar no braço, só na bunda.
> Montanha: Eu tomo desde pequeno no braço e nunca aconteceu nada comigo, já namorei uma médica que ficava falando dos riscos e tal, eu sei de todos os riscos, mas tô aí tomando e vou continuar, eu sei tomar!
> Almir: Ó, tô com duas ali na mochila e vou te dar escondido aqui, abaixa aqui!
> Montanha: Me dá aí que vou me aplicar no carro lá embaixo, nem me olha, vou colocar no bolso...já fui, olha a picada aqui, hahaha!
>
> Montanha: Ó, o bolinho de queijo aí!
> Sheik: Olha o bolinho de chuva, o cara tomou muito fermento e explodiu o braço! Cheio de cicatriz de bomba no braço, hahaha!

> Eu: Ele operou?
> Sheik: Não tá vendo? Ele malhava aqui, aquilo ali é cicatriz de bomba mal usada, quase perdeu o braço, não sabe tomar!
> Montanha: Não adianta só tomar, se beber álcool, cinquenta por cento vai embora, por isso parei de beber já há um tempo. Pra ficar assim que nem eu tem que ter foco, tem que sentir dor, tu tem que ter uma meta, um esforço mesmo, dedicação pura, não é só aplicar não, gordinho! Eu era que nem você, mas um dia você vai ser que nem eu, se quiser!
>
> Elielson: Parei de jogar, joguei até o carnaval, eu e a galera!
> Montanha: Eu sei disso, mas ninguém joga, quem toma mesmo é assim: você tá se aplicando, eu me aplico, eu me "ejeto", tô me aplicando, você tá aplicando, é isso, aprende a falar e a tomar, porra! Alan, você viu a reportagem no programa do Wagner Montes?
> Eu: Não, o que?
> Montanha: O cara morreu por causa dos anabolizantes.
> Eu: Por quê será?
> Montanha: Ele não sabia tomar! Às vezes, o pessoal quer misturar um monte de coisas e se dá mal!

Nesse caso, na musculação, presenciava outras diversas situações referentes a esse "saber prático" do "tomar bomba" em detalhes que demonstravam uma ideia ressignificada em que o recurso "visual" legitimava aquilo que estava acontecendo com o corpo no "limite". Por exemplo, a todo instante, discutiam a diferença entre o uso de anabolizante oral e injetável com a ideia de que enquanto o primeiro "iria direto para o fígado" o outro "já entrava direto no músculo". Afirmavam que preferiam "tomar" no braço à na "bunda" porque além do primeiro "fazer efeito direto onde queriam", não iriam expor uma região para alguém tão íntima e comprometedora em relação as suas masculinidades. Quando alguns alunos desejavam aumentar o volume de massa muscular das pernas, preferiam se aplicar em regiões mais próximas dos membros inferiores, porque, de certo modo, "estariam mais pertos e, portanto, daria mais efeito".

Essa tensão ou ruptura entre um "saber teórico" e um "saber prático" sobre o uso de anabolizantes interferiam nas relações entre os alunos usuários de "bombas" e os profissionais de Educação Física na academia de ginástica "P"[460]. Enquanto para estes alunos, os professores "não sabiam de nada porque estavam só com a teoria", para os profissionais, os frequentadores que consumiam os anabolizantes "não sabiam os efeitos deletérios do organismo". Assim, logicamente dentre outros motivos, a probabilidade de um professor de

---

[460] De modo semelhante, Sabino (2004) em seu estudo detectou que "[...] grande parte do conhecimento articulado pelos fisiculturistas e *personal trainers* é prático, ou seja, apreendido e produzido no cotidiano de tais instituições por intermédio da experimentação intuitiva ou por simples imitação. Assim, uma substância (remédio, suplemento ou alimento) ou variação de exercício que algum fisiculturista percebe ter funcionado no seu aprimoramento estético é repassado para todos aqueles que desejam alcançar tal aprimoramento." (p. 16). Por isso, professores de Educação Física e fisiculturistas disputam legitimidade sobre o corpo no espaço da musculação.

Educação Física, encarnado do lugar de autoridade de um profissional de saúde, conseguir êxito argumentando para o aluno o que "seria ruim para ele" era extremamente baixo, pois este sabia na "prática do corpo" o que era viável[461]. Já se o profissional fizesse o uso dos anabolizantes, alguns alunos o escutariam, pois ele sabia "no corpo" o que era "tomar bomba".

Essa relação de diferentes racionalidades entre professor de Educação Física e aluno se complexificava na medida em que tais sujeitos "trocavam informações" no setor da musculação. O fato do profissional, por vezes, perguntar algo "técnico" sobre os exercícios físicos ou pedir uma pequena ajuda para os usuários de anabolizantes eram condições fundamentais para estes se "sentirem superiores" àqueles que supervisionavam o local. Nessa suposta "inversão de saberes", quando o assunto era "tomar bomba", ficava claro ali quem entendia mais sobre o tema em questão era o aluno, isto é, a premissa de que a "teoria na prática era outra" se confirmava nas relações entre professores e alunos.

Sob a perspectiva de Schechner (2006), eu via que tal realidade de interações sociais ficava acentuada quando havia um público de alunos assistindo o profissional sendo ensinado ou ajudado por alguns alunos usuários de anabolizantes. Por isso, quando o professor de Educação Física da academia de ginástica "P" tentava intervir sobre o consumo de "bombas" no local, em muitas ocasiões, não "era ouvido". Inúmeros relatos de alunos vinham até mim no sentido de que como "alguém poderia orientar algo que não tinham o conhecimento no corpo", isto é, no palco da musculação, o professor "não possuía a *performance* de encenação tão almejada ali".

Em suma, os "saberes" sobre o uso de anabolizantes não estavam fora e nem na "cabeça" dos sujeitos, mas no "corpo físico"; em especial, em um "corpo físico grande e sem efeitos colaterais", diferente do perfil "magro" dos profissionais de Educação Física da academia de ginástica "P", embora isso não fosse uma constante. Chaves (2010) identificou em uma academia de ginástica de bairro popular que havia uma competição em receber informação de um "bombado" e de um professor sem muita hipertrofia muscular[462]. Ademais, ressalvo que poucos alunos "franzinos" eram reconhecidos naquele espaço da musculação no

---

[461] Sobre o uso de anabolizantes e o risco à saúde, Cecchetto *et al*. (2012) lembram que "Outras experiências de pesquisa também relatam as dificuldades encontradas pelos profissionais de saúde, por exemplo, em fazer com que a propagação dos efeitos nocivos/perigosos de determinada conduta se torne responsável pela mudança de hábitos sociais." (p. 373).

[462] Nessa direção, Palma e Assis (2005) argumentam que o profissional de Educação Física de academia de ginástica se "bomba" justamente para assumir, de modo estratégico, disciplinado e racional, certos *status* em intervir na sua profissão face aos fisiculturistas ou veteranos que frequentam tais estabelecimentos.

sentido de "saberem tomar bombas" apenas pelas "teorias dos efeitos", embora estes fossem convincentes em seus argumentos pelas suas experiências de outrora como ex-lutadores, ex-usuários, ex-esportistas, ex-fornecedores, etc.

Ainda sobre essa hipervalorização dos alunos de possuir um "saber prático" no que diz respeito a "tomar bombas" e seus "riscos", eram recorrentes as associações em usar anabolizantes e ficar ou não impotente sexualmente. Para alguns alunos, "saber tomar" também se referia ao fato de fazer o uso contínuo e intenso das "bombas" evitando qualquer queda de rendimento na *performance* sexual. Pelo fato desse grupo, constantemente ser zombado de "forte" em cima em uma referência a massa muscular dos membros superiores e região do peitoral, e "fraco" embaixo no sentido de ser "brocha", os alunos que "tomavam bombas" faziam questão de demonstrarem o quanto eram "bons na cama". Se por um lado os "bombados" argumentavam que tais produtos aumentavam a *performance* sexual, pois sabiam "tomar", por outro, os professores de Educação Física e os demais alunos caçoavam esse grupo no seguinte sentido: "E aí? Na hora de mostrar a representatividade para a mulher?", "São bombados e de pintos pequenos e moles!", "Vocês tomam o 'Paumolol', grandão em cima e molão embaixo!", "Vocês têm que ter força para levantar o que tá caído mesmo!", etc. Assim, nesse contexto, escutava de grande parte dos usuários de anabolizantes que se "aplicavam" e também usavam as "pílulas de ereção", confirmando a ideia de combinar diferentes substâncias, no caso, aqui compensatórias, de viver no "limite"[463].

Assim, ao longo do tempo, percebia que esse "conhecimento prático" perpassava por uma série de pensamentos e de práticas daqueles usuários de anabolizantes no sentido ressignificado de que "saber tomar bomba" em muitas ocasiões era melhor do que outros usos do corpo. Em muitas passagens, via que enquanto "tomar bomba" era "legal para o corpo e para a vida", outros comportamentos, para estes alunos, não eram considerados "saudáveis" ou vistos como condutas de "risco". De modo análogo, sobre o uso de certas drogas, sentia o que Becker (2008) comenta: "Racionalizações adicionais permitem ao usuário sugerir para si mesmo que os efeitos da droga, ao invés de nocivos, são de fato benéficos." (p. 81). De

---

[463] Em uma perspectiva de gênero, sobre a relação entre os anabolizantes e a impotência sexual, Separavich e Canesqui (2013) comentam que "Paradoxalmente, vê-se aumentar o número de jovens que utilizam drogas vasoativas orais (Cialis, Viagra, Levitra) para obter um desempenho sexual extra-humano, e esteroide anabólico para adquirir um corpo que se faz cada vez mais inatingível, colocando em risco suas vidas e saúde." (p. 422). Faro *et al*. (2013) discutem justamente que a biomedicalização das chamadas "novas drogas", como estas relacionadas à ereção peniana, redefinem a masculinidade na medida em que "novos corpos", aqui, no caso, cada vez mais "bombados" e "impotentes", podem ser "consertados" por tecnologias farmacológicas. A ereção peniana se associa simbolicamente à força e à potência da masculinidade, por isso, quando "falha" torna-se um dos maiores medos dos homens (GOMES *et al*., 2010).

acordo com Douglas (1991), cada grupo social pode classificar o que seria "puro" ou "impuro" para o corpo.

Exemplarmente, via alunos exaltando os seus usos de anabolizantes e criticando os outros por "fumarem maconha", porque fazia mal ao organismo e passava meses na academia de ginástica "sem crescer". Um aluno que disfarçadamente jogava fora no lixo uma latinha de refrigerante negando para todos que estava tomando tal líquido, mas dizendo que o importante era que, por outro lado, já tava com os "produtos" para aprimorar o corpo. Quando um aluno dizia que estava no estabelecimento pela "saúde" e pelo seu "bem-estar", um dos usuários de anabolizantes o criticava afirmando que também tinha "saúde" porque tinha "dois empregos, ficava horas em pé e se fodia pra caralho ganhando saúde, mesmo se aplicando!". Outro aluno costumava comentar que "passava fome" durante a noite e a madrugada para emagrecer porque já estava ficando "doente" de tanto "ter barriga" e para compensar usava os anabolizantes com o intuito de manter o peso corporal. Era comum escutar que o aluno tinha "cortado a bebida alcoólica", "evitado doces" ou "parado de jantar" e atualmente estava determinado e com o objetivo de fazer "crescer o corpo" com os anabolizantes, porque o resto fazia "mal para ele".

Já pensando no contexto da musculação da academia de ginástica "G" sobre o uso de anabolizantes, o interessante era notar que não eram somente os alunos que se preocupavam em fazer o tal "tratamento hormonal". Embora os argumentos e perspectivas fossem semelhantes aos alunos, os profissionais de Educação Física também alegavam que não "tomavam bomba", mas faziam "tratamento", sobretudo para ter uma maior visibilidade profissional, isto é, para Goffman (2002), maior desempenho no seu papel social de professor na musculação. Em algumas ocasiões, via que muitos dos professores "botavam pra dentro" os hormônios com uma relativa dificuldade financeira em manter o "tratamento" até o final e somente se interessavam pelos procedimentos médicos em dadas épocas que julgavam "potenciais" para conquistarem clientes para prestarem os serviços de *personal trainer*:

> Prof. Luiz: Tô tomando os produtos já!
> Prof. Gilmar: Fala sério, já? Só com uma alimentação saudável e o exercício já bastam, é só querer!
> Prof. Luiz: E eu faço isso!
> Prof. Gilmar: Você fala que faz isso apenas quando tá do lado do aluno, por fora, você só toma bomba, por isso tá gordinho um pouco!
> Prof. Luiz: Todo ser humano precisa de tecido adiposo, por isso que ainda tenho!
> Prof. Gilmar: Então, quem é o gordão? E o saudável? Ah! É o taxista que fica sentado no ar condicionado comendo coxinha? Fala sério! Alan, eu que vou juntar um pé de meia com os meus alunos de *personal* e vou colocar uma carcaça! Vou sondar umas reposições hormonais aí, vou gastar o dinheiro que eu vou ganhar, meto o corpo e depois só ganho!

> Prof. Luiz: Comprei pela *internet*, recebi durateston de quatrocentos e quarenta miligramas, muito pouco, eu queria mesmo de quinhentos e cinquenta a mil e quintos miligramas, mas mesmo assim vou manipular durante uma semana, vou fazendo aos poucos pra aproveitar mais.
> Ronalda: Na farmácia é mais barato que pela *internet*, eu acho, você consegue comprar mais também!
> Marcelão: Hoje em dia só tomo BCAA, estou há dois anos sem tomar bomba!
> Eu: Você se aplica ou isso é cápsula? Tô por fora!
> Prof. Luiz: Me aplico, porque eu já tô velho e, às vezes, cápsula faz até mais mal!
> Marcelão: Não vem com essa que é natural, porque não é, porque pode até ter efeitos muito piores!
> Ronalda: Tô quatro anos sem tomar bomba, na verdade, até tento, mas passo mal, o fígado não aguenta, até *whey*, qualquer suplemento o fígado tá rejeitando! Apelo para o silicone! Eu só tomo o hormônio do crescimento mesmo, GH, e não bomba!
> Marcelão: GH é bom porque é mais natural, o corpo já produz, então não tem problema, vai apenas dar uma aumentadinha, só mais um pouquinho!
> Prof. Luiz: Tem que ter cuidado com GH e também é mais caro também!
> Marcelão: Pô, na época que eu tomava Winstrol, barato, dei uma brochada legal!
>
> Eu: Tá se admirando no espelho?
> *Personal trainer* Bira: Tô mal do fígado, cara! Tô na merda! Muito Winstrol fazendo efeito no corpo!
> Prof. Luiz: Eu acabei de fazer o meu exame de sangue pra tomar uns produtos, será em cápsula, fiz mensuração dos hormônios T3 e T4, testosterona, hemograma completo, a porra toda.
> Eu: E como você vai tomar as paradas?
> Prof. Luiz: Tanto professor quanto aluno aqui toma alá foda-se, eu aprendia uma coisa com um biólogo que falou pra mim: "Toda droga pode ser usada, só tem que saber como manipular!". Então, tem que saber a dosagem, não pode ser uma hiperdosagem, tem tempo pra tomar, tem que saber o que está tomando. Tô precisando secar, tem nego que já quer começar com cinquenta miligramas, eu começo com dez miligramas, dosagem de mulher, fraquinho, não sou que nem o Bira que toma de qualquer jeito.
> *Personal trainer* Bira: Olha o meu percentual de gordura!
> Eu: E aí? Quanto?
> *Personal trainer* Bira: Três, não, quatro! Eu só não posso ficar roliço que nem o Luiz!
> Prof. Luiz: Eu sei quem fez a sua avaliação e não esse percentual não!

Assim, o corpo do professor de Educação Física deveria ser mantido também com os anabolizantes no sentido de se posicionarem "bem" no mercado de trabalho em geral, independentemente de possíveis relações com o "tratamento" evitando certos riscos à saúde. Quanto mais o corpo fosse "bombado", teoricamente, maior seria o "poder de venda", haja vista que o "visual dizia tudo" nas interações sociais – leia-se de "comércio do corpo no 'limite'. A aparência corporal do professor potencializada pelos anabolizantes era compreendida pelos alunos entre um misto de um exemplo de competência de "saúde" ou de "estética", na medida em que este "tomar" agregava valor ao seu serviço. Via, portanto, que os professores de Educação Física estavam reproduzindo a "lógica capitalista" da "mais-valia" da força produtiva de trabalho no próprio corpo para atender a demanda da empresa – leia-se academia de ginástica "G". Em outras palavras, o seu próprio corpo era uma "mercadoria" a ser "publicizada", uma identidade de *performance* a ser "vendida".

Em muitas oportunidades, quando alegavam que estavam fazendo aos tais "tratamentos", escutava e via professores que propositalmente vestiam roupas largas em virtude de manterem uma "surpresa" para seus clientes de como estavam seus corpos no "limite". Do mesmo modo, eu via que quando tinham perdido massa muscular, ou como todos ali falavam, "churriaram", tendiam a "esconder o corpo" durante o trabalho até que pudessem "manipular os hormônios" novamente em vistas de retornarem ao "corpo dito ideal". Iriart *et al*. (2009) identificaram também tal fato: "Um *personal trainer* justificou o uso de anabolizantes afirmando que necessita possuir um corpo musculoso e definido, pois assim consegue aumentar o número de alunos interessados em realizar aula particular. O seu corpo funcionaria como um espelho, refletindo o modelo de corpo no qual o aluno se inspiraria na busca de seus objetivos." (p. 780).

Em termos gerais, enquanto os alunos estavam "repondo hormônios" no sentido da valorização do cuidado de si, mais precisamente face ao automonitoramento corporal e da suposta preocupação com os "riscos à saúde", os profissionais de Educação Física realizavam os "tratamentos" para poderem também e principalmente ter espaço na disputa de clientes potenciais de contratarem um *personal trainer*. Em outras palavras, na musculação, tanto os alunos quanto os professores investiam demasiadamente um capital financeiro no uso de anabolizantes, mas, de modo ressignificado, enquanto os primeiros angariariam lucros de um capital corporal relacionado aos "benefícios de estética ou de saúde", os segundos à própria "renda mensal". Le Breton (2009) menciona que "A hierarquia dos riscos difere de acordo com cada grupo social." (p. 22). Por vezes, sentia que havia certa "compensação" ou "controle" de riscos à saúde ali na musculação, pois, para alguns alunos, estavam "arriscando" a própria saúde em "nome da estética ou do bem-estar" e os professores em prol de "melhores condições financeiras".

Há indícios de alguns estudos que o professor de Educação Física, desde a sua formação, adota certos comportamentos corporais com a finalidade de trabalharem, que não necessariamente se alinham a uma perspectiva de saúde como forma de legitimar a sua atuação profissional, como o uso indiscriminado de anabolizantes (FRAGA, 2000; PALMA; ASSIS, 2005; ESPÍRITO-SANTO; MOURÃO, 2006; PALMA *et al*., 2007; GUIMARÃES FILHO *et al*., 2011). Além disso, ainda há outra possibilidade que diz respeito aos profissionais de Educação Física que se "automedicam" com os "hormônios" influenciados, em parte, pela sua área de formação – leia-se do campo da Saúde –, como Galato *et al*. (2012) investigaram em estudantes universitários de diferentes formações.

Questionava em que medida havia (ou como) essas representações de corpo do professor se configuravam nas interações sociais na academia de ginástica "G", uma vez que "Sob o domínio do conceito de *fitness*, os corpos em evidência exigem um profissional em evidência, saudável, belo, culto, expressivo na linguagem e na presença [...]" (CARMO JUNIOR *et al*., 2013, p. 253). Muitas vezes, o reconhecimento do trabalho do professor de academia de ginástica é derivado do número de alunos atraídos para suas aulas (LIMA, 2009). No entanto, pensava também que geralmente a representação de um "bom" profissional para o professor de Educação Física não é a mesma para os frequentadores de academia de ginástica (COELHO FILHO; VOTRE, 2010).

Assim, nas interações sociais cotidianas no espaço da musculação da academia de ginástica "G", a construção do próprio corpo à luz de um modelo vinculado ao binômio saúde-estética ainda parecia ser fundamental para intervir na profissão, caso contrário, sob a perspectiva de Goffman (2008), seria estigmatizado. O professor de Educação Física tendia a incorporar certo *habitus* socioprofissional de um modelo performático de "parâmetro de competência" com as práticas corporais. Nesse sentido, o professor deveria ser visto como um profissional em constantes adaptações de acordo com as relações com seus alunos e com os ideais de "corpo saudável e/ou belo" à luz destes usos de "hormônios". Fonseca *et al*. (2009) afirmam que "[...] A cada situação vivenciada, o profissional constrói e reconstrói suas estratégias de ação [...] e nelas ele articula constantemente os conhecimentos formalizados incorporados em suas ações como elementos tácitos na constituição de sua intervenção." (p. 368). Destarte, a identidade profissional do professor pode ser considerada um processo contínuo que demanda um tempo para repensar modos de ser e de estar na profissão (NUNES, 2001; NÓVOA, 2007).

Embora os profissionais de Educação Física, em grande parte, omitissem sobre o uso de anabolizantes, era difícil, para mim no início, "acreditar" como conseguiam obter corpos no "limite" em tão pouco tempo com baixa sobrecarga de exercícios físicos sem tais produtos; principalmente quando estes "ganhos corporais" ocorriam em determinadas épocas como o período de final de ano e antes do carnaval, quando alegavam o "agito" dos interesses dos alunos pelo serviço de *personal trainer*, bem como quando alguém os "denunciavam". Ao longo do tempo, no setor da musculação, notava que alguns alunos também deixavam claro para os profissionais que sabiam que estavam "se aplicando", por vezes, os criticavam por isso como, por exemplo, "Aquele professor é gordinho porque todo produto que tomou centralizou no umbigo!", "Professor, você tá tomando umas 'duras', durateston! Vocês professores quando começam a rasgar as próprias camisas é porque estão ficando

envenados!", "Professor, tu quase não malha, só vem aqui pra conversar e continua desse tamanho? Você pode enganar os outros, mas nós alunos não!", "Professor, tô secando, tô correndo todos os dias e parei de tomar aquelas bombas que você toma!", etc.

Diferentemente da academia de ginástica "G", onde os profissionais podiam e deviam "tomar bombas", ou melhor, fazer "reposição hormonal", parte da elucidação sobre os porquês da pouca orientação dos professores de Educação Física da academia de ginástica "P" sobre o uso dos anabolizantes dos alunos se relacionava justamente com a questão do "saber prático" hipervalorizado naquele espaço. Assim, no ponto de vista dos alunos da academia de ginástica "P", pelo fato dos professores terem apenas "teoria" e eles, o que era suficiente, a "prática" do "tomar", havia uma desvalor da orientação desses profissionais. Além disso, grande parte do "corpo dos professores" não demonstrava que sabia "alguma coisa" sobre anabolizantes na medida em que a maioria possuía "corpos menos volumosos". Nesses casos, percebia que os professores de Educação Física se sentiam impotentes diante de uma série de situações sociais referentes ao ato de "tomar bombas", inclusive eu quando percorria o setor da musculação em dadas ocasiões:

> Eu: O que é aquilo no braço do cara?
> Prof. José: Bomba errada! Aquilo ali é um braço necrosado, está deformado não tá vendo? Ninguém me escuta aqui, eu falo e o pessoal continuar tomando!
>
> Prof. José: Aquele aluno disse pra mim que ia tomar bomba e ADE local, tipo um óleo.
> Eu: E aí? O que você falou?
> Prof. José: Ele disse que não quer nem saber o que vou falar e eu disse: "Vai com fé!". Alan, eu sou radicalmente contra bomba, os alunos não chegam mais pra perguntar pra mim, sabem que eu valorizo uma alimentação saudável e que o trabalho aqui dentro é de médio a longo prazo.
>
> Profª. Liza: Eles aqui querem *performance*, ganhar corpo mesmo, saúde é só velhinha. Teve um cara aqui que aplicou bomba sozinho, eu tive que falar com ele, mas ele me ignorou! Na quarta-feira, Sheik aplicou bomba no Montanha dentro do banheiro, fiquei extremamente chateada, aquilo foi uma falta de respeito com todos e a fiscalização?
> Eu: Isso ocorre?
> Profª. Liza: Já teve, vai pegar mal pra mim, é pra ele fazer fora da academia, não aqui dentro, eu não abordei ele porque fiquei sem ação quando ele ficou desfilando com a seringa na mão pela sala de musculação. Pensei em conversasr com ele depois em particular.

Via inúmeras situações de conversas entre os alunos sobre a questão de "tomar" os anabolizantes quando os profissionais de Educação Física estavam presentes ali no setor da musculação da academia de ginástica "P". Os alunos costumavam comentar que embora valorizassem uma "alimentação saudável" e uma "malhação regular" que eram importantes para obterem determinados efeitos positivos ao corpo, diziam também que, às vezes, testavam e experimentavam "coisas" para alcançarem outros "limites", mesmo sabendo dos "riscos".

Do mesmo modo que os professores não eram tão acionados pelos alunos no sentido de saberem o que era "tomar" tais produtos, os profissionais também raramente se posicionavam nas "conversas". Parte dos professores ficava "calado" escutando o que os alunos "tomavam" e quando eventualmente alguém perguntava, uma parcela dos profissionais dizia que preferia "não opinar sobre algo que não concordava". Após essas interações, os professores de Educação Física mencionavam para mim que achavam aquelas "atitudes" equivocadas, pois os alunos estavam "agredindo o próprio corpo". Por vezes, um dos professores da academia de ginástica "P" trabalhava com uma camisa de cor preta com o seguinte dizer em branco: "Antidopping", transparecendo uma forma de dialogar com (ou posicionar-se contra) aqueles alunos que faziam o uso regular de anabolizantes. Semelhante ao trabalho de Chaves (2010), para os profissionais de Educação Física, estes alunos estimulavam "maus hábitos para os alunos".

No caso da academia de ginástica "G", o fato dos profissionais de Educação Física tentarem obter lucros financeiros com o próprio corpo e com o consumo de anabolizantes podia também ser visto em uma espécie de "comércio de bombas" que acontecia "discretamente" no setor da musculação. Professores e alunos que se consultavam ou não com os médicos para receberem suas "receitas" também vendiam e compravam os anabolizantes entre si. Uma fala emblemática de um dos professores confirmava essa questão de "tomar" os produtos em um domínio público ou privado:

> Prof. Mauricio: A "pegação", os crimes, os anabolizantes são diferentes aqui na Barra e onde trabalhei em uma academia mais simples em Realengo: na Barra, é mais luxo, na classe, enrustido, escondido...os alunos, por terem dinheiro, entram num nutricionista e ortomolecular, pegam receitas e se aplicam alá caralho. Já em Realengo, a galera não tem grana, daí se aplicam no banheiro mesmo, geral sabendo, com braço com necrose e por aí vai!

A todo instante que gostariam de "trocar informações" ou "negociar produtos", evitavam o espaço da musculação ou o próprio interior do estabelecimento, fazendo com que esporadicamente eu visse professores e alunos se dirigindo a garagem subterrânea do *shopping center* em duas ou mais pessoas antes, durante e após o treino. Em inúmeras vezes, quando não escutava uma pessoa dizendo que "seu produto está lá no carro, hein?", presenciava alguém, professor ou aluno, perguntando "se já tinha a parada ou o produto" e obtinha a clássica resposta que "estava lá no ou na mala do carro"; um dia, ao escutar esse tipo de pergunta/resposta, escutei um professor dizendo para o outro "cala a boca e fala mais baixo!". Arriscava-me especular que a compra e a venda de anabolizantes no "interior", ou melhor, "fora" do estabelecimento, era acompanhada também de outros tipos de substâncias como, as drogas ilícitas, como, por vezes, escutava.

Ainda sobre essa compra e venda de anabolizantes, alguns professores tinham a concepção de que se o "resultado corporal" do seu aluno fosse alcançado, o mesmo poderia ser utilizado de "chamariz" para novos clientes de *personal trainer* no espaço da musculação da academia de ginástica "G"[464]. Assim, estimular os seus alunos a aumentarem o "volume de seus corpos" o quanto possível e em menor tempo por meio das "bombas", ou melhor, com os argumentos dos "tratamentos" contra certos "riscos", seria um "ganho de mão dupla", na medida em que o cliente estaria satisfeito consigo e a competência do profissional estaria legitimada para todos ali na musculação. Ao construir um "corpo bombado" de si e dos seus alunos no "limite", o professor de Educação Física afirmava "visualmente" a sua competência profissional em lidar com as práticas corporais.

Ao longo do tempo, por vezes, durante algumas semanas no setor da musculação, acompanhava certos alunos dos professores de Educação Física que mais comercializavam os anabolizantes enquanto trabalhavam como *personal trainer* e notava que seus clientes começavam "ganhar corpo" abruptamente e também espinhas, dores abdominais recorrentes, relatos sobre irregularidade nos treinos devido a idas ao médico, etc. Um dos casos relatados pelo estagiário que trabalhava no consultório ortomolecular confirmava essa interferência do professor em estimular o uso de "hormônios": "Um dia, o doutor de lá prescreveu Androxolona pra uma mulher e ela perguntou se podia começar a usar GH, pois o *personal* dela tinha dito que era bom e a indicou fortemente.". O próprio estagiário que atuava no setor da musculação da academia de ginástica "G" sugeria o "tratamento hormonal":

> Fabricio: Gostei da ideia do investimento, agora tô pensando!
> Estagiário Gessé: É cara, vai pensando, é um investimento, vale a pena, é só conversar com ele, o ortomolecular de lá! A consulta dele é rápida e cara, mas depois ele acompanha você bastante!
> Fabricio: Na última vez que fui num "orto", o remédio custou R$ 500,00, R$ 300 era um composto de vitaminas, mas eu não queria nada daquilo, eu só queria um remédio para emagrecer e um para a pele, mas o cara me passou vitamina!
> Estagiário Gessé: Então, como este "orto" você vai conversando com ele, daí você consegue tudo, tudo é a base do diálogo!
> Fabricio: Outro dia também fiz avaliação nutricional, eu tinha que gastar mil e duzentas calorias e só comer oitocentas, impossível!
> Estagiário Gessé: Então, esse "orto" também indica dieta, é bem chato, tem que comer de duas a três horas!
> Fabricio: Não tem problema, cozinha é comigo! Pô, eu já perdi trinta e quatro quilos, mas ganhei pouca massa muscular.
> Estagiário Gessé: Lá, se você ganhar massa muscular, aumenta o seu metabolismo também!

---

[464] Al-Falasi *et al*. (2008) identificaram também em academias de ginástica dos Emirados Árabes Unidos que os profissionais tinham um papel dúbio na medida em que desejavam melhorar as suas "reputações" como treinadores utilizando anabolizantes no sentido de "potencializarem os corpos" dos alunos.

Por outro lado, poucos eram os profissionais de Educação Física que iam de encontro ao consumo de anabolizantes. Tais professores alegavam que "aquilo não era tratamento hormonal" e as "bombas" mudavam o "visual" da pessoa "por fora", mas "por dentro", não sabiam o que poderiam ocorrer com os alunos. Além disso, esses profissionais argumentavam que não indicavam "remédios para nada" porque depois iriam dizer que estavam "receitando", ou ainda, que se acontecesse algo, quem ficariam "queimados" no mercado de trabalho seriam eles por estarem orientando "coisas" que não competiam a sua habilitação profissional restrita a suas orientações na musculação. Tais professores de Educação Física, por vezes, também eram relegados por alguns alunos durante as interações sociais pelo fato de não compartilharem do processo de "tratamento hormonal".

Já no interior da academia de ginástica "P", de forma menos explícita em relação à circulação de venda de suplementos alimentares, havia também certo "comércio" de anabolizantes. Neste estabelecimento, quando comparado à academia de ginástica "G", via que a comercialização de tais produtos era mais explícita para todos ali, sobretudo no setor da musculação. Rotineiramente, tanto os professores quanto os alunos participavam das "negociações" de tais produtos para obterem alguns lucros financeiros. Podia perceber que a intenção de compra e de venda de anabolizantes partia mais dos interesses dos alunos do que propriamente dos professores.

Contudo, sentia que a minha presença no local, em muitas ocasiões principalmente no início do trabalho de campo, inibia ou interrompia o "comércio" haja vista que era considerado um ato "ilícito" por todos e eu poderia denunciá-los de alguma maneira a qualquer momento, bem como o fato de "esconderem" as estratégias que se muniam para se chegar aos "limites" corporais. Confirmava tal situação quando me perguntavam em uma conversa, fora do teor da mesma, quais dias que eu frequentava o local ou quando eu voltaria à academia de ginástica "P" naquela semana. Reparava que quando um aluno perguntava para o outro na minha presença se "já tinha a parada", costumavam desconversar, se retirar do local temporariamente ou responder que "amanhã" ou "depois" se falariam "melhor". A minha presença os incomodava notoriamente quando eu chegava ao estabelecimento em dias ou horários que eu não costumava frequentar os "pegando em flagrante", como encontros agendados para mostrarem os diversos produtos, etc.

Como na academia de ginástica "P" não havia rouparia para guardar os pertences dos alunos, estes costumavam entrar no espaço da musculação com suas bolsas e mochilas. Reparava que existiam alunos que penduravam seus pertences em "ganchos" espalhados pelas paredes no sentido de terem mais "liberdade" para se exercitarem e outros ficavam a todo

instante com suas bolsas e mochilas, os deixando em cima dos aparelhos de musculação ou próximos de si no próprio chão. Geralmente, aqueles que transpareciam certa preocupação com o que tinha no interior da bolsa ou da mochila, não se afastando de tais pertences, possuíam diversos produtos, inclusive os anabolizantes, para comercializarem ou demonstrarem para o outro o que estavam "tomando" ou "vendendo". A partir dessa minha impressão ou suspeita, quando eu tinha oportunidade, questionava, provocava e brincava com os alunos sobre o porquê de "tanto apego pela bolsa ou pela mochila", o que, de modo recorrente, me fazia descobrir os "produtos escondidos". Exemplarmente, eu dizia para os alunos que estavam ficando "grande" por causa da "mochila", o que certa vez um me respondeu da seguinte forma: "nem abre porque senão você vai encontrar os produtos", o que confirmei quando o mesmo me mostrou o que tinha ali.

Durante essas interações sociais, inspirado nos trabalhos de Whyte (2005) e de Becker (2008), confesso que ficava extremamente inquieto sobre a origem e a comercialização daqueles inúmeros produtos, proibidos ou não no país[465]. Somente depois de alguns meses, identificava as vias e os esquemas de circulação das "bombas" do exterior para o interior da academia de ginástica "P", assim como, a distribuição de tais produtos para os alunos e para os professores ali na musculação. Para tentar desvelar esse "comércio" de anabolizantes, inúmeras dificuldades me apareceram, pois as "transações" eram realizadas de maneira "disfarçada" ou "sigilosa".

Era quase inexistente uma "iniciativa isolada" de algum aluno tentar vender os anabolizantes no interior do espaço da musculação da academia de ginástica "P". Notava que eram "sempre" os mesmos alunos responsáveis por serem os "fornecedores" dos anabolizantes. Tais alunos "fornecedores" embora comentassem que conseguiam comprar tais "produtos" "mais baratos" no "mercado negro" ou pela *internet*[466] para revenderem ali, identificava que havia outra via (talvez, a principal) de escoamento das "bombas": a do tráfico de drogas ou da rede de milicianos da CDD. Confirmava isso quando percebia que os alunos "fornecedores" possuíam aparentemente algum vínculo com os traficantes ou até mesmo com

---

[465] Em ambas as academias de ginástica, talvez de forma mais visível na academia de ginástica "G", percebia eventualmente esse fluxo de importação. Embora exista a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) que se responsabiliza pela inspeção e controle de produtos e serviços de interesse para a saúde, restringindo o que pode ser comercializado no Brasil (PAIM, 2009), identificava a circulação de algumas substâncias "proibidas" nas salas de musculação.

[466] Como via de aquisição de tais produtos, o mercado negro e a *internet* também foram ressaltados e discutidos brevemente por outros autores (FRAGA, 2000; MACHADO, 2009; NOGUEIRA *et al*., 2013).

a rede de milicianos da região[467]. Um dos alunos me contava que os "fornecedores" conseguiam as "bombas" com os "caras lá de dentro", mas que eu não podia contar para ninguém senão ele iria morrer. Outros alunos preferiam não me contar com medo de que algo de "ruim" pudesse acontecer com eles, porque a "galera do movimento" estava envolvida e presente, por vezes, naquele momento no espaço da musculação. Contudo, a princípio, tal situação não me inibia de querer conhecer mais sobre esse "comércio" de anabolizantes. Aos poucos, buscando certa "intimidade" com os alunos "fornecedores", mesmo sabendo que talvez eu estivesse me "arriscando por saber demais", perguntava para eles como "conseguiam tanta coisa assim":

> Eu: Aí, os frangos te enchem o saco com esse negócio de produto, cara? Porra, toda hora vem perguntar!
> Sheik: Perturbam sim! Já tô bolado com alguns!
> Eu: Por quê?
> Sheik: Só querem consulta e não compram nada e quando têm o dinheiro, ficam chorando. Só uma galera aí que faz um dinheiro forte pra comprar, aí o negócio bomba literalmente, hahaha! Eles não sabem malhar direito e ainda querem bomba.
>
> Eu: Cara, como tu consegue saber de tanta coisa e arranjar as paradas assim? Tu tem receita?
> Montanha: Eu não preciso de receita para tirar os produtos da farmácia! Eu arranjo com os caras aí da favela, tem falsificado e original, tem de tudo, é tudo contrabandeado e eu vou repassando, entendeu?
>
> Darlan: Alan, desde os dezesseis anos eu vendo e tomo vários produtos, minha namorada também faz isso. Eu tive que parar um pouco porque a alfândega me parou. Hoje em dia é muita mídia e muita pressão em cima, os contatos, os consumidores estão malucos comigo porque querem tomar, mas tá difícil. Palhaçada proibirem certas coisas no Brasil, lá nos EUA tudo é liberado. Só pra você ver: em pouco tempo que tenho de academia aqui, geral me conhece pelas vendas, tenho que pegar no contrabando, no mercado negro com os caras daí de dentro.

Concluía que junto às drogas ilícitas como a maconha, a cocaína e o crack, os anabolizantes e as "pílulas de ereção" também faziam parte da "mercadoria" que era comercializada ali, o que me fazia repensar até onde eu podia investigar sobre essas estratégias de chegarem aos "limites" corporais. Quando os alunos me convidavam para "entrar na favela" para compartilhar alguma festa com eles, embora eu especulasse o que mais eu poderia encontrar acerca das "bombas", eu preferia me manter "distanciado" nesses casos no sentido de "preservar a minha integridade física". Em suma, "situações criminais" de fora do estabelecimento invadiam o contexto social da academia de ginástica "P".

---

[467] Se para Le Breton (2009) a "deliquência" é uma forma de "testar os próprios limites", na academia de ginástica "P", tal conotação de "limite" tinha sentido duplo na medida em que significava "ser ilegal" e "ser bombado".

Periodicamente, escutava por parte dos alunos "fornecedores" que a "mercadoria havia chegado" e estava na hora de "despachar" ali. Embora nunca tenha presenciado o escoamento de drogas ilícitas no local, suspeitava que para além da venda de "bombas", outras substâncias também eram distribuídas ali, como também desconfiava na academia de ginástica "G"[468]. Entre dois a quatro alunos faziam esse "papel" de liderança[469] no sentindo de certa "lavagem cerebral" em estimularem o consumo de anabolizantes para que todos ali ultrapassem os "limites" corporais no setor da musculação e que, por meio da consulta deles sobre como aplicar, ninguém estaria em "risco":

> Manoel: Alan, antigamente, todo dia eu tomava durateston, mas comecei a não crescer mais.
> Sheik: Hoje em dia a bomba é diferente, você não conhece as novidades de hoje, se quiser uma aula depois a gente troca uma ideia.
> Manoel: Pô, então quando puder eu vou falar com você, tô afim de comprar umas paradas contigo aê.
> Sheik: Já é! Depois a gente se fala!
>
> Sheik: Ah, você quer jogar na veia? Beleza, pra crescer é só assim mesmo! Deixa eu malhar aqui, vou ali e daqui a pouco passo aí...Porra, Alan, foda, eu tô malhando e a galera quer toda hora se aplicar, me ligam direto!
>
> Alex: Aí, Montanha, Alan, olha o dinheiro, hoje eu consigo os produtos! Só tenho que esperar o cara chegar mais tarde hoje!
> Montanha: É isso aí, agora você vai bombar! Às vezes, peço pra Deus pra eu não conseguir os produtos, mas não consigo, quando vejo, já tô com tudo de novo para despachar.
> Sheik: Tô partindo, galera, se quiser uma paradinha também é só falar. Só creatina não dá não, tem que tomar outra parada. Vamos marcar um dia aê daí já vou lançar a encomenda!
> Elielson: Meu irmão e eu estávamos jogando direto antes do carnaval, agora não mais!
> Montanha: Tá vendo ali, Alan? Geral tomou em Janeiro! Vendi pra geral ali!

Estes alunos "fornecedores" eram tão conhecidos e buscados pelos demais alunos da academia de ginástica "P" que eu presenciava uma série de situações no sentido de que eu também era um deles ou mantinha relações mais estreitas com tais sujeitos. O fato de eu não me exercitar no local e esporadicamente estar ao lado dos alunos "fornecedores" incitava a ideia de que eu também compartilhava daquele esquema de compra e de venda de anabolizantes. Diariamente, aqueles interessados em usar as "bombas" me perguntavam

---

[468] Sabino e Luz (2006) identificaram também que para além das "bombas", muitos desses usuários utilizavam outros tipos de drogas em diversos espaços sociais. Dunn (2009) afirma também que o fato de usar substâncias ilícitas propicia o uso de anabolizantes.

[469] Seguia a perspectiva metodológica observacional de Whyte (2005) sobre qual ele comenta que pode ser usada até os dias atuais: "Para determinar a liderança informal de um grupo, baseei-me na distinção crítica entre eventos-par (interações entre duas pessoas) e eventos-grupo (interação entre três ou mais pessoas). Ao observar eventos-par, descobri que nem sempre conseguia determinar quem era mais influente. Observando eventos-grupo, o padrão ficou claro." (p. 358).

"sempre" por esses alunos "fornecedores", querendo saber se já tinham vindo ou se ainda iriam chegar ao estabelecimento, bem como se eu poderia dar o número do celular deles ou se eu podia dar um "recado". Alguns destes interessados pelo consumo de anabolizantes chegavam até a academia de ginástica apenas para saberem onde estavam os "fornecedores" e alguns alunos somente iniciavam as rotinas de exercícios físicos quando estavam com os "produtos em mãos". Em dadas ocasiões, alguns alunos chegavam até mim já com o intuito de comprarem os "produtos" ou com falas no seguinte sentido: "Você que entende ou lida com os anabolizantes, me fale uma coisa...". Embora eu tentasse me "desprender" desse temporário lugar social que me imputavam naquele local, sentia que alguns alunos custavam a acreditar que eu não fazia parte do "esquema". Por vezes, os alunos insistiam para eu falar com quem eles poderiam comprar as "bombas". Uma das professoras do estabelecimento também fazia referência de que eu "tomava bomba", pois quando a encontrava a mesma não perdia a oportunidade de dizer: "Caraca, menino, seu braço é muito duro, o que você está tomando, hein?".

Um dado interessante era que os próprios "corpos" dos alunos "fornecedores" era uma espécie de "vitrine" para a venda das "bombas", pois faziam questão de "mostrarem" que a "aparência" deles, ideais de corpo tão desejados pelos alunos ali, era o resultado do uso de anabolizantes, logo, valia à pena "tomar bomba", como via com os professores da academia de ginástica "G". Nas interações sociais no setor da musculação da academia de ginástica "P", o "corpo bombado" era o principal artifício de quais os alunos "fornecedores" se utilizavam para convencer que determinado "produto" "fez isso com eles", isto é, de modo ressignificado, "era só olhar para ver o sucesso garantido"[470]. Tal realidade era confirmada pelos alunos "fornecedores" quando eu os questionava, embora também ressaltassem que "tinham que entender do negócio para explicar aos alunos". Bourdieu (1983b) ajuda a entender este fato ao discutir a importância da posição do capital linguístico e corporal nas relações que representam as estruturas sociais as quais são engendradas.

Alguns destes alunos "fornecedores", vistos como "marombeiros" naquele local, conhecidos também como os mais experientes, avançados ou veteranos, somente davam mais "atenção" ou eram "gentis" com os novatos quando o interesse era iniciá-los ao uso de

---

[470] Tal fato também foi discutido por Barland (2005).

anabolizantes[471]. Ao mesmo tempo em que estes alunos "fornecedores" mantinham os seus lugares naquele espaço como "superiores" aos outros, desciam também naquela espécie de "hierarquia" para explicarem aos novatos o quão importante era usar as "bombas", pois "somente" dessa forma conseguiriam os "grandes resultados" no "limite". Tendo em vista a ideia de Becker (2008) que, muitas vezes, as "regras" são suspensas para beneficiar os próprios grupos, e de Turner (1974) sobre os rituais de iniciação, via que os "fornecedores" somente se dirigiam aparentemente de forma simétrica e se restringiam aos assuntos de anabolizante aos "novatos inferiores" quando o interesse era o "lucro das vendas".

Um dos professores chegava a me relatar que esses alunos "fornecedores" faziam com que os "mais novos" sentissem a necessidade de "tomar" para poderem vender os "produtos", caso contrário a "malhação não adiantaria de nada". Assim, a estratégia dos alunos "fornecedores" de tornar público a todos que determinado anabolizante está fazendo um efeito "positivo" ao corpo deles era indiscutível na medida em que todos ali na musculação conseguiriam visualizar tal feito:

> Alcides: Aí, Josivaldo tava cheio de pus no braço, o braço dele inchou, culpa do Sheik com seus produtos de má qualidade!
> Sheik: Eu vendo, se ele não sabe usar, se tomou, ou não sabe aplicar é problema dele! Ele ali sabe que o meu é de qualidade. Eu vendo de tudo, se quiser óleo, eu vendo, se quiser comida, eu vendo, o negócio é o dinheiro! Quando você chegar no meu corpo a gente discute, eu sei a qualidade do meu produto!
> Alcides: Essa sua bomba tem coca-cola, maisena, banana, açaí, café, tudo misturado!
>
> Montanha: Você tem que ter um objetivo na vida! Se você se aplicar, pum, acabou! Você já vai conseguir na hora! Eu era gordo pra caralho, só usava roupa larga, hoje eu posso dizer que eu sou feliz, é tipo: porra, consegui! Onde chego me olham, parece que voltei a viver, hoje eu tô mais vivo, muda tudo! Agora eu sou assim!
>
> Montanha: Aí, galera, já larguei hoje, agora é só bombar aqui! Aí, novinho, é rápido pra ficar que nem eu! Tô com a receita mágica aí! Tomei na quinta e já inchei na segunda, de noventa e seis quilos passei pra cento e dois.

Era interessante notar aqueles mesmos alunos que a todo instante cultuavam a "malhação pesada" sem "descanso", no sentido de manterem as estafas elevadas e contínuas, interrompiam ou realizavam pausas longas em sua rotina de exercícios físicos apenas quando o assunto era "tomar bomba". Eventualmente, estes alunos atendiam e ficavam no celular por vários minutos realizando a "compra" de determinada "bomba". Era rotineira a situação de quando alguns alunos "fornecedores" chegavam ao estabelecimento, um grupo de usuários de

---

[471] Sabino (2004) identificou que geralmente os fisiculturistas "Possuem um conhecimento efetivo (capital de competência) de como produzir um corpo musculoso e, em geral, são os que vendem anabolizantes nas academias." (p. 83).

anabolizantes ia até eles e, por vezes, todos saiam da academia de ginástica "P" temporariamente para negociarem os produtos. Em algumas ocasiões, eu observava que os consumidores de anabolizantes não retornavam ao local ou iam apenas para o estabelecimento com o intuito de conseguirem os "produtos". Tal situação supracitada me demonstrava que o consumo de anabolizantes para alguns alunos era um pré-requisito essencial para se engajar nas práticas corporais na musculação. Isso significava que "valeria mais a pena malhar" os corpos no "limite" a partir dos efeitos anabólicos das "bombas" do que sem estes "produtos".

Alguns professores de Educação Física também faziam parte desse comércio de anabolizantes que ocorria no interior da academia de ginástica "P"[472]. Embora eu já tivesse lido alguns trabalhos acadêmicos ou notícias em jornais de grande circulação e escutado de alguns "ex-colegas de trabalho" sobre essa realidade de compra e de venda de anabolizantes envolvendo os profissionais de Educação Física, nunca tinha presenciado tal situação. Havia alunos que me abordavam perguntando onde estava o "professor do horário" pelo fato destes terem prometido levar ou negociar os anabolizantes naquele dia. Eventualmente, na musculação, observava os alunos perguntando para os professores quando chegaria a "mercadoria", pois já estavam querendo "se aplicar". Às vezes, escutava do professor que "lá fora", no término do expediente do trabalho, daria os produtos para os alunos, ou ainda, durante o cotidiano, ficava perguntando para os alunos se determinando anabolizante "já estava surtindo efeito", como uma maneira de legitimar a "boa compra". Estes profissionais ao mesmo tempo em que orientavam os seus alunos, sugeriam para estes o consumo de anabolizantes com o argumento de que o tal resultado corporal desejado viria "maior" e de modo mais "rápido"; caso quisessem, era só "falar com eles", igualmente visto com os "fornecedores":

> Prof. Cobra: Chega aqui pro canto!
> Malu: Aqui ó, peguei exatamente como você tinha pedido! Não era isso que você queria? Se eu falasse que era doença, você não arranjaria esses produtos.
> Prof. Cobra: Não tô conseguindo ler a letra do médico, mas tá bom! Com isso aqui vou vender as paradas, que bom ter uma parceria com uma enfermeira assim dedicada nos treinos!
>
> Alex: Vou fazer o que tu me indicou, vou tomar a Winstrol e o *whey*, *whey* é pra ganhar músculo e com o outro eu vou secar, crescer sem inchar, mas todo

---

[472] Martins e Altmann (2007) afirmam que "Os esteróides são normalmente adquiridos dentro das academias de ginástica, sendo, muitas vezes, o próprio instrutor quem estimula o aluno a consumir essas substâncias a fim de que se obtenha um melhor resultado." (p. 33). Araújo *et al*. (2002) identificaram que "Quando se questionou sobre quem orientou o uso dos produtos (suplementos e anabolizantes), as informações foram diversas, sendo que os suplementos foram, na maioria, indicados por nutricionistas ou professores/instrutores, enquanto que o uso de anabolizantes foi orientado especialmente pelo professor/instrutor das academias e amigos." (p. 16).

> desenhado, todo riscado, feião crescer grandão sem definição, parece que é um gordo ou um ex-gordo forte.
> Estagiário Alisson: Assim, você vai crescer sem gordura e sem barriga, experimenta...Alan, a galera se encontra em casa para se aplicar, até eu faço isso, mas teve um dia desisti de tomar óleo local, pode causar pus e até perder o braço. A galera vai em domicílio, vende e aplica, marca dia e horário até!
> Alex: Alan, esse professor aí toma bomba e agora a mulher dele também, mas não fala que eu te falei isso não, eu brinco com ele de família bomba. Amanhã, eu vou vender uns venenos pra ele, tomei muito e não quero mais por enquanto!
>
> Estagiário Alisson: O que que é isso na sua mão? Pasta de dente?
> Eu: São os produtos, hahaha...sou esperto e coloco tudo dentro das caixinhas.
> Estagiário Alisson: hahaha...tu é esperto, tenho que fazer que nem você, vou começar a esconder os meus produtos de venda em caixinhas de pasta de dente também, hahaha. Dá uma treta vender isso! Um dia dei anabolizante para um mecânico pra ele consertar o meu carro! Eu passo anabolizante pra geral!
> Fábio: Alisson, me dá as paradas aí!
> Estagiário Alisson: Amor, pega a bolsa pra mim ali e dá pra ele, mas não aqui em cima, lá embaixo porra! Fábio, depois eu te dou mais remedinho! Alan, chega aqui, só tô passando os venenos pra galera aí, sem problema tu saber!

Quando, por alguma necessidade ou interesse, não havia a possibilidade de "tomarem" ou "negociarem" os anabolizantes em suas residências, o próprio espaço da academia de ginástica "P" era usado como um local de "aplicação" ou "transação" das "bombas" entre professores em alunos, alunos em alunos e, em menor grau, alunos em professores. Contudo, parecia que elegiam o banheiro situado na musculação como o local apropriado para aplicarem os anabolizantes como uma forma de "esconder o ato em si", mesmo que todos soubessem o que duas pessoas estavam fazendo lá dentro. Raramente, a escada "mal iluminada" servia de local para se aplicarem na medida em que havia certa circulação de pessoas por ali. Embora o banheiro fosse extremamente "apertado" pelas suas estreitas dimensões, observava e sabia quem entrava lá para "tomar" os produtos que, na maioria das vezes, "trocavam" as seringas, isto é, "eu aplico em você primeiro, depois você aplica em mim!".

Das vezes que presenciava tal fato supramencionado, notava que saíam em "êxtase" dali, como se o "produto" injetável já estivesse "agindo ali na hora". Em algumas ocasiões, por causa desse suposto "estímulo químico", se direcionavam diretamente aos aparelhos de musculação para se exercitarem no "limite". Parecia que o uso dos anabolizantes assumia uma forma de "placebo"[473], pois parecia que apenas em alguns segundos estavam se sentindo "bombados". Levando em consideração que o "placebo" pode ser visto como o ato de

---

[473] Le Breton (1999) traz a relação entre o "efeito placebo" e a "eficácia simbólica" de Lévi-Strauss (1996). Em um breve ensaio, Mattos (2013) discorre sobre o "efeito placebo" do âmbito médico ao socioantropológico para pensar nos usos de suplementos alimentares.

interpretar o efeito total da “droga” sem (ou quase sem) a presença da mesma e funciona principalmente se houver um ambiente “cultural” propício para tal sensação (HELMAN, 1994), eu observava que “malhar” se “aplicando” era o momento de clímax do “limite” dos alunos da academia de ginástica “P”.

Certa vez, o funcionário do estabelecimento da academia de ginástica “P” me disse que tinha que ficar monitorando as lixeiras dos banheiros, principalmente, sexta-feira à noite, pois antes de “curtirem” o fim de semana, se aplicavam “ali mesmo”, deixando as seringas espalhadas pelo local, igualmente visto no trabalho de Chaves (2010). Tal dado se coadunava com a noção de que o “tomar bomba” (por exemplo, na sexta-feira) apenas “fazia parte de” ou “se tornava como” uma preparação para outros usos do corpo que aconteceriam durante o final de semana. Comparado aos usos de suplementos alimentares e os efeitos ditos “agudos” ao exercício físico, eu sentia que os “anabolizantes” despontavam como uma espécie de “energia” particular devido à “força” ou à “qualidade” de sua significação em que os grupos sociais atribuíam especialmente a tal substância quando estavam em interações sociais.

Portanto, para finalizar, embora os usos de suplementos alimentares e de anabolizantes pudessem ser visto no espaço da musculação das academias de ginástica “P” e “G”, percebia que os sentidos e os significados atribuídos a essas estratégias de “botar pra dentro” do corpo eram relativamente diferentes entre os professores e os alunos dos contextos analisados. Além disso, os usos de suplementos alimentares e de anabolizantes face aos corpos no “limite” possuíam múltiplas concepções de riscos à saúde a depender das interações dos grupos sociais entre ou no interior do mesmo estabelecimento. De certo modo, em consonância a Le Breton (2009), via que “A disposição de assumir riscos ou de recusá-los, ou mesmo de ignorá-los totalmente, não corresponde ao mesmo atributo em uma classe e em uma cultura e em outra.” (p. 17).

Para complexificar o “tomar” suplementos alimentares e anabolizantes, inquietava-me perceber também possíveis relações entre tais substâncias em ambas as academias de ginástica, embora esta tentativa de compreensão estivesse longe do foco deste estudo, pelo fato de adentrar em outras searas de análise e por, no meu ponto de vista, não ter dados suficientes ou consistentes. Deparava-me, por exemplo, com alguns alunos que deixavam de fazer a distinção entre suplementos alimentares e anabolizantes; ou ainda, que os concebiam

diferentemente a depender do tipo de cada produto[474]. Observava que, em muitas ocasiões, havia o uso concomitante ou apenas de uma dessas estratégias para tornar o corpo no "limite" haja vista certas concepções de "riscos à saúde". Em outras oportunidades, notava que paravam de usar uma das substâncias para utilizarem a outra com o intuito de "testarem", "compensarem" ou "manterem" os resultados corporais, ou ainda, no sentido de calcularem o que seria bom/ruim ou barato/caro para a vida cotidiana[475]. Embora seja intensamente discutida a "contaminação de ingredientes" (BAKER *et al*., 2006; PARRA *et al*., 2011) ou o próprio debate científico em torno dos "reais" efeitos no organismo a longo prazo (PEREIRA *et al*., 2003), em nenhum momento, escutava questionamentos ou discursos ressignificados acerca da confiabilidade em relação ao que os produtos indicavam em seus "rótulos"[476].

Assim, "tomar" não significava apenas "ingerir" ou "injetar" algo que propiciasse determinada *performance* corporal ou aprimoramento do metabolismo em dadas circunstâncias de interações sociais, mas uma forma de "conjugar outros verbos" como o de "pertencer" e o de se "identificar" com o grupo humano[477] no qual está vinculado e também ao contexto socioeconômico e cultural que caracterizava as academias de ginástica. Desse modo, tendo em vista a ideia de que esses "usos" podem ser considerados um "problema de saúde pública"[478], como ressaltam Nogueira *et al*. (2013), entende-se aqui, em consonância aos trabalhos de Cecchetto *et al*. (2012) e de Iriart *et al*. (2009), a necessidade de cada vez mais descrever e compreender, sob a perspectiva antropológica, esse "botar pra dentro" do corpo e a multiplicidade de noções de risco à saúde com o intuito de subsidiar um panorama acerca da utilização dessas substâncias em contextos e em grupos sociais específicos.

---

[474] Em termos gerais, há basicamente os suplementos alimentares voltados ao emagrecimento e/ou ao aumento de massa muscular (GUIMARÃES NETO, 2006). Já os variados tipos de anabolizantes possuem a função básica de aumentar a força e a massa muscular porque geralmente estão associados ao hormônio masculino chamado de testosterona. A partir dos rótulos dos produtos, Araújo *et al*. (2002) trazem algumas informações sobre a composição de distintos suplementos alimentares e anabolizantes.

[475] Le Breton (2009) aponta que pode haver um "[...] corpo a corpo com um risco calculado, com uma situação estudada, sabendo que, a qualquer momento, terríveis imprevistos podem frustrar até mesmo as competências mais destemidas. [...] O jogo com o limite encontra, então, sua realização." (p. 101).

[476] Geralmente, existe uma "insegurança" em relação à toxicidade ou à proibição de certos ingredientes que se configura nos produtos de suplementos alimentares contendo, por exemplo, esteroides anabolizantes ou pré-hormônios, bem como substâncias "estimulantes".

[477] Helman (1994) aponta que determinada "ingestão" pode contribuir para a manutenção ou coesão de dado grupo humano em determinadas interações sociais. No entanto, ressalvo que não é exclusivamente o fato de consumir suplementos alimentares ou anabolizantes o responsável em desenvolver um sentimento de coletividade.

[478] É óbvio que alguns comportamentos que atingem negativamente a própria vida ou a do coletivo devem ser analisados no campo da Saúde. Além disso, toda produção técnico-científica do campo não pode ser descartada. Contudo, independentemente das ações de tais substâncias serem nulas, maléficas ou benéficas ao organismo, segundo "dados científicos", aqui o interesse se volta aos sentidos e significados atribuídos a tais usos do corpo.

5 IN(CORPO)RANDO OS "LIMITES" NA SÍNTESE DOS ACHADOS: RUMO ÀS CONCLUSÕES E ÀS RECOMENDAÇÕES DO ESTUDO

Para elaborar a parte final do presente trabalho, levei em consideração a ideia crítica de Silverman (2010) ao mencionar que, de modo inevitável, "[...] escrever é algo que se faz sempre para um público." (p. 172). Assim, com o intuito de sintetizar este complexo conjunto de achados etnográficos entre "limites" e "riscos", levantando algumas conclusões e recomendações do estudo sem a intenção de repetir cada detalhe dos dados etnográficos, optei aqui por dissertar as considerações finais primeiramente discutindo as implicações dos dados para o âmbito de academia de ginástica em si. Logo depois, a partir dos dados, realizei algumas reflexões para a atuação do professor de Educação Física (e profissional de saúde) e para os alunos que se engajam em exercícios físicos. Por fim, problematizei as contribuições antropológicas dos achados para o meu duplo lugar de professor de Educação Física e de pesquisador em Saúde Coletiva que pode servir de experiência acadêmico-profissional pra outrem.

Geertz (1989) alerta que "[...] o que chamamos de nossos dados são realmente nossa própria construção das construções de outras pessoas [...]" (p. 19). Dessa forma, considero que o "ineditismo" desse trabalho está relacionado à forma teórico-metodológica da abordagem dos "limites" corporais tratados. Assim, diante do objetivo de conhecer como eram construídas as noções de "limites" corporais pelos professores de Educação Física e alunos no setor da musculação em duas academias de ginástica, foi possível compreender a pluralidade de usos do corpo em contextos socioeconômicos e culturais semelhantes e diferentes. Penso que o trabalho comparativo empreendido neste estudo avançou nas múltiplas reflexões concernentes às realidades de academias de ginástica no que diz respeito aos "limites" corporais e a questão do "risco" tanto na atuação dos professores quanto no engajamento dos alunos às práticas corporais.

Em termos gerais, os "limites" corporais e as noções de "risco" para professores de Educação Física e alunos, bem como a ambiência da musculação das academias de ginástica analisadas, aparentemente se assemelhavam em suas características. As encenações dos atores sociais neste palco de diferentes *performances* estavam engendradas por lógicas que, em um primeiro momento, pareciam apontar para os mesmos sentidos e significados atribuídos aos "limites" corporais. Contudo, por meio da investigação etnográfica aprofundada, foi possível observar que havia nuances singulares de como os grupos sociais e os próprios espaços se

delineavam face aos corpos no "limite". Posso afirmar que, em muitas ocasiões, sobre o corpo no "limite" ou no "risco" ou não no espaço da musculação em academias de ginástica, todos querem as mesmas coisas e agem da mesma forma, porém, pelas distintas inserções sociais, os modos de exercitar e orientar se pluralizam.

Da mesma forma, por meio da compreensão acerca dos "limites" relacionados especificamente às dores corporais e da análise referente às estratégias do uso de suplementos alimentares e de anabolizantes utilizadas pelos professores de Educação Física e alunos no setor da musculação nas academias de ginástica, deparava-me com diversas noções de "risco". Embora tais achados tenham atravessado diferentes marcadores sociais, eu percebia, através das lentes teórico-metodológicas do interacionismo simbólico, a variabilidade de usos do corpo no "limite" principalmente entre e no interior da mesma classe social e gêneros dos dois estabelecimentos.

Em relação ao espaço da musculação das academias de ginástica "P" e "G", respectivamente, da CDD e da Barra, entendo que o corpo nas academias de ginástica ou na musculação não é um "fim"[479]. Notava que tais espaços também eram um "processo de construção" da vida daqueles sujeitos que anseiam negar, reafirmar ou ressignificar as suas visões de mundo encarnadas em suas múltiplas e temporárias identidades constituídas em interações sociais cotidianamente.

Assim, discordo de que o espaço da musculação em academias de ginástica se volta "sempre" ou "principalmente" para a saúde ou para a estética corporal. Atualmente, as academias de ginástica se tornam um lócus "polissêmico" de anseios daqueles que as frequentam, pois, como pôde ser visto no presente estudo, os sujeitos durante o exercitar-se em dados "limites" demonstravam o contexto em que viviam apresentando uma diversidade de concepções sobre o "risco". Observava que a musculação em academias de ginástica se configurava como um espaço simbólico onde os sujeitos atribuem diferentes sentidos e significados ao corpo e às práticas corporais. O ato de se exercitar no "limite" ou não para a "saúde" ou para a "estética" deveria ser pensado de forma plural, uma vez que os alunos em interações sociais ressignificam as suas práticas a partir das suas inserções socioeconômicas e culturais, por isso, a noção de "risco" acaba sendo relativizada em função de onde se analisa. Por isso, a partir de uma análise intra e inter-realidades na CDD e na Barra, havia uma

---

[479] Meus achados não se coadunam com os de Mariante Neto (2010) que destaca: "Assim, pude concluir que nas academias de ginástica e musculação o corpo é um fim, ou seja, os indivíduos que ali estão se preocupam com a saúde e estética." (p. 111)

variabilidade de noções de dores corporais e de certos usos de substâncias, fazendo pensar que não há uma forma única de "ser" "esta" ou "aquela" academia de ginástica.

A análise acerca do sentir dores corporais ou "tomar" algo no espaço da musculação em academias de ginástica deve proceder de qual ponto de vista e de qual contexto estão sendo considerados. Mais do que "fábricas", "oficinas" ou "usinas" de corpos, os espaços das academias de ginástica devem se entendidos como uma forma de construção simbólica da vida daqueles que compõem e vivenciam cotidianamente esses locais. Argumento que as academias de ginástica, embora tenham passado teoricamente da propagação do *fitness* para o *wellness*, devem ser repensadas como um espaço de "serviços de saúde", pois é fato que aqueles que compõem esses espaços possuem diferentes "visões de mundo" quanto ao seu corpo e às práticas corporais. Conforme já referido, é necessário compreender e contextualizar criticamente esse ambiente onde o corpo pode apresentar múltiplas possibilidades no que diz respeito aos seus "limites" ou aos seus "riscos". Logo, há uma série de formas de se pensar o espaço da musculação em academias de ginástica no que diz respeito a sentir dores corporais ou "tomar" algo, como visto na CDD e na Barra, se distanciando, muitas vezes, do discurso biomédico técnico-científico do campo da Saúde que tenta legitimar e impor racionalidades universais ligadas essencialmente ao corpo físico ou biológico.

No que se refere ao professor de Educação, refletindo sobre o seu lugar do profissional de saúde, uma das principais linhas de intervenção do professor face aos "limites" corporais e ao "risco" está pautada na ideia de aprimorar a aptidão física e/ou pelo aprendizado do aluno sobre a relação entre a prática corporal e a saúde, o responsabilizando pelas suas atitudes (GUEDES; GUEDES, 1997; NAHAS; BEM, 1997; ARAÚJO; ARAÚJO, 2000; HALLAL, 2010). Sabe-se que ainda hoje prevalece no campo acadêmico-profissional da área o discurso da aptidão física para a promoção da saúde (GOMES *et al*., 2006). Por consequência, há uma tendência do próprio exercício da profissão privilegiar o discurso biomédico técnico-científico a considerar as diversas identidades que atravessam os alunos na musculação em academias de ginástica.

Em termos gerais, os professores de Educação Física pautavam-se em modelos tradicionais ou hegemônicos de intervenção tendendo a focalizar o físico e o ato supostamente curativo. A fundamentação dos referenciais teóricos se baseava primordialmente no sentido biomédico com o intuito de prevenção e dando ênfase a valorização da mudança de atitudes e de comportamentos individuais. Em grande parte das vezes, os alunos eram vistos como passivos e carentes de informação em saúde que deveriam obedecer ao profissional, detentor do conhecimento técnico-científico responsável por ditar, normatizar e esclarecer os

comportamentos importantes a serem adotados, com informações verticalizadas. Percebia, portanto, que desta forma a relação entre os profissionais e os alunos era majoritariamente assimétrica ao desconsiderar os determinantes socioeconômicos e culturais que moldavam o pensar, o agir e o sentir dos frequentadores face aos "limites" corporais ou aos riscos à saúde.

Tanto na musculação da academia de ginástica "P" da CDD quanto da academia de ginástica "G" da Barra, observava uma questão central nas interações sociais com seus alunos: o alinhamento ou não da linguagem do profissional ao que é conhecido como "senso comum" dos frequentadores. Embora a habilitação do professor para orientar as práticas corporais esteja em constante construção e seja múltipla no que se refere às formas de atuação em academias de ginástica, notava que certos *habitus* socioprofissionais em diálogo com um *ethos* da própria profissão imperava no que diz respeito aos corpos estarem ou não no "limite" ou em "risco". Ao mesmo tempo em que o professor de Educação Física cultuava certos usos do corpo para os seus alunos, era influenciado ou sofria sutilmente de uma representação acerca de como se exercitar ou atuar na musculação.

Desta forma, evitando reduzir a realidade das práticas em saúde pelas suas "hibridizações", eu sentia a necessidade de uma perspectiva dialógica de intervenção dos profissionais na musculação das academias de ginástica "P" e "G". Isto é, sensível às necessidades e aos interesses dos alunos, considerando a obrigatoriedade de conhecê-los em suas crenças, valores, hábitos, papéis sociais, expectativas de vida e condições que objetivavam o modo de ser dos alunos. A partir do referencial de alteridade, particularmente, pensava que a intervenção poderia se estabelecer no envolvimento dos alunos nas suas ações, tornando-os ativos e portadores de saberes que seriam legitimados pelos profissionais. Assim, sem verticalizar e hierarquizar os saberes, eu pensava que a ideia ali não seria informar, mas transformar o conhecimento coletivo dos sujeitos acerca dos "limites" corporais e dos "riscos", de forma crítica, acerca da situação das suas condições de vida. Objetivaria, portanto, que as práticas dialógicas de intervenção em saúde fossem não somente emancipatórias, mas de caráter de ressignificação das condições de vida dos alunos, reforçando o compromisso e o vínculo deles com os profissionais.

Desse modo, o professor de Educação Física, ao lidar com a realização de práticas corporais voltada à saúde pela perspectiva supracitada entendendo que as dores e o uso de certas substâncias são construídos em interações sociais, depende de considerar o aluno como um ser biopsicossocial por meio de um olhar multidimensional em uma perspectiva interdisciplinar (FERRAZ *et al*., 2004; CARBINATTO; MOREIRA, 2006; LIMA, 2009; CHACON-MIKAHIL *et al*., 2009). Em outras palavras, sobre o professor de Educação Física

enquanto profissional de saúde, conclui-se com a importância desses profissionais conceberem as suas formas de intervenção de modo contextualizado no que se refere às dores corporais (HANSEN; VAZ, 2004; TORRI *et al*., 2007; DUARTE, 2008; SABINO; LUZ, 2014), bem como aos usos de suplementos alimentares (SABINO *et al*., 2010; MATTOS, 2013) e de anabolizantes (IRIART; ANDRADE, 2002; SABINO, 2004; IRIART *et al*., 2009; CHAVES, 2010), como discutidos nestes trabalhos.

Embora tradicionalmente os estudos antropológicos evitem a "intervenção" ou a "aplicação", estratégia esta comum no campo da Saúde (FERREIRA, 2012), a presente pesquisa assume a ideia de que o papel do profissional de Educação Física seria orientar o aluno de modo dialógico e não impositivo. Parte da lógica da integralidade na saúde e do processo de desmedicalização, por exemplo, poderia ser atendida na medida em que o profissional de Educação Física conceberia o usuário como um ser não somente regido por regras biomédicas sob a égide da ciência (DAMICO, 2011). Tal discussão se alinha à perspectiva de Lovisolo (2011) quando afirma que:

> [...] o profissional da Educação Física é um interventor que pretende realizar valores sob a forma de objetivos de saúde, de beleza, de lazer, de educação e de desempenho esportivo, entre outros. Terá que fazer isso no ar denso da sociedade e da cultura, ambas marcadas por percursos históricos específicos. O interventor deve conhecer o contexto no qual atua e os motivos, valores e normas daqueles com os quais atua. (p. 90).

Já sobre os alunos das academias de ginástica "P" e "G", foi possível compreender entre e no interior do mesmo estabelecimento quais eram os "ganhos sociais" em seguir determinados "limites" corporais e adotar certas concepções de riscos à saúde. Sem desconsiderar a "polissemia" de significados atribuídos ao corpo e às práticas corporais construídos durante as múltiplas interações sociais, esbocei, em linhas gerais, como os alunos mais experientes, avançados e veteranos ou aqueles considerados iniciantes ou novatos vivenciavam a musculação das academias de ginástica na CDD e na Barra.

Assim, em relação à tendência dos usos do corpo dos alunos das academias de ginástica da CDD e da Barra, tracei uma linha sintética e conclusiva no que diz respeito aos "limites" corporais e suas possíveis relações com as ideias de "risco". Enquanto na musculação da academia de ginástica "P", havia uma inclinação dos alunos a cultuarem e valorizarem o "concreto", o "imediato" e o "prático", na musculação da academia de ginástica "G", era o "abstrato", o "a longo prazo" e o "técnico". De forma conclusiva, porém sem generalizações quanto às inúmeras e temporárias identidades dos sujeitos que eram construídas ali nos diversos contatos face a face, me arrisco apontar um "fio de Ariadne"

comparativo entre os estabelecimentos sobre como os alunos usavam os seus corpos no "limite" ou não e como concebiam os seus "riscos".

Refletindo sobre o espaço da musculação da academia de ginástica "P", sentir dor ali parecia caracterizar de forma "concreta" os seus "limites", isto é, o aluno se exercitando "sem dor", no caso visível ou exterior ao outro, não estaria se "curando", com exceção quando os desconfortos físicos superavam os "limites" considerados "extremos" pelos sujeitos. De forma análoga, "tomar" suplementos alimentares ou anabolizantes era um dado "concreto" pelo fato de estar visivelmente "botando algo pra dentro" do corpo. A dor demonstrava também que de modo "imediato" algo estava acontecendo com o aluno, ou seja, o fato presente da dor apontava determinados "limites". De forma semelhante, "tomar" algo "agora" demonstrava que corpo estava chegando ao seu "limite". Assim, a compreensão "prática" da dor preponderava sobre outras explicações acerca dos "limites" corporais dos alunos, do mesmo modo de que o "tomar" suplementos alimentares ou anabolizantes era mediado pela experiência relativa ao "ofício do saber-fazer".

Pensando no ambiente da musculação da academia de ginástica "G", o fato de sentir dor era primordialmente "abstrato" no sentido das possíveis hipóteses do que estaria acometendo o aluno, ou seja, atribuíam valor ao interior do corpo, uma vez que não era possível ver tais desconfortos físicos. No caso de "tomar" algo, a ideia ali era especular os possíveis efeitos que poderiam influenciar o corpo. O tempo dos alunos se voltava fundamentalmente ao que ocorreria "a longo prazo" com a dor, isto é, a ideia de um processo contínuo passado que há tempos permitiria certos desconfortos físicos ou como tais sensações se comportariam no futuro. De forma parecida, "tomar" suplementos alimentares e anabolizantes fazia parte de uma constante de usos do corpo que seus efeitos se efetivariam em um tempo "mais distante". As explicações "teóricas" sobre a dor pareciam prevalecer quando os alunos se remetiam aos seus "limites" corporais, igualmente visto quando se referiam a "tomar" algo, pois os saberes acerca dos suplementos alimentares e dos anabolizantes raramente possuíam um "teor da prática".

Assim, embora o foco de conclusão aqui seja aparentemente "polarizado", as categorias supracitadas demonstram, de certo modo, certos *habitus* em lidar com as dores corporais e com os usos de suplementos alimentares e de anabolizantes. Tendo em vista as coletividades sociais da musculação da academia de ginástica "P" e "G" e o próprio processo metodológico de comparação entre dois estabelecimentos aparentemente distintos no que se refere às suas condições socioeconômicas e culturais, os alunos da CDD e da Barra

mantinham certos padrões de comportamentos identitários no que diz respeito às dores corporais e aos usos de certas substâncias.

Já sobre o meu duplo lugar de professor-pesquisador, sob a perspectiva de Peirano (1992), no processo do fazer etnográfico, conseguia perceber uma reestruturação da minha "visão de mundo" tanto no meio acadêmico quanto no ambiente profissional da Educação Física. De fato, minha experiência em "campo" impactava diretamente na minha vida em todas as instâncias. Em outras palavras, podia afirmar que "eu não via mais o mundo da mesma forma", pois, como Goldman (2005) lembra, o etnógrafo pode ser afetado profundamente por aqueles com que convivia e se relacionava no trabalho de campo[480], isto é, utilizando-me de uma expressão de Beaud e Weber (2007), o pesquisador "não sai ileso" do trabalho de campo.

Na minha vida acadêmica, independentemente da questão do objeto de estudo propriamente dito, a minha postura face ao processo de pesquisa foi modificada na medida em que aprendi que as racionalidades construídas de forma simbólica se estabelecem durante as interações entre os grupos sociais e em diferentes contextos e circunstâncias cotidianas. O meu estudo me proporcionou inúmeros aprendizados "corriqueiros"[481] do ofício da pesquisa e a etnografia me possibilitou perceber que a análise em torno do professor e dos alunos face ao corpo, à saúde ou à questão do "risco" deve ser marcada pela ideia da "relativização" e da noção de "alteridade".

Em tempos contemporâneos, pesquisar necessita exercitar a descrição dos grupos sociais de forma menos normativa. O etnógrafo deve tentar se afastar temporariamente do seu sistema de valores, do qual está impregnado pela sua trajetória e inserção social, para assumir uma posição de compreensão e de interpretação acerca da existência de diversidades culturais, sem a intenção de atribuir juízos de valor. Transferir determinada lógica de um grupo social para o outro se caracteriza por um ato irracional (LARAIA, 2001).

No que se refere aos meus atuais ambientes profissionais, atuando com aulas de Educação Física escolar em escolas públicas, acredito que a experiência etnográfica proporcionou contribuições importantes para o meu processo de formação docente em geral. Entendo que uma pesquisa de caráter antropológico pode ter uma utilidade prática para além

---

[480] Peirano (1992) ressalta os possíveis impactos da pesquisa de campo nos etnógrafos em que, muitas vezes, por exemplo, há uma desistência antes ou logo após o início do estudo pela intensa convivência complexa com os nativos.

[481] Tais como, o cuidado com a incursão ao campo de pesquisa, o trato das relações cotidianas com os nativos, a experiência em lidar com questões éticas do estudo, etc.

da compreensão acadêmica de determinadas visões de mundo (FONSECA, 1999; SANDELOWSKI, 2004), isto é, a etnografia pode ser considerada, por exemplo, um instrumento prático interessante de enriquecimento da intervenção de profissionais nos seus cotidianos laborais, e como aponta Woods (1986), a etnografia pode proporcionar ao professor questionar a sua própria práxis.

Embora eu tenha problematizado as noções de "limites" corporais para professores de Educação Física e alunos em academias de ginástica e atualmente não estar atuando no ramo do *fitness*, via que "trabalhar" com ou para o outro necessitava primeiramente compreender as lógicas simbólicas que transitavam nos contextos onde eu trabalho. Parece que eu consegui "falar mais a língua dos meus alunos-nativos", me aproximando afetiva e pedagogicamente deles durante as aulas de Educação Física escolar. Minha experiência etnográfica proporcionou entender os alunos e suas realidades cotidianas traduzidas em certas necessidades, interesses, valores, expectativas, crenças e atitudes fazendo-me um professor com uma visão menos etnocêntrica. A etnografia serviu para mim como uma "ferramenta pedagógica" que me permitiu incorporar o processo de reflexividade como docente durante o cotidiano, bem como compreender os comportamentos dos alunos durante os meus constantes contatos face a face. Resumidamente, este método de pesquisa serviu-me como uma "ferramenta pedagógica" permitindo incorporar o processo de reflexividade no meu cotidiano, delineando cada vez mais a minha intervenção, como professor, a partir e com a realidade cotidiana dos alunos[482].

Além disso, no âmbito da Educação Física escolar, a experiência etnográfica me ensinou algumas nuances para a compreensão das minhas interações sociais com os outros professores e com a equipe técnico-pedagógica. Nas reuniões, nos momentos de intervalo, nos almoços e nas "conversas de corredor", por exemplo, a "troca" com os outros profissionais parecia ser "produtiva". Para mim, eu analisava os lugares sociais dos sujeitos que trabalhavam na escola, entendendo de certa forma a dinâmica das relações que ali ocorriam. Já para eles, meus questionamentos, por vezes, provocavam comentários do tipo: "nunca tinham parado para pensar nisso" ou "que era interessante", etc.; o que brincavam diariamente

---

[482] De modo semelhante, concordo com Mariante Neto (2010) que experienciou a posição de instrutor e de aluno no contexto do boxe: "[...] vejo a etnografia como um meio de intervenção pedagógica podendo ser utilizada também por professores de Educação Física na sua atuação profissional. As observações registradas e refletidas, além de diálogos com os participantes de determinada atividade são um importante meio de compreensão e ação e , mais do que isso, da compreensão da ação, no sentido de mudar as aulas e refletir sobre essas mudanças." (p. 106).

que não dava para discutir com um “doutor” ou que “quem não fosse pós-graduado, poderia se retirar da sala”, demonstrando também a valorização dos títulos acadêmicos para esse grupo.

Questiono-me, hoje em dia, se eu teria a mesma “postura” como professor sem a presente pesquisa. Ao perceber que pude, de certo modo, desnaturalizar o meu cotidiano da Educação Física escolar, detectei que a minha própria noção de pessoa, no sentido de Mauss (2003), também tinha se modificado entre o “antes” e o “depois” da pesquisa etnográfica. Isto é, enquanto os meus nativos, professores e alunos, passavam por uma série de “rituais” (TURNER, 1974; GENNEP, 2011) ou de dramas sociais (GOFFMAN, 2002) no sentido de obterem certas *performances* (SCHECHNER, 2011) face aos “limites” corporais nas academias de ginástica, eu me tornava um “outro professor, pesquisador...pessoa”. Logo, para mim, neste período liminar do trabalho de campo, um “método de pesquisa” se tornou um “método pedagógico” e “um olhar antropológico” se transformou em “uma forma de visão docente”.

Portanto, evitando uma generalização da questão dos “limites” corporais em academias de ginástica, posso especular como tal fenômeno pode ocorrer em outras realidades. A noção de “limite” pode traduzir a construção das identidades do homem entre “ser” ou “não ser” determinados “corpos” em diversos nortes de análise para além ou até mesmo no interior da área de Educação Física ou do campo da Saúde. Assim, baseando-me em Geertz (1989), embora considere algumas limitações de análise, não descarto a possibilidade da extrapolação dos resultados do presente estudo para outros contextos diferentes ou mais amplos, na medida em que os achados antropológicos contêm uma especificidade complexa de dada microrrealidade que pode oferecer grandes conclusões a partir de um lócus interno e particular (ALVES-MAZZOTI; GEWANDSZNAJDER, 1999). Desse modo, por fim, destaco que “A imagem do mosaico é útil para pensarmos sobre este tipo de empreendimento científico. Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo.” (BECKER, 1997, p. 104), como a “pequena contribuição limitada” deste texto para uma “vasta literatura sem limites”.

6 REFERÊNCIAS

ACIOLI, S.; LUZ, M. T. Sentidos e valores de práticas populares voltadas para a saúde, a doença e o cuidado. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 153-158, mai./ago. 2003.

ADAM, P.; HERZLICH, C. **Sociologia da doença e da medicina**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

AGRICOLA, N. P. A.; MARIANO, A. M. M. A estética do corpo em tempos de mercadorização das formas físicas. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1045-1059, set./out. 2009.

ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 199-223, jan./abr. 2008.

ALEXANDRINO, D. F. L. **O corpo representado por mulheres atletas de body building**. 2010. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação Física e Desportos, Juiz de Fora, 2010.

AL-FALASI, O. et al. Knowledge, attitude and practice of anabolic steroids use among gym users in Al-Ain District, United Arab Emirates. **The Open Sports Medicine Journal**, Dublin, v. 2, p. 75-81, 2008.

ALMEIDA FILHO, N. Transdisciplinaridade e o paradigma pós-disciplinar na saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 30-50, 2005.

ALMEIDA FILHO, N. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011.

ALVEAR, C. A. S. **A formação de redes pelas organizações sociais de base comunitária para o desenvolvimento local**: um estudo de caso da Cidade de Deus. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ALVES, P. C.; RABELO, M. C. Repensando os estudos sobre representações e práticas em saúde/doença. In: ALVES, P. C.; RABELO, M. C. (Org.). **Antropologia da saúde**: traçando identidades e explorando fronteiras. Rio de Janeiro: Relumé Dumará, 1998. p. 107-121.

ALVES-MAZZOTI; A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

AMORIM FILHO, M. L.; RAMOS, G. N. S. Trajetória de vida e construção dos saberes de professoras de Educação Física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 223-238, abr./jun. 2010.

ANDRADE, S. S. Saúde e beleza do corpo feminino: algumas representações no Brasil do século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 119-143, jan./abr. 2003.

ANDRIAMAMPIANINA, P.; MOUSSA, A. S. The training of physical education teachers in France and China: a comparative analysis of curricula and attitudes. **International Review of Education**, Hague, v. 51, p. 23-34, 2005.

ANTUNES, A. C. Perfil profissional de instrutores de academias de ginástica e musculação. **Lecturas en Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 9, n. 60, mayo 2003.

ANVERSA, A. L. B.; OLIVEIRA, A. A. B. Personal trainer: competências profissionais demandadas pelo mercado de trabalho. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 3, p. 1-17, set./dez. 2011.

ARANDA, R. A. et al. A concepção de corpo dos estudantes de graduação em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 735-747, out./dez. 2012.

ARAÚJO, A. M. A.; BASSANI, J. J. Corpo e subjetivação: um olhar sobre mulheres praticantes de bodybuilding. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: CICES, 2013. p. 1-13.

ARAÚJO, D. S. M. S.; ARAÚJO, C. G. S. Aptidão física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Campinas, v. 6, n. 5, p. 194-203, set./out. 2000.

ARAÚJO, L. R.; ANDREOLO, J.; SILVA, M. S. Utilização de suplemento alimentar e anabolizante por praticantes de musculação nas academias de Goiânia-GO. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 10, n. 3, p. 13-18, jul. 2002.

ARCANJO, G. N.; SILVA, R. M.; NATIONS, M. K. Saber popular sobre dores nas costas em mulheres nordestinas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 389-397, 2007.

ASSUNÇÃO, L.; SANTOS, J. H. Controle antidoping no Brasil: monitoramento e prática de dopagem. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 447-467, jul./set. 2012.

AYRES, J. R. C. M. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 63-72, 2001.

AYRES, J. R. C. M. et al. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. p. 117-139.

BACKES, M. T. S. et al. Noções de natureza e derivações para a saúde: uma incursão na literatura. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 729-751, 2010.

BAGRICHEVSKY, M. Del “cuerpo saludable” que se (des)constituye. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 191-202, maio 2009.

BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A. Perspectivas para a formação profissional em Educação Física: o SUS como horizonte de atuação. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 128-143, jan./jun. 2008.

BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A. Epidemia de comportamentos de risco? Nota sobre contextos sócio-culturais desiguais e dimensões subjetivas do processo saúde-doença. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 10, p. 2297-2298, out. 2009.

BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A. O imperativo da epidemiologia dos fatores de risco em face das desigualdades sociais: agenciamentos discursivos sobre o sedentarismo. **Revista Política e Trabalho, Revista de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 37, p. 89-102, out. 2012.

BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. Saúde coletiva e Educação Física: aproximando campos, garimpando sentidos. In: BAGRICHEVSKY, M. et al. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2006. v. 2, p. 21-44.

BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. La Educacion Fisica y su insercion en el campo de la salud colectiva en Brasil: en búsqueda de un diálogo crítico sobre interfaces, pertenencias y sentidos. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 123-142, 2008.

BAGRICHEVSKY, M. et al. Sedentário "sem-vergonha", saudável "responsável"? Problematizando a difusão do "estilo de vida ativo" no campo sanitário. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Ilhéus, BA: Editus, 2007. v. 3, p. 209-229.

BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A. Questionamentos e incertezas acerca do estatuto científico da saúde: um debate necessário na Educação Física. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 57-66, 2. sem. 2004.

BAIMA, A. L. F. **As "turbinadas" e os pigmaleões**: implantes mamários de silicone e a beleza construída. 2007. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2007.

BAKER, J. S.; GRAHAM, M. R.; DAVIES, B. Steroid and prescription medicine abuse in the health and fitness community: a regional study. **European Journal of Internal Medicine**, Leicester, v. 17, n. 7, p. 479-484, 2006.

BAKER, J. S. et al. Anabolic androgenic steroid (AAS) abuse: not only an elite performance issue? **The Open Sports Medicine Journal**, Dublin, v. 2, p. 38-39, 2008.

BAKER, J. S.; DAVIES, B.; GRAHAM, M. Drug abuse: are prescription medicines helping or contributing to the problem? **The Open Sports Medicine Journal**, Dublin, v. 2, p. 40-40, 2008a.

BAPTISTA, T. J. R. A autoconsciência do corpo na academia de ginástica. **Estudos**, Goiânia, v. 33, n. 9/10, p. 773-787, set./out. 2006.

BAPTISTA, T. J. R. et al. Reflexões sobre o corpo em academias de ginástica de Goiânia. In: CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4., 2010, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: CBCE, 2010, p. 176-186.

BARATA, R. B. **Como e por que as desigualdades sociais fazem mal à saúde**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.

BARKER, G. Trabalho não é tudo, mas é quase tudo: homens, desemprego e justiça social em políticas públicas. In: MEDRADO, B. et al. (Org.). **Homens e masculinidades**: práticas de intimidade e políticas públicas. Recife: Instituto PAPAI, 2010. p. 125-137.

BARLAND, B. The gym: place of bodily regimes-training, diet, and doping. **Iron Game History: The Journal of Physical Culture**, Austin, v. 8, n. 4, p. 23-29, mar. 2005.

BARROS, J. A. C. Pensando o processo saúde doença: a que responde o modelo biomédico? **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 67-84, 2002.

BARTH, F. The analysis of culture in complex societies. **Ethnos: Journal of Anthropology**, Hojbjerg, v. 54, n. 3-4, p. 120-142, 1989.

BASTOS, W. C. **A epidemia de fitness**: uma questão de saúde pública. 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2010.

BASTOS, W. Epidemia de fitness. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 485-496, 2013.

BAUER, M. W. Análise de ruído e música como dados sociais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 365-389.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo**: produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BECK, U. **Risk society**. London: Sage, 1986.

BECKER, H. **A escola de Chicago**. Mana, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 177-188, 1996.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BECKER, H. S. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BECKER, H. S. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BENEDETTI, T. B.; OURIQUES, R. Análise ergonômica do trabalho de professores de ginástica em academias. **Lecturas en Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 11, n. 106, mar. 2007.

BENITES, L. C.; SOUZA NETO, S. Educação Física, professores e estudantes: a escolha da docência como profissão e os saberes que lhe são constitutivos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-11, maio/ago. 2011.

BERGER, M. "Felicidade é entrar num vestido P": o culto ao corpo na sociedade urbana contemporânea. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 19, p. 69-90, 2010.

BERGER, M. Mídia e espetáculo no culto ao corpo: o corpo miragem. **Sinais**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 121-160, out. 2007.

BERTEVELLO, G. J. Academias de ginástica e condicionamento físico: desenvolvimento. In: DACOSTA, L. (Org.) **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 63-64.

BERTONCELO, E. R. E. Classes e práticas sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 28, n. 81, p. 185-211, fev. 2013.

BIRCHARD, K. Why doctors should worry about doping in sport. **The Lancet**, London, v. 352, p. 42-42, july 1998.

BIZERRIL, J. O vínculo etnográfico: intersubjetividade e co-autoria na pesquisa qualitativa. **Universitas Ciências da Saúde**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 152-163, 2004.

BOAS, F. As limitações do método comparativo da Antropologia. In: CASTRO, C. (Org.). **Franz Boas. Antropologia Cultural**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 25-39.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

BOSSLE, C. B. O personal trainer e o cuidado de si: uma perspectiva de mediação profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 187-198, jan./abr. 2008.

BOSSLE, C. B. **"Personal trainer & CIA"**: noções de marketing na literatura sobre treinamento personalizado. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BOSSLE, C. B.; FRAGA, A. B. A construção dos saberes do personal trainer. In: CONGRESSO CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 12., 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2008. p. 1-8.

BOSSLE, C. B.; FRAGA, A. B. O personal trainer na perspectiva do marketing. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 149-162, jan./mar. 2011.

BOTELHO, F. M. Corpo, risco e consumo: uma etnografia das atletas de fisiculturismo. **Revista Habitus**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-119, jul. 2009. Disponível em: <www.habitus.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 13 jul. 2009.

BOURDIEU, P. A economia das trocas lingüísticas. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo: Ática, 1983b. p. 156-183.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983a. p. 136-163.

BOURDIEU, P. Les rites comme actes d'institution. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris, v. 43, p. 58-63, juin 1982.

BOURDIEU, P. O camponês e seu corpo. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, p. 83-92, jun. 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrande Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. Você disse "popular"? **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 16-26, 1996.

BOUZÓN, P. G. **Construindo identidades**: um estudo etnográfico sobre manipulação da aparência em salões de beleza na cidade do Rio de Janeiro. 2010. 321 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BRAGA, P. D.; MOLINA, M. C. B.; FIGUEIREDO, T. A. M. Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes de classes populares. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 87-95, 2010.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007.

BRÁS, J. G. V. A higiene e o governo das almas: o despertar de uma nova relação. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 12, n. 12, p. 113-138, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância Sanitária. Portaria nº 222, de 24 de março de 1998. Aprova o Regulamento técnico para fixação de identidade e qualidade dos alimentos para praticantes de atividades físicas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 mar. 1998. Seção 1. p. 13.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância Sanitária. Portaria nº 344, de 12 de maio de 1998. Aprova o regulamento técnico sobre substâncias e medicamentos sujeitos a controle especial**. Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 15 maio 1998a. Seção 1. p. 3.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Glossário do Ministério da Saúde**: projeto de terminologia em saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução RDC n° 18, de 27 de abril de 2010. Dispõe sobre alimentos para atletas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 abr. 2010a. Seção 1. p. 211.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário temático**: promoção da saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.

BRICEÑO-LEÓN, R. Las ciencias sociales y la salud: un diverso y mutante campo teórico. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 33-45, 2003.

BRIDGES, T. S. Gender capital and male bodybuilders. **Body & Society**, London, v. 15, n. 1, p. 83-107, 2009.

BRITO, S. M.; MORAIS, J. V.; BARRETO, T. V. Regras de jogo versus regras morais: para uma teoria sociológica do fair play. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 75, p. 133-147, fev. 2011.

BROWN, D. Pierre Bourdieu`s "masculine domination" thesis and the gendered body in sport and physical culture. **Sociology of Sport Journal**, Champaign, v. 23, p. 162-188, 2006.

BUDÓ, M. L. D. et al. A cultura permeando os sentimentos e as reações frente à dor. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 36-43, 2007.

BUDÓ, M. L. D. et al. Práticas de cuidado em relação à dor: a cultura e as alternativas populares. **Revista de Enfermagem Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 90-96, mar. 2008.

CALESCO, V. A.; BOTH, J.; SORIANO, J. B. Comparação do valor percebido de clientes e administradores sobre os serviços prestados em academias de ginástica. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n. 1, p. 45-55, jan./jun. 2013.

CAMARA, F. M. et al. Educação Física na promoção da saúde: para além da prevenção multicausal. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 101-110, 2010.

CAMARGO JÚNIOR, K. R. A biomedicina. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl., p. 177- 201, 2005.

CAMARGO JÚNIOR, K. R. As armadilhas da "concepção positiva de saúde". **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 76, n. 1, p. 63-76, 2007.

CANESQUI, A. M. Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 109-124, 2003.

CANESQUI, A. M. **Ciências sociais e saúde no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2011.

CANESQUI, A. M. Temas e abordagens das ciências sociais e humanas em saúde na produção acadêmica de 1997 a 2007. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1955-1966, 2010.

CANESQUI, A. M.; GARCIA, R. W. D. (Org.). **Antropologia e nutrição**: um diálogo possível. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.

CAPINUSSÚ, J. M. Academias de ginástica e condicionamento físico: origens. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 61-62.

CAPONI, S. A saúde como abertura ao risco. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. p. 55-77.

CAPRARA, A.; LANDIM, L. P. Etnografia: uso, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 12, n. 25, p. 363-376, abr./jun. 2008.

CARBINATTO, M; MOREIRA, W. W. Corpo e saúde: a religião dos saberes. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 185-200, maio 2006.

CARMO, E. C.; FERNANDES, T.; OLIVEIRA, E. M. Esteróides anabolizantes: do atleta ao cardiopata. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 23, n. 2, p. 307-318, 2. trim. 2012.

CARMO JUNIOR, W.; GOBBI, S.; TEIXEIRA, C. V. L. Personal trainer: a profissão, o profissional e a estrutura de um novo mercado. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 248-266, jan./mar. 2013.

CARONI, M. M.; GROSSMAN, E. As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 1061-1070, 2012.

CARVALHO, M. C. V. S.; LUZ, M. T. Práticas de saúde, sentidos e significados construídos: instrumentos teóricos para sua interpretação. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 13, n. 29, p. 313-326, abr./jun. 2009.

CARVALHO, T.; MARA, L. S. Hidratação e nutrição no esporte. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 144-148, mar./abr. 2010.

CARVALHO, Y. M. Atividade física e saúde: onde está e quem é o "sujeito" da relação? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 9-21, jan. 2001.

CARVALHO, Y. M. Entre o biológico e o social. Tensões no debate teórico acerca da saúde na Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 97-105, jun. 2005.

CARVALHO, Y. M. Saúde, sociedade e vida: um olhar da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 153-168, maio 2006.

CASTIEL, L. D. Dédalo e os Dédalos: identidade cultural, subjetividade e os riscos à saúde. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2008. p. 79-95.

CASTIEL, L. D. Quem vive mais, morre menos? Estilo de riscos e promoção de saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau, SC: Edibes, 2003. p. 79-98.

CASTIEL, L. D.; ÁLVAREZ-DARDET, C. La salud persecutoria. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 461-466, mar. 2007.

CASTIEL, L. D.; DIAZ, C. A. D. **A saúde persecutória**: os limites da responsabilidade. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2007.

CASTIEL, L. D.; GUILAM, M. C. R.; FERREIRA, M. S. **Correndo o risco**: uma introdução aos riscos em saúde. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2010.

CASTIEL, L. D.; VASCONCELLOS-SILVA, P. R. A noção "estilo de vida" em promoção de saúde: um exercício crítico de sensibilidade epistemológica. In: BAGRICHEVSKY, M. et al. (Org.) **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2006. v. 2, p. 67-92.

CASTRO, A. L. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. 2. ed. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

CASTRO, A. L. Corpos ciborgues, identidade e cirurgia plástica como consumo cultural. In: CASTRO, A. L. (Org.). **Cultura contemporânea, identidades e sociabilidades**: olhares sobre corpo, mídia e novas tecnologias. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 151-166.

CECCHETTO, F.; MORAES, D. R.; FARIAS, P. S. Distintos enfoques sobre esteroides anabolizantes: riscos à saúde e hipermasculinidade. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 16, n. 41, p. 369-382, abr./jun. 2012.

CECCHETTO, F. R. et al. Onde os fracos não têm vez: discursos sobre anabolizantes, corpo e masculinidades em uma revista especializada. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 873-893, 2012a.

CESARO, H. L. Em defesa da honra: masculinidades e práticas corporais de hipertrofia numa academia de Porto Alegre. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: CICES, 2013, p. 1-3.

CHACON-MIKAHIL, M. P. T.; MONTAGNER, P. C.; MADRUGA, V. A. Educação Física: formação acadêmica e atuação profissional no campo da saúde. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 192-198, jan./mar. 2009.

CHAVES, J. C. O. **Corpo "sarado", corpo "saudável"?** Construção da masculinidade de homens adeptos da prática da musculação na cidade de Salvador. 2010. 180 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CHAVES, S. F.; MOREIRA, J. F. F. Há de ser forte, sem perder a ternura jamais: mulheres, corpos e esteróides anabolizantes. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 1-13.

CHAZAN, L. K. Vestindo o jaleco: reflexões sobre a subjetividade e a posição do etnógrafo em ambiente médico. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 15-32, 2005.

CICOUREL, A. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. São Paulo: Francisco Alves, 1980. p. 87-121.

CLASTRES, P. Da tortura nas sociedades primitivas. In: CLASTRES, P. **A sociedade contra o estado**: pesquisas de antropologia política. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. p. 123-131.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: GONÇALVES, J. R. S. (Org.). **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008. p. 17-58.

COELHO FILHO, C. A. A. O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-24, 2000/2001.

COELHO FILHO, C. A. A. O corpo em questão: metamorfose psíquica a partir das atividades físicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 25., 2002, Salvador. **Anais...** Salvador: UERJ, 2002, p. 1-11.

COELHO FILHO, C. A. A.; FRAZÃO, D. P. Prática de ginástica em academias exclusivamente femininas. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 269-280, abr./jun. 2010.

COELHO FILHO, C. A. A.; FRAZÃO, D. P. Prática de ginástica em academias exclusivamente femininas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17., 2011. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 1-15.

COELHO FILHO, C. A. A.; VOTRE, S. J. Imagens da prática profissional em academias de ginástica na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 95-110, maio 2010.

COLLINS, L. H. Working out the contradictions: feminism and aerobics. **Journal of Sport and Social Issues**, Boston, v. 26, n. 1, p. 85-109, feb. 2002.

COMPTON, W. M.; VOLKOW, N. D. Abuse of prescription drugs and the risk of addiction. **Drug and Alcohol Dependence**, Limerick, v. 83S, supl.1, p. S4-S7, 2006.

CONNEL, R. W. **La organización social de la masculinidad**. Disponível em: http:// www.hombresigualdad.com/organizaci%C3%B3n_social_masculinidad.pdf. Acesso em: 28 jan. 2008.

CONRAD, P. **The medicalization of society**: on the transformation of human condition into treatable disorders. Baltimore: Johns Hopkins Press, 2007.

CONTI, M. A.; BERTOLIN, M. N. T.; PERES, S. V. A mídia e o corpo: o que o jovem tem a dizer? **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 2095-2103, 2010.

COPELAND, J.; PETERS, R.; DILLON, P. Anabolic-androgenic steroid use disorders among a sample of australian competitive and recreational users. **Drug and Alcohol Dependence**, Limerick, v. 60, n. 1, p. 91-96, 2000.

COPETTI, J. et al. Conhecimento dos professores de Educação Física para abordagem do tema saúde em suas aulas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 20, n. 4, p. 26-33, 2012.

CORBIN, A. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: da revolução à grande guerra. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 267-343.

CORREIA, C. M. C. **Corpo, jovens e prática de musculação**: um estudo de freqüentadores de academia na região do Grande Porto. 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Ciências do Desporto da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2006.

COSTA, B. V. L. et al. Academia da Cidade: um serviço de promoção da saúde na rede assistencial do Sistema Único de Saúde. **Ciências & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 95-102, 2013.

COSTA, E. M. B.; VENÂNCIO, S. Atividade física e saúde: discursos que controlam o corpo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 59-74, mar. 2004.

CRAIG, M. L.; LIBERTI, R. "Cause that's what girls do": the making of a feminized gym. **Gender e Society**, Amherst, v. 21, n. 5, p. 676-699, oct. 2007.

CRAPANZANO, V. Réflexions sur une anthropologie des émotions. **Terrain**, Paris, v. 22, p. 109-117, 1994.

CROCHÍK, J. L. Notas sobre trabalho e sacrifício. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 61-73, 2003.

CROSSLEY, N. In the gym: motives, meaning and moral careers. **Body & Society**, London, v. 12, n. 3, p. 23-50, 2006.

CROSSLEY, N. Mapping reflexive body techniques: on body modification and maintenance. **Body & Society**, London, v. 11, n. 1, p. 1-35, 2005.

CRUZ, R. C. El deporte, proyección, espejo y símbolo cultural: reflexión sobre los deportes de sacrificio y su transmisión de valores en el contexto socioeducativo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 315-336, jul./set. 2013.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre prevenção e promoção. In: CZERESNIA, D.; FREITAS, C. M. (Org.). **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões e tendências. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008. p. 39-53.

CZERESNIA, D. O risco na sociedade contemporânea: relações entre ciência, cultura e saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Ilhéus: Editus, 2007. v. 3, p. 275-292.

DAMATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter "anthropological blues". In: NUNES, E. O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 23-35.

DAMATTA, R. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DAMICO, J. Rasuras disciplinares e amputação de fazeres. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 269-287, jul./set. 2011.

DAMICO, J. G. S.; MEYER, D. E. O corpo como marcador social: saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 103-118, maio 2006.

DAOLIO, J. A antropologia social e a Educação Física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Y. M.; RUBIO, K. (Org.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 27-38.

DAOLIO, J. A ordem e a (des)ordem na Educação Física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 115-127, set. 2003.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo.** 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DAOLIO, J. **Educação Física brasileira**: autores e atores da década de 1980. Campinas, SP: Papirus, 1998.

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas, SP: Autores associados, 2004.

DA ROS, M. A.; VIEIRA, R. C.; CUTOLO, L. R. A. Educação Física: entre o biológico e o social. Há conflito nisto? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 107-117, jun. 2005.

DESLANDES, S. F. Trabalho de campo: construção de dados qualitativos e quantitativos. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. p. 157-184.

DESLANDES, S. F. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 31-60.

DICKSON-SWIFT, V. et al. Risk to researchers in qualitative research on sensitive topics: issues and strategies. **Qualitative Health Research**, California, v. 18, n. 1, p. 133-144, jan. 2008.

DOMINGUES, J. M. Desencaixes, abstrações e identidades. **Revista USP**, São Paulo, n. 42, p. 20-33, jun./ago. 1999.

DOMINGUES, J. M. Reflexividade, individualismo e modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 55-70, jun. 2002.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Ed. 70, 1991.

DUARTE, L. F. D. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 173-183, 2003.

DUARTE, R. A. **O valor do corpo exposto**: estudo centrado numa academia de uma cidade do interior de Minas Gerais. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-

graduação em Gestão Desportiva da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2008.

DUNN, M. Are anabolic-androgenic steroid users polysubstance users? **Journal of Science and Medicine in Sport**, Belconnen, v. 12, p. e1-e2, 2009.

DUNNING, E. Prefácio. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Org.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 11-37.

DUNNING, E.; MURPHY, P.; WILLIAMS, J. A violência dos espectadores nos desafios de futebol: para uma explicação sociológica. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Org.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 355-388.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ELIAS, N.; DUNNING, E. A busca da excitação no lazer. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Org.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 101-138.

ELIAS, N.; DUNNING, E. O lazer no espectro do tempo livre. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Org.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a. p. 139-185.

ELIAS, N. Introdução. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Org.). **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992. p. 39-99.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

ESPÍRITO-SANTO, G.; MOURÃO, L. Saúde e trabalho: o caso das professoras de Educação Física que atuam em academias de ginástica no Rio de Janeiro. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 41-47, 2005.

ESPÍRITO-SANTO, G.; MOURÃO, L. A auto-representação da saúde dos professores de Educação Física de academias. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 39-55, maio 2006.

EUFRASIO, M. A. A formação da escola sociológica de Chicago. **Plural: sociologia USP**, São Paulo, v. 2, p. 37-60, 1. sem. 1995.

FAINZANG, S. **Médicaments et Société**: le patient, le médecin, et l'ordonnance. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.

FAINZANG, S. **La relation médecins-malades**: information et mensonge. Paris: Presses Universitaires de France, 2006.

FARIA, L.; SANTOS, L. A. C. As profissões de saúde: uma análise crítica do cuidar. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 18, supl. 1, p. 227-240, dez. 2011.

FARIA, R. M.; BORTOLOZZI, A. Espaço, território e saúde: contribuições de Milton Santos para o tema da geografia da saúde no Brasil. **Ra'e Ga - O Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, n. 17, p. 31-41, 2009.

FARO, L. et al. Homem com "H": ideais de masculinidade (re)construídos no marketing farmacêutico. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 40, p. 287-321, jan./jun. 2013.

FASSHEBER, J. R. M. Antropologia do corpo: reflexões sobre a diversidade corporal dos xamãs. **Revista Conexões**, Campinas, v. 1, n. 6, p. 112-126, 2001.

FAYH, A. P. T. et al. Consumo de suplementos nutricionais por frequentadores de academias da cidade de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 27-37, jan./mar. 2013.

FEATHERSTONE, M. Body modification: an introduction. **Body & Society**, London, v. 5, n. 2-3, p. 1-13, 1999.

FEATHERSTONE, M. Body, image and affect in consumer culture. **Body & Society**, London, v. 16, n. 1, p. 193-221, 2010.

FENSTERSEIFER, P. E. Corporeidade e formação do profissional na área da saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 93-102, maio 2006.

FERNANDES, F. M. B. Considerações metodológicas sobre a técnica da observação participante. In: MATTOS, R. A.; BAPTISTA, T. W. F. (Org.). **Caminhos para análise das políticas de saúde**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011. p. 262-274.

FERNANDES, F. M. B.; MOREIRA, M. R. Considerações metodológicas sobre as possibilidades de aplicação da técnica de observação participante na Saúde Coletiva. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 511-529, 2013.

FERNANDES, R. C. Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n. 2, p. 107-112, mai./ago. 2005.

FERRAZ, O. L. et al. Pedagogia do movimento humano: pesquisa do ensino e da preparação profissional. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 18, n. esp., p. 111-122, ago. 2004.

FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, F. R. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 12, n. 26, p. 471-483, jul./set. 2008.
FERREIRA, J. Semiologia do corpo. In: LEAL, O. F. (Org.) **Corpo e significado**: ensaios de antropologia social. 2. ed. Porto Alegre, RS: Ed. UFRGS, 2001. p. 89-104.

FERREIRA, J. **Soigner les Mal Soignés**. Ethnologie d´un centre de soins gratuits. Paris: Ed. L´Harmattan, 2004.

FERREIRA, J. Prefácio à edição brasileira. In: SAILLANT, F.; GENEST, S. (Org.). **Antropologia médica**: ancoragens locais, desafios globais. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2012. p. 15-18.

FERREIRA, M. E. C.; CASTRO, A. P. A.; GOMES, G. A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 167-182, set. 2005.

FERREIRA, M. S. "Navegar é preciso, viver não é preciso": risco no discurso da vida ativa. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 349-357, abr./jun. 2009.

FERREIRA, M. S.; CASTIEL, L. D. Which empowerment, which heath promotion? Conceptual convergences e divergences in preventive health practices. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 68-76, jan. 2009.

FERREIRA, M. S.; CASTIEL, L. D.; CARDOSO, M. H. C. A. A patologização do sedentarismo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 4, p. 836-847, 2012.

FERREIRA, V. A.; MAGALHÃES, R. O corpo cúmplice da vida: considerações a partir dos depoimentos de mulheres obesas de uma favela carioca. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 483-490, 2006.

FERREIRA, V. S. Os ofícios de marcar o corpo: a realização profissional de um projecto identitário. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, v. 58, p. 71-108, 2008.

FIGUEIRA, M. L. M.; GOELLNER, S. V. A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 2, p. 87-99, jan. 2005.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Experiências sociocorporais e formação docente em Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 85-110, jan./abr. 2008.

FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 89-111, jan./abr. 2004.

FIGUEIREDO, Z. C. Uma experiência de formação de professores de Educação Física na perspectiva do formar-se professor. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 3, p. 1-11, set./dez. 2009.

FINLAY, L. "Outing" the researcher: the provenance, process, and practice of reflexivity. **Qualitative Health Research**, California, v. 12, n. 4, p. 531-545, April 2002.

FOLLE, A. et al. Construção da carreira docente em Educação Física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 25-49, jan./mar. 2009.
FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Estudos sobre desenvolvimento profissional: da escolha à ruptura da carreira docente. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 19, n. 4, p. 605-618, 4. trim. 2008.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Momentos marcantes da trajetória docente em Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 92-103, jan./mar. 2009.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Trajetória docente em Educação Física: percursos formativos e profissionais. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 507-523, out./dez. 2010.

FOLLE, A.; NASCIMENTO, J. V. Preocupações ao longo da carreira docente: estudos de caso com professores de Educação Física do magistério público estadual. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 841-856, out./dez. 2011.

FONSECA, C. **Família, fofoca e honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000.

FONSECA, C. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 10, p. 58-78, 1999.

FONSECA, R. G. et al. O conhecimento profissional na intervenção em Educação Física: um estudo de caso etnográfico. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 20, n. 3, p. 367-380, 3 trim. 2009.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FOX, N. J. Postomodernism and “health”. In: PETERSEN, A.; WADDELL, C. (Ed.). **Health matters**. London: Allen and Unwin, 1998. p. 9-22.

FRAGA, A. B. Corpo nosso de cada dia: por onde ele anda? para onde ele vai? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 11, n. 15, p. 65-70, 2000.

FRAGA, A. B. Promoção da vida ativa: nova ordem físico-sanitária na educação dos corpos contemporâneos. In: BAGRICHEVSKY, M. et al. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2006. v. 2, p. 105-120.

FRAGA, A. B.; CARVALHO, Y. M.; GOMES, I. M. Políticas de formação em Educação Física e Saúde Coletiva. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 367-386, nov.2012/fev.2013.

FREITAS, D. C.; SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. O corpo e a prática dos professores de academias de ginástica de pequeno porte do Rio de Janeiro. **Lecturas en Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 13, n. 124, set. 2008.

FREITAS, D. C.; SILVA, F. A. G.; LÜDORF, S. M. A. O professor de Educação Física e sua visão de corpo: academias de ginástica em foco. **Lecturas en Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 16, n. 155, abr. 2011.

FREITAS, D. C. et al. As práticas corporais nas academias de ginástica: um olhar do professor sobre o corpo fluminense. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 959-974, out./dez. 2011a.

FREITAS, F. F.; BRASIL, F. K.; SILVA, C. L. Práticas corporais e saúde: novos olhares. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 169-183, maio 2006.

FREITAS, R. Corpo e Consumo: a estética carioca. In: VILLAÇA, N.; GÓES, F.; KOSOVSKI, E. (Org.). **Que corpo é esse?** Novas perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 122-131.

FREIRE, E. S. Preparação profissional em Educação Física: uma comparação entre ingressantes e concluintes. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 147-154, 2007.

FREW, M.; MCGILLIVRAY, D. Health clubs and body politics: aesthetics and the quest for physical capital. **Leisure Studies**, Colchester, v. 24, n. 2, p. 161-175, apr. 2005.

FURTADO, R. P. Convívio social, diversão e entretenimento como valor de uso e promessa nas academias de ginástica híbridas. **Licere**, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, 1-26, 2008.

FURTADO, R. P. Do fitness ao wellness: os três estágios de desenvolvimento das academias de ginástica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 1-11, jan./abr. 2009.

FURTADO, R. P. Novas tecnologias e novas formas de organização do trabalho do professor nas academias de ginástica. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 307-322, jul./dez. 2007.

GALATO, D.; MADALENA, J.; PEREIRA, G. B. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3323-3330, 2012.

GARCIA, A. B. Educadores físicos do consumo? **Motricidade**, Santa Maria da Feira, v. 4, n. 2, p. 89-93, jun. 2008.

GARCIA, R. P. **Antropologia do esporte**. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

GASKELL, G.; BAUER, M. W. Para uma prestação de contas pública: além da amostra, fidedignidade e da validade. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 470-490.

GASTALDO, E. L. A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate. In: LEAL, O. F. (Org.). **Corpo e significado**: ensaios de antropologia social. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1995. p. 207-226.

GASTALDO, E. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 149-153, out. 2008.

GASTALDO, E. L.; BRAGA, A. A. Corporeidade, esporte e identidade masculina. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 875-893, set./dez. 2011.

GAYA, A. Será o corpo humano obsoleto? **Sociologias**, Porto Alegre, v. 7, n. 13, p. 324-337, jan./jun. 2005.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GEERTZ, C. **Conocimiento local**: ensayos sobre la interpretación de las culturas. Barcelona: Paidós, 1994.

GENNEP, A. V. **Os ritos de passagem**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, p. 71-83, 2010a.

GOELLNER, S. V. et al. Pesquisa qualitativa na Educação Física brasileira: marco teórico e modos de usar. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, supl., p. 53-82, 2010.

GOETZ, E. R. et al. Representação social do corpo na mídia impressa. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 226-236, 2008.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petropólis, RJ: Vozes, 2011.

GÓIS JUNIOR, E. **Os higienistas e a Educação Física**: a história de seus ideais. 2000. 178 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2000.

GÓIS JUNIOR, E.; LOVISOLO, H. R. Descontinuidades e continuidades do movimento higienista no Brasil do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 41-54, set. 2003.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GOLDENBERG, M. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-123, jul./dez. 2006.

GOLDENBERG, M. Gênero, “o corpo” e “imitação prestigiosa” na cultura brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 543-553, 2011.

GOLDENBERG, M. The body as capital: understanding Brazilian culture. **Vibrant**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 220-238, jan./jun. 2010.

GOLDMAN, M. Jeanne Favret-Saada, os afetos a etnografia. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n. 13, p. 149-153, 2005.

GOMES, E. C.; MENEZES, R. A. Etnografias possíveis: “estar” ou “ser” de dentro. **Pontourbe**, São Paulo, v. 2, p. 1-23, jul. 2008.

GOMES, I. M.; PICH, S.; VAZ, A. F. Sobre algumas vicissitudes da noção de saúde na sociedade dos consumidores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 137-151, maio 2006.

GOMES, I. R.; CHAGAS, R. A.; MASCARENHAS, F. A indústria do Fitness, a mercantilização das práticas corporais e o trabalho do professor de Educação Física: o caso Body Systems. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 169-189, out./dez. 2010.

GOMES, I. S. Apropriação e decodificação dos sentidos de corpo belo e saudável: a percepção de personal trainers. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 18, n. 49, p. 429-430, 2014.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Um olhar sobre a formação e atuação profissional no Brasil: o caso dos personal trainers. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 560-577, jan./mar. 2014.

GOMES, M. H. A.; SILVEIRA, C. Sobre o uso de métodos qualitativos em Saúde Coletiva, ou a falta que faz uma teoria. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 160-165, 2012.

GOMES, R. et al. Corpos masculinos no campo da saúde: ancoragens na literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 165-172, 2014.

GOMES, R. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. p. 185-221.

GOMES, R.; REBELLO, L. E. F. S.; NASCIMENTO, E. F. Medos sexuais masculinos e política de saúde do homem: lacunas e desafios. In: MEDRADO, B. et al. (Org.). **Homens e masculinidades**: práticas de intimidade e políticas públicas. Recife: Instituto PAPAI, 2010. p. 95-108.

GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Dor, domínio do corpo, conformações subjetivas: um estudo sobre o balé. **Impulso**, Piracicaba, v. 21, n. 51, p. 85-95, jan./jun. 2011.
GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Educação do corpo, dor, sacrifício: um estudo com competidores de atletismo. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 58, n. 1, p. 1-10, 2012.

GONÇALVES, M. C.; TURELLI, F. C.; VAZ, A. F. Corpos, dores, subjetivações: notas de pesquisa no esporte, na luta, no balé. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 141-158, jul./set. 2012.

GROSSI, M. P. Masculinidades: uma revisão teórica. **Antropologia em Primeira Mão**, Florianópolis, p. 4-37, 1995.

GUEDES, D. P. Programa Academia da Saúde: ação para incrementar a prática de atividade física na população brasileira. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Pelotas, v. 16, n. 3, p. 184-185, 2011.

GUEDES, J. E. R. P.; GUEDES, D. P. Características dos programas de Educação Física escolar. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 49-62, jan./jun. 1997.

GUEDES, S. L. **Jogo de corpo**: um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói, RJ: EDUFF, 1997.

GUIMARÃES FILHO, J. C. M.; MOURA, D. L.; ANTUNES, M. M. Quando a beleza põe mesa: uma análise das condições de trabalho do profissional de Educação Física em mega-academias. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 23, n. 36, p. 197-213, jun. 2011.

GUIMARÃES NETO, W. M. **Musculação**: além do anabolismo. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2006.

GUTMANN, M. O fetiche totêmico da sexualidade masculina: oito erros comuns. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 5-20, fev. 2009.

GUZZO, M. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 139-152, set. 2005.

HADDAD, A. E. et. al. (Org.). **A trajetória dos cursos de graduação na área de saúde**: 1991-2004. Brasília, DF: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALLAL, P. C. Promoção da atividade física no Brasil: chegou a hora da escola. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Pelotas, v. 15, n. 2, p. 76-77, 2010.

HALLAL, P. C. Academia da saúde: mais um passo na direção certa. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Pelotas, v. 16, n. 2, p. 92-92, 2011.

HALLAL, P. C.; KNUTH, A. G. Epidemiologia da atividade física e a aproximação necessária com as pesquisas qualitativas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 1, p. 181-192, jan./mar. 2011.

HANSEN, R.; VAZ, A. F. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 135-152, set. 2004.

HANSEN, R.; VAZ, A. F. “Sarados” e “gostosas” entre alguns outros: aspectos da educação dos corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 133-152, jan./abr. 2006.

HEILBORN, M. L. **Visão de mundo e ethos de camadas médias suburbanas**. Comunicação apresentada na VII Reunião da ANPOCS, 1983.

HELMAN, C. G. **Cultura, saúde e doença**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HELMAN, C. Dr. Frankenstein and the industrial body. **Anthropology Today**, London, v. 4, n. 3, p. 14-16, 1988.

HEROLD JUNIOR, C. Corpo no trabalho e corpo pelo trabalho: perspectivas no estudo da corporalidade e da educação no capitalismo contemporâneo. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 11-35, mar./jun. 2012.

HERZLICH, C. A problemática da representação social e sua utilidade no campo da doença. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl., p. 57-70, 2005.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 2007. p. 31-61.

HUNGER, D. A. C. F. et al. Formação acadêmica em Educação Física: “corpos” (docente e discente) de conhecimentos fragmentados... **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 79-91, jan./mar. 2009.

IRIART, J. A. B.; ANDRADE, T. M. Musculação, uso de esteróides anabolizantes e percepção de risco entre jovens fisiculturistas de um bairro popular de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 5, p. 1379-1387, set./out. 2002.

IRIART, J. A. B.; CAPRARA, A. Novos objetos e novos desafios para a antropologia da saúde na contemporaneidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 853-863, 2011.

IRIART, J. A. B.; CHAVES, J. C.; ORLEANS, R. G. Culto ao corpo e uso de anabolizantes entre praticantes de musculação. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 773-782, abr. 2009.

JAEGER, A. A. A matematização do músculo no fisiculturismo feminino. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: Centro de Convenções, 2009, p. 1-14.

JAEGER, A. A. Corpos, músculos e feminilidades. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 1-13.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 955-975, set./dez. 2011.

JARDIM, D. O corpo masculino: baixo corporal e masculinidade. In: LEAL, O. F. (Org.). Antropologia do Corpo e da Saúde II. **Cadernos de Antropologia, UFRGS**, Porto Alegre, n. 6, 1992. p. 23-32.

JARDIM, D. F. **De bar em bar**: identidade masculina e auto-segregação entre homens de classes populares. 1991. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

JEOLÁS, L. S. O diálogo interdisciplinar na abordagem dos riscos: limites e possibilidades. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 9-21, 2010.

JOHNS, D. P. Recontextualizing and delivering the biomedical model as a physical education curriculum. **Sport, Education and Society**, London, v. 10, n. 1, p. 69-84, mar. 2005.

KLEIN, A. Life's too short to die small: steroid use among male bodybuilders. In: SABO, D.; GORDON, F. (Ed.) **Men's health and illness**: gender, power, and the body. London: Sage, 1995. p. 105-120.

KLEIN, A. M. **Little big men**: bodybuilding subculture and gender construction. Albany: State University of New York Press, 1993.

KLEIN, A. Man makes himself: alienation and self-objectification in bodybuilding. **Play & Culture**, Champaign, v. 5, n. 4, p. 326-337, nov. 1992.

KLEIN, A. Pumping irony: crisis and contradiction in bodybuilding. **Sociology of Sport Journal**, Champaign, v. 3, n. 1, p. 3-23, 1986.

KLEIN, A. "Of muscles and men." **The Sciences, New York: The New York Academy of Sciences**, v. 33, n. 6, p. 32-37, nov./dec. 1993a.

KNAUTH, D. A etnografia na saúde coletiva: desafios e perspectivas. In: SCHUCH, P.; VIEIRA, M. S.; PERES, R. (Org.). **Experiências, dilemas e desafios do fazer etnográfico contemporâneo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2010. p. 109-114.

KOURY, M. G. P. Estilo de vida e liberdade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 41-53, jan./jun. 2010.
LACOMBE, A. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, p. 207-225, jan./jun. 2007.

LACOMBE, A. **"Pra homem já tô eu"**: Masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LAGERIE, P. B. Le salaire de la sueur: un éclairage socio-historique sur la lutte anti-sweatshop. **Sociologie du Travail**, Paris, v. 54, p. 45-69, 2012.

LAHIRE, B. Indivíduo e misturas de gêneros: dissonâncias culturais e distinção de si. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 56, p. 11-36, 2008.

LANGDON, E. J.; WIIK, F. V. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 18, n. 3, p. 173-181, maio/jun. 2010.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. 20. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

LATOUR, B. How to talk about the body? The normative dimension of science studies. **Body & Society**, London, v. 10, n. 2-3, p. 205-229, 2004.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **A vida de laboratório**: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LAZZAROTTI FILHO, A. et al. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 11-29, jan./mar. 2010.

LEAL, V. C. L. V. et al. O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 77-86, 2010.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LE BRETON, D. **Antropología del dolor**. Barcelona: Seix Barral, 1999.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LE BRETON, D. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Autores Associados, 2009.

LE BRETON, D. Escarificações na adolescência: uma abordagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010.

LE BRETON, D. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. **Revista Política e Trabalho, Revista de Ciências Sociais**, João Pessoa, n. 37, p. 33-44, out. 2012.

LE BRETON, D. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais.. Lisboa: Miosótis, 2004.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. Saúde/doença e triangulação: pontos de vista e inter-relações. In: BAGRICHEVSKY, M. et al. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. v. 2, p. 235-239.

LESSA, P.; FURLAN, C. C.; CAPELARI, J. B. Pedagogias do corpo e construção do gênero na prática de musculação em academias. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 23, n. 37, p. 41-50, dez./2011.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

LÉVI-STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. p. 11-46.

LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e significado**. Lisboa: Ed. 70, 1987.

LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. 8. ed. Campinas: Papirus, 1989.

LEWIS, A. A saúde como conceito social. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 151-174, 1998.

LIMA, D. N. O. Ethos "emergente": as pessoas, as palavras e as coisas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 175-202, jul./dez. 2007.

LIMA, D. N. O. Ethos emergente: notas etnográficas sobre o "sucesso". **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 65, p. 73-83, out. 2007.

LIMA, M. M. Mercadorização do corpo, corpolatria e o papel do profissional de Educação Física. **Estudos**, Goiânia, v. 36, n. 9/10, p. 1061-1071, set./out. 2009.

LIN, J. Y. The relationship between extroversion and leisure motivation: evidence from fitness center participation. **Social Behavior and Personality**, Palmerston North, v. 35, n. 10, p. 1317-1322, 2007.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Trad. Maria L. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Trad. Maria L. Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIZ, C. M. et al. Aderência à prática de exercícios físicos em academias de ginástica. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 1, p.181-188, jan./mar. 2010.
LIZ, C. M.; ANDRADE, A. Motivação de aderentes e desistentes da musculação em academias. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: Centro de Convenções Ulysses Guimarães, 2013, p. 1-3.

LOPES, N. M. Automedicação: algumas reflexões sociológicas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, v. 37, p. 141-165, 2001.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, maio/ago. 2008.

LOVISOLO, H. Em defesa do modelo JUBESA (juventude, beleza e saúde). In: BAGRICHEVSKY, M. et al. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. v. 2, p. 157-178.

LOVISOLO, H. Sociologia do esporte: temas e problemas. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 2, n. 2, p. 80-91, 2011.

LOYOLA, M. A. R. A saga das ciências sociais na área da saúde coletiva: elementos para reflexão. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 251-275, 2008.

LOYOLA, M. A. O lugar das ciências sociais na saúde coletiva. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 9-14, 2012.

LÜDORF, S. M. A. **Do corpo design à educação sociocorporal**: o corpo na formação de professores de Educação Física. 2004. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

LÜDORF, S. M. A. Refletindo sobre o corpo design e a formação de professores de Educação Física: por uma educação sociocorporal. In: ROMERO, E.; PEREIRA, E. G. B (Org.). **Universo do Corpo**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Shape, 2008. p. 61-83.

LÜDORF, S. M. A. Formação de professores de Educação Física: retratos de uma instituição. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, Cristalina, v. 2, n. 1, p. 126-136, jul. 2010.

LÜDORF, S. M. A.; ORTEGA, F. J. G. Marcas no corpo, cansaço e experiência: nuances do envelhecer como professor de Educação Física. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 17, n. 46, p. 661-675, jul./set. 2013.

LUHMANN, N. **Sociologia del riesgo**. Guadalajara: Walter de Grurter, 1992.

LUPTON, D. Corpos, prazeres e práticas do eu. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 15-48, jul./dez. 2000.

LUPTON, D. "Desenvolvendo-me por inteiro": cidadania, neoliberalismo e saúde contemporânea no currículo de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p.11-31, set./dez. 2003.

MACHADO, E. P. **Ratos de academia on line**: o corpo perfeito para usuários de um fórum virtual relacionado à musculação. 2009. 56 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MACHADO-MOREIRA, C. A. et al. Hidratação durante o exercício: a sede é suficiente? **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, São Paulo, v. 12, n. 6, p. 405-409, nov./dez. 2006.

MACHILLOT, D. Pour une anthropologie des stereotypes: quelques propositions théoriques. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 73-101, jan./jun. 2012.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, jun. 2002.

MAGNANI, J. G. C. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009.

MAIA, M. C. M.; SANTOS, A. P.; MELO, J. P. Dor e sacrifício corporal: uma construção subjetiva na prática do atletismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: Centro de Convenções Ulysses Guimarães, 2013, p. 1-14.

MALINOWSKI, B. Objetivo, método e alcance desta pesquisa. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. São Paulo: Francisco Alves, 1980. p. 39-61.

MALINOWSKI, B. Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação. In: DURHAM, E. R. (Org.). **Malinowski**. São Paulo: Ática, 1986. p. 24-48.

MALINOWSKI, B. Os argonautas do pacífico ocidental. **Ethnologia**, n. 6-8, p. 17-37, 1997.

MALUF, S. W. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços**, Florianópolis, v. 9, n. 9, p. 87-101, 2001.

MALYSSE, S. Em busca dos (h)alteres-ego. In: GOLDENBERG, M. (Org.) **Nu & Vestido**: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2. ed., Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 79-137.

MALYSSE, S. **Diário acadêmico**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

MALYSSE, S. Antropologia muscular e autoconstrução do corpo: o diário acadêmico de Stéphane Malysse. **Redige**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 201-211, 2010.

MARCELLINO, N. C. Academias de ginásticas como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 11, n. 2, p. 49-54, jun. 2003.

MARCON, D.; GRAÇA, A. B. S.; NASCIMENTO, J. V. Estruturantes da base de conhecimentos para o ensino de estudantes-professores de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 3, p. 776-787, jul./set. 2010.

MARCUS, G. E. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review Anthropology**, Palo Alto, v. 24, p. 95-117, 1995.

MARIANTE NETO, F. P. **Da academia de boxe ao boxe da academia**: um estudo etnográfico. 2010. 125 f. Dissertação (Mestrado Ciências do Movimento Humano) – Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARIANTE NETO, F. P.; MYSKIW, M.; STIGGER, M. P. Entre a academia de boxe e o boxe da academia: um estudo etnográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 103-123, jan./mar. 2012.

MARIANTE NETO, F. P.; STIGGER, M. P. Reflexividade na pesquisa etnográfica e as suas relações com a prática pedagógica de um professor de boxe. **Cadernos de Formação RBCE**, Campinas, v. 2, n. 1, p. 95-107, jan. 2011.

MARINHO, A. Prefácio à edição brasileira. In: LE BRETON, D. **Condutas de risco**: dos jogos de morte ao jogo de viver. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 9-12.

MARKULA, P. "Tuning into one's self": Foucault's technologies of the self and mindful fitness. **Sociology of Sport Journal**, Champaign, v. 21, n. 3, p. 302-321, 2004.

MAROUN, K. O culto ao corpo na ambiência das academias de ginástica: um estudo etnográfico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 16., 2009, Salvador. **Anais...** Salvador: Centro de Convenções da Bahia, 2009, p. 1-9.

MARQUES, A. T. As profissões do corpo: o treinador. **Revista Treinamento Desportivo**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 4-8, 2000.

MARTINS, C. J.; ALTMANN, H. Construções históricas de ideais de corpos masculinos e femininos. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Ilhéus: Editus, 2007. v. 3, p. 23-37.

MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; BARROS NETO, T. L. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 2-13, jan./fev. 2001.

MATTOS, R.; LUZ, M. T. Sobrevivendo ao estigma da gordura: um estudo socioantropológico sobre obesidade. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 489-507, 2009.

MATTOS, R. **Sobrevivendo ao estigma da gordura**. São Paulo: Vetor, 2012.

MATTOS, R. S. O efeito placebo dos suplementos alimentares nas academias: um ensaio socioantropológico. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 67-84, jul./dez. 2013.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, R. C. (Org.). **Mauss. Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979. p. 147-53.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

MAUSS, M.; HUBERT, H. **Sobre o sacrifício**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MCARDLE, W. D.; KATCH, F. L.; KATCH, V. L. **Fisiologia do exercício**: energia, nutrição e desempenho humano. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MEDEIROS, C. C. C. Habitus e corpo social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 281-300, jan./mar. 2011.

MELLO, P. P. T. **Pendura essa**: a complexa etiqueta na relação de reciprocidade em um botequim do Rio de Janeiro. 2003. 115 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Ciência Política da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

MELVILLE, D. S.; MADDALOZZO, J. G. F. The effects of a physical educator's appearance of body fatness on communicating exercise concepts to high school students. **Journal of Teaching in Physical Education**, Champaign, v. 7, n. 4, p. 343-352, 1988.

MENDES, M. I. B. S. Educação Física: prisioneira do século XIX? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 85-96, jan. 2004.

MERQUIOR, J. G. **A estética de Lévi-Strauss**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MINAYO, M. C. S. Conceito de avaliação por triangulação de métodos. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005. p. 19-51.

MINAYO, M. C. Contribuições da antropologia para pensar e fazer saúde. In: CAMPOS, G. W. S. et al. (Org.). **Tratado de saúde coletiva**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006. p. 189-218.

MINAYO, M. C. S. Estrutura e sujeito, determinismo e protagonismo histórico: uma reflexão sobre a práxis da saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 7-19, 2001.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, M. C. S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014.

MINTZ, S. W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 31-41, out. 2001.

MIRA, C. M. Exercício físico e saúde: da crítica prudente. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003. p. 169-191.

MONAGHAN, L. F. Creating “The Perfect Body”: a variable project. In: FEATHERSTONE, M. (Ed.). **Body modification**. London: Sage, 2000. p. 267-290.

MONAGHAN, L. F. Looking good, feeling good: the embodied pleasures of vibrant physicality. **Sociology of Health & Illness**, Leeds, v. 23, n. 3, p. 330-356, 2001.

MONAGHAN, L. F. Men, physical activity, and the obesity discourse: critical understandings from a qualitative study. **Sociology of Sport Journal**, Champaign, v. 25, p. 97-129, 2008.

MONTAGNER, M. A. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 515-526, 2006.

MOREIRA, F. F.; OLIVEIRA, R. N. Funk carioca: o cheiro que incomoda. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO DA ABEH, 6., 2012, Salvador. **Anais**... Salvador: UFBA, 6, 2012. p. 1-13.

MOULIN, A. M. O corpo diante da medicina. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo 3**. As mutações do olhar: o século XX. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 15-82.

MOURA, P. V. et al. O significado da dor física na prática do esporte de rendimento. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 35, n. 4, p. 1005-1019, out./dez. 2013.

NAHAS, M. V.; BEM, M. F. L. Perspectivas e tendências da relação teoria e prática na Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v. 3, n. 2, p. 73-79, dez. 1997.

NAHAS, M. V.; GARCIA, L. M. T. Um pouco de história, desenvolvimentos recentes e perspectivas para a pesquisa em atividade física e saúde no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 135-48, jan./mar. 2010.

NAKAMURA, E. O método etnográfico em pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 95-103, 2011.

NEVES, R. L.; ASSUMPÇÃO, L. O. T. Educação Física e legitimação no campo da saúde pública. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: Centro de Convenções Ulysses Guimarães, 2013, p. 1-13.

NEVES JÚNIOR, J. A.; TOURINHO, M. B. A. C. Perfil motivacional para o trabalho dos colaboradores de fitness. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-15, jan./abr. 2011.

NOGUEIRA; F. R. S.; SOUZA, A. A.; BRITO, A. F. Prevalência do uso e efeitos de recursos ergogênicos por praticantes de musculação nas academias brasileiras: uma revisão sistematizada. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, Pelotas, v. 18, n. 1, p. 16-30, jan. 2013.

NOVAES, J. **Estética**: o corpo na academia. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Porto Ed., 2007. p. 11-30.

NUNES, C. M. F. Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 74, p. 27-42, abr. 2001.

NUNES, E. D. et al. O campo da Saúde Coletiva na perspectiva das disciplinas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 1917-1922, 2010.

NUNES, M. P.; VOTRE, S. J.; SANTOS, W. O profissional em Educação Física no Brasil: desafios e perspectivas no mundo do trabalho. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 2, p. 280-290, abr./jun. 2012.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Pesquisa etnográfica em Educação Física: uma (re)leitura possível. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 137-143, 2007.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Educação intercultural e Educação Física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-11, maio/ago. 2011.

OLIVEIRA, S. T.; GOMES, I. M. A forja identitária de lutadores veteranos: além do último round. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: Centro de Convenções Ulysses Guimarães, 2013, p. 1-14.

OLIVIER DE SARDAN, J. P. Le "jê" méthodologique: implication et explicitation dans l'enquête de terrain. **Revue française de sociologie**, Paris, v. 41, n. 3, p. 417-445, 2000.

ORTEGA, F. Biopolíticas da saúde: reflexões a partir de Michel Foucault, Agnes Heller e Hannah Arendt. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 8, n. 14, p. 9-20, set. 2003/fev. 2004.

ORTEGA, F. Corpo e tecnologias de visualização médica: entre a fragmentação na cultura do espetáculo e a fenomenologia do corpo vivido. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 237-257, 2005.

ORTEGA, F. Corporeidade e biotecnologias: uma crítica fenomenológica da construção do corpo pelo construtivismo e pela tecnobiomedicina. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 381-388, 2007.

ORTEGA, F. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 59-77, 2003.

ORTEGA, F.; ZORZANELLI, R. **Corpo em evidência**: a ciência e a redefinição do humano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

ORTIZ, R. Sobre o relativismo cultural. **Revista Alambre: Comunicación, información, cultura**, Buenos Aires, n. 2, mar. 2009.

ORY, P. O corpo ordinário. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo 3**. As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 155-195.

OS LUCROS DO SUOR: as academias de ginástica transformaram-se em empresas e disputam um mercado florescente. **Revista Veja**, São Paulo, n. 862, p. 100-101, 1985.

O SUOR ENTROU NA MODA. **Revista Veja**, São Paulo, n. 578, p. 50-58, 1979.

PAIM, J. S. **O que é o SUS**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2009.

PALMA, A. Atividade física, processo saúde-doença e condições sócio-econômicas: uma revisão da literatura. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 97-106, jan./jun. 2000.

PALMA, A. Educação Física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros "modos de olhar". **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 23-29, jan. 2001.

PALMA, A.; Exercício físico e saúde; sedentarismo e doença: epidemia, causalidade e moralidade. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 1, p. 185-191, jan./mar. 2009.

PALMA, A.; ASSIS, M. Rich and physically active: where are we talking from? **Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports**, Oxford, v. 21, p. 151-152, 2011.

PALMA, A.; ASSIS, M. Uso de esteróides anabólico-androgênicos e aceleradores metabólicos entre professores de educação física que atuam em academias de ginástica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 75-92, set. 2005.

PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Considerações teóricas acerca das questões relacionadas à promoção da saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003a. p. 15-32.

PALMA, A.; LÜDORF, S. M. A. Towards rethinking the discourse on obesity. **Obesity Reviews**, London, v. 11, n. 1, p. 62-62, 2010.

PALMA, A.; VILAÇA, M. M. O sedentarismo da epidemiologia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 2, p. 105-119, jan. 2010.

PALMA, A. et al. Reflexões acerca da adesão aos exercícios físicos: comportamentos de risco ou vulnerabilidade? **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 83-100, set./dez. 2003.

PALMA, A. et al. Reflexões acerca da adesão aos exercícios físicos: comportamentos de risco ou vulnerabilidade? **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 21, p. 83-100, set./dez. 2003b.

PALMA, A. et al. Dimensões epidemiológicas associativas entre indicadores socioeconômicos de vida e prática de exercícios físicos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 119-136, maio 2006.

PALMA, A. et al. Trabalho e saúde: o caso dos professores de Educação Física que atuam em academias de ginástica. **Cadernos IPUB (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 11-30, 2007.

PALMA, A. et al. Culto ao corpo e exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 31-51, jan./mar. 2010.

PALMA, A. et al. Os "pesos" de ser obeso: traços fascistas no ideário de saúde contemporâneo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 4, p. 99-119, out./dez. 2012.

PARRA, R. M.; PALMA, A.; PIERUCCI, A. P. T. Contaminação de suplementos dietéticos usados para prática esportiva. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 1071-1084, out./dez. 2011.

PASQUALI, D.; NITERÓI, R.; MASCARENHAS, F. A indústria do fitness e seu desenvolvimento desigual: um estudo sobre as academias de ginástica na cidade de Goiânia. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2011.

PEACOCK, S.; PATEL, S. Cultural influences on pain. **British Journal of Pain**, London, v. 1, n. 2, p. 6-9, mar. 2008.

PEARCE, P. F. Physical activity: not just for quantitative researchers. **Qualitative Health Research**, California, v. 19, n. 7, p. 879-880, July 2009.

PEDRAZ, M. V. El cuerpo preso de la vida saludable: la construcción de una ética médico-deportiva de sujeción. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 23-37, maio 2006.

PEIRANO, M. G. S. **A favor da etnografia**. Brasília, DF: UnB; Série Antropologia, 1992.

PEIXOTO JUNIOR, C. A. Algumas considerações nietzschianas sobre corpo e saúde. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 14, n. 35, p. 727-738, out./dez. 2010.

PEREIRA, E.; GLEYSE, J. O doping ao longo do século XX na França: representações do puro, do impuro e do segredo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 55-74, set. 2005.

PEREIRA, R. F.; LAJOLO, F. M.; HIRSCHBRUCH, M. D. Consumo de suplementos por alunos de academias de ginástica em São Paulo. **Revista de Nutrição**, Campinas, v. 16, n. 3, p. 265-272, jul./set. 2003.

PERES, F. F.; MELO, V. A. A introdução da ginástica nos clubes do Rio de Janeiro do século XIX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 471-493, abr./jun. 2014.

PERES, M. S. A mega-academia enquanto um não-lugar (filmado). In: VIGILÂNCIA, SEGURANÇA E CONTROLE SOCIAL NA AMERICA LATINA, 1., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC PR, 2009, p. 312-332.

PERES, M. S. Tem que correr, tem que malhar: uma reflexão sobre o culto ao corpo na contemporaneidade. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, jul./dez. 2011.

PICH, S.; GOMES, I. M.; VAZ, A. F. Mercadorização biopolítica: sobre escolhas saudáveis em tempos de consumo. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Ilhéus: Editus, 2007. v. 3, p. 187-207.

PIRES, G. L.; MÓL, M. C. Saúde e estética na mídia impressa brasileira: um estudo sobre o tema nas revistas Veja, Época e Isto É. **Caderno de Currículo e Ensino**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 58-70, 2005.

POLI NETO, P.; CAPONI, S. Medicalização da aparência: os curiosos arranjos de um discurso científico da beleza. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Ilhéus: Editus, 2007. v. 3, p. 105-120.

PORATH, M. et al. Fase de desinvestimento da carreira docente de professores de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 203-222, out./dez. 2011.

PRETECEILLE, E.; VALLADARES, L. A desigualdade entre os pobres: favela, favelas. In: HENRIQUES, R. (Org.). **Desigualdade e pobreza no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2000. p. 459-485.

QUELHAS, A. A. **Trabalhadores de Educação Física no segmento fitness**: um estudo da precarização do trabalho no Rio de Janeiro. 2012. 250 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

RABELLO, L. S. **Promoção da saúde**: desafio ou adaptação? A construção social do conceito, de Alma Ata aos dias atuais, no Brasil e no Canadá. 2006. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados sobre as Américas do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RABELO, M. C.; ALVES, P. C. Corpo, experiência e cultura. In: LEIBING, A. (Org.). **Tecnologias do corpo**: uma antropologia das medicinas no Brasil. Rio de Janeiro: Nau editora, 2004. p. 175-200.

RACE, R. "Frequent sipping": bottled water, the will to health and the subject of hydration. **Body & Society**, London, v. 18, n. 3-4, p. 72-98, 2012.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Estrutura e função nas sociedades primitivas**. Lisboa: Ed. 70, 1989.

RAMOS, G. N. S. Escolas de ofício, profissão Educação Física e sociedade. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 919-924, out./dez. 2009.

RIBEIRO, R. J. Não há pior inimigo do conhecimento que a terra firme. **Tempo Social**; Ver. Sociol. USP, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 189-195, maio 1999.

RIOS, E. R. G. et al. Senso comum, ciência e filosofia: elo dos saberes necessários à promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 501-509, 2007.

ROCHA, E.; RODRIGUES, J. C. **Corpo e consumo**: roteiro de estudos e pesquisas. Rio de Janeiro: PUC/RJ, s/d.

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138-146, 2004.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2006.

RODRIGUES, R. O desempenho do homem-massa nas práticas corporais esportivas: uma relação de amor e de ódio. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 153-165, set. 2005.

ROJO, L. F. Relações de gênero no hipismo: um olhar comparativo entre Rio de Janeiro e Montevidéu. **Antropologia Social y Cultural em Uruguay (Anuario)**, 2007, p. 163-172. Disponível em: http://www.unesco.org.uy/shs/fileadmin/templates/shs/archivos/anuario2007/articulo_12.pdf. Acesso em: 12 de jun. 2011.

ROSSI, F.; HUNGER, D. A. C. F. Formação acadêmica em Educação Física e intervenção profissional em academias de ginástica. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 4, p. 440-451, out./dez. 2008.

SABINO, C. Lógica da diferença e androlatria: o caso das mulheres das academias de ginástica. **Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 10-28, 2003.

SABINO, C. **O peso da forma**: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas. 2004. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SABINO, C. O uso ritual de esteróides anabolizantes em academias de musculação: uma abordagem antropológica. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 7-16, jan./jun. 2005.

SABINO, C.; LUZ, M. T. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 251-272, 2006.

SABINO, C.; LUZ, M. T.; CARVALHO, M. C. O fim da comida: suplementação alimentar e alimentação entre frequentadores assíduos de academias de musculação e fitness do Rio de Janeiro. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 343-356, abr./jun. 2010.

SABO, D. Pigskin, patriarchy and pain. In: KIMMEL, M.; MESSNER, M. (Ed.). **Men's Lives**. 2. ed. Nova York: Mcmillan Publishing, 1992. p. 103-108.

SAHAJ, T. The body as a form of id and social differentiation (in ancient Greece). **Human Movement**, Wroclaw, v. 12, n. 4, p. 385-390, 2011.

SAILLANT, F.; GENEST, S. (Org.). **Antropologia médica**: ancoragens locais, desafios globais. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2012.

SANDELOWSKI, M. Using qualitative research. **Qualitative Health Research**, California, v. 14, n. 10, p. 1366-1386, dec. 2004.

SANT'ANNA, D. B. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 11, n. 15, p. 13-24, 2000.

SANT'ANNA, D. B. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.). **Políticas do corpo**: elementos para uma história das práticas corporais. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-139.

SANT'ANNA, D. B. Uma história do corpo. In: SOARES, C. (Org.). **Pesquisas sobre o corpo**: ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. p. 67-80.

SANTOS, A. F. et al. Anabolizantes: conceitos segundo praticantes de musculação em Aracaju (SE). **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 371-380, maio/ago. 2006.

SANTOS, A. R. M. et al. A busca pela beleza corporal na feminilidade e masculinidade. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 135-142, 2013.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, L. A. Corpo e cultura: cartografias da contemporaneidade. **Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**, Florianópolis, v. 12, n. 100, p. 49-64, jan./jul. 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006a.

SANTOS, N. Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 141-165, abr./jun. 2009.

SANTOS, S. F.; SALLES, A. D. Antropologia de uma academia de musculação: um olhar sobre o corpo e um espaço de representação social. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 87-102, abr./jun. 2009.

SARTI, C. A. A dor, o indivíduo e a cultura. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2001.

SARTI, C. Corpo e doença no trânsito de saberes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 25, n. 74, p. 77-90, 2010.

SASSATELLI, R. Interaction order and beyond: a field analysis of body culture within fitness gyms. **Body & Society**, London, v. 5, n. 2-3, p. 227-248, 1999.

SASSATELLI, R. Interaction order and beyond: a field analysis of body culture within fitness gyms. In: FEATHERSTONE, M. (Ed.). **Body modification**. London: Sage, 2000. p. 227-248.

SAUTCHUK, C. E. A medida da gordura. O interno e o íntimo na academia de ginástica. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 181-205, 2007.

SCHECHNER, R. **Performance studies**: an introduccion. 2.ed. New York: Routledge, 2006.

SCHECHNER, R. Performers e espectadores: transportados e transformados. **Moringa**, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 155-185, jan./jun. 2011.

SCHWARTZ, M. S.; SCHWARTZ C. G. Problems in participant observation. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 60, n. 4, p. 343-354, jan. 1955.

SCHWARTZ, O. **L'empirisme irréductible**: L'Hobo, sociologie du sans-abri. Paris: Anderson N. Nathan, 1993.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais**. Portugal: Europa-América, 2000.

SEIXAS, R. B. S. **Corpos possíveis**: conformações corporais e estilos de vida propostos nas revistas Men's Health e Women's Health. 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Curso de Ciências Sociais do Centro de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010.

SEPARAVICH, M. A.; CANESQUI, A. M. Saúde do homem e masculinidades na política nacional de atenção integral à saúde do homem: uma revisão bibliográfica. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 415-428, 2013.

SERRA, G. M. A.; SANTOS, E. M. Saúde e mídia na construção da obesidade e do corpo perfeito. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 691-701, 2003.

SEYMOUR, W. Containing the body. In: PETERSEN, A.; WADDELL, C. (Ed.). **Health matters**: a sociology of illness, prevention and care. London: Allen and Unwin, 1998. p. 156-168.

SHIGUNOV, V.; SHIGUNOV NETO, A. A formação de professores de Educação Física: as competências e as habilidades da profissão. **Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física**, Cristalina, v. 1, n. 1, p. 76-117, ago. 2009.

SHILLING, C.; MELLOR, P. Durkheim, morality and modernity: collective effervescence, homo duplex and the sources of moral action. **The British Journal of Sociology**, London, v. 49, n. 2, p. 193-209, jun. 1998.

SHIN, K. R.; KIM, M. Y.; CHUNG, S. E. Methods and strategies utilized in published qualitative research. **Qualitative Health Research**, California, v. 19, n. 6, p. 850-858, june 2009.

SILVA, A. C. **Corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação Física da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. Envelhecendo como professor de Educação Física: um olhar sobre o corpo e a profissão. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 4, p. 645-654, 4. trim. 2010.

SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. Possíveis relações entre corpo, saúde e o envelhecimento do professor de Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 187-204, abr./jun. 2012.

SILVA, A. C.; LÜDORF, S. M. A. Prática profissional em Educação Física: rumo a novas experiências com o passar dos anos. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 411-427, 2013.

SILVA, A. C.; PALMA, A.; LÜDORF, S. M. A. O envelhecimento do professor de Educação Física e sua prática profissional: significados atribuídos ao corpo e à saúde. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 3, p. 817-833, jul./set. 2013.

SILVA, A. C.; SILVA, F. A. G.; LÜDORF, S. M. A. Formação em Educação Física: uma análise comparativa de concepções de corpo de graduandos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 57-74, abr./jun. 2011.

SILVA, A. C. et al. A visão de corpo na perspectiva de graduandos em Educação Física: fragmentada ou integrada? **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 109-126, jul./set. 2009.

SILVA, A. M. Entre o corpo e as práticas corporais. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 5-20, jan./jun. 2014.

SILVA, C. L.; VELOZO, E. L.; RODRIGUES JÚNIOR, J. C. Pesquisa qualitativa em Educação Física: possibilidades de construção de conhecimento a partir do referencial cultural. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 48, p. 37-60, dez. 2008.

SILVA, G. O. V. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. l, n. 2, p. 24-36, jul./dez. 1995.

SILVA, P. R. P. et al. Prevalência do uso de agentes anabólicos em praticantes de musculação de Porto Alegre. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, São Paulo, v. 51, n. 1, 104-110, 2007.

SILVA, V. S. S. A prática pedagógica na Educação Física na perspectiva da cultura corporal. **Revista Corporis**, Recife, v. 3, n. 3, p. 1-13, jan./dez. 1998.

SILVEIRA, V. T.; NEVES, F. W. Corpo e mercado: a eficiência do sistema Body Systems de ginástica. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 1., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UFPR, 2009. p. 1-11.

SILVERMAN, D. **Um livro bom, pequeno e acessível sobre pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

SIMMEL, G. O conceito e a tragédia da cultura. In: SOUZA, J.; ÖELZE, B. (Org.). **Simmel e a modernidade**. Brasília, DF: UNB, 1998. p. 79 -108.

SIMMEL, G. Estética e sociologia. **Revista Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 14, p. 183-188, 1998a.

SIMMEL, G. O indivíduo e a liberdade. In: SOUZA, J.; ÖELZE, B. (Org.). **Simmel e a modernidade**. Brasília, DF: UNB, 1998b. p. 109-117.

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIQUEIRA, D. C. O.; FARIA, A. A. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 4, n. 9, p. 171-188, mar. 2007.

SIQUEIRA, F. V. et al. Fatores considerados pela população como mais importantes para manutenção da saúde. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 43, n. 6, p. 961-971, 2009.

SOARES, C. L. As roupas destinadas aos exercícios físicos e ao esporte: nova sensibilidade, nova educação do corpo (Brasil, 1920-1940). **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 81-96, set./dez. 2011.

SOARES NETO, J. F. P. **A saúde modificada**: criatividade, espontaneidade e satisfação na experiência corporal contemporânea. 2005. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social, UERJ, 2005.

SORIANO, J. B. Formação profissional em Educação Física: da orientação acadêmica à intervenção profissional. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 9, supl. 1, p. 21-25, 2010.

SOUZA, C. M. Atividade física e saúde: interconexões com a ideologia individualista e sistemas de auto-ajuda. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 23-40, jun. 2005.

SOUZA, E.; LUZ, M. T. Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 393-405, abr./jun. 2009.

SOUZA, R. R. **O lazer agonístico**: como se aprende o que significa ser homem num bar de um bairro suburbano. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SPENCER, D. C. Habit(us), body techniques and body callusing: an ethnography of mixed martial arts. **Body & Society**, London, v. 15, n. 4, p. 119-143, 2009.

SPINK, M. J.; ARAGAKI, S.; ALVES, M. P. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 26-38, 2005.

SPINK, M. J. P. Posicionando pessoas por meio da linguagem dos riscos: reflexões acerca do desenvolvimento de "habilidades" como estratégia de promoção de saúde. In: BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A.; PALMA, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Ilhéus: Editus, 2007. v. 3, p. 253-273.

STRAUSS, A. **Espelhos e máscaras**: a busca de identidade. São Paulo: EDUSP, 1997.

SUDO, N.; LUZ, M. O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, p. 1033-1040, 2007.

SUMIYA, A. A dinâmica dos processos corporais e a construção do olhar clínico. **Revista Urutágua**, Maringá, n. 17, p. 11-17, 2009.

TAVARES, O. Doping: argumentos em discussão. **Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 41-55, jan./abr. 2002.

TAVARES, O. Doping no esporte: uma análise tendo como foco os atletas olímpicos brasileiros e alemães. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 37-53, set. 2005.

TAVARES, O. Notas para uma análise da produção em ciências sociais sobre doping no esporte. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 1-29, mar./jun. 2006.

TEIXEIRA, F. L. S.; FREITAS, C. M. S. M.; CAMINHA, I. O. A lipofobia nos discursos de mulheres praticantes de exercício físico. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 3, p. 590-601, jul./set. 2012.

TESSMER, C. S. et al. Insatisfação corporal em freqüentadores de academia. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 14, n. 1, p. 7-12, 2006.

THOMAZINI, S. O.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, F. Q. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de mixed martial arts. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 3, p. 281-290, set./dez. 2008.

TORRI, G.; BASSANI, J. J.; VAZ, A. F. Dor e tecnificação no contemporâneo culto ao corpo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 2, p. 261-273, jul./dez. 2007.

TORRI, D.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. Sacrifícios, sonhos, indústria cultural: retratos da educação do corpo no esporte escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 499-512, set./dez. 2007a.

TOSCANO, J. J. O. Academia de ginástica: um serviço de saúde latente. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 40-42, jan. 2001.

TRABBOLD, V. L. M. Os significados do corpo para os adolescentes masculinos que frequentam academias de ginástica. **Polêm!ca**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 89-97, jul./set. 2010.

TRAD, L. A. B. Trabalho de campo, narrativa e produção de conhecimento na pesquisa etnográfica contemporânea: subsídios ao campo da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 627-633, 2012.

TRAVASSOS, C. A comercialização do cuidado de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 5, p. 841-843, maio 2013.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TURNER, V. W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.

VALLA, V. V. Apoio social e saúde: buscando compreender a fala das classes populares. In: COSTA, M. V. (Org.). **Educação popular hoje**. São Paulo: Loyola, 1998. p. 151-179.

VALLADARES, L. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 44, p. 5-34, out. 2000.

VALLADARES, L. Os dez mandamentos da observação participante. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 63, p. 153-155, 2007.

VASCONCELOS, N. A.; SUDO, I.; SUDO, N. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 65-93, mar. 2004.

VASCONCELOS, R. V. Representações sobre o papel do corpo feminino: o discurso de praticantes de atividade física. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**,** 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ESEF; UFRGS, 2005, p. 1240-1250.

VASCONCELLOS-SILVA, P. R. et al. Panacéias disseminadas pela internet e pacientes vulneráveis: como conter um mercado de ilusões? **Revista Panamericana de Salud Publica**, Washington, v. 29, n. 6, p. 469-474, 2011.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 89-108, ago. 1999.

VAZ, A. F. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. M. (Org.). **Educação do corpo e formação de professores**: reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002. p. 85-107.

VAZ, A. F. Educação do corpo, conhecimento, fronteiras. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 161-172, jan. 2003.

VAZ, A. F. Doping, esporte, performance: notas sobre os “limites” do corpo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 23-36, set. 2005.

VELHO, G. Observando o familiar. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. p. 121-132.

VELHO, G. Prestígio e ascensão social: dos limites do individualismo na sociedade brasileira. In: VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a. p. 39-54.

VELHO, G. O futuro das ciências sociais e a importância de seu passado. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 48, p. 11-18, 2005.
VELHO, G. Goffman, mal-entendidos e riscos interacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 68, p. 145-148, out. 2008.

VELHO, G. Antropologia urbana: encontro de tradições e novas perspectivas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Lisboa, n. 59, p. 11-18, 2009.

VELOZO, E. L. Educação Física, ciência e cultura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 79-93, mai. 2010.

VERENGUER, R. C. G. Intervenção profissional em Educação Física: expertise, credencialismo e autonomia. **Motriz**, Rio Claro, v.10, n. 2, p.123-134, maio/ago. 2004.

VERENGUER, R. C. G. Graduação em Educação Física: refletindo sobre a docência universitária e as disciplinas do núcleo sócio-cultural. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 37-53, 2007.

VERENGUER, R. C. G. Mercado de trabalho em Educação Física: reestruturação produtiva, relações de trabalho e intervenção profissional. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 39-54, 2005.

VERENGUER, R. C. G. et al. Mercado de trabalho em Educação Física: significado da intervenção profissional em academia de ginástica. **Motriz**, Rio Claro, v. 14, n. 4, p. 452-461, out./dez. 2008.

VÍCTORA, C. G.; KNAUTH, D. R.; HASSEN, M. N. A. **Pesquisa qualitativa em saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2000.

VIEIRA, C. A. L.; BOSI, M. L. M. Corpos em confecção: considerações sobre os dispositivos científico e midiático em revistas de beleza feminina. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 843-861, 2013.

VIGARELLO, G. A invenção da ginástica no século XIX: movimentos novos, corpos novos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 9-20, set. 2003.

VIGARELLO, G. **História da beleza**: o corpo e a arte de se embelezar, do renascimento aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VIGARELLO, G. Treinar. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo 3**. As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 197-250.

VIGARELLO, G. Estádios: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo 3**. As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008a. p. 445-480.

VIGARELLO, G.; HOLT, R. O corpo trabalhado: ginastas e esportistas no século XIX. In: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Org.). **História do corpo**: da revolução à grande guerra. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 393-478.

VIGNE, J. A. O corpo das mulheres praticantes de musculação na Rocinha. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**,** 14., 2005, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ESEF; UFRGS, 2005, p. 1146-1150.

VIGNE, J. A.; VOTRE, S. J.; LACERDA, Y. Corpo, identidade e trabalho: relações das mulheres da Rocinha. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2008. p. 1-7.

VILAÇA, M. M.; PALMA, A. E se a obesidade não for uma doença? Efeitos colaterais de uma crítica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1363-1367, out./dez. 2012.

VILELA, L. F. Musculação como forma de transformação corporal e (re)afirmação do masculino. In: ENCONTRO NACIONAL UNIVERSITÁRIO DA DIVERSIDADE SEXUAL, 8., 2010, Campinas. **Anais...** Campinas: UNICAMP, 2010. p. 1-12.

VILHENA, L. M. et al. Avaliação da imagem corporal em professores de Educação Física atuantes no fitness na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p. 449-464, abr./jun. 2012.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.

VOTRE, S. J.; VIGNE, J. A.; LACERDA, Y. Mulheres da Rocinha: relações entre corpo, identidade e trabalho. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 53-69, set./dez. 2008.

WACQUANT, L. Whores, slaves and stallions: languages of exploitation and accommodation among boxers. **Body & Society**, London, v. 7, n. 2-3, p. 181-194, 2001.

WACQUANT, L. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Trad. Angela Ramalho. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WACQUANT, L. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 26, p. 13-29, jun. 2006.

WACQUANT, L. Notas para esclarecer a noção de habitus. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 6, n. 16, p. 5-11, 2007.

WAISSMAN, W. Desigualdade social e atividade física. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Edibes, 2003. p. 53-78.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

WEBER, M. A "objetividade" nas ciências sociais. In: COHN, G. (Org.). **Max Weber**: sociologia. São Paulo: Ática, 2008. p. 79-127.

WHYTE, W. F. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, A. (Org.). **Desvendando máscaras sociais**. São Paulo: Francisco Alves, 1980. p. 77-86.
WHYTE, W. F. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana e degradada. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

WOODS, P. **La escuela por dentro:** la etnografia en la investigacion educativa. Buenos Aires: Paidós, 1986.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ZALUAR, A. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 557-584, 2009.

ZALUAR, A. Agressão física e gênero na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 24, n. 71, p. 9-24, out. 2009a.

ZENOBI, D. O antropólogo como “espião”: das acusações públicas à construção das perspectivas nativas. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 471-499, 2010.

7 ANEXOS

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Este documento visa sua permissão para participar da **pesquisa** intitulada "Saúde e estética corporal na atuação do professor de educação física em academia de ginástica" desenvolvida no âmbito da Pós-graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ (IESC-UFRJ) que, em termos gerais, possui o **objetivo** de investigar como se articulam as relações entre saúde e estética corporal para o professor de Educação Física de academia de ginástica.

Você está sendo convidado(a) a participar dessa pesquisa **de uma das** seguintes maneiras: a) participando de **entrevista** individual; b) permitir o acompanhamento de suas atividades a fim de permitir ao pesquisador observar a interação entre alunos e professor ou c) participando das duas formas anteriormente mencionadas.

O presente Termo garante os seguintes **direitos**: (a) solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos da pesquisa; (b) sigilo absoluto de qualquer informação que possa levar ao reconhecimento de sua identidade pessoal ou do estabelecimento onde a pesquisa foi realizada; (c) você pode se negar a responder a qualquer pergunta ou a fornecer informações que julgue prejudiciais à sua integridade física, moral e social; (d) você pode solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum documento; (e) você pode desistir, a qualquer tempo, de participar da pesquisa, sem que haja qualquer prejuízo para você.

Ao participar da pesquisa, você estará contribuindo muito para a compreensão do assunto estudado e para a produção de conhecimento científico da área relativa à realidade do trabalho em academia de ginástica. Vale lembrar que **a participação nesse estudo é voluntária e condicionada à assinatura do presente "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido"**, não sendo prevista qualquer compensação financeira para os participantes.

Você receberá uma cópia do presente termo e quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador ou orientadora, assim que necessitar. **Desse modo, caso concorde com os esclarecimentos realizados e consinta em participar da presente pesquisa nessas condições, solicitamos a gentileza de se identificar e assinar abaixo.**

Rio de Janeiro, _____/_____/_____

Nome do participante:
Assinatura:

Caso tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva pelo telefone (21) 2598 9293, pelo e-mail cep@iesc.ufrj.br ou pelo próprio site www.iesc.ufrj.br.

_____

Prof. Ms. Alan Camargo Silva

Pesquisador - Contato: (21) 9885 4228

Endereço: Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da UFRJ - Praça Jorge Machado Moreira - Próximo a Prefeitura Universitária da UFRJ - Ilha do Fundão - Cidade Universitária - CEP: 21944-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

2ª versão do TCLE: 12 de Julho de 2012

ANEXO 2 – PROSPECTO DA ACADEMIA DE GINÁSTICA “P”

ACADEMIA

Telefone: 2426-3778. Proza

SOB NOVA DIREÇÃO.

Atividades*	Valores	Com desct* até o vencimento.
Musculação+ Ativid.*	R$ 55,00	R$ 50,00
Studio+ Atividades.*	R$ 60,00	R$ 55,00
Hidro (2 dias).	R$ 45,00	R$ 40,00
Hidro+ Bike+ Esteira.	R$ 80,00	R$ 60,00
Natação (De 05 á 13ª).	R$ 50,00	R$ 45,00
Natação+ Jiu Jitsu Inf.	R$ 80,00	R$ 50,00
Jiu Jitsu infantil até 13ª.	R$ 35,00	R$ 30,00
Jiu Jitsu adulto.	R$ 45,00	R$ 40,00
Boxe (adulto).	R$ 45,00	R$ 40,00
Capoeira (Infantil e adulto).	R$ 45,00	R$ 40,00
Muay Thai adulto.	R$ 45,00	R$ 40,00
M.M. A adulto.	R$ 45,00	R$ 40,00
PACOTES: (2 Lutas).	R$ 90,00	R$ 70,00
Esteira+ 1 Luta.	R$ 75,00	R$ 60,00
Musculação+ 1 Luta.	R$ 100,00	R$ 80,00
Musculação+ 2 Lutas	R$ 145,00	R$ 110,00
Avaliação Física	R$ 15,00	Reavaliação R$ 10,00

*Descontos válidos até a data do seu vencimento.

Diária R$ 7,00.

Documentação: Atestado Médico, RG, CPF, 2 Fotos 3x4 e comprovante de residência.

Temos desconto promocional para FAMÍLIA, acima de 03 pessoas.

Informa-se.

NÃO é permitido criança nas dependências da academia fora dos dias e horários das atividades infantis em que a mesma esteja devidamente matriculada.

Nossas atividades* e Horários.

Atividades do PACOTE*

Horários	2 feira	3 feira	4 feira	5 feira	6 feira
08:15	Ginástica Prof Claudia	Jump Prof Claudia	GAP Prof Claudia	Aero Funk Prof Mauricio	Ginástica Prof Claudia
18:00	Aero Funk Prof Mauricio	-	Aero Funk Prof Mauricio	-	-
19:00	Lamb aeróbica Prof Beth	Step Prof Jacaré	Lambaeróbica Prof Beth	Step Prof Jacaré	GINÁSTICA PROF. JACARÉ
20:00	Ginástica Prof Claudia	Jump Prof Claudia	GAP Prof Claudia	Jump Prof Claudia	-

EM BREVE: Aulas de FIT BOLL (incluída no pacote).

Lutas Adultas

Horários	2 feira	3 feira	4 feira	5 feira	6 feira
09:30	-	Jiu jitsu	-	Jiu jitsu	-
16:30	Jiu jitsu	Jiu jitsu	Jiu jitsu	Jiu jitsu	Jiu jitsu
17:30	-	-	-	-	Capoeira
19:30	-	Jiu jitsu	-	Jiu jitsu	-
20:00	Jiu jitsu	-	Jiu jitsu	-	Jiu jitsu
20:30	-	M.M.A	-	M.M.A	-
20:30	-	Muay thai	-	Muay thai	Muay thai
19:00		BOXE		BOXE	-

16:00 - MUAY THAI 2ª, 4ª e 6ª

Aos Sábados capoeira de 10:00 ás 11:30.

Jiu Jitsu Infantil

Horários	2 feira	3 feira	4 feira	5 feira	6 feira
18:00	04 A 08 anos	-	04 A 08 anos	-	04 A 08 anos
19:00	09 A 13 anos	-	09 A 13 anos	-	09 A 13 anos

Natação Infantil e Hidro

Horários	2 feira	3 feira	4 feira	5 feira	6 feira
09:15	Natação	Hidro	Natação	Hidro	Natação
17:15	Natação	-	Natação	-	Natação
18:15	Natação	-	Natação	-	Natação
19:00	-	Hidro	-	Hidro	-

MUSCULAÇÃO

De 2 ás 6 feiras das 07:00 ás 22:00 horas, aos sábados de 08:00 ás 12:00 horas.

ANEXO 3 – PROSPECTO DA ACADEMIA DE GINÁSTICA “G”

MUSCULAÇÃO, CÁRDIO, ATIVIDADES COLETIVAS, RUNNING CLASS, INDOOR CYCLE.

MENSAL	DCC	TRIMESTRAL À VISTA	TRIMESTRAL 3X	SEMESTRAL À VISTA	SEMESTRAL 6X	ANUAL À VISTA	ANUAL 12X	PLATINUM*	DIÁRIA
500,00	410,00	1.309,00	445,00	2.337,00	410,00	4.140,00	375,00	470,00	100,00

TODAS AS ATIVIDADES FITNESS + NATAÇÃO

P/SEMANA NATAÇÃO	MENSAL	DCC	TRIMESTRAL À VISTA	TRIMESTRAL 3X	SEMESTRAL À VISTA	SEMESTRAL 6X	ANUAL À VISTA	ANUAL 12X
2X	590,00	500,00	1.574,00	535,00	2.850,00	500,00	5.134,00	465,00
3X	610,00	520,00	1.632,00	555,00	2.964,00	520,00	5.354,00	485,00
5X	640,00	550,00	1.721,00	585,00	3.135,00	550,00	5.686,00	515,00
BABY	5X	425,00	360,00	1.116,00	380,00	2.052,00	360,00	
KIDS	2X	280,00	245,00	764,00	260,00	1.397,00	245,00	
KIDS	3X	315,00	275,00	853,00	290,00	1.568,00	275,00	
KIDS	5X	375,00	315,00	970,00	330,00	1.796,00	315,00	

4 ATIVIDADES ESPORTIVAS PARA CRIANÇAS A SUA ESCOLHA.

	P/SEMANA	MENSAL	DCC	TRIMESTRAL À VISTA	TRIMESTRAL 3X	SEMESTRAL À VISTA	SEMESTRAL 6X
	2X	-	345,00	-	-	1.967,00	345,00
ESCOLA DE JUDÔ							
	P/SEMANA	MENSAL	DCC	TRIMESTRAL À VISTA	TRIMESTRAL 3X	SEMESTRAL À VISTA	SEMESTRAL 6X
KIDS	2X	265,00	235,00	721,00	245,00	1.340,00	235,00
KIDS	3X	300,00	260,00	809,00	275,00	1.482,00	260,00
KIDS	5X	355,00	300,00	911,00	310,00	1.709,00	300,00
ESCOLA DE FUTEBOL							
	2X	215,00	185,00	573,00	195,00	1.056,00	185,00
	3X	265,00	235,00	721,00	245,00	1.340,00	235,00
ESCOLA DE VÔLEI							
	2X	215,00	185,00	573,00	195,00	1.056,00	185,00
	3X	265,00	235,00	721,00	245,00	1.340,00	235,00
ESCOLA DE GINÁSTICA ARTÍSTICA							
	2X	300,00	260,00	809,00	275,00	1.482,00	260,00
	3X	355,00	300,00	911,00	310,00	1.709,00	300,00
	5X	425,00	360,00	1.103,00	375,00	2.050,00	360,00
ESCOLA DE BALLET							
BABY/KIDS	2X	300,00	260,00	809,00	275,00	1.482,00	260,00
BABY/KIDS	3X	355,00	300,00	911,00	310,00	1.709,00	300,00
BABY/KIDS	5X	425,00	360,00	1.103,00	375,00	2.050,00	360,00

ANEXO 4 – LETRAS DE MÚSICAS DE APOLOGIA AO USO DE ANABOLIZANTES

Música: Quer tomar bomba
Autor: MAG

Hei Mag, vamo lá!

Deca, Winstrol, Durateston, Testex,
A fórmula mágica pra você ficar mais sexy!
I caralho, os mano já tão tudo gigante,
Genética?!
Tá bom... Anabolizante!
Ninguém tá puro não, 45 de braço,
95 de peso, parece que eu sou de aço,

Vagabunda me critica, fala que faz mal,
Mas quando passa um bombado é a primeira a dar moral!
Dizem que ela vai pro fígado, fode o coração,
Deixa brocha, estressado, mas também tem o lado bom!

Mulher, dinheiro, oportunidade,
Um ciclo de Winstrol e você é celebridade!
Barriga estilo tanque, pura definição,
2 horas de tensão,
Não vacila, vai pro chão,
3, 4, quanto mais repetição,
Vai perder muito mais rápido, então vem, sente a pressão!

Zera a máquina cuzão, vai, faz paralela!
Quer beber?
Quer morrer?
Vai, não amarela!
Sequela? (HAHA) é lógico que tem!
Tem gente que prefere tomar um Whey Protein!

BCAA, Albumina, sozinho não adianta?

Dá bola! Dá bola! Cê num é forte? Então levanta!
Levanta! Levanta!
3 séries de 8,
Não rouba ladrão, vai, cê tá muito afoito!
Vai 8, 7, 6...
Falta só 5, eu vou dar bola, então vambora falta 3!

Ciclo pirâmide,
A vaidade é foda,
Fazer o que, né não?
Se tomar bomba tá na moda!

13 conto, 15... sei lá, paguei merreca!
A Deca incha, o Dura estufa, a Winstrol seca!

Os mano lá da rua tão tirando maior onda,
Vagabunda, maior respeito,
Efeito da bomba,
Ninguém tá puro, é,
Ninguém tá puro não,
Se não foi Deca, foi Testex, se não foi Durateston!

O que eu tomei eu fico quieto, não falo pra ninguém,
Questão de ética, não falo onde apliquei,
Então me diga GH, me diga espelho meu,
Se tem alguém no mundo mais rasgado do que eu!

Quer tomar bomba?
Pode aplicar,
Mas eu não garanto se vai inchar,
Efeito estufa,
Ação, reação,
Estria no corpo, aí, vai vacilão!

Deca, Winstrol, Durateston, Testex,
A fórmula mágica pra você ficar mais sexy!
13 conto, 15... sei lá, paguei merreca!
A Deca incha, o Dura estufa, a Winstrol seca!

Quer tomar bomba?
Pode aplicar,
Mas eu não garanto se vai inchar,
Efeito estufa,
Ação, reação,
Estria no corpo, aí, vai vacilão!

Deca, Winstrol, Durateston, Testex,
A fórmula mágica pra você ficar mais sexy!
13 conto, 15... sei lá, paguei merreca!
A Deca incha, o Dura estufa, a Winstrol seca!

Vambora caralho!
Levanta esse peso!
130 em cada lado,
Será que eu tô vendo isso mesmo?
Hoje eu comi 5 banana com aveia,
Eu vô socar a carcaça, vai saltar até as veia!
Bebe água, descansa, vamo pro voador,
Vai porra fecha tudo!
Caralho, ainda não acabou?

Tá que nem moça?
Vai, grita, que se foda!

Quer malhar? Quer crescer?
Então zera a porra toda,
Se concentra, estufa o peito... olha pra frente!
Faz devagar, solta o ar, as putas tão olhando pra gente!
Se concentra em você, agora não é hora,
É engraçado né?
Mas, agora elas olha!

Vambora pega a barra, você começa!
Vai logo, dá bola, eu tô com pressa!
Ainda tem, 45 bíceps, antebraço,
Tá com preguiça?
Então vai, deixa que eu faço,
Vem junto, vem junto,
Porra! Eu tô sem força!
Achurriado, sem produto,
Pareço até uma moça,
Sai daqui eu vô direto, vô pra uma farmácia,
Aplico uma de leve pra ganhar mais uma massa,
Estilo Rottweiler vou lançar mais uma raça,
Depois vou tirar onda na praia ou lá na praça!

Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço,
Até quem já aplicou não tem peito de aço!
Eu já falei de mais então vambora continua,
Na academia se fabrica o que você quer ver na rua!

Ombro, peito, braço, tríceps, costa,
Bunda empinada, gostosa,
Panturilha, coxa grossa,
Vambora não pára, vamo queimar!
Faltam duas pra acabar, falta um mês pra esculaxar!

Num falei que ia crescer?
Olha o ombro saindo,
Camiseta rasgando, vagabunda sorrindo!
Então levanta essa porra, já tamo quase acabando,
Cê não tá puro... daqui um mês já tá bombando!

O que eu tomei eu fico quieto, não falo pra ninguém,
Questão de ética, não falo onde apliquei,
Então me diga GH, me diga espelho meu,
Se tem alguém no mundo mais rasgado do que eu!

Quer tomar bomba?
Pode aplicar,
Mas eu não garanto se vai inchar,

Efeito estufa,
Ação, reação,
Estria no corpo, aí, vai vacilão!

Deca, Winstrol, Durateston, Testex,
A fórmula mágica pra você ficar mais sexy!
13 conto, 15... sei lá, paguei merreca!
A Deca incha, o Dura estufa, a Winstrol seca!

Quer tomar bomba?
Pode aplicar,
Mas eu não garanto se vai inchar,
Efeito estufa,
Ação, reação,
Estria no corpo, aí, vai vacilão!

Deca, Winstrol, Durateston, Testex,
A fórmula mágica pra você ficar mais sexy!
13 conto, 15... sei lá, paguei merreca!
A Deca incha, o Dura estufa, a Winstrol seca!

A Winstrol seca...
Cuidado, hein vacilão!
Se liga hein...

Música: Um ciclo foda
Autor: Hungria

Um ciclo foda, joga as Winstrol pra dentro,
Daqui uns 20 dias você vai ver tudo crescendo!
Camisa rasgando, agora as minas olha,
Um tempinho atrás as vagaba nem dava bola!

Vergonha? Que nada, papo de crítico,
Vergonha pra mim, é ser magro, raquítico!
Os novinho tudo crescendo, fora do normal me diz,
Qual a receita, se é Todinho ou é Nescau!

É muita vitamina, nota eu vou falar qual é,
Pede pro doutor a vitamina ADE!
Geral no movimento, apenas sou mais um,
Braço gigante intimida qualquer um!

Barra, supino, paralela, abdução,
Na praia sem camisa ja é moda no verão!
Carro socado, braço de fora,
As mina xona, os manos chora!

Você fala que não, mas você sabe que é ibope,
Braço gigante, prata, aro 19!
Ver meu braço crescer é minha alegria,
Minha segunda casa é a minha academia!

Combinação perfeita, regata, Winstrol,
Meu cordão de prata brilha de acordo com o sol!
De segunda a segunda é tempo de malhar,
Juntei meu dinheiro pra comprar meu GH!

Dianabol, Deca, Durateston,
42 de braço no carro batendo o som!
O corpo se impõe a regata vai destacar,
Querem saber meu nome pedem o meu celular!

Primabolan, Atroverin, Durabolin,
Quando eu chego lá na rua as piriga sorri pra mim!
Observo a falsidade depois da Testoterona,
Na rua é maior sucesso, na praça é maior fama!

Ivomec, Deposteron, Equibox,
O peso do braço rebaixa a mola do meu Shox!
O que o cara não faz, a vaidade mata,
Mas enquanto não mata o meu corpo se destaca!

Clembuterol, Silimarina, Silomel,
Vê se nesse natal pede uma Deca pro Noel!
Boldenona, Clomid, "rocifer",
Ultimamente na minha rede tá chovendo de mulher!

Somatropina, ciclo 6 é pra rachar,
Quanto você mais toma, muito mais você quer tomar!
O braço tá dormente, agora vê se aguenta,
O braço vai crescendo, a agressividade aumenta!

O organismo rejeita, mas o muleque aceita,
Aliança fiel, outras palavras, uma seita!
As gostosa fica louca, vagabunda já bicou,
Ultimamente eu dou aula pro instrutor!

O mundo é assim, aparência é tudo,
Braço grande, um pisante, colar de vagabundo!
Você pensa que é só malhar,
Pouco adianta,
O que cresce, o que cresce, natural é planta!

É tudo muito rápido, é tudo muito cedo,
Vagabunda cai matando, os muleque quer o segredo!

O que eu ganhei com isso? Você fica me perguntando,
Uma galega, uma morena, as ruiva já tão me amando!

Depois do resultado, namorar é difícil,
Meu trabalho é beijar, ir pra cama é ofício!
Meu carro tá no chão, meu braço lá em cima,
Observo as cachorra rindo pra mim na esquina!

42 de braço é perfeição,
As mina tão na atividade vão comer na minha mão!
Não dou desconto, sustento ou sua ostentação,
Quer tomar coisa barata, injeta caldo de feijão!

Peito definindo, as mão cheio de calo,
A parada não é pra pônei, é claro é pra cavalo!
Vinho na taça, óleo no braço,
Cada corpo é um corpo, cada caso é um caso!

As minas malha bumbum, eu olho e dou o zoom,
Se der mole é chegar, não tem problema algum!
Aro 19, peito rasgado,
Em frente da boate, os muleque alucinado!

Regata estourando, as carreta pra esculachar,
Boné de lado, ajuda a dixavar!
Maior sucesso na noite,
Imagina lá no posto,
230 gramas eu carrego no pescoço!

Tem os muleque que me tira,
É nós, tô de saída!
Fica puto com o Hungria que ele rouba sua amiga!
Quem não quer se destacar, em meio a multidão,
Com prata, ouro, diamante jaquetão!

Música: Diário de um bombado
Autor: DJ Sal

Aqui é o sal! Diário de um bombado:
Ele já tá mijando sangue, o fígado arrebentado.
Já tá cheio de estrias, coração acelerado.

Olha aonde influência a ter o corpo escultural!
Aqui é o sal!
Cada um paga o seu preço,
a morte pode ser fatal!

O quanto mais eu malho, mais eu quero crescer,

Malho todo dia só pra não emagrecer!
Aplicando toda semana, vem chegando o carnaval,
O abadá não vai entrar, o efeito colateral!

Arnold Schwarzenegger, pai da musculação,
Coleman gigante, não tá puro, não!
Anabolizante a mulecada tá na onda,
Se tu era na capa, teu apelido virou bomba!

O sonho dos muleque é ficar inchado,
De sair na rua com o corpo marombado!
Tríceps, supino, barra e paralela,
Maromba que é maromba não gosta de malhar perna!

Parece um homem rã,
Tá com a canela fina, mas com o peitoral inchado,
Malto, Creatina, almoço balanceado,
série de hipertrofia,
Só no aquecimento,
cinquenta em cada lado.
No supino eu só lamento!

O inimigo dos maromba é sempre o espelho,
Achando que tá magro, sem braço, sem peito!
O pior de tudo é quando pega um resfriado,
Fica sem malhar e ele já fica bolado!

Tem muito marombeiro que não gosta de correr,
Tem medo de suar, tem medo de perder,
Fala que tá puro, mas tá cheio de metamorfose,
Ele se olha no espelho, bate logo a neurose!

Fica cheio de ódio!
Vagabunda é fogo e mexe com o psicológico!
Corre pra farmácia, injeta os antibiótico,
Cuidado tu tá doido, tu tá ficando neurótico!

O corpo de um homem, a estrutura de uma vida,
Deca, winstrol, é a minha vitamina!
Malhar puro porquê, se assim não vou crescer?
Aplica, aplica, aplica, mas cuidado pra não morrer! (2x)

Aqui é o sal!

Pó de guaraná, malto, albumina,
Quando ele peida é tipo a bomba de Hiroshima!
Ciclo de GH, esse efeito tá sinistro,
Sonhei com o Stallone puxando ferro comigo!

Um corpo perfeito com dinheiro você monta,
No Maltec, tem três steps, tá ficando animal!
O crescimento é rápido,
A morte pode ser fatal!

Faz um ciclo forte, cresce igual fermento,
Todo marombeiro tem segredos, fique atento!
Ele fica tirando foto sem camisa no banheiro,
Fica forçando o bíceps pelado no espelho!

Se passa uma mulher, prende a respiração,
Estufa o peito, escondido faz flexão,
Ele não fica nem um dia sem fazer musculação!

É só blusa regata, pode vir o que for,
Anda sem camisa tanto no frio e no calor!
Ele fica se apertando, tá cheio de psicose,
De tanto tomar bomba vai morrer de overdose!

O verão tá perto, desce os carregamentos,
A seringa já tá pronta então injeta o veneno!
Comida de maromba é quentinha de peão:
Cinco frango assado e um prato de macarrão.

Estômago dilatado, ele dá mó preju!
Na ceia de Natal ele come todo Peruuuu!!!

O corpo de um homem, a estrutura de uma vida,
Deca, winstrol, é a minha vitamina!
Malhar puro porquê, se assim não vou crescer?
Aplica, aplica, aplica, mas cuidado pra não morrer! (2x)

Aí mulecada! Cuidado com o fígado, cuidado com as estrias... cuidado com a tal molecência... cuidado "com pau molecence"...

Música: Simples marombeiro
Autor: LetoDie

Caralho neguim não aguento mais ouvir,
Que geral tá me xingando falando que eu vou explodir!
Dizem que eu tô pilhado, estressado, viciado,
Só que eles não entendem sou maromba, tá ligado?

Até minha namorada enche o saco a mó tempão,
Diz que eu esqueci dela, só penso em musculação!
Mas não é não jão só que por maromba sou doente
Penso assim: pelo menos o ferro não me mente!

Viciado em treinar, minha vida é aqui,
A rotina é sempre a mesma é treinar, comer e dormir!
Sem falar na dor pós-treino, quer coisa melhor no mundo?
Pra um legítimo abomai isso é tudo vagabundo!

Frango e ovo todo dia, carne e aveia toda hora,
Dessa merda eu tô enjoado até desce, mas demora!
Que se foda o enjôo, o repúdio de comida,
Me tornar um bodybuilder é minha meta de vida!

Sofrimento tem, dor e raiva tem também,
Aí...mas pra um maromba no final tudo convém!
Tudo isso é pro meu bem, não arrego pra ninguém,
Minha vida é maromba, pode crer no pain no gain!

Eu já quis ser o melhor, eu já quis ser o maior,
Agora quero ser os dois, nem cogito ser pior!
Tenho nojo de franguinho que se paga pra geral,
Com bracinho 32 pensando que tá no grau!

Já falei, avisei, ensinei não adiantô,
Deu caô, reclamô, pelo amor, se foder!
Dei dica, passei dieta, treino e suplementação,
Não me ouviu? Sinto muito agora se fode então!

Fico puto com maluco que vem me atrapalhar,
Pedindo o que eu tomei e se ele deve tomar!
Eu não sei, sai pra lá, só quero treinar em paz,
Corre atrás, pesquise não enche meu saco, rapaz!

Falam que eu sou marrento, pavio curto, encrenqueiro,
Quer saber? Nada a ver, sou um simples marombeiro!
Só quero treinar em paz, sem nunca ser incomodado,
Só quero treinar tranquilo puxando ferro pesado!

Não é eu que sou ruim, não é curto meu pavio,
O que fode são os frangos bando de viado vadio!
Eu nunca arrumei encrenca, ela que vem até mim,
Vou fazer o que então se eu já nasci assim?

Música: A bomba tá na moda
Autor: Jax

Doutor me dá a receita, pago adiantado,
Consigo fácil fácil com médico safado!
Saio do consultório, já desço pra farmácia,
Produto garantido, vendedor que me encara!

Pensei em outro caso, desisti não sou cavalo,
Um vidro de ADE e o braço amputado!
O ciclo tá certo, tá tudinho anotado,
Uma deca com depô, olha só o resultado!

41 de braço pra chamar muita atenção,
A regata te assusta, seu queixo vai no chão!
Brinco na orelha com tríceps rasgado,
Destaco na multidão e me chamam de bombado!

Cara amarrada, o carro estoura os graves,
Muleque passa mal, mas as mina se envolve!
De vilão a superman na avenida só da raxa,
Quer passar na minha frente, o tunado aqui não pára!

Saltando as lombadas que nem no supercross,
Pra mim ganhar na pista, passo a marcha com nitrox!
Outro dia que se passa, a ressaca logo bate,
Não consigo ficar quieto, de rolê na minha cidade!

Tonteira deu agora, esteroide tá agindo,
O peito estufado, minha moral só tá subindo!
Cordão de ouro branco refletindo a luz do sol,
Qual é a sua receita, por favor, me diga qual?

O bíceps que brilha inchado pra caralho,
O espelho tá de olho, tipo a dama do baralho!
Porra que que é isso? Estria é sacanagem,
Mas aí escondi tudo dentro da tatuagem!

Tá chegando o carnaval, eu não sei ainda qual,
Que anabolizante eu injeto afinal!
Deca quando incha, as mina fica muda,
O ADE não vira ou meu braço vira bunda!

Esteroide tá na moda, não passamos pra otário,
Conta pra todo mundo, parecendo um viado!
Desfila sem camisa, se intitula o sarado,
Esqueceu do mandamento, já tomou, fica calado!

O negócio é mocado, caô de empresário,
Mais um na minha lista querendo ser notado!
O ciclo tá pronto, o caminho não tem volta,
Em menos de um mês aumentaram minha nota!

Corpo nota 10, vadia beijando os pés,
Cada dia que se passa juntando mais fieis!
100 de cada lado, a barra não entorta,
Manjado na academia pro supino é agora!

Remada curvada, voador costal,
Malhando o tanquinho com abdominal!
Albumina pra tomar, massa pra engordar,
Suplemento só do bom, sei nem quanto vou gastar!

Potenay é pra cavalo e deixou mais um nervoso,
Anão vira gigante, pinto que come o ovo!
Lutando muai thay com anabolizante,
A seringa tá no ponto pra leão ficar gigante!

Linha de frente, me chamam de indecente,
Só por que tô sem camisa, invejoso range os dentes!
Falam pelas costas, me chamam de abusado,
Dizem que tô brocha, mulher diz o contrário!

A vaidade mata, já ouvi essse ditado,
Bombado quer caixão com 10 alças do lado!
Pro velório ser falado e o ditado ser lembrado,
Com mais de 20 caras prum só caixão pesado!

Ser visto no youtube no meio das piriguetes,
Gravar vídeo malhando estourar na internet!
Sonhar não custa nada, ser rico milionário,
Com corpo de modelo, malhado pra caralho!

A Globo fala mal, por favor, me diga qual?
Que marca de cigarro fez menos funeral?
A coca que te mata, arregassa com seus rins,
Tá grandão no outdoor, deixa você feliz!

Vai rindo, né, Zé? Cê também pega no pé,
Confundi sua cabeça, fala qual é que é!
Braço de donkey kong, força de king kong,
Ponto fraco é pra otário metido a super-homem!

Magrelo baba ovo, quer crescer naturalmente,
Espera aí sentado, coloque na sua mente:
Nem planta é natural no olhar de minha lente,
Agrotóxico tá aí pra fruta ficar gigante!

Injeta quem quiser, sem discriminaçao,
Se acelero a genética, sou tirado de cuzão!
Mais tá prença ser notado, irmão, quem não quer?
Principal objetivo: pegar mulher filé!

Não faço apologia, só cansei ficar calado,
Ver mano por aí, mais um discriminado!
É difícil imaginar quer crescer sem consciência ,
Ou esperar por cinco anos? Querer ter paciência?

Em menos de um mês, triplico meu tamanho,
Ou espero uma vida pra deixar de ser fulano!
Seu nome tá falado, durateston ajuda,
5 decas com depô, cada passo te afunda!

Rimo o que eu sei,
Falo do que eu gosto,
Tá querendo se matar,
Fique forte sem esforço!

Não vim incentivar,
Só passei pra alertar!
Faço tudo consciente,
Pense antes de injetar!